

Universidade Federal Fluminense – UFF
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Área de História
Programa de Pós-Graduação em História Social - PPGH

KATIA IRACEMA KRAUSE

O Brasil de *Amaral Netto*, o *Repórter* – 1968-1985

Niterói, Rio de Janeiro

2016

KATIA IRACEMA KRAUSE

O Brasil de *Amaral Netto*, o *Repórter* – 1968-1985

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Prof^a Dr^a DENISE ROLLEMBERG

Niterói, Rio de Janeiro

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

K91 Krause, Katia Iracema.

O Brasil de Amaral Netto, o Repórter - 1968-1985 / Katia Iracema Krause. – 2016.

411 f. ; il.

Orientadora: Denise Rollemberg Cruz.

Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2016.

Bibliografia: f. 391-411.

1. Televisão. 2. Amaral Netto, o Repórter (Programa de televisão). 3. Publicidade. 4. Ditadura Militar, 1964-1979. 5. Brasil. 6. Rede Globo de Televisão. I. Cruz, Denise Rolemberg. II. Universidade

KATIA IRACEMA KRAUSE

O Brasil de *Amaral Netto*, o Repórter – 1968-1985

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Denise Rollemberg Cruz- Orientadora
UFF

Prof. Dr. Paulo Knauss de Mendonça - Arguidor
UFF

Prof. Dr. Carlos Fico - Arguidor
UFRJ

Prof. Dr. Marcos Napolitano – Arguidor
USP

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento - Arguidor
FIOCRUZ

Profª Drª Gisele Venâncio - Suplente
UFF

Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho - Suplente
USP

AGRADECIMENTOS

Sou profunda e eternamente grata a minha orientadora Prof^a Denise Rollemberg sem cujo estímulo e confiança eu não teria sonhado alcançar um mestrado e um doutorado. Ainda mais numa fase da vida onde a maioria das pessoas já está no limite de suas conquistas. Obrigada, Denise! Por ter mudado minha vida quando acreditou no meu potencial naquele curso de *lato senso* em 2007. Obrigada, pela dedicação e disponibilidade, pelo interesse e incentivo, pelo carinho e amizade, sem descuidar do rigor acadêmico e da firmeza.

E sempre serei grata ao Prof. Paulo Knauss que me orientou no mestrado com delicadeza, firmeza e elegância, iluminando com paciência minhas lacunas acadêmicas e culturais. Para minha surpresa e satisfação, acabei recebendo o Prêmio *Franklin Delano Roosevelt de Estudos sobre os Estados Unidos da América* (Melhor Dissertação 2012), da Comissão Fulbright.

Agradeço imensamente ao Prof. Carlos Fico cujo trabalho *Reinventando o Otimismo* inspirou esta tese, durante uma disciplina cursada no PPGHIS-UFRJ, ainda no mestrado, quando percebi uma possibilidade de pesquisa na temática da propaganda que tanto me interessava.

Agradeço também pela sua presença na Banca de Qualificação, juntamente com o Prof. Rodrigo Patto de Sá Motta, contribuindo ambos com valiosíssimas sugestões.

O caminho da pesquisa é uma incansável busca na qual fui ajudada de inúmeras formas, às vezes das maneiras mais inusitadas como quando completos desconhecidos se voluntariaram com depoimentos, sugestões, informações, contatos que facilitaram, de alguma forma, a descoberta de fontes, a realização de entrevistas, e o acesso a materiais e pessoas. Por isso, minha gratidão por esse auxílio é constante e imensa. Assim encontrei muitas das seguintes pessoas e instituições a quem também muito agradeço:

À Sr^a Angela Adnet Amaral por ter me recebido calorosamente, compartilhado suas lembranças pessoais, concedido entrevistas e informações extras, além do incentivo e da torcida.

Ao Sr. Tito Vasconcelos e esposa Sr^a Neide, por terem gentilmente me recebido e compartilhado lembranças, longas conversas, fitas, discos, e material gráfico.

Ao Sr. Marco Narvaez por ter me concedido entrevistas e pela disponibilidade de assistir comigo aos vídeos do acervo da Família Narvaez, sanando dúvidas e repassando informações tanto sobre os filmes quanto sobre seu pai, o Sr. Chucho Narvaez.

À Sr^a Maria Alice Quilelli pela gentileza e disponibilidade em me conceder entrevista.

Ao Sr. Carlos Tourinho e ao Sr. Rogério Linhares pela disponibilidade em me concederem entrevistas.

Ao Prof. Delfim Netto, por ter me recebido e contribuído com entrevista.

Ao Sr. Roberto Irineu Marinho por ter atendido ao meu pedido e facilitado o acesso ao Projeto Memória Globo.

Às Sr^{as}. Silvia Fiuza e Ana Paula Goulart Ribeiro, do Projeto Memória Globo, pela gentileza da recepção e pelo material disponibilizado.

Ao Sr. José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por ter me atendido e contribuído com a entrevista.

Ao Sr. Francisco Sérgio Amaral, pelas informações em conversas telefônicas em várias oportunidades.

Agradeço aos sempre prestativos funcionários do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e de Brasília; do Arquivo Edgard Leuenroth, na UNICAMP, em Campinas; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB e do Centro Técnico Audiovisual do Ministério da Cultura- CTaV, no Rio de Janeiro; e do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau-SC.

E aos colegas e professores que me indicaram fontes e bibliografia específica sobre Comunicação, Televisão, Publicidade e Censura.

À impecável equipe de funcionários e coordenadores do Programa de Pós-graduação em História da UFF, que consegue ser acolhedora e profissional desde o momento da seleção até a pós-defesa. Muito obrigada!

Fora do universo acadêmico, agradeço aos amigos e família a paciência e a compreensão nos últimos quatro anos.

Aos meus tios Edeméia e Carlos Georg, e à prima Natacha, agradeço o apoio e a acolhida amorosos no processo de mudança de residência para outro estado, durante o doutorado. Sem vocês, eu não teria tido a tranquilidade e a segurança emocional para terminar a tempo.

Às minhas amadas e lindas filhas, Iris e Livia, agradeço pela confiança, pela admiração e pela presença nesta vida.

Um agradecimento todo especial às presenças felinas de Yumi e Sebastian, no Rio, e de Pérola, em Blumenau, sempre ronronando suavemente e fazendo carinhos de bigodes de gatos.

RESUMO

Este trabalho analisa a narrativa audiovisual sobre o Brasil elaborada nas reportagens da série televisiva *Amaral Netto, o Repórter*. Criada e produzida pelo jornalista e deputado federal brasileiro Amaral Netto, os programas em formato de reportagem-documentário começaram a ser exibidos em 1968, na hoje extinta TV Tupi, e, a partir de 1969, foram transmitidos pela TV Globo até 1985. Enormemente popular, *Amaral Netto, o Repórter* foi uma das faces civis da ditadura. Na memória construída, Amaral Netto é lembrado – quando lembrado – como *porta-voz da ditadura* ou como o titular de um programa de televisão *imposto à TV Globo*.

Com reportagens que significaram, à época, inovação, ineditismo e pioneirismo temático e técnico, o projeto era sustentado por dinheiro e apoio civis, embora contasse com infraestrutura logística e outros apoios de setores do regime militar que o programa ajudava a divulgar. Exibido e mantido num canal comercial civil até bem depois da Abertura e da Anistia, esses filmes mostram a mentalidade de uma elite sobre desenvolvimento, modernização, progresso, ordem, educação, segurança nacional, natureza, ecologia, entre outros. A tese mostra como, em *Amaral Netto, o Repórter*, convergiam interesses distintos como o do jornalista-deputado em mostrar um Brasil então desconhecido em suas reportagens, enquanto defendia a política do regime, os interesses da TV Globo em promover uma integração nacional via televisão, os do regime autoritário nessa unificação, os dos empresários patrocinadores, e os de um projeto de propaganda não oficial (porque não abraçado pela Aerp/ARP).

Palavras-chaves: Amaral Netto; *Amaral Netto, o Repórter* ; Propaganda; Ditadura brasileira; TV Globo.

ABSTRACT

My research investigates an audiovisual narrative about Brazil as presented in the journalistic television series *Amaral Netto, the reporter*. Created and produced by journalist and Brazilian federal deputy Amaral Netto, the show followed a traditional documentary/reportage format. It first aired in 1968 on the now extinct Tupi channel, and was later picked up by Globo TV for nation-wide transmission through 1985. Enormously popular, *Amaral Netto, the reporter* was one of the most recognizable civilian faces during the period of the Brazilian military dictatorship. In constructed memory, Amaral Netto is remembered - when remembered at all - as a spokesman for the dictatorship or the holder of a television program *imposed by it upon* the Globo Channel. In a style that was synonymous (in its day) with innovation, originality and pioneering subject matter and technology, the project was funded by civilian money, even though its logistical infrastructure was provided by government sectors that the program helped to disseminate. Broadcast as the mainstay of a commercial channel until well after Brazil's periods of political Abertura (opening) and Amnesty, these films record/reflect the mindset of the country's elite with regard to modernization, development, progress, order, education, national security, nature, and ecology, as well as other issues. The doctoral dissertation shows how distinct agendas converged in *Amaral Netto, the reporter*: that of the journalist/congressman who exposed an unknown Brazil in his reports even as he defended the regime's policy; Globo TV's promotion of national integration via television; the regime's agenda in this unification; the sponsors' in advertising their products; and finally, the agenda of an unofficial propaganda project (not embraced by the official propaganda agency Aerp/ARP).

Keywords: Amaral Netto; *Amaral Netto, the reporter*; Propaganda; Brazilian dictatorship; Globo TV.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE TABELAS

ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO

15

CAPÍTULO 1 – *Meninos, eu vi!*

56

1.1 Televisão no Brasil, TV Globo

56

1.2 *Amaral Netto, o repórter* – o jornalista e o conceito do programa

73

1.3 *Amaral Netto, o deputado*

105

CAPÍTULO 2 – *O futuro já está aí!*

133

2.1 *Urubupungá*

133

2.2 Política, televisão, propaganda

149

CAPÍTULO 3 – *Brasil Grande, Brasil Maior*

164

3.1 *Amaral Netto, o Repórter* aos domingos à noite

167

3.1.1 *Baleias*

172

3.1.2 *Índios do Xingu*

181

3.1.3 *Guerra na Selva*

189

3.1.4 *Alemanha*

193

3.1.5 *SUDECO*

197

3.2 *Amaral Netto, o Repórter* aos sábados à noite

212

CAPÍTULO 4 – *Abertura de quê?*

235

4.1 *Amaral Netto, o Repórter* às segundas-feiras à noite

235

4.1.1 *SELETRON*

245

4.1.2 *Brasil ontem, hoje e amanhã*

253

4.2 *Amaral Netto, o Repórter* – os últimos anos

270

CAPÍTULO 5 – *O Brasil não tem povo, tem público*

284

5.1 *Amaral Netto, o Repórter* segundo o IBOPE

284

CAPÍTULO 6 – *A memória é uma ilha de edição*

307

6.1 O lugar de *Amaral Netto* no passado mítico da TV Globo

307

6.2 *Resistência, Adesão, Pedágio?* – uma discussão

318

CONSIDERAÇÕES FINAIS

355

ANEXOS

365

FONTES E BIBLIOGRAFIA

391

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: 1969 - faixa de horário 22-24h - medições realizadas no Rio de Janeiro	293
Tabela 2: 1970 - faixa de horário 22-24h - medições realizadas no Rio de Janeiro	294
Tabela 3: 1974 - faixa de horário 22-24h - medição realizada no Rio de Janeiro	301
Tabela 4: 1975 - faixa de horário 22-24h - medição realizada no Rio de Janeiro	302
Tabela 5: 1976 - 22:30 às 23:30h - TV Globo, medição realizada no Rio de Janeiro	303

ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
ABL	Academia Brasileira de Letras
ACISO	Ações Cívico-Sociais (da Marinha e do Exército)
Aerp/ARP	Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República/ Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República
AI-1	Ato Institucional nº 1
AI-2	Ato Institucional nº 2
AI-5	Ato Institucional nº 5
AI-12	Ato Institucional nº 12
ALN	Aliança Libertadora Nacional
APLUB	Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ARSA	Aeroportos do Rio de Janeiro S. A.
ASBC	Associação dos Servidores Cívicos do Brasil
BENFAM	Fundação da Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil
BNDE	Banco Nacional de Desenvolvimento (atual BNDES)
BNH	Banco Nacional de Habitação
CACEX	Carteira de Comércio Exterior (do Banco do Brasil)
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CEDAG	Companhia de Águas e Esgoto da Guanabara
CEDOC	Centro de Documentação da TV Globo
CEHAB	Companhia de Habitação
CEPALMA	Celulose e Papel do Maranhão S.A.
CEPLAC	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CESGRANRIO	Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio
CESP	Centrais Elétricas de São Paulo.
CIAGA	Centro de Instrução Almirante Graça Aranha
CINDACTA	Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COBAL	Companhia Brasileira de Alimentos
COMIND	Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S. A.
COMLURB	Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro
CONSTRAN	Companhia do Metropolitano (futuro Metrô)
COPERSUCAR	Cooperativa de Açúcar
CTB	Companhia Telefônica Brasileira
DCDP	Divisão de Censura e Diversões Públicas
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda (governo Vargas)
DNER	Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
DNOS	Departamento Nacional de Obras de Saneamento
DNPVN	Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis
ECISA	Engenharia, Comércio e Indústria S/A
ELETOBRAS	Centrais Elétricas Brasileiras
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
ENGEFER	Empresa de Engenharia Ferroviária

EUA	Estados Unidos da América
FAB	Força Aérea Brasileira
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FMI	Fundo Monetário Internacional
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
FUNDURBANO	Fundo de Desenvolvimento Urbano
GAP	Grupo de Ação Patriótica
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IBC	Instituto Brasileiro do Café,
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBM	<i>International Business Machines</i>
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
IPES	Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais
JG	João Goulart
JK	Juscelino Kubitschek
JQ	Jânio Quadros
LANARI	Cia Siderúrgica Lanari
MAM	Museu de Arte Moderna
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NUCLEBRAS	Empresas Nucleares Brasileiras S.A.
Oban	Operação Bandeirantes
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDC	Partido Democrata Cristão
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido da Democracia Brasileira
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S. A.
PIB	Produto Interno Bruto
PIN	Plano de Integração Nacional
PL	Partido Libertador
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PPR	Partido Progressista Renovador
PRODECOR	Programa Nacional de Desenvolvimento de Comunidades Rurais
PRP	Partido de Representação Popular
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira.
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
REPLAN	Refinaria do Planalto
RFFSA	Rede Ferroviária Federal
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SBPE	Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo

SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SERPRO	Serviço Federal de Processamento de Dados
SERVIENGE	Cia. Serviços de Engenharia
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
STF	Supremo Tribunal Federal
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
SUDECO	Superintendência para o desenvolvimento do Centro-Oeste
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
SUDEPE	Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
SUNAB	Superintendência Nacional do Abastecimento
SUNAMAM	Superintendência Nacional da Marinha Mercante
SUVALE	Superintendência do Vale do São Francisco
TECNOSTRAL	Tecnostral S. A. Indústria e Tecnologia
TENENGE	Técnica Nacional de Engenharia
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional
UEB	União das Empresas Brasileiras
ULTRAGAS	Empresa Brasileira de Gás a Domicílio
UNIPAR	União de Indústrias Petroquímicas S. A.
VASP	Viação Aérea São Paulo

Naquelas poucas semanas que me foram dadas viver entre aquela família, fui aprendendo outras realidades que, mais tarde, tornaram-se cristalinas, mesmo para um conservador. A principal delas era a presença da televisão. Dormíamos todos na sala, mas, até às dez e meia da noite, a casa era presidida por aquele pequeno aparelho, que polarizava todos os sonhos, atenuava todos os cansaços da fábrica. [...] Quando o aparelho se apagava, o peso do mundo se abatia sobre nós.

[...]

Eles necessitavam do feijão e também do sonho. O que nos provinha do sonho antes era o circo, no máximo a novela de rádio. A televisão entrara como algo muito novo. Não era apenas um aparelho que se comprava: comprava-se também o veículo para mercadorias culturais extremamente sofisticadas, produzidas no Exterior, e colocadas na sua sala sem nenhum acréscimo no preço. Os trabalhadores experimentavam a televisão como uma melhoria real de vida e a televisão avançou, celeremente, durante os anos da ditadura.

(GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?*
Rio de Janeiro: Editora CODECRI, 1979. p. 144-145)

INTRODUÇÃO

O passado não reconhece seu lugar: está sempre presente.
Mario Quintana¹

Este trabalho enfoca, temporalmente, o período que vem sendo cada vez mais (re)conhecido, principalmente na última década, como o da ditadura *civil-militar* brasileira, embora tenha sido consagrado na memória social e pela historiografia do pós-ditadura como o da *ditadura militar* ou do *regime militar*. O recorte é a narrativa audiovisual sobre o Brasil elaborada nas reportagens da série televisiva *Amaral Netto, o Repórter*. Criado e produzido pelo jornalista e deputado brasileiro Amaral Netto² (28/05/1921-17/10/1995), esse programa foi exibido inicialmente em 1968, por seis meses, na hoje extinta TV Tupi. A partir de 1969, foi transmitido pela TV Globo até 1985.

De imediato, apresenta-se a questão crucial de que é muito difícil desvincular a pessoa do jornalista e político Amaral Netto do programa de televisão *Amaral Netto, o Repórter*. Não apenas porque o nome do jornalista-deputado aparece no título do programa que criou. Mas, principalmente, pela forma apaixonada com que defendia as realizações dos governos dos generais presidentes. Assim, ele se tornou também objeto deste trabalho.

Além do mais, este é um tema que afeta paixões à direita e à esquerda. Na construção de memória, Amaral Netto é situado como o *porta-voz da ditadura* ou como o titular de um programa de televisão *imposto à TV Globo*.

Dito isso, torna-se mais importante não perder de vista um dos princípios básicos do ofício do historiador: o de que não nos cabe a pretensão de julgar, condenar ou absolver as

¹ QUINTANA, Mário. Intrusão. In: *Caderno H*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 174

² O nome correto é Amaral Netto grafado com dois “t”, mas é referido inúmeras vezes como “Amaral Neto”. Optei por utilizá-lo corretamente, deixando a versão “Neto” como aparece nas citações de fontes ou de outros autores.

pessoas do passado³. Não é demais lembrar, especialmente se o objeto de pesquisa remete a um homem e a sua obra sobre os quais se construiu uma memória que, de certa forma, os *condenou*. É a consciência da dimensão política e da questão da memória, dos elementos que constituem a história do *Tempo Presente*, que acresce complexidade à construção do conhecimento histórico.

Além disso, é impossível falar do programa de Amaral Netto sem falar da TV Globo, a importante concessionária de comunicação do Brasil à época (e hoje ainda). Torna-se, portanto, mais imperativa a atenção, porque também em relação à TV Globo já se cristalizou uma ideia de que a emissora atuou *fazendo a lavagem cerebral* enquanto a ditadura *oprimia* a população.

Ainda que distante dos debates ideológicos que marcaram o período, reconheço a dificuldade de se fazer um trabalho sobre a ditadura recente no Brasil, que nos é ainda um período temporalmente e, sobretudo, emocionalmente próximo. Durante a consolidação do processo de redemocratização, em nome de um novo pacto social, silenciou-se principalmente no que diz respeito à face civil da ditadura. Mesmo na academia, ainda que se leve em consideração os livros seminais de René Dreifuss e de Jacob Gorender sobre a participação civil no golpe de Estado de 1964, esses autores limitaram suas análises às elites sociais e políticas, como bem lembrou Daniel Aarão Reis Filho⁴.

Considere-se ainda o “julgamento crítico tradicional da comunidade científica”⁵ ao se tocar em pontos sobre os quais se silenciou. Assim, reitero a reflexão de Rodrigo Patto de Sá Motta sobre o tema ditadura, quando afirma que:

³ FLORESCANO, Enrique. A Função Social do Historiador. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 4, 1997, p. 65-79.

⁴ AARÃO REIS, Daniel. Passado, presente e futuro da ditadura no Brasil. In: CORDEIRO, Janaina; LEITE, Isabel; SILVEIRA, Diego; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.) *À sombra das Ditaduras*. [Brasil e América Latina]. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014. p.7-13

⁵ LABORIE, Pierre. *Historiens sous haute surveillance*. Esprit, n.198, jan 1994.

O regime militar já foi derrotado, felizmente, e pesquisá-lo para além de sua violência repressiva não vai fortalecer o projeto autoritário, ao contrário. Serão mais elevados os custos políticos se evitarmos aprofundar as pesquisas e envolvermos o tema em uma redoma protetora, contentando-nos em repetir esquemas explicativos consagrados. A verdadeira superação do autoritarismo demanda perceber que o problema não se resumiu a uma casta de malvados que tomaram o poder e impuseram violências à sociedade. O Estado autoritário encontrou apoio e o beneplácito de muitas pessoas, além de ter contado com a indiferença de outras tantas, este último grupo talvez a maioria.⁶

É curioso observar que a menção a esta pesquisa, Amaral Netto e seu programa (e por extensão a TV Globo), nos últimos anos, suscitou comentários e até ironias, tanto de colegas e professores da academia quanto de não acadêmicos. Depoimentos informais e espontâneos no decorrer do trabalho lembraram os temas mais conhecidos, como *Pororoca* e *Transamazônica*, mas davam conta que o programa não era assistido *porque na minha casa éramos de esquerda* [ou *contra a ditadura*] e *meu(s) pai(s) desligava(m) a TV nessa hora*. Ou a variante: *na minha casa não assistíamos à TV GLOBO* [na ditadura], ou variações como: *na minha casa a TV não era desligada, o programa passava e a gente assistia* [querendo dizer automaticamente ou não intencionalmente]. Poucos admitiam assistir e gostar. Houve testemunhos informais que se referiam à veiculação do programa em escolas. Constatei reações que iam da *indignação a posteriori* até a indiferença quanto ao assunto.

Houve elogios e manifestações de rejeição, tanto ao deputado quanto ao programa. Em ambos os casos as manifestações se confundiam ao alinhamento político de Amaral Netto durante a ditadura. Ou com o tema da *pena de morte*, causa que ele abraçou na Constituinte/1988⁷.

⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A modernização autoritário-conservadora nas universidades. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. p.48-65.

⁷ Ele chegou a escrever um livro em defesa da pena de morte: AMARAL NETTO. *A pena de morte. Uma resposta contundente aos inimigos da pena capital*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

É perceptível que, no caso dos contemporâneos a Amaral e seu programa, a memória aparece, muitas vezes, como um espaço de disputa. Não raramente, como uma forma de marcar uma posição política *atual* contra o regime autoritário naqueles anos ou a favor dele. E, frequentemente, para marcar uma posição política *atual* de direita ou de esquerda.

Já no caso de interlocutores mais jovens, ao saberem sobre *Amaral Netto, o Repórter*, a reação foi, invariavelmente, de completo desconhecimento e total surpresa sobre a possibilidade de que tal produto televisivo sequer houvesse existido. Uma *ausência* que contrasta imensamente com a enorme popularidade que Amaral e seu programa tiveram nos anos setenta.

Amaral Netto foi um jornalista atuante na vida pública no Rio de Janeiro. Foi dos primeiros a escrever textos para a televisão⁸ e atuou como entrevistador e entrevistado. Como político, atuou desde o então Distrito Federal, depois no antigo estado da Guanabara e, em seguida à Fusão⁹, continuou representando os fluminenses no Congresso Nacional. Foi deputado pela União Democrática Nacional - UDN, pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB, pela Aliança Renovadora Nacional - Arena, pelo Partido Democrático Social - PDS, e pelo Partido Progressista Renovador – PPR (incorporado ao PPB-Partido Progressista Brasileiro¹⁰).

Era uma pessoa de personalidade forte e independente, alinhado ao campo do conservadorismo - entendido aqui como uma atitude caracterizada pela manutenção de uma ordem social e dos valores tradicionais -, embora também expressasse um desejo de modernização econômica e tecnológica para o país. Foi “polêmico, polemista, inconformado,

⁸Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html>, acesso em janeiro/2010.

⁹A Guanabara foi um estado federativo com características próprias, no território do antigo Distrito Federal, a cidade do Rio de Janeiro. Criada pela Lei San Tiago Dantas, em 14/03/1960, durante o governo Juscelino Kubitcheck, por conta da mudança da capital para Brasília, foi posteriormente incorporada ao Estado do Rio de Janeiro (cuja capital era Niterói), em 15/03/1975, durante o governo autoritário. A capital do novo estado do RJ passou a ser a cidade do Rio de Janeiro. Ver em: http://www.alerj.rj.gov.br/center_arq_aleg_invent_link2.htm, acesso em 08/07/2015.

¹⁰ PPB-Partido Progressista Brasileiro, resultado da fusão do PPR com o Partido Progressista, em setembro/1995.

sempre disposto a bater de frente, amanhã, com o aliado de ontem, pois concessões não fazia”, embora também soubesse “ser elegante, fino, cativante, quando necessário”¹¹.

Devido a sua atuação política, Amaral Netto passou a ser referência de radicalismo e até considerado uma caricatura da direita. O próprio Amaral não se incomodava de desmentir esses usos, fazendo declarações como “Nasci radical e vou morrer radical. Meu pior momento é quando tudo está temperado”¹². Devido ao programa de televisão ele é, ainda hoje, lembrado - quando lembrado - como um *tutelado pelo regime militar*.

Após a redemocratização do país, *Amaral Netto, o Repórter* e outras produções intelectuais do jornalista-deputado acabaram caindo no esquecimento. Inclusive aquelas anteriores ao golpe de Estado de 1964. Em 1995, a revista *Veja*, sem uma menção sequer à TV Globo, publicou assim o seu obituário:

Morreu o jornalista e deputado federal Fidélis dos Santos Amaral Netto (PPB-RJ), 74 anos. Dono de uma personalidade teatral, elegeu-se para oito mandatos com uma única plataforma – instituir a pena de morte. Cria do governador Carlos Lacerda, que dizia que Amaral “tem todos os meus defeitos e nenhuma qualidade”, antes de ingressar na política foi jornalista e roteirista de televisão. Na década de 70 comandou o programa *Amaral Netto, o Repórter*, que, com patrocínio do Banco do Brasil, fazia propaganda das obras do regime militar. Ficou, para sempre, com a imagem de porta-voz da ditadura. Criador de casos, em 1988 recebeu 120 cartas de militantes da Anistia Internacional que faziam campanha contra a pena de morte. Enviou a cada um dos missivistas uma carta com a frase “À m... com a Anistia Internacional”. Vítima de vários problemas de saúde, Amaral se proclamava “imorrível”. Dia 17, de edema pulmonar, no Rio de Janeiro.¹³

¹¹ *O último polemista vai com Amaral Netto. Tribuna da Imprensa*, 19/10/1995, p. 3.

¹² Afirmação atribuída a Amaral Netto. *Jornal O Globo*, 18/10/1995, p. 5

¹³ *Revista Veja*, edição 1415, de 25/10/1995.

Mas quem era Fidélis dos Santos Amaral Netto, conhecido como Amaral Netto, que de fato se declarava “imorrível” porque sobrevivera a 17 cirurgias¹⁴, jornalista por quase cinquenta anos e deputado por trinta anos, até sua morte em 1995?

Em que pese a memória construída, Amaral foi reconhecido pelos pares pela sua lealdade, pelo “pensamento claro e conhecido”, pela capacidade de “uma relação de admiração e respeito, apesar das muitas opiniões divergentes em pontos polêmicos”, de “uma linha de companheirismo e educação no trato, mesmo quando tinha opiniões opostas”, e por ser dono de um idealismo que tornava impossível lhe ser indiferente segundo os (à época) deputados de diferentes correntes como Cunha Bueno (PPB), José Genoíno (PT), Miro Teixeira (PDT), entre outros¹⁵. O jornalista Hélio Fernandes avaliou que com sua morte acabava um período da história política do país¹⁶. Para José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, alto executivo da TV Globo por mais de trinta anos, “o Amaral era uma pessoa inteligente, afável e receptiva ao diálogo, embora nunca falássemos sobre o programa ou sobre política. Nossa conversa era sobre viagens, gastronomia e amenidades.”¹⁷

Não é tarefa fácil refazer a trajetória de vida de um personagem que pode ter sido relevante, em algum momento, na imprensa escrita, mas que, com o tempo, se tornou periférico no meio. Em relação a Amaral Netto, seria quase impossível, dada à escassez de documentos e a algumas contradições sobre suas origens. Ele era filho de um advogado de Niterói, Dr. Luciano Amaral¹⁸, bastante conceituado na cidade do Rio de Janeiro, que chegou a ser indicado juiz eleitoral substituto do estado do RJ nas eleições legislativas federais de 1934. Nesse pleito, pretendia concorrer como candidato avulso a deputado, contando apenas com seu prestígio

¹⁴ Depoimento preliminar de Angela Adnet Amaral à autora, 30/04/2011, Rio de Janeiro.

¹⁵ Jornal *Hoje na Câmara*, 17/10/1995.

¹⁶ Tribuna da Imprensa, 19/10/1995, p. 3.

¹⁷ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

¹⁸ Amaral Netto era o primeiro dos seis filhos de Luciano Amaral e Heroína Maria Sobral Amaral. Cf. Nota de falecimento de Pauline Deguette Amaral publicada pelo viúvo Fidélis dos Santos Amaral Junior (avós de Amaral) e demais. Cf. Jornal *Correio da Manhã*, 17/10/1953, p. 8.

pessoal já que não tinha afiliação partidária.¹⁹ Amaral Netto vinha, portanto, de uma vivência familiar de envolvimento jurídico e político.

Ele começou no jornalismo na imprensa escrita. Trabalhou no *Correio da Noite*, no *Correio da Manhã*, em *O Jornal*, no *Diário da Noite*, na *Gazeta de São Paulo*, na *Tribuna da Imprensa*, entre outros. Nos anos 1950 fundou a Editora Reforma que produziu a revista *Maquis*, além de outras publicações. No final dos anos 1960, fundou a Plantel-Editora e Publicidade, empresa pela qual produzia e vendia fascículos, *slides*, filmes e programas para particulares e para a TV, sendo seu mais importante produto o *Amaral Netto, o Repórter*.

No campo político, como deputado federal, Amaral apoiou o movimento que resultou no golpe civil-militar²⁰ de 1964 e participou ativamente no processo das cassações que mobilizou os partidos logo nos primeiros dias após o golpe. Segundo *O Globo*, ele defendia a cassação dos mandatos não só de “parlamentares comunistas”, mas também de “outros responsáveis, os mais poderosos, pelo crime que se praticava com a sua ajuda, contra o País” enquanto investia, dedo em riste, acusando de traidores três deputados no Congresso Nacional.²¹ Ele chegou a organizar uma lista de nomes, tendo recebido pedidos de cinquenta deputados para incluir nomes nessa lista de cassações²². Mas apesar de ter apoiado o golpe, como lembra o jornalista Carlos Chagas, Amaral Netto “foi dos poucos a pretender uma resistência impossível”, rasgando acintosamente

¹⁹ *Jornal O Globo*, 29/09/1934, Geral, p. 2.

²⁰ Adoto a denominação de *golpe civil-militar* e não de *golpe militar* por entender que, além do apoio civil de grande parte da sociedade ao golpe de 1964, houve participação ativa de inúmeros civis junto aos militares. A própria movimentação inicial de tropas foi autorizada pelo governador-MG Magalhães Pinto. Além disso, civis de diferentes setores participaram tanto do processo de desestabilização do governo João Goulart quanto da sua deposição: a declaração de vacância do cargo de presidente foi decretada pelo Congresso enquanto Goulart ainda se encontrava em território nacional. O historiador Carlos Fico já apontou para essa especificidade na argumentação a favor da expressão *golpe civil-militar*. Ver em: FICO, Carlos. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Coleção FGV de bolso, Série História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 9

²¹ Trata-se dos deputados Oliveira Brito, Wilson Fadul e Expedito Machado. Cf. *Amaral Neto reclama punição para todos os que colaboraram com o esquema banido pelos democratas*. *Jornal O Globo*, Geral, 9/04/1964, p. 8

²² *Amaral Neto faz lista para cassar*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 1, 1/05/1964, *apud* GRINBERG, Lucia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009. p. 51-52.

sua carteira de parlamentar, quando Castello Branco mandou tropas armadas aos gritos de “civis fora!” invadirem o Congresso em outubro/1966.²³

Poucos imaginam, hoje, que Amaral Netto tenha sido dos primeiros membros do MDB, o partido de oposição ao regime, onde atuou com Mário Covas, mas de quem se tornou adversário na década de 1980. Com a extinção dos partidos pelo Ato Institucional nº 2 (AI-2)²⁴, Amaral filiou-se ao MDB, do qual assumiu a vice-liderança na Câmara, em abril/1966²⁵. Em 1967, ingressou no partido governista da Arena e, com a extinção do bipartidarismo e a reformulação partidária, em 1979, filiou-se ao PDS, do qual foi líder na Assembleia Constituinte/1988, passando depois para o PPR, até sua morte, em outubro/1995.

Personagem, no mínimo, controvertido, Amaral Netto parece ter sido movido por forte sentimento patriótico e interessava-se bastante pela história do Brasil (história compreendida no sentido positivista). Muitas vezes, autodenominando-se *repórter-historiador*, provavelmente para enfatizar seu grande interesse na História, Amaral mostrava documentos, fatos e curiosidades sobre o Brasil, e costumava abrir seu programa com uma retórica que provocava a curiosidade²⁶.

Amaral também buscou atuar na construção de uma imagem ligada ao saber histórico, produzindo livros e discos sobre o tema²⁷, sendo parte de uma geração onde historiadores (e jornalistas) não tinham uma formação específica, profissionalizada, mas eram socialmente reconhecidos como intelectuais. Como destaca Jean-François Sirinelli, o respaldo da noção de

²³ *Tribuna da Imprensa*, 19/10/1995, p. 3.

²⁴ Ato Institucional nº 2, de 27/10/1965, durou até março de 1967 quando passou a vigir nova Constituição. Em seus 33 artigos, além de ampliar arbitrariamente os poderes do Executivo, o AI-2 instituiu o bipartidarismo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-02-65.htm, acesso em 08/07/2015.

²⁵ LEMOS, Renato. Verbete “Amaral Neto”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acessos em 2011, 2012, 2013.

²⁶ <http://www.memorialdafama.com/biografiasAB/AmaralNetto.html>, acesso em 08/01/2010.

²⁷ AMARAL NETTO. Contando a História. In: *A História em Notícia*. Vol. 1, s.d.; AMARAL NETTO. *O Brasil em jornal*; AMARAL NETTO. *Como nasceu o Rio*. Longplay em vinil.

intelectual vem tanto da acepção ampla e sociocultural, quanto da noção de engajamento.²⁸ Já na década de 1950, ao se alinhar com nomes como Gustavo Barroso²⁹, Jayme Coelho³⁰ e Vicente Tapajós³¹, historiadores reconhecidos de então, para a realização do projeto *A História em Notícia*, uma coleção sobre a história do Brasil desde o descobrimento, de forma jornalística (na qual colaboraram jornalistas como Zuenir Ventura), Amaral Netto talvez pretendesse cercar essa iniciativa de uma legitimidade acadêmica e científica que ele chamou de “o mais severo critério de autenticidade”³².

Ele também manteve um programa de rádio sobre curiosidades históricas como uma série sobre atualidades, onde fez programas dedicados aos presidentes estadunidenses que visitaram o Brasil³³. E existe pelo menos um disco em vinil, *long-play* gravado por ele sobre a história do

²⁸ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

²⁹ Gustavo Dodt Barroso (1888-1959) foi advogado e jornalista, redator do *Jornal do Comércio*, membro do Partido Republicano Federal. Secretário-geral da Superintendência de Defesa da Borracha (1913), Secretário de Interior e Justiça (1914), deputado federal-CE (1915-1917). Dirigiu a revista *Fon-Fon*. Secretário da delegação brasileira à Conferência de Paz de Versalhes. Fundou e dirigiu o Museu Histórico Nacional (1922). Entrou para a Academia Brasileira de Letras (1923), que dirigiu em 1931, 1932 e 1950. Foi integralista desde 1933. Antissemita extremado, suas ideias se aproximavam mais do nazismo alemão do que do fascismo, diferenciando-se, sob esse aspecto, de Plínio Salgado, o líder máximo da Ação Integralista Brasileira-AIB. Barroso apoiou o golpe do Estado Novo. Com o fechamento da AIB por Vargas, passou a conspirar contra o governo. Esteve envolvido no levante integralista de maio/1938, foi preso, e posteriormente excluído, por falta de provas, do processo judicial que investigava as responsabilidades pelo levante, mas não teve de deixar o país. Retirou-se da vida política e reassumiu a direção do MHN. Permaneceu como intelectual prestigiado até falecer. Cf. disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gustavo_barroso, acesso em 12/11/2015.

³⁰ Professor na cátedra de História da América na Universidade do Distrito Federal (1935), e de História da Antiguidade na Faculdade Nacional de Filosofia. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. O ensino da história na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. In: *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, vol.19, no.2, Rio de Janeiro Apr./June 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702012000200014&script=sci_arttext, acesso em 12/11/2015.

³¹ Vicente Tapajós, (1916-1998), lecionou história no Colégio Pedro II, no Instituto de Educação, na UFRJ (lente do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1970-1980), na Universidade Santa Úrsula, Universidade Gama Filho, no Instituto Rio Branco (Itamarati), e foi chefe do Departamento de História da ADESG- Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra. Autor de livros didáticos e membro do IHGB (1984), onde foi o primeiro graduado em História a assumir a presidência (1992-1995). Cf. Colégio Brasileiro de Genealogia. Disponível em: <http://www.cbg.org.br/novo/colégio/quadro-social/socios-honorarios/vicente-tapajos/>, acesso em 1º/11/2015.

³² AMARAL NETTO. Contando a História. In: *A História em Notícia*. Vol. 1, s.d.

³³ Arquivo sonoro digital BR AN, Rio EH.0.D50.042 (CD11-44). Arquivo Nacional.

Rio de Janeiro, patrocinado pela hoje extinta empresa aérea Varig, por ocasião dos festejos do *IV Centenário do Rio de Janeiro*, em 1965³⁴.

Em 1972, “sob os auspícios da Comissão Executiva Central do Sesquicentenário”, Amaral Netto (e a equipe da Plantel) produziu e editou uma tiragem de 1.500.000 de exemplares do encarte *Jornal da Independência*³⁵, distribuído gratuitamente como parte do jornal *O Globo*, na edição de 7 de setembro. Com 16 páginas, onze continham notícias que simulavam o dia-a-dia nacional e internacional de 1822, com “assessoria histórica” de Pedro Calmon³⁶, Vicente Tapajós e Claudio Soares. As últimas cinco páginas mostravam “o Brasil 150 anos depois”, enfatizando, com farto material fotográfico, o “milagre brasileiro”.

Ainda seguindo Sirinelli e sua discussão sobre os intelectuais e, considerando que Amaral Netto era um produtor de bens simbólicos (jornais, livros, discos, programas de televisão) de alcance e impacto, é preciso reconhecer que ele também elaborava uma interpretação de uma

³⁴ AMARAL NETTO. *Como nasceu o Rio*. Longplay em vinil. Arquivo Nacional. Mídia digital, *Repórter da História – reportagem sobre o nascimento da cidade do Rio de Janeiro*. Disponível em:

http://www.an.gov.br/sian/Multinivel/Exibe_Pesquisa.asp?v_CodReferencia_ID=1108731 acesso em 9/7/2015.

³⁵ AMARAL NETTO. *Jornal da Independência*. Suplemento do jornal *O Globo*. Encarte de 16 páginas. 7/07/1975. Acervo digital d' O Globo. (Ver Anexo 2, p. 377)

Exemplares extras do *Jornal da Independência* foram solicitados por cidadãos que enviavam cartas elogiosas à Comissão do Sesquicentenário, como a mencionada em CORDEIRO, Janaina Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento* (1972). 2012. 333f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. p. 297-298.

³⁶ Pedro Calmon, (1902-1985), secretariou a Comissão Promotora dos Congressos do Centenário da Independência, em 1922, quando começou a trabalhar na imprensa como redator. Foi conservador do Museu Histórico Nacional em 1925; orador na tribuna do IHGB (1926). Foi deputado estadual na Bahia entre 1927-37. Professor da faculdade de Direito do RJ, membro da ABL (1936), diretor da Universidade do Brasil, professor da PUC-RJ (1941); diretor do Instituto de Estudos Portugueses (1947), vice-reitor e reitor da UB (até 1966), ministro da Educação e Saúde (até 1951), e ministro interino dessa pasta no governo JK. Autor de livros de história, era reconhecido no ambiente intelectual do país. Foi vice-presidente do Conselho Federal de Cultura (1966-1967). Presidente do IHGB (1967), onde promoveu a construção da nova sede. E também professor do Colégio Pedro II, do Museu Histórico Nacional, da Universidade Santa Úrsula, da Faculdade de Filosofia da Bahia, das universidades de San Marcos, no Peru, e Nacional, no México. E doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra. Cf. disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/pedro_calmon, acesso em 1º/11/2015.

realidade social que podia ter “uma dimensão de diagnóstico e outra de prognóstico com significativo poder de comunicação social”³⁷.

Para Thales de Andrade, em tese de doutorado em Sociologia em 1998, Amaral Netto era um personagem sem estudos, que trabalhou em empresa têxtil, transferindo-se no pós Segunda Guerra para o jornalismo onde já passou a atuar como colunista internacional no *Correio da Noite*, dirigido então por D. Helder Câmara.³⁸ Conforme essa narrativa, Amaral Netto teria cerca de 28 anos de idade quando, em 1949, ajudou na fundação da *Tribuna da Imprensa*. Nesse trabalho não fica claro como Amaral ascendeu rapidamente às elites da imprensa e da política.

Em 1953, Amaral fundou a agremiação suprapartidária *Clube da Lanterna*³⁹, formada por políticos de diferentes alas conservadoras, mas principalmente da UDN, e que funcionou como forma de oposição aos governos de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek. A agremiação foi fechada em 24/11/1956, por decreto do presidente Kubitschek.

Já de acordo com o verbete do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, Amaral, filho do advogado Luciano Amaral, estudara em escolas tradicionais de Petrópolis, Niterói e Rio de Janeiro, além da Escola de Marinha Mercante, onde foi praticante de piloto no navio-escola

³⁷ SIRINELLI. Op. Cit.2007

³⁸ ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. *Ecológicas manhãs de sábado, o espetáculo da natureza na televisão brasileira*. São Paulo: Annablume Editora, 2003. p. 50-51. [ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. *Ecológicas manhãs de sábado, o espetáculo da natureza na televisão brasileira*. 1998. 275f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998].

³⁹ O *Clube da Lanterna* era uma organização civil fundada em 28/08/1953, no Rio de Janeiro, pelo jornalista Carlos Lacerda, para combater o governo de Getúlio Vargas. Lacerda era o presidente de honra e o jornalista Amaral Netto seu presidente efetivo; Alcides Carneiro, o orador oficial. Congregava diversos parlamentares, principalmente da UDN. Para o DHBB/DPDOC, *Maquis* era o órgão oficial do *Clube da Lanterna*, que também tinha cobertura da *Tribuna da Imprensa*. Cf. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC.

Lacerda, no entanto, posteriormente negou qualquer participação no *Clube da Lanterna* (Cf. LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 222), o que foi contestado por Amaral Netto, várias vezes, inclusive no Congresso Nacional, onde leu cartas de apoio de Lacerda a ele sobre o *Maquis* (p. ex. em 1984, Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados). Ele afirmava, invocando testemunhos, que Lacerda presidira e discursara em “TODAS as suas sessões públicas – cerca de 40”. Cf. *Jornal O Estado de S. Paulo*, Geral, 21/06/1977, p.7.

Em *Maquis*, a partir da publicação de um “Noticiário do Clube da Lanterna”, percebe-se a ligação da revista com essa agremiação. Na mesma página, a reprodução de uma carta de Carlos Lacerda, de Lisboa, datada de 10/08/1956, apoiando *Maquis*, mostra o explícito alinhamento político e ideológico de Lacerda, Amaral Netto e Araújo Netto: “você bem sabe o que penso dos primeiros números [clandestinos]. Não adianta chover no molhado formulando sugestões nas quais você e Araújo Netto já pensaram”. Cf. *Maquis*, Ano II, nº 8, 2ª quinzena de agosto, 1956.

Alegrete. E trabalhara como protocolista do Instituto Vital Brasil, na firma de exportação de tecidos do sogro e no escritório de advocacia de seu pai, antes de começar no *Correio da Noite*.⁴⁰

Mas para compreender melhor o jornalista e político Amaral Netto, os maiores indícios de seu passado aparecem a partir do periódico *Maquis*⁴¹, veiculado de 1956 a 1962. A revista e seu editor eram identificados com o projeto político e intelectual de direita que se traduzia no discurso moralista e bacharelista da UDN de condenação da corrupção de políticos como forma de oposição. Um discurso que se amparava num quadro de referências de uma cultura política das direitas, que Maria Victoria Benevides chama de *udenismo*, pautada por um ideal de ordem jurídica abstrata, com pouca ênfase na questão social, uma continuação de uma cultura política vinculada ao poder imperial e à república dos coronéis.⁴²

Com os bordões “a revista que não pode ser boazinha” e “tão cara quanto a verdade”⁴³, chamada também de jornal ou panfleto, foi enquadrada na construção de memória como exemplo de *imprensa marrom*. Na historiografia as menções a ela são esparsas, aparecendo ocasionalmente citada como órgão oficial do *Clube da Lanterna*, ou referida como um “semanário de direita reacionário e anticomunista”⁴⁴, ou “sensacionalista”⁴⁵ ou, ainda, quando associada a Carlos Lacerda, de quem Amaral Netto foi amigo até romperem em 1965⁴⁶.

⁴⁰ LEMOS, Renato. Verbete “Amaral Netto”. *Op. Cit.*

⁴¹ O vocábulo *maquis* remete a um arbusto abundante na Córsega, utilizado pelos locais como refúgio durante invasões estrangeiras. Durante a Segunda Guerra, a resistência francesa designou assim os que lutavam contra a ocupação alemã. O título do periódico, portanto, se alinha ao sentido de *oposição* e *resistência*.

⁴² BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o UDENISMO*. Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

⁴³ *Maquis*, Ano II, nº 10, 2ª quinzena de setembro, 1956.

⁴⁴ DELGADO, Marcio de Paiva. *O golpismo democrático: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)*. 2006. 161f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

⁴⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 12.

⁴⁶ Tendo ajudado Carlos Lacerda a fundar o jornal *Tribuna da Imprensa*, e o apoiado escancaradamente no *Maquis*, Amaral fez-lhe oposição à candidatura à presidência da República quando se discutia a sucessão de Castello Branco. É que Lacerda o preterira como candidato da UDN a sua sucessão ao governo da Guanabara, preferindo apoiar Flexa Ribeiro. Amaral concorreu pelo Partido Libertador-PL. Quem acabou vencendo o pleito foi Negrão de Lima, candidato da coligação PSD-PTB.

Longe de ser uma voz isolada ou uma força individual, como o discurso da memória muitas vezes deixa supor, o pensamento a que Amaral Netto então se alinhava correspondia a uma das faces do projeto intelectual udenista. O grupo que operou a revista atuava intelectual e politicamente afinado com a UDN⁴⁷, o partido de oposição que visava a interferir naquela realidade. E *Maquis* foi uma revista que funcionou como uma associação política, na forma explicada por Jean-Pierre Rioux sobre organizações que têm uma direção e são visíveis na sociedade. Organizações que, embora não concorram para a expressão do sufrágio e para o exercício direto do poder, “invocam na proporção da pressão que exercem sobre a opinião e os poderes públicos, não apenas acesso ao político, mas contribuem para estruturar o que os cientistas políticos chamam de um “sistema” político”.⁴⁸

Embora também versasse sobre assuntos variados e até culturais, *Maquis* foi, sem dúvida, um jornal panfletário, e muitas vezes agressivo em seu discurso. Atendendo à agenda udenista tanto da versão amena quanto da radical, a revista era uma plataforma de oposição ao governo Juscelino Kubitschek-João Goulart⁴⁹, (PSD-PTB). Durante o governo Jânio Quadros, e após sua renúncia e posse de Goulart, não era incomum ver extensas matérias alertando para o perigo comunista, muitas escritas pelo próprio Amaral Netto⁵⁰. O engajamento de intelectuais que expressavam suas opiniões em *Maquis*, um veículo cultural de difusão, mostra como as dimensões da história dos intelectuais, da história cultural e da história política mantêm vínculos

⁴⁷ Inicialmente, para fazer frente à ditadura estadonovista, a UDN congregou todos os defensores do regime democrático, inclusive simpatizantes de governos populares e do comunismo. Mais adiante é que o partido se firmaria, principalmente, pela defesa de princípios conservadores e identificados com as elites urbanas e rurais.

⁴⁸ RIOUX, Jean-Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Editora FGV: Rio de Janeiro, 1996. p. 103

⁴⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes; DIAS, Cláudia Cristina de Mesquita G. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: *BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Brasileira da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil*. Org.: Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. il., p.329-368.

⁵⁰ AMARAL NETTO, *Assim o comunismo comanda o espetáculo. Maquis*, nº 227, 4/11/1961. Na capa, foto de Kruchev rindo e a chamada “Plano comunista para lançar o país no caos”.

estreitos.⁵¹ Nesse projeto, Amaral contou com ampla rede de sociabilidades que incluía membros da UDN, assim como intelectuais e profissionais atuantes na vida política e intelectual que continuaram ativos também nos anos seguintes à extinção da revista, alguns dos quais até recentemente, outros ainda hoje.⁵²

⁵¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais do final do século XX. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz. *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p.47-57

⁵² Entre os principais colaboradores de *Maquis*, como constam no expediente publicado nos exemplares:

Murilo Melo Filho, (1928-), membro da Academia Brasileira de Letras desde 1999. Trabalhou na *Tribuna da Imprensa*, com Carlos Lacerda; no *Jornal do Commercio*, com Elmano Cardim, San Thiago Dantas e Assis Chateaubriand; no *Estado de S. Paulo*, com Júlio de Mesquita Filho e Prudente de Moraes Neto; e na *Manchete*, com Adolpho Bloch. Cf. Biografia no site da Academia Brasileira de Letras-ABL(não consta a longa passagem por *Maquis*) Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=472&sid=224>, acesso em 9/06/2012. Vale observar que na entrevista com Murilo Melo Filho depositada no CPDOC (1998), sequer consta menção a sua participação no *Maquis*, onde foi redator de 1956 a 1961. Aliás, também nada lhe foi perguntado sobre isso. FGV/CPDOC: Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista590.pdf>, acesso em maio/2012.

Pedro Dantas (Prudente de Moraes Neto), 1895-1977), presidente da ABI a partir de 30/09/1975, também foi poeta. Em sua gestão foi assassinado o jornalista Vladimir Herzog, e Prudente visitou o Sindicato dos Jornalistas d'O *Estado de S. Paulo* para afirmar a solidariedade da ABI contra o ato criminoso praticado pelos órgãos de segurança paulistas. Também atuou em março/1976, quando foram presos Maurício Azêdo e Luiz Paulo Machado. Segundo relato de Edmar Morel, o episódio aconteceu ao mesmo tempo em que Fichel Davit Chargel e mais 20 companheiros eram convocados a depor pelos órgãos de segurança. Prudente de Moraes conseguiu quebrar a incomunicabilidade dos presos, que, mais tarde, foram absolvidos por falta de provas. [...] Nas reuniões do Conselho Administrativo, abordava esses episódios e dava conta de suas intervenções junto às autoridades sobre a situação de cada jornalista preso. No site da ABI sobre Pedro Dantas nada consta sobre seu trabalho em *Maquis* (Cf. Disponível em: <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=192>, acesso em 09/07/2012). A biografia do verbete do DHBB-CPDOC é mais completa, mas minimiza a atuação de Dantas em *Maquis*, que foi efetivamente até 1960 (pelo menos) e não somente em 1955 e 1956 como lá consta. Pedro Dantas atuou como jornalista desde a época do Estado Novo, em 1967 deixou *O Estado de S. Paulo*. Embora favorável ao regime militar, combateu o AI-5. Cf. DHBB, CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acesso em 09/07/2012.

Araujo Netto, (1929-2003), foi chefe da redação de *Maquis*. Iniciou a carreira na imprensa como repórter esportivo da Rádio Tupi, em seguida na Rádio Globo. Trabalhou no *Diário da Noite*, na *Tribuna da Imprensa*, onde foi editor de esportes e repórter de política, nas revistas *Cruzeiro*, *Mundo Ilustrado*, *Manchete* e *Senhor*, e no *Jornal do Brasil* (Cf. <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,morre-em-roma-o-jornalista-araujo-netto,20030603p35475>, acesso em 19/08/2015). Também: *Adeus Araújo Netto*. 4/06/2003. Em: <http://www.diretodaredacao.com/noticia/adeus-araujo-netto>, acesso em 09/10/2012; DINES, Alberto. Paradoxos impressos. Notas para um obituário. Observatório da Imprensa, Ed. 599, 20/07/2010. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paradoxos_impressos_notas_para_um_obituario, acesso em 09/06/2012.

Borjalo, (Mauro Borja Lopes, 1925-2004), desenhava charges esportivas na *Folha de Minas* e passou às políticas no *Diário de Minas*. Segundo seu obituário n'O *Globo*, veio para o Rio trabalhar na *Manchete*, passando pelo *O Cruzeiro* e *A Cigarra*. Passou pelas TVs Rio, Excelsior, Tupi, Itacolomi, e depois para a TV Globo, onde foi um dos principais parceiros do executivo de produção e programação José Bonifácio de Oliveira Sobrinho na implantação do chamado "padrão *Globo* de qualidade" (Obituário *Borjalo, o cartunista do Plim Plim*, *Jornal O Globo*, 19/11/2004). Ver também: OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. *50 Anos de TV no Brasil*. São Paulo: Editora Globo, 2000. E o site *Memória Globo*, que não menciona a colaboração de Borjalo ao polêmico *Maquis*, ainda enquanto trabalhava para a revista *Manchete* (para onde fora levado por Otto Lara Rezende, Fernando Sabino e Augusto Rodrigues). Em 1955, Borjalo teve 15 trabalhos seus selecionados por uma editora de Nova York para uma Antologia Universal da Caricatura. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-263155,00.html>, acesso em 21/07/2012.

Hilde, (Hilde Weber, 1913-1994), alemã, chargista da *Tribuna da Imprensa*, a convite de Carlos Lacerda, onde assinava diariamente na primeira página do jornal, até a sua venda. Em 1960, prêmio Seção América Latina do Concurso de Caricaturas *World Newspaper Forum*, pelas melhores charges internacionais. Em 1962, voltou para SP contratada de *O Estado de S. Paulo*, para o qual colaborava desde 1956. Representante importante do circuito artístico-cultural da capital paulista, participou do Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos em SP, da Exposição de Arte Moderna em BH, do Salão Oficial de Arte Moderna e do Salão Nacional de Arte Moderna no RJ, além das quatro primeiras e da sexta Bienal Internacional de SP. Acompanhou e ilustrou todos os episódios marcantes da política brasileira, desde sua chegada ao país, em 1933, até se aposentar em 1989. Cf. *site* do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (não menciona a colaboração em *Maquis*). Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernidade/eixo/osirarte/weber.htm>, acesso em 9/6/2012.

Don Rossé Cavaca, (José Martins de Araújo Jr., 1924-1965), jornalista, publicitário, humorista brasileiro.

Gladstone Chaves de Melo, (1917-2001), filólogo. Nos anos 1940, firmou seu prestígio como autor de livros e colaborador de *Correio da Noite*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *A Ordem*, *Tribuna da Imprensa*, *Carta mensal*, *Permanência*, *O Mundo Português*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário de Notícias*, entre outros. Vereador pela UDN (1950, depois reeleito), com apoio de Gustavo Corção, de Alceu Amoroso Lima e de outros sócios do Centro Dom Vital. Foi deputado constituinte do Estado da Guanabara, em 1960, pelo Partido Democrata Cristão-PDC. Em 1962, retornou ao magistério na Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno04-05.html>, acesso em 21/07/2012.

Luiz Lobo, Luiz André Garcia Lobo, jornalista, hoje com 81 anos, integrou a Comissão de Honra do Centenário da ABI; foi ganhador do *Prêmio Esso de Reportagem* em 1955, que passou a se chamar *Prêmio Esso de Jornalismo* a partir de 1956. Disponível em: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=2355>, acesso em 21/07/2012.

Henrique Pongetti, Henrique Pongetti (1898-1979), dramaturgo, jornalista, dirigiu a Revista *Manchete*, desde 1952. Também foi articulista na Revista *Fatos & Fotos* e no jornal *O Globo*, entre outros.

Paulo Duarte (-1984), professor na Faculdade de Filosofia da USP, redator-chefe de *O Estado de S. Paulo*, cujo cargo de redator-chefe deixou em 1950, tornou-se colaborador até os anos 1970. Em 1950, lançou a revista *Anhembi*, importante liderança na cultura brasileira de 1950-1962, com artigos de literatura, antropologia, sociologia e história, assinados por autores nacionais e estrangeiros. Contrário ao movimento político-militar de março/1964, foi detido suspeito de conspiração. Em 1969, teve seus direitos políticos cassados e foi aposentado do cargo de professor da USP, com base no AI-5. Secretário-geral do Instituto Francês de Altos Estudos Brasileiros (Museu do Homem de Paris), consultor jurídico da Prefeitura Municipal de SP, presidente da Sociedade Paulista de Escritores e diretor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Cf. DHBB, CPDOC.

Rafael Correia de Oliveira, (-1958), jornalista, diretor do jornal *A Praça de Santos*, escrevia artigos que divulgavam a Aliança Liberal. Emissário do grupo revolucionário da *Revolução de 1930*, foi preso em PE, fugiu para a PB. Comentarista político no *Jornal de Debates*, no *Diário de Notícias* e em *O Estado de S. Paulo* (diretor na sucursal RJ). Em julho/1947, denunciou que magistrados do TSE que haviam aprovado em maio anterior o cancelamento do registro do PCB, tinham sido promovidos. O artigo foi citado na Câmara em discurso do deputado comunista Maurício Grabois, eleito em 1945, como comprovação da interferência do Executivo na batalha judicial que terminou por colocar o PCB na ilegalidade. Em 1948/49, foi integrante e vice-presidente da comissão diretora do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN), na campanha em defesa do monopólio estatal do petróleo. Foi deputado federal pela UDN- PB (1955-1958).

Carlos Lemos, (1929-2015), jornalista na *Tribuna da Imprensa* e *Manchete*, chefe de redação do *Jornal do Brasil*. Lemos admitia participação em *Maquis* na biografia no *site* da ABI. (Disponível em: <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=587>, acesso 21/07/2012). Foi diretor do Sistema Globo de Rádio, subchefe de redação e diretor da sucursal do jornal *O Globo*, diretor da Agência *O Globo*, diretor da comunicação da Confederação Brasileira de Futebol e assessor da presidência da TV Brasil. Cf. disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/morre-no-rio-jornalista-carlos-lemos-aos-86-anos-18236964#ixzz3tgANt7cL>, acesso 07/12/2015.

Ştefan Davi Baciú, (1918-1993), poeta romeno, ensaísta, jornalista, tradutor, crítico de arte, diplomata e professor, radicado em 1949 no RJ; reconhecido como autoridade na literatura latino-americana. Em 1962, professor de literatura na Univ. de Seattle e na Univ. do Havai. Obras, entre outras: *Manuel Bandeira de corpo inteiro*; *Lavrádio: 98 histórias de um jornal de oposição*; *Cortina de ferro sobre Cuba*; *Um continente em busca de uma doutrina*.

Mário Franqueira, colaborou no *Maquis* e *Tribuna da Imprensa*. Foi diretor do departamento de jornalismo na *Rádio Globo*.

Aliomar Baleeiro, (1905-1978), foi deputado constituinte em 1946; Deputado federal BA 1946-1959; Deputado federal GB 1963-1965; Ministro do Supremo Tribunal Federal 1965-1975. Cf. DHBB, CPDOC.

João Agripino (1914-1988), Deputado constituinte em 1946; Deputado federal PB 1946-1961; Ministro das Minas e Energia 1961; Deputado federal PB 1961-1963; Senador PB 1963-1966; Governador PB 1966-1971, Ministro do Tribunal de Contas da União 1972-1974; Deputado federal PB 1983-1987. Foi proprietário do jornal *Tribuna do Povo*, de João Pessoa. Cf. DHBB, CPDOC.

Alberto Deodato, (1896-1978), um dos signatários do Manifesto dos Mineiros, escritor, professor de ciências das finanças e de direito internacional público na Faculdade de Direito de Minas Gerais, da qual foi diretor, dirigiu o Abrigo de Menores e a Escola de Reforma de Belo Horizonte. Membro da Academia Mineira de Letras e do Conselho Federal de Educação. Deputado federal MG 1951-1955. Cf. DHBB, CPDOC.

Ronaldo Theobald, fotógrafo, começou na *Tribuna da Imprensa*, em 1953, onde se profissionalizou. Em 1957 foi convidado a participar “daquela espetacular equipe de fotojornalistas do *Jornal do Brasil*, formada por Hélio Pontes, editor.” Fez muitas coberturas internacionais, [...]. Ganhou o *Prêmio Esso de Jornalismo*, entre outros. Cf. disponível em: <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=3334>, acesso em 21/07/2012.

José Carlos Avellar, (1936-2016), jornalista, autor de livros sobre cinema, por mais de vinte anos crítico de cinema do *Jornal do Brasil*. Integrante do conselho editorial da revista *Cinemas*, da publicação virtual *El Ojo que Piensa*, da Universidade de Guadalajara (México). Consultor de festivais internacionais de cinema de Berlim (desde 1980), San Sebastián (desde 1993), Montreal (desde 1995), e um dos curadores do Festival de Gramado (desde 2006), além de professor de Cinema na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, e consultor do Programa Petrobras Cultural.

Contribuíam em *Maquis*, de forma regular, também os cartunistas **Charles, Hermano, Marius, Adail**, entre outros que por lá passaram. E ainda, **Policarpo Quaresma** e **Lorde Keines da Silva** (pseudônimos que não pude identificar), **Saldanha Marinho**, **Edison Lobão** (advogado, jornalista, trabalhou no *Correio Braziliense*, *Última Hora*; chefiou o Deptº Jornalístico da Rede Globo/Brasília. Ex-ARENA, PSD, PFL, DEM e PMDB (senador licenciado), ex-ministro de Minas e Energia do governo Dilma Rousseff), **Sônia Seganfredo** (autora de *UNE: Instrumento de Subversão*, 1963. Ebooksbrasil, 2008. Disponível em: www.ebooksbrasil.org, acesso em 27/07/2012. S. Seganfredo também se envolveu numa polêmica por conta do pagamento desse livro, feito por encomenda do IPES, como consta em DREIFUSS. Op. Cit. Apêndice O, p. 689-707 (Correspondência de S. Seganfredo e IPES).

Alguns colaboradores aparecem exclusivamente no expediente do primeiro número público de *Maquis*, o nº 7, como **José Machado**, **Caio Pinheiro**, além de **Newton Carlos** (1927- , *Correio da Manhã* em 1940, conheceu Carlos Lacerda e passou para a *Tribuna da Imprensa*. Fez jornalismo sindical, trabalhou em Bruxelas na Organização Internacional dos Sindicatos Livres. No Brasil, em 1954, revista *Manchete*, *Diário Carioca* e no *Jornal de Brasil*. Colunista na *Folha de S. Paulo* em 1964, ficou no exterior como correspondente para *Latin America News Letter*, para *Il Manifesto*, para o *Clarín* de Buenos Aires, publicações peruanas e mexicanas. Escreveu livros, começou a aparecer nos jornais de TV como comentarista político. Cf. *Museu da TV*. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografias/Newton%20Carlos.htm>, acesso em 20/05/2014). Além deles, também:

Hermano Nobre Alves (uma espécie de secretário político de Carlos Lacerda. Em 1966, elegeu-se pelo MDB, sendo cassado em 1968. Anistiado pelo Ministério da Justiça em 2005 (Port. nº 1.600, de 22/08/2005). Cf. <http://www.tribunadaimprensa.com.br/?p=9766>, acesso em 26/07/2012), **Calazans Fernandes**, (Francisco Calazans Fernandes, 1929-2010, jornalista desde 1948, escritor, ganhou um *Prêmio Esso de Jornalismo*. Na década de 1960, foi Sec. de Educação e Cultura do RN, gestão de Aluísio Alves, onde implantou o *Método Paulo Freire: De Pé No Chão Se Aprende a Ler*, na cidade de Angicos (RN). Participou da criação da Fundação Roberto Marinho, ligada à Rede Globo. Diretor do Deptº de Educação dessa Fundação participou da criação do *Telecurso*, método de ensino à distância utilizado até hoje. (Cf. http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2010/01/27/imprensa33412.shtml, acesso em 26/07/2012).

Colaboradores ilustres que participavam de júris, ou concediam entrevistas, ou publicavam eventuais artigos, entre outros: **Manuel Bandeira** (poeta brasileiro, integrou um *júri de notáveis* que elegeu Jânio Quadros o “campeão absoluto” entre “os mais destacados de 1956” (*Maquis*, Ano II, nº 16, 1ª quinzena de janeiro, 1957), já parte da campanha de *Maquis* que apoiava JQ à presidência). E **Millor Fernandes** (ou **Vão Gogo**, objeto de entrevista contra JK, no *Maquis*, Ano II, nº 15, 2ª quinzena de dezembro, 1956. *Reportagem de Don Rossé Cavaca com Vão Gogo Nela*, p. 34-36 e chamadas de capa e contracapa). E **Afonso Arinos de Melo e Franco** (1905-1990, advogado, diretor de jornais dos *Diários Associados*. Após o rompimento de sua família com Vargas, fundou em 1934, com o irmão Virgílio, a *Folha de Minas*. Trabalhou na consultoria jurídica do Banco do Brasil. Durante o Estado Novo dedicou-se à vida acadêmica no Brasil e exterior. Foi um dos elaboradores e signatários do *Manifesto dos Mineiros*. Foi um dos fundadores da UDN. Obeve uma suplência para a Assembleia Constituinte. Em janeiro/1947, assumiu uma cadeira na Câmara. Sucessivamente reeleito, exerceu enorme influência na vida parlamentar brasileira. Com a volta de Vargas, em 1951, passou a mover-lhe intensa oposição. Líder da UDN na Câmara, integrante da ala mais exaltada do partido, a Banda de Música. Na crise de 1954, propôs a renúncia do presidente e a intervenção das Forças Armadas. Em 1958, foi eleito para a ABL e para o

O próprio Amaral contava ter estudado no colégio Salesiano, de Niterói, e nas “carteiras históricas do Internato do Colégio Pedro II”, além da experiência como “protocolista salário-mínimo” e de dois anos como praticante na Marinha “através de 30 mil milhas navegadas”⁵³. E ter sido repórter-*foca*⁵⁴ no *Correio da Noite*, antes de começar no *Correio da Manhã*, e depois passar pelos *O Jornal*, *Diário da Noite*, *Gazeta de São Paulo*, *Monitor Mercantil*, *Informador Comercial*, entre outros. E foi redator-econômico da *Tribuna da Imprensa*.⁵⁵ Em 1950 ele ainda assinava uma coluna chamada *Economia & Finanças* no *Correio da Manhã*.⁵⁶

Em 1957, ele se apresentava assim numa *Folha corrida do diretor de Maquis*:

O DIRETOR DESTA REVISTA chama-se Fidélis dos Santos Amaral Netto. Assina-se na imprensa Amaral Netto. Nasceu em 28 de maio de 1921, em Niterói. Estudou em muitos colégios. Principalmente salesianos e Pedro II (internato). Não tem qualquer curso superior. Em 1939/40 fez o curso de piloto da turma inaugural da Escola de Marinha Mercante [⁵⁷]. No período de 1936/40 (dos 15 anos aos 20 anos) adotou os ideais da Ação Integralista Brasileira. Chegou até a considerar o Sr. Plínio Salgado um grande homem. Escreveu sobre isso. Em 47 rompeu definitivamente com o PRP [⁵⁸].

Senado, representando o DF, pela UDN. Em 1961, com a posse de JQ, foi ministro das Relações Exteriores. Com a renúncia de JQ, deixou o ministério, voltou ao Senado e cumpriu importante papel no encaminhamento da emenda parlamentarista. No governo Goulart, chefiou o Itamarati no gabinete Brochado da Rocha (jul-set/1962). Partidário do golpe de 1964, foi um dos fundadores da Arena. Não tentou se reeleger, deixou a atividade parlamentar ao fim de seu mandato no Senado, em janeiro/1967. Crítico dos rumos do regime, retomou as atividades docentes e literárias. Em 1986, voltou à política, senador pelo RJ pelo PFL, participou da Assembleia Nacional Constituinte. Presidente da Comissão de Sistematização da Assembleia, cumpriu importante papel na primeira fase dos trabalhos constituintes. Em 1988, transferiu-se para o PSDB-Partido da Social Democracia Brasileira. Cf. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/afonso_arinos, acesso em 19/08/2015).

⁵³ Discurso de Amaral Netto aos convenionais do Partido Libertador-PL, no processo para eleição para governador da Guanabara, 1965. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

⁵⁴ *Foca* é o termo usado no jornalismo para designar o jornalista iniciante. Cf. *Por que foca?* Thaís de Mendonça Jorge, Observatório da Imprensa, 05/08/2008, edição 497. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/por_que_foca, acesso em 30/10/2014.

⁵⁵ Discurso de Amaral Netto aos convenionais do Partido Libertador-PL. *Op. Cit.*

⁵⁶ *Correio da Manhã*, Hemeroteca digital brasileira, Biblioteca Nacional, edições de maio, agosto, setembro/1950. Observação: Em 1954, o jornal reproduz denúncias de Amaral Netto originalmente publicadas na Tribuna da Imprensa. Cf. *Correio da Manhã*, Hemeroteca digital brasileira, Biblioteca Nacional, edição de 04/04/1954, p.2 Em 1954, o *Correio da Manhã* dá apoio explícito ao *Clube da Lanterna*, publicando notas de sua atuação e da de Amaral Netto como presidente dessa agremiação. Cf. *Correio da Manhã*, Hemeroteca digital brasileira, Biblioteca Nacional, edições de 12/08, 18/09, 29/09.

⁵⁷ Conforme convocação dos alunos aptos ao curso de especialização da Marinha Mercante, entre os quais Fidélis dos Santos Amaral Netto, então com 19 anos, foi publicada no jornal *Correio da Manhã*, 14/05/1940, p. 2.

⁵⁸ Partido de Representação Popular, o partido integralista.

Ingressou em 1948 no jornalismo. Trabalhou ou colaborou no Correio da Noite, Correio da Manhã, Diário da Noite, O Jornal, Gazeta de São Paulo e na televisão Tupi. Escreveu sob diversos pseudônimos.

Orgulha-se de ser fundador da Tribuna da Imprensa onde entrou antes que o jornal viesse à rua. Em 28 de agosto de 1953 fundou com um grupo de amigos o Clube da Lanterna. Tem dois processos. Um por pregar em nome do Clube a ilegalidade da posse de JK JG (atualmente no STF) e outro, ainda em curso na polícia, por afixar cartazes, também do clube, chamando de ladrões o Sr. Juscelino e Adhemar de Barros e de ladrões e assassinos os Srs. Mendes de Moraes e outro já falecido.

Até pouco tempo apareceu como diretor de uma pequena firma de um seu cunhado e de um armazém de café cujas atividades estão paralisadas. Percebia, por isso, um prolabore de CR\$^[59] 5.000,00. Trabalhou como assessor econômico do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de 1947 (antes de ingressar na imprensa) até março deste ano. Exerceu, também, corretagem de anúncios, recolhendo publicidade para a Tribuna da Imprensa. Trabalhou, cerca de dois anos, para a Revista da Associação Comercial.

Mora em casa alugada na Urca. Compra a prestação, atrasa muitas vezes os pagamentos. Tem uma televisão de doze polegadas, presente de seu irmão. Possui um automóvel “La salle” último tipo – segunda série de 1940. Vai mandar reformá-lo agora, a prestações, com o que ganha nesta revista.

Tem mulher e quatro filhos.^[60]

Nunca – em tempo algum – exerceu qualquer cargo público. Teve pequenas transações bancárias. Deve dinheiro a amigos diversos.

No dia 11 de novembro ^[61], alertado por amigos, tirou a família de casa, e, até meia-noite esteve em casa de várias pessoas. A essa hora, a conselho e por insistência os próprios amigos, refugiou-se na Embaixada de Costa Rica.⁶²

⁵⁹ Cr\$: sigla da moeda oficial à época, o Cruzeiro. (Amaral Netto o utiliza em caixa alta: CR\$).

⁶⁰ Amaral Netto era casado, na época, com Maria Stella Amaral, com quem teve quatro filhos: João Batista, Fidélis, Francisco Sérgio e Maria Ernestina.

⁶¹ Referência ao *Movimento de 11 de novembro* de 1955, também conhecido como *Novembrada*. Nessa data, liderado pelo general Lott, ocorreu um "contragolpe preventivo" que se destinava a garantir a posse do presidente e do vice-presidente eleitos em outubro/1955 – JK e João Goulart. O movimento foi deflagrado com o objetivo declarado de barrar uma conspiração tramada no interior do próprio governo, então sob a presidência de Café Filho e cujos principais cargos da administração pública eram ocupados por pessoas próximas à UDN, após o suicídio de Getúlio Vargas, em 24/08/1954. Cf. LAMARÃO, S. *Movimento de 11 de Novembro*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/JkRumoPresidencia/11Novembro>, acesso em 17/08/2015.

Ver também: CARLONI, Karla. *Forças armadas e democracia no Brasil: o 11 de novembro*. 2005. 145f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

⁶² AMARAL NETTO, Fidélis S. *Folha corrida do diretor de Maquis*. In: *Maquis*, Ano II, nº 7, p. 28, 05/08/1956.

É significativo que Amaral recorra à ideia de *folha corrida*, remetendo à linguagem policial da época, e na qual tenta passar uma imagem de retidão e honestidade, muito de acordo com a ideologia udenista pela qual ele e a revista alegavam se pautar.

Ele não deixa de ressaltar sua formação em tradicionais escolas do Rio de Janeiro, assim como a formação no navio escola *Alegrete*, então dirigido pelo Almirante Graça Aranha, também diretor do Lloyd Brasileiro ao qual o navio pertencia⁶³.

Não sem orgulho, desfia sua vida profissional pregressa, sendo o *Clube da Lanterna* apenas mencionado *en passant* como uma associação entre amigos.

Falando de si mesmo na terceira pessoa e confessando uma antiga adesão às ideias do integralismo, redime-se desde já à conta do arroubo juvenil da adolescência. Habilmente ignora que os ideais integralistas continuaram alimentando o conservadorismo e o moralismo brasileiros, mesmo depois de 1945 quando o partido integralista, o PRP-Partido de Representação Popular, desapareceu da cena política. Aliás, como Amaral mesmo confessa na *folha corrida*, ele só rompeu oficialmente com esse partido em 1947.

Em relação a quaisquer processos que tivesse contra si na Justiça, credita-os ao seu posicionamento político e não a qualquer desvio de caráter. Sua retórica do homem comum, autodidata, trabalhador, endividado, morador de aluguel, permite a identificação com o leitor médio. Também vale perceber que Amaral nada fala de sua vida privada, sobre sua família, mulher e filhos, além da afirmação de que é um *homem de família*. Esse é um traço ao qual ele recorreu muitas vezes na revista, e na subsequente vida política, para demonstrar uma suposta fronteira entre o privado e o público que afirmava respeitar em relação aos seus opositores.

⁶³ O navio escola *Alegrete*, atualmente parte do CIAGA-Centro de Instrução Almirante Graça Aranha, é ainda hoje modelo na formação de oficiais na Marinha Brasileira. Disponível em: <http://www.mar.mil.br/ciaga/ciaga/historico.htm>, acesso em 15/07/2015.

Quanto à tensão e ao alegado refúgio na embaixada de Costa Rica de Amaral e família no episódio da *Novembrada*, é preciso lembrar que o próprio Carlos Lacerda, além do presidente interino Carlos Luz⁶⁴, entre outros, refugiaram-se no cruzador Tamandaré quando o marechal Lott cercou o Palácio do Catete. Amaral estava totalmente envolvido com os udenistas que não desejavam a posse dos constitucionalmente eleitos JK-JG⁶⁵, em 31/01/1956. No mês anterior, inconformado com essa vitória, Amaral conclamava a população a resistir “a todo custo à volta dos gregórios”, além de proceder a uma “limpeza exemplar”⁶⁶. No contexto da tentativa de impedimento da posse, *Maquis* começou a circular clandestinamente a partir de novembro/1955⁶⁷, sendo parte desse engajamento político. E continuou depois, às claras, como ferrenha oposição ao governo JK. Amaral chegou a ser preso com sua esposa, assim como outros funcionários da revista e suas esposas que distribuíam a revista à noite.⁶⁸

Em 1958, ele negava veementemente a possibilidade de concorrer a cargo eletivo, preferindo a “trincheira jornalística”⁶⁹. Não sendo formalmente afiliado à UDN até 1960, após quatro anos à frente de *Maquis*, ele se elegeu Deputado Constituinte pelo partido udenista no então recém-criado estado da Guanabara.

Em 1959, embora já escrevesse textos para a televisão, Amaral Netto ainda não havia falado à rádio ou à TV, sendo por isso convidado pelo apresentador do programa *Noite de Gala*,

⁶⁴ Carlos Luz, PSD (pertencia à ala contrária à candidatura de JK), era o presidente da Câmara e assumiu a presidência interinamente porque o presidente Café Filho estava internado por problemas de saúde.

⁶⁵ JK ainda teve de debelar a quartelada de Jacareacanga (fevereiro/1956) e a revolta de Aragarças (dezembro/1959).

⁶⁶ *Tribuna da Imprensa*, 8-9/10/1955, p.1 *apud* CARLONI, Karla. *Marechal Henrique Teixeira Lott: a opção das esquerdas*. 2010. 250f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

⁶⁷ *Maquis*, Ano II, nº 7, 05/08/1956.

⁶⁸ *Maquis*, Ano II, nº 10, 2ª quinzena de setembro, 1956, p. 6-7 ; *Maquis*, Ano II, nº 13, 2ª quinzena de novembro, 1956 (com carimbo “é proibido ler esta revista”).

Outros jornais reverberaram essa prisão de Amaral como *arbitrariedade policial*: *Tribuna da Imprensa*, *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *A Notícia*, e *O Globo* que entrevista Amaral Netto, o chefe da polícia e publica nota da ABI. Já *Última Hora*, alinhada politicamente a JK, anuncia a *apreensão de edição de órgão provocador*.

⁶⁹ *Maquis*, nº 65, 6/09/1958. p. 6-7

Flavio Cavalcanti⁷⁰. Amaral seria entrevistado em seu próprio escritório, mas “por motivos técnicos” alegados pela TV-Rio, apesar da insistência de Flavio Cavalcanti e do patrocinador Abraão Medina⁷¹ (do *Rei da Voz*) que retirou o patrocínio em protesto ao impedimento da TV-Rio, a entrevista acabou não sendo realizada.⁷² Quando finalmente conseguiu falar no *Noite de Gala*, Amaral acabou proibido de aparecer em quaisquer outros programas de televisão por imposição da Justiça. O programa de Flavio Cavalcanti também entrou em recesso até que em junho/1960, contrariando a determinação judicial e enfrentando “a cólera das excelências”⁷³, Amaral e o *Noite de Gala* voltaram à TV-Rio. Na nova entrevista, Amaral desafiou o marechal Lott a processá-lo.⁷⁴ A essa altura, ele já tinha contra si oito processos por crime de imprensa. Esse é só um dos exemplos das polêmicas em que se envolvia Amaral Netto nos anos 1950/60.

Essa entrevista no *Noite de Gala* motivou um incentivo à carreira televisiva de Amaral Netto, que começou a aparecer em programas de entrevistas de cunho político, como entrevistado ou como entrevistador. O jornalista Hélio Fernandes avaliou então em sua coluna no *Diário de Notícias* que Amaral:

Esteve excelente. Sério, calmo, desassombrado, correto, usando a televisão como ela deve ser usada: para transmitir alguma coisa ao telespectador. Bem informado como é, corajoso, e sabendo se portar diante das câmeras, o Sr. Amaral Neto deveria ter um programa seu. Seria um ótimo programa para a tão pobre televisão carioca.⁷⁵

Anos depois, na campanha eleitoral de 1974, candidatos do MDB que faziam oposição a Amaral Netto (já na Arena) recorreram ao tema *Maquis*, então quase esquecido, com menção à

⁷⁰ Flavio Cavalcanti, (1923-1986), jornalista, compositor e apresentador de programas televisivos.

⁷¹ Abraão Medina (1916-1995), empresário no Rio de Janeiro, também conhecido como produtor cultural. Era sobrinho de Samuel Garson, também empresário, dono da *Casa Garson*, onde Medina começou. Medina é o pai do publicitário Roberto Medina, dono da *Artplan*, de Rubem Medina, empresário e político (vários mandatos como deputado federal pelo RJ, secretário de turismo RJ), e de Ruy Medina.

⁷² *Maquis*, Ano V, nº 103, maio, 1959. p. 14-23

⁷³ *Jornal Diário de Notícias*, 2ª Seção, 14/01/1960, Coluna Rádio e TV, p.2

⁷⁴ *Amaral Neto volta a falar na televisão*. *Jornal Diário de Notícias*, 1ª Seção, 12/01/1960, p. 3

⁷⁵ *Jornal Diário de Notícias*, 1ª Seção, Coluna Fatos e Rumores (Helio Fernandes), 13/01/1960, p. 5

prática de sensacionalismo do jornalista. A antiga revista aparecia então colada exclusivamente a Amaral, lembrado como seu antigo e barulhento arauto. Refutando a pecha de *sensacionalista* e já que não havia sido o único a continuar atuante como jornalista ou como político, Amaral lembrou seus melhores colaboradores na antiga publicação, - e suas vinculações em 1974 -, para mostrar que não era uma voz isolada nos anos 1950-60. Após esse contra-ataque de Amaral, o assunto parece ter morrido e caído no esquecimento, sendo essa, possivelmente, uma das poucas menções às ligações de vários personagens e seus passados pré-1964, na antiga revista.⁷⁶ Mas os valores ali defendidos não sumiram nem foram esquecidos. Volta e meia, como nos lembra Daniel Aarão Reis Filho, o “dragão da moralidade” renasce em nossa sociedade⁷⁷.

Nesta tese, não se trata de apresentar uma história de vida *do berço ao túmulo* de Amaral Netto. Sua trajetória interessa em razão de sua historicidade e porque é impossível falar da obra de uma pessoa sem tentar compreender sua vida e o contexto na qual se inseriu. Ele foi contemporâneo de riquíssimos períodos históricos desde o Estado Novo, atravessando o período democrático 1946-64, os governos dos generais da ditadura, o processo de redemocratização, os governos civis de José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

⁷⁶ *Amaral Neto defende revista e responde às críticas do MDB*. Jornal *O Globo*, O País, 29/10/1974, p. 2
 “[...] - Vamos ver – disse [Amaral] – **algumas pessoas** que faziam “Maquis”. **Não todos, só os mais conhecidos: Mário Franqueira**, chefe de reportagem da Rádio Globo; **Alberto Deodato**, professor da Universidade de Minas Gerais, autor de um livro de Economia Política adotado em quase todas as universidades; **Gladstone Chaves de Melo**, professor da Universidade do Rio e adido cultural do Brasil em Portugal; **Carlos Lemos**, chefe de redação do Jornal do Brasil; **Paulo Duarte**, “paladino da liberdade de imprensa no Brasil e na América do Sul; **Prudente de Moraes Neto**. Quem não conhece o Prudente de Moraes Neto, nosso **Pedro Dantas?** **Araújo Neto**, representante do Jornal do Brasil na Europa; **Murilo Melo Filho**, diretor da Manchete; **Borjalo**, um dos maiores cartunistas do Brasil e diretor de produção da Rede Globo; **Hermano Alves**, cassado, deputado federal do MDB. Referiu-se ainda ao ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro **Aliomar Baleeiro**, citando as palavras que ele proferiu, há cerca de um mês, sobre seu trabalho na revista: “Um dos orgulhos da minha vida foi ter trabalhado para “Maquis” e ter escrito todas as suas páginas 18”. [grifos meus]

⁷⁷ AARÃO REIS, Daniel. O dragão da moralidade e a sociedade brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 50, julho/2005. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/050/50pol_reis.htm, acesso em 27/09/2013.

Procurei me ater aos ensinamentos de Vavy Pacheco Borges e pensar nas dimensões atuais da biografia para o historiador. E trabalhar com o contínuo e o descontínuo, enfrentando “a cronologia linear e percurso de vida que não é linear”⁷⁸ para dar conta de parte da trajetória de Amaral Netto. Mas tampouco se pode ignorar a ambiguidade do uso de biografias às quais, como lembra Giovanni Levi, recorre-se para “sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais” ou para “validar hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais”⁷⁹. Daí o desafio de escolher, dentre as fontes, o significativo para a pesquisa, sem incorrer numa montagem de quebra-cabeças em busca de (in)coerências. Como o historiador Jorge Ferreira apontou, é preferível evitar o “equivoco, tão comum ao relatar a vida de um personagem, de apontar suas diversas incoerências”⁸⁰. O perfil biográfico de Amaral Netto aqui traçado mostra alguém muitas vezes contraditório, por vezes ambíguo, e mesmo ambivalente. A apresentação biográfica vai aparecer nos capítulos da tese muito mais como um pano de fundo, uma contextualização, como nesta apresentação, não se concentrando apenas num deles, como costuma ser praxe.

As fontes utilizadas neste trabalho acabaram compondo um todo bastante heterogêneo, dada certa dificuldade para trabalhar somente com os filmes da série *Amaral Netto, o Repórter*.

Consegui localizar parte dos filmes que sobreviveram ao fechamento da Plantel Editora no acervo do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. Esse acervo, que compõe o *Fundo Cinemateca do MAM*, está cedido em comodato por Rogério Linhares, ex-funcionário da Plantel, que conta ter resgatado parte do material durante o fechamento e mudança de domicílio da

⁷⁸ BORGES, Vavy Pacheco. Grandeza e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 203-233

⁷⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos a história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8ª edição, 2008. p.167

⁸⁰ FERREIRA, Jorge. *João Goulart*. Uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011. p. 18

empresa, ainda nos anos 1990. Por iniciativa pessoal de Linhares, o material foi recebido na cinemateca do Museu de Arte Moderna-MAM, sendo posteriormente transferido, em 2002, para o Arquivo Nacional.⁸¹ Dado que esses filmes são efetivamente material privado, não houve até o momento, infelizmente, qualquer projeto para restauração, duplicação ou telecinagem⁸² desse material. Esporadicamente, alguns trechos são telecinados para utilização em documentários como as imagens que mostram Amaral entrevistando Henning Boilesen, o presidente da Ultragaz que compunha o Grupo Ultra, que foi *justiçado*⁸³ pela luta armada em abril/1971 devido a seu apoio à Operação Bandeirantes (Oban).⁸⁴

Em novembro/2015, já prestes a entregar a versão da tese para defesa, soube por Francisco Sérgio Amaral, filho de Amaral Netto, que o mesmo conseguiu acesso a uma forma inovadora de digitalização e que está empenhado em recuperar e digitalizar cerca de 2000 horas dos filmes da antiga Plantel. Segundo informou, o filme *Pororoca* já está em processo de recuperação.⁸⁵

No Arquivo Nacional, embora haja um esforço da sua equipe técnica para a preservação desse patrimônio lá acondicionado devidamente, a grande maioria dos filmes se encontra em estado avançado de deterioração. Muitos deles sequer podem ser consultados, comprometidos pelo estado de avinagramento. O acervo é formado por delicados filmes de acetato que um dia foram resultado de um pioneiro uso de sofisticados equipamentos com som ótico (capaz de gravar som e imagem simultaneamente)⁸⁶. Exibidos na televisão brasileira (em preto & branco e

⁸¹ Depoimento de Rogério Linhares à autora, Rio de Janeiro, em 2012.

⁸² Processo de conversão de filmes produzidos originariamente em película para meio digital.

⁸³ O *justiçamento* é uma prática de eliminação de pessoas consideradas traidoras de uma causa. Envolve um julgamento ilegal segundo as leis do país, e pode envolver tortura, linchamento, assassinato.

⁸⁴ *Cidadão Boilesen*, longa metragem, 92min., direção: Chaim Litewsky, produção: Litewsky e Palmares Produções e Jornalismo, RJ, 2008. Prêmio de melhor documentário de longa metragem do festival *É tudo Verdade*, de 2009.

⁸⁵ Conforme conversa telefônica entre a autora e Francisco Sérgio Amaral, em 05/11/2015.

⁸⁶ Cf. Memória Globo. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html> , acesso em dez/2012.

em cores), são metros e metros de filme, centenas de horas de um Brasil filmado nos anos 1970, sob uma ótica da grandiosidade, da necessidade urgente de desenvolvimento e de modernização, e da necessidade de incitar os brasileiros a tomarem posse desse território.

Além disso, durante o desenrolar desta pesquisa, a única moviola, equipamento necessário para a visualização dos filmes no próprio Arquivo Nacional, estava danificada. Daí a necessidade de se transportar as latas de filme para o CTA v – Centro Técnico Audiovisual do Ministério da Cultura (na Av. Brasil, Rio de Janeiro), por orientação do próprio Arquivo que, no entanto, não fazia essa intermediação por se tratar de material privado. Felizmente, consegui negociar com os responsáveis e me encaixar na apertada agenda do CTA v para assistir a alguns dos filmes levados mediante autorização do comodante Rogério Linhares.

Trabalhei com os filmes do Arquivo Nacional, quando possível. Em alguns casos, acabei encontrando dentro das latas de filmes deteriorados a ficha de decupagem⁸⁷ dos mesmos que pude então usar. E trabalhei com filmes do arquivo pessoal da família Narvaez, por gentileza de Marco Narvaez, filho de Chucho Narvaez⁸⁸, diretor do programa e principal repórter-

⁸⁷ Ficha de decupagem é, originalmente, uma espécie de planejamento da filmagem, com a divisão das cenas por planos, e de como essas cenas se ligariam umas às outras. No presente caso, é utilizada com o significado de pós-produção que adquiriu no Brasil. Aqui, passou a ser sinônimo de minutagem, ou seja, o registro das características de cada trecho filmado/gravado no exato ponto da fita onde ele se encontra, visando à sua localização.

⁸⁸ Chucho Narvaez, ou Jesús Narvaez y Suárez (23/6/1922-1º/2/2014), faleceu no decorrer desta pesquisa. Natural de Cidade do México, trabalhou em cinema como técnico de som, assistente de direção e, principalmente, operador de câmera. Chegou ao Brasil com uma equipe da *Columbia Pictures*, em 1948, para uma série de documentários que não se concretizou. Ficou no RJ e naturalizou-se brasileiro em 1950. Trabalhou com Carlos Manga nos estúdios Atlântida, nas chanchadas *Nem Sansão nem Dalila* e *Carnaval Atlântida*. Ali conheceu Heron Domingues, locutor do *Repórter Esso* na rádio *Tupi*, e depois de telejornais da TV Globo, para onde Domingues indicou Chucho para uma vaga, antes mesmo do começo das suas transmissões. A partir de 1965, Chucho ajudou a montar a equipe de repórteres cinematográficos e montadores da TV Globo, todos com experiência em cinema. Na época, ainda não havia videoteipe e todas as câmeras utilizavam película de 16mm em preto e branco. Como repórter-cinematográfico, Chucho filmou para a TV Globo o carnaval carioca de 1966 e as enchentes do mesmo ano na cidade. Em junho/1967, cobriu o acidente aéreo que matou o marechal Castello Branco. Foi dos poucos a filmar a guerrilha de Che Guevara na Bolívia, com o repórter Eli Moreira. A equipe conseguiu chegar ao local de ação dos guerrilheiros, uma área vetada à imprensa internacional, graças a uma carta de apresentação dada meses antes pelo então ministro da Guerra general Costa e Silva. Foi dos primeiros a filmar o corpo de Che e o julgamento de Régis Debray. Em março/1968, filmou o cortejo fúnebre do estudante Edson Luís, nas ruas do centro do Rio. Em junho/1968,

cinematográfico⁸⁹ de Amaral Netto. Também utilizei trechos de filmes encontrados na *internet*. E até consegui uma cópia em DVD de um dos episódios com um colecionador. Embora tenha havido grandes reaproveitamentos de material filmado, até mesmo na época em que foi exibido, pode-se ter uma ideia bastante acurada do que eram esses programas.⁹⁰

Além disso, trabalhei com as revistas que Amaral Netto produziu sobre os programas. Alguns deles, principalmente os filmados até 1973, mereceram reportagens impressas numa série de revistas ilustradas em dez volumes com o mesmo nome do programa. Produzidas a partir da comemoração ao primeiro aniversário do programa, elas contêm os resumos do material televisionado e, muitas vezes, imagens coloridas das reportagens veiculadas em preto&branco. Posteriormente, a revista foi redenominada de *Os brasileiros*⁹¹ e veiculada em mais dez volumes. Todas essas fontes são importante suporte para preencher lacunas onde não se podia contar com

acompanhou o repórter Hilton Gomes para cobrir o enterro e a repercussão do assassinato do senador Robert Kennedy em Los Angeles-EUA. Filmou o lançamento da nave Apolo XI, em julho/1969. Na ocasião, mesmo enviado por avião, o material conseguiu chegar antes das imagens de agências de notícias, um feito raro para a época. Chucho filmou visitas de Costa e Silva como presidente, aos EUA, Uruguai e Japão. Trabalhou com entrevistas do programa de Ibrahim Sued [na antiga TV Rio] e com o diretor Roberto Farias no programa *Câmera Indiscreta* (naTV Globo, maio-dez/1965; 29/06/1966 - 30/08/1967), mas segundo o Memória Globo, não abandonou fatos como o fracasso das obras da Rodovia Transamazônica. Recebeu por estas reportagens o troféu *Gato de Ouro*, antiga premiação da televisão brasileira. Foi diretor-geral do programa *Amaral Netto, o Repórter*, por 12 anos, desde a criação até o fim [a informação sobre os supostos 12 anos do programa é do *site*]. Ao sair da TV Globo, no início dos anos 1980, Chucho foi trabalhar na Interbras, uma subsidiária de comércio exterior da Petrobras, produzindo documentários institucionais, onde trabalhou até se aposentar. Passou então a prestar consultorias e trabalhar com o filho Marco Antônio Narvaez, também repórter-cinematográfico. Cf. *site* Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-262393,00.html>, acesso em 08/01/2013.

⁸⁹ Segundo Marco Narvaez, repórter-cinematográfico é “o profissional do telejornalismo responsável pelo registro das imagens da notícia. Este profissional registra qualquer acontecimento de interesse jornalístico. Depende da sensibilidade deste profissional o resultado de um bom trabalho jornalístico; assim ele deve captar nas imagens, não apenas as ações, mas as emoções, os detalhes que vão fazer a diferença. Seja com a câmera no ombro, no tripé ou na mão, ele capta as imagens, sem perder a informação que vai dar suporte à narrativa do repórter. Geralmente quando assistimos a um bom documentário ou reportagem não apenas o texto do repórter deu o brilho ao resultado, mas também a competência do repórter-cinematográfico para captar a essência desse casamento entre texto e imagem.”

⁹⁰ Em que pese ser este um trabalho acadêmico de doutorado sobre materiais audiovisuais produzidos para a televisão, optei por não usar imagens das mesmas, uma vez que esses filmes pertencem a acervos particulares, embora depositados no Arquivo Nacional (RJ), o que poderia demandar autorizações específicas para eventual publicação futura impressa em livro, às quais não pude acessar à época em que assisti a esses filmes (e a trechos deles). Ainda que alguns desses filmes estejam acessíveis na *internet*, não me senti à vontade para expor essas imagens neste trabalho acadêmico já que foram divulgadas de forma reservada em rede social na *internet* a qual tenho acesso.

⁹¹ São 10 volumes da revista *Amaral Netto, o Repórter* e a continuação do n° 11 até o 18 da revista *Os Brasileiros*.

filmes preservados. Evidentemente procurei tomar os cuidados necessários por se tratarem de tipos diferentes de fontes. Mesmo assim, em muitos casos, pude comprovar a similaridade da narração dos filmes ao texto de reportagens das revistas.

Trabalhei também com notas e notícias de jornais⁹², com cartas e bilhetes, com discursos, com o arquivo sonoro do Congresso Nacional, com os acervos do IBOPE⁹³ em Campinas, e do IHGB⁹⁴ no Rio de Janeiro. E com depoimentos⁹⁴, consciente da dificuldade de se utilizar a história oral para ‘reconstituir’ eventos. Enfim, busquei todas as fontes possíveis que me propiciassem o quadro mais amplo sobre Amaral Netto, sua produção jornalística e atuação política.

É importante mencionar que a abertura do acervo digital *online* do jornal *O Globo*, em 2013, permitiu uma pesquisa mais minuciosa sobre as exibições de *Amaral Netto, o Repórter* na programação da TV Globo divulgada diariamente nesse jornal. Dessa forma, ainda fui surpreendida porque, ao invés dos supostos catorze anos⁹⁵ de transmissão, o programa foi de fato exibido até fevereiro/1985⁹⁶, embora redenominado em 1981 como *Brasil, terra da gente*⁹⁷.

Dado que a referência imediata do programa *Amaral Netto, o Repórter* remetia à TV Globo, meu primeiro contato foi com o Centro de Documentação da TV Globo – CEDOC. Ali, no entanto, as informações foram de que não haveria registros consistentes nem dos filmes nem

⁹² Muitos dos anúncios de divulgação, notas, notícias, fotos e reportagens de jornais e revistas reproduzidos neste trabalho acadêmico de doutorado foram colhidos de jornais e revistas disponíveis *online* na *internet* e utilizados exclusivamente para esta versão da defesa de tese que ficará depositada na biblioteca da UFF e no acervo de Teses e Dissertações *online* da Área de História da UFF. Caso, eventualmente, este trabalho acadêmico de doutorado seja publicado em livro ou em outra forma impressa com finalidade comercial, a utilização dessas reproduções estará, evidentemente, condicionada à negociação com os respectivos acervos desses jornais e revistas.

⁹³ Fundo IBOPE, no Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

⁹⁴ Coleção *Maquis* no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB, no Rio de Janeiro.

⁹⁵ Nos registros do Memória Globo consta que o programa foi transmitido até 1983. Cf. Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0.27723,GYN0-5273-237449,00.html>, acesso em dez/2012 e em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/amaral-netto-o-reporter/evolucao.htm>, acesso em 25/09/2015.

⁹⁶ Seção *Hoje na TV*, Jornal *O Globo*, 2/05/1981, p. 30.

⁹⁷ Seção *Hoje na TV*, 2º Caderno, Jornal *O Globo*, 2/08/1981.

qualquer documentação escrita sobre o programa nos arquivos documentais da empresa⁹⁸. Além do CEDOC, a Globo conta com um setor que dirige um *site*⁹⁹ na *internet*, o Memória Globo, a memória oficial da TV Globo, onde consta no verbete *Amaral Netto* que “todo o acervo foi comprado pela Fundação Nacional Pró-Memória, em 1988” como chegou a ser noticiado no *Jornal do Brasil* naquele ano¹⁰⁰. É possível que parte dos filmes realmente tenha tido esse destino, o que não pode ser comprovado até o momento. Mas parece que, em realidade, grande parte do acervo da Plantel (filmes e documentação) se perdeu, como conta Rogério Linhares.

Durante a pesquisa, o Sr. Roberto Irineu Marinho, filho de Roberto Marinho¹⁰¹, o fundador da TV Globo, a quem recorri por carta, me propiciou uma visita à sede do Memória Globo, no Rio de Janeiro, e acesso a documentos como cartas, discursos, fotos e recortes de jornais.

O tema apresentado nesta tese está associado a um político que marcou uma posição eminentemente identificada com a direita e com o conservadorismo, tendo sido recorrente objeto de chacota e caricaturas tanto de opositores pessoais quanto da(s) esquerda(s). Apesar da breve incursão no MDB, Amaral Netto manteve o seu compromisso com a direita. E continuou na

⁹⁸ Conforme consultas feitas junto ao CEDOC-TV Globo, por e-mail, e respondidas por telefone, entre agosto e setembro/2011, na tentativa de acessar materiais relativos ao programa.

⁹⁹ Utilizo a denominação *site* para me referir a páginas da *internet*, e o vocábulo *página* ao me referir a impressos.

¹⁰⁰ Amaral Netto afirma ter vendido o arquivo morto e os filmes do programa *Amaral Netto, o Repórter*, por CZ\$ 6 milhões, ao Min. da Cultura. Cf. *Amaral vendeu arquivo por 6 milhões. Jornal do Brasil*, edição de 09/02/1988.

Segundo o Memória Globo, a venda foi para a Fundação Nacional Pró Memória. Como esse órgão foi extinto no governo Collor, o seu acervo foi incorporado à FUNARTE, não foi possível rastrear se esses órgãos efetivamente chegaram a possuir algum acervo “vendido” por Amaral, como noticiado pelo *Jornal do Brasil* em 1988.

Por outro lado, a Revista *Veja* havia noticiado na edição 1007, de 23/12/1987, que Amaral Netto vendeu, por 6 milhões de cruzados, 400 horas de filmes (de 3000) à Funtevê, órgão do Ministério da Educação, para que fossem utilizadas em programas educativos do MEC. Cf. Revista *Veja*, E. 1007, 23/12/1987, p. 39.

¹⁰¹ Roberto Pisani Marinho, conhecido como Roberto Marinho, (03/12/1904-06/08/2003, Rio de Janeiro), foi um jornalista e empresário brasileiro, presidente das *Organizações Globo*, um conglomerado que engloba jornais, rádios, televisão, entre outros empreendimentos. Ainda jovem, herdou o jornal *O Globo* fundado por seu pai, em 1925, que ampliou. Fundou uma cadeia de rádios (1944) e, em 1965, a TV Globo que transformou numa rede nacional. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Roberto Marinho é referido nas falas e na memória construída sempre com um respeitoso e naturalizado *Doutor* antecedendo seu nome. Ele não deixou, até aqui sabidos, trabalhos memorialísticos sobre a empresa que construiu.

defesa de valores conservadores, não se furtando a assumir isso. Amaral Netto chegou a se declarar “em estado de oposição desvairada”¹⁰², em 1985, quando soube que seu partido PDS, do qual era vice-líder, tentava se aproximar do governo do então presidente Sarney¹⁰³. Sua viúva, Angela Adnet Amaral, lembra que ele considerava a direita uma posição legítima, sendo recorrente que afirmasse sobre isso: “não há do que se envergonhar”¹⁰⁴.

Além disso, Amaral cultivava uma idéia de política vinculada essencialmente à tomada de posições. O jornalista Carlos Chagas afirma saudosamente que Amaral Netto foi, inclusive, dos que não enriqueceram nem na vida pública nem na vida privada¹⁰⁵. O respaldo social dessa voz e dessa posição política de Amaral Netto traduziu-se em significativa votação alcançada por cerca de 30 anos, pela via eleitoral, à função de deputado, antes, durante e após a ditadura, atuando como deputado constituinte em 1988.¹⁰⁶

Para estabelecer um balanço historiográfico em relação à tão controversa figura jornalístico-política como Amaral Netto, sua trajetória e sua obra, não encontrei, no início da pesquisa, trabalhos acadêmicos na área de História, a não ser nos que o mencionavam lateralmente. Entre esses, a dissertação sobre a atuação política dos deputados federais da bancada carioca entre 1962-1970, de Maria Helena Versiani¹⁰⁷, e trabalhos que aludem à forma como Amaral Netto era caricaturizado em razão de sua atuação política, como o de Rodrigo Patto Sá Motta¹⁰⁸. Durante a pesquisa, surgiram outros trabalhos acadêmicos na área de História nos

¹⁰² LEMOS, Renato. Verbetes “Amaral Netto”. *Op. Cit.*

¹⁰³ ex-PSD, ex-UDN, ex-Arena, ex-PDS, ex-PFL, senador pelo PMDB até a legislatura de 2014, quando decidiu não mais se candidatar, embora continue afiliado e atuante no partido.

¹⁰⁴ Depoimento de Angela Adnet Amaral à autora, Rio de Janeiro, em 1º/08/2014.

¹⁰⁵ *Tribuna da Imprensa*, 19/10/1995, p. 3.

¹⁰⁶ Concorrendo a cargos do executivo, Amaral não conseguiu se eleger em 1965 para governador da Guanabara pelo PL. Nem em 1992, candidato pelo PDS, para prefeito da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰⁷ VERSIANI, Maria Helena. *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*. 2007. 211f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

¹⁰⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 36-37

quais a atuação política ou jornalística de Amaral Netto foi abordada: uma dissertação sobre a questão da remoção de favelas na Guanabara, onde Amaral passa de defensor das remoções a opositor, em razão de suas ligações com Carlos Lacerda¹⁰⁹; e uma tese que trata do programa de TV *Abertura*, onde o programa de Amaral Netto é apresentado para ajudar a contextualizar a televisão durante a ditadura¹¹⁰.

Em trabalhos de cunho popular inseridos no processo de construção da memória coletiva do processo de redemocratização, como *Diretas Já, 15 meses que abalaram a ditadura*, a menção a Amaral Netto é quase sempre emocional. Os autores Domingos Leonelli e Dante de Oliveira, por exemplo, referem-se várias vezes ao deputado como “velho conspirador de direita” que estaria “sempre pronto a usar costumeiras táticas da direita”¹¹¹, num patente maniqueísmo.

Por outro lado, há uma bibliografia memorialística sobre televisão e sobre a TV Globo, também utilizada como fonte de pesquisa para esta tese, onde nem sempre aparecem referências a *Amaral Netto, o Repórter*, não obstante sua longevidade na televisão. Quando aparecem, destinam-se a reforçar a memória do programa *imposto à TV Globo*.

Além disso, há uma bibliografia acadêmica em outras áreas de estudo onde Amaral Netto é usado como referência à ideia de *Brasil grande*, mas reduzido a um programa ufanista da ditadura ou *imposto à TV Globo*. Se em parte da produção memorialística o programa chega a ser simplesmente ignorado, em trabalhos como o recente, interdisciplinar de professores da academia, *História da Televisão no Brasil*, organizado por Ana Paula Goulart Ribeiro, Igor

¹⁰⁹ OAKIM, Juliana. *Urbanização sim, remoção não. A atuação da federação de das associações de favelas no estado da Guanabara nas décadas de 1960 e 1970*. 2014. 211f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

¹¹⁰ MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. *Abertura: televisão e a luta pela democracia no Brasil (1979-1980)*. 2014. 249f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

¹¹¹ LEONELLI, D.; OLIVEIRA, Dante. *Diretas Já, 15 meses que abalaram a ditadura*. São Paulo: Record, 2004.

Sacramento e Marco Roxo, há apenas uma única e seca menção, na voz de um crítico de televisão, que o elenca entre documentários de “altíssimo nível” da Globo.¹¹²

A trajetória do jornalista compõe dois trabalhos acadêmicos nas áreas de Comunicação e de Sociologia. Na dissertação de mestrado em Comunicação de Edson Capoano apresentada à PUC-SP, em 2006, *Globo Repórter: imagens veladas da natureza*, o programa de Amaral Netto é usado como referência de sensacionalismo para mostrar a natureza¹¹³. Nesse trabalho, credita-se ao programa de Amaral Netto a atribuição de ter sido o *embrião* do futuro *Globo Repórter*. Segundo o autor, *Amaral Netto, o Repórter* teria estabelecido as bases de um discurso ufanista e desenvolvimentista que fala da natureza como dádiva de Deus, que teria caracterizado suas reportagens¹¹⁴. Embora o foco aí sejam as imagens ambientais e formatos consagrados para sua veiculação, o autor trata um tanto acriticamente as ligações de Amaral e da própria TV Globo com o regime autoritário, amparando-se no lugar-comum que o vê como porta-voz da ditadura.

Thales de Andrade, já mencionado, a cuja tese Capoano também recorre, centra a discussão na estetização do cotidiano. Ele analisa comparativamente *Amaral Netto, o Repórter* e *Globo Ecologia* (TV Globo) para entender a construção de uma videocultura que elabora a reconstrução social da problemática da conservação de ecossistemas. Em *Ecológicas manhãs de sábado, o espetáculo da natureza na televisão brasileira*, a teoria da comunicação e a sociologia se encontram, com ênfase na problemática ambiental, onde “ideologia e tecnicidade não se

¹¹² RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos. (Orgs.). *História da Televisão no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2010. p. 121

¹¹³ Ver também:

GOMES, Ana Ângela Farias; PEREIRA, Claudio Luiz. *O meio ambiente no meio ambiente da TV brasileira: percursos histórico-discursivos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande, PB, 10 -12/06/2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0991-1.pdf>, acesso em agosto/2011.

SILVA, Telma Domingues da. Natureza e ecologia na televisão brasileira. In: *Ambiente & Sociedade*, vol.7, no.2 Campinas July/Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2004000200014&script=sci_arttext, acesso em julho 2010.

¹¹⁴ CAPOANO, Edson. *Globo Repórter: imagens veladas da natureza*. 2006. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

separam”¹¹⁵. O autor percebe Amaral Netto como um protagonista que ocupa um “espaço deixado vazio pela destruição do sistema político-partidário dos anos 50”, na forma apontada pelo historiador Carlos Fico¹¹⁶, e cuja retórica encontrou um veículo na televisão. A partir da fala dos coronéis Octávio Costa e Toledo Camargo a Carlos Fico¹¹⁷, Andrade deduz que os militares não gostavam do ufanismo do programa de Amaral nem o apoiavam. E considerando hostilidades existentes entre Walter Clark, alto executivo da TV Globo por cerca de dez anos, e Amaral Netto, e a crítica da imprensa alternativa carioca exemplificada pelo *Pasquim*¹¹⁸, o autor conclui que havia “desavenças entre ele [Amaral] e representantes do campo comunicacional”¹¹⁹. E que tanto os militares encarregados da propaganda do regime quanto a imprensa e os canais de televisão [ele não diz quais] “combatiam ferozmente o programa”¹²⁰.

¹¹⁵ ANDRADE. *Op. Cit.* 2003. p. 12; p. 56-60

¹¹⁶ FICO. *Op. Cit.* 1997.

¹¹⁷ *Idem.* p. 137 e p. 60-61

¹¹⁸ *O Pasquim* foi um jornal alternativo carioca que começou como uma publicação comportamental e de crítica aos costumes e foi se tornando politizado. Conseguiu passar por diferentes formas de censura com a utilização do recurso do humor. Fez oposição ao regime, funcionando como tribuna para vozes críticas ou de oposição em suas entrevistas. De caráter marcadamente não empresarial, pelo menos até a década de 1980, introduziu temáticas da contracultura e do uso das drogas. *O Pasquim* modificou a linguagem jornalística, reproduzindo a linguagem oral na escrita e lançando vários neologismos, além do uso de palavrões. Circulou entre 1969 e 1991. Sergio Cabral, um dos fundadores, diz que começou com uma tiragem de 14.000 exemplares e chegou a ter uma edição com 250.000, seis meses depois (Cf. DINES, Alberto; FERNANDES JR, Florestan; SALOMÃO, Nelma. (Orgs.). *Histórias de Poder. 100 anos de política no Brasil*. Vol 1: Militares, Igreja e Sociedade Civil. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 285). Ainda assim, como observou Andréa Queiroz, “apesar de ter rompido com alguns paradigmas sociais, [*O Pasquim*] ainda mantinha um discurso conservador, principalmente, no que diz respeito ao papel das mulheres e ao dos homossexuais na sociedade.” (QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. *O PASQUIM: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991)*. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia, (31) : 229-252, Jul./Dez. 2004). Também a historiadora Rachel Soihet apontou que, ao mesmo tempo em que questionava setores conservadores, *O Pasquim* abraçava o machismo nas charges, no discurso condenatório a mulheres feito por colonistas, além do uso e abuso da nudez feminina nas capas. Cf. SOIHET, Raquel. Preconceitos na charge de *O Pasquim: Mulheres e a luta pelo controle do corpo*. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007, p. 39-53. Segundo Marcia Buzalaf, o *Pasquim* “teve uma tiragem de 80 mil exemplares já na edição de número 16 e chegou a imprimir, em dezembro do mesmo ano de seu lançamento, 250 mil exemplares semanais, além de ter recebido anúncios de grandes multinacionais, como a Shell. Vendeu mais do que a Veja e a Manchete, também semanais e contemporâneas do *Pasquim*, juntas. A tiragem do semanário, nessa primeira fase, seria significativa até mesmo para o universo das revistas comerciais. Para o mundo dos alternativos, então, naquele momento, era quase inexplicável.” Cf. BUZALAF, Márcia Neme. *A censura no Pasquim (1969-1975): as vozes não-silenciadas de uma geração*. 2009. 220f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

¹¹⁹ ANDRADE. *Op. Cit.* 2003.

¹²⁰ *Idem.* p. 60-61

Mas tanto uma quanto outra percepção de Andrade devem ser relativizadas. Amaral não era exatamente hostilizado pela TV Globo, embora a construção de memória dos executivos da emissora tenha dado conta dessa suposta aversão. E no caso do Exército, a memória do coronel Octávio Costa não responde pela totalidade das Forças Armadas. No caso da suposta rejeição do coronel Toledo, é interessante ressaltar que foi no governo Geisel, em pleno processo de *abertura lenta, gradual e segura*, que Amaral conseguiu mudar seu programa para as segundas-feiras, obtendo, no ano de 1976, por exemplo, os maiores índices de audiência na história do programa.

A tese de Andrade também serviu de referência à dissertação de mestrado de Igor Sacramento sobre os cineastas de esquerda no jornalismo dos anos 1970, principalmente Eduardo Coutinho que atuou no *Globo Repórter*. Para contextualizar Amaral Netto, assim como Andrade, Sacramento também se apoiou na construção de memória de Walter Clark numa entrevista a Maria Rita Kehl, Santuza Naves Ribeiro e Isaura Botelho em 1979. Ali Clark repetia que o programa de Amaral Netto havia sido imposto pelo regime, colocado na linha de produção da Globo por pressões da extrema direita.¹²¹ Acompanhando a análise de Clark nessa entrevista, que acreditava que com a Abertura política Amaral Netto não teria mais espaço na televisão, Sacramento assume que "no mesmo ano dessa fala [1979], o jornalístico deixou a grade da emissora".¹²² Mas isso de fato só viria a acontecer em 1985, vinte dias antes que o civil José Sarney (ainda fortemente ligado ao regime ditatorial) assumisse a presidência do Brasil.

Essa entrevista com Walter Clark compõe uma série sobre os *Anos 70* compilada por Aduino Novaes, ainda em 1979, pela Funarte¹²³, uma tentativa de análise crítica sobre a televisão no Brasil. Esses artigos representam uma grande contribuição, é verdade. Mas tendo sido

¹²¹ RIBEIRO, Santuza; BOTELHO, Isaura. A televisão e a política de integração nacional. In: CARVALHO, Elizabeth; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santuza. *Anos 70. 5-Televisão*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-80. p. 97-98

¹²² SACRAMENTO, Igor Pinto. *Depois da revolução, a televisão. Cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970*. 2008. 330f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p. 106

¹²³ CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. *Op. Cit*, 1979-80.

realizados no calor dos acontecimentos que marcaram a Abertura política no final dos anos 1970, penso que essas tentativas de análise crítica devam ser, elas mesmas, problematizadas.

Ressalte-se ainda que se para Andrade representou uma dificuldade o fato de Amaral Netto ser “quase que totalmente explícito em suas posições ideológicas” a ponto de “conseguir desarmar”¹²⁴ sua pesquisa, considere isso como o ponto de partida. A questão da franca identificação de Amaral Netto com os valores representados pelo regime autoritário em seu programa não representa um problema. Pelo contrário. Procuro problematizar o sentido dessa identificação, durante dados períodos, para parte significativa dos cidadãos brasileiros telespectadores, para os patrocinadores, exibidores, críticos, entre outros, que também se identificavam com esses valores. Principalmente porque isso chegou a ser interpretado como *sinceridade*¹²⁵ por contemporâneos que admiravam Amaral Netto.

Tanto a percepção de Capoano quanto a de Andrade se amparam numa memória construída sobre a ideia de *repúdio* a Amaral Netto e seu programa, principalmente Andrade que recorre à memorialística de Clark. Uma memória construída no processo de redemocratização. Dessa forma, penso que seja necessário questionar e problematizar como se sustentou a retórica do deputado-jornalista pelos cerca de 16 anos que durou o programa na TV Globo. É importante enfatizar que se Andrade afirma que “determinados fatores conjunturais e alianças estratégicas”¹²⁶ teriam permitido a entrada de Amaral na emissora, a versão da *imposição* do programa à TV Globo é a defendida na construção de memória a partir dos dois principais executivos publicamente reconhecidos como responsáveis pela consagração da TV Globo no meio: Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni. Clark defendeu essa versão

¹²⁴ ANDRADE. Op. Cit. 2003. p. 60-61

¹²⁵ Ver no Capítulo 5.

¹²⁶ *Idem.* p. 58

abertamente a partir de 1979¹²⁷, e Boni defende até hoje que o programa foi “uma produção independente, entregue pronto para exibição” por decisão superior a sua¹²⁸.

Nessa perspectiva, não se pode ignorar que uma das faces da sustentação à ditadura foi a atuação da televisão, principalmente da TV Globo e seu tratamento bastante generoso com as autoridades governamentais da ditadura em seu principal telejornal¹²⁹. A TV Globo é apontada quase unanimemente como a *principal beneficiária* na área de comunicação. Mesmo assim, é preciso problematizar a adesão da emissora (e das demais) ao regime autoritário. Da mesma forma, é importante compreender por que hoje, também a TV Globo, busca insinuar um discurso da *resistência possível* durante a ditadura amparando-se, em sua construção de memória, no fato de ter acolhido e dado voz aos agentes de produção cultural identificados com as esquerdas, além de ter lidado¹³⁰ com uma censura muitas vezes implacável. Apenas recentemente o Jornal *O Globo* admitiu em editorial autocrítico que a opção de apoio ao golpe de 1964 foi um erro¹³¹.

Falar de Amaral Netto e de seu programa é falar também de política e de propaganda política no contexto da ditadura brasileira. Esse tema já foi objeto de estudo de Carlos Fico¹³²

¹²⁷ CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. *Anos 70. Op. Cit.*

¹²⁸ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012. E também: entrevista de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho ao Jornal *Folha de São Paulo*, 18/05/1998, seção Ilustrada, p. 5 (no site Memória Globo consta como dia 19/05/1998).

¹²⁹ GOMES, Itania Maria Mota Gomes. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. In: *Revista FAMECOS - Dossiê Ditadura*. Porto Alegre, v.17, n.2, p.5-14, maio/agosto 2010.

¹³⁰ *Beyond Citizen Kane* (Muito além do cidadão Kane), documentário de Simon Hartog e John Ellis para o Canal 4 da BBC, 1993. (aos 33' 04). Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=b-QT0WSnSgk&playnext=1&list=PLCE695566455A2FAB&feature=results_main, acesso em 03/01/2012.

Entrevista de José Bonifácio e Oliveira Sobrinho ao programa *Roda Viva*, TV Cultura, 13/09/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hvanc1rjNwQ>, acesso em 14/08/2013. (Nessa entrevista Boni afirma que o foco principal da Censura era sobre o jornalismo).

¹³¹ *O apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro*. Jornal *O Globo*, 31/08/2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>, acesso em 31/08/2013.

¹³² FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo*. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

que se dedicou à produção da Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República / Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República - Aerp/ARP¹³³.

Em seu trabalho, Carlos Fico apontou que na origem da Aerp/ARP, durante o governo Arthur da Costa e Silva, embora esta tenha sido criada a partir de propósitos diferenciados¹³⁴, existiam dois projetos de motivação distinta para essa agência: a) a ideia inicial do coronel Hernani D'Aguiar, segundo a qual a propaganda deveria se destinar a esclarecer de forma oficial a população sobre a realidade e as realizações do governo, para fazer frente desde já a críticas e insatisfações; b) e a ideia dos então coroneis Octávio Costa e Toledo Camargo¹³⁵, que sucederam a D'Aguiar na agência, e que implantaram o que se chamou sutilmente de “motivação da vontade coletiva para o esforço nacional de desenvolvimento”¹³⁶.

A análise de Carlos Fico demonstra como a propaganda política oficial do governo autoritário foi posta em prática a partir do projeto de propaganda política de viés motivacional que prevaleceu na Aerp/ARP. Implantado com a utilização de peças de propaganda encomendadas a agências de publicidade, as campanhas despertavam sentimentos de esperança e otimismo enquanto reforçavam as noções de “construção” e “transformação”, e apostavam nos laços de coesão e patriotismo.¹³⁷ De forte conotação pedagógica e civilizatória, enfatizavam o otimismo, o clima de paz e harmonia, “as características nobres da cultura nacional”¹³⁸, e visavam a reforçar uma “certeza sobre a predestinação do Brasil ao sucesso”¹³⁹ e ao progresso.

¹³³ Aerp/ARP: a Aerp foi criada em 15/1/1968; depois Airp, em 9/1/1975; depois ARP, em 9/1/1976.

¹³⁴ No governo do general Costa e Silva a preocupação com a opinião pública originou a criação de Grupos de Trabalho para discussão sobre a imagem do regime. Detectada certa insatisfação, surgiram sugestões que incluíam a colaboração com o MEC para instituição de prêmios, calendários de eventos, comemorações. O coronel Hernani D'Aguiar, que estudara Relações Públicas na PUC-RJ, chefiou um grupo destinado a favorecer a imagem do presidente (FICO. *Op. Cit.* 1997. p. 90-93).

¹³⁵ Os coroneis Octávio Costa (1969/74) e Toledo Camargo (1976/78) sucederam ao coronel Hernani D'Aguiar (1968/69) na direção da Aerp/ARP. Ver: FICO. *Op. Cit.* 1997.

¹³⁶ Octávio Costa citado por FICO. *Op. Cit.* 1997. p. 94

¹³⁷ FICO. *Op. Cit.* 1997. Capítulo 5

¹³⁸ Palavras do general presidente Geisel. FICO. *Op. Cit.* 1997, p. 126

¹³⁹ FICO. *Op. Cit.* 1997. p. 23

O programa *Amaral Netto, o Repórter*, veiculado pela TV Globo, não fora, no entanto, encomendado pelo regime a essa agência, caso das peças propagandísticas estudadas pelo historiador. Ainda assim, esses filmes da série, embora se apoiassem igualmente na construção de um “otimismo sadio”¹⁴⁰, no poder de transformação e na construção de um *novo Brasil*, também parecem se identificar fortemente com o projeto de propaganda inspirado na ideia inicial do coronel Hernani D’Aguiar de manter a população permanentemente informada sobre *uma verdade*. A *verdade* do governo autoritário.

Nesse sentido, o projeto do coronel D’Aguiar remete a uma propaganda ofensiva que se assemelha à ideia de *guerra psicológica*, a tensão entre propaganda/contrapropaganda, ou a *guerra de propagandas*, como explicada pelo historiador francês Fabrice D’Almeida¹⁴¹ que trabalha com a problemática da propaganda. Embora essa proposição não tenha sido oficialmente abraçada ou patrocinada pela Aerp/ARP, a análise das fontes deste trabalho evidencia que essa estratégia pode ter sido adotada extraoficialmente¹⁴² não só na realização do programa *Amaral Netto, o Repórter*, mas também na forma da escolha dos temas, na forma de apoios de amplos setores do governo e do empresariado, de suporte material e logístico, de elogios e de sustentação ao mesmo. Realizados pela Plantel Editora, transmitidos pela TV Globo,

¹⁴⁰ Carta aos leitores da revista *Os Brasileiros*. Plantel Editora e Publicidade S.A./Amaral Netto, o Repórter. S/data.

¹⁴¹ D’ALMEIDA, Fabrice. *Images et Propagande*. XXe Siècle Casterman Giunti, 1995. p. 39

De acordo com d’Almeida, durante a Primeira Guerra a propaganda emergiu como instrumento a serviço da mobilização patriótica. E no período entre a Primeira e a Segunda Guerra a propaganda passou a ser o centro das preocupações dos regimes autoritários. Aí, pela primeira vez, a concentração total dos meios de comunicação na mão de um Estado permitiu o controle do imaginário. Para D’Almeida, o papel da propaganda nos países totalitários é tão importante que (de acordo com alguns autores), o termo propaganda totalitária chega a ser pleonástico, uma vez que a falta de concorrência de forças políticas permite à propaganda de Estado meios sem precedência, como nos casos da Alemanha nazista, da Itália fascista, da União Soviética comunista. (p. 39). Já a partir da Primeira Guerra chamou-se a essa guerra de propagandas de ‘guerra psicológica’, mas foi no período da Segunda Guerra que o fenômeno intensificou-se de forma universal. (p. 97-98). Cf. D’ALMEIDA, Fabrice. *Images et Propagande*. XXe Siècle Casterman Giunti, 1995.

¹⁴² Aproveito para agradecer ao Prof. Carlos Fico pelas importantes pontuações sobre essa possibilidade feitas durante a Qualificação de Doutorado.

esses filmes podem expressar o que parte da sociedade brasileira, em determinada época, pensava sobre o país.

Esta tese se desenvolve da seguinte forma:

No Capítulo 1, para melhor compreensão do fenômeno, traço um panorama sobre o tema *televisão*, contextualizando-a no Brasil. Um estudo sobre um programa televisionado não pode ignorar a dimensão das transformações sociais que ocorriam no Brasil no campo das comunicações, principalmente via televisão. Nem se pode ignorar que esse meio de comunicação se revelou um fenômeno social de enorme potencial de sedução e fascínio, ampliado ainda mais a partir das crescentes inovações tecnológicas no setor.

Considerando a vinculação imediata que desperta o nome do deputado Amaral Netto à sua autodenominada função de repórter, como eternizada pela memória, optei por apresentar em dois itens do capítulo os dois aspectos do objeto, da seguinte forma: 1) *Amaral Netto, o Repórter*, onde explico como se fundamentava o produto televisivo, apresento e analiso alguns trechos de filmes da série, e contextualizo a possível origem do programa; 2) e *Amaral Netto, o deputado*, onde abordo a atuação política do deputado Amaral Netto no golpe de Estado de 1964 e na subsequente ditadura, para tentar compreender as complexidades do respaldo social com que contou o regime autoritário e como isso sustentou a realização e exibição da série na televisão.

No Capítulo 2, com a ideia de trazer de forma integral e mais detalhada uma fonte fílmica da série *Amaral Netto, o Repórter*, trato de uma das primeiras reportagens de 1969, de título *Urubupungá*, seguida de uma análise com a contextualização dessa fonte. Essa reportagem ampara a discussão das perspectivas para o estudo da propaganda política do período da ditadura. Levo em consideração que existe uma identificação entre sociedade e governo para que este se

sustente. Portanto, parto de uma visão de propaganda que não vitimiza a sociedade considerando-a simplesmente *manipulada*¹⁴³.

Nos Capítulos 3 e 4, procurei inventariar os temas que foram abordados durante os 16 anos em que o programa foi veiculado. *Amaral Netto, o Repórter* era apresentado duas vezes por semana, sendo uma delas uma reprise aos sábados pelas manhãs. Dada a longa duração da exibição do programa, o volume de filmes, e a alternância dos dias da exibição principal do mesmo na televisão, optei por privilegiar essa última divisão. Mantive uma coerência cronológica e segui a linearidade temporal correspondente aos governos dos generais presidentes Arthur da Costa e Silva (final), Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo, em cujos contextos o programa de Amaral Netto foi transmitido.

A análise de episódios completos do programa e de trechos de outros permite perceber como eram construídas essas reportagens, quais as possíveis intencionalidades, perceptíveis pelas imagens, pelo texto, pelos patrocínios, entre outros elementos, a partir das fontes fílmicas. Não foi incomum que muitas dessas reportagens se ancorassem no estabelecimento de uma continuidade do passado mítico de conquista da terra e superação de dificuldades, ao mesmo tempo em que se trazia para o presente o futuro promissor e supostamente ainda não alcançado em razão de supostos *equivocos políticos* superados com a *revolução*. Esses filmes ajudam a compreender alguns dos diálogos que a ditadura conseguiu estabelecer com a sociedade, deixam perceber como o regime foi antes uma *construção social*¹⁴⁴ do que uma *imposição* como o discurso da memória acabou preferindo. Uma construção onde *consentimentos* de enormes

¹⁴³ A discussão sobre o tópico propaganda é uma ampliação a partir de referências bibliográficas já utilizadas em minha dissertação apresentada ao PPGH-UFF em 2011 (KRAUSE, Katia. *O rato vai à guerra: como o Mickey Mouse se tornou uma imagem de poder dos EUA, 1928-1946*. 2011. 203f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011), acrescida de novas contribuições a partir das leituras e discussões do curso de doutorado.

¹⁴⁴ ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Apresentação.

parcelas da sociedade civil tiveram papel fundamental em dados momentos ao longo do período compreendido entre 1964-1985, o que não significa dizer que a coerção exercida pelo regime tenha sido desimportante.

No Capítulo 5, faço uma análise das aferições do Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística - IBOPE durante os anos de exibição do programa, principalmente o período de 1969 a 1979, cujos dados no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth estão microfilmados. Dados sobre a audiência são indispensáveis para se compreender a ressonância e a longevidade do programa *Amaral Netto, o Repórter*, embora seja importante não esquecer que “as manifestações explícitas e visíveis dão apenas uma legibilidade parcial à opinião”¹⁴⁵, como bem lembrou Pierre Laborie.

No Capítulo 6, trato do papel que *Amaral Netto, o Repórter* ocupa na construção de memória, já que imbrica com a construção de memória da televisão e da própria TV Globo. Nesse processo, o programa acabou objeto de certo *repúdio*, uma ideia que considero melhor traduzida no campo da História pelo conceito de *resistência cultural*¹⁴⁶ durante o regime autoritário. Uma ideia que é usualmente despertada no imaginário pós-ditadura quando se fala - ou se esquece - desse (e de outros) longo produto televisivo. Isso é importante para que se possa entender o lugar de *Amaral Netto* e de seu programa na construção da memória coletiva, na construção de memória da televisão, e da TV Globo sobre si mesma.

Este é um estudo sobre um objeto que conta muitas histórias. Esses filmes, e a memória sobre eles, não são testemunhos de um só evento. Eles não testemunham apenas a ditadura. Esses filmes mostram-nos a mentalidade de uma época sobre temas como desenvolvimento,

¹⁴⁵ LABORIE, Pierre. Memória e Opinião. In: AZEVEDO; ROLLEMBERG; KNAUSS; BICALHO; QUADRAT. *Op. Cit.* 2009. p. 79-97.

¹⁴⁶ A discussão sobre *resistência* decorreu do Seminário *O problema da resistência em regimes autoritários: História e Memória*, ministrado pela Prof^a Denise Rollemberg, na UFF, em 2012.

modernização, progresso, ordem, educação, segurança nacional, natureza, ecologia, e sobre o próprio Brasil e os brasileiros. Mostram também que a ideia de que Amaral Netto foi apenas um propagandista da ditadura é incompleta. E mostram-nos, sobretudo, como graças ao alcance de uma narrativa audiovisual exibida pela televisão, esses temas circulavam. Mesmo que não fossem unanimidade, ou que não se concordasse necessariamente com eles, tinham ressonância em todo o país.

CAPÍTULO 1 – *Meninos, eu vi!*

1.1. Televisão no Brasil, TV Globo

Para que se fale do jornalismo como narrativa audiovisual da televisão num trabalho historiográfico, é indispensável uma rápida incursão no tema *televisão*. Isso porque o meio de comunicação televisão (e o *fazer televisão*) tem uma lógica própria de funcionamento que cabe compreender. Para além disso, a relevância para esta tese de que se compreenda tanto o veículo *televisão* quanto a TV Globo, especialmente, deve-se à memória construída sobre o programa de Amaral Netto, sobretudo a partir do processo de abertura e de redemocratização. Uma memória que dá conta de uma suposta *imposição* do programa à emissora durante a ditadura.

Assim, não se pode deixar de mencionar brevemente, mesmo correndo o risco da redundância, Marc Ferro e seus estudos pioneiros sobre a relação entre cinema e história que também servem de base aos estudos de narrativas audiovisuais da televisão. Segundo o autor, as imagens propagadas pelo cinema têm o poder de evidenciar muito mais que o conteúdo meramente ilustrativo¹⁴⁷. Podem mesmo revelar “o avesso de uma sociedade”¹⁴⁸. Esses estudos mostram que, entre outros tópicos, é imprescindível considerar os elementos externos à produção fílmica para proceder à análise histórica de uma narrativa audiovisual.¹⁴⁹ Ou seja, há que se considerar o filme em si, mas também seus produtores, seus autores, o público, a crítica, o veículo onde foi exibido, o contexto político no qual foi produzido, entre outros aspectos.

A análise dos filmes da série *Amaral Netto, o Repórter*, portanto, mas também a atenção para com as complexidades do ato de olhar, pode ajudar a compreender como os recursos da

¹⁴⁷ O que também vale para a televisão, o teatro, a literatura, a fotografia, a pintura, etc.

¹⁴⁸ FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992. p. 86

¹⁴⁹ *Idem*.

narrativa audiovisual puderam ser utilizados com a intenção de surtir efeitos didáticos, de atração, ou com a finalidade “de cooptar pessoas, de moldar preferências e compartilhar valores intangíveis”¹⁵⁰. Pode-se tentar reconhecer, aí, discursos sobre identidade e nação nos filmes produzidos por Amaral Netto, além de tentar vislumbrar possíveis intencionalidades e reconhecer a substância social sobre a qual foram construídos. E reconhecer que sentido(s) esse programa representou. O que não significa dizer que quaisquer intenções tenham sido alcançadas como imaginadas.

Como se sabe, o aparelho *televisão* foi inventado e aprimorado nos anos 1920/30. Mas só ao final da Segunda Guerra é que se estabeleceu como um meio de organização e difusão semelhante ao do rádio.

Nos EUA, a televisão surgiu de forma comercial, nos anos 1950, sustentada por anúncios publicitários.¹⁵¹ No Brasil, como apontou Monica Kornis, já nasceu fazendo referência a aspectos da cultura brasileira, como o logotipo de índio estilizado da TV Tupi, tal a homônima emissora de rádio e o programa *O cacique do ar*¹⁵². Introduzida no país por Assis Chateaubriand¹⁵³, em

¹⁵⁰ Essa estratégia remete ao *soft power*, como teorizado por Joseph Nye e desenvolvido em *Bound to Lead* (1990). O *soft power* - um poder de atração, nas palavras de Nye - seria o poder brando que descreve a capacidade de um Estado para influenciar indiretamente o comportamento ou os interesses de outros Estados (e outras culturas) pela utilização de meios associados ao campo da Cultura, atraindo, cooptando pessoas, moldando preferências, compartilhando valores intangíveis, contrastando com o *hard power*, que historicamente foi a medida realista de poder predominante. Cf. NYE, Jr., Joseph. S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. 2004.

Uso os termos que Nye utilizou para a política externa porque se adequam à intenção do que pretendo demonstrar.

¹⁵¹ HAGEMAYER, Rafael Rosa. *História & Audiovisual*. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

¹⁵² KORNIS, Mônica. Ficção televisiva e identidade nacional: o caso da Rede Globo. In: CAPELATI, Maria Helena. MORETTIN, Eduardo. NAPOLITANO, Marcos. SALIBA, Elias Thomé. *História e Cinema*. São Paulo: USP – Editora Alameda, 2007. p. 99

¹⁵³ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, (04/10/1892 -PB - 04/04/1968-RJ) foi um dos homens mais poderosos e influentes do Brasil nas décadas de 1940-60. Jornalista, empresário, foi senador 1952-57. Atuava como mecenas, além de ser advogado, professor de direito, escritor, e membro da ABL. Magnata das comunicações no Brasil do final dos anos 1930 até os anos 1960, foi dono dos *Diários Associados*, maior conglomerado de mídia da América Latina, com mais de cem jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agência telegráfica. A construção desse império teve base em interesses e compromissos políticos, como a proximidade com Vargas. Responsável pela chegada da TV ao Brasil, Chatô foi criador, com Pietro Maria Bardi, e fundador, do MASP(1947). Foi polêmico, controverso, amado, odiado e temido.

setembro/1950, a TV Tupi de São Paulo, Canal 3, foi pioneira na América do Sul, num Brasil que contava então com poucos aparelhos televisores, importados para fins de demonstração.

Desde o início, a televisão no Brasil foi um empreendimento comercial. Caracterizou-se como um veículo publicitário, seguindo o modelo comercial americano, como lembra o jornalista Sérgio Mattos¹⁵⁴. A Chateaubriand coube o mérito de ter conseguido mobilizar o empresariado brasileiro para levantar os recursos, enquanto mobilizava o governo para autorização da concessão, e a curiosidade do público dos *Diários Associados* para esse novo meio de comunicação cujo alcance não se podia ainda vislumbrar totalmente.

A historiadora Maria Luiza Gonçalves Baracho lembra que “não há, no discurso inaugural da TV Tupi, referência à televisão como veículo de informação e cultura”¹⁵⁵. Falou-se, então, do progresso do país e foram enaltecidos as empresas e bancos que sustentaram financeiramente o início do empreendimento. É importante enfatizar isso, para não se incorrer em anacronismos sobre o papel social da televisão a partir de expectativas e exigências que só iriam aparecer muito posteriormente.

Em 1951, foi inaugurada a TV Tupi do Rio de Janeiro. O jornalista Inimá Ferreira Simões considera que a principal preocupação de Chateaubriand foi tentar saber se o país tinha condições mercadológicas para absorver e sustentar tão caro veículo¹⁵⁶. Simões lembra que, embora contasse com apoio empresarial, a primeira TV brasileira era marcada por total improvisação. A precariedade, característica muito ressaltada na construção de memória sobre a televisão no

Sobre Assis Chateaubriand, ver:

MORAIS, Fernando. *Chatô. Rei do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

SIMÕES, Inimá Ferreira. TV à Chateaubriand. In: COSTA, Alcir Henrique da; SIMÕES, Inimá Ferreira; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

¹⁵⁴ MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2002.

¹⁵⁵ BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. Televisão Brasileira: uma (re)visão. In: *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*. Abril / Maio/ Junho de 2007 Vol. 4 Ano IV nº 2.

¹⁵⁶ SIMÕES. *Op. Cit.*

Brasil durante seus primeiros vinte anos, tanto da programação quanto da própria produção e da tecnologia, não impediu que o número de aparelhos televisores crescesse “em ritmo constante, ainda que moroso” e que a TV se tornasse, socialmente, um “fator de reunião dentro de um espaço delimitado”¹⁵⁷.

Isso acontecia num Brasil com enormes limitações técnicas e tecnológicas não só na televisão, mas de infraestrutura em inúmeros setores. Em muitos lugares do Brasil sequer havia acesso à energia elétrica. A telefonia era um serviço ainda precário. Ademais, o raio de alcance desses canais era restrito. E eles funcionavam de forma autônoma, embora pertencessem à mesma empresa, como os do conglomerado de jornais, rádio e televisão dos *Diários Associados*.

Os canais de TV tinham uma razoável autonomia tanto em relação aos programas que levavam ao ar, quanto às estratégias de negociação para compra de direitos de exibição de seriados e produção de programas, assim como em relação à colocação de comerciais no ar. Mesmo os regionais, fora do eixo principal Rio de Janeiro - São Paulo, perceberam logo que a televisão precisava gerar capital para ser um negócio viável.¹⁵⁸

Na cronologia da expansão da televisão como fenômeno no Brasil¹⁵⁹, a trajetória das televisões, incluindo o fenômeno TV Globo, é marcada, principalmente, por relatos memorialísticos e jornalísticos. Percebe-se ali que há uma ideia de que a história da televisão no Brasil deve ser contada *a partir da história da TV Globo*. Uma ideia naturalizada de que a

¹⁵⁷ SIMÕES. *Op. Cit.*

¹⁵⁸ BARACHO. *Op. Cit.*

¹⁵⁹ Em 1953, São Paulo já contava com três canais. Além da TV Tupi, a TV Paulista (canal 5, 1952) e a TV Record (canal 7, 1953). No Rio de Janeiro, além da Tupi (canal 6, 1951), surge em 1955, a TV Rio (canal 13); no mesmo ano, a TV Itacolomi (do grupo de Assis Chateaubriand, em Belo Horizonte). Em 1959, a TV Continental (canal 9, Rio de Janeiro); em 1960, as TV Excelsior (canal 2, São Paulo) e TV Cultura (também do grupo de Assis Chateaubriand). Em 1962, a TV Gaúcha, primeira a interligar estações formando a primeira rede de televisão no Brasil, a futura RBS-TV. Outros canais surgiram, como a TV Belo Horizonte, a TV Alvorada (Brasília), TV Juiz de Fora, TV Piratini (Porto Alegre), TV Salvador, TV Rádio Clube (Recife), entre outros.

Segundo Joe Wallach, em 1965, o grupo de Chateaubriand tinha estações em 16 cidades. Cf. WALLACH, Joe. *Meu capítulo na TV Globo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2011. p. 88

história da TV Globo *é* a própria história da televisão no Brasil, ou que esta *começa com a Globo*, ou que *com ela se confunde*. Uma percepção que remete ao marco zero das narrativas míticas, “uma ruptura com o passado” de que fala o historiador francês Jacques Le Goff¹⁶⁰. Não obstante, há que se reconhecer que existe todo um vocabulário e uma coleção de práticas consolidadas pela Globo, indispensáveis para quem deseja estudar o veículo *televisão*.

A ideia do fenômeno Globo como *modelo de televisão* era reconhecida em análises críticas sobre a televisão no Brasil, como as da série sobre os *Anos 70* compilada por Aduino Novaes, pela Funarte, ainda em 1979¹⁶¹. E continua a sê-lo em análises como *A deusa ferida*, de 2000, que tenta mostrar um suposto declínio da Globo por ter deixado de ser a “campeã absoluta de audiência” nos anos 1990¹⁶². É verdade que já se percorreu um longo caminho na compreensão da TV Globo, para muito além da proposição da psicanalista Maria Rita Kehl, na série acima citada, de que a emissora fosse “a síntese da televisão brasileira” daquela década enquanto o espectador brasileiro era “o homem expropriado de sua condição de ser político”¹⁶³.

É preciso destacar que a ideia de que a televisão brasileira passou a existir como fenômeno quando a TV Globo criou “seu próprio modelo”¹⁶⁴ tem a ver com “o avanço da racionalidade empresarial”¹⁶⁵ nos setores da área cultural durante a ditadura, como mostrou Renato Ortiz. Foi principalmente a TV Globo que soube fazer o equilíbrio entre o trabalho autoral e o industrial na área cultural.

Portanto, cabe um olhar sobre a lógica da TV Globo, lembrando que foi no panorama de uma tecnologia ainda precária, no complexo quadro político que antecedeu e sucedeu o golpe

¹⁶⁰ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 203

¹⁶¹ CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. *Op. Cit.* 1979-80.

¹⁶² BORELLI, Silvia Helena Simões; PRIOLLI, Gabriel (Orgs.) *A deusa ferida*. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

¹⁶³ KEHL, Maria Rita. Um só povo, uma só cabeça, uma só nação. In: CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. *Op. Cit.* 1979-80.

¹⁶⁴ *Idem*. p. 6-11

¹⁶⁵ ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: AARÃO REIS; RIDENTI; MOTTA. *Op. Cit.* 2014. p. 112-127

civil-militar de 1964, que Roberto Marinho, então dono do jornal *O Globo* e da rádio *Globo*, conseguiu a concessão e preparou a instalação de sua emissora¹⁶⁶. Ainda antes do aparecimento da TV Globo, em 1965, não era incomum que muitas das primeiras atrações televisivas contassem com o patrocínio explícito de empresas privadas.¹⁶⁷ A programação era estabelecida basicamente pelos anunciantes, que também viabilizavam a produção dos programas¹⁶⁸. A ideia de que as empresas privadas se utilizassem da televisão como meio para divulgação de seus produtos, ou associassem sua *marca* a essas atrações, não era considerada estranha nem abusiva, nem contestada entre os telespectadores ou pela sociedade. E se hoje um dos fundamentos do *bom* jornalismo é que ele deve ser apartado da publicidade, durante pelo menos as duas primeiras décadas da televisão não pareceu estranho que empresas denominassem os telejornais que patrocinavam. Mesmo que o veículo fosse de antemão uma concessão de serviço público, assim como acontecia com o rádio. Iniciada no período democrático dos anos 1950, a prática não sofreu alteração de continuidade com o golpe civil-militar ou com a instauração do regime autoritário.

¹⁶⁶ Roberto Marinho, dono do jornal *O Globo* e da rádio *Globo*, conseguiu com Juscelino Kubitschek a concessão para instalar um canal de televisão, pelo Decreto do Executivo nº 42.940, de 30/12/1957, em nome da Rádio Globo. Em 1965, quando a TV Globo estava prestes a ser efetivamente inaugurada, esse decreto foi revogado pelo Decreto do Executivo nº 55.782, de 19/02/1965, que transfere a concessão para a TV Globo Ltda. Cf. Legislação- Governo Federal. Disponível em <http://www4.planalto.gov.br/legislacao>, acesso em abril/2014.

Já Oliveira Sobrinho, em seu *O livro do Boni*, afirma que o canal 4, da TV Globo, foi concedido ainda em 1951, pelo Presidente Eurico Dutra. Getúlio Vargas teria revogado a concessão em 1953. JK a devolveu em 1957 e Goulart outorgou uma concessão para funcionamento do canal em Brasília, em 1962. A partir daí, foram adquiridas geradoras de outros grupos. A TV Globo também teria solicitado canais em João Pessoa e Curitiba, negados pelo governo, em 1978. Cf. OLIVEIRA SOBRINHO. *O livro do Boni*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.p. 443-444.

Em entrevista ao programa *Roda Viva*, TV Cultura, 14/09/2010, Boni chegou a afirmar que a concessão teria sido dada por JK “numa folha de guardanapo” e só depois oficializada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hvanc1rjNwQ>, acesso em 14/08/2013.

Ver também: WALLACH. *Op. Cit.* 2011.

¹⁶⁷ Era assim que funcionava o *Telejornal Brahma*, primeiro noticioso da TV Tupi (LIMA E SILVA, Luís Sérgio. *TV Tupi do Rio de Janeiro*. Uma viagem afetiva. Coleção Aplauso. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 30). E o *Repórter Esso* (na Tupi, patrocinado pela *Standard Oil Company of Brazil*), com o qual o *Ultranotícias* (na Globo, patrocinado pela *Ultragaz*) passou a concorrer em janeiro/1966 (WALLACH. *Op. Cit.* 2011. p. 88). E ainda, o *Circo Bom Bril*, o *Teleteatro Vespéral Trol*, também na Tupi, ou o *Telejornal Pirelli*, a *Resenha Facit*, na TV Rio. Também o *Espetáculos Tonelux*, show de variedades que chegou a ser exibido nas TVs Continental, Rio, Excelsior, Tupi e Globo. Havia ainda o *Teatro Good Year*, a *Telenovela Mappin*, o *Recital Johnson*, a *Ginkana Kibon*, entre tantas outras atrações patrocinadas que incorporavam explicitamente o nome da empresa no título do programa.

¹⁶⁸ GOMES. *Revista FAMECOS - Dossiê Ditadura. Op. Cit.*.

A TV Globo, com o tempo, foi além dessa ideia de patrocínio, transformando-se ela mesma também num produto e numa marca a ser comercializada, tornando-se ao mesmo tempo a principal vitrine de seus próprios produtos. Tanto para os que produzia quanto para os de outras áreas do conglomerado¹⁶⁹. Gradualmente, a emissora se especializou e profissionalizou o *merchandising* na TV. Por trás desse sucesso parece estar a compreensão, logo nos primeiros anos, e diferente das outras emissoras que então existiam, de que o conceito do valor do tempo é um dos mais importantes na televisão. Assim como a compreensão da máxima anunciada por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, que resume o espírito e a motivação por trás desse empreendimento: “a palavra fundamental da televisão é essa: espetáculo. Se não for espetáculo, tá perdido, não funciona”¹⁷⁰. Para se entender como isso funciona, basta dizer que o conceito do espetacular e/ou fantástico se materializou, na TV Globo, num programa chamado *Fantástico* que exibe, desde 5/08/1973 até hoje, ininterruptamente, os mais variados assuntos, de banalidades do dia a dia a descobertas científicas, com o atributo *fantástico*.

Autores como Inimá Ferreira Simões, Alcir Henrique da Costa, na década de 1970, e Itania Gomes, mais recentemente, chamam a atenção para a continuidade de procedimentos, na TV Globo, que já eram correntes em outros canais que existiam quando a Globo foi fundada.¹⁷¹ A

¹⁶⁹ Vale lembrar que a TV Globo era parte de uma organização que já incluía o jornal e a rádio *Globo*, e passou a incluir posteriormente a gravadora de música *Som Livre*, uma produtora de filmes, a *ICB - Indústria Cinematográfica Brasileira* entre outras atividades que se expandiram e que hoje abrangem jornais, revistas, editora, canais de TV a cabo, *internet*, e mais.

Segundo Walter Clark, a ICB não teria sido levada adiante, mesmo depois de produzir uma filmografia relevante (*A Estrela sobe* de Bruno Barreto, *Guerra Conjugal*, de Joaquim Pedro, *O crime do Zé Bigorna e Isso é Pelé*) e de distribuir outros filmes de menor sucesso. Ele credita isso à relutância de Roberto Marinho em concorrer com Severiano Ribeiro e Harry Stone, seus amigos pessoais, que então dominavam o mercado cinematográfico brasileiro (CLARK, Walter; PRIOLLI, Gabriel. *O campeão de audiência*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991. p. 266).

¹⁷⁰ *Boni no Programa do Jô*. Canal de televisão GNT. Exibição em 28/11/2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4HAyvW73RWQ>, acesso em agosto/2012.

¹⁷¹ COSTA, Alcir Henrique da. Rio e Excelsior: Projetos fracassados? In: SIMÕES, Inimá F; COSTA, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1986. E também em SIMÕES. *Op. Cit.* e em GOMES. *Op. Cit.*

TV Excelsior, por exemplo, já funcionava com a noção da própria grade de programação¹⁷² horizontal e vertical.¹⁷³ A TV Rio já tinha um jornal chamado *Nacional* (às 20:00 horas), porque patrocinado pelo então *Banco Nacional* e que, inclusive, funcionava com uma ligação de microondas, base da tecnologia da rede, entre Rio de Janeiro e São Paulo¹⁷⁴, destacando-se dos demais. Costa também lembra que a TV Tupi trouxera o programa *Repórter Esso* do rádio para a televisão, mas que a TV Rio inovou trazendo a própria voz do *Repórter Esso* do rádio, o locutor Heron Domingues, para seu *Jornal Nacional*, lançando a ideia de uma bancada com dois locutores¹⁷⁵. Até setembro/1969, a Tupi liderava em todas as frentes, até que a TV Globo lançou o *Jornal Nacional* com o mote “a notícia unindo 60 milhões de brasileiros”¹⁷⁶, que passou a ser transmitido pela EMBRATEL, já alinhado ao projeto de integração nacional do governo militar, ampliando sua audiência.

É necessário dimensionar que a criação do *Jornal Nacional* pela TV Globo pode não ter feito apenas parte de uma *orquestração mancomunada* entre a emissora e o governo, mas ser parte do resultado de uma estratégia provinda da percepção de uma oportunidade à conta de certo desinteresse das outras emissoras em ocupar o nicho representado pelo telejornalismo. Em 1968, a revista *Veja* informava que grande parte das emissoras de televisão não cumpriam sequer os 5% do tempo de transmissão exigido legalmente pelo CONTEL, o Conselho Nacional de Telecomunicações¹⁷⁷. Vigente até hoje, aliás, o percentual mínimo de transmissão *com finalidade*

¹⁷² A *grade de programação* mostra horizontalmente a programação da emissora de segunda a domingo; e verticalmente, da manhã à noite. Foi originalmente usada pela TV Excelsior e é hoje adotada, com maior ou menor rigor, em praticamente todos os canais de televisão no Brasil.

¹⁷³ Cf. GOMES. *Op. Cit.* e Cf. SIMÕES. *Op. Cit.*

¹⁷⁴ COSTA. *Op. Cit.* p. 133.

¹⁷⁵ O outro apresentador era Léo Batista, hoje ainda atuante na TV Globo.

¹⁷⁶ Esse mote era anunciado por Cid Moreira sobre a música de fundo tema do *Jornal Nacional* em 1969.

¹⁷⁷ O CONTEL e o Código Brasileiro de Telecomunicações foram criados em 1962, pela Lei 4.117, 27/08/1962. A finalidade informativa a partir de serviço noticioso era definida pelo Art. 38, Alínea H. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4117-27-agosto-1962-353835-norma-actualizada-pl.html>, acesso em 14/08/2015.

informativa a ser cumprido com *serviços noticiosos* não era então respeitado. Segundo a revista, até ali, o interesse das emissoras com a entrada do Brasil na era das telecomunicações planejada com a infraestrutura da EMBRATEL ainda se concentrava tão somente na (então futura) recepção de imagens da Copa do Mundo de 1970. Mesmo com o baixíssimo investimento geral no telejornalismo, cujos profissionais muitas vezes improvisados, recebiam muito pouco, e cujo equipamento era precário, só duas emissoras, as TVs Tupi e Globo, eram as que mais investiam em jornalismo àquela altura. No final de 1968, com a previsão da inauguração da rede nacional de microondas da EMBRATEL, a Tupi planejava entrar em cadeia nacional com seu *Repórter Esso*, enquanto a Globo planejava um telejornal internacional.¹⁷⁸

É importante lembrar que o CONTEL, criado em 1962, no governo João Goulart, autorizava o governo federal a constituir uma empresa pública, a futura EMBRATEL. No mesmo ano, foi criada a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão-ABERT, cuja primeira conquista foi a mudança no prazo de concessão de três para 15 anos, vigente até hoje.

A EMBRATEL foi constituída como empresa pública pelo governo brasileiro em 1965. No ano seguinte, adquiriu a Cia Telefônica Brasileira – CTB e, em 1967, assinava seus primeiros contratos para levantamento da rota do Tronco Sul e para instalação da Estação Terrena de Comunicações por Satélite, em Tanguá-RJ. A empresa passou a exercer o controle sobre todos os equipamentos e operação das telecomunicações interestaduais e internacionais do país no ano de 1969.¹⁷⁹ Em 1970, o governo militar investia fortemente na criação dos canais de microondas e em estações repetidoras que ampliaram a rede da EMBRATEL. A infraestrutura dependia também de instalações de torres retransmissoras de sinais de televisão, que a empresa viabilizou

¹⁷⁸ Revista *Veja*. Edição 11, 20/11/1968, p. 64.

¹⁷⁹ História da EMBRATEL. Cf. disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/09/embratel-faz-um-21.html>, acesso em 26/01/2013. E em: http://www.embratel.com.br/Embratel02/cda/portal/0,2997,PO_P_14,00.html, acesso em 26/01/2013.

de 100 em 100 km, na época, alugando os *links* e impondo as regras de transmissão.¹⁸⁰ Vale ressaltar que o governo de JK já investira nas transmissões a distância. Num evento isolado, a TV Tupi havia sido a primeira a ocupar um *link*, quando transmitiu a inauguração de Brasília em 1960, através de 1200 km com sete ou oito torres. Ou seja, a ideia de uma rede integrando o país pela comunicação, via televisão, já amadurecia no Brasil desde meados dos anos 1950.

Quando a TV Globo surgiu em 1965, alguns dos conceitos que faziam funcionar o veículo *televisão* já estavam sedimentados no meio. Mesmo que classificados como “primários” por Boni o que, de fato, parecem ter sido as amadorísticas produções de TV, se comparadas ao que se tornou a Globo a partir da década de 1970. Para ele, a implantação de uma “filosofia de programação”¹⁸¹ é que foi o diferencial que organizou e sobre o qual se consolidou a (futura) poderosa estrutura da TV Globo. Mas ele também chama a atenção para a importância que as grades de programação sempre tiveram nas rádios, de onde, aliás, tanto Boni quanto Walter Clark, alto executivo da Globo de 1967 a 1977, também trouxeram anos de experiência. Além disso, ambos tinham enorme experiência do meio publicitário. Clark trabalhava na TV Rio, em dezembro/1965, quando foi convidado por Marinho para se transferir para a Globo¹⁸². Em março/1967, Clark convidou Boni a se juntar à equipe. A essa altura, a TV Rio já ultrapassava a Tupi e a Record em faturamento, embora ainda houvesse muita instabilidade e heterogeneidade na programação.¹⁸³ Na Globo, com *carta branca* de Roberto Marinho, Clark trabalhava com a percepção de que o item principal a ser comercializado na TV é o tempo “como um produto

¹⁸⁰ Mauricio Shermann *apud* KEHL. Op. Cit. 1986. p. 190-191

¹⁸¹ SILVA JÚNIOR, Gonçalo. *País da TV*. São Paulo: Conrad Livros, 2001. Entrevista com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, p. 49

¹⁸² CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 163-164

¹⁸³ *Idem.*, p. 101-102

fechado, um pacote”¹⁸⁴, embora reconhecesse as dificuldades para que se obtivesse, no início dos anos 1960, “um valor confiável para se estabelecer o preço de um comercial de TV”¹⁸⁵.

Foi nessa lógica comercial que a TV Globo começou a inovar, entendendo que deveria acabar com o sistema dos patrocinadores *fazerem televisão*. A televisão passaria a ser feita pela televisão, no caso, a própria emissora TV Globo. Ou seja, não se tratava de uma mudança fundamentada em valores ideológicos políticos, mas de estratégia mercadológica.

Paralelamente, a TV Globo passou a investir num processo de alcance *universal* de suas produções. Boni propôs adotar no processo da televisão a estrutura do cinema americano¹⁸⁶, e aproveitar, inclusive, a produção característica do cinema na forma de orçamentar, roteirizar e criar. Em relação aos conteúdos, passou a buscar ampliar o alcance de interesses para incluir na categoria de espectadores todas as faixas etárias, gêneros e classes sociais.¹⁸⁷

Joe Wallach, o executivo que representava o grupo Time-Life¹⁸⁸ no Brasil, avalia que “foi uma verdadeira luta pela sobrevivência, o que resultou numa acirrada competição e numa limitação para a quantidade e a qualidade da produção local”¹⁸⁹, porque a emissora entrou num núcleo inicial de competição que já tinha cinco estações importantes no Rio de Janeiro e quatro

¹⁸⁴ Até Clark, a prática então corrente era a da veiculação de anúncios somente nos horários de maior audiência. Clark inverte essa lógica e cria a estratégia do “pacote”, ou seja, quem quisesse anunciar no horário nobre era obrigado a anunciar também em outros horários. Cf. KEHL. *Op. Cit.* 1986. p. 175

¹⁸⁵ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 107

¹⁸⁶ Boni credita a experiência da TV Globo com a adoção do processo do cinema à contribuição de Joe Wallach.

¹⁸⁷ Entrevista de José Bonifácio e Oliveira Sobrinho ao programa *Roda Viva*, TV Cultura, 13/09/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hvanc1rjNwQ>, acesso em 14/08/2013.

Entrevista de José Bonifácio e Oliveira Sobrinho ao programa *Conexão Roberto D’Avila*. TV Brasil. 11/12/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bRB3WWBT6Ak>, acesso em 14/08/2013.

¹⁸⁸ A Time-Life é um grupo multinacional estadunidense que adquiriu canais de TV também em países da América Latina na década de 1960. No Brasil, a legislação impunha restrições a proprietários estrangeiros de companhias de rádio-fusão. Roberto Marinho buscou recursos financeiros e fez parceria com a Time-Life para montar a TV Globo, num acordo que previa que o dinheiro da Time-Life fosse empregado nos equipamentos, mas não na licença. Para isso a Time-Life ficaria com participação nos lucros, em troca também de “assistência técnica”. A Marinho caberia a direção do negócio. Joe Wallach foi o executivo incumbido dessa assessoria no Brasil. Em 1966 o acordo foi denunciado e foi instaurada uma CPI para averiguação. Em 1967, o consultor-geral do governo de Castelo Branco, Adroaldo Mesquita da Costa emitiu um parecer considerando que não havia uma sociedade entre as duas empresas (Memoria Globo). Em 1969, o governo Costa e Silva volta a considerar ilegais os acordos e a emissora é nacionalizada, saldando as dívidas de nacionalização até 1975 (KEHL. *Op. Cit.* 1986. p. 183).

¹⁸⁹ WALLACH. *Op. Cit.* 2011. p. 92-93

em São Paulo, um quadro com excesso de estações para o tamanho da audiência e do mercado publicitário. E ainda afirma que nos primeiros anos em que foi sócio no empreendimento estava bastante claro o objetivo da Globo: “a televisão era mais para integrar do que para entreter”¹⁹⁰.

A TV Globo entrou na competição disposta a deixar o amadorismo para trás, a transformar a televisão num negócio lucrativo e a investir pesadamente no projeto. Isso significava deixar para trás, por exemplo, uma lógica que fazia com que um grande sucesso produzido e exibido pela TV Tupi de São Paulo, como a novela *O direito de nascer* (1964-1965), fosse exibido no Rio de Janeiro pela competidora TV Rio¹⁹¹. Ou seja, havia que se implantar uma lógica empresarial racional e competitiva na nova emissora.

Na memorialística, é a Boni e Clark que cabe o mérito de terem instaurado o que passou a ser conhecido como o *padrão Globo de qualidade*, um suposto padrão de produção e de excelência auto-imposto, e que representava o modelo de televisão praticado pela emissora. Nesse projeto, contaram com a contribuição de outros profissionais¹⁹² como Borjalo (diretor artístico e de criação), Armando Nogueira (diretor de jornalismo), Renato Pacote (diretor de cenografia), Augusto César Vanucci (diretor de programas) e Daniel Filho (diretor de novelas). E ainda de José Ulisses Arce (diretor comercial) e do acima mencionado Joe Wallach¹⁹³. Seu objetivo inicial era a formação de uma rede nacional de televisão a partir do reforço do núcleo do

¹⁹⁰ *Beyond Citizen Kane*. Op. Cit.

¹⁹¹ *Idem*.

¹⁹² GONÇALO JUNIOR. Op. Cit. Entrevista com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, p. 48

¹⁹³ Wallach continuou como assessor técnico da Time-Life na emissora mesmo depois do rompimento do contrato *Globo - Time-Life*, considerado ilegal por uma CPI na Câmara dos Deputados, iniciada em 1966, em razão da denúncia de inconstitucionalidade da "assessoria técnica" prestada pela Time-Life à Globo.

Sobre a relação da TV Globo - Time-Life, ver:

WALLACH. Op. Cit. 2011.

BIAL. Op. Cit. 2004.

HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1987.

CARVALHO, Elisabeth. O modelo econômico: uma só nação, um só mercado consumidor. In: CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. Op. Cit. 1979-80.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5270-p-21890,00.html>, acesso em 26/01/2013

Rio de Janeiro¹⁹⁴, o que, aliás, já haviam tentado propor a outras emissoras anteriormente, sem sucesso. Boni já havia, inclusive, colocado uma ideia similar em prática na TV Tupi, em 1966, o *Telecentro*, uma tentativa de programação única em rede nacional, que só durou um ano.¹⁹⁵

Não se pode esquecer que, enquanto a TV Globo tentava ainda se estabelecer e conquistar audiência, mais duas emissoras surgiram em São Paulo. Em 1967, a TV Bandeirantes¹⁹⁶; e em 1970, a TV Gazeta¹⁹⁷. Como mostram Silva Borelli e Gabriel Priolli, todas as outras emissoras da era pré-Globo, e mais as duas novas, estavam em funcionamento quando as primeiras redes se formaram. Só em 1981 foi implantado o SBT- Sistema Brasileiro de Televisão, de Silvio Santos. E em 1983, a TV Manchete, de Adolpho Bloch. Ambas concessões do general presidente Figueiredo. A esta altura tanto a TV Excelsior quanto a TV Tupi já estavam extintas. A primeira por problemas com a ditadura, em 1970¹⁹⁸; e a segunda em 1980, por problemas financeiros¹⁹⁹.

¹⁹⁴ GONÇALO JUNIOR. *Op. Cit.* Entrevista com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, p. 46-47

¹⁹⁵ LIMA E SILVA. *Op. Cit.* p. 184-191

¹⁹⁶ A TV Bandeirantes foi fundada em 13/05/1967, por João Jorge Saad (1919-1999), dono da Rádio Bandeirantes. Saad era casado com a filha de Ademar de Barros (1901-1969), importante político desde 1932, governador de SP até seus direitos políticos serem cassados por Castelo Branco em junho/1966, embora tivesse apoiado o golpe civil-militar de 1964. Ademar de Barros era o antigo proprietário da Rádio Bandeirantes, onde Saad passou a trabalhar e acabou assumindo o controle da empresa em 1951.

De acordo com o DHBB/CPDOC, Getúlio Vargas havia concedido a Saad a exploração de um canal de televisão ainda na primeira metade da década de 1950. Essa concessão foi cassada por Juscelino Kubitschek, e recuperada por Saad no governo Goulart. Mas só em 1967 Saad conseguiu colocar a emissora no ar. Após um incêndio, em 1969, a Bandeirantes foi a primeira emissora a produzir e transmitir, integralmente, a partir de 1972, toda a programação em cores. Cf. Verbetes: *Rede Bandeirantes* e *Ademar de Barros*. DHBB/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acesso em 1º/12/2013.

A emissora é parte hoje do Grupo Bandeirantes de Comunicação (redes de rádio, de televisão, jornais impressos, internet), presidido por João Carlos Saad. Cf. <http://www.band.uol.com.br/grupo/grupo.asp>, acesso em 1º/12/2013.

Vale ressaltar que todas as informações na internet, exceto as do DHBB/CPDOC e do próprio Grupo (que não contém informações sobre concessões), dão conta de que a concessão original do canal foi dada pelo Gen. presidente Costa e Silva. Essa parece ser uma construção de memória que relaciona a concessão ao regime autoritário.

¹⁹⁷ De acordo com o DHBB/CPDOC, a TV Gazeta foi inaugurada em 25/01/1970, dirigida por Fuad Cury (diretor-geral), Luís Francfort (diretor adjunto), e Jorge Basile Guglielmelli (Deptº de jornalismo). Hoje é uma empresa integrante da Fundação Cáspere Libero.

¹⁹⁸ A TV Excelsior, criada em 1959, era propriedade de Mario Wallace Simonsen (1909-1965). De acordo com Alcir Henrique da Costa, a censura foi excepcionalmente rigorosa a partir de 1964 com a emissora, tumultuando a organização da empresa que havia sido grande apoiadora do governo Goulart. Além disso, a principal fonte de recursos provenientes de anúncios comerciais vinha da Panair, empresa de aviação também da família Simonsen. Quando a Panair foi forçada a fechar as portas, ainda mesmo em 1964, a emissora passou a lutar para continuar viável economicamente, mas acabou com a concessão cassada em setembro/1970. Cf. COSTA, Alcir Henrique. *Excelsior: A destruição de um grande império*. In: COSTA; SIMÕES, KEHL. *Op. Cit.*

Como afirma Elio Gaspari, “a associação entre interesses empresariais e os da segurança estava semeada desde 1964, mas floresceu em julho de 69, depois de quatro incêndios que em menos de 72 horas torraram as instalações de quatro emissoras de televisão paulistas”²⁰⁰. Incêndios cujos responsáveis nunca foram identificados. Nem as televisões se consideraram formalmente vítimas de atentados, atribuindo-os a acidentes já que, “seus contratos não cobriam sinistros provocados por sabotadores”²⁰¹.

Gaspari lembra também que a relação da televisão com o governo passou pela providencial isenção de impostos concedida por Costa e Silva, em 1969, à importação de equipamentos de rádio e televisão. Essa isenção favorecia a todas as emissoras, mas o autor considera que o benefício foi “o pulo do gato” em termos técnicos para a TV Globo, pois havia sido recentemente inaugurada (em 1965) e reequipou-se ao dólar oficial, o que permitiu que a diferença cambial atenuasse o custo da liquidação de um contrato com a Time-Life.²⁰² É intrigante notar que a TV Bandeirantes, inaugurada em 1967, também sofreu um incêndio, em 1969, sendo necessário que se reequipasse. Essa emissora tornou-se a primeira a produzir e transmitir, integralmente, a partir de 1972, toda a programação em cores.²⁰³ A Bandeirantes não chega a ser citada por Gaspari em seus livros da série *A Ditadura*.

Precariedade e improvisação são as características onipresentes nas memórias sobre a TV Globo dos primeiros tempos. Paulo Cesar Ferreira, outro executivo da emissora, por exemplo, mostra como era frágil a organização da empresa, à qual chegou em 1969, e que funcionava, segundo ele, “aos trancos e barrancos” numa espécie de “cenário de guerra”²⁰⁴, onde um

¹⁹⁹ BORELLI; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 97

²⁰⁰ GASPARI, Elio *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

²⁰¹ *Idem.*

²⁰² *Idem.*

²⁰³ Cf. Verbetes: *Rede Bandeirantes e Ademar de Barros*. DHBB/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acesso em 1º/12/2013.

²⁰⁴ FERREIRA, Paulo Cesar. *Pilares via satélite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 159-161

sobrecarregado Boni era o responsável por toda e qualquer resolução de problemas. Sua análise das condições de trabalho então vigentes mostram a fragilidade administrativa da empresa e a luta do grupo liderado por Marinho para incorporar mais e mais TVs repetidoras à rede. Ferreira trabalhara na TV Rio, era funcionário da Caixa Econômica Federal e assessor do então ministro da Fazenda Delfim Netto. Havia acabado de se demitir desse cargo e do de diretor da Rádio Nacional em razão uma atitude intempestiva, em favor de Delfim, contra um jornalista da *Tribuna da Imprensa*²⁰⁵, quando Roberto Marinho o convidou para a Globo. Como se vê, a televisão não é feita apenas de talentos e tecnologias, há também toda uma rede de sociabilidades. Ferreira acabou dividindo a sala²⁰⁶ com Edgardo Erichsen (ou Ericson), uma espécie de *assessor militar* que trabalhava na TV Globo, e supostamente responsável pela ligação com os militares²⁰⁷.

Personagens como Erichsen poderiam perfeitamente constar como mera nota de pé de página, não aparecesse esse assessor, que “parecia militar, mas não era”, que “agia como ligação com os militares”²⁰⁸, recorrentemente, quando se fala da ditadura nos livros e nas falas de Boni, de Clark, de Wallach, de Ferreira, entre outros. Joe Wallach diz que ele “aparecia no nosso noticiário, reportando de Brasília”²⁰⁹. Clark também menciona um programa que ele teria²¹⁰, além

²⁰⁵ *Idem.* p. 154-155.

²⁰⁶ *Idem.* p.163

²⁰⁷ Walter Clark também se refere a Edgardo Ericson como “nosso homem na direita” e que também teria tido um programa na TV Globo. Cf. CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 290-29

Ericson aparece citado como homem de ligação que disponibilizaria os trâmites para a apresentação de programas de retratação de guerrilheiros, os *arrepentimentos públicos*, na televisão, no sentido de reforçar as diretrizes do regime na repressão aos movimentos de guerrilha. Sobre Ericson, ver também em: KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004. p.312.

Em GASPAROTTO, Alessandra. “O terror renegado”. *Uma reflexão sobre os episódios de retratação pública protagonizados por integrantes de organizações de combate à ditadura civil-militar no Brasil (1970-1975)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

E em ABREU, João Batista. *As manobras da informação - Análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965 – 1979)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

²⁰⁸ WALLACH. *Op. Cit.* 2011. p. 172-173

²⁰⁹ *Idem.*

²¹⁰ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 290-291

de arrolá-lo como “assessor militar” (juntamente com o coronel Paiva Chaves²¹¹). Nessas narrativas, Erichsen é repetidamente mencionado como prova da interferência dos militares sobre a TV Globo, numa construção de memória que supõe a isenção dos demais personagens frente ao regime. Ele foi, de fato, diretor do Deptº de Relações Públicas da TV Globo e tinha um programa diário chamado *Ordem do Dia*²¹². Segundo Wallach, Roberto Marinho “usava Edgardo Erichsen para transmitir suas mensagens aos militares” e, embora também falasse diretamente com eles, “os assuntos rotineiros chegavam através de Edgardo”²¹³.

Era esse o cenário onde, no final de 1968, numa emissora que ainda funcionava precariamente, numa grade de programação que se procurava consolidar, num canal de televisão a caminho de se transformar em rede nacional, o jornalista e deputado Amaral Netto viu uma oportunidade. Ele trazia um programa pronto para exibição, com patrocinadores próprios.

Um programa onde as forças que governavam o país eram apresentadas de forma bastante positiva. Assim como alguns dos principais patrocinadores do projeto desenvolvimentista que se procurava implementar. Um programa de qualidade jornalística, produzido de forma independente, sem custos para a emissora. Um programa que também representava para a TV Globo a manutenção de um bom relacionamento com o poder.

Não há, até o momento, como recorrer a possíveis testemunhos de Roberto Marinho e/ou de Amaral Netto sobre como o deputado-jornalista logrou exibir seu programa na TV Globo. Parte da correspondência entre Amaral e Marinho mostra uma cordialidade e um carinho

²¹¹ Paiva Chaves (João Batista Paiva Chaves) teria se aposentado no Exército e vindo assessorar Clark como diretor de serviços gerais, e depois ao próprio Wallach, de quem se tornou amigo e confidente. (WALLACH. *Idem*. p.163)

²¹² Esse programa foi transmitido de segunda a sexta-feira, das 21:45 às 22h, com o programa *Globo em Dois Minutos*, entre 12/07/1968 e 01/1971. Constava de editoriais escritos por Edgardo Erickson [grafia do site], diretor do Deptº de Relações Públicas da Globo, e pelo jornalista Humberto Vieira. Cf. Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/ordem-do-dia.htm>, acesso 6/9/2015.

²¹³ WALLACH. Op. Cit. 2011. p. 172-173

respeitoso, pelo menos da parte de Amaral, desde 1962.²¹⁴ Parte dessa correspondência revela que Amaral tratava Roberto Marinho em condições de igualdade, não utilizando a usual deferência *Doutor* comum na fala memorialística. Roberto Marinho também fez questão de comparecer, acompanhado da esposa, à missa de sétimo dia de Amaral em 1995, postando-se ao lado da viúva Angela Amaral, o que mostra uma consideração amistosa.

Fato é que, de alguma forma, Amaral Netto foi aceito na emissora. Ele pode ter mobilizado uma rede de sociabilidades profissional que incluía o próprio Roberto Marinho e jornalistas ou outros profissionais que transitavam pelos jornais e emissoras de rádio e televisão onde Amaral também transitava. Ou uma rede de sociabilidades construída no campo político. Pode ter sido trazido pelo então principal executivo, Walter Clark, que assumiu esse crédito²¹⁵ em mais de uma oportunidade. Pode ter sido *imposto* diretamente a Marinho como o discurso da memória de Clark e Boni sugere. Ou sua entrada na Globo pode ter sido negociada de alguma outra forma que não pode ainda ser verificada.

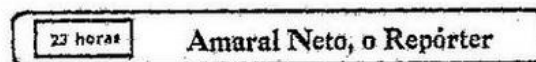
E no programa de Amaral Netto não seria possível à TV Globo o controle que era parte do processo da instauração de novo paradigma em televisão. Isso era feito pelo próprio Amaral e sua produtora independente, a Plantel, que alugavam o horário²¹⁶ de transmissão junto à Globo. E tampouco seria possível qualquer interferência da emissora nos conteúdos, no formato, ou nas eventuais opiniões pessoais emitidas por Amaral e veiculadas nas reportagens.

²¹⁴ Material do arquivo Roberto Marinho, cedido pelo Memória Globo, por cortesia do Sr. Roberto Irineu Marinho.

²¹⁵ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 260

²¹⁶ Balanço relativo ao exercício de 1973, da empresa Plantel. Jornal *O Globo*, Economia, 14/05/1974. p.21; Depoimento de Angela Adnet Amaral à autora, Rio de Janeiro, em 1º/08/2014.

1.2. Amaral Netto, o repórter – o jornalista e o conceito do programa



A mais completa visão atual do Brasil está sempre em Amaral Netto, o Repórter. Produção de Amaral Netto, supervisão de Armando Batroso e direção de Chucho Narvaez.

217

Nos anos 1950, além de editar e dirigir *Maquis*, Amaral Netto foi um dos primeiros, ao lado do jornalista e escritor Orígenes Lessa²¹⁸, a escrever textos para a televisão então recém-introduzida no país. Ele escreveu 140 peças policiais e sobrenaturais para a TV Tupi. João Lorêdo conta que Amaral escrevia as *Histórias de além túmulo*, de perfil de suspense e terror, dirigidas por Bob Chust, recebendo 150 mil réis por mês²¹⁹. Segundo Amaral, a estreia da hoje veneranda atriz Fernanda Montenegro na televisão foi numa das suas peças em fins de 1950.²²⁰

Entre seus trabalhos na televisão, nessa época, há uma referência, bastante elogiosa, aliás, no *Correio da Manhã*, a sua atuação como redator de histórias de mistério para o programa *Câmera Um*, de Jaci Campos, com o pseudônimo “romanesco” de *Georges Lamonte*. Segundo essa notícia, o pseudônimo era para, supostamente, manter “intacta a fama de bicho papão, o cartaz de ferrabrás da imprensa”²²¹, uma provável referência a sua atuação em *Maquis*.

Em 1962, Amaral Netto participou do programa *Encontro Marcado*, na TV Piratini (Porto Alegre). Ali ele aproveitou para desafiar o então governador do Rio Grande do Sul Leonel

²¹⁷ Jornal *O Globo*, Geral, Programação da TV, 24/07/1971, p. 13

²¹⁸ Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html>, acesso em dez/2009.

²¹⁹ LORÉDO, João. *Era uma vez... a televisão*. São Paulo: Alegro, 2000. p. 44

²²⁰ Contracapa de AMARAL NETTO. *A pena de morte*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

Segundo o site <http://oglobo.globo.com/blogs/nostalgia/posts/2010/12/14/fernanda-montenegro-grande-atriz-brasileira-348522.asp>, acesso em 31/08/2014, Fernanda Montenegro atuou em programas policiais escritos por Jaci Campos e Amaral Netto.

²²¹ *O pseudônimo do panfletário*. Jornal *Correio da Manhã*, 31/01/1957, p. 16

Brizola²²² para um debate num programa novo que Amaral estava montando, o *Cidade sem máscara*, na Guanabara, sobre “os grandes problemas nacionais”²²³. É interessante que essa participação foi comunicada previamente a Roberto Marinho, num bilhete com o resumo do programa, e a promessa de envio da gravação do mesmo para a rádio *Globo*²²⁴. Isso indica uma relação entre eles, pessoal ou profissional, bem antes da inauguração da TV Globo em 1965.

Esse programa de entrevistas comandado por Amaral na TV Rio ia ao ar às segundas-feiras, às 23 h. Para a estreia, em 28/05/1962²²⁵, o convidado Leonel Brizola não compareceu²²⁶. O *Diário de Notícias*, após constatar que essa ausência representava um fracasso, considerou o programa uma excelente oportunidade para que Amaral se “recuperasse de sua carreira em Maquis”²²⁷. *Cidade sem Máscara* parece ter sido usado como palanque para as eleições de 1962 e para atacar, sempre que possível, o principal adversário político de Amaral na disputa eleitoral

²²² Leonel de Moura Brizola (1922-2004) foi engenheiro, entrou para a política no PTB em 1945. Foi deputado estadual pelo RS em 1947 e 1952, deputado federal em 1954, governador em 1958. Em 1961 liderou a “cadeia da legalidade”, após a renúncia de Jânio Quadros, o que garantiu a posse do vice-presidente João Goulart, também cunhado de Brizola. Em 1962, elegeu-se deputado federal pelo antigo estado da Guanabara. Foi um dos protagonistas da polarização que se intensificava na política nacional e que chegou ao clímax em 13 de março/1964, no grande comício no Rio de Janeiro com a finalidade pressionar os parlamentares a aprovar as reformas de base. Durante o comício, Brizola fez um discurso inflamado, acusando o Congresso de criar obstáculos às aspirações populares. Na sequência do golpe civil militar, Brizola foi dos primeiros cassados pelo Ato Institucional nº 1. Exilado, retornou ao país após a Anistia, em 1979, quando tentou retomar a sigla do PTB concedida pelo TSE a Ivete Vargas. Brizola e partidários criaram, em maio/1980, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), por cuja legenda, contrariando as expectativas, sagrou-se vencedor nas eleições ao governo do estado do RJ (novembro/1982). Engajou-se na campanha das Diretas (1984), e depois da derrota da emenda, acabou apoiando a candidatura indireta de Tancredo Neves. Em 1989, concorreu à presidência da República, mas não passou ao segundo turno. Foi reeleito governador do RJ em 1990 (legislatura 1991-94), recandidatando-se à presidência nas eleições de 94, não chegando ao segundo turno. Em 2000, disputou sem sucesso a prefeitura do município do RJ. Cf. DHBB/CPDOC. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/leonel_brizola, acesso em 14/06/2014.

²²³ Jornal *O Globo*, 21/05/1962, p. 9

²²⁴ Bilhete de Amaral Netto a Roberto Marinho, de 18/05/1962. Arquivo Roberto Marinho. Acervo Memória Globo. Parece tratar-se do programa *Cidade sem Máscara*, cuja estreia foi em 28/05/1962, na TV Rio. (Cf. Jornal *O Globo*, Coluna Ibrahim Sued, 19/05/1962, p. 4) para o qual Amaral convidara Brizola, que não compareceu (Cf. *Brizola só fez duas reformas: a do palácio e a da sua casa*. Jornal *O Globo*, Geral, 29/05/1962, p. 6).

²²⁵ Jornal *O Globo*, Coluna Ibrahim Sued, 19/05/1962, p. 4

²²⁶ *Brizola só fez duas reformas: a do palácio e a da sua casa*. Jornal *O Globo*, Geral, 29/05/1962, p. 6

²²⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Segunda Seção, 8/06/1962, p.2

no Rio de Janeiro naquele ano, justamente Leonel Brizola²²⁸. Em julho desse ano, Amaral recebeu uma comissão de estudantes para falar sobre um comício na Cinelândia²²⁹.

Mas a atuação de Amaral Netto em *Cidade sem Máscara* também parece ter significado uma tentativa de inovação na marcação de palco²³⁰ em entrevistas como vinham sendo realizadas até ali. De acordo com o *Correio da Manhã*, Amaral e o entrevistado ficavam em pé, movimentando-se, trocando de lugar, “como num ballet com o intuito de não permitir a estagnação da cena”²³¹, o que era então uma inovação.

Alguns anos depois, em 1968, uma crônica de Nelson Rodrigues sobre a *performance* da atriz Maria Fernanda numa entrevista na televisão informa que o entrevistador em questão era Amaral Netto.²³² Ou seja, além de dirigir *Maquis* até 1962, Amaral manteve a atuação de jornalista na televisão durante a década de 1960, paralelamente a sua atuação parlamentar, antes e após o golpe de Estado de 1964.

O programa *Amaral Netto, o Repórter* estreou em maio de 1968, na TV Tupi do Rio de Janeiro, onde era exibido às sextas-feiras, às 22:15h²³³. Após cerca de seis meses, o jornalista se transferiu para a TV Globo em dezembro daquele ano, onde o programa começou a ser exibido aos domingos à noite, e reexibido aos sábados pela manhã. Em 1971, passou para os sábados à

²²⁸ Jornal *O Globo*, Geral, 3/9/1962, p. 1

²²⁹ Jornal *O Globo*, Geral, 3/7/1962, p. 3

²³⁰ Marcação de palco é a definição prévia da movimentação dos participantes de uma peça ou de uma entrevista (ou outros), em função do texto, compreendendo as entradas, saídas, posturas, e outros detalhes.

²³¹ Jornal *Diário de Notícias*, 2º Caderno, 2/06/1962, p. 3.

²³² Jornal *O Globo*, Segunda Seção. *E a grande atriz foi de uma inteligência insuportável*. As confissões de Nelson Rodrigues, capítulo CLXXXIV, 30/07/1968, p. 2.

²³³ Jornal *Diário de Notícias*, 2ª Seção, 12/07/1968, p. (ilegível); 2/08/1968, p.4;

Jornal *Correio da Manhã*, edições de: 19/07/1968, 1º Caderno, p. 9; 02/08/1968, 3º Caderno, p.3; 09/08/1968, 1º Caderno, p. 11; 06/09/1968; 13/09/1968; 20/09/1968; 27/09/1968; 04/10/1968; 11/10/1968; 18/10/1968; 25/10/1968; 1º/11/1968; 08/11/1968; 09/11/1968; 15/11/1968; 22/11/1968; 29/11/1968; A estreia de *Amaral Netto, o Repórter* estava prevista na TV Globo para 19/01/1968, cf. Jornal *Correio da Manhã*, edição de 09/01/1969, 3º Caderno, p.6

noite. Em 1974, ocupou a segunda-feira à noite, voltando para os domingos a partir de 1978. A partir de 1981, foi ao ar apenas nas manhãs de sábado.

Jose Bonifácio de Oliveira Sobrinho considerou “o Amaral Netto como um dos pioneiros do gênero misto da chamada "reportagem-documentário" ”²³⁴, então praticamente inédito em televisão no Brasil. O programa tinha cerca de uma hora de duração, e abordava assuntos como a pesca à baleia no litoral do Rio Grande do Norte, as Cataratas de Foz do Iguaçu, as atividades dos pelotões de fronteira na selva amazônica. Além de mostrar paisagens então inéditas, também divulgava o trabalho do governo no sentido da integração nacional e de empresas brasileiras na interiorização. Marcado por forte tom de aventura, por imagens impactantes e pela exaltação patriótica dos temas abordados, o espírito desbravador das reportagens era considerado importante, na opinião do próprio Amaral Netto, “para competir com os seriados norte-americanos e conquistar o público”²³⁵.

Isso acontecia numa televisão que ainda transmitia em preto e branco as imagens de uma natureza brasileira desconhecida e exuberante, e mesmo de um Brasil desconhecido em muitos aspectos. Na TV Globo, os programas também eram enviados para as repetidoras da emissora, onde as havia, para serem exibidos. Tudo isso afinado com o projeto de integração nacional, que incluía a área das comunicações, num processo levado a cabo pelo regime autoritário, e que beneficiou a TV Globo. Ou seja, *Amaral Netto, o Repórter* foi um programa que se adaptou como uma luva à proposta da integração tanto do governo quanto da emissora *global*, embora sua origem tenha sido, como mencionado, na TV Tupi.

²³⁴ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

²³⁵ Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html>, acesso em janeiro/2010.

A integração nacional, é preciso que se diga, não foi uma ideia gestada no governo militar. No século XX, a ideia de *preencher os vazios* do território nacional e de integrar os mercados perpassou governos de diferentes matizes e teve diferentes sentidos.²³⁶ Durante a ditadura 1964-1985, as Forças Armadas parecem ter se empenhado, especialmente, para reforçar a ideia de Brasil como nação a partir da integração territorial do país. Amaral Netto também era um apaixonado pelo tema da integração nacional. Aliou isso a sua paixão pelo jornalismo.

Uma fala de Joe Wallach, que remete aos *anos gloriosos*²³⁷ da TV Globo, sinaliza para a importância da televisão na unificação do país, e é repetida na biografia autorizada de Roberto Marinho, escrita por Pedro Bial, jornalista da emissora:

[...] tinha uma voz meio rouca, um repórter, Amaral Netto... Ele viajou o país inteiro, pegava dinheiro do estado do Ceará, filmava o Ceará lá, foi no Amazonas, aí fez filme, passamos. Mas esse programa era maravilhoso porque, pela primeira vez, foi incrível, a criança, em Copacabana, viu o búfalo lá no Amazonas, e não sabia que isso existia no país. E também, lá em Belém, os índios podiam ver os prédios do Rio de Janeiro.²³⁸

Mas se a integração nacional não foi uma criação da ditadura, é preciso lembrar que exatamente em 1968 eram transmitidos pela televisão os primeiros filmetes feitos pela então recém-criada Aerp. Filmetes cujo intuito propagandístico era informar o público sobre as realizações do governo autoritário. Carlos Fico observa que embora tenha implementado a Aerp como projeto necessário, a gestão do coronel Hernani D'Aguiar à frente dessa agência nesse

²³⁶ Não cabendo aqui essa discussão, e ciente de que os sentidos dessa ideia de *integração* também podem variar no tempo, lembro apenas que JK já chegou a Brasília para a inauguração da cidade, em 1960, numa *Caravana da Integração Nacional*; uma viagem de contornos épicos que movimentou pessoas e veículos de fabricação nacional vindos em colunas dos quatro cantos do país, e que ainda é comemorada hoje. E que o formato do atual Ministério da Integração Nacional, como instituído em 1999, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi mantido com algumas modificações também pelo governo de Luís Inácio da Silva e do governo atual de Dilma Rouseff.

²³⁷ WALLACH, Joe. Os anos gloriosos. In: OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. (Superv.). *50 Anos de TV no Brasil*. São Paulo: Globo, 2000. p. 120-125.

²³⁸ WALLACH, Joe. *Apud* BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 277

período produziu uma propaganda de pouco efeito por serem os filmetes excessivamente oficiais²³⁹. Como já apontado, esse projeto logo deu lugar às peças propagandísticas motivadoras encomendadas pelos sucessores de D'Aguiar.

A estreia de *Amaral Netto, o Repórter* na TV Globo foi em 19 de janeiro de 1969²⁴⁰ com um documentário sobre o tema *Petróleo no Recôncavo Baiano*. Essa reportagem remetia aos trinta anos de exploração do petróleo no Brasil. Amaral mostrava ali a primeira válvula de onde jorrara petróleo no país, na região de Lobato na Bahia, ao lado da qual entrevistou Oscar Cordeiro, um senhor de 80 anos, que contava ter trabalhado nas primeiras extrações em janeiro/1939. Para enfatizar a diferença entre os pequenos frascos então enviados com a frase “lá vai a nossa produção”, Amaral lembrava que a produção de petróleo em 1969 já chegava a 200 mil barris. Enquanto levantava curiosidades sobre a origem do nome Lobato que explicava não se remeter ao escritor, mas “a existência de lobos na região”, Amaral acompanhava a instalação de sismógrafos e explosões numa prospecção do campo de Alagoinhas, região onde o petróleo vinha sendo explorado desde 1964. Sempre com muita informação técnica sobre os materiais, os procedimentos, e a produção de petróleo, Amaral chegou a participar da detonação da dinamite para perfuração dos poços, tudo devidamente registrado e incorporado à reportagem.²⁴¹

Além do formato inovador, Amaral Netto era também um pioneiro nos temas abordados em reportagens-pesquisas incomuns até ali em televisão. Ele foi até o Xingu filmar como viviam os Xavantes e outras tribos. Foi o primeiro a mostrar com imagens em movimento aos brasileiros o fenômeno da pororoca. Também realizou reportagens internacionais, acompanhando a rotina de paraquedistas portugueses em Moçambique, a vida dos leões-marinhos no extremo sul da

²³⁹ FICO. *Op. Cit.* 1997.

²⁴⁰ *Jornal O Globo*, Suplemento Ela, Coluna de Nina Chavs, 11/01/1969. p. 4

²⁴¹ Trecho do programa *Petróleo*, exibido em 19/01/1969. DVD compilado do acervo da família Narvaez.

Argentina. E visitou Cafas, suposto local de origem do café na África, entrevistou Hailé Selassié, então imperador da Etiópia, entre muitos outros assuntos²⁴².

Ademais, o bem-sucedido *Amaral Netto, o Repórter* tinha expressiva ressonância popular, como demonstram as medições do IBOPE que serão apresentadas adiante. O programa parece, também, ter influenciado uma geração de cineastas²⁴³ dos futuros programas ecológicos e jornalísticos em televisão como *Globo Repórter*²⁴⁴ e *Globo Ecologia*²⁴⁵.

E era elogiado pela crítica da época. Em 1969, o jornalista Artur da Távola recomendava o programa que ia ao ar no domingo à noite, com reprises aos sábados, assim:

Em termos jornalísticos uma das mais importantes afirmações do que poderia ser a televisão brasileira, se feita por gente inteligente. Mas necessitam mudar a sonoplastia.²⁴⁶

[refere-se ao programa sobre a cidade de Florianópolis]

Hoje é reprise. Amanhã às dez da noite o programa semanal. Ambos são altamente recomendáveis. É o Brasil se conhecendo.²⁴⁷

[refere-se ao programa sobre a cidade de São Luís do Maranhão]

Programa inteligente, provando que em televisão a força não está nos estúdios, está lá fora, na vida. Hoje apresentam reprises e amanhã às dez da noite não o percam.²⁴⁸

[refere-se ao programa sobre a cidade de Blumenau]

²⁴² Verbete *Amaral Netto, o Repórter*. In: MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html>, acesso em dez/2012.

²⁴³ De acordo com CAPOANO. Op. Cit. e ANDRADE. Op. Cit.

²⁴⁴ *GLOBO REPÓRTER*: Estreou em 3/04/1973, às 23 h. Era “parte da programação da “Terça Global” e se destinava a “analisar com mais profundidade os principais acontecimentos jornalísticos nacionais e internacionais do mês, que, por uma questão de tempo, não podiam ser detalhados nos telejornais.” Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/04/conheca-historia-do-globo-reporter.html>, acesso em 21/01/2013.

²⁴⁵ *GLOBO ECOLOGIA*: Estreou em 5/11/1990. É produzido hoje pela Raiz Savaget Comunicação, produtora do jornalista Cláudio Savaget, e exibido no canal a cabo *Globo News*.

²⁴⁶ *Jornal Última Hora*, Seção Amanhã na TV, Artur da Távola: Amaral Netto, o Repórter – 22h, 12/07/1969. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>, acesso em 2013. Cotejado com a relação de filmes/exibição do Arquivo Nacional (Anexo 1), relacionada ao Acervo Plantel: FLORIANÓPOLIS (24).

²⁴⁷ *Jornal Última Hora*, Seção Hoje na TV, Artur da Távola: Amaral Netto, o Repórter – 13h, 19/07/1969 e 26/07/1969. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>, acesso em 2013. Cotejado com a relação de filmes/exibição do Arquivo Nacional (Anexo 1), relacionada ao Acervo Plantel: SÃO LUÍS DO MARANHÃO (25).

²⁴⁸ *Jornal Última Hora*, Seção Hoje na TV, Artur da Távola: Amaral Netto, o Repórter – 12h30min, 02/08/1969 - Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>, acesso em 2013. Cotejado com a relação de filmes/exibição do Arquivo Nacional (Anexo 1), relacionada ao Acervo Plantel: BLUMENAU (26).

Uma de minhas preocupações nesta pesquisa foi tentar descobrir como Amaral Netto teve a ideia do programa *Amaral Netto, o Repórter*. Não que isso fosse um objetivo a ser perseguido exaustivamente ou que fosse essencial ao andamento do trabalho. Mas, a partir da entrevista com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, eu soube que existira o formato de reportagem-documentário veiculado anteriormente em televisão tendo sido o mais bem feito *A grande jornada*, de Carlos Gaspar²⁴⁹. Evidentemente, não é possível afirmar com segurança que essa tenha sido a inspiração de Amaral Netto. Mas não podendo ignorar a máxima eternizada pelo *velho guerreiro*, o já falecido e muito popular comunicador *Chacrinha*²⁵⁰, de que em televisão *nada se cria, tudo se copia*, e sendo Amaral também um homem de televisão, considere essa possibilidade.

A pesquisa em jornais efetivamente mostrou que, entre agosto/1961 e dezembro/1963²⁵¹, o jornalista Carlos Gaspar apresentou, produziu e dirigiu uma série filmada de documentários chamada *A grande jornada*, um programa patrocinado pela já extinta companhia aérea Vasp. Os anúncios comerciais que divulgavam esse programa nos jornais da época, assim como algumas críticas a ele, permitem inferir que foi muito similar ao que Amaral Netto lançou posteriormente, em 1968. Esse programa de Gaspar recebeu críticas muito favoráveis, desde o começo²⁵² até o final das apresentações na TV Tupi, como por exemplo, “*A grande jornada é uma antologia*

²⁴⁹ Carlos Gaspar foi locutor de rádio, repórter de *O Cruzeiro* e dos *Diários Associados*. Na televisão, lançou o programa *Esta É a Sua Vida* (TV Itacolomi-BH), e fez parte da primeira equipe da TV Cultura de São Paulo. (Cf. <http://quasepoucodequasetudo.blogspot.com.br/2007/11/o-pai-o-peixe-vivo-e-o-peixe-grande.html>, acesso em 15/08/2015). Em 1971/1972, pela TV Cultura, Carlos Gaspar produziu e apresentou o programa *Brasil, esse desconhecido*, onde eram “feitas reportagens sobre cidades, locais turísticos, históricos, apresentando tipos humanos do local, curiosidades” e que chegou a receber o *Troféu Helena Silveira* de 1971 como “melhor programa cultural” de televisão. (Jornal *O Globo*, Geral, 27/03/1972, p. 17).

²⁵⁰ *Chacrinha*, (José Abelardo Barbosa Medeiros, 1917-1988), trabalhou em rádio, apresentou programas de auditório de grande sucesso dos anos 1950 aos anos 1980, nas Tvs Tupi, Rio, Globo (duas vezes), Bandeirantes. Ficou conhecido por bordões que se tornavam populares, muitos até hoje, como: *Cheguei, baixei e saravei!*, *Eu vim para confundir, não para explicar!*, *Quem não se comunica, se estrumbica!*, *Vai para o trono ou não vai?*, entre outros.

²⁵¹ Jornal *O Globo*, Geral: 05/08/1961, p. 11; 17/08/1962, p.3; 24/08/1962, p. 8

²⁵² Jornal *O Globo*, Geral, 16/09/1961, p. 5

visual de brasilidade”²⁵³, sobre uma viagem de Brasília a Belém. Ou ainda, “muito bonito, com aquele tom literário com que são enriquecidas as apresentações de Carlos Gaspar”, sobre um episódio que mostrava Fernando de Noronha, a “esmeralda do Atlântico”²⁵⁴. Gaspar chegou a mostrar cidades que já não existem mais, como Canudos.²⁵⁵ Alguns episódios versavam sobre a mineração de ouro²⁵⁶ ou mesmo sobre a construção naval brasileira²⁵⁷ bem de acordo com alguns dos temas que Amaral Netto abordaria anos depois. Interessante é que esses programas de Carlos Gaspar nunca foram associados a uma ideia de propaganda política, nem à época nem posteriormente. Mas remetiam, sim, como frisou o cineasta Antonio Olavo, referindo-se a outro trabalho de Gaspar na mesma época, a um contexto que traduzia a ambiência do governo Goulart, um “ambiente de superação nacional, com seu caráter expansionista e desbravador”²⁵⁸. O objetivo de Gaspar em seus documentários parecia ser o de “percorrer os rincões do Brasil, narrando as histórias e seus desafios”²⁵⁹, aparentemente idealizados num didatismo sobre o Brasil desconhecido, como para documentá-lo antes que mudasse ou desaparecesse.

Além dessa possível influência, o programa de Amaral Netto também pode ter sido inspirado e imaginado na esteira do fotojornalismo, uma das maiores transformações da imprensa, e que teve seu expoente no Brasil na revista *O Cruzeiro*, até final dos anos 1950, e a partir daí, na revista *Manchete*. De acordo com Silvana Louzada da Silva, é nesse fenômeno do fotojornalismo onde “pela primeira vez imagem e notícia se amalgamam, formando uma

²⁵³ Jornal *Correio da Manhã*, 2º Caderno, 08/03/1963, p. 3

²⁵⁴ Jornal *Correio da Manhã*, 2º Caderno, 21/06/1963, p. 3

²⁵⁵ Cf. MANSFIELD, Marcelo. *Esta é a sua vida*. TV Folha. *Folha de S. Paulo*. 16/03/1997. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/16/tv_folha/15.html, acesso em 15/08/2015.

²⁵⁶ Jornal *O Globo*, Geral, 28/09/1961, p. 1

²⁵⁷ Jornal *O Globo*, Geral, 12/10/1961, p. 3

²⁵⁸ OLAVO, Antonio. *Um sino dobra em Canudos*. Caderno de Cinema. Disponível em: <http://cadernodecinema.com.br/blog/um-sino-dobra-em-canudos/>, acesso em 22/09/2013

²⁵⁹ *Idem*.

linguagem nova”, sendo que “nesta experiência vão estar assentadas todas as futuras relações da imagem com a notícia, em especial a televisão”²⁶⁰.

Outrossim, o programa guarda alguma semelhança aos filmetes de Jean Manzon²⁶¹, embora não seja possível afirmar com segurança que ele tenha se inspirado nesses filmes que também já circulavam nos cinemas. Financiados por órgãos do governo ou por grandes empresas, eram exibidos obrigatoriamente em todos os cinemas brasileiros antes do filme principal, até o início dos anos 1980, sendo muitas vezes aplaudidos em cinemas lotados. Denise Assis lembra que, nesse período, muitos dos curtas de autores nacionais chegavam a ser vaiados nos cinemas devido à precariedade técnica de então (falta de sincronização, som mambembe, péssima projeção). De acordo com Assis, os filmes de Jean Manzon, “financiados pela Produtora Ipês”, contavam com dinheiro e técnicos de primeira qualidade. Guardando, ainda hoje, essa alta qualidade técnica, esse filmes encontravam facilmente exibidores de cinemas dispostos a mostrá-los.²⁶² E um público disposto a aplaudi-los.

²⁶⁰ SILVA, Silvana Louzada. *Fotojornalismo em revista: o fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete durante os governos Juscelino Kubitschek e João Goulart*. 2004. 200f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2004.

²⁶¹ Francês e ex-fotógrafo de guerra, Jean Manzon chegou ao Brasil em 1940. Trabalhou no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Getúlio Vargas e atuou como fotojornalista de destaque na revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand. Em 1952, abriu um negócio próprio no ramo cinematográfico, a *Jean Manzon Filmes S.A.*, onde produziu até a sua morte em 1990. Além da propaganda para Getúlio Vargas, também fez filmes para o governo de Juscelino Kubitschek. Tornou-se um cineasta controverso porque, trabalhando a serviço do governo, ajudou a erigir o mito de um Brasil ideal enquanto problemas sociais se aceleravam no país. Seus documentários ficaram conhecidos pelos elogios exacerbados que faziam às realizações e obras do governo.

²⁶² ASSIS, Denise. *Propaganda e cinema: a serviço do golpe*, 1962-1964. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001. Jean Manzon produziu cerca de 900 documentários/filmes publicitários, vários deles a pedido do IPES – Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais, veiculados nos cinemas de todo o Brasil, durante o período da ditadura militar iniciada em 1964; um conjunto, segundo Assis, “esquecido por todos esses anos” (p. 45). O IPES, ou IPÊS, ou Ipes, foi uma entidade fundada oficialmente em 2/02/1962, mas que se articulava desde 1961, no Rio de Janeiro. O IPÊS resultou da fusão de grupos de empresários organizados no RJ e SP, ganhando rapidamente adesão das classes produtoras das outras unidades da federação. O instituto promoveu intensa campanha antigovernamental, associando as propostas do governo ao comunismo. E utilizou os mais diversos meios de comunicação na defesa da “democracia” e da livre iniciativa. O IPES publicou artigos nos principais jornais do país; produziu uma série de 14 filmes de “doutrinação democrática”, apresentados em todo o país; financiou cursos, seminários, conferências públicas, e entidades contrárias ao governo Goulart, entre outras atividades. Cf. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_Instituto_de_Pesquisa_e_Estudos_Sociais, acesso em 15/09/2015.

Isso é importante para se perceber que Amaral Netto não estava alheio ao que se produzia nas narrativas visuais e audiovisuais sobre o Brasil, seja nas revistas, no cinema e/ou na televisão. Pelo contrário. Quando decidiu realizar seu projeto, ele montou uma editora e articulou uma infraestrutura para ir além das rotas que Carlos Gaspar viajava graças ao alcance da Vasp. Na época, as rotas aéreas comerciais eram muito mais restritas. Amaral conseguiu o apoio da Força Aérea Brasileira, da Marinha do Brasil e do Exército Brasileiro para alcançar lugares distantes.

Uma das ideias do programa *Amaral Netto, o Repórter* era “explorar territórios, paisagens, costumes e tradições brasileiras desconhecidos pelo grande público”²⁶³. E numa época em que a grande maioria dos programas de televisão era feita em estúdios, Amaral inovou e mostrou a natureza brasileira dominada. O jornalista-deputado parecia estar norteado, sobretudo, por uma urgência em defender o território brasileiro, e alinhado à ideia da integração/interiorização nacional.

O programa exibia o Norte, o Nordeste e o Centro-Oeste, pela primeira vez em imagens em movimento na televisão, para o público da região Sudeste. Da mesma forma, trazia as manifestações culturais de pontos distantes, insinuando possibilidades ainda remotas de turismo. Isso num Brasil em que *viajar de avião* ainda não era um acontecimento rotineiro.

Era o próprio Amaral quem apresentava o programa e fazia as reportagens. O produtor era Severino Carneiro. A direção geral e a montagem eram feitas por Chucho Narvaez, que já trabalhava então na TV Globo, onde havia ajudado a montar a equipe de repórteres cinematográficos da própria emissora, a partir de 1965, trazendo profissionais com experiência em cinema. Chucho também montou a equipe de repórteres-cinegrafistas do programa *Amaral Netto, o Repórter*, da qual participaram Carlos Tourinho, Cesário Pinto, Demerval Azeredo,

²⁶³ Cf. Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html>, acesso em 08/01/2010.

Hélio Martins, Humberto Borges, José Roberto Couto, Milton Correa, Sérgio Albuquerque e Valdemir Moura.²⁶⁴ Além deles, também fizeram parte da equipe²⁶⁵: Jorge Ventura e Feição como repórteres cinematográficos; Luiz Carlos Ramos, Celso Krika, Eleotério Guimarães como assistentes de câmera; Severino Carneiro, Maria Alice Quilleli, Daniel Falcão e Rodolfo Mayer como redatores; Teógenes Nunes e Sergio Roberto Albuquerque como fotógrafos da revista.

Em 2002, Chucho Narvaez explicou na Associação Profissional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro que além de participar da discussão da pauta do programa, ele traçava o roteiro e filmava. Com uma equipe grande e ágil, era comum que se filmasse três episódios de uma pauta. Chucho montava e passava o material para o videoteipe (locução, sonorização, etc.) para que as fitas seguissem por avião para o Rio de Janeiro porque não existia a transmissão via satélite. De início, as imagens eram captadas por uma filmadora BH manual utilizando-se três lentes (10,25 e 75mm). Na década de 1970, por uma Reflex alemã, com *zoom*, e rolo de filme já com duração de 10 minutos e som ótico.²⁶⁶ Ele ainda acrescenta que

Na época, o País se destacava no comércio exterior pela exportação de minério e café. E tivemos sucesso na fórmula do programa porque fomos apoiados pelo Exército, Marinha e Aeronáutica. Fizemos grandes contatos com políticos ao redor do mundo e diversos programas enfocaram países parceiros comerciais do Brasil, mostrando que nosso País tinha pé no contexto mundial. Era o maior orgulho dizer que aquela equipe era brasileira. O programa foi uma realização profissional que poucos tiveram a oportunidade de ter.²⁶⁷

²⁶⁴ Cf. MEMORIA GLOBO. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html> , acesso em 08/01/2010.

²⁶⁵ Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail em 2/09/2014.

²⁶⁶ Verbete “Chucho Narvaez”. In: Associação Profissional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro, *Paparazzi*, Janeiro 2002, Ano 1, nº 1. Disponível em: <http://www.arfoc.org.br/paparazzi/default3.asp?idperfil=26&ideducacao=20&v=s> , acesso em 21/07/2014.

²⁶⁷ *Idem*.

Vale notar que, embora o programa tivesse um comprometimento explícito com a política do governo autoritário, Carlos Tourinho, repórter-cinematográfico no programa desde 1972, lembra que a equipe normalmente abstinha-se de “falar de política”. Segundo Tourinho, que diz ter se relacionado à época com amigos comunistas, o próprio Amaral procurava, em suas contratações de novos membros para a equipe, basear-se em critérios exclusivamente profissionais, não lhe interessando as simpatias políticas individuais. Tourinho ainda acrescenta que o clima na equipe era “de amizade e gozação” e que “o próprio Amaral entrava na brincadeira”. Por outro lado, ele lembra que, embora nem toda a equipe fosse a favor da ideia do *Brasil grande* empregado pela propaganda política oficial, havia uma comunhão no ideal de “Brasil grande verde e amarelo” no sentido de que o país tinha “muito que mostrar para o mundo que existimos sim, e vamos muito bem, obrigado”.²⁶⁸

As reportagens eram realizadas numa concepção didática, quase sempre com o emprego de mapas de localização geográfica, com uso de muita informação histórica sobre os temas, fossem territórios, paisagens, costumes ou tradições. A ênfase na conscientização geográfica dos telespectadores era recorrente. Num programa que mostra como a linha do Equador passa no território brasileiro, por exemplo, Amaral exibia um mapa ao mesmo tempo em que se postava com um pé no lado sul e o outro no lado norte da linha, enquanto repetia entusiasmado a localização no “paralelo 0 00 00”, enfatizando que “esse é mais um elemento emocionante dessa geografia que vamos fazendo sem cessar, ao vivo, no marco zero do Equador”.²⁶⁹

Esse cuidado com o aspecto didático é corroborado por Maria Alice Quilleli, jornalista que trabalhou na Plantel entre 1972 e 1978 como produtora, pesquisadora e redatora do programa e das revistas *Amaral Netto*, *o Repórter* e *Os Brasileiros*. Ela conta que na preparação

²⁶⁸ Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail, em 2/09/2014.

²⁶⁹ Trecho do programa sobre o Amapá e o Marco Zero do Brasil. DVD compilado do acervo da família Narvaez.

das reportagens “eram consultados os órgãos daquela época que forneciam os dados: IBGE, a Biblioteca Nacional, os arquivos das próprias empresas para as quais ele fazia os programas”.²⁷⁰

A concepção de um *jornalismo educativo* é, hoje, abraçada por televisões educativas públicas, como a TV Cultura, ou privadas como o Canal Futura (da Fundação Roberto Marinho), ou mesmo por certos projetos dos canais comerciais. A missão desse jornalismo passa, então, pela possibilidade da transformação social através da informação que constrói conhecimento e educação (ou cultura). A pressuposição de uma sociedade democrática permite a discussão dos conteúdos e formas, e a ideia de *jornalismo educativo* não chega a ser associada, aí, à formação de opinião ou mesmo à de propaganda política. Mas a fronteira que separa o *jornalismo educativo* da propaganda pode ser tênue. A própria ideia do que seja esse atributo *educativo* é uma questão que merece uma discussão que não cabe aqui.

Pode-se destacar também que outra ideia norteadora da educação na década de 1970 era a do desenvolvimento. Nesse sentido, a ideia de desenvolvimento²⁷¹ poderia ser vista como “um estado de espírito” como já defendeu o ex-ministro Delfim Netto²⁷². Esse “estado de espírito” desenvolvimentista e modernizador parece ter sido também um orientador do jornalista-deputado Amaral Netto ao conceber e realizar as reportagens-documentários da série *Amaral Netto, o Repórter*. Era por essa lente que Amaral enxergava o jornalismo *educativo* que defendia.

²⁷⁰ Depoimento de Maria Alice Quilleli, roteirista do *Amaral Netto, o Repórter*, à autora, Rio de Janeiro, em 30/07/2012. [Maria Alice Quilleli teve depois uma produtora com Carlos Alberto Tourinho, repórter-cinematográfico do programa. A TVC Produções chegou a fazer filmetes da propaganda eleitoral do PDS em 1986. Cf. *Jornal O Globo*, O País, 28/10/1986, p. 3.]

²⁷¹ *Desenvolvimento* nas décadas de 1950/60/70 tinha muito mais o sentido de crescimento econômico, de industrialização e de crescimento urbano. O sentido do termo *desenvolvimento* vem se alterando nas últimas décadas, passando a incluir outras dimensões como a qualidade de vida humana, a educação/cultura, a mobilidade, a diminuição de desigualdades sociais, a preservação ambiental, entre outros fatores.

²⁷² NETTO, Delfim. *Estado de espírito*. Folha de S. Paulo, 3/11/2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0311200407.htm>, acesso em outubro/2013.

Nos anos 1970, o papel *educativo* da televisão passou a ser reforçado. Em 1974, um anúncio de página quase inteira, na seção de Economia do jornal *O Globo*, em uma peça publicitária que divulgava a grade de programação da TV Globo, a emissora anunciava a si mesma numa peça intitulada “Caminhos do Futuro”, seguindo o *slogan Rede Globo é mais integração*, nesses termos:

Informação, educação e recreação, esses são os caminhos do futuro da televisão.

Fator da integração, a linha de programas da Rede Globo é vista como um todo, completo e indivisível, em todo o território nacional.

E nenhum programa da Rede Globo é lançado sem antes ter sido objeto de pesquisas que o relacionem com aquela trilogia.

E é por isso que a Rede Globo alcança seus objetivos assim no Rio como em Recife, em S. Paulo como em Belo Horizonte, em Brasília como em Porto Alegre, Brasil todo.

Por trilhar os caminhos do futuro, a Rede Globo é a favorita do povo mais jovem do mundo, o nosso.²⁷³

Por esse anúncio, entre outros, vemos uma TV Globo integrada no projeto do regime. Ao mesmo tempo, assumia como critério de qualidade o atendimento ao trinômio *informação-educação-recreação*, ao qual se infere que o programa *Amaral Netto*, o *Repórter* também correspondia, já que aparecia em dois dias na grade de programação também inclusa nesse anúncio.

Da mesma forma, os *slogans* anuais que a TV Globo adotava (e ainda adota), podem ser utilizados para se perceber quais eram os norteadores da emissora. Em 1969, o lema com que a emissora anunciava e atestava a qualidade de seus programas, e que durou até 1975, era *O que é bom está na Globo*. Cabe perguntar se *estar na Globo* significaria para a emissora o reconhecimento de que *Amaral Netto*, o *Repórter* era um bom produto? Tão bom que, *portanto*,

²⁷³ Jornal *O Globo*, 04/03/1974, p. 32. (Ver Anexo 2, p. 380)

estava na Globo? Silogismos à parte, o programa passou para a memória construída como *chapa-branca* ou *imposto pelo regime*, embora elencado como parte da programação, sem distinção sobre sua origem independente.

Outro elemento a ser considerado no programa é o *otimismo*, a empolgação com o *Brasil grande* na forma explicada por Carlos Fico²⁷⁴ e que Amaral Netto abraçou entusiasticamente. Explicando esse compromisso aos seus leitores da revista homônima ao programa, ele considerava que exprimia “o retrato fiel do Brasil de hoje, caminhando a passos rápidos para ultrapassar em breve a faixa dos países desenvolvidos”, e vaticinava que: “Assim, vamos cumprindo nossa missão que é produzir otimismo. Otimismo sadio.”²⁷⁵ Ou seja, ainda que não oficialmente encomendado pela Aerp/ARP, o programa explicita a missão dessa agência: tanto a defendida originalmente pelo coronel Hernani D’Aguiar que queria uma propaganda informativa e assertiva, quanto o otimismo embutido na missão que prevaleceu com os coronéis Octávio Costa e Toledo Ribeiro que queriam uma propaganda motivadora de esperança.

Uma das recorrentes críticas contra Amaral era sobre sua capacidade profissional e quanto à natureza jornalística do programa. O jornal *Pasquim* chegava a desqualificá-lo, convocando seus leitores [e possíveis espectadores] a “tirar o nome repórter” do programa²⁷⁶, como lembrou Andrade. No entanto, é preciso reconhecer que, fosse ou não de linha editorial ufanista, o que Amaral apresentava eram, efetivamente, reportagens.

Nesse sentido, há que se recorrer à definição de Nilson Lage, que considera que a categoria de *informação jornalística*, onde a reportagem se inclui, é uma “exposição que combina

²⁷⁴ FICO. *Op. Cit.* 1997.

²⁷⁵ Carta aos leitores da revista *Os Brasileiros*. Plantel Editora e Publicidade S.A./Amaral Netto, o Repórter. S/data.

²⁷⁶ Cf. *Pasquim*, edição 306, de 5/1975, p. 21 *apud* ANDRADE. *Op. Cit.* p.60

interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente”²⁷⁷. Em seu livro, utilizado como bibliografia básica nos cursos de comunicação, como o da UFRJ, por exemplo, Lage faz uma distinção entre *notícia* e *reportagem*, sendo a primeira considerada um “rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos”, pressupondo uma apresentação bem mais sintética e fragmentada. Nessa perspectiva, uma *reportagem* é determinada por características específicas como: tratar “de um assunto, determinado ou não por fato gerador de interesse”; decorrer de “intenção, de uma “visão jornalística” dos fatos”; ser “mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados”; dar conta “de um estado-da-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento”.²⁷⁸ Mas se a pauta do jornalista não é neutra hoje, menos ainda o foi na década de 1970. Embora o objetivo da *pauta*, no jornalismo, esteja intrinsecamente ligada ao *planejamento das editorias* e à *coleta de informações*, Lage observa que ela “é capaz de assegurar a conformidade da matéria do jornal ou revista com interesses empresariais ou políticos”²⁷⁹. Ou seja, a *pauta* não desqualifica uma reportagem como tal.

Em sua tese de doutorado, Thales de Andrade também criticou o que chamou de *espetacularização* presente no programa *Amaral Netto, o Repórter*. Seja a espetacularização dos fatos, da natureza, seja do desenvolvimento, ou do *Brasil grande*, entre outros. Andrade discutiu a estetização do cotidiano para entender a construção de uma videocultura que “reconstrói socialmente a problemática da conservação de ecossistemas mediante novas formas de hierarquias e modalidades estéticas”. E se dedicou a reconhecer e remontar o itinerário do

²⁷⁷ LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 112

²⁷⁸ LAGE. *Op. Cit.* p 112-114

²⁷⁹ LAGE. *Op. Cit.* p. 34-37

“espetacular ecológico” na televisão, no contexto da discussão sobre as questões ambientais que começaram a ser problematizadas, no Brasil, nas décadas de 1980/90.²⁸⁰

No que concerne *Amaral Netto, o Repórter*, um dos pontos críticos dessa espetacularização teria a ver com o personalismo do jornalista. Para Andrade, a presença de Amaral como personagem em cena competia com as reportagens. Ainda seguindo Andrade, o estilo de *narrador viajante* ou de *cronista* adotado por Amaral transformaria em fato a experiência do deslocamento no território brasileiro.²⁸¹ É certo que o personalismo de Amaral existia, desde o início do programa no final da década de 1960, e já era criticado na imprensa que se especializava em TV. Mas não parece ter interferido significativamente na recepção do programa, seja entre o público telespectador, seja entre a crítica. Artur da Távola, responsável pela coluna de TV do jornal *Última Hora*, recomendava o programa de 09/08/1969, assim:

Hoje é reprise. Amanhã às dez da noite o programa, creio que da África. Excelente programa. Honra a TV carioca. Dois pontinhos: o som não anda lá grande coisa, verificar; e o Amaral está usando demais a primeira pessoa do singular. Tirante estes pequenos detalhes, o resto é excelente.²⁸²

Além do mais, o estilo do apresentador Amaral Netto encarnava o *repórter personagem*, aquele que participava das matérias, dos perigos e das aventuras envolvidas, o que era, aliás, uma inovação no jornalismo da época, e é seguido ainda hoje como estratégia em inúmeros produtos de televisão, independentemente do mérito que lhes seja atribuído. É a narrativa do *repórter personagem* que permite que o espectador também se projete nesse papel protagonista, como se fizesse parte da *aventura*. Mostrar a participação da equipe técnica na preparação e produção

²⁸⁰ ANDRADE. Op. Cit. p. 12, p. 56-60, p. 221

²⁸¹ ANDRADE. Op. Cit. p. 74

²⁸² Última Hora, Seção Hoje na TV, Artur da Távola: Amaral Netto, o Repórter – 12h30min-, 09/08/1969. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>, acesso em 2013.

das matérias foi, também, um aspecto inovador do programa que aumentava a teatralização. A dificuldade de acesso aos locais inóspitos, assim como muitos aspectos da produção de uma matéria de jornalismo apareciam focalizados, numa espécie de linguagem metajornalística. Tudo isso era feito no sentido de tentar conferir maior ‘veracidade’ e passar a emoção e a expectativa (real ou encenada) de aventura ao telespectador e, possivelmente, utilizado como recurso para manter uma tensão, um suspense, um interesse enfim.

Para Andrade, no entanto, a participação de Amaral Netto muitas vezes tomando decisões técnicas nos seus documentários foi identificada como um recurso de caráter semelhante ao de programas de auditório. Nessa análise, Amaral se comportaria muito mais como um “animador de espetáculos”²⁸³ do que como repórter ou apresentador.

Mas sempre é bom lembrar que, em termos televisivos, é sobre o fundamento *espetáculo* que se estrutura a televisão bem sucedida comercialmente, na visão de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o já acima citado especialista. *Espetacular*, nessa concepção, é algo “vistoso, admirativo, surpreendente”²⁸⁴, ou seja, algo que se considere que mereça ser visto. A qualidade de *espetáculo* era (e ainda é) uma premissa para qualquer atração de televisão, seja educativa ou comercial, como percebido por um dos homens fortes por trás da estruturação da TV Globo nos anos 1960/70, um dos responsáveis por transformá-la numa potência na área da comunicação.

Sobre a busca dessa *aventura* nas reportagens, o jornalista Janio de Freitas afirma que Amaral Netto utilizava-se de um dublê²⁸⁵. Essa versão da utilização de dublê não é confirmada

²⁸³ Andrade. *Op. Cit.*, p. 79

²⁸⁴ Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. MEC. 1980.

²⁸⁵ Segundo Janio de Freitas, tratava-se do capitão Sergio Ribeiro Miranda de Carvalho, expulso da FAB após o AI-5, que por não conseguir mais empregar-se, teria exercido o papel de dublê para Amaral Netto por causa da semelhança física. Cf. *Jornal Folha de São Paulo*, 19/10/1995, 1º Caderno, Coluna de Janio de Freitas, p. 5. Vale lembrar que o capitão Sergio Ribeiro Miranda de Carvalho, conhecido pelo “escândalo Para-Sar”, acusou o brigadeiro João Paulo Burnier de tramar, entre outras coisas, a destruição de um gasômetro RJ. O episódio dividiu a

nem por Angela Amaral a quem Amaral Netto jamais mencionou o uso de dublês²⁸⁶, nem pelo cinegrafista Carlos Tourinho, segundo quem Amaral era colocado “nas piores situações e ele topava”²⁸⁷. Tourinho acrescenta que Chucho Narvaez formatou o programa “tornando o Amaral um herói em quadrinhos, pois quando chegava a criançada fazia a maior festa”²⁸⁸.

Amaral gostava de participar ativamente de todas as *aventuras*. Na reportagem sobre Marajó, por exemplo, ele não deixa de montar um búfalo a pelo, mesmo que tenha se exposto a aparecer subindo no mesmo, inicialmente, utilizando uma cadeira. E que tenha caído em seguida e várias vezes. Quando finalmente consegue montar o búfalo, já selado, Amaral conclui a reportagem acompanhando o tanger da manada como “bom vaqueiro, de baeta, fuzil na mão, descalço, chapéu de palha”.²⁸⁹

Cabe ressaltar que, embora possa haver dúvidas, algumas vezes, sobre quem (ou o quê) é o protagonista dos programas, se Amaral ou a matéria das reportagens, o fato é que, em termos jornalísticos, há efetivamente uma reportagem em cada programa *Amaral Netto, o Repórter*, se considerarmos os norteadores do que seja uma reportagem como já apresentados acima. Fossem conduzidas pelo *repórter*, ou pelo “animador de espetáculos” como quer Andrade, atendiam às características de definição de uma reportagem, como visto. Nesse sentido, as atendem ainda hoje. E a natureza brasileira e os empreendimentos públicos ou privados eram mostrados na forma de um espetáculo que valia a pena ser conhecido. Isso, de acordo com uma linha editorial específica. E com um entusiasmo, uma eloquência e uma urgência, característicos de Amaral Netto, mas que também se acalmariam com o passar dos anos (e dos programas).

FAB e as Forças Armadas em dois campos, porque figuras do alto escalão apoiaram o capitão, como os brigadeiros Itamar Rocha e Eduardo Gomes. Sergio Miranda cumpriu prisão disciplinar em setembro/1968 e no mês seguinte o caso veio a público, acirrando ainda mais a crise político-militar em 1968. Cf. CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis*. Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 122-134.

²⁸⁶ Confirmado com Angela Amaral, por mensagem, em 26/02/2016.

²⁸⁷ Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail, em 2/09/2014.

²⁸⁸ *Idem*.

²⁸⁹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 1. p. 40- 50

A despeito da memória construída posteriormente sobre o programa, o jornal *O Globo* divulgou amplamente o programa *Amaral Netto, o Repórter* que a TV Globo exibia, durante esse período²⁹⁰. Não foi possível levantar ou diferenciar se a divulgação foi espontânea ou se foi paga. Mas, quando necessário, o editorial do jornal não se furtava a usar o programa de Amaral para defender a programação da emissora.

Em 1971, o fez no editorial em resposta a uma acusação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil por causa da aparição de uma manifestação do universo religioso afrobrasileiro “seu Sete Lira”²⁹¹ durante longo tempo em duas emissoras, entre as quais a Globo. Na sua defesa da TV homônima, o jornal *O Globo* lembra que, entre outros serviços que a programação de televisão prestaria ao país, “Amaral Netto desvenda para todos os brasileiros os mais longínquos pontos do país. É uma iniciativa que tanto tem de jornalística quanto de cultural”, e que estaria sendo exibido também em Portugal e em toda a África portuguesa.²⁹²

Foi o episódio “seu Sete Lira”, aliás, que fez com que a TV Globo e a TV Tupi se adiantassem a quaisquer medidas do governo (leia-se Censura) que cogitava proibir a transmissão ao vivo de programas instituindo a gravação prévia indiscriminadamente²⁹³. As emissoras elaboraram então um protocolo de conduta em nome de um suposto bom gosto e de maior responsabilidade em relação ao “popularesco”.²⁹⁴

Em 1973, o programa continuava sendo elogiado. Artur da Távola chegou a elencá-lo numa relação de programas “de altíssimo nível”, junto a outros, cujas qualidades e novas

²⁹⁰ Ver exemplo no Anexo 2.

²⁹¹ *Seu Sete da Lira*, uma manifestação de entidade (Exu) presente em religiões afro-brasileiras.

²⁹² Jornal *O Globo*, Editorial. *Os serviços da TV*. 14 /09/1971. p. 3

²⁹³ *Aa normas da boa conduta*. Revista *Veja*, Edição 193, maio/1972. p. 85-86

²⁹⁴ RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO (Orgs). *Op. Cit.* p. 117-118

temáticas representavam a razão da liderança da TV Globo.²⁹⁵ Isso não significa que não houvesse críticas negativas. Nesse mesmo ano de 1973 em que o programa alcançava expressivos índices de audiência, o colunista e crítico de televisão João Rodolfo do Prado, do *Correio da Manhã*, sem fazer quaisquer comentários sobre o conteúdo político-propagandístico ou *espetacular ecológico* do programa e, após apontar, veladamente, “posso fazer uma lista de profissionais que trocariam tudo pelo horário, autonomia e recursos que Amaral Netto possui”, criticou de forma contundente a realização técnica das reportagens, nestes termos:

Amaral Netto costuma ter um excelente material, mas não o burila. Não custa nada evitar as longas tomadas de avião que, no vídeo, transformam-se em borrões cinzentos, diminuir as tomadas de carros em movimento, redundantes em excesso; cortar os adjetivos retumbantes e desnecessários; criar uma equipe para redigir as reportagens; evitar subir tantas escadas (sem dúvida, um fraco do repórter) e, principalmente, acabar com isso do repórter tentar ser um assunto tão mais importante que a reportagem.²⁹⁶

Já no discurso de oposição política do *Pasquim*, calcado no humor e que se utilizava bastante dos jogos de palavras e imagens que brincavam com a noção de entrelinhas para a elaboração de críticas ao regime, Amaral Netto e a televisão brasileira eram alvos preferidos, como nessas peças com texto de Ziraldo e desenho de Caulos:

²⁹⁵ Jornal *O Globo*, Geral, 16/07/1973, p. 12

²⁹⁶ *Crianças e repórter*. Jornal *Correio da Manhã*, Coluna de televisão. 29/04/1970, p. 6



O programa oferecia um espetáculo sobre a natureza brasileira, então inexplorada na televisão, no qual havia espaço também para as realizações do governo e de empresas na vastidão territorial brasileira. No conceito da relação comercial que vigia então na televisão, são focalizadas em muitas dessas reportagens precisamente as empresas que os patrocinavam, fossem privadas ou estatais. Além disso, Amaral acreditava genuinamente no que mostrava e dizia²⁹⁷, um fator psicológico e/ou ideológico que não pode ser descartado se considerarmos a possibilidade de os telespectadores se identificarem com ele, com o que era mostrado no programa, ou mesmo com a perceptível intenção didática e o engajamento político do programa.

Nem todos os programas da série *Amaral Netto, o Repórter* eram sobre natureza, ou sobre temas hoje considerados *ecológicos* (embora nem sempre *ecologicamente corretos* segundo os padrões atuais). A natureza aparece muitas vezes como um personagem secundário.

²⁹⁷ AUGUSTO, Sergio.; JAGUAR (Orgs.). *O Pasquim*. Antologia. Volume 1, 1969-1971. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006. p. 108

²⁹⁸ *Idem.*, p. 109

²⁹⁹ Conforme os depoimentos de Angela Adnet Amaral (viúva de Amaral Netto), Maria Alice Quilleli (redatora). E também em conversas com Francisco Sérgio Cunha Amaral (filho), Tito Vasconcelos (amigo). E ainda José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Globo) no Jornal *Folha de São Paulo*, 18/05/1998, seção Ilustrada, p. 5 [no site do Memória Globo está dia 19/05/1998]

Principalmente naqueles em que o objeto principal são as obras grandiosas do governo, ou as cidades que investiam em algum produto industrial e/ou cultural, ou os empreendimentos de empresários que, supostamente, estariam modernizando e engrandecendo o país.

Andrade pesquisou dois dos filmes de Amaral, *Pororoca* (1976) e *Atol das Rocas* (1978). Mas ele também menciona o episódio *Baleias* (1969, em preto&branco) para comparação e para enfatizar a recorrência de “certa animosidade, um conflito quase declarado entre o espaço perscrutado e os equipamentos disponíveis”³⁰⁰. Para Andrade, o programa *Amaral Netto, o Repórter* “traduz visualmente nossa riqueza ambiental lançando mão de procedimentos ficcionais e estéticos reconhecidos em certa medida pelos meios intelectuais mais avançados, mas dentro de um padrão de exterioridade explícito e autoritário”³⁰¹. Num artigo sobre o programa, Andrade caracteriza a imagem da natureza construída nos anos setenta, a partir de *Amaral Netto, o Repórter*, como agressiva, grotesca, anômala, aberrante. Para ele, essa construção trazia “parte das tensões vividas no campo social, em que grandes projetos tecnológicos representam o futuro”. “Um espetáculo grotesco e agressivo”, nas palavras de Andrade. Ele considera, ainda, que a abordagem de *Amaral Netto* é incapaz de transcender o dilema da integração entre o espaço da natureza e “os cânones de racionalidade e impulso tecnológico” com a complexidade necessária. E ainda enfatiza a caracterização “grotesca” da abordagem jornalística de *Amaral Netto*, que atribui aos programas de auditório do começo dos anos 1960.³⁰²

Por outro lado, ressaltando que a “higienização do grotesco nos programas de auditório” era um objetivo buscado pela TV Globo que acabou instaurando um “padrão de qualidade”, Ana Paula Goulart Ribeiro, Igor Sacramento e Marco Roxo não incluem o programa de *Amaral Netto*

³⁰⁰ ANDRADE. *Op. Cit.* p. 82

³⁰¹ *Idem.* p. 127

³⁰² ANDRADE, Thales . A natureza brasileira nos anos 70. A estética agressiva de *Amaral Netto, o Repórter*. In: *Terra Brasilis*, Revista Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica. Nº 6, 2004.

no rol dos grotescos listados em *História da Televisão no Brasil*.³⁰³ Ou seja, ou o programa *Amaral Netto, o Repórter* não era percebido como grotesco pela TV Globo, ou o era e a cúpula nada podia fazer para *higienizar* esse produto. A memorialística que supõe uma *imposição* do programa não chega a relacioná-lo ao atributo *grotesco*. Parece que essa questão surge tão somente com Andrade.

Numa tentativa de historicizar o programa penso que vale uma comparação de alguns dos aspectos apontados por Andrade. A forma como o programa se construía e, principalmente, a abordagem de Amaral eram, possivelmente, características de uma época. Se compararmos a atuação de Amaral Netto com profissionais de televisão do mesmo período, podemos observar a forma de narrar, a eloquência, a impostura da voz, a rígida expressão corporal com que se colocavam frente às câmeras, e até certa rudeza na interlocução com entrevistados. Esses traços muito se assemelhavam à linguagem e à postura de outros locutores e jornalistas em telejornais e cinejornais, como pode ser visto em fragmentos que mostram o repórter Hilton Gomes³⁰⁴, acessíveis pela *internet*³⁰⁵, por exemplo. É verdade que o tom alarmista com que Heron Domingues (do *Repórter Esso*) anunciava notícias, vai dando lugar a um tom com notas mais acentuadas de otimismo como o que foi se desenvolvendo cada vez mais nos apresentadores do *Jornal Nacional*. A forma autoritária e *espetaculosa* (no sentido de pomposo, ostentoso, teatral) percebida por Andrade, tanto no conteúdo quanto na fala e na imagem de Amaral Netto existe sim, sem dúvida. Mas penso que seja muito mais um resquício característico de uma época, num jornalista que, a essa altura, já tinha por volta de cinquenta anos e dificilmente deixaria de praticar, no gestual, na eloquência e na impostação de voz, o jornalismo à moda antiga.

³⁰³ RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO (Orgs.). *Op. Cit.*

³⁰⁴ Hilton Gomes de Souza (1924 -1999), jornalista fluminense, apresentou o *Jornal Nacional* da TV Globo, ao lado de Cid Moreira, na 1ª edição, em 1969 até o início da década de 1970.

³⁰⁵ HILTON GOMES, cobertura do lançamento APOLLO 11, TV Globo, 1969. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Vtl6zTaPaZI>, acesso em 27/08/2012.

E mais do que isso, penso que Amaral encarnava a ideia do “jornalismo-testemunho” originado no século XX, mas que, juntamente com o “jornalismo educador e sensacionalista” do século XIX e a “visão publicista do jornalismo” derivada dos séculos XVII e XVIII, sobreviviam nos anos 1960/70 como representações sociais. Como aponta Nilson Lage, nem todos entenderam assim o jornalismo, mas é nessas três categorias que podem ser compreendidas as práticas jornalísticas que sobreviveram até hoje.³⁰⁶

Todavia, o “padrão autoritário”, ou mesmo hostil e agressivo, com que, segundo Andrade, é tratado o objeto natureza no programa, não difere daquele usual nas décadas de 1950,60 e 70 em relação aos recursos naturais brasileiros. Esse padrão não é exclusivo de Amaral Netto, e sequer da ditadura. E muito provavelmente, seguia a mesma linha da reprodução “de um discurso monofônico e autoritário de um segmento social dominante”³⁰⁷, como identificado por Antonio Olavo em relação ao trabalho de Carlos Gaspar, da série *A grande jornada*, já acima citada, precursora do *Amaral Netto, o Repórter*. Um discurso próprio de uma época.

Outro aspecto que Andrade critica em Amaral Netto são as “hipérboles rocambolescas”³⁰⁸ do tipo *monstro das mil faces* que ele utiliza para descrever o fenômeno da Pororoca. Embora se pudesse reconhecer também sua admiração frente ao fenômeno, segundo Andrade, são as hipérboles que mais se sobressaem na linguagem que Amaral utilizava. Não se pode fugir do fato que a denominação é efetivamente de uma hipérbole, mas penso que seja importante perceber que

³⁰⁶ LAGE. *Op. Cit.*

³⁰⁷ OLAVO, Antonio. *Um sino dobra em Canudos*. Caderno de Cinema. Disponível em : <http://cadernodecinema.com.br/blog/um-sino-dobra-em-canudos/> , acesso em 22/09/2013. Análise do documentário *Um sino dobra em Canudos* (1962, 16mm, PB, 25min), realizado por Carlos Gaspar.

³⁰⁸ ANDRADE. *Op. Cit.*

isso faz parte da eloquência característica com que Amaral enfatiza a admiração, o enorme assombro e até certo sentido de reverência diante do desconhecido fantástico.³⁰⁹

Reconhecendo que as hipérboles de Amaral remetem sim a um tratamento de *conquista da natureza selvagem*, não se pode esquecer que essa relação de conquista também estava presente na publicidade da época, ou mesmo em filmes e em outras produções culturais. Como, aliás, foi o pensamento dominante em grande parte do século XX, no qual a natureza foi vista como algo a ser dominado, parte da luta homem *versus* natureza.

O próprio clima de otimismo em relação à construção do *Brasil grande*, no qual se insere *Amaral Netto, o Repórter* passa pela ratificação da publicidade em inúmeros anúncios de produtos de consumo e de empresas, à época³¹⁰. Lembro que a publicidade tinha (e tem) como característica a apropriação de referências que as atividades humanas/sociais proporcionam.

Também é necessário ressaltar que, embora a natureza continue a ser objeto de uma espetacularização, o tratamento autoritário frente ao tema efetivamente se altera no *Globo Ecologia*, como percebe Andrade em sua comparação. A TV Globo operou com essa sutileza. No entanto, não se pode esquecer que o programa *Globo Ecologia* é produto do final da década de 1980, com estreia na década de 1990, num contexto diferente da década de 1970, no Brasil e no mundo, da relação homem-natureza-desenvolvimento retratada em *Amaral Netto, o Repórter*.

³⁰⁹ DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. 1950.

Observo, ainda, que de certa forma essa hipérbole remete à afirmação de Jean-Marie Domenach quando percebe que a propaganda se confunde com a poesia épica e dela se nutre no sentido de que a propaganda supre uma necessidade psíquica humana de ‘ouvir histórias’, como as dos mitos. Isso porque a própria designação *pororoca*, em língua tupi *poro'rog*, significa estrondo (entrondar, estourar, rebentar); ou seja, é uma palavra que remete a um barulho hiperbólico por definição e relacionado, segundo uma das versões da mitologia da região, à reação irada da mítica *Mãe d'Água* (mulher do boto *Tucuxi*) ao roubo de *Jacy*, sua canoa de estimação.

³¹⁰ Ver por exemplo OLIVEIRA, Raphael. *Otimismo em tempos de repressão: a publicidade inspirada na propaganda do Governo Médici*. 2014. 157f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

_____. *Um fusca na Transamazônica: a apropriação da propaganda política pela publicidade no governo Médici (1969-1974)*. Monografia (Graduação em História), Faculdade de História, UFF, Niterói, 2011.

O tom autoritário e até hostil do homem frente à natureza que Andrade aponta nos programas de Amaral Netto de fato existe. E é um tom civilizador, sim. Mas não se trata de uma exclusividade das reportagens de Amaral Netto. Matérias jornalísticas sobre ações do governo na imprensa escrita também usavam generosamente descrições que expressavam violência, como em “a BR-080 *rasga* a mata rumo à Amazônia”³¹¹ [grifo meu], entre outras. Além disso, discussões sobre proteção à floresta, ou à natureza, embora existissem no Brasil já no final dos anos 1970, não encontravam respaldo do governo, esbarrando em argumentos econômicos, fosse a necessidade do desenvolvimento, fosse a falta de verbas para viabilizar projetos de proteção. Para que se possa ter uma ideia do grau de consciência social, resalto que havia críticas da oposição ao governo, mas feitas no sentido de denunciar a inexistência de uma política de comunicação do governo para “conscientizar o homem do interior” a conviver com a natureza.³¹²

Como já afirmou Marcelo Ridenti,

a oposição aos atos de força da ditadura nem sempre significou contestar seus esforços de institucionalização, que acompanharam o processo de modernização conservadora da ordem estabelecida. Ademais, a política econômica de crescimento era apoiada pelas classes dirigentes e por vários setores da sociedade civil, que não raro fechavam os olhos para as arbitrariedades do regime, ou até as apoiavam expressamente.³¹³

A pesquisa de Andrade enfatiza a ligação do discurso de Amaral, no trato com a natureza, com o projeto civilizatório unilateral que atribui à ditadura. Mas sabemos que projetos civilizatórios não foram exclusividade somente desse regime no Brasil. Sabemos, melhor ainda,

³¹¹ Jornal *O Globo*, 2/11/1970, Geral, *Andreazza inaugura quinta a estrada Recife-Salgueiro*. p. 13

³¹² No Jornal *O Globo* de 18/12/1977, p. 8, por exemplo, informava-se a probabilidade da criação de uma reserva biológica em Altamira-PA, no ano seguinte. Segundo a reportagem, o assunto era tratado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, e discutia-se também a criação de uma reserva florestal de mogno na Serra dos Carajás, considerada então inviável em razão do custo financeiro com esse projeto. A matéria também mostra que o MDB (Deputado Mario Prata) encontrava nessa questão uma bandeira de oposição, acusando o IBDF de acatar a política antiamazônica e antiecológica adotada para a Amazônia. A crítica do deputado era voltada para a inexistência de uma política de comunicação do governo para conscientizar “o homem do interior” a conviver com a natureza.

³¹³ RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura. In: AARÃO REIS; RIDENTI; SÁ MOTTA. *Op. Cit.* 2014. p.44.

que a unilateralidade já vem sendo contestada em trabalhos que mostram a sustentação social que o regime recebeu. Ou seja, o projeto do regime ditatorial foi um projeto que grande parte da sociedade civil também abraçou, durante determinados períodos, na forma de participação de pessoas, de empresas, de igrejas, de associações civis, de estabelecimentos escolares, universidades, opinião pública, entre outros.

Para evitar anacronismos de análise, ressalto, ainda, que esse tom autoritário e hostil com a natureza pode ser encontrado como característica social bem anterior aos anos 1960/70. Não é o caso de fazer aqui um levantamento sobre isso, mas vale pinçar, como exemplo, o próprio processo de construção e implantação da cidade planejada de Brasília, em plena democracia *bossanovista*. Para perceber como o tema *natureza* e a questão ambiental eram tratados no Brasil nos idos de 1950 e 60, lembremos que sequer se cogitou na defesa do bioma do cerrado, por exemplo, grandemente impactado com a construção da cidade e com todas as rodovias que passaram a integrar a nova capital ao resto do país. Nem se pensou, então, na possibilidade de formação de um entorno de pobreza e favelização onde as camadas mais pobres e trabalhadoras da cidade viveriam [no futuro³¹⁴]. Aliás, nem as críticas de Amaral Netto à construção de Brasília no final dos anos 1950, como ele as fazia no *Maquis*³¹⁵, eram no sentido da proteção/preservação do meio-ambiente, mas sim no sentido do gasto financeiro considerado desnecessário com o projeto. A preocupação com o que hoje chamamos de *ecológico* era, então, muito restrita, ou quase inexistente no Brasil e mesmo em outros países, fossem capitalistas ou socialistas. E inexistente tanto nas direitas quanto nas esquerdas brasileiras, ressalte-se o papel de Oscar Niemeyer, notório arquiteto, comunista, na idealização de Brasília.

³¹⁴ Toda a periferia de cidades-satélites e favelização criada de forma não planejada no entorno de Brasília.

³¹⁵ *Maquis*, Ano II, nº 16, 1ª quinzena de janeiro, 1957.

Embora pertinentes, esses atributos de maior ou menor qualidade do programa não são o mais importante para a questão que desejo discutir. O que as críticas ao programa não explicam é a sua longa sustentação social. E mesmo que não se considere ou se desqualifique o parâmetro de medição do IBOPE para aferição de recepção, é inegável que o programa tinha grande ressonância em significativa parcela do público telespectador. Entre todas as classes sociais, faixas etárias, gêneros e níveis de escolaridade.

E não são menos importantes a questão da comercialização dos intervalos do programa e a questão da censura prévia. A primeira tem relação com a nova lógica comercial praticada pela TV Globo, mas que parece ter continuado no modelo antigo em relação ao programa de Amaral Netto.³¹⁶ Ele pagava à TV Globo pelo horário de veiculação do programa, mas tinha o direito de dispor dos intervalos para veicular os comerciais, até onde pude verificar. Essa era uma prática corrente nas emissoras e que a TV Globo alterou para todos os seus parceiros a partir de meados da década de 1970. Segundo Francisco Sérgio Amaral, o patrocínio dos programas *Amaral Netto*, *o Repórter* incluía também o horário comercial para os anúncios desses patrocinadores³¹⁷. Ou seja, embora estivesse instituindo uma nova lógica comercial, a Globo manteve com Amaral a relação praticada nos moldes antigos. Dessa forma, o negócio dos anúncios nos intervalos parece ter sido feito diretamente com Amaral e a Plantel Editora, e não com a Globo. Como investiam no programa, os patrocinadores adquiriam o direito de anunciar nos intervalos.

Não foi possível verificar as especificidades dessa prática durante os 16 anos de duração do programa, nem identificar eventuais cortes para intervalos nos filmes a que tive acesso. Assim, embora importante, permanece aberta a questão sobre como era feita a veiculação dos comerciais nos intervalos dos programas. Poderia-se ter aí algum indício de quais empresas

³¹⁶ Esse ponto tem de ser melhor pesquisado, possivelmente junto ao Memória Globo.

³¹⁷ Conversa telefônica com Francisco Sérgio Amaral, em 30/12/2012.

vinculavam suas marcas ao programa, caso não fossem objeto ou patrocinadores do tema apresentado. Ou mesmo se, eventualmente, a TV Globo lucrou de alguma forma com essa comercialização. Perguntado sobre como era feita e como funcionava essa negociação, Boni não respondeu³¹⁸.

Já a questão da censura prévia é um dos mais relevantes indícios de que o incentivo governamental, além de todas as formas de apoio material e logístico à realização das reportagens, ia muito além dessa infraestrutura.

Embora a censura não seja um fenômeno restrito aos regimes autoritários ou de exceção, é nos regimes autoritários que a censura política se alia a fatores da longa duração como “a função social de combate à licenciosidade e seu papel pedagógico na formação do indivíduo”³¹⁹. Esses fatores justificadores da censura, e quaisquer outros, no que diz respeito ao programa *Amaral Netto, o Repórter*, aparentemente, inexistiam. O programa detinha o privilégio de não passar pelo processo de censura prévia ao qual as emissoras eram obrigadas a submeter todas as outras produções. O conjunto documental do Arquivo Nacional, Divisão de Censura e Diversões Públicas do Arquivo Nacional / Seção: Censura Prévia / Série: Televisão / Subsérie: Programas de TV, não registra a passagem do programa em nenhuma das listagens de seu conjunto³²⁰, nem com o nome original nem com o adotado a partir de 1981.

O fato de as reportagens serem realizadas em consonância com a vontade governamental, fosse essa explícita ou não, além da inexistência de censura prévia, e a impossibilidade (atual) de levantar com certeza possíveis financiamentos públicos desses programas, levanta a importante

³¹⁸ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

³¹⁹ GARCIA, Miliandre. “*Ou vocês mudam ou acabam*”: teatro e censura na ditadura militar (1964-1985). 2008. 420 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

³²⁰ Ofício nº 1.193/2013-NA/COREG em resposta à consulta ao Arquivo Nacional. A base de dados referente à subsérie “Programas de televisão” do conjunto documental não relaciona o programa entre o período de 1968 a 1984.

questão sobre em que medida os documentários sobre as obras do governo eram também *encomendados* por instâncias do poder público. Órgãos e projetos do governo foram tema de enorme quantidade de reportagens, e a produção do programa contava com o integral apoio logístico desses e de outros órgãos públicos para sua realização, como se vê nos filmes. Isso levanta a questão sobre a intencionalidade de um grupo social que visava a realizar o projeto original de propaganda informativa ofensiva idealizado pelo coronel D'Aguiar na criação da Aerp/ARP. Um projeto que embora não fosse executado *oficialmente*, pelo visto, não sucumbiu.

Em suma, contando com amplos recursos logísticos do governo e de empresários, não censurado previamente pelo DCDP, com lugar assegurado na grade de programação da TV Globo, *Amaral Netto*, o *Repórter* fundamentava-se sobre o ineditismo e a inovação do formato e técnica. Era um programa jornalístico que procurava a experiência vivida e visava a certo didatismo. E incorporava na sua realização as últimas conquistas da tecnologia (videoteipe, som ótico, cor, equipamentos, filmagens submarinas), pelo menos até meados da década de 1970. No campo ideológico, abraçava, contraditoriamente, o nacionalismo estatizante, o liberalismo modernizador, o conservadorismo moralista. Para além disso, o programa dava uma nova dimensão ao tema Brasil, um Brasil que se reconhecia ali na sua diversidade humana, geográfica e econômica. Incentivando o espírito nacionalista, apostava num patriotismo integrador. E esse discurso se sustentou no ar de 1968/69 até 1985.

1.3 Amaral Netto, o deputado

Dois deputados federais já se passaram do MDB para a ARENA: Srs. Amaral Neto e Ademar de Barros Filho. O Senador Oscar Passos que feche as portas da Oposição com barras de ferro, senão vai esvaziar o MDB...

(Ibrahim Sued, 1968)³²¹

O golpe civil-militar que inaugurou uma subsequente ditadura e uma longa tutela militar no Brasil vem sendo exaustivamente estudado e não é meu objetivo analisar esse tema, nem contribuir com uma interpretação inédita sobre o mesmo. Mas para entender um pouco mais a atuação do deputado-jornalista Amaral Netto nesse contexto, e já que as fontes disponíveis para isso são seus discursos no Congresso, suas declarações, e notícias em jornais, é preciso entrar brevemente no assunto.

Tendo a concordar com a ideia de que o contexto de radicalização política do Brasil, nos meses iniciais de 1964, com o PTB à esquerda e a UDN à direita - essa reforçada com o deslocamento do centro político representado pelo PSD para a direita³²², aparentemente, não permitia que os atores políticos se articulassem para uma solução democrática. Como já ressaltou

³²¹ Jornal *O Globo*, Geral, Coluna Ibrahim Sued, 9/5/1968. p. 3

Ibrahim Sued, (1924-1995), manteve uma coluna social ao longo de 45 anos na imprensa carioca. Apresentou um programa na extinta TV-Rio e, posteriormente manteve uma coluna social na televisão (TV Globo). Seus bordões eram muito populares como: "de leve", "sorry, periferia", "depois eu conto", "bola Branca", "bola Preta", "ademã que eu vou em frente", "os cães ladram e a caravana passa", "olho vivo, que cavalo não desce escada", entre outros. Desde 1951, com um estilo pessoal, franco e agressivo, retratava a vida mundana, dava notícias de política, economia, internacional, comportamento, moda e cultura em geral. Segundo Isabel Travancas, "Nunca foi uma unanimidade. Suas notas muitas vezes provocaram polêmica, assim como sua postura política de amplo apoio aos governos militares. Nada disso impediu que, ao longo de todos esses anos de colonismo, Ibrahim fosse imitado, copiado, servisse de exemplo e de modelo para muitos outros colonistas no Brasil. Creio que é possível afirmar que o jornalista Ibrahim Sued tornou-se uma figura paradigmática dentro do campo jornalístico, particularmente do colonismo social." Ver: TRAVANCAS, Isabel. *A coluna de Ibrahim Sued - um gênero jornalístico*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html#SECTION00010000000000000000>, acesso em 07/10/2015.

³²² A mudança do centro político representado pelo PDS para a direita é estudada em: HIPOLITO, Lucia. *De Raposas e Reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Jorge Ferreira também o demonstra, além da tese do radicalismo das esquerdas e direitas em: FERREIRA, Jorge. *João Goulart. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (cap. 9). Mais sobre o radicalismo em: FERREIRA, Jorge. A estratégia do confronto: a Frente de Mobilização Popular. In: *Revista Brasileira de História*. V. 24, nº 47, p. 181-212, 2004.

Daniel Aarão Reis, embora ele não concorde com a ideia da radicalização, a sociedade dividira-se em reformistas e contrarreformistas³²³. Secundando Aarão Reis, assim como Angela de Castro Gomes e Jorge Ferreira, considero importante ressaltar que o sucesso do desfecho golpista não estava, de forma alguma, determinado de antemão.³²⁴ Também considero importante ressaltar que o golpe civil-militar desencadeado pela direita, unida num consenso anticomunista, contemplava, além dos interesses dos partidos e dos políticos, os interesses de militares, de empresários, da Igreja, e de outras associações civis, cada qual de acordo com sua agenda, e cujas consequências para o exercício da cidadania são perceptíveis ainda hoje. Como bem demonstrou Argelina Figueiredo, falando da polarização a favor e contra Goulart, à altura do golpe, “ambos os grupos subscreviam a noção de governo democrático apenas no que servisse às suas conveniências. Nenhum deles aceitava a incerteza inerente às regras democráticas”³²⁵.

Essa polarização, evidentemente, não surgiu do nada. A democracia era uma experiência recente no Brasil, e que trazia um sentido ambivalente. Principalmente, se considerarmos a cultura política popular em relação às conquistas sociais para setores trabalhistas alcançadas e consolidadas ainda durante o Estado Novo, assim como a crítica por outros setores da sociedade a tudo que Getúlio representara, como bem demonstrou o historiador Jorge Ferreira.³²⁶ Embora as especificidades da tentativa de deposição/humilhação de Getúlio Vargas sejam de outra natureza, desde 1954 “grupos conservadores brasileiros tentaram golpear as instituições”, mas sem apoio

³²³ AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. p. 25-46

³²⁴ *Idem*.

GOMES, Angela de Castro. FERREIRA, Jorge. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014.

³²⁵ FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. Estrutura e escolhas: era o golpe de 1964 inevitável? In: *Anais do Seminário 40 anos do golpe militar*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2004.

³²⁶ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista*. Getulismo, PTB e cultura política popular. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005.

suficiente da sociedade para que fossem vitoriosos, como bem lembra o mesmo Ferreira.³²⁷ Não esqueçamos que Amaral Netto se alinhava a esses grupos conservadores desde a década de 1950.

Em 1964, dias antes do 31 de março, Amaral Netto pedia veementemente na tribuna da Câmara dos Deputados a deposição de João Goulart. Nos meses que antecederam o golpe, impedido pelo ministro da Justiça de Goulart de ocupar estações de rádio e televisão, ele fazia “comícios anticomunistas” nas ruas do Rio de Janeiro e em outras cidades, com convocações públicas em jornais³²⁸. Segundo Hélio Silva, esses “comícios pela democracia”³²⁹ contavam com a presença de parlamentares de todo o país, além de membros da Ação Democrática Parlamentar ligados ao Instituto Brasileiro de Ação Democrática-IBAD³³⁰, e do Grupo de Ação Patriótica (GAP)³³¹ que defendiam em praça pública uma reação ao governo de Goulart.

³²⁷ FERREIRA, Jorge. A estratégia do confronto: a Frente de Mobilização Popular. In: *Revista Brasileira de História*. V. 24, nº 47, 2004.

³²⁸ Jornal *O Globo*, 14/03/1964, Geral, p. 5; e Jornal *Correio da Manhã*, 15/03/1964, Segundo Caderno. Anúncio conjunto do PL e UDN convocando convenção de rua no Largo do Machado, RJ, onde Amaral Netto se apresenta como o “ÚNICO BRASILEIRO PROIBIDO de falar em rádio e TV pelo Governo Federal” (grifo original).

³²⁹ SILVA, Hélio. *1964: Golpe ou contragolpe?* Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 198

³³⁰ O Instituto Brasileiro de Ação Democrática-IBAD, fundado em maio de 1959, com o papel de ação política, recebia contribuições de empresários brasileiros e estrangeiros que julgaram necessário organizarem-se para combater o comunismo no Brasil e influir nos rumos do debate econômico, político e social do país. No governo Goulart acirraram-se os ânimos ibadianos. O instituto atuou na campanha eleitoral de 1962 e criou a Ação Democrática Popular – Adep, cuja função era canalizar recursos para candidatos contrários a Goulart nos governos estaduais e legislativos. O IBAD também produziu e difundiu grande número de programas no rádio e na TV, assim como matérias nos jornais com conteúdo anticomunista. A participação do IBAD/Adep na campanha eleitoral/1962 originou uma CPI ainda nesse ano por conta de suspeitas sobre a origem dos recursos utilizados, para investigar suas atividades e de suas subsidiárias. Com o fracasso dessa CPI, instaurou-se nova em fevereiro/1963, que produziu centenas de depoimentos, denúncias e comprovantes de despesas e de doações, apurando-se que os documentos do IBAD haviam sido queimados quando suas atividades começaram a ser investigadas. Ainda assim, foi possível reconstruir parte da história do IBAD com outros documentos e demonstrar que o dinheiro do instituto provinha de firmas estrangeiras, na maioria norte-americanas. Goulart determinou a suspensão das atividades do IBAD/Adep e o exame da atuação da entidade pelo Poder Judiciário que acabou dissolvendo o instituto em dezembro/1963. Cf. Verbete *Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD*, Christiane Jalles de Paula. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_Instituto_Brasileiro_de_Acao_Democratica, acesso em 19/09/2015.

³³¹ O GAP atuava no RJ, MG e SP. Composto por jovens estudantes entre 17 e 26 anos, sob a presidência de Aristóteles Drummond, sua plataforma propunha o combate às reformas propostas por Goulart e Brizola; ao sistema de representatividade da classe estudantil; à encampação de refinarias; à ocupação de postos-chaves do governo por comunistas; à influência dos sindicatos nos destinos do país; à censura a políticos de oposição na televisão/rádio como Amaral Netto; à omissão governamental a greves e agitações políticas. Cf. SILVA, Hélio. *Op. Cit.* p. 198. Ver também: DREYFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação política, Poder e golpe de classe. Petrópolis: Editora Vozes, 1981. p. 382-383

Amaral Netto, aliás, foi um dos políticos acusados de terem se beneficiado na campanha política de 1962 com recursos do IBAD oriundos de verbas do exterior para financiamento de políticos locais contra o governo constitucional. A Comissão Parlamentar de Inquérito sob a presidência de Ulysses Guimarães³³², instaurada então no Congresso para apurar os financiamentos do IDAB e do IPES, apurou a participação de empresas multinacionais como Texaco, Esso, Coca-Cola, Bayer e IBM. Chamado também para depor, Amaral fez veemente defesa do IBAD, principalmente da ação social, enquanto atacava Leonel Brizola com referências à acusação de que este pagava em dinheiro, supostamente levado em maletas com notas de Cr\$500 e Cr\$ 1.000, a participação em programas de televisão³³³. Este discurso acabou conhecido como o “discurso da mala” e foi compilado, entre outros inflamados discursos, que chegaram a ser distribuídos (ou vendidos) em discos de vinil onde Amaral Netto era anunciado como o “líder parlamentar da revolução democrática”³³⁴.

Mas ele não se limitou apenas aos discursos. O coronel Hernani D’Aguiar chegou a incluí-lo entre os muitos civis “que participaram em diferentes estágios da conspiração, ou contribuíram de qualquer forma para a vitória do Movimento” contra João Goulart.³³⁵

É pela fala de Amaral Netto que Elio Gaspari mostra o que chamou de “sentimento catastrofista dos conspiradores” no interior do Congresso quando o deputado discursava no dia 1º

³³² Em maio de 1963, a Câmara dos Deputados instalou uma CPI para investigar o IBAD, acusado de financiar candidatos oposicionistas na campanha eleitoral de 1962 com recursos indevidos. O IPÊS foi arrolado na CPI, mas acabou sendo absolvido, em dezembro de 1963. Cf. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_Instituto_de_Pesquisa_e_Estudos_Sociais, acesso em 15/09/2015.

³³³ Disponível em [http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/CAMARA-E-HISTORIA/336061-1963--%C3%89-CONSTITU%C3%8DDA-CPI-PARA-APURAR-CANDIDATOS-QUE-TERIAM-RECEBIDO-FINANCIAMENTO-DO-IBAD-E-IPES-\(07'-00%22\).html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/CAMARA-E-HISTORIA/336061-1963--%C3%89-CONSTITU%C3%8DDA-CPI-PARA-APURAR-CANDIDATOS-QUE-TERIAM-RECEBIDO-FINANCIAMENTO-DO-IBAD-E-IPES-(07'-00%22).html), acesso em 14/01/2013.

³³⁴ *O discurso da mala*. Amaral Netto, Câmara Federal, 12/06/1963. Disponível em: <https://soundcloud.com/brasil-recente/discursos-de-amaral-netto>, acesso em novembro/2012.

³³⁵ D’AGUIAR, Hernani. *A revolução por dentro*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976. p. 107

de abril de 1964: “Fiquemos neste mausoléu, morramos aqui dentro, mas que todos morram com dignidade, que ninguém se curve a este homem que não mais preside o país legalmente”.³³⁶

O jornalista David Nasser, reportando para *O Globo*, afirma que Ranieri Mazzili, na madrugada de sua posse, ao abraçar Amaral Netto, lhe dizia: “Nesse abraço vai todo o reconhecimento de todos aqueles que sabem que a democracia lhe deve pela sua bravura e pela sua coragem, nestes dias dramáticos”.³³⁷

Após o golpe, Amaral defendeu a cassação de mandatos, inclusive da tribuna do Congresso. E alinhou-se com a UDN em apoio à *ratificação* pelo já *depurado* Congresso Nacional do nome do general Castello Branco como presidente, para o qual convergiram as heterogeneidades³³⁸ que marcaram o processo que resultou no golpe de Estado.

Já no mês seguinte, Amaral Netto subia à tribuna para defender-se das acusações de ter sido um “delator” que estaria recebendo do *Correio da Manhã*. Segundo ele, nada nem ninguém delatara porque não fizera parte nem do governo anterior [de João Goulart] nem do de Juscelino Kubitschek, aos quais sempre acusara, “errado ou certo, mas às claras”, da tribuna da Câmara. Nessa fala, criticou também o *Jornal do Brasil*, principalmente pela suposta mudança de posição do JB que, em 30/03/1964, “pedia a revolução” e que então estaria “condenando o moralismo da revolução”. E defendeu o rigor das cassações que, segundo ele, deveriam ser exercidas pela Câmara, para que fossem “evitados erros” já que, “se não são cassados os poderosos, é justo que

³³⁶ Diário do Congresso Nacional, 1ª de abril de 1964, Seção B, p. 5. Suplemento, p. 7. Citado por GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Esse discurso também consta em *O discurso da mala*. Amaral Netto, Câmara Federal, 12/06/1963. Disponível em: <https://soundcloud.com/brasil-recente/discursos-de-amaral-netto>, acesso em novembro/2012.

³³⁷ NASSER, David. *Amaral Netto – Líder Parlamentar da Revolução. Diário de um repórter*. Jornal *O Globo*, Geral, 14/04/1964. p. 7

³³⁸ Essa heterogeneidade (ou hibridismo) caracterizava reformistas e antirreformistas. Englobava, de um lado, trabalhadores urbanos e rurais, setores estudantis, graduados das Forças Armadas; de outro lado, as correntes de oposição às reformas, as elites tradicionais, grupos empresariais, parte das classes médias e mesmo setores populares, em gradações variadas de radicalização, reacionarismo e neutralidade. Ver AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. p. 36-37; 54.

se devolva os mandatos dos simples que foram cassados”. Sem dizê-lo diretamente, Amaral parecia pedir a cassação de Juscelino, a quem fizera oposição cerrada desde a década de 1950, e em relação ao qual enumerou, nesse discurso, farto material de supostos malfeitos na prefeitura de Belo Horizonte e no governo do estado de Minas Gerais.³³⁹

Não é o caso de se apontar incoerências entre o apoio de Amaral (e de muitos outros deputados) à cassação de mandatos de parlamentares legitimamente eleitos e a ideia de democracia. O comportamento desses atores políticos pode ser contraditório para nós. Não o era para eles mesmos. Os autodenominados *revolucionários*, - que em momento algum são vistos como golpistas por si mesmos -, acreditavam ter recuperado o país das forças que consideravam antidemocráticas representadas por Goulart. Nesse discurso, Amaral chegou a se referir algumas vezes às críticas que o recém-empossado governo militar estaria recebendo nos jornais como uma demonstração da liberdade de imprensa que se usufruía então e, portanto, de exercício da democracia que esses *revolucionários* teriam garantido.

Mas já no ano seguinte, na sua intervenção no Congresso, em 26/10/1965, quando da discussão sobre o texto do que viria a ser decretado, no dia seguinte, como o AI-2, Amaral posicionou-se veementemente contra essa intervenção do Executivo. A essa altura, como lembra Lúcia Grinberg, a discussão da reforma partidária tomava a agenda nacional³⁴⁰. O texto em discussão, no entanto, não tratava somente da extinção do pluripartidarismo. Incluía também perdas dos direitos políticos dos opositores ao regime, entre eles os então recém-eleitos governadores de oposição, além de reforçar os poderes do Executivo frente ao Legislativo.

As gravações referentes ao debate dessa questão no Congresso permitem perceber que Amaral defendeu com uma indignada veemência que os parlamentares sequer devessem votar tal

³³⁹ Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados. Audio do dia 20/05/1964. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp>, acesso em 12/01/2013.

³⁴⁰ GRINBERG. *Op. Cit.* 2009. p. 57

matéria. Parecendo referir-se à clara assimetria de forças entre o poder militar então no Executivo e o Legislativo representado pelo Congresso, Amaral defendeu que, por uma questão de respeito ao Poder Legislativo, os parlamentares deixassem ao Poder Executivo “a ação que ele quiser tomar e nós não podemos impedir”. E chegou a preannunciar: “acho que depois dele [do ato] vem mais coisa”, e a afirmar literalmente: “[...] Não vou iludir ninguém. Nós não podemos ter ilusões quanto ao espírito das Forças Armadas. Acho bobagem pensar de outra maneira.”³⁴¹

Isso absolutamente não significa uma mudança de posição de Amaral sobre o golpe, pelo contrário, ele continuava completamente a favor da “revolução”, mas compreendia que havia um limite entre as aspirações iniciais dos *revolucionários* e o desdobrar do golpe. É preciso entender que, a esta altura, nem todos os golpistas desejavam ou esperavam necessariamente uma ditadura. E nem todos que não queriam uma ditadura eram necessariamente democratas.

Amaral percebia como uma ameaça a interferência do Executivo no Legislativo. Uma ameaça que não podia ser ignorada, mas que também não podia ser enfrentada a não ser não legitimando com a posição do Congresso as pretensões do Executivo. Vale perceber que Amaral tinha uma avaliação bastante acurada da composição do Congresso nesses dias. Fazendo um balanço de suas próprias ações e das dos demais parlamentares, ironizou a situação de “unidade nenhuma de coisa nenhuma” que percebia no Congresso e, sob aplausos e risadas incentivadoras dos demais parlamentares, ainda declarou: “eu duvido que alguém me apresente aqui uma bancada unida, a não ser a minha *sem legenda!*”. Insistiu e sustentou que os parlamentares se unissem para não apreciar a matéria [do AI-2], como forma de protesto. E, ainda na tribuna, defendeu a posse e o exercício dos governadores eleitos, chamando a atenção para o fato de ter sido, ele mesmo, um dos derrotados na disputa ao governo da Guanabara/1965, concorrendo pelo

³⁴¹ Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados. Audio do dia 26/10/1965. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp>, acesso em 21/04/2012.

pequeno PL - Partido Libertador³⁴². Amaral não perdeu a oportunidade de reafirmar sua recém-adquirida ojeriza a Carlos Lacerda³⁴³. Nessa fala, chegou a repetir mais de uma vez que toda corrupção que denunciara em Jango e em JK estariam reunidas ainda mais em Carlos Lacerda, a quem passou a considerar um agitador.³⁴⁴

Apesar dos protestos de Amaral Netto, o AI-2 impôs o bipartidarismo, o que significou uma interrupção na intensa identificação partidária da população que havia existido no Brasil entre 1945 e 1964. Amaral Netto ingressou no MDB o que, no sistema dualista imposto, significava o partido de oposição ao regime. Esse movimento de Amaral para o MDB é compreensível se considerarmos seu (mais que) descontentamento com a política do general presidente Castello Branco. Rompido também com Lacerda, seu padrinho político que o levara para a UDN, e tendo ambições políticas, alinou-se à oposição ao governo, penso eu, por falta de opção. Amaral sentia então uma “frustração revolucionária” causada por Castello Branco e seu AI-2. A falta de entusiasmo de Amaral pelo sistema bipartidário feito “de cima para baixo”, como ele o descrevia, pode ser traduzido também por suas próprias palavras: “o nada e o coisa nenhuma”³⁴⁵. Essa frustração de Amaral Netto se explica no contexto de uma atmosfera de descontentamento de vários setores e com a impopularidade do governo, principalmente depois da prorrogação do mandato de Castello Branco até março/1967³⁴⁶.

³⁴² O PL foi fundado em novembro/1945 e extinto pelo AI-2 em outubro/1965. O partido, liderado por Raul Pilla e de base fundamentalmente gaúcha, defendia o parlamentarismo com a garantia de autonomia dos estados federados. Após a volta do presidencialismo com Goulart, o partido moveu-lhe intensa oposição e participou da preparação ao golpe civil-militar de 1964. Cf. DHBB, CPDOC-FGV, verbete Partido Libertador-PL. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acesso em 10/09/2013.

³⁴³ O rompimento definitivo com Lacerda havia significado também o rompimento com a UDN e, a partir daí, Amaral declarou-se *sem partido* no plenário.

³⁴⁴ Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados. Audio do dia 26/10/1965. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp>, acesso em 21/04/2012.

³⁴⁵ Jornal *O Globo*, 10/06/1967, p. 6

³⁴⁶ AARÃO REIS. *Op. Cit.* 2014, p. 58-59

Ver também sobre a insatisfação dos militares em: CHIRIO. *Op. Cit.*

Alinhado ao MDB, Amaral Netto se elegeu deputado federal pela Guanabara e assumiu a vice-liderança na Câmara, em abril/1966, sendo reeleito com 35.821 votos na eleição de novembro seguinte³⁴⁷. Em outubro/1966, vemos Amaral entre os 71 deputados que permaneceram resistindo por uma semana dentro do Congresso por não aceitar a cassação de mais seis deputados³⁴⁸. A essa altura, embora tenha participado ativamente das cassações em 1964 e defendesse essa prática como forma de *limpeza*, Amaral se posicionava contra a censura à imprensa e contra novas prisões e cassações indiscriminadas de parlamentares, chegando a enfrentar os soldados “dedo em riste em cima de um punhado de coronéis”³⁴⁹, nesse episódio do fechamento do Congresso ordenado então por Castello Branco.

Na ocasião, 71 deputados permaneceram no plenário frente à ordem do Executivo para o fechamento do Congresso em outubro/1966. Reunidos por sete dias, sem água, sem luz, intimidados pelos agentes do Serviço de Segurança, e praticamente abandonados pelos demais parlamentares, o grupo (incluindo Amaral Netto, então no MDB) se mantivera ao lado de Adauto Lucio Cardoso³⁵⁰ (da Arena), o presidente da Câmara, que se recusara a cumprir a ordem de cassação de mais seis deputados e mantivera o plenário aberto em desafio ao ato ditatorial. A

³⁴⁷ LEMOS, Renato. Verbete “Amaral Neto”. *Op. Cit.*

³⁴⁸ Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados. Áudio do dia 24/11/1966. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp>, acesso em 21/04/2012.

O Congresso foi fechado de 20/10 a 22/11/1966 por ordem de Castelo Branco.

³⁴⁹ *Tribuna da Imprensa*, 19/10/1995, p. 3.

³⁵⁰ Adauto Lucio Cardoso (1904-1974), jurista, participou do *Manifesto dos Mineiros*(1943), foi um dos fundadores do Movimento de Resistência Democrática(1944) que propunha a extinção da ditadura no Brasil. Foi vereador no Distrito Federal pela UDN(1947), renunciando por desacordo à decisão do Senado de restringir poderes da Câmara Municipal, reivindicando para si o direito de examinar os vetos do prefeito do DF. Foi deputado federal pelo DF(UDN-1954, reeleito em 1958). Com a transferência da capital para Brasília, passou a representar na Câmara a nova unidade da federação, a Guanabara (1962). Filiou-se à Arena em 1966, renunciando à presidência da Câmara por causa da cassação dos mandatos de seis parlamentares do MDB. Ingressou no STF, convidado por Castello Branco, onde votou a favor da concessão de *habeas corpus* ao líder estudantil carioca Vladimir Palmeira, em 1968, e de um *habeas corpus* preventivo a Darcy Ribeiro, também detido. Em 1971, requereu aposentadoria, em protesto contra a decisão do STF que, contra o seu voto isolado, não acolheu a representação do MDB, pedindo a decretação da inconstitucionalidade do Decreto-Lei nº 1.077, do presidente Médici, que instituiu a censura prévia a livros e periódicos. Cf. http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/adauto_lucio_cardoso, acesso em 26/07/2012.

favor de Amaral, pode-se dizer ainda que chegou a se colocar fisicamente ao lado, para protegê-lo, de Adauto Lucio Cardoso, seu antigo amigo e advogado, e do qual já era então desafeto.

O Congresso foi finalmente invadido pelo Exército e os deputados forçados a se identificarem frente aos soldados, quando Amaral rasgou acintosamente sua carteira de parlamentar. Na reabertura dos trabalhos da Câmara, em 24/11/1966, em seu discurso, Ulysses Guimarães (MDB) atribuiu ao ato dos 71 parlamentares nessa semana no Congresso a dimensão de uma *resistência democrática*, ao se referir a esse episódio.³⁵¹

A atuação de Amaral Netto nesse episódio mostra bastante bem os traços dessa personalidade aguerrida, disposta ao combate pelas causas em que acreditava. A disposição de Amaral Netto para o enfrentamento foi assim relatada pelo jornalista Carlos Chagas:

Fechava-se o círculo e, dentro do Legislativo, a apreensão transformava-se em caos. Funcionárias em ataque de nervos por não poder comunicar-se com suas casas, já que os telefones também haviam sido cortados. Deputados reconhecendo a necessidade de não resistir, por falta de meios, exceção de Amaral Netto, que a todos mostrava o seu revólver “22”. Jornalistas anotando minuto a minuto o que se passava fora e dentro do prédio.³⁵²

Cinco meses depois, com a mesma ênfase com que demonstrara seu enorme descontentamento com Castello Branco, Amaral passou a defender Costa e Silva que assumiu em

³⁵¹ Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados. Áudio do dia 24/11/1966, na reabertura dos trabalhos do Congresso. Nesse aspecto é clara a intenção de significação de *resistência* utilizada por Ulysses Guimarães ainda que de forma naturalizada. Ele a utiliza com sentido diverso do que se viria atribuir só muito posteriormente à noção de *resistência democrática* utilizada quase sempre como ideia oposta à *luta armada*, de uma *resistência possível* enquanto não fosse possível assumir o discurso político.

A expressão foi utilizada por Ulysses Guimarães nesse discurso na sua relação precípua com a defesa da dignidade humana e da democracia, em detrimento de partidos, mas a favor de uma ideia. Resistência, nesse caso, era um enfrentamento coletivo, improvisado, voluntário e consciente, contrário ao poder autoritário, que colocava esses deputados em risco pessoal, embora não tenha sido uma ação clandestina. Mesmo assim, considerando que ainda agiam nos limites legais então vigentes, temos de considerar que essa *resistência democrática* foi efetivamente um ato de *oposição* aos ditames autoritários do regime, como veremos na discussão conceitual sobre as ideias de resistência e oposição elaboradas no capítulo 6.

³⁵² CHAGAS, Carlos. A CPI começa devagar quase parando. Lembranças tenebrosas. In: *Tribuna da Imprensa online*, 27/04/2012. Disponível em: <http://heli fernandes.com.br/?p=36744> , acesso em 09/10/2013.

março/1967. Acreditava que Costa e Silva estivesse “tomando outros rumos” e “se aproximava do povo e dos interesses nacionais”³⁵³, ou seja, que *retomava* o rumo da *revolução* do qual Castello Branco *se desviara*.

A mudança de partido de Amaral, do MDB para a Arena³⁵⁴, deu-se no contexto da “eleição” do general Costa e Silva, sem competidores, “candidato” único da Arena. Segundo a historiadora francesa Maud Chirio, embora o MDB não tenha apresentado candidato devido à própria natureza antidemocrática dessa sucessão, o partido acabou apoiando a “candidatura” de Costa e Silva “na esperança de ver cumpridas suas promessas de “humanização da revolução” e de “redemocratização”.”³⁵⁵

Além disso, a entrada de Amaral na Arena ocorre justamente quando “se cristaliza o rompimento gradativo de Lacerda com o governo Costa e Silva”: frustrado em seu projeto de se apresentar como sucessor civil de Castello Branco e cada vez mais crítico ao governo, Lacerda acabara rompendo definitivamente com Costa e Silva, e também com os oficiais contestadores da *linha dura* para os quais ele se tornou um traidor³⁵⁶.

Pelos jornais da época, Amaral anunciou sua saída do MDB em junho/1967, quando seu posicionamento pró-Costa e Silva já causava constrangimentos ao líder do partido Mário Covas

³⁵³ Jornal *O Globo*, 10/06/1967, Geral, p. 6

³⁵⁴ Segundo o verbete do DHBB-CPDOC, no início de 1967, Amaral deixou o MDB e ingressou no partido governista, a Arena, rompendo pouco depois com o presidente Artur da Costa e Silva, que sucedeu Castello Branco em março/1967; Amaral teria afirmado então que abandonaria a política, embora não tivesse deixado a Câmara para evitar a cassação do mandato por faltas (LEMOS, Renato. Verbetes “Amaral Neto”. *Op. Cit.*).

O verbete, aparentemente se ampara na notícia veiculada na revista *Veja*, sobre um suposto rompimento de Amaral com Costa e Silva e a suposta intenção de abandono da carreira política, assim como a suposta razão para não deixar a Câmara, segundo a revista, “para evitar a cassação do mandato por faltas” (Revista *Veja*, Edição 69, 31/12/1969, p. 63). No entanto, creio que a informação sobre o rompimento com Costa e Silva pode ter sido um equívoco da revista já que Amaral sempre foi muito próximo a esse general presidente. Ele, de fato, romperá com Castello Branco. O artigo de página inteira da *Veja* é um tanto tendencioso contra Amaral, possivelmente um artifício que a revista utilizava para fazer-lhe uma crítica velada. A revista *Veja* naqueles anos era então editada por Mino Carta, e tinha linha editorial diferente da atual nos anos 2000.

Quanto às ausências no Congresso, essas de fato ocorreram por períodos longos em 1968 quando Amaral filmava seus programas (Jornal *O Globo*, Geral, Coluna Política, 18/10/1968, p. 6)

³⁵⁵ CHIRIO. *Op. Cit.* p. 96

³⁵⁶ CHIRIO. *Op. Cit.* p. 106-113

que não se furtava em declarar ao jornal *O Globo*: “Quem não estiver satisfeito que vá para a ARENA”.³⁵⁷ Amaral, efetivamente, já comunicara a Covas sua disposição em sair do MDB, justificando-se pelo apoio que dedicava a Costa e Silva.

Um telegrama do então embaixador estadunidense John Tuthill ao Departamento de Estado dos EUA, para quem a embaixada monitorava atividades de pessoas, partidos, instituições, empresas e outros no Brasil, mostra que o fato de Amaral mudar de partido não significou surpresa. O documento afirma que, desde a posse de Costa e Silva, suas visitas ao Planalto eram bem conhecidas. E que Amaral havia, inclusive, incentivado e insistido junto ao seu partido MDB um movimento de “união nacional” para que a oposição apoiasse o governo. Além disso, teria feito uma consulta jurídica sobre as implicações legais de uma mudança de partido. O documento avalia também que essa mudança para a Arena não alteraria significativamente o equilíbrio das forças na Câmara.³⁵⁸

Esse episódio também dimensiona Amaral Netto como um político personalista. Ele efetivamente não parecia ter compromisso com partidos. Já se auto-excluía da UDN, e considerava a Arena e o MDB como “o nada e o coisa nenhuma”³⁵⁹, como já dito. Parecia ser muito mais um homem de ideais e ideias do que um homem de partido. Nesse sentido, não foi um *homem do MDB*, mas também não o foi da Arena.

Tuthill chegou a prever que Amaral exerceria cargo de liderança na Arena, o que nunca ocorreu, ao contrário dos outros partidos a que foi afiliado. E traduziu certa percepção sobre Amaral, visto como oportunista, não só pelos americanos:

³⁵⁷ Amaral Neto expõe ingresso na ARENA: por apoiar Costa não deve permanecer no MDB. *Jornal O Globo*, 10/06/1967, Geral, p. 6

³⁵⁸ Telegrama do embaixador Tuthill, 29/06/1968. Declassified Authority NNO 969000. *Brown Digital Repository. Opening the Archives: Documenting US-Brazil relations 1960s-80s.* Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:341667/>, acesso em 26/03/2014.

³⁵⁹ *Jornal O Globo*, 10/06/1967, p. 6

*Amaral Neto, clearly, would rather switch than fight. His latest move is in keeping with his opportunistic past career; if he has political principles, nobody has found them yet. Nonetheless, Amaral Neto is a dynamic individual, and he is very likely to leave the imprint of his forceful personality on the administration's party – particularly since ARENA is not being strongly led in the Chamber at present.*³⁶⁰

Não se pode esquecer que Amaral Netto também tinha uma agenda própria, cuja prioridade em 1968 parecia ser a realização dos programas *Amaral Netto, o Repórter*.

Em maio/1968, numa consulta de rotina de Amaral à embaixada dos EUA sobre sua intenção de entrevistar os candidatos presidenciais daquele país para um de seus programas, foi descrito pelos estadunidenses como alguém que fora *difficult and demanding* numa visita como *leader grantee*³⁶¹ feita àquele país em 1964. E embora Amaral requisitasse auxílio dos EUA para

³⁶⁰ Telegrama do embaixador Tuthill, 29/06/1968. Declassified Authority NNO 969000. *Brown Digital Repository. Opening the Archives: Documenting US-Brazil relations 1960s-80s.* Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:341667/>, acesso em 26/03/2014.

Tradução livre: Amaral Neto, claramente, estaria mais disposto a trocar [de partido] do que brigar. Seu movimento mais recente está de acordo com sua oportunista carreira passada; se ele tem princípios políticos, ninguém os encontrou ainda. Não obstante, Amaral Neto é um indivíduo dinâmico, e é muito provável que deixe a marca de sua forte personalidade na administração do partido – principalmente porque a ARENA não está sendo conduzida por uma liderança efetiva na Câmara neste momento.

³⁶¹ Amaral viajou aos EUA em julho/1964, por 45 dias, com imunidade diplomática.

A viagem foi feita, alegadamente, a convite do governo dos EUA, para encontrar o presidente Lindon Johnson e três senadores, visitar as administrações de cinco cidades, além da Academia da Marinha Mercante onde Amaral já havia estado em 1940, e para realizar palestras e debates em cursos de jornalismo de universidades americanas. Além de levar discos gravados de seus discursos na Câmara sobre a *revolução*, ele aproveitou para levar exemplares de *A História em Notícia*, inclusive para a biblioteca do Congresso americano (Jornal *O Globo*, 2/07/1964, p. 6).

Em Washington, ele defendeu a cassação de JK e a *revolução* com uma argumentação sofismática que, mesmo confrontada às perguntas de repórteres americanos, ele não teve pejo em sustentar; em relação a JK, alegava ter lhe oferecido espaço em suas publicações para que esse se defendesse de acusações de corrupção; em relação ao golpe, embora reconhecesse que foi um ato de força, computava a chamada *revolução* como “consequência do regime anterior” (Jornal *O Globo*, 9/07/1964, p. 6).

Em Chicago, reuniu-se com vereadores negros do Partido Democrata para discutir *problemas brasileiros* (Jornal *O Globo*, 17/07/1964, p. 3).

Embora o planejado encontro com o presidente dos EUA fosse anunciado na imprensa brasileira (Jornal *O Globo*, 12/08/1964, p. 12), a reportagem sobre o retorno de Amaral não menciona tal compromisso. Pelo contrário, há enorme ênfase sobre fatos corriqueiros, sobre o número de cidades visitadas e de bibliotecas, e principalmente sobre as intenções de Amaral em promover mudanças na organização dos consulados brasileiros nos EUA, por demais autônomos, na sua opinião. Nessa reportagem, ele recorre à suposta natureza antirracista e pacífica dos brasileiros para explicar as diferenças entre brasileiros e americanos (Jornal *O Globo*, 18/08/1964, p. 12).

entrevistas, especialmente com John Kennedy e Richard Nixon, o embaixador acabou recomendando que Amaral fosse recebido naquele país apenas com as cortesias de praxe.³⁶²

Mas esse telegrama específico é muito interessante por outro motivo. Embora datado de maio/1968, e a visita fosse planejada para junho desse ano, o embaixador informa ao governo dos EUA que Amaral “*informs us that he starting tv séries on TV Globo*”³⁶³. Embora possa ter havido uma confusão entre os nomes das emissoras Tupi e Globo, não pode ser descartada a possibilidade de que o programa *Amaral Netto, o Repórter* tenha começado ser exibido na TV Tupi em julho/1968 já tendo como alvo a migração para a TV Globo que ocorreria em dezembro/1968. A questão da ligação de Amaral Netto com a TV Globo parece ter outras nuances além da simplificada *imposição* dos militares alegada posteriormente pelos altos executivos da emissora. Em 1991, em seu livro autobiográfico *O campeão de audiência*, Walter Clark chegou a considerar necessário “se penitenciar” por ter sido o responsável por levar Amaral Netto para a TV Globo, onde ele já era diretor executivo desde 1967.³⁶⁴ O que mostra que a opção de exibir o programa na Globo foi também uma escolha por motivos jornalísticos e não apenas ideológicos, mas que não podem ser excluídos, como depois se alardeou.

Amaral Netto parece ter sido muito bem relacionado com o poder, tendo enorme prestígio nos anos 1960 e 1970. Política e pessoalmente. Na comemoração das bodas de prata de seu primeiro casamento em junho de 1967, contou com a deferência da presença do general-presidente Costa e Silva e esposa, que ficaram na festa do começo até o final. Ainda compareceram mais seis ministros de Estado, ministros do Supremo Tribunal Federal, oficiais das três armas, da Casa Civil e da Casa Militar da presidência, além de inúmeras outras

³⁶² Telegrama do embaixador Tuthill, maio/1968. Declassified Authority NNO 969000. *Brown Digital Repository. Opening the Archives: Documenting US-Brazil relations 1960s-80s.* Disponível em: <http://library.brown.edu/openingthearchives/?lang=pt> , acesso em 26/03/2014.

³⁶³ *Idem.* Tradução livre: Ele nos informa que está iniciando uma série de televisão (um programa) na TV Globo.

³⁶⁴ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 260

autoridades como o chefe do SNI general Médici, comandantes militares, deputados, senadores, além dos líderes do governo e da oposição. Durante a festa, Amaral “apresentou à D. Yolanda cerca de 60 deputados do MDB e outros tantos da ARENA”.³⁶⁵

Essas informações de colunas sociais, aparentemente supérfluas, comprovam a existência de uma vida real, vivida no cotidiano, em que deputados de ambos os partidos congraçavam na vida social da capital do país. Havia, portanto, uma convivência social bastante *civilizada*, entre membros dos partidos oficiais estabelecidos pelo AI-2. Carlos Fico considera que essa estrutura partidária artificial criada pelos militares mantinha uma fachada democrática, impedindo que a vida partidária e parlamentar se encerrasse totalmente.³⁶⁶ E penso que também permitiu a muitos, como a Amaral Netto, a ilusão de uma *democracia controlada*.

Em junho de 1968, é Amaral Netto o interlocutor ao qual Costa e Silva declara que “aqui não haverá o caos francês”, referindo-se às manifestações estudantis, garantindo que “reivindicações formuladas em tom respeitoso e ordeiro” seriam sempre ouvidas, enquanto que a “baderna, a desordem e a violência” reprimidas à altura.³⁶⁷

No campo da comunicação, uma nota na coluna social de Nina Chavs, em outubro/1968, aponta para as brigas que Amaral estaria tendo com a TV Tupi e sinalizava sua intenção de mudar suas reportagens para outro canal. Pelo que se deduz do comentário, o programa *Amaral Netto, o Repórter*, que ele fazia então, já seguia a linha da aventura: “ele vai agora reportar um submarino e sair de dentro dele no fundo do mar em escafandro”.³⁶⁸

No mesmo mês, ele mostrava-se “deslumbrado com sua profissão de jornalista que lhe vem permitindo um contato mais direto e mais amplo com os problemas nacionais”. E garantia

³⁶⁵ Jornal *Diário de Notícias*, 1ª Seção, 6/6/1967, p. 13

³⁶⁶ FICO, Carlos. Crises partidárias no Brasil recente. In: *Blog Brasilrecente*. Disponível em: http://www.brasilrecente.com/2011_03_01_archive.html, acesso em 08/04/2011.

³⁶⁷ Jornal *O Globo*, Geral, 12/06/1968, p. 6

³⁶⁸ Jornal *O Globo*, Coluna Ela, 26/10/1968, p. 4

não ter abandonado a política, mas, sim, estar fazendo “um curso de nacionalidade e de problemas brasileiros, preparando-se ainda mais para o exercício de suas funções públicas”³⁶⁹.

No mês seguinte, a mesma coluna de *O Globo* comunicava que o “deputado Amaral Neto que estava um pouco afastado da política” tinha se encontrado no Rio de Janeiro com o governador Negrão de Lima e o Almirante Rademaker, tendo no dia seguinte um encontro agendado em Brasília com o chefe do SNI general Médici e com o presidente Costa e Silva³⁷⁰.

Embora a atuação política de Amaral se cruzasse com a jornalística, em plena crise que antecedeu o AI-5³⁷¹ e levou ao ato, vemos um Amaral cujo interesse parecia estar mais voltado para o programa de televisão e a mudança de emissora, que estava em curso, do que para o plenário. Envolvido com seu programa de televisão, em constantes viagens, Amaral parece ter realmente negligenciado o Congresso durante esse período. Na sessão de 12/12/1968, em que a Câmara negou o pedido de licença para que o Supremo Tribunal Federal pudesse processar o deputado Marcio Moreira Alves (MDB-GB), Amaral Netto foi um dos vinte deputados que não compareceram para votar³⁷², embora sua viúva declare que ele era a favor de Moreira Alves³⁷³. Durante o fechamento do Congresso imposto pelo Ato Complementar 38/1968 [ao AI-5], de 13/12/1968, uma matéria de *O Globo* mostrava certo pessimismo em relação à reabertura do processo político, enquanto mostrava as alternativas buscadas por parlamentares, inclusive alguns

³⁶⁹ Jornal *O Globo*, Geral, Coluna Política, 18/10/1968, p. 6

³⁷⁰ Jornal *O Globo*, Geral, Coluna Política, *Amaral e Viana fazem seus contatos*, 12/11/1968, p. 10

³⁷¹ O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13/12/1968, vigorou até 31/12/1978. O ato estipulava que o presidente da República poderia decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, acabava com a garantia do *habeas corpus*, entre outras arbitrariedades. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm, acesso em 08/07/2015.

O Ato Complementar 38/1968, de 13/12/1968, decretou o fechamento do Congresso, prerrogativa instituída pelo Art. 2º do AI-5. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ACP/acp-38-68.htm, acesso em 08/07/2015.

³⁷² Jornal *O Globo*, Geral, *Câmara recusa licença para processar deputado*, 13/12/1968, p. 18

³⁷³ Depoimentos de Angela Adnet Amaral à autora, em 30/04/2011 e em 1º/08/2014, Rio de Janeiro.

cassados, para sobreviverem com a considerável redução dos subsídios recebidos. A reportagem explica que

Como que adivinhando ou sentindo melhor as sutilezas do processo político, o Deputado Amaral Neto – outro membro da bancada da Guanabara – decidiu enveredar pelo telejornalismo. Vindo das redações dos jornais, há mais de seis meses decidiu reencontrar-se com o grande público, optando pela televisão. Ainda como deputado atuante da tribuna do Congresso, iniciou uma série de documentários sobre os mais palpitantes temas brasileiros, e os vem apresentando. O recesso o encontrou já completamente integrado num novo ângulo de divulgação jornalística.

Amaral Neto, que se diz agora apenas repórter, constantemente está percorrendo o Brasil em busca de matérias. Nos últimos meses viajou pelas grandes estradas do chamado Tronco Sul, foi ver o petróleo de Alagoas, esteve na ilha de Marajó, onde filmou as caçadas a búfalos selvagens, e no momento está filmando para a televisão a Foz do Iguaçu. Em pouco tempo, segundo os seus amigos, voltou a ser mais conhecido como repórter do que como deputado. Seu padrão de vida praticamente não se alterou, pois o que ganha dá inclusive para pagar uma grande equipe de colaboradores.³⁷⁴

Os registros da Câmara Federal mostram que Amaral licenciou-se “para tratar de interesse particular” por pelo menos três vezes, por longos períodos a partir de novembro/1969³⁷⁵, quando o congresso reabriu após onze meses do *recesso* imposto pelo AI-5.

Em começos de 1971, enquanto um crítico de televisão avaliava que “no terreno muito sério, o esplêndido repórter que é Amaral Neto” e perguntava “não é a televisão um milagre de nossa era?”³⁷⁶, o deputado defendia no programa de rádio *Voz do Brasil* que os parlamentares “deveriam ser obrigados” a viajar para o interior “de seis em seis meses, pelo menos”. Isso para melhor avaliar o desenvolvimento pelo qual passava o país e para tomar conhecimento dos

³⁷⁴ Aperturas no recesso levam políticos a novos rumos. Jornal *O Globo*, Geral, 13/02/1969, p. 8

³⁷⁵ Parlamentares constituintes – Atuação parlamentar na Assembleia Nacional. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=102432&tipo=0, acesso em 18/08/2011.

³⁷⁶ Ponha um mundo em sua casa: ligue a televisão. Marcos André. Jornal *O Globo*. Geral, 13/01/1971, p. 3

problemas de cada região. Assim poderiam votar sobre matérias de outros estados com conhecimento de causa.³⁷⁷

Nesse mesmo ano, na abertura dos trabalhos no Congresso, após três anos de ausência da tribuna, Amaral Netto fez um discurso na Câmara, a título de “explicação pessoal”, sobre o qual vale a pena um olhar mais alongado. Essa fala sintetiza bastante bem as principais ideias norteadoras de sua ação no campo jornalístico, e mostra as convicções que embasavam os programas *Amaral Netto, o Repórter*.

Ele se remete, primeiramente, ao seu último discurso de outubro/1967 quando vaticinara o que acabou acontecendo em dezembro/1968 [referindo-se ao AI-5]. Rememorando aquele discurso, ele afirma que atacara violentamente Carlos Lacerda, a quem qualificara de “traidor, desleal e covarde”. Amaral considerara, então, serem esses atributos o maior empecilho à criação da *Frente Ampla*³⁷⁸ proposta por Lacerda na época. Insistira que o “sagaz e solerte” Goulart e o “instintivo e corajoso” Juscelino, aliados a Lacerda, levariam o país à ditadura. Segundo a denúncia de Amaral nesse discurso de 1967, o deputado Renato Archer, articulador do encontro de Lacerda com JK em Portugal, teria considerado que, para travar a *Frente Ampla* o governo seria forçado a tomar medidas violentas que poderiam chegar à ditadura, o que seria preferível ao

³⁷⁷ Jornal *O Globo*, Geral, 02/03/1971, p. 10

³⁷⁸ Movimento político lançado em 28/10/1966 com o objetivo de lutar pela "restauração do regime democrático" no Brasil, tendo como principal articulador o ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda que lançou um manifesto dirigido ao povo brasileiro, publicado no jornal *Tribuna da Imprensa*. Assinado por Lacerda, o documento defendia eleições livres e diretas, reforma partidária e institucional, a retomada do desenvolvimento econômico e a adoção de uma política externa soberana. Apesar de não ter sido firmado por Goulart e Kubitschek, o manifesto confirmava as negociações entre eles e Lacerda. Em maio/1967, em discurso na Câmara, Renato Archer (o articulador do encontro entre Lacerda e JK) declarou que a Frente Ampla entraria em recesso por 90 dias, na expectativa de uma melhor definição do recém-instalado governo do general Costa e Silva. Na sequência, diluíram-se os apoios da bancada do MDB. No final de agosto, agravadas as relações da Frente com o governo, o ministro da Justiça Gama e Silva proibiu a presença de Lacerda na televisão. Nessa conjuntura de tensão Archer foi designado secretário-geral da Frente Ampla. Em setembro, Lacerda firmou nota conjunta com Goulart, na qual a Frente Ampla era caracterizada como um "instrumento capaz de atender... ao anseio popular pela restauração das liberdades públicas e individuais". No início de abril/1968, mobilizações públicas e comícios em cidades paulistas e paranaenses que reuniram mais de 15 mil pessoas coincidiram com as manifestações estudantis realizadas em todo o país em repúdio à morte do estudante Edson Luís de Lima Souto no final de março no RJ. No dia 5 de abril/1968, pela Portaria nº 117 do Min. da Justiça, todas as atividades da Frente Ampla foram proibidas. Cf. DHBB/CPDOC. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/Exilio/Articulacao_da_oposicao, acesso em 12/11/2015.

estado no qual o país se encontrava então. Vale acrescentar que após esse discurso de Amaral, Archer o desmentira veementemente, assim como Raul Brunini (GB) falando em nome da liderança do MDB, sem permitir apartes. Mas Amaral ficara irredutível em considerar que a *Frente Ampla* arrastaria o país definitivamente para uma ditadura.³⁷⁹ Sobre esse trecho, vale ressaltar que Amaral, como muitos outros, não reconhecia a efetiva ditadura - de fato - instaurada no país ainda antes do AI-5.

No assunto de sua insistência contra Lacerda, penso que se devia muito mais ao destempero impetuoso com que se dedicava a rejeitá-lo, inversamente proporcional à defesa apaixonada que fazia de Lacerda até 1965. No episódio da prisão do jornalista Hélio Fernandes e do artigo que Lacerda escreveu para defendê-lo após visitá-lo na cadeia e que deu margem ao argumento do general Moniz Aragão de um atentado à honra militar³⁸⁰, Amaral afirmara numa entrevista na TV Globo, entre outras acusações, que Lacerda tinha pedido a Costa e Silva um ministério ou uma embaixada; e denunciara que a *Frente Ampla* proposta por Lacerda nada mais era do que uma *escada* para a presidência.³⁸¹ Ressalte-se que, em agosto/1967 o próprio presidente nacional do MDB, senador Oscar Passos, já chamava atenção para as tentativas oportunistas de Lacerda de formação de uma frente ampla e defendia que o partido não fosse confundido com essa frente³⁸²; em outubro/1967, Passos repudiava a ideia da criação de frentes, reiterando que o MDB estava acima delas, fossem “amplas, cívicas ou nacionalistas”³⁸³.

³⁷⁹ *Amaral Neto: Lacerda mente para arrebanhar os banidos*. Jornal *O Globo*, 05/10/1967, Geral, p. 6

³⁸⁰ Lacerda publicou um artigo onde considerava a prisão de Fernandes um ato antinacionalista e no qual tenta se equilibrar entre acusações e defesa aos militares; isso faz com que o general Moniz Aragão escreva outro artigo instando “Afastai-vos das Forças Armadas” (Jornal *O Globo*, 25/08/1967, p. 3). Maud Chirio vê nessas declarações do general a prefiguração da invocação do atentado à honra militar cometido por civis, cujo desfecho seria o AI-5 (CHIRIO, Op. Cit, p. 108-110).

³⁸¹ Jornal *O Globo*, 26/08/1967, Geral, p. 2

Após as declarações de Amaral na TV, o colunista Ibrahim Sued publicou em destaque uma nota onde reiterava esse encontro entre “Seu” Arthur (o general presidente Costa e Silva) e Lacerda (Jornal *O Globo*, 28/08/1967, p. 3).

³⁸² *Amaral Neto: Lacerda é um vencido em desêspero*. [sic] Jornal *O Globo*, 28/08/1967, Geral, p. 8

³⁸³ Jornal *O Globo*, 05/10/1967, Geral, Coluna Política, p. 6

Voltando ao discurso de 1971 em seu retorno à tribuna³⁸⁴, após rememorar o discurso de 1967, Amaral continuou se explicando.

Diz que após seu afastamento da Câmara acabara voltando às origens, não deixando de enfatizar que devia seu mandato à profissão de jornalista. Nesse período fora do Congresso, viera a conhecer um país que não conhecia e que ainda não havia desbravado. Diz que pretende trazer seu depoimento e uma sugestão a partir das suas recentes viagens pelo interior do Brasil. Deseja compartilhar a ideia de que, do Amapá ao Rio Grande do Sul, da Guanabara ao Mato Grosso, havia se formado um mosaico de Brasil onde se podia ver “algo novo”. Diferentemente de outros países onde haveria intolerância religiosa, racismos e ódios centenários, constatou no Brasil foi a existência de “ódios e divergências superáveis”. Descobriu “o povo como algo maior”. E incorporando na fala os personagens de suas reportagens, compara os dramas “das professorinhas do Amapá” que atravessam horas de barco para ensinar brasileiros a falar português, do “caboclo de Marajó” que vive permanentemente nos pântanos, assim como o “homem da Amazônia”, o vaqueiro gaúcho e o nordestino, ou os mineiros que extraem carvão em Santa Catarina. Ele conclui que “civis e militares irmanados” fazem sacrifícios das próprias vidas e famílias para manter o território nacional. E defende que “o Brasil dever ser visto de uma nova maneira”, querendo dizer que as opiniões devem ser colhidas na própria fonte onde nascem, junto ao povo, como ele mesmo o fez, “numa conversa franca e sincera com o homem do campo e o da cidade”.

Amaral passa a enfatizar a importância do testemunho pessoal, chegando a recorrer algumas vezes ao mote *Meninos, eu vi!* de Gonçalves Dias. Reitera, repetidamente, que a opinião dos brasileiros dos mais distantes pontos do país apoia o regime. Amaral afirma não se referir a

³⁸⁴ Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados. Áudio do dia 0/04/1971. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp>, acesso em 21/04/2012

votos ou eleições, nem mesmo à vitória da Arena ou “da revolução”. Parece se referir a um clima de aprovação e aceitação percebido nessas viagens pelo Brasil.

A partir daí, ele defende com veemência, com base nessa experiência, uma reformulação da função dos políticos dentro do país. A certa altura, parece se dar conta de que haveria certa inconsistência dessa sugestão com a ideia de democracia a partir do direito de voto. Ele rapidamente se justifica afirmando que o Brasil vive, sim, um estado/regime de exceção, mas no “mundo conturbado e da América Latina convulsionada”, este seria um *sistema novo, uma nova forma de viver* exercitada no Brasil. Amaral dá a impressão de acreditar que o caminho para o Brasil é o “congraçamento e o conhecimento mútuos entre civis e militares”. Sugere veementemente que se façam “estágios” de trocas de experiências entre políticos e militares para que uns conheçam as [boas] intenções e as formas de atuar e pensar uns dos outros. Avalia que os militares não conhecem os civis no sentido político e isso só se corrigiria se tivessem oportunidade de atuar na Câmara. Por outro lado, ele avalia que os políticos deveriam conhecer o funcionamento dos pelotões de fronteira, dos quartéis, dos navios oceanográficos e aviões do correio nacional, por exemplo, para terem uma ideia da atuação militar pelo bem do Brasil. Sob aclamações de outros deputados de *muito bem!*, Amaral clama sobre a necessidade de que os poderes “se estendam as mãos para começar de baixo onde deveria ter começado”. Ele deixa claro que não defende a submissão de militares a civis, ou vice-versa, mas uma “fraternidade entre brasileiros com farda e brasileiros sem farda”.

Não se pode esquecer que, segundo Carlos Fico, a propaganda oficial da Aerp se apoiava sobre uma leitura de Brasil onde os militares eram vistos a partir de uma “superioridade sobre os

civis no que se refere ao conhecimento da realidade brasileira e ao patriotismo”³⁸⁵. Segundo essa visão militar era preciso “ensinar o Brasil ao povo brasileiro e protegê-lo dos políticos civis vistos como demagogos, corruptos e venais”³⁸⁶. Amaral Netto tenta trabalhar na contramão dessa ideia, defendendo a eliminação de dissensões, sem que se solapasse a legitimidade dos políticos.

Amaral prossegue o discurso avaliando que em nove anos o país viria a ter autossuficiência em energia elétrica e na produção de aço a partir do maciço investimento na construção de usinas e hidrelétricas e na siderurgia que testemunhou. Da mesma forma, faz um balanço sobre os investimentos na mineração e no incentivo à exportação de ferro. Para a realização dessa promessa de futuro, Amaral urge, provocando muitos aplausos no plenário, que “é preciso que os brasileiros se entendam e que compreendam que mais ou acima das divergências e dos interesses dos políticos e dos militares estão os interesses e as reivindicações da nação inteira”. Reivindica a si mesmo a legitimidade para falar sobre isso a partir da experiência que as reportagens pelo Brasil afora lhe dão, das emoções vividas ao escutar índios brasileiros cantando o hino nacional, ou filhos de índios peruanos se referindo “ao nosso amado Brasil”, ou mesmo vendo casais formados por militares e moças originárias de Copacabana vivendo na selva. Mas, principalmente, quando se refere ao trabalho conjunto, “ombro a ombro”, de civis e militares na construção da Transamazônica, ou na abertura de estradas na selva que acompanhou com a equipe da SUDECO³⁸⁷. Reivindica a si mesmo a autoridade de quem nunca distinguiu “quem usa farda de quem não usa”, de quem já defendeu cassados humildes da mesma

³⁸⁵ FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. *O Brasil republicano. Vol 4, O Tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 165-205.

³⁸⁶ *Idem*.

³⁸⁷ O programa que Amaral Netto fez sobre esse tema é objeto de análise no Capítulo 2.

Essa Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco) voltou a existir em maio/2011, 21 anos após sua extinção em 1990. A nova autarquia é vinculada ao Ministério da Integração Nacional e o processo legal de recriação foi iniciado em 2009 quando o presidente Luis Inácio Lula da Silva sancionou a Lei Complementar nº 129. A regulamentação veio pelo decreto presidencial nº 7.471, de 4/5/2011, da presidente Dilma Roussef. Cf. disponível em <http://www.sudeco.gov.br/historico;jsessionid=3ff86d674b32b2c8d31376169670>, acesso em 2/02/2014.

forma que condenou a não cassação de cassados poderosos, de quem já discordou da “revolução” muitas vezes, até com veemência como em 1966. E alerta que “não temos o direito de lançar o país num abismo em troca de uma falsa promessa de liberdade que não é a de que precisamos” no contexto de uma América Latina, onde ele se refere ao Uruguai, à Bolívia e o Chile “à beira da stalinização”. Defende que a falta de liberdade do que reconhece ser um *estado de exceção* é a quota de sacrifício a se pagar em nome da estabilidade social. Mais uma vez, Amaral não era, de forma alguma, uma voz isolada. A sustentação social ao regime, vinda de grandes segmentos da sociedade brasileira, atesta isso³⁸⁸.

Fosse por convicção, como parece suceder com Amaral, ou por quaisquer outros motivos, a ideia de que certo sacrifício era necessário, no caso o sacrifício da democracia, encontrou (e encontra hoje, ainda) eco na sociedade.

³⁸⁸ Ver, por exemplo, trabalhos sobre diferentes segmentos que mostram como se deu essa sustentação social: CALABRE, Lia. *Intelectuais e Política: o Conselho Federal de Cultura*. In: *Atas do colóquio de intelectuais, cultura e política no mundo ibero-americano*. *Intellèctus*. Ano 5, Vol II, 2006.

CORDEIRO, Janaina Martins. *Direitas em movimento-A Campanha da Mulher pela democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CORDEIRO. Op. Cit. 2012.

FERREIRA, Gustavo Alves Alonso. *Cowboys do asfalto – música sertaneja e modernização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 528f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

KUCINSKI, Bernardo. K. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

KUSHNIR, Beatriz. Op. Cit. 2004.

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. 2013. 239f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2013.

MAIA, Tatyana de Amaral. *Os Cardeais da Cultura Nacional, o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil-militar (1967-1975)*. Rio de Janeiro: Editora Rumos, 2012. [tese de doutorado em História, UERJ, 2010]

MAIA, Tatyana de Amaral. *Por um Senado da Cultura Nacional: intelectuais e Políticas Culturais no Regime Militar (1967-1975)*. Disponível em: <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbossa/files/2010/09/40-TATYANA-DE-AMARAL-MAIA.1.pdf>, acesso em 14/07/2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

ROLLEMBERG, Denise. Memória, opinião e cultura política: a Ordem dos Advogados do Brasil sob a ditadura: 1964-74. In: AARÃO REIS, Daniel; ROLLAND, Denis. *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008. p. 57-80

ROLLEMBERG, Denise. As trincheiras da memória. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974). In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 97-14

ROLLEMBERG; QUADRAT (Orgs.). Op. Cit. 2010.

Finalmente, encerrando sua fala na volta à tribuna, Amaral conclama ao trabalho conjunto, defendendo a liderança da “austeridade, compreensão e patriotismo” do [general] presidente Médici para o engrandecimento do país.³⁸⁹ Embora a ditadura brasileira não tivesse como característica o personalismo, Amaral às vezes resvalava para uma exaltação da pessoa do general Médici. Traço comum a regimes ditatoriais de diferentes contextos e matizes, como o alemão, o italiano e outros, inclusive na América Latina como no Chile pinochetista, a ditadura no Brasil foi antes institucional: o que se apresentou como culto à personalidade em outros regimes se materializou, no Brasil, como um culto à instituição militar.

Ibrahim Sued, colunista social no jornal *O Globo*, achou “excelente” esse discurso de Amaral Netto que fomentava “intercâmbio maior entre os militares e o Legislativo”.³⁹⁰ E apenas quatro dias depois, a coluna social de Carlos Swann registrou a entrega de um álbum de fotografias intitulado *O Brasil e os brasileiros* ao general presidente Médici, onde Amaral Netto resumia seu trabalho na Rede Globo de Televisão. De acordo com a nota, Médici teria se mostrado entusiasmado com o conhecimento de Amaral sobre o Brasil, corroborando a necessidade de se “estar sempre presente num avião para governar”.³⁹¹ Vale mencionar que Médici já recebia cópias das reportagens de Amaral e a elas assistia, desde finais de 1969, semanalmente, considerando-as “de grande interesse educativo para o povo”.³⁹² Esse álbum, provavelmente, remetia ao tema da reportagem de mesmo nome que Amaral exibiu em dois programas da série, aos sábados à noite na televisão.

Mas a conclamação ao “maior entrosamento” entre militares e congressistas para que melhor conhecessem o terreno uns dos outros não deixou de ser objeto de brincadeira de outro

³⁸⁹ Áudio do Congresso Nacional, de 02/04/1971.

³⁹⁰ Jornal *O Globo*, Geral, Coluna Ibrahim Sued, 5/04/1971, p. 2

³⁹¹ Jornal *O Globo*, Geral, Coluna Carlos Swann, 06/04/1971, p. 4

³⁹² Jornal *Correio da Manhã*, Coluna Balaio, 31/12/1969, p. 4-5

colunista social no mesmo *O Globo*, reproduzindo um comentário de certo Valadares: “Já imaginaram o Dinarte Mariz obedecendo ao grito de ordem unida? Ou o Tancredo Neves tendo de acertar o passo?”³⁹³.

As ideias de conagração entre militares e civis podem até nos soar ingênuas se pensarmos no contexto vigente da enorme repressão do governo Médici a quaisquer dissidências. A esta altura, as Forças Armadas, trabalhando em cooperação com as polícias dos estados, e com o tentáculo especificamente criado para a repressão, a *Oban*, já tinham conseguido desbaratar a maioria das organizações que optaram pela luta armada³⁹⁴. Mas Amaral parecia genuinamente convencido dessa possibilidade. E mais do que isso, tratava-se ali de lutar pela legitimidade da atuação política civil. Uma atuação evidentemente *depurada* pelas cassações de dissidentes e de adversários que Amaral também havia apoiado.

Em muitos dos seus programas na televisão Amaral enfatizou o lado humano e os sacrifícios de militares a serviço do país. Mostrava o mesmo espírito de sacrifício dos civis que se aventuravam em empreendimentos longínquos em prol do desenvolvimento e da modernização que se imaginava então. Pelo temperamento forte e inflamado, pela personalidade apaixonada e aberta, Amaral dificilmente defendia ideias das quais não estivesse completamente convencido, não se podendo acusá-lo de hipocrisia. O que, de forma nenhuma, significa tentar hoje valorar se

³⁹³ Provavelmente, trata-se de Benedito Valadares que era senador pela Arena.

Jornal *O Globo*, Seção Ela, Colunista Bolsalino, 17/04/1971, p. 2

³⁹⁴ Segundo Mariana Joffily, no primeiro ano de funcionamento da Oban, a VAR-Palmares já estava completamente desorganizada; a Ala Vermelha do PCdoB, a FNLN – Frente Armada de Libertação Nacional e a FELA - Frente Estudantil Pela Luta Armada foram desarticuladas; foram presos os principais líderes da VPR; a ALN fora desmantelada com a prisão de vários líderes e o assassinato de Carlos Marighella; o sequestro do embaixador americano, Charles Elbrik, no Rio de Janeiro, e o do cônsul do Japão em São Paulo, Nabuo Ozichi, foram esclarecidos com a efetiva participação da Oban. “Os dados estatísticos eram igualmente eloquentes: 111 ‘aparelhos’ estourados, e 412 presos encaminhados para fins de processo, sendo 313 ao DOPS, 48 ao DEIC e 25 ao DPF”. Cf. JOFFILY, Mariana. *No centro da engrenagem – Os interrogatórios da Operação Bandeirantes e no DOI de São Paulo (1968-1975)*. 2008. Tese (Doutorado em História) - Programa de pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 41-43

Sobre a *Oban*, ver também: FICO, Carlos. *Como eles agiam- Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

essas ideias eram certas ou erradas. Além disso, é necessário frisar que isso acontecia numa atmosfera onde até mesmo deputados do MDB chegaram a defender um diálogo civil-militar e a restauração do “conceito de homem público”, em 1971, na discussão da Comissão da Justiça sobre a iniciativa do Congresso de revogar/modificar decretos-leis fundamentados no AI-5³⁹⁵.

Amaral Netto foi afiliado à Arena até 1979. Como se sabe, a Arena tornou-se a expressão do pensamento político governista até a restauração do multipartidarismo em 1979, quando juntamente com o MDB, foi considerada extinta por não preencher mais os novos requisitos da Lei 6.767³⁹⁶. Lucia Grinberg demonstrou como a Arena se organizou a partir de deputados federais e senadores egressos principalmente da UDN e do PSD³⁹⁷. Ela também percebeu ser de fundamental importância o estudo da memória e da identidade dos partidos políticos, e lembra que a Arena, partido criado para apoiar o movimento social e militar de 1964, foi um caso limite já que, ao longo do regime, seus políticos e, a certa altura, mesmo o próprio partido, foram bastante marginalizados³⁹⁸. Grinberg aponta também a recorrência da desqualificação da representação política da Arena por variados atores e sistematiza as análises sobre o partido num estudo do processo de construção dessa imagem que culminou no “Partido do Sim, Senhor”. Dessa forma, mostra como “ao se reduzir a Arena ao ridículo, silenciava-se sobre a participação da sociedade no movimento de 1964 e no apoio ao regime militar durante longos anos”³⁹⁹. Ela também percebeu que questões levantadas sobre a legitimidade da representação política da

³⁹⁵ *O congresso poderá revogar decretos-leis*. Jornal *O Estado de S. Paulo*, Geral, 3/9/1971, p. 4

³⁹⁶ Lei 6.767, de 20 de dezembro de 1979; ementa: Modifica dispositivos da Lei nº 5.682, de 21 de julho de 1971 (Lei Orgânica dos Partidos Políticos), nos termos do artigo 152 da Constituição, alterado pela Emenda Constitucional nº 11, de 1978; dispõe sobre preceitos do Decreto-lei nº 1.541, de 14 de abril de 1977, e dá outras providências. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=125767>, acesso em 11/02/2011.

³⁹⁷ GRINBERG. Op. Cit. 2009. p. 69

³⁹⁸ A Arena foi fundada oficialmente em 4/4/1966, após a suspensão da Constituição de 1946 (então em vigor) pelo Art.33º do Ato Institucional nº 2 (26/10/1965).

³⁹⁹ GRINBERG, 2004. Op. Cit. p. 142-157

Arena eram parte importante nos embates políticos possíveis, tanto vindos do MDB e da imprensa, quanto dos próprios militares, e até mesmo dentro da própria Arena. E ainda, que é importante perceber que na Arena conviviam duas faces: a sua efetiva atuação como partido político e a sua transformação em *bode expiatório* pelo trabalho de construção de memória na transição para um regime democrático.⁴⁰⁰

Amaral Netto não foi um arenista de primeira hora. Aliás, sequer exerceu cargo de liderança na Arena, embora tivesse sido líder na UDN e no MDB (como também seria no PDS). Foi, como vimos, bastante combativo pelo MDB contra o governo Castello Branco. No entanto, passou a ser naturalmente identificado com a Arena e com o regime, embora não tenha sido o primeiro nem o único a migrar de um partido para o outro. Mas é possível que, assim como a desqualificação naturalizada da Arena, a memória construída sobre o programa *Amaral Netto, o Repórter*, e sobre o próprio jornalista, possa ter se simplificado numa ridicularização de sua atuação, tanto como político quanto como profissional de comunicação.

É certo que Amaral Netto soube aliar sua posição ideológica e política a um projeto pioneiro e inovador, para a época, como o era filmar documentários para a televisão. E soube identificar uma demanda social por informações sobre o que acontecia na vastidão territorial brasileira, possíveis riquezas e potencialidades do país. Também soube avaliar estrategicamente o canal de televisão com o qual faria parceria. E como editor de seu próprio projeto, escolhia as matérias e a forma de apresentação das questões nacionais sob o prisma favorável ao regime que também defendia politicamente, a partir do ingresso na Arena, como deputado federal. Dessa forma, o programa tornou-se uma vitrine do Brasil que avançava tecnologicamente e se desenvolvia rumo *ao futuro grande* que se materializava no presente. Um Brasil que aparecia no discurso jornalístico de *Amaral Netto, o Repórter*, mas também no discurso publicitário e no

⁴⁰⁰ *Idem.*, p. 283-284

discurso oficial da época. Dificilmente o programa de Amaral mostrava problemas. Quando os mostrava, eram atribuídos a um tempo anterior à *revolução*. E nunca fazia denúncias. O foco eram as soluções. E soluções já em curso, decorrentes de uma escolha política do governo que Amaral Netto passou a representar.

CAPÍTULO 2 – *O futuro já está aí!*

2.1 *Urubupungá*

No dia 1º de junho de 1969, um domingo, foi exibido às 23 horas, na TV Globo, canal 4 do Rio de Janeiro, em preto & branco, o programa *Amaral Netto, o Repórter* que tinha por tema *Urubupungá*.⁴⁰¹ A temática que abordava assuntos sensíveis ao desenvolvimento e à modernização do país parecia ser atraente aos telespectadores do programa. Nesse domingo de junho/1969, a aferição de audiência registrada pelo IBOPE mostrou que 11% dos televisores no Rio de Janeiro estavam sintonizados em *Amaral Netto, o Repórter*. O que não era um número baixo, já que estavam ligados 33,6% do total de televisores do estado. Os números estavam perfeitamente dentro da média da emissora na faixa de horário entre as 22 e 24 horas. As outras emissoras marcaram 5,8% (TV Excelsior), 8,8% (TV Tupi), 6% (TV Continental), e 2% (TV Rio) na mesma faixa de horário. 66,4% dos aparelhos de televisão estavam desligados nesse final de noite de domingo, véspera de mais uma semana de trabalho.⁴⁰²

O tema da reportagem, *Urubupungá*, tratava do complexo conjunto hidrelétrico que existe e funciona ainda hoje. Atualmente, compreende as usinas de Jupuíá, de Ilha Solteira e de Três Irmãos, fornecendo energia aos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. À época dessa reportagem, estava em construção a usina de Ilha Solteira enquanto Jupuíá já funcionava parcialmente. Três Irmãos entrou em funcionamento nos anos 1990. O complexo gera hoje cerca de 4,5 bilhões de Kw e sua construção possibilitou a navegação do rio Paraná e a

⁴⁰¹ O filme em acetato, 16 mm, dessa reportagem de Amaral Netto sobre Urubupungá, de nº 18 na listagem de filmes do acervo Plantel depositado no Arquivo Nacional, estava em surpreendentes boas condições para manuseio.

⁴⁰² “Audiência aferida em televisão”. Fundo IBOPE. Arquivo Edgard Leuenroth. Unicamp, Campinas.

integração viária com o rio Tietê. A seguir, a descrição desse filme na sua totalidade, utilizando o tempo de narração presente, tal qual a reportagem.

Nas primeiras imagens, Amaral Netto inicia a reportagem falando com muito entusiasmo sobre uma “maravilhosa obra”, a do “maior conjunto hidrelétrico de todo mundo ocidental e o terceiro do mundo - só perde para a Rússia!”. Ele parece genuinamente mobilizado e confessa aos telespectadores sua “emoção e orgulho de brasileiro” por apresentar “uma obra construída no meu país, este que já é um Brasil Grande”. Enquanto as imagens mostram enorme quantidade de água, com um tema musical ao fundo, ele explica que esse volume equivale a duas Baías da Guanabara.

Na sequência, aparece um avião no qual entram Amaral e outra pessoa. Enquanto as imagens se alternam entre vistas aéreas (cidades, construções, campo, usinas) e o interior do avião, Amaral vai explicando que mostrará a “aventura de Urubupungá”. Ele adverte que o local é chefiado por homens jovens, com o mais alto grau de técnica, alguns dos quais vindos de Jupia.

Enquanto o avião sobrevoa uma construção circular, uma das vilas operárias que acomodam trabalhadores, Amaral Netto informa que esse ano de 1969 representa o meio de um trabalho que dará orgulho à engenharia nacional. Ressalta as condições de trabalho em que os funcionários atuam, suportando altas temperaturas, trabalhando incansavelmente sob o calor da região. Passa a descrever Ilha Solteira, e o avião aterrissa. Enquanto anuncia que chegaram ao território matogrossense, aproxima-se um transporte, e o avião é focalizado voando embora.

As cenas seguintes se passam no interior do carro que leva Amaral e sua equipe e, enquanto atravessam uma ponte, Amaral lembra que a região guarda uma história de um passado no qual era necessário que o material para esse tipo de construções fosse importado. Afirma que hoje o povo brasileiro é capaz de construir suas próprias pontes. De dentro do carro é focalizada a estrada e percebe-se que ali passam inúmeros caminhões. Informa que as pontes tiveram de ser

reforçadas, assim como as estradas, para dar conta do peso que esses caminhões carregam. As cenas da travessia de uma ponte e a entrada na estrada são acompanhadas de uma trilha sonora com efeitos de percussão. Amaral explica que esses caminhões estão indo até a ‘flutuante’. Continua a trilha musical.

As cenas seguintes mostram Amaral de capacete, durante a travessia de um rio, numa balsa que também leva caminhões. O jornalista, que chega a ser filmado ao leme conduzindo a ‘flutuante’, vai explicando que ali se reúnem brasileiros de todos os lugares, na maior obra de engenharia que já fez surgir até estaleiros. As imagens mostram a amplitude da paisagem fluvial e floresta. Ele fala da quantidade de capital nacional investido, e da obrigatoriedade de parte do fornecimento para que o empreendimento fosse atendido pela indústria nacional.

As cenas passam para o que parecem ser as instalações da futura casa de máquinas. Amaral a descreve como “gigantesca” e de uma variedade e complexidade que fazem seu orgulho “ser compreensível”. São mostrados muitos funcionários ocupados com soldagens e Amaral numa construção de enormes dimensões. Ele insiste no *gigantismo* para repudiar, num tom até irônico, “o subdesenvolvimento que se atribui ao Brasil”. E conclui que “só um povo muito forte, muito trabalhador, para chegar a fazer isso”.

As imagens mostram então em *close* a sigla CESP, das Centrais Elétricas de São Paulo. Amaral aparece em frente a uma enorme construção e seguem imagens de gigantescas turbinas, de reatores e geradores. A construção em andamento que aparece é de algo que ficará realmente muito grande. Há equipamentos ali que pesam toneladas e que necessitaram da construção de carretas específicas para serem movidos, exigindo a construção de aterros, desvios e modificações em estradas. Essa enorme construção é parte dos alicerces de Ilha Solteira, onde seriam construídos seis quilômetros de barragem, que Amaral compara a um edifício de 25 andares. Ainda de capacete, ele aparece junto a um paredão escavado e, enquanto as imagens

mostram a construção e funcionários que trabalham ali em medições, Amaral enfatiza que essa “obra ciclópica da engenharia brasileira”, assim como “esses dados gigantescos nos envaidecem”. O adiantado da obra é então mostrado em imagens panorâmicas e Amaral ainda explica que os funcionários preparam uma explosão para abrir mais espaço. É mostrada a explosão, captada “como outras diárias” que ali acontecem.

As imagens das instalações da construção hidrelétrica e de equipamentos continuam sendo mostradas, enquanto muitos funcionários trabalham ativamente no local. Amaral se desloca com seu microfone por ali, e informa que por se tratar de uma região inóspita e isolada, onde a temperatura alcança facilmente os 44°C, há necessidade de se fazer três turnos de trabalho dos funcionários. São 12.000 brasileiros, “de norte a sul, principalmente do nordeste”. Ele continua com dados estatísticos que mostram a quantidade de turbinas que funcionarão (14), a quantidade de energia a mais que será gerada (50%) e a quilometragem já construída. A todo instante aparecem muitos funcionários trabalhando, enquanto Amaral se entusiasma: “Isso é Urubupungá! É Brasil! É progresso que chega antes do futuro! Isto é o Brasil grande!”.

A seguir, em frente a um paredão ainda montado em vergalhões, aparece lá do alto uma peça redonda subindo devagar. Quando emerge, surge Amaral Netto, que vem içado dentro de um tipo de gaiola, passando por dentro de muros, por cima de torres e chegando a uma altura considerável. Lá de dentro, microfone em punho, ele continua exaltando “a mais maravilhosa obra de energia do continente”. E esclarece: “Não é ufanismo! É realidade, não me canso de repetir!”. Ainda na gaiola, ele vai descrevendo em detalhes como a hidrelétrica funcionará, e chama a atenção para o fato da linguagem que utiliza não ser técnica. Neste ponto da reportagem, Amaral está muito mais alto do que toda a construção. Há uma tomada geral das torres de transmissão de energia. Seu entusiasmo parece crescer com a altura, enquanto exclama: “Tão genial! Tão fantástico! Tão fabuloso, o que os brasileiros estão construindo!”. Ele anuncia

que essa tomada da filmagem é inédita em toda a obra de Jupiá. E não deixa de repetir a localização do empreendimento, entre São Paulo e Mato Grosso [então um único estado], enquanto repete os dados numéricos que o complexo vai atender quando finalizado.

As imagens seguintes mostram Amaral descendo, até ser resgatado por funcionários da obra. Ele continua informando que essa usina gigantesca “trabalha em ritmo de jato para fazer o Brasil recuperar o tempo perdido. Esse tempo que, depois de 64, passou a correr mais depressa, porque mais depressa passou-se a trabalhar no país”.

As imagens ainda mostram detalhes das torres de transmissão, mais uma panorâmica da construção toda, enquanto Amaral entrevista duas pessoas. Um deles é um engenheiro de 32 anos, o chefe de todo o conjunto. Amaral exalta a pouca idade do engenheiro que “nos envaidece e emociona”. Entre outros detalhes, eles fazem comparações sobre o que daria para se construir em São Paulo e no Rio de Janeiro com aquela estrutura toda. O outro entrevistado prevê que Jupiá estará pronta em 1971. Amaral interrompe a conversa porque as comportas da represa começam a jorrar. Enquanto as imagens se concentram numa visão geral da represa e da água que sai pela comporta, ouve-se a fala do entrevistado dizendo que a entrega de Ilha Solteira está prevista para 1974. Os entrevistados preveem que o aumento de energia será de 50% se o número da população ficar estável. Amaral continua conversando com os engenheiros, mas a imagem é da água jorrando com força. Ele volta à retórica da “maravilha de obra”, do “orgulho e vaidade para todos os brasileiros”, do “é assim que o Brasil cresce”, “é assim que se faz um Brasil grande”. A trilha musical que acompanha essas cenas é solene e até pomposa.

Enquanto a cena seguinte mostra Amaral Netto ao longe, ao microfone, e a água jorrando, ele fala da dificuldade enorme de se filmar ali. Lembra que “vocês estão diante da maior obra hidrelétrica de todo ocidente” e que Urubupungá representa 10 bilhões de litros d’água. As imagens exploram os vários ângulos da água jorrando, da represa, e até de um arco-íris que se

forma. Amaral informa que as comportas foram abertas exclusivamente para que ele pudesse mostrar aos telespectadores. A imagem passa para as torres de transmissão filmadas do alto [provavelmente de um avião] e para uma tomada [em plano médio] do perfil de Amaral Netto, com a água ao fundo, enquanto ele olha maravilhado para a imensidão. Amaral informa ser esse o “linhão” que transmite energia, 400 mil volts para São Paulo e Belo Horizonte. Trata-se da usina de Jupia, já parcialmente em funcionamento.

Em seguida, aparece Amaral Netto num barco que corre veloz em direção à água que jorra. Ele diz que a represa para onde se dirigem representa um total de 1.200 metros, que corresponde a uma quantidade de cimento suficiente para se construir 350 edifícios como o *Av Central* no Rio de Janeiro, que ali trabalharam 14.000 funcionários. E volta a repetir que Urubupungá é o maior complexo hidrelétrico do ocidente, lembrando novamente que só dois na Rússia são maiores. Aparecem outros barcos ao longe, a água se agita, eles navegam pela lateral da represa. Amaral faz referência ao Rio de Janeiro, à muralha de nove quilômetros que vai do Leme ao Leblon, para comparar à quantidade de cimento utilizado em Urubupungá. A quantidade de água dá uma sensação de imensidão, principalmente ao se mostrar, de longe, a imagem de Amaral no barquinho.

A certa altura, Amaral aparece dentro de uma escada circular na lateral da represa. Ele desce a escada, ainda portando o microfone, para mostrar o vazadouro das águas que movimentam as turbinas, 30 metros abaixo. Ele aparece muito pequeno focalizado no meio da imensidão das águas que passam pelas comportas da represa. E informa que essa água toda desce até a jusante. E que apenas três minutos de água correndo poderiam abastecer o Rio de Janeiro, com três litros d’água por pessoa. Que 15 horas de água correndo poderiam abastecer toda população do Rio de Janeiro em um ano. Ele diz se sentir como um pigmeu diante da majestade

dessa obra e dessas quatro comportas. E enfatiza o que sente com termos como a “estupidez desse panorama”, a “brutalidade dessa cena”.

Há muitas cenas da força da água revolta, Amaral é filmado do alto. Sua voz, muito entusiasmada, repete: “Esta é Jupiá! Esta é Urubupungá! Esta é São Paulo! Este é Mato Grosso!”. Ele relembra que o governo de São Paulo está financiando quase totalmente essa obra, onde ele afirma haver somente 20% de financiamento externo. As cenas continuam focalizando o impacto das águas, das fortes ondas ocasionadas pela força da sucção da jusante. Na cena final, Amaral volta pela escada e fala diretamente à câmera. Ele encerra emocionado, localiza a hidrelétrica de Jupiá, refere-se à Urubupungá e diz que procurou mostrar todos os detalhes, “toda a imagem portentosa do presente”, desse *Brasil Grande*, que “não é mais futuro, porque já está aí”.

Muitas das passagens dessa reportagem de Amaral Netto sobre Urubupungá, assim como o fechamento apoteótico que a resume, mostram como essa narrativa abraçava uma convicção otimista sobre o futuro do Brasil em 1969, cinco anos depois do golpe político.

Como afirmou Carlos Fico, esse otimismo não se resumia a uma atitude positiva, mas se realizava em razão de uma série de características enfocadas de forma mítica.⁴⁰³ Esse tempo do futuro imaginado, e portanto mítico, é trazido para o presente nessa reportagem sobre Urubupungá de *Amaral Netto, o Repórter*. Ali se realizam a um só tempo, o futuro e o presente. É o discurso de Amaral, sobre imagens da grandeza construída, que conecta o tempo presente - um tempo considerado privilegiado, um momento político, social e econômico no qual “o futuro já está aí” – ao futuro projetado.

Esse desembaraço para falar do futuro causa espanto. Numa expressão de José Saramago, é “como se o tivessem na mão, como se estivesse em seu poder afastá-lo ou aproximá-lo de

⁴⁰³ FICO. Op. Cit. 1997. p. 19

acordo com as necessidades de cada momento”⁴⁰⁴. Mas a retórica que realizava o futuro no presente tornou-se recorrente no período das grandes obras do governo autoritário. Provavelmente uma tentativa de reverter a tradição do pessimismo nacional que via o Brasil como um país face a um futuro permanentemente inatingível e irrealizável.⁴⁰⁵ E Amaral Netto antecipava, já no início de 1969, a certeza do discurso que o general presidente Médici faria após dois anos de mandato (em 1972), e no qual tornaria oficial que “o eterno país do futuro se transformou, afinal, no país do presente”⁴⁰⁶.

Embora não produzida nem encomendada pela Aerp/Arp, é flagrante que a reportagem apresentada nesse programa se alinha perfeitamente aos ideais de *produção de otimismo* dessa agência. Percebe-se que Amaral usa o tom mais estusiasmado, o assombro maravilhado para mostrar “toda a imagem portentosa do presente”. E mais, ele dá um passo adiante enquanto alia essa produção de otimismo à estratégia de contrapropaganda, fosse ou não de forma intencional. Amaral não só enfatiza a necessidade de “recuperar o tempo perdido [anterior a 1964], como também rebate e repudia num tom de voz irônico e mesmo desafiador, que não passa despercebido mesmo ao telespectador mais desatento, as críticas quanto ao “subdesenvolvimento que se atribui ao Brasil”.

A reportagem sobre Urubupungá, principalmente a parte fluvial, mostra também a pequenez do homem frente à natureza. Ainda que se trate da natureza *dominada*, também uma constante na retórica do período. E não satisfeito em mostrar isso com o trabalho de seu repórter-cinematográfico/diretor do programa, Chucho Narvaez, Amaral ainda enfatiza as imagens com o discurso inflamado.

⁴⁰⁴ SARAMAGO, José. *Caim*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009. p. 168

⁴⁰⁵ FICO. Op. Cit. 1997. Capítulo 1.

⁴⁰⁶ Presidente Emílio Garrastazu Médici. *Nosso caminho*. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1972, pp.76-77. *apud* CORDEIRO, Janaina Martins. Op. Cit. 2012.

É curiosa a quantidade de vezes que Amaral faz comparações com elementos da Guanabara e do Rio de Janeiro. Mesmo que se entenda que essas reportagens eram mostradas em primeiro lugar ao público do Rio de Janeiro, e depois em São Paulo e nas grandes capitais, essa comparação fazia sentido numa continuidade da importância da antiga capital como referência nacional no imaginário brasileiro.

Durante toda a reportagem, Amaral Netto aparece vestido com seu traje habitual estilo safari que, aliás, remete a um traje militar. Ademais, ele portava um cigarro, demonstrando grande naturalidade ao fumar durante as filmagens. Isso vai se repetir em outras reportagens. Além de, provavelmente, servir para dar um toque de naturalidade (ou casualidade) ao que se filmava, percebe-se a importância social do cigarro na mentalidade da época que associava o ato de fumar à aventura e à virilidade, também em grande parte da publicidade.

Essa matéria sobre Urubupungá mereceu uma versão impressa na revista *Amaral Netto, o Repórter* que começou a circular quando o programa completou um ano na TV Globo. Com fotografias coloridas, onde se explica que elas foram colhidas sob a orientação dos engenheiros da obra, cuja média de idade era de 28 anos, a reportagem impressa parece ter informações estatísticas mais exatas, algumas das quais inclusive se chocam com a filmada. Mas isso pode ter sido por causa da checagem posterior de dados, já que a revista só foi publicada posteriormente. No entanto, a linguagem dos textos da revista é bastante fiel à fala de Amaral na reportagem filmada.

É verdade que as frequentes repetições de Amaral, durante a reportagem, podem ser percebidas como uma intenção de convencer o telespectador. Mas por outro lado, percebe-se nele um entusiasmo genuíno em seu empolgado tom de voz com a imponência daquilo que vê e reporta. Possivelmente, um espectador comum levado ao complexo de Urubupungá durante essa construção tivesse reagido com semelhante admiração ante a grandeza da obra, mesmo que se

considere que o sentido dessa reação pudesse ter amplas conotações. É nesse lugar do espectador comum que Amaral muitas vezes se coloca. E ele não só atua como repórter-participante permitindo-se ser içado numa gaiola, ou arriscando-se junto às comportas abertas, ou demonstrando seu genuíno deslumbramento e sua animação frente à *aventura*. Ele também se deixa impressionar com a quantidade de cifras gigantescas que o complexo de Urubupungá representa. E, especialmente, com a capacidade de construção e de superação de brasileiros.

Mas ao apresentar essa capacidade como algo novo, supostamente despertado desde 1964, parece dar a impressão de que antes disso não se tivesse construído nada grandioso no país. E, principalmente, deixa de fora do discurso todo o trabalho feito desde a década de 1950, quando se começou a cogitar no aproveitamento do rio Paraná para a hidrelétrica⁴⁰⁷. Além disso, embora a construção do complexo tivesse começado em 1965, isso não chega a ser mencionado na reportagem. Provavelmente porque o responsável pela elaboração dos planos de unificação das companhias hidrelétricas paulistas para a criação da CESP foi o governador Ademar de Barros, cassado de seu mandato em junho/1966 pelo governo do general Castello Branco.

Há ainda uma ideia que passa quase despercebida na reportagem, e que Amaral menciona apenas de passagem. É que um empreendimento de tal porte movia não só a área a que se destinava como atividade final; um telespectador mais atento faria essas conexões. Como exemplo, vale mencionar que para que se pudesse trabalhar com o tipo de concreto *gelado* usado em Urubupungá, foi necessária a construção de uma fábrica de gelo só para o concreto e outra de ar frio para resfriamento das pedras. Além do equipamento específico como turbinas e reatores, foi necessária, ainda, a construção de estradas, de pontes, de carretas e caminhões, e de toda uma

⁴⁰⁷ LIMA, Luiz Henrique Mateus. *O Complexo Urubupungá e sua influência nas cidades de Ilha Solteira, Pereira Barreto e Três Lagoas*. II Simpósio de Estudos Urbanos – A dinâmica das cidades e a produção de espaço. SEURB, Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM (GEURF), Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão, agosto/2013.

infraestrutura para manter milhares de pessoas, e suas famílias, vivendo na região durante anos. Ou seja, uma obra desse porte significava a movimentação de muitas outras indústrias, de serviços e, principalmente, de grande contingente de pessoas e suas necessidades diárias. Por isso, provavelmente, o discurso da “imagem portentosa do presente” calasse fundo a muitos que se identificassem com essa geração de empregos paralela e imediata, assim como com as transformações e potencialidades futuras que o empreendimento representava.

Urubupungá foi uma das obras hoje consideradas *faraônicas* concluídas durante o regime autoritário. Um investimento em infraestrutura na área de energia que funciona ainda hoje. Como já apontou Janaina Cordeiro, na consolidação do processo de redemocratização do país, as referências às grandes obras do período ditatorial passaram a ser ironizadas e vistas como “mero instrumento de manipulação de uma propaganda todo-poderosa e mal-intencionada”⁴⁰⁸. Por outro lado, correndo o risco de cometer um anacronismo já que essas não eram preocupações daqueles anos, temos de perceber que a reportagem de Amaral Netto não entra em qualquer detalhe sobre quaisquer consequências negativas dessas hidrelétricas na região. Não se fala sobre as desapropriações de terras, sobre os impactos ambientais, econômicos, sociais e espaciais na região. Ressalte-se que se pode dizer o mesmo de dois outros documentários feitos naqueles anos, exibidos nos cinemas, sobre a construção do mesmo Complexo de Urubupungá. Vale um rápido panorama sobre esses trabalhos, para que se perceba que *Amaral Netto, o Repórter* não estava desconectado do que se produzia então.

⁴⁰⁸ CORDEIRO, Janaina Martins. Por que lembrar? A memória coletiva sobre o governo Médici e a ditadura em Bagé. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. p.186-202

Trata-se de duas peças cinematográficas, coloridas. A do cineasta franco-brasileiro Romain Lesage, de 1971, para a construtora Camargo Corrêa, tem cerca de 11 minutos⁴⁰⁹, depois complementada com outra também de 11 minutos em 1973. A de Jean Manzon, *Uma epopeia no rio Paraná*⁴¹⁰, de 1974, feita aparentemente para a CESP, tem cerca de 4 minutos. Ambos documentários institucionais foram realizados sobre imagens previamente colhidas, com uma narração em *off* bastante tranquila e equilibrada. Percebe-se em ambos o texto de um redator, seguido à risca pelo narrador profissional. Tanto o de Manzon quanto o de Lesage suprem o telespectador com uma profusão de dados estatísticos e, também, de comparações com as quantidades de material ali empregado e/ou removido. A quantidade de água da Baía de Guanabara parece ser um denominador comum nas comparações. Se Amaral Netto atribuiu a capacidade do lago de Ilha Solteira a duas baías da Guabanara, em Manzon esse lago compreende seis baías, e em Lesage, uma apenas. Em Manzon, uma peça evidentemente propagandística do então governo de São Paulo, que era acionista majoritário da CESP, há muitos closes de águas revoltas e de detalhes dos equipamentos e de homens trabalhando no alto das torres de alta tensão, assim como panorâmicas de paisagens obtidas das alturas dessas torres, além de um arco-íris. Ele também exalta, como Amaral Netto, o “trabalho, o entusiasmo e o sacrifício” de brasileiros “do nascer ao por do sol, incessantemente” que permite a entrega do empreendimento dois anos antes dos dez previstos. Já a peça de Romain Lesage, muito mais focada nos elementos técnicos da construção, enfatiza e mostra, em profusão, sofisticados esquemas gráficos e até croquis em animação sobre o funcionamento futuro das usinas. Esse filme também valoriza o aspecto da baixa idade média dos engenheiros responsáveis, além de enfatizar que a experiência

⁴⁰⁹ LESAGE, Romain. Construção do Complexo Urubupungá. Jota Filmes, 1971,1973. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=E0ECnE68Fsg> (vídeo 1) e <http://www.youtube.com/watch?v=ncIDd-06e0c> (vídeo 2).

⁴¹⁰ MANZON, Jean. *Uma epopeia no rio Paraná*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z3VXP2ceowk>, acesso em 23/01/2014.

adquirida com a construção de Jupiá foi totalmente mobilizada para a construção de Ilha Solteira. Ambos documentários cinematográficos, feitos poucos anos após o de Amaral Netto para a televisão, amparam-se num discurso que valoriza “a expansão geográfica, econômica e histórica do país” (Lesage) e a aceleração da “expansão do sudeste” (Manzon).

Além do fato dessas peças serem coloridas e bem mais curtas do que a reportagem feita por Amaral Netto, em preto & branco, para a televisão, existe a enorme diferença da participação ativa do repórter, na maior parte do tempo. Na reportagem de Amaral Netto, além da edição de áudio posterior, com textos adicionais, percebe-se o grande aproveitamento das cenas captadas em que ele elabora seu discurso ao mesmo tempo em que as imagens são gravadas ao vivo. Essa forma de jornalismo, com a narração *on*, demanda enorme agilidade e capacidade de improviso tanto de Amaral, quanto de sua equipe de filmagem e da produção. Fazia parte da estratégia de Amaral Netto e de Chucho Narvaez⁴¹¹, e o jornalista parecia gostar disso, de se colocar em situações arriscadas (reais ou encenadas) para criar o *clima de aventura* que servia de chamariz para os programas. E claro, Amaral não economizava entusiasmo para compartilhar seu assombro e sua admiração com o que via e apresentava.

A retórica que amalgamava presente e futuro num só tempo, que trazia o horizonte do futuro para perto do brasileiro comum, que transmitia ao espectador uma sensação de inserção no processo de modernização, foi um recurso constante nas reportagens de Amaral Netto. Além disso, a estratégia de construir a reportagem como uma *aventura* tentava enfatizar uma suposta excepcionalidade do brasileiro comum que trabalhava nesses grandes projetos de infraestrutura. Uma excepcionalidade que se estendia a todos os brasileiros.

⁴¹¹ Depoimento de Marco Narvaez à autora, em 01º/08/2012; e de Carlos Tourinho, por e-mail, também à autora, em 2/09/2014.

É preciso apontar para o esclarecimento ao qual Amaral recorrentemente utilizava, afirmando de antemão, e repetindo várias vezes: “Não é ufanismo! É realidade, não me canso de repetir”. Discurso similar vai aparecer em outros programas da série, como que para desarmar críticas ao governo autoritário que porventura se insinuassem. Nesse sentido, é razoável afirmar que *Amaral Netto, o Repórter* funcionava como contrapropaganda, numa ideia de *guerra psicológica* abraçada pelo idealizador da Aerp/ARP, coronel Hernani D’Aguiar, embora esse viés não fosse o balizador da agência de propaganda oficial do governo, nem das peças produzidas oficialmente pelo órgão, como já estudado por Carlos Fico⁴¹². Pelo contrário, o coronel Octávio Costa, sucessor de d’Aguiar, rechaçava a ideia da *guerra psicológica* que ele atribuía a um núcleo de operações psicológicas da Oban que “invadia” a área da Aerp/ARP lançando mensagens como *Brasil, ame-o ou deixe-o*.⁴¹³

Reportagens como essas sobre Urubupungá, onde Amaral Netto entusiasticamente dava vazão ao seu ufanismo pessoal que, por genuíno⁴¹⁴, parecia contagiante, contribuíram para que se colasse a sua imagem a ideia de ele ser *porta-voz da ditadura*. Apesar dessa ideia, a pesquisa mostrou que os programas da série exibidos na TV Globo eram de naturezas variadas. O conjunto do acervo Plantel do Arquivo Nacional se refere a uma listagem com 465 filmes⁴¹⁵ entre os realizados para o programa exibido na TV Globo, assim como outros filmes institucionais com fins publicitários que a Plantel produzia. Andrade, que chegou a entrevistar funcionários da

⁴¹² FICO. *Op. Cit.* 1997.

⁴¹³ *Idem.* p. 96-101

⁴¹⁴ Angela Adnet Amaral, Maria Alice Quilleli, Carlos Tourinho, Delfim Netto foram unânimes na reafirmação de que Amaral Netto era um sincero apaixonado pelo Brasil e pelas realizações do governo federal autoritário. Depoimento de Angela Adnet Amaral à autora, Rio de Janeiro, em 1º/08/2014; Depoimento de Maria Alice Quilleli, roteirista do *Amaral Netto, o Repórter*, à autora, Rio de Janeiro, em 30/07/2012; Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail em 2/09/2014; Depoimento de Antonio Delfim Netto à autora em 26/02/2013, em São Paulo.

⁴¹⁵ ANEXO 1: Lista de filmes do Acervo Plantel depositados no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro-RJ.

Plantel Editora na década de 1990 para sua pesquisa, estima terem sido realizados 570 programas de 45 minutos, compostos a partir de 450 horas de filmagens especificamente para o programa *Amaral Netto, o Repórter*.⁴¹⁶ Grande parte desse material foi reaproveitado para reapresentações e para edições do programa no qual esse se desdobrou em 1981, o *Brasil, terra da gente*.

Como se pode ver na relação dos filmes listados pelo Arquivo Nacional, assim como pelas matérias publicadas nas séries de revistas *Amaral Netto, o Repórter* e *Os Brasileiros*, havia programas estritamente sobre a riqueza e a variedade da *natureza* brasileira como, por exemplo, os programas sobre os índios do Xingu, a Pororoça, o Atol das Rocas, entre outros. Ou aqueles sobre a natureza e a cultura de outros países, como os programas (nos primeiros anos) sobre a África, a Ilha Trindade e a Patagônia, a Argélia, Portugal, entre outros. Havia programas sobre cidades e/ou estados e suas potencialidades, fossem turísticas, culturais ou comerciais, como as reportagens sobre as cidades de Blumenau e Ouro Preto, ou os estados da Guanabara, de São Paulo, ou Roraima, entre outros. Havia programas sobre empresas privadas brasileiras como a TENENGE, a siderúrgica LANARI, a CEPALMA e a Ultragás, por exemplo.

Havia programas sobre empreendimentos do governo, principalmente infraestrutura, como a conquista da Amazônia, a Transamazônica, a Ponte Rio-Niterói, a EMBRATEL, aeroportos e hidrelétricas, entre outros. Ou ainda, programas sobre o trabalho de setores (e/ou departamentos/projetos) do governo como o Exército, a Marinha, a SUDENE, a SUDECO, a CEHAB, o SENAC, o MOBREAL, o DNER, o IBGE, o Projeto Rondon, a Petrobras, por exemplo. Mas havia também programas dedicados a assuntos como *mordomia, divórcio, acidentes de trabalho*. E havia os programas laudatórios em datas comemorativas, como o *Sesquicentenário da Independência* ou o *Aniversário da Revolução*.

⁴¹⁶ ANDRADE. *Op. Cit.* p. 66

A ênfase no aspecto da *aventura* era reforçada na introdução das reportagens, como também em anúncios de divulgação em jornais. O denominador comum de grande parte desses programas, onde a natureza tinha grande impacto visual, era a força do homem brasileiro sobre essa natureza. Ou seja, o importante era o domínio dessa natureza. Para alcançar esse domínio, apostava-se, principalmente, na capacidade brasileira de mobilização de vastos recursos humanos e econômicos na realização de obras de infraestrutura. Em muitos dos episódios, a logística necessária para a realização da reportagem fazia parte da mesma. Nesse caso, enfatizava-se o empenho do Exército, da Marinha, e dos aviões da Força Aérea Brasileira, sempre presentes para que as reportagens que *mostravam o Brasil aos brasileiros* pudessem ser realizadas em longínquas paragens. O Comando Aéreo da Amazônia, 1º COMAR, não raro cedia helicópteros para filmagens sobre a mata, sobre os rios, até a fronteira do Equador, por exemplo⁴¹⁷.

As dificuldades de acesso, as enormes distâncias, além das dificuldades provocadas pelo clima, pela natureza inóspita, pela presença de animais (ou insetos peçonhentos), ou dificuldades de qualquer outra natureza, eram incorporadas como elementos das reportagens. Assim também os tripulantes, filmados e citados nominalmente nas matérias, e às vezes até entrevistados. Com essa estratégia, Amaral não só acrescia grandes pitadas de ‘vida vivida’ às suas reportagens, mas também passava a ideia de reconhecimento do esforço das pessoas que ali trabalhavam.

⁴¹⁷ Trecho do programa sobre o Amapá e o Marco Zero do Brasil. DVD compilado do acervo da família Narvaez.

2.2 Política, televisão, propaganda

Sobre a instância política, não se pode esquecer a importante observação feita por René Rémond, de que é para ela que conflui a maioria das atividades humanas. Para Rémond, é no político que uma sociedade recapitula todos os outros componentes do conjunto social.⁴¹⁸

Lembremos também Dario Gamboni quando afirma que imagens podem ser (ab)usadas para expressar, impor e legitimar um poder, para mudar, rejeitar e deslegitimar esse poder. Imagens devem ser entendidas, então, no campo político-social no qual e para o qual elas nascem.⁴¹⁹ Sendo construídos basicamente sobre imagens, assim também podem ser compreendidos os filmes produzidos para a televisão.

Os programas de Amaral Netto podem ser pensados politicamente, portanto. Não só porque retratam um contexto relacionado ao ideário político-social-econômico do regime autoritário, mas também porque foram utilizados como instrumentos políticos.

A discussão sobre política nos regimes autoritários torna-se tanto mais importante, se considerarmos que a propaganda é identificada como um dos pilares desses regimes, juntamente com a censura, a espionagem e a polícia política, como identificou Carlos Fico.⁴²⁰ Nesse sentido, desde a criação da Aerp/ARP, agências publicitárias foram contratadas para dar forma às peças de propaganda que não deveriam parecer propaganda, já estudadas por Fico⁴²¹, mas ajudar a criar um sentido de esperança como enfatizavam os então coronéis Octávio Costa e Toledo Camargo que dirigiram o órgão.

⁴¹⁸ RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p 447

⁴¹⁹ GAMBONI, Dario. *The destruction of art: iconoclasm and vandalism since the french revolution*, London, Reaktion Books; New Haven et London, Yale University Press, 1997.

⁴²⁰ FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. *O Brasil republicano. Vol 4, O Tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 187

⁴²¹ FICO. Op. Cit. 1997

Pesquisas de opinião pública do final do *mandato* de Castello Branco apontavam para certa impopularidade do regime, o que pode ter levado à busca de estratégias para recuperação de prestígio⁴²² bem antes que assumisse o segundo general presidente do pós-golpe. Ainda em 1967, D’Aguiar, secretário particular do general Costa e Silva, o ministro da Guerra e então “candidato” à presidência (pela Arena, e sem competidores de oposição), sugeriu a criação de um Grupo de Trabalho de Relações Públicas, “com dupla finalidade de favorecer a imagem do candidato e de equacionar o problema da Comunicação Social no Brasil, com vistas ao futuro governo”⁴²³. A ideia era “prover o Governo como um todo harmônico, dando ao povo a consciência do ritmo acelerado com que o país se desenvolvia”, o “ritmo de Brasil Grande”, através de filmetes para a televisão e o cinema para “atingir todos os rincões brasileiros”, além de *spots*, cartazes, *outdoors*.⁴²⁴ Ou seja, antes que se enfatizasse o caráter motivador que as peças produzidas pela Aerp teriam no governo Médici, foi seu idealizador, o coronel Hernani D’Aguiar, que deu o tom do papel que a agência deveria cumprir.

Mas se as campanhas da Aerp passaram a motivar e estimular a participação dos cidadãos para que o programa desenvolvimentista e modernizante do governo fosse bem sucedido, construindo uma ideia de que todos eram peças importantes da engrenagem para alcançar o objetivo de crescimento nacional⁴²⁵, o programa de Amaral Netto dava-lhes a certeza de que os objetivos do governo já eram realidade. Usando recorrentemente a estratégia de amalgamar futuro e presente, Amaral ainda ajudava a criar a ilusão (ou certeza?) de que essa realidade era testemunhada por cada um que, dessa forma, também dela participava. E não se pode esquecer

⁴²² A impopularidade de Castello Branco ao final do *mandato* pode ser confirmada por medições do IBOPE. Cf. MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. O golpe de 1964 e a ditadura nas pesquisas de opinião. In: *Tempo*. vol. 20, Niterói, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042014000100215&script=sci_arttext&tlng=pt, acesso em jan/2015

⁴²³ D’AGUIAR, Hernani. *Op. Cit.* p. 18-19; 282-283; 321.

⁴²⁴ *Idem.*

⁴²⁵ FICO. *Op. Cit.* 1997

que tanto o programa *Amaral Netto, o Repórter* quanto o próprio jornalista são frequentemente associados, no imaginário social, de modo geral, a uma ideia de *Brasil grande* veiculada pela propaganda do regime ditatorial, principalmente nos anos 1970.

Ora, a ideia do *Brasil grande*, como tantas outras, não foi criada pelo regime, mas foi bastante aproveitada por ele. A origem do enaltecimento a um suposto destino mítico para a grandeza foi chamada de “o anseio pelo Brasil grande” por Carlos Fico, que também o localizou na literatura poética brasileira. Fico demonstrou como, desde o início do século XVIII, muitas das menções a essa predestinação do Brasil e dos brasileiros se transformaram numa tradição instalada no imaginário social incorporada pelos governos, desde a proclamação da República. Essa predestinação é, aliás, como o próprio autor ressalta, comum a muitas construções nacionais, sendo essa poética retomada nos discursos do General Médiçi e na busca da “fronteira agrícola” e da “fronteira mineral”. O historiador também afirma que a ideia de grandeza, à qual aderem facilmente as noções de progresso e desenvolvimento, é recorrente e comum a governos brasileiros de todos os matizes, não tendo sido inventada pelos governos militares. Mas estes a recuperaram, sim, na ideia-síntese de “Brasil potência”, até o início do governo Geisel, uma tradição de anseios e projeções sobre a grandeza brasileira.⁴²⁶ Como se vê, a propaganda da ditadura foi bastante hábil em estabelecer e/ou recuperar relações de continuidade com ideias caras à sociedade. Algumas vezes, essas ideias lhe eram caras havia séculos.

⁴²⁶ FICO. Op. Cit.1997.

A respeito da ideia de grandeza, vale ressaltar que o próprio hino nacional brasileiro, peça necessariamente imbuída de significados para propagação de uma ideia de patriotismo republicano no final do século XIX, reafirma o gigantismo “pela própria natureza”, o Brasil “impávido colosso”, cujo “futuro [de paz] espelha essa grandeza”, sem esquecer da “glória no passado”. Cf. DUQUE ESTRADA, Joaquim Osório. *Hino Nacional Brasileiro*.

Para José Murilo de Carvalho, o hino nacional foi a única peça simbólica da recém-proclamada república a cair de imediato no gosto popular, seja porque já fosse conhecido, como afirma o autor, seja porque sua letra (e música) tivessem ressonância junto à população. Cf. CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

Por outro lado, é importante mencionar que na lista de agências de publicidade levantada por Carlos Fico em *Reinventando o Otimismo*⁴²⁷, e que eram contratadas oficialmente para fazer a propaganda do regime autoritário, não consta a Plantel Editora, a empresa criada por Amaral Netto para administrar seu projeto.⁴²⁸ Mesmo assim, dado o teor dos programas de Amaral Netto, eles passaram a ser considerados como propaganda do governo por muitos que a eles assistiam, principalmente para os críticos do regime, ainda durante o período da ditadura, e até depois, embora não fossem, oficialmente, nem imaginados, nem promovidos, sequer financiados diretamente via Aerp/ARP pelo regime.

Mesmo não sendo um produto oficial da Aerp/ARP, localizei no decorrer da pesquisa um anúncio de pelo menos um filme que a Plantel assumia ter feito para a então AIRP⁴²⁹, por ocasião dos festejos da Independência de 1975, uma produção que não parece ter sido feita para a série *Amaral Netto, o Repórter*. Esse documentário, intitulado *Brasil ano 153* era anunciado para exibição num domingo, às 20:00 horas, em “cadeia nacional de televisão”, ou seja, num horário que o governo requisitava para informes oficiais. Nesse dia, a cadeia nacional ocupou o horário do programa *Fantástico*, num ano em que o programa regular de Amaral Netto era exibido às segundas-feiras. E dois meses antes da comemoração oficial dos 153 anos da Independência! Por outro lado, a programação de televisão publicada diariamente no jornal *O Globo* não registrou a previsão dessa exibição nesse dia/horário, o que não significa que não tenha sido levado ao ar em “cadeia nacional de televisão”, como anunciado, e como é usual em veiculações oficiais do governo até hoje. Vale acrescentar que numa busca por palavras-chaves pertinentes ao anúncio, não encontrei quaisquer outros indícios dessa exibição nos outros anos (até 1985).

⁴²⁷ FICO. *Op. Cit.* 1997 Anexo 5

⁴²⁸ Vale lembrar que Amaral Netto já havia criado a Editora Reforma nos anos 1950 para viabilizar o projeto *Maquês*.

⁴²⁹ A Aerp, criada em 15/1/1968, foi redenominada AIRP pelo decreto n 75.200 de 9/1/1975 até 9/1/1976, quando pelo decreto n° 77.000 passou a se chamar ARP.

Fica, portanto, até o momento, uma questão em aberto nesse caso, já que não foi possível confirmar se tal programa existe (ou existiu) ou como e se foi exibido. No anúncio de divulgação abaixo reproduzido, a ênfase na atuação da Plantel como “uma empresa que sabe o que está fazendo” parece apontar para uma autopromoção da editora que, afinal, sobrevivia da captação de recursos para a realização de filmes.

SEMANA DA PÁTRIA

A PLANTEL, produtora de “Amaral Netto, o Repórter”, orgulha-se de ter produzido para a AIRP — Assessoria de Imprensa e Relações Públicas da Presidência da República — o documentário “BRASIL-ANO 153”, que será apresentado, hoje, às 20 horas, em Cadeia Nacional de Televisão.

É a colaboração institucional de uma empresa que sabe o que está fazendo.

Porque, há 358 semanas, um milhão de pés de filmes, e 500.000 fotos a cores, nosso assunto é sempre

BRASIL

Nós acompanhamos a sua independência.

430

No entanto, há que se considerar que, embora não houvesse o patrocínio direto da Aerp/ARP ao programa regular de Amaral Netto, e embora o coronel Octávio Costa, responsável pela propaganda do período da presidência do General Medici, e o coronel Toledo Camargo do período Geisel, tenham afirmado posteriormente “lutar ‘feito um leão’ contra os programas [...]

⁴³⁰ Jornal *O Globo*, Rio, 06/07/1975, p.7

que Amaral Netto apresentava pela TV”⁴³¹, ainda assim, é preciso dimensionar o patrocínio do Banco do Brasil, de outros órgãos públicos, assim como dos patrocinadores e anunciantes entre as empresas que aparecem direta ou indiretamente nessas reportagens.

O rol dos anunciantes, ou dos patrocinadores, foi muito mais além do que o que constou no obituário de Amaral na *Veja*⁴³² ou que a pesquisa de Andrade⁴³³ deixava entrever. O engajamento de amplos setores do governo nessas reportagens mostra que é plausível supor que não sucumbiu o projeto inicial do coronel Hernani D’Aguiar à frente da Aerp, de uma propaganda destinada a informar a população sobre *a realidade* e as realizações do governo, para enfrentamento de críticas e insatisfações. Ainda que tenha prevalecido o projeto motivacional abraçado oficialmente pela agência.

Também é preciso acrescentar que os programas *encomendados* por empresas civis patrocinadoras das reportagens permitiam que a editora de Amaral obtivesse recursos para realizar outros projetos como os filmes sobre a natureza e/ou aspectos culturais de cidades e estados que ele gostava de realizar⁴³⁴, mesmo que muitos desses últimos também parecessem aliar interesses de governadores, prefeitos e autoridades locais, como se vê nas filmagens.

É verdade que *Amaral Netto, o Repórter* tinha um tom ufanista e tentava cooptar e atrair os espectadores pela suposta grandeza e exuberância *naturais* do Brasil. Da mesma forma, pelas suas conexões políticas, e possivelmente por meio de outras amizades e/ou interesses, Amaral acabava conseguindo infraestrutura logística para alcançar os lugares mais inóspitos justamente com o Exército Brasileiro, a Marinha do Brasil e a Força Aérea Brasileira, órgãos oficiais do governo brasileiro. Em troca, não se furtava a relatar em tom altamente laudatório as qualidades

⁴³¹ *apud* FICO. Op. Cit.1997. p. 137

⁴³² Revista *Veja*, edição 1415, de 25/10/1995.

⁴³³ ANDRADE. Op. Cit. p. 66 cita a Shell e a IBM.

⁴³⁴ Depoimento de Maria Alice Quilleli, roteirista do *Amaral Netto, o Repórter*, à autora, Rio de Janeiro, em 30/07/2012.

dessas forças. Nessa via de mão dupla, ganhavam todos: Amaral realizava suas façanhas jornalísticas, as Forças Armadas apareciam sempre bem, a TV Globo dispunha, sem custos, de um programa de grande apelo e ainda agradava aos militares por tabela.

Já dissemos que Amaral Netto soube aliar sua posição ideológica e política a um projeto pioneiro e inovador para a época, a realização de documentários para a televisão. Considerando que ele também era imbuído de um *espírito aventureiro e desbravador*, conseguiu mostrar, por imagens em movimento, *o Brasil aos brasileiros*, por longos 16 anos. Assim, mantendo uma atitude sem preconceitos em relação a esse personagem que chegou a ser considerado uma “caricatura da direita”⁴³⁵, é importante compreender e discutir a ideia de propaganda para além de maniqueísmos e do conceito puro e simples da manipulação.

Pelo contrário, mesmo considerando as intenções ideológicas por trás de propagandas realizadas direta ou indiretamente por governos autoritários, essa explicação não é suficiente para que se entenda o alcance e o grau de convencimento das mesmas. Isso porque a propaganda pode ser encarada como um fenômeno que também se pode associar ao fascínio e à identificação com valores que nos são sensíveis. No caso do Brasil, à época da ditadura militar, valores com sentidos de ordem, de progresso, de grandeza, riqueza e desenvolvimento da pátria. Dito isso, é importante compreender as complexidades do respaldo social com que contou o regime autoritário em significativos segmentos da sociedade e, nessa complexidade, a ideia de manipulação é muito simplificadora.

⁴³⁵Ver também caricaturas de Amaral Netto e Brizola em: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p. 36-37.

Não se pode falar sobre propaganda⁴³⁶ sem recorrer ao pioneiro francês Jean Domenach que, no pós-guerra imediato, enxergou em seus estudos sobre propaganda um fenômeno exclusiva e intimamente ligado aos regimes totalitários [termo usado por Domenach] e buscou explicações que hoje podem parecer simplificadas para entender o fenômeno da opinião pública sob esses regimes. Ele chega a lamentar que as democracias “deploravelmente não souberam inventar a tempo essa propaganda”.⁴³⁷

Domenach identificou certas leis de funcionamento da propaganda aplicando-lhes sentidos universais, e considerou que “o homem médio é um ser essencialmente influenciável”, alvo perfeito para a propagação da palavra totalitária pelo meio de inventos técnicos de longo alcance (jornais, rádio, cinema). Embora se perceba a dificuldade de Domenach em reconhecer nos cidadãos alemães a agenciamento de seu próprio fascínio no que diz respeito a Hitler, aos quais concede terem sido “convencidos” pela propaganda nazista, numa “violação psicológica” à qual teria sido impossível resistir, é bastante interessante a percepção de Domenach de que a propaganda se confunde com a poesia épica e dela se nutre, assim como dos mitos, no sentido de que a propaganda supre uma necessidade psíquica humana de “ouvir histórias”.⁴³⁸ Aqui Domenach encontra o que Peter Brooks chamou de “imaginação melodramática”⁴³⁹ e chega a identificar em Hitler, Roosevelt e Churchill a mesma busca da “projeção” da massa nas suas

⁴³⁶ A sistematização dos estudos de Domenach e dos demais autores sobre propaganda foi aproveitada da minha pesquisa de mestrado em História Social, defendida em 2011 no PPGH-UFF, e também das leituras do seminário sobre *Propaganda e Opinião Pública* ministrado pela Professora Denise Rollemberg, também na UFF, em 2010.

⁴³⁷ DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. 1950. p. 49

⁴³⁸ *Idem*.

⁴³⁹ Os estudos de Brooks, originalmente pensados para a literatura, tornaram-se referenciais para estudos da narrativa teatral e cinematográfica. Precursor do estudo do melodrama como gênero narrativo, Brooks situa sua origem no contexto da revolução francesa, que simbolicamente e realmente marca o fim do Sagrado tradicional e suas instituições representativas, a Igreja e a Monarquia. Para Brooks, o melodrama oferece um repertório completo de atitudes, frases, gestos, coerentemente concebidos para provar e assegurar a existência de uma moral universal entre os homens. Cf. BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination*. In: LANDY, Marcia. *Imitations of life: a reader on film & television melodrama*. Wayne State University Press, Detroit, 1991.

pessoas. Em se tratando de Hitler a adesão popular seria “forçada por processos líricos, quase mediúnicos”; nos outros dois operaria por aceitação ao compartilhamento de esperanças.⁴⁴⁰

Domenach, no entanto, foi quem chamou pioneiramente a atenção para o uso de *slogans* no modelo leninista que “sintetizariam” a opinião pública vigente na revolução russa. Como também percebeu posteriormente Jean Jacques Becker, já no âmbito da renovação dos estudos políticos, “os governos que não mantêm uma simbiose entre suas ações e os clamores da opinião pública correm riscos de desmoronar”⁴⁴¹. Pierre Laborie, que avançou percebendo a ligação entre a opinião pública e a construção de memórias, ressalta que “ao ajudar o discurso da memória a sair de sua visibilidade limitada, a opinião aumenta a sua força, sua recepção e sua influência”⁴⁴².

Da mesma forma, é importante considerar as peculiaridades e complexidades do conceito da *manipulação* levantadas por Fabrice D’Almeida. De acordo com esse autor, a origem do vocábulo é associada originalmente aos atributos da inteligência e da astúcia para sobrevivência humana através da prática da caça e do comércio, passando pelo emprego desse artifício na guerra, até chegar ao seu uso político, já ampliado pela sofisticação da violação psíquica e da informação/desinformação. Para D’Almeida, é difícil estabelecer os limites para um entendimento desse conceito cujo significado se altera no tempo e é também ingrediente fundamental da propaganda. E, por consequência, do entendimento do fenômeno da opinião pública.⁴⁴³ A percepção de que Amaral Netto funcionaria exclusivamente como um agente *porta-voz da ditadura* parece estar ancorada nessa ideia de propaganda política na perspectiva de Domenach.

⁴⁴⁰ DOMENACH. Op. Cit.

⁴⁴¹ BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: REMOND, René. *Op. Cit.* p.203

⁴⁴² LABORIE, Pierre. Memória e Opinião. In: AZEVEDO; ROLLEMBERG; KNAUSS; BICALHO; QUADRAT. *Op. Cit.* 2009. p. 79-97.

⁴⁴³ D’ALMEIDA, Fabrice. *La Manipulation*. Coleção Que sais-je? Paris: PUF, 2003.

Mas como lembra o historiador alemão Peter Reichel em seus estudos sobre o nazismo, quando se trata da relação do poder com narrativas audiovisuais e imagens, essas reflexões aparecem a partir da necessidade de se tentar entender e se lidar de forma mais objetiva e menos passional com a questão do reconhecimento de que os horrores perpetrados vêm associados à atração e ao fascínio que esses regimes, não raro, também representaram. Principalmente em estudos que objetivam uma reflexão sobre as dinâmicas e as consequências que envolvem arbitrariedades perpetradas por regimes autoritários.⁴⁴⁴

Reichel ressalta que atração/fascínio são decorrentes não apenas das ideias propagadas, mas também de uma visualidade empregada para representar essas propostas. Reconhecendo a dificuldade de se aceitar o binômio fascínio-horror, ele considera que, talvez por causa da associação ao horror, a historiografia demandou tantas décadas para que se passasse a considerar a possibilidade da atração e do fascínio quando se trata de examinar a visualidade do nazismo. Segundo ele, um ponto nevrálgico capaz de provocar enorme irritação. E afirma que a realidade reprimida ou dependente de tabus só pode ser revelada na medida em que seu desvendamento estético, intelectual e moral possam ser suportados e, sobretudo, que seja politicamente oportuno.⁴⁴⁵ Essas considerações de Reichel mostram a complexidade que representa o que ele chama de “dupla face” do regime nazista com sua proposta de violência e fascínio, e o reconhecimento de que a estética nazista fascinava sim.

Em que pesem todas as diferenças de contextos entre os regimes autoritários na Alemanha e no Brasil, também é preciso cuidado ao aceitar a possibilidade de atração e fascínio a partir de imagens geradas por programas exibidos pela televisão no que concerne às visualidades da ditadura brasileira. A começar pelo fato de que personagens principais, e mesmo periféricos,

⁴⁴⁴ REICHEL, Peter. *Der schöne Schein des dritten Reiches*. /s.l./: Ellert&Richter Zeitgeschichte. /s.d./. p. 8
Tradução livre do título: O belo brilho do Terceiro Reich.

⁴⁴⁵ *Idem*. p. 24

incluindo pessoas e/ou empresas como redes de televisão e a imprensa em geral, ainda vivem e atuam na vida política e social brasileira. Ademais, considerando a memória construída sobre o programa e sobre o deputado, hoje pode soar como uma provocação admitir um grau de atração/fascínio para com o regime ditatorial que os programas *Amaral Netto*, *o Repórter* pudessem ter gerado ou ter reforçado. Mesmo que isso não implicasse então, necessariamente, com uma adesão ao regime. Ou com uma adesão à repressão, evidentemente.

No que se refere às reportagens-documentários feitos por Amaral Netto, é preciso compreendê-lo e aos programas televisivos que produziu sobre o Brasil, e por tabela, a rede de televisão que viabilizou essa transmissão, como agentes históricos. Se não se pode vesti-los com um manto da santidade, tampouco se pode demonizá-los. Considere-se, ainda, que esses programas de televisão, assim como a produção gráfica associada a eles, são também parte de um processo de produção de certos sentidos e, como tal, são processos sociais. Assim, é importante salientar a observação do historiador Paulo Knauss de que as disputas simbólicas se estabelecem como disputas sociais no terreno das práticas culturais, e que é só o olhar sobre a história que vai contextualizar e dimensionar esses valores.⁴⁴⁶ Knauss ressalta a multiplicidade do olhar e a necessidade de se conhecer características intrínsecas às imagens, mas também admite que “o olhar precisa ser preparado para ver e analisar as imagens”⁴⁴⁷.

Para além disso, os estudos sobre a opinião pública na história política como os de Becker, já citado, podem ajudar na compreensão desse fenômeno televisivo que se consolidou e chegou a inspirar outros documentários na TV Globo, como já mencionado. Nesse sentido, há que se fugir da simplificação que reduz o programa de Amaral Netto a um *porta-voz da ditadura*,

⁴⁴⁶ KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. In: *Anos 90*, v.15, n.28, p. 151-168, Porto Alegre, 2006. p. 100

⁴⁴⁷ *Idem*. p. 113

e tentar compreender em que sustentação social e opinião(ões) pública(s) esse fenômeno se estabeleceu, durando tanto tempo.

Já sabemos que as reportagens eram construídas como documentários. Mas mesmo que a construção de documentários pressuponha alta dose de realismo como forma narrativa, o programa encampava, também, plenamente, a estratégia do gênero melodrama. O que, de forma alguma, chega a ser uma estratégia estranha ao documentário.

Para o pesquisador Ismail Xavier, o melodrama é um gênero que “provê a sociedade de uma pedagogia do certo e do errado que não exige uma explicação racional do mundo”⁴⁴⁸. Mas ele explica que melodramas podem ser de direita e de esquerda, contrários ou favoráveis ao poder constituído. São capazes de dramatizar sentimentos privados e desejos coletivos num espaço mais democrático e popular, impedindo que as contradições aflorem, a partir de uma simplificação dos problemas contemporâneos. Xavier considera que a técnica do cinema emergente no início do século XX otimizou o ‘olhar melodramático’ e, como braço da indústria cultural, satisfaz uma demanda de ficção da sociedade.

Ouso afirmar que a televisão foi mais longe ainda, pois democratizou e interiorizou no Brasil o acesso doméstico a esse ‘olhar melodramático’ que pode ser reconhecido em produções ficcionais como novelas e minisséries, mas também em documentários e até nos telejornais.

A pedagogia do certo e do errado, de que Xavier fala, também está presente nos programas *Amaral Netto*, *o Repórter* principalmente na ideia que aceita como *o certo* o desbravamento e ocupação do vasto território nacional. *O errado*, segundo essa perspectiva, seria deixar o território abandonado e inexplorado. Recursos do repertório melodramático como as oposições *riqueza X pobreza*, *ordem X caos*, *amor X ódio*, *progresso X estagnação* são

⁴⁴⁸ XAVIER, Ismail. *O olhar e a cena*. Cosac&Naify. São Paulo, 2003. p. 93

também utilizados no discurso do programa, em prol da agenda positiva das ações governamentais e iniciativas de empresários, em comparação aos anos *pré-revolução*.

Para acentuar ainda mais tom melodramático nas produções de Amaral Netto veiculadas pela TV Globo havia também a utilização do recurso da sonorização musical para enfatizar emoções em certas cenas. Recursos sonoros para despertar emoções são usados recorrentemente no cinema, no rádio, e passaram a sê-lo também na televisão. O gênero documentário dificilmente escaparia desse recurso. Na análise fílmica de *Jango* (1984), documentário de Silvio Tandler, Marcos Napolitano chama a atenção para o uso desse recurso, numa escolha deliberada do diretor para “potencializar a emoção como fator de impacto na consciência do espectador”⁴⁴⁹.

A trilha sonora dos programas *Amaral Netto*, *o Repórter* já parecia ser uma preocupação da equipe desde a música título, uma impactante passagem do tema do filme *007-You only live twice*⁴⁵⁰, que remete a um espírito de aventura e perigo. Uma sonorização dramática costumava acompanhar as cenas de maior perigo (real ou imaginado/encenado) e a volta triunfante dos *desbravadores* da natureza. Assim, a participação nas aventuras do repórter *redescobridor* do Brasil oferecia uma identificação e uma sensação de pertencimento ao espectador na grande nação do *milagre brasileiro*, cujas riquezas e potencialidades eram mostradas e compartilhadas na tela da televisão.

Ratificando o alto padrão técnico da equipe que realizava o programa, Thales de Andrade também apontou os principais elementos estilísticos da realização dessas reportagens. Ressaltou

⁴⁴⁹ NAPOLITANO, Marcos. Nunca é cedo para se fazer história. In: MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; KORNIS, Mônica de Almeida. *História e Documentário*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012. p. 150-178. Como analisa Napolitano, tratava-se, então, para Tandler, de restaurar “a simplicidade de Jango como homem e seu comportamento como estadista” e mostrar que não havia sido um político despreparado como até ali se fazia crer (p. 155-156). Napolitano percebe muito acertadamente o documentário *Jango* como “um documento sobre a crise do regime militar, vista sob a ótica de uma das correntes de oposição democrática, identificada com um segmento específico da esquerda”.

⁴⁵⁰ Trata-se da música *A drop in the ocean*, de John Barry, para o filme da série James Bond - 007, *You only live twice*, (obra original de Ian Fleming), 117', direção de Lewis Gilbert, Inglaterra, 1967.

as estratégias da apresentação inicial onde Amaral mostrava o itinerário do episódio, o desenrolar do mesmo em forma de saga aventuresca, com a recorrente menção ao tempo e ao esforço gastos, e com o aproveitamento do improviso televisivo que dá a impressão da obra estar aberta. Ainda seguindo Andrade, *Amaral Netto, o Repórter* era feito nos padrões cinematográficos, com equipamento de cinema, com sequências lineares, e que, por isso, essa produção não perdia o perfil de *tour de force* de um autor/equipe, conseqüentemente o aspecto de uma obra fechada.

Andrade chega a detectar nas reportagens um ritmo semelhante ao de programas de auditório pré-gravados, e observa que o trabalho de edição sugere que tudo se desenrolava continuamente. Para ele, é em torno dos recursos naturais e da natureza incontrollável que Amaral Netto acabava criando o suspense, concentrando-se nos “fenômenos estranhos e aberrantes imprescindíveis” que eram mostrados freneticamente. Esse recurso manteria uma “temperatura alta” com efeitos mediáticos. Segundo Andrade, todo esse procedimento da narração clássica, presente nos programas de Amaral Netto, se baseia nos elementos da oralidade, da demora, da sequência de eventos interligados, do difícil desenrolar e do ato de conquista.⁴⁵¹

Penso que o ritmo algumas vezes frenético que Amaral Netto imprimia aos seus programas pode vir antes de uma explicação bem mais simples. Há ali uma recorrência do *lead*⁴⁵². No jornalismo impresso, o *lead* tem a função de introduzir e prender o leitor ao texto, enquanto busca informar rápida e objetivamente sobre um fato. Para alguns, o *lead* é o resumo do que é mais importante na notícia. Na recorrência, o *lead* jornalístico, ou seja, a notícia geradora de manchete, vira foco constante e sucessivo no andamento da reportagem. Por isso,

⁴⁵¹ ANDRADE. *Op. Cit.* p. 74-80

⁴⁵² *O que é Lide/Lead?* Disponível em: <http://jornalismogeral.blogspot.com.br/2013/02/o-que-e-lide-lead.html> , acesso em 9/7/2015.

E a entrevista de George Moura, jornalista e roteirista, ao programa *Ofício em Cena*. Globonews, 05/05/2015.

pode ser que a narrativa em *Amaral Netto, o Repórter* pareça muitas vezes a uma frenética sucessão de manchetes.

Mas isso também mostra que Amaral Netto dominava o ofício da reportagem, fazendo com que muitos dos telespectadores tomassem conhecimento do fundamental dessas matérias, mesmo que não assistissem a elas integralmente, já que ele condensava o principal nas manchetes variadas e repetidas ao longo da reportagem. Pode ser que, em termos de estratégia propagandística, esse recurso servisse à fixação de certas mensagens consideradas importantes.

Mas se seus eleitores (no Rio de Janeiro) correspondiam à parte da sociedade brasileira, os telespectadores faziam parte de um público mais amplo Brasil afora. E era em nome deles que Amaral muitas vezes se sentia autorizado para falar na tribuna. A importância social de Amaral Netto se estende então aos interesses que ele acreditava defender, fossem dos empresários que patrocinavam seus programas; ou dos moradores ribeirinhos da região Norte; das pessoas atendidas pelos homens da Marinha e do Exército; das professoras do Amapá que iam dar aula remando uma canoa; dos soldados em treinamento na floresta; dos trabalhadores das indústrias do Sul e do Sudeste; dos empreendedores; dos frequentadores das praias do Rio de Janeiro, e tantas outras faces do Brasil que Amaral Netto trazia à televisão e que sentia representar.

CAPÍTULO 3 – *Brasil Grande, Brasil Maior*

O contexto do regime autoritário vem sendo nuançado por reflexões que consideram as especificidades que esse período apresentou durante os 21 anos em que vigiu.

A historiadora Maud Chirio analisou as forças que atuaram no meio militar durante o período da ditadura e mostrou que havia uma pulsante vida política dentro das Forças Armadas, algo negado pela instituição. Após o golpe de 1964, com a expulsão dos setores mais à esquerda que também existiam nas Forças Armadas, a instituição militar inteira migrou para a direita. Chirio mostrou como, apesar de a face visível ter sido a dos generais, o setor médio da corporação esteve profundamente envolvido em política nos primeiros anos, o que gerava uma tensão interna, e muitas vezes com um *empenho revolucionário* maior do que o da cúpula. Mais do que os generais, os tenentes-coronéis e coronéis queriam a construção rápida de um regime autoritário e repressivo. Nesse ambiente, houve pressões e protestos, não facilmente dominados pelos princípios da hierarquia e da obediência, conflitos que apareciam diariamente nos jornais em 1964-65. Chirio mostrou como, com o restabelecimento da autoridade hierárquica dos generais, os conflitos não desapareceram da instituição militar, mas sim dos jornais e dos olhos do mundo civil. Pelo contrário, conflitos estiveram presentes, internamente, em todos os momentos do regime manifestando-se de diversas formas. No entanto, firmou-se um discurso oficial de uma instituição unida, coesa, sem conflitos políticos internos. Foi essa também a imagem preservada na memória coletiva.⁴⁵³ Um discurso que permanece ainda hoje⁴⁵⁴.

⁴⁵³ CHIRIO. *Op. Cit.*

⁴⁵⁴ General Villas Bôas, comandante do Exército. Programa *Comandante responde*. 5ª Ed. 14/09/2015. Centro de Comunicação Social do Exército. (filmado no Salão Guararapes, Quartel General do Exército). Disponível no canal do Exército no *youtube*, em: <https://www.youtube.com/watch?v=TC7uY9e6ayo>, acesso em 15/09/2015.

Para Daniel Aarão Reis Filho, a escolha do período entre 1964 a 1985 para delimitar a vigência da ditadura encobre a participação civil em todas as fases da construção do regime. Ele propõe que o período pós-golpe, entre 1964 a 1968, pode ser considerado um *estado de direito autoritário* que traduz as oscilações do recém-instalado regime autoritário que procurava definir uma identidade legitimadora. Após o AI-5 até 1978, o período da ditadura *per se*, os *anos de chumbo*. De 1979 a 1985, novamente um *estado de direito autoritário*, caracterizado pela manutenção de inúmeras leis e pessoas ligadas à ditadura, assim como a ausência de eleições presidenciais diretas. Segundo o autor, a ditadura instaurada na sequência do golpe de Estado de 1964 efetivamente teria terminado em 1979, já que houve então a extinção dos instrumentos de exceção, a decretação da Anistia e a volta do pluripartidarismo – o que já configuraria uma nova ordem política. E somente a partir de 1988, com a promulgação de uma nova Constituição, poderia-se então considerar que o país ingressou num *estado de direito democrático*.⁴⁵⁵

Essas considerações interessam na medida em que esta pesquisa atravessa diferentes estágios do período autoritário do pós-golpe civil-militar de 1964. Uma vez que o programa *Amaral Netto, o Repórter* era efetivamente uma realização jornalística, mas que também pode ter representado certo projeto (ainda que não oficial) de propaganda, há que se enfatizar que o mesmo perpassou, praticamente incólume, o período que vai de 1968 a 1985. O programa começou a ser exibido no último ano do governo do general Costa e Silva, em 1968, e atravessou os contextos políticos dos governos dos generais presidentes Médici, Geisel e Figueiredo.

Ou seja, o projeto de comunicação das atividades do governo à população, nos moldes imaginados por Hernani D'Aguiar ainda antes da posse de Costa e Silva, posto em prática em 1968, via Aerp, manteve-se na televisão, - ainda que de forma não oficial -, até que os militares saíssem do poder em 1985. Mesmo que se considere o projeto de propaganda motivacional

⁴⁵⁵ AARÃO REIS. *Op. Cit.*, 2014.

implementado pela ARP sob o governo Médici, a continuação da agência sob o governo Geisel, e sua transformação em SRP-Secretaria de Relações Públicas (1981)⁴⁵⁶ sob o governo Figueiredo.

É significativo ressaltar a longa duração da exibição do programa *Amaral Netto, o Repórter*, ininterruptamente, pelos governos dos quatro generais presidentes. Porque apesar das previsões do antigo alto executivo da TV Globo, Walter Clark, de que Amaral Netto sumiria da cena jornalística com a Abertura⁴⁵⁷, ele efetivamente só se retirou do ar com seu programa vinte dias antes que o último general presidente saísse do poder. Como se sabe, José Sarney, o primeiro presidente civil em 21 anos, ainda que fortemente ligado ao regime ditatorial, e que assumiu por causa da morte de Tancredo Neves, tomou posse em 15 de março/1985. O último programa de Amaral Netto na TV Globo foi exibido em 23 de fevereiro do mesmo ano.

Assim, procurei manter certa coerência cronológica ao apresentar a relação dos temas focados nos programas *Amaral Netto, o Repórter*, embora nem sempre essa linearidade seja aqui respeitada. No traçado anual dos programas que foram ao ar, aqui inventariados, procurei oferecer, quando possível, também uma ideia do que era a dinâmica que envolvia esses programas na imprensa. E sempre que possível, procurei estabelecer relações contextuais com a vida política (e, quando imprescindível, com a vida pessoal) de Amaral.

⁴⁵⁶ Decreto nº 85.630, de 7/01/1981. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-85630-7-janeiro-1981-434847-publicacaooriginal-1-pe.html>, acesso em 17/09/2015.

⁴⁵⁷ CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. *Anos 70. Op. Cit.*

3.1 *Amaral Netto, o Repórter aos domingos à noite*

Após a estreia na TV Globo, em janeiro/1969, com uma reportagem sobre o petróleo, já mencionada, *Amaral Netto, o Repórter* apresentou uma reportagem sobre a ferrovia Tronco Sul que estava sendo construída por soldados do Exército para ligar a capital ao sul do país⁴⁵⁸. Em fevereiro daquele ano, ele mostrou os búfalos da ilha de Marajó⁴⁵⁹ e o trabalho dos fuzileiros navais. Em março, os assuntos foram as Cataratas do Iguaçu (*Garganta do Diabo*⁴⁶⁰), o DNER- Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, a extração de minério de ferro brasileiro⁴⁶¹, o então território do Amapá (*Professoras, Pororoca [do Araguari], Marco Zero*)⁴⁶², o estado do Paraná (*Ponta Grossa, Vila Velha, Cidade de Pedra*)⁴⁶³. Em abril, Amaral falou sobre o estado do Rio de Janeiro⁴⁶⁴. Em maio, sobre a cidade de Recife. Em junho, ele mostrou o complexo de Urubupungá⁴⁶⁵, visto no segundo capítulo; outras reportagens de junho foram sobre a extração de carvão em Santa Catarina⁴⁶⁶ e o *ressurgimento* do Rio de Janeiro após as tempestades de 1966 (*Cidade Maravilhosa*)⁴⁶⁷.

Em julho, Amaral mostrou as cidades de Florianópolis e de São Luís do Maranhão, além do estado do Ceará. Essas reportagens eram divulgadas antecipadamente pelos jornais, onde já se procurava mostrar os aspectos positivos da política econômica adotada pelo governo que seriam focalizados no programa. As chamadas na imprensa procuravam enfatizar, em relação a temas

⁴⁵⁸ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2. p. 3-9

⁴⁵⁹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 1. p. 40- 50

⁴⁶⁰ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 1. p. 15-19

⁴⁶¹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 1. p. 3-14

⁴⁶² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 4. p. 3-7

O atual estado do Amapá só recebeu esse *status* a partir da Constituição de 1988. Até aí, era considerado legalmente como *território federal*.

⁴⁶³ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 1. p. 35-39

⁴⁶⁴ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 3. p. 3-7

⁴⁶⁵ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2. p. 34-43

⁴⁶⁶ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2. p. 44-49

⁴⁶⁷ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 3. p. 3-7

desconhecidos, tanto a novidade quanto as transformações pelas quais passava alguma região do país, no contexto do assim chamado “Governo da Revolução”.

Mas o programa, eventualmente, também significava uma oportunidade para reivindicações de direitos, ainda que difusas, como em relação à aposentadoria para jangadeiros no programa sobre o Ceará⁴⁶⁸. Não que o assunto fosse explorado na reportagem. Aparecia muito mais como uma comprovação de que a voz desses trabalhadores estava sendo registrada, embora a reportagem buscasse equilibrar o destaque ao Banco de Desenvolvimento do Ceará-BANDECE, ao governador Plácido Castelo e suas realizações (construção de casas, centros sociais, aeroporto, estradas, penitenciária), ao secretário estadual de Cultura Raymundo Girão, e às danças e rendas típicas da região.⁴⁶⁹

É importante que, ao trazer para a televisão o empenho desenvolvimentista do governo federal, Amaral também expunha algumas faces da dura realidade vivida pelos menos favorecidos nos longínquos recantos do país. Numa reportagem sobre a Amazônia, na qual Amaral é conduzido numa canoa, acompanhado por seu cinegrafista, ele entrevista um ribeirinho:

Amaral: Você é daqui da Amazônia mesmo?

Entrevistado: Sou do Ceará...

Amaral: Ele mora ali na entrada do rio, onde a gente passou com o barco ali, logo no igarapé.... Quantos filhos você tem?

Entrevistado: Tenho dez.

Amaral: Dez filhos! E como é que você vive aí?

Entrevistado: Eu.... trabalhando...

Amaral: Trabalhando em quê? Ali na beira do igarapé?

Entrevistado: Trabalho na agricultura.

Amaral: Você planta o quê?

Entrevistado: Planto roça, planto milho, planto feijão, planto juta.

Amaral: E como é que você transporta isso pra vender?

⁴⁶⁸ *Jornal O Globo*, Geral, 5/07/1969, p. 13

⁴⁶⁹ *Revista Amaral Netto, o Repórter*, nº 7. p. 30-41

Entrevistado: Eu vou de recreio.

Amaral: O que é recreio?

[...] inaudível

Amaral [...] você vende em Manaus?

Entrevistado: Eu vendo em Manaus.

Amaral: E tá dando pra viver?

Entrevistado: dá...

Amaral: Você tem ideia do que tem lá depois do porto livre, Manaus?

Entrevistado: [ininteligível]

Amaral: E você acha que tá boa a vida?

Entrevistado: Mais ou menos

[...]

Amaral: Esse igarapé aqui todo fechado não tem perigo de virar essa canoa?

Entrevistado: Não! ... não tenho medo não...⁴⁷⁰

Na sequência, ele pergunta para outro homem que passa de barco: “e você, também é daqui da Amazônia?”, e também o entrevista. Em meio à impactante natureza dos rios amazônicos, enquanto navegavam por cima de uma floresta submersa, Amaral estava claramente interessado na vida das pessoas que ali viviam. Ele insiste para que o cinegrafista registre as crianças que brincam em volta. E encontrava uma forma de incluir aspectos da vida dessas pessoas, desconhecidos do público de outras regiões do país, antes de prosseguir para outro ponto do rio [*Lago do Rei*], para mais longe ainda, para que pudesse mostrar a vitória-régia⁴⁷¹.

O interesse humano pode explicar bastante sobre o quanto o programa era capaz de atingir e de interessar os espectadores. Independentemente da agenda positiva para o governo em que estivesse empenhado.

⁴⁷⁰ Trecho do programa sobre Amazônia – Grande Manaus. DVD compilado do acervo da família Narvaez.

⁴⁷¹ *Idem*.

Em agosto/1969, os temas do programa foram a África “misteriosa” (tribo *Masai*⁴⁷²) e a cidade de Blumenau-SC⁴⁷³, além de uma retrospectiva.

Cidades como Blumenau-SC, na época com cerca de 80.000 mil habitantes, com uma promissora indústria têxtil, saudavam a chegada de Amaral para a realização das filmagens: “homem afeito a viagens internacionais”, “profundo observador” que decidiu “mostrar a realidade brasileira aos brasileiros, dimensionando através da fotografia e da palavra a sua própria grandeza”. O jornal local diz ainda que ele se surpreendia com as potencialidades catarinenses, “estado que, infelizmente, é o menos promovido nos grandes centros nacionais”.⁴⁷⁴

Em setembro, ele abordou os temas: baleias⁴⁷⁵ (caça e comércio) e favelas (remoções e conjuntos COHAB-Companhia de Habitação). Em outubro, os índios do Xingu⁴⁷⁶ (*Iulapeti, Camaiurá, Txucarramãe, Txicon*), a festa do Círio de Nazaré-(PA)⁴⁷⁷, os aldeamentos jesuítas no Rio Grande do Sul *Sete Povos das Missões*⁴⁷⁸, e os matadouros da SUNAB-Superintendência Nacional do Abastecimento.

A variedade de assuntos era ampla, abarcando temas locais ou internacionais. Ao fim do primeiro ano, já se podia ter ideia do que acontecia em praticamente todas as regiões do Brasil.

Esse era o período do *milagre brasileiro* na economia. Como mostram Francisco Vidal Luna e Herbert S. Klein, entre 1967 e 1973, o país crescia internamente, a economia se modernizava, novos trabalhadores eram incorporados no mercado formal e um segmento médio

⁴⁷² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 3. p. 8-14

⁴⁷³ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 8, p. 20-33

⁴⁷⁴ *Jornal A Nação*, 12/06/1969, p. 5. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau-SC.

⁴⁷⁵ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 1. p. 20-34

⁴⁷⁶ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2. p. 10-29

⁴⁷⁷ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2. p. 30-33

⁴⁷⁸ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 4. p. 43-50

de consumidores se consolidava. Houve vigoroso crescimento internacional do Brasil, assim como de outros países da América Latina. Esses aspectos positivos, contudo, representaram também enorme arrocho salarial, concentração desigual de renda e conseqüente aumento da desigualdade social. Além disso, financiamentos externos baratos e de longo prazo fizeram com que o país se afundasse numa dívida externa, provocando maior vulnerabilidade às alterações do cenário internacional.⁴⁷⁹

Construídos na perspectiva do sucesso econômico do período, os programas tratavam desse Brasil promissor, um *novo Brasil*, um *Brasil Grande*, um *Brasil Maior*. Embora essa fosse a linha otimista proposta pela propaganda governamental oficial, como já mostrado por Carlos Fico⁴⁸⁰, Amaral Netto parece ter aderido espontaneamente à ideia. Tanto à missão de “divulgar esse Brasil que já espanta o mundo”⁴⁸¹ que coincidia com o projeto inicial da Aerp, quanto com a ideia de produzir “otimismo sadio”⁴⁸² parecido ao que a ARP passou a preconizar.

Apresento a seguir mais duas reportagens de 1969 que serão expostas conforme as diferentes disponibilidades das fontes. Esses programas também dão uma ideia bastante completa do que eram as reportagens, mesmo nos anos subsequentes.

⁴⁷⁹ LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985). In: AARÃO REIS; RIDENTI; MOTTA. *Op. Cit.* 2014. p. 66-91

⁴⁸⁰ FICO. *Op. Cit.* 1997.

⁴⁸¹ Carta aos leitores da revista *Os Brasileiros*. Plantel Editora e Publicidade S.A./Amaral Netto, o Repórter. S/ data.

⁴⁸² *Idem*.

3.1.1 BALEIAS

A cópia do episódio *Baleias* disponível no Arquivo Nacional consiste em duas fitas, uma em negativo de imagens e outra sonora. Esse foi o único caso em que tive de assistir separadamente às imagens do som. Embora fosse muito mais trabalhoso, acabou significando um alívio para minha sensibilidade devido às imagens que, mesmo em negativo e sem som, são tremendamente impactantes. No entanto, procurei acompanhar as sequências de cenas e texto de forma sincronizada para mostrar, da melhor forma possível, ao que assisti.

Antes da exibição na televisão, a reportagem foi anunciada no jornal *O Globo* com a chamada *A baleia derrotada*⁴⁸³ que enfatizava “a expectativa, o perigo e a aventura”, além da participação de Amaral no lançamento do arpão para a captura da baleia.



⁴⁸³ Jornal *O Globo*, 13/09/1969, Geral, p. 11

Esta reportagem é também o tema de chamada de capa da primeira revista *Amaral Netto*, *o Repórter*⁴⁸⁵, onde *Baleias* é uma reportagem que exemplifica bastante bem o aspecto do impacto visual e da força do homem sobre a vida e a natureza.

Na televisão, esse programa foi exibido no primeiro ano de *Amaral Netto* na TV Globo, em 14/09/1969. Penso ser esse um dos documentários mais chocantes para defensores contemporâneos de animais, e que remete a um espírito *desbravador e conquistador*. Essa reportagem trata, na verdade, da caça comercial a baleias no litoral nordeste brasileiro. Em preto&branco, a reportagem mostra *Amaral Netto* num navio baleeiro, no mar de Cabedelo – PB, e o posterior retalhamento do animal para a indústria alimentícia.

A reportagem começa com *Amaral Netto* entrando no baleeiro japonês *Koru Maru* enquanto conversa com a tripulação do navio. A ideia é mostrar a “aventura” da caça à baleia no mar aberto, uma aventura “nesse Brasil grande que tem de tudo”. A caçada é apresentada como um “símbolo do heroísmo” e do trabalho, da “razão de ser desses homens”. *Amaral* exalta a presença de brasileiros na tripulação sob o comando dos japoneses. E fala detalhadamente da faina diária num navio desse porte enquanto saem à procura do “monstro marinho”.

Enquanto explica que esse baleeiro já arpoou 220 baleias, ele vai mostrando o canhão na proa, explica a potência de tiro, detalha a calibragem e dá outros detalhes técnicos do baleeiro. As imagens do navio cortando o mar se alternam com *Amaral* no passadiço do navio e dentro do cesto no alto de um mastro. *Amaral* explica que esse navio tem seis homens prontos para localizar baleias. Ao mesmo tempo em que navegam para o mar aberto, ele entrevista um marinheiro japonês que está ao timão. *Sakagushi* é natural de Nagasaki, tem mulher e quatro filhos, e diz que já caçou 4.000 baleias. *Amaral* se identifica com o marinheiro ao saber que

⁴⁸⁴ *Idem*.

⁴⁸⁵ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 1. Rio de Janeiro: Plantel Editora e Publicidade Ltda. s/data. Ver Anexo 5.

ambos têm a mesma idade (48 anos). Não se percebe qualquer tom de superioridade, mas genuíno interesse de Amaral pela vida do marinheiro.

Amaral prossegue explicando que, nesse dia, estavam à espera de “uma raridade na costa brasileira: a baleia negra”. As imagens da reportagem passam a mostrar o alvejamento de uma baleia e depois cenas em que um animal acuado se debate tentando escapar, enquanto os homens puxam. Há muito movimento no convés, Amaral Netto aparece descalço, calças arregaçadas. O canhão é recarregado, Amaral explica ser esse “o trabalho bélico para a caça da baleia”. Explica ainda que elas surgem e são acuadas uma a uma, enquanto informa dados sobre o peso e o tamanho dos animais. Segundo ele, 30 ou 40 toneladas de carne de baleia equivaleriam a cem bois. Mas como a caça à baleia também atrai tubarões, Amaral apresenta um pequeno tubarão que “no convés estrebucha”: “eis aí o terrível, o miserável instrumento de morte”.

A baleia caçada é identificada como uma mink, “a baleia mais elegante”. A essa altura aparecem cenas do porto onde uma baleia é puxada com correntes. Enquanto se inicia o corte, Amaral explica que ela será “destrinchada como boi no matadouro”. As cenas mostram *closes* da boca, das nadadeiras, do rabo cortado. Há cenas da retirada da pele, do esquartejamento, do coração. Em entrevista com um funcionário, ele pergunta “essa carne toda é aproveitada?”. Pergunta sobre o destino do rabo, e descobre que é mandado para São Paulo, “é uma carne forte”. A pele da baleia aparece sendo puxada para um platô; foi explicado ao repórter-cinematográfico Chucho Narvaez que servirá para fazer óleo. Amaral pergunta sobre os ossos: “servem para adubo”, sobre as barbatanas, sobre a pele, e conclui que “não se perde nada da baleia. Tudo se aproveita. É aproveitado como qualquer animal de pasto.”

As imagens voltam para o barco, como se fosse uma repetição das cenas do começo da reportagem. É novamente mostrada a caça da baleia e Amaral entrevista os homens de bordo enquanto alvejam um animal. Ele afirma “se vocês acham essa baleia grande, ainda não viram

nada”. É que depois de 40 minutos de expectativa, eles avistaram uma baleia negra. A baleia negra é focalizada, já alvejada, mas viva. Eles atiram novamente. Amaral interage várias vezes com Chucho Narvaez para confirmar que essas imagens estão sendo captadas. A baleia é alvejada também por Amaral.

As imagens seguintes mostram uma baleia, sangrando profusamente, amarrada na lateral do barco. Amaral aparece correndo descalço no passadiço, focaliza-se o tubarão caçado anteriormente. A certa altura, ele declara que “é preciso ter estômago de ferro para caçar baleias”, mas o comentário parece referir-se aos fortes movimentos do barco e à água do mar entrando no convés, e não à quantidade de sangue e à cruza da caçada. Aparentemente, essa é a viagem de volta ao porto. Por instantes, Amaral Netto aparece também ao leme do baleeiro.

As imagens se sucedem com a chegada a uma rampa, na base de Cabedelo-PB, para onde a baleia é puxada, medida, e tem o peso avaliado. São mostrados em *close* a pele, as cracas, os mariscos, todos os detalhes colados na baleia. Amaral compara a baleia ao boi e resolve subir na baleia para demonstrar o tamanho do animal em proporção ao dos homens. Ele sobe, senta-se nela, posa descalço, num sinal universal de domínio.

No entanto, a reportagem supre o telespectador com todo tipo de informação, ele mostra como é o animal, como foi caçado, onde o arpão entrou, mostra outras feridas. Ele dá instruções a Chucho para focalizar melhor algum detalhe. Mostra o tamanho da boca, que há pelos nela, passa a mão nos pelos: “é impossível abrir a boca dessa baleia”. Explica que a carne da baleia é vendida pela metade do preço da carne de boi. Que é pela cauda que se pode calcular o tamanho da baleia. Que a nadadeira tem de quatro a cinco metros, que uma baleia fornece oito toneladas de óleo e de charque. Comenta que haviam comido churrasco de baleia no dia anterior: “era gostoso”. Todas essas explicações vão surgindo *espontaneamente* enquanto Amaral rodeia a baleia morta e acompanha as instruções dos cerca de trinta homens que puxam e esquetejam o

animal, enquanto procura ficar fora do caminho dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que conduz a reportagem. O fio do microfone chega a ficar preso na baleia, ele o solta e prossegue. A filmagem e a reportagem acompanham todo o processo, os cortes, as vísceras e os líquidos que escorrem do interior da baleia, até que sobre apenas a carcaça que também é cortada.

É difícil assistir a essa carnificina, hoje, sem ficar chocado. Ainda mais numa sociedade onde os resultados da matança industrializada só aparecem em assépticas prateleiras refrigeradas. Mas na reportagem de 1969, isso é mostrado *naturalmente*. Tratava-se, ali, a exuberante natureza brasileira e seus recursos como algo a ser conquistado, ocupado e aproveitado. É preciso reforçar que esse não é um tom isolado em Amaral Netto e/ou em seu programa. Esse tratamento da natureza brasileira, ou da natureza em geral, no sentido da conquista, da ocupação urgente de espaços vazios *por brasileiros*, como insistia Amaral, justificava-se (e legitimava-se) para ele, e para muitos outros brasileiros, pela premente necessidade de desenvolvimento. E não estava, de forma alguma, vinculada ao regime político autoritário.

Nessa reportagem sobre a caça à baleia, essa ocupação se traduz pela ocupação dos mares e pela posse e exploração de todos os recursos marinhos do litoral brasileiro. Em 1969, antes da marcação das *Duzentas Milhas* marítimas como território brasileiro, a reportagem não via contradições numa operação japonesa em águas brasileiras já que o *know-how* (e parte do lucro), aparentemente, estava sendo repassado a brasileiros. Não se discriminava ali uma baleia de um tubarão ou de um boi. Tratava-se de carne e de aproveitamento de recursos. E a carne de baleia aparecia como uma solução possível nos anos 1960. O pensamento por trás dessa reportagem está respondendo a experiências e a debates daquele momento histórico.

Nesse ponto, vale observar que, se o golpe civil-militar e a subsequente ditadura significaram uma ruptura política, o mesmo não se pode dizer das continuidades observadas em outras realidades que compunham a vida vivida de então. No início dessa década, baleias eram caçadas indiscriminadamente na costa do Rio de Janeiro⁴⁸⁶, por exemplo. E embora seu consumo não tenha se estabelecido comercialmente, essa carne aparecia como opção desde a década de 1950⁴⁸⁷. O Ministério da Agricultura garantia a qualidade e incentivava o consumo, em 1961⁴⁸⁸, da mesma forma que o Ministério da Indústria e Comércio cogitou pedir ao SAPS-Serviço de Alimentação da Previdência Social que se utilizasse dessa carne em seus cardápios⁴⁸⁹. Em 1963, durante um desabastecimento ocasionado pela entressafra, a SUNAB-Superintendência Nacional do Abastecimento procurava incentivar esse consumo como substituto para a carne bovina⁴⁹⁰. O comércio de carne de baleia era também estimulado, e até simpaticamente anunciado em jornais, desde 1962, como na figura ao lado. A pesca da baleia mostrada por Amaral Netto, embora brutal e até “um espetáculo grotesco e agressivo” nas palavras de Thales de Andrade⁴⁹¹, insere-se, gostemos ou não, na realidade da década de 1960.

**VOLTOU A DELICIOSA
CARNE DE BALEIA!**



Você já poderá encontrar a gostosíssima carne de baleia, fresquinha, nutritiva... e muito mais econômica!

Pedidos para
52-4709 e 42-6841

Av. Almirante Barroso, 90, 2.º and., grupo 25

**SOCIEDADE DE
PESCA TAIYO LTDA.**



492

⁴⁸⁶ *É fácil pegar baleias ao largo de Cabo Frio.* *Jornal O Globo*, Geral, 13/06/1960, p. 19

Em tempo de baleia. *Jornal O Globo*, Geral, 17/08/1968, p. 17 – Esse artigo condenava a selvageria de caçadores que acuavam baleias encalhadas em praias, mas elogiava os modernos baleeiros e a caça controlada por uma *Comissão Internacional de Caça à Baleia*.

⁴⁸⁷ *Carne de Baleia- Solicita o SAPS esclarecimentos ao Ministério da Alimentação da Inglaterra.* *Jornal O Globo*, Geral, 30/05/1951, p. 4; *A ciência descobre um meio de conservar para o consumo humano a carne de baleia.* *Jornal O Globo*, Geral, 7/4/1958, p. 11

⁴⁸⁸ *A carne de baleia atraiu muitos curiosos, mas poucos compradores.* *Jornal O Globo*, Geral, 15/08/1961, p. 13

⁴⁸⁹ *Campanha nos bairros estimulará consumo à carne de baleia.* *Jornal O Globo*, Geral, 1º/07/1961, p. 8

⁴⁹⁰ *A SUNAB vai cuidar do caso da carne essa semana.* *Jornal O Globo*, Geral, 15/07/1963, p.4

⁴⁹¹ ANDRADE, Thales . *A natureza brasileira nos anos 70. A estética agressiva de Amaral Netto, o Repórter.* In: *Terra Brasilis*, Revista Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica. Nº 6, 2004.

Essa reportagem reafirma a conquista comercial dos mares costeiros do país, enaltecendo o trabalho de brasileiros. Ainda que num navio controlado e supervisionado por estrangeiros, justificado por serem os japoneses detentores do *know-how*. E se serve à exaustão do tom de aventura considerado necessário para suprir a imaginação dos espectadores.

No plano político, a invalidez do general Costa e Silva, afastado em 31 de agosto após um derrame cerebral, provocou fortes oscilações no comando militar que controlava o país. Um debate intramilitar, nos bastidores, gerou o Ato Institucional nº 12⁴⁹³ (AI-12) e o controle do Estado por uma Junta Militar. Um mês depois, um “escrutínio complexo e pouco normatizado” entre 114 generais de todo o país, organizado pelo Alto-Comando do Exército, chegou a um consenso para a nomeação do general Emílio Garrastazu Médici à presidência. O Congresso, ainda fechado por conta do AI-5, foi reaberto para a *ratificação* dessa *escolha*, que a Arena aprovou por unanimidade, enquanto o MDB se absteve.⁴⁹⁴

A assunção do general Médici na presidência em 30/10/1969 significou o início do Plano de Integração Nacional⁴⁹⁵ que fez construir, país afora, inúmeras rodovias, refinarias, hidrelétricas, pontes, gasodutos, entre outras grandes obras de infraestrutura, gerando crescimento da indústria, do emprego e do mercado interno. Além da irrigação do nordeste, o PIN previa a colonização e a reforma agrária com ocupação de terras adjacentes às novas rodovias.

O excepcional crescimento do PIB e certa estabilização dos índices inflacionários, uma expansão inédita que proporcionou a melhoria de vida de vastos setores da sociedade, ficou

⁴⁹² Jornal *O Globo*, Geral, 28/05/1962, p. 8

⁴⁹³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-12-69.htm, acesso em 10/10/2015.

⁴⁹⁴ CHIRIO. Op. Cit.

Sobre os impasses, as tensões e disputas internas nas Forças Armadas que fizeram parte do processo que chegou a essa escolha, ver CHIRIO. Op. Cit. Capítulo 4.

⁴⁹⁵ Decreto-Lei nº 1.106, de 16/06/1970. Cf. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1106.htm, acesso em 24/09/2015

conhecido como o *milagre econômico*. A euforia do período também marcou a fase de maior popularidade do regime. O outro lado desse *milagre* significou o aprofundamento do abismo social entre as classes rica/média e a pobre/miserável. Sem falar que foi o período da maior repressão aos opositores, do recrudescimento da censura aos meios de comunicação e cultura, do aumento do número de torturados e mortos, do extermínio das organizações de luta armada, e do fortalecimento das operações da *Oban*. Segundo Chirio, foi o período do sigilo mais opressivo⁴⁹⁶.

Na televisão, o programa de Amaral Netto seguia na mesma linha *aventuresca*, muitas vezes pautado pelo apelo ufanista das reportagens que mostravam o que de positivo o governo fazia em prol do país. Ele mostrava também as potencialidades locais, como em novembro/1969, por exemplo, a cidade de Ouro Preto⁴⁹⁷, o porto do Rio de Janeiro, e o estado do Rio Grande do Sul em dois programas. Em dezembro, ele voltou ao tema do funcionamento das Forças Armadas: apresentou a história do *Batalhão do Imperador*⁴⁹⁸, a guarda especial criada em 1823 que passou a ser o 1º BG (Batalhão de Guardas, uma unidade de elite do Exército), e um programa sobre os aviões *Catalina* da FAB- Força Aérea Brasileira, conhecidos como *patachoca*⁴⁹⁹.

Programas como esse sobre a FAB, que mostravam o potencial bélico e a infraestrutura de que as Forças Armadas dispunham, eram tema recorrente em *Amaral Netto, o Repórter*. A Marinha e o Exército eram bastante mostrados em programas específicos, ou como suporte a outras *aventuras* que o jornalista estivesse filmando. O fato de que o acesso a lugares inóspitos só era possível por meio dessas Forças nacionais era bastante enfatizado, deixando claro aos espectadores quem *zelava* pela segurança. E, claro, quem detinha o controle real do país.

⁴⁹⁶ CHIRIO. Op. Cit. p. 165

⁴⁹⁷ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 3. p. 43-50

⁴⁹⁸ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 4. p. 32-37

⁴⁹⁹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 3. p. 14-33

É de 1969, também, outra reportagem que chamou bastante atenção pelo ineditismo do tema em televisão, apresentada a seguir, e que também contou com o auxílio dos aviões da FAB para sua realização.

3.1.2 ÍNDIOS DO XINGU

Foi Amaral Netto quem mostrou, pela primeira vez na televisão, como viviam os índios do Xingu. A cópia do filme do acervo Plantel a que tive acesso não estava em condições de ser manuseada em uma moviola para que fosse assistida, dado o estado adiantado de avinagramento. No entanto, pude assistir a alguns trechos desse filme no acervo da família Narvaez. Além disso, encontrei na lata do filme uma ficha de decupagem correspondente⁵⁰⁰, que reproduzo a seguir, dando uma ideia bastante boa do que foi a reportagem de cerca de 40 minutos, na qual Amaral participou ativamente das atividades de pescaria, danças, banho e até de uma luta simulada:

34. Índios do Xingu	19/10/1969
Créditos	
00"00"	Índios Iulapeti
a	Vista aérea da região. Sobrevoam tribo. Chegada da equipe num avião da FAB; base Orlando Villas Boas (diversos planos de tribo de vida indígena). Amaral Netto vai com os índios para o rio Tatuari onde índias tomam banho; lá Amaral Netto fala e distribui sabonetes para índios do Alto Xingu. SOM DIRETO DE AMARAL NETTO
9' 15"	
a	Índios e Amaral Netto colocam canoa no rio e vão nela pescar com flechas.
12'39	Voltam da pescaria para tribo
a	
13'35"	Amaral Netto fala sobre noivado das índias
a	
18'00"	Índio Camaiurá. Amaral Netto chega na aldeia. Preparação dos índios para a dança da saúde. (Som da música e fala Amaral)
a	Amaral sendo coroado com cocar.
25'12"	Amaral toma banho no rio com índios
a	
26'15"	Índios Txucarramãe. Amaral Netto andando pela mata: índios reunidos na tribo, som grito de guerra; ataque Amaral, volta para aldeia. Índios fingem que batem no Amaral Netto com pedaços de pau.
a	
31'01"	Índios Txicon. Aldeia Txicon. Índios pintados dançam (reportagem sobre maquiagem). Detalhes das pinturas no corpo e rosto.
a	
33'46"	Besouros (dezenas agrupados)
a	Amaral Netto com índios se despedindo. Entrevista Villas Boas e índios. De todas as aldeias, cada um se despede do Amaral Netto em sua língua.
35'59"	
40'45"	Amaral Netto embarca FAB
41'48"	Fim
Observação: filme sujo, arranhado em alguns trechos.	

⁵⁰⁰ Copiado pela autora, maio/2012. Ficha encontrada na lata do filme nº 34 do acervo Plantel, Arquivo Nacional, RJ.

Nos trechos da reportagem televisionada a que pude assistir, há muitos *closes* dos índios, de suas pinturas, e dos olhares que essas pessoas dirigem à câmera. Nesses trechos de filmes que a família Narvaez⁵⁰¹ preservou do original em preto e branco, sem som, pode-se perceber certa resignação no olhar de muitos desses índios e índias, adultos e crianças que ali aparecem. Mas também é possível perceber a alegria e o orgulho com que muitas dessas pessoas mostram suas danças, suas pinturas, seus adornos. Ou que simplesmente se deixam filmar sendo eles mesmos. Todos os índios dessas filmagens estão nus. A câmera passeia por sobre os corpos dessas pessoas que se postam ali ao olhar curioso, ou que continuam executando suas tarefas da vida diária. As crianças *txicão* mostram animais com que lidam com muita familiaridade como um papagaio e um macaco; homens *txicão* mostram plantas específicas e se reúnem pintados para algum evento; mulheres *txicão* mostram bebês, crianças sorriem. Homens *camaiurá* trazem peixes, as mulheres executam danças, provavelmente para a reportagem. O fragmento, embora curto e editado de partes maiores, permite que se possa perceber o que os telespectadores de 1969 viram, pela primeira vez, pela tela da TV Globo.

Esse programa também rendeu uma matéria na revista *Amaral Netto, o Repórter* que pode ser utilizada para dela se ter uma ideia melhor, uma vez que essas reportagens impressas eram bastante fiéis às televisionadas. As imagens filmadas em preto&branco correspondem bastante bem às fotografias coloridas da reportagem impressa. As impactantes imagens coloridas da revista mostram alguns rituais dos índios *iulatis*, *txuckarramães*, *txicão* e *camaiurás*, ou atividades em que aparecem nus, caçando, correndo, ou em atividades físicas, o que foi um recurso bastante explorado, bem na linha do fotojornalismo. A reportagem mostra a beleza das mulheres e crianças indígenas, as cores da natureza e das pinturas tribais.

⁵⁰¹ Fragmento editado do filme *Índios do Xingu*, recuperado da *internet* como postado por Marco Narvaez.

Como em quase todas as reportagens da série, televisionadas ou impressas, aparece logo no início um mapa de localização. Nesse caso, ele mostra a enorme distância entre o litoral (RJ) e o local de realização da matéria, no interior do então Mato Grosso. Além disso, a revista traz também um resumo histórico que opõe a noção de silvícolas à de civilizados para explicar as relações entre índios e portugueses, desde o descobrimento. A instalação do Parque Nacional do Xingu é vinculada, exclusivamente, ao trabalho de um soldado, o Marechal Rondon.⁵⁰² Embora a matéria, assim como a reportagem televisionada, dê ampla visibilidade aos idealizadores do Parque, os irmãos Orlando e Claudio Villasboas, é completamente deixada de fora a informação de que a instauração do mesmo foi fruto de uma luta de muitos anos, que incluiu Rondon, sim, mas da qual participaram muitos outros (pessoas e instituições) como Darcy Ribeiro, que redigiu o projeto como antropólogo do Serviço de Proteção ao Índio, ou mesmo o governo Jânio Quadros (do qual Ribeiro foi ministro da Educação), que homologou a reserva em 1961.

A reportagem foi realizada no Xingu, onde Amaral Netto e sua equipe chegaram num avião da FAB. O jornalista ressalta que “os índios sabem que sem a Força Aérea Brasileira, sem o trabalho anônimo de seus tripulantes, suas vidas seriam diferentes”. O texto enfatiza uma suposta harmonia entre brancos “que já aprenderam a não mais hostilizá-los, nem absorvê-los, mas auxiliá-los para a preservação de sua cultura”. E mostra a convivência dos irmãos Villasboas com os índios da reserva, ressaltando uma suposta intimidade do próprio Amaral com os índios nessa segunda visita, à conta de presentes anteriormente levados: “O índio gosta muito de ser presenteado”. Outros lugares-comuns emergem como a valorização de uma pureza naturalizada dos índios a partir da nudez “pura” e “ingênua”, ou a noção de que eles, naturalmente, “querem ser nossos amigos”.

⁵⁰² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2. p. 10-29

Apesar de recheada de lugares-comuns que exaltam uma suposta propensão à harmonia, ao pacifismo e à boa saúde dos índios, a reportagem também busca traçar um quadro do que é a realidade vivida pelas tribos, seu trabalho agrícola e atividades de pescaria que respeitam as necessidades do momento. E a reportagem acaba mostrando muitos aspectos da vida nas tabas e das dinâmicas de poder nas tribos. A matéria finaliza com um apelo à manutenção e ao respeito do que Amaral chama de “teto cultural” das tribos do Xingu.

Embora o governo federal apareça nessa reportagem somente de forma tangencial, com a presença da FAB, e embora esse tipo de reportagem sobre aspectos desconhecidos do país (ou da vida cultural) não suscitasse o discurso do *Brasil Grande* tão comum nos programas sobre obras do governo, Amaral não deixa de fechar a reportagem com a afirmação de que “há um Governo zelando pelos remanescentes da população silvícola do Brasil, zelando pela sua integridade física, zelando pela preservação da sua cultura”. E na busca de dar legitimidade ao regime, ele chega a afirmar que o esforço desse governo [militar] “se consubstancia nas palavras do Marechal Rondon: ‘Morrer se preciso for; matar nunca!’ ”.⁵⁰³

Em janeiro/1970, *Amaral Netto, o Repórter* completou um ano no ar, na TV Globo, e a Plantel Editora começou a distribuir comercialmente a revista homônima do programa. Após o lançamento da mesma, é na contracapa do nº 2 que Amaral divulga os inúmeros cumprimentos de autoridades que recebeu pelo primeiro aniversário do programa. Estão ali as palavras do coronel Octávio Costa, em nome da Aerp/ARP, bem diferentes da opinião que passou a externar posteriormente, quando passou a dizer que lutava “feito um leão”,⁵⁰⁴ contra os programas de Amaral Netto:

⁵⁰³ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2, p. 10-29

⁵⁰⁴ *Apud* FICO. Op. Cit. p. 137

Na hora em que *Amaral Netto, o Repórter* comemora seu 1º aniversário, desejo assinalar, acima dos méritos do programa, a determinação, a coragem e o idealismo com que o Repórter e sua equipe lograram tornar vitorioso, na televisão brasileira – tão marcadamente alheia ao propósito educacional - um programa que revela o Brasil e serve o povo.⁵⁰⁵

O então vice-presidente almirante Augusto Rademaker considerou que o programa “atende totalmente os objetivos da Revolução, de estímulo e incentivo ao civismo”. E sempre no sentido da valorização do aspecto desbravador, educativo e cívico, os cumprimentos efusivos e elogiosos dos ministros: da Educação, Jarbas Passarinho; das Comunicações, Higino Corsetti; do Interior Costa Cavalcanti; dos Transportes, Mario Andreazza; da Fazenda, Delfim Netto; do Trabalho, Julio Barata; da Saúde, Rocha Lagoa; do Interior, general Albuquerque Lima. E do governador da Guanabara, Negrão de Lima, e seu secretário de Educação e Cultura, Gonzaga da Gama. Além, é claro, dos cumprimentos em nome do gabinete do ministro do Exército; do ministro da Marinha, Alm. Adalberto de Barros Nunes; do chefe do Estado-Maior do Exército, gen. Antônio Carlos Muricy; do ministro da Aeronáutica Mal. Marcio de Souza Mello, todos elogiando a revelação “do importante papel das Forças Armadas”.⁵⁰⁶

Todos esses elogios foram devidamente reproduzidos, na íntegra, tanto na contracapa da revista, quanto pelo jornal *O Globo* em janeiro de 1970.⁵⁰⁷

Nesse mesmo mês de janeiro/1970, a Seção Rádio&TV do *Diário de Notícias* anunciava assim o programa: “O Brasil e o mundo em excelentes reportagens de Amaral Netto, filmadas por

⁵⁰⁵ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 2, contracapa posterior.

⁵⁰⁶ *Idem*.

⁵⁰⁷ *Vice e ministros exaltam o programa de Amaral Netto*. Jornal *O Globo*, 10/01/1970, Geral, p. 6

Chucho Narvaez”⁵⁰⁸, e *Amaral Netto*, o *Repórter* ainda ganhou o troféu *Velho Guerreiro* de “Melhor Programa de Reportagem” no programa do *Chacrinha*⁵⁰⁹.

Vale ressaltar que publicações como as do boletim do *Diretório Central da Liga da Defesa Nacional*⁵¹⁰, em 1970, também são um exemplo da opinião de militares que defendiam que o programa de Amaral Netto

deveria receber, não apenas ajuda do governo, como também ser, obrigatoriamente exibido nos colégios, quartéis, fábricas e praças públicas, por intermédio do Serviço de Relações Públicas da Presidência da República, para que todos sentissem o quanto devemos nos orgulhar de sermos brasileiros, em confronto com o que se passa no mundo inteiro”⁵¹¹.

Em 1970, Amaral Netto foi homenageado com a *Medalha Tamandaré*⁵¹² pelo Ministério da Marinha. E ele fez questão de receber a medalha vestido com seu uniforme de apresentador do programa. Numa carta a Roberto Marinho, com fotos de uma das premiações que recebeu, enquanto solicita que o fato seja divulgado, ele faz questão de frisar que esse é um prêmio

⁵⁰⁸ *Jornal Diário de Notícias*, 2ª Seção, 4/1/1970. p. 4

⁵⁰⁹ *Jornal Diário de Notícias*, 2ª Seção, 13/01/1970. p. 2

⁵¹⁰ A *Liga da Defesa Nacional* foi fundada por Olavo Bilac, em 7/07/1916, com Pedro Lessa, Miguel Calmon, Wenceslau Braz (então Presidente da República), Alm. Alexandrino de Alencar (Ministro da Marinha), Gen. Caetano de Farias (Ministro da Guerra), Ruy Barbosa, Francisco de Paula Rodrigues Alves, João Pandiá Calógeras (Ministro da Fazenda), Monsenhor Vicente Lustosa, Dr. Miguel Couto e o poeta Coelho Neto. A finalidade da entidade, ainda hoje em vigor, era "robustecer na opinião pública nacional um elevado sentimento de patriotismo". Cf. Disponível em: <http://www.ligadadefesanacional.org.br/>, acesso em 22/01/2013.

Ressalte-se que a Liga participava de atividades ligadas ao governo como a comemoração do Sequicentenário da Independência do Brasil, em 1972. Ver CORDEIRO. Op. Cit.2012.

⁵¹¹ *Programa de Televisão Merecedor de Aplausos*. Coronel Sylvestre Travassos Soares. In: Boletim do Diretório Central da Liga da Defesa Nacional, Nº 71, Abril/Maio,1970, Rio de Janeiro.

⁵¹² Pelo Decreto 42.111, de 20/08/1957, a medalha se destina a homenagear autoridades, instituições, personalidades civis e militares que prestaram serviços relevantes na divulgação/fortalecimento das tradições da Marinha do Brasil.

importante não só para si mesmo, mas também para a emissora. Nessa carta, despede-se de Marinho com um “como sempre aguardando suas instruções”.⁵¹³

Para que se tenha uma ideia da abrangência dos assuntos do programa a partir de 1970, assim como de sua distribuição ao longo dessa série inicial, apresento, a seguir, um apanhado das reportagens, por ano, com comentários sobre alguns trechos. Após essa apresentação, a análise de mais um programa.

Em janeiro de 1970, Amaral mostrou o trabalho realizado no aumento da capacidade energética do país (*Cachoeiras de Marimbondo*⁵¹⁴, FURNAS⁵¹⁵), a Guanabara, e as ações cívico-sociais da Marinha (Operação ACISO⁵¹⁶). Em fevereiro foram apresentadas as indústrias do estado do Rio de Janeiro, a Petroquímica, e a Ilha de Trindade. Em março, a Patagônia (Ilha de Trindade, Terra do Fogo, pinguins, elefantes marinhos)⁵¹⁷, reportagem que contou com a infraestrutura da Força Aérea Argentina⁵¹⁸.

É importante ressaltar que tal apoio de uma força militar estrangeira a um empreendimento civil brasileiro dificilmente seria conseguido sem a interferência do governo brasileiro. Possivelmente realizado por via diplomática (via Itamarati?) ou talvez por contato

⁵¹³ Carta de Amaral Netto, com fotografias da premiação, a Roberto Marinho, s/data, anotação de “recebida em 17/6/1970”. Papel timbrado da Câmara dos Deputados. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

⁵¹⁴ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 4. p. 38-42

⁵¹⁵ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 3. p. 34-42

⁵¹⁶ Essa operação existe ainda hoje tanto na Marinha quanto no Exército. De acordo com o *site* da Marinha do Brasil: “Ações Cívico-Sociais (ACISO): É o conjunto de atividades desenvolvidas, normalmente em caráter temporário, com a finalidade de auxiliar às comunidades a solucionar os seus problemas mais prementes, desenvolvendo o espírito cívico e comunitário do cidadão. A Marinha do Brasil também atua na execução de ACISO em diversas comunidades carentes.” Disponível em: http://www.mar.mil.br/menu_h/aciso/aciso.htm, acesso em 04/01/2014.

De acordo com o *site* do Exército Brasileiro: “As Ações Cívico-Sociais ou ACISO são atividades realizadas pelo Exército Brasileiro para prover assistência e auxílio a comunidades, desenvolvendo o espírito cívico e comunitário dos cidadãos, no país ou no exterior, para resolver problemas imediatos e prementes.” Disponível em: <http://www.eb.mil.br/acoes-civico-sociais>, acesso em 19/05/2014.

⁵¹⁷ Revistas *Amaral Netto, o Repórter*, nº 4, p. 8-31 e nº 5. p. 12-17

⁵¹⁸ Trecho do programa *Patagônia*. Acervo da família Narvaez.

direto entre as Forças Armadas brasileiras e o governo argentino então presidido por uma Junta Militar. De toda forma, isso mostra o alcance da influência que Amaral tinha à época.

Ainda em março, ele mostrou o Jóquei Clube (criação de cavalos puro-sangue⁵¹⁹), a *História do Cimento*, e a primeira parte de uma reportagem sobre o estado do Espírito Santo.

Algumas dessas reportagens eram anunciadas em *tijolos* comerciais nos jornais, principalmente aquelas cujo tema contemplasse empresas. Amaral Netto se utilizava bastante dessa estratégia. Enquanto o programa sobre a *História do Cimento* é anunciado como uma oportunidade de investimentos, inclusive com a utilização do trocadilho *concreta*, outro programa que abordava o tema da *Tecnologia* (dos computadores, dos satélites e do futebol-arte) recorria à empolgação com o que era, à época, uma novidade futurista.



520

521

⁵¹⁹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 6, p. 4-9

⁵²⁰ *Jornal Diário de Notícias*, 1ª Seção, 22/03/1970, p.3

⁵²¹ *Jornal O Globo*, 21/11/1970, p. 10

Em abril, a segunda parte da reportagem sobre o estado do Espírito Santo, a cidade de Brasília, e dois programas sobre o Recife e o trabalho da SUDENE-Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Em maio, Amaral mostrou a preparação dos paraquedistas brasileiros (“homens de têmpera de aço”) e uma série de programas sobre a Bahia, incluindo Aratu, onde se localiza uma base naval que serve, ainda hoje, para refúgio de presidentes durante suas férias. Em junho, os temas foram a CEDAG-Companhia de Águas e Esgoto da Guanabara, e o Amazonas (trabalho dos *Barcos da Esperança*⁵²²).

Em julho, focalizou-se a construção naval (*Guerra nos mares*)⁵²³ e mais dois programas sobre a região do Amazonas abordaram o trabalho dos *Sentinelas do Solimões* e o tema *Guerra na Selva*. Esses programas sobre o Amazonas enfatizavam o desmatamento como necessidade para o “início de um novo rumo da vida do nordestino” numa região “antes relegada à própria sorte”⁵²⁴.

3.1.3 Guerra na Selva

O programa de Amaral Netto se caracterizava por uma defesa, recorrente e incondicional, da atuação das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) e da capacidade de proteção que ofereciam do território nacional. O programa enfatizava essa capacidade das Forças Armadas, inclusive em reportagens que davam ênfase à formação de militares especialistas em técnicas de contraguerrilha, tortura *científica* e interrogatórios. Reportagens sobre a ocupação da Amazônia e sobre as Forças Armadas deixavam claro aos telespectadores o trabalho do governo no sentido da defesa, em tempos de Guerra Fria e do assim chamado *terrorismo*.

⁵²² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 9. p. 44-50

Essa ação parece estar integrada à Operação ACISO, da Marinha. Atualmente, os *Navios da Esperança* são navios de assistência hospitalar da Marinha que atendem a região da Amazônia desde 1984. Cf. disponível em: http://www.mar.mil.br/menu_v/downloads/Folder/PDFs/foldernaviosdaesperanca.pdf, acesso em 04/01/2014.

⁵²³ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 6. p. 44-50

⁵²⁴ Índice nas contracapas das revistas *Amaral Netto, o Repórter* e *Os Brasileiros*.

Como ressaltou Rodrigo Patto Sá Motta, o influxo conservador do regime ditatorial era ao mesmo tempo (e contraditoriamente) conservador e modernizador, e fomentou políticas repressivas voltadas para a contenção e eliminação dos inimigos da ordem⁵²⁵. Reforçando um desejo de modernização econômica e tecnológica para o país, as reportagens de *Amaral Netto, o Repórter* procuravam valorizar, ao mesmo tempo, o papel e os valores tradicionais representados pelas Forças Armadas na defesa do país. Mesmo que fosse preciso recorrer a medidas extremas.

A reportagem sobre a formação de paraquedistas brasileiros mostra, em detalhes, exercícios e manobras que faziam parte do treinamento de um ano de duração. Além da parte de saltos e lutas, o treinamento consistia numa semana de práticas de sobrevivência na selva. Nesse caso, as práticas incluíam tratamento de “prisioneiro não convencional” ao soldado capturado e preso num “campo de concentração”, do qual ele tinha o dever de fugir. A reportagem impressa sobre esse programa menciona que o prisioneiro era submetido a ““torturas” que, mesmo entre aspás, são bastante para lembrar ao soldado que sua meta é o acampamento”.⁵²⁶ Ou seja, além de mostrar a tortura como prática naturalizada, a reportagem ainda a legitima, *mesmo entre aspás*, apresentando-a como suportável física e psicologicamente, dando a entender que há gradações de dor na tortura e que ela não é empecilho a que os presos escapem.

Também nesse sentido, outra reportagem sobre a *guerra na selva*, mostra torturas num “campo de concentração” do Exército. Ali enfatizavam “sua necessidade para o treinamento dos soldados no Centro de Instrução e Guerra na Selva”, com objetivo de “enfrentar guerrilheiros”.⁵²⁷

Nessa segunda reportagem, o próprio Amaral contou ter passado três dias no acampamento e, supostamente, ter se submetido a torturas, “dentro do maior realismo possível”. A prática da tortura aparecia na reportagem como justificativa para mostrar como o Exército se

⁵²⁵ MOTTA. Op. Cit. 2014. p. 288-324

⁵²⁶ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 5. p. 24-37

⁵²⁷ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 6. p.30-37

preparava para “livrar os brasileiros – a qualquer tempo, a qualquer hora, em qualquer lugar onde se manifeste – da ameaça que nos é imposta pelos inimigos do Brasil Grande, que estamos construindo para nossos filhos”. A reportagem impressa chega a afirmar claramente que denúncias feitas na Europa e na América Latina sobre “a existência de tortura institucionalizada no Brasil” referiam-se a antigas reportagens sobre cursos semelhantes ao que Amaral ali mostrava. E que essas denúncias nada mais eram do que “um tipo de guerra” deflagrada por “inimigos do Brasil, entre os quais, desgraçadamente, se contam alguns brasileiros”.⁵²⁸ Assim, *Amaral Netto, o Repórter* também atuou para fortalecer a familiar estratégia que reforçava a ideia de uma *guerra* (real ou imaginada) contra um inimigo comum, e que ajuda a consolidar a expressão política de nacionalidade.

Amaral Netto, portanto, reconhecia que o Exército e a Aeronáutica se preparavam com afinco para que seus soldados suportassem (mas também para que aplicassem eficientemente) a tortura. E não só mostrava como faziam isso, como participava com indisfarçável orgulho da atividade. Enquanto por um lado legitimava o uso da tortura, por outro lado deslegitimava acusações contra o Estado. Simplesmente não admitia que o Estado fosse acusado de tortura institucionalizada contra “alguns brasileiros”.

Essas reportagens que especificamente tratavam do tema da tortura mostram como era importante a ideia de informar os brasileiros segundo a perspectiva do regime. Como era imprescindível combater com contrapropaganda as supostas “falsas” denúncias de torturas feitas por opositores, no Brasil ou no exterior. Esse tipo de tema, abordado dessa forma, mostra que é perfeitamente admissível que as intenções dessas reportagens estivessem alinhadas às da propaganda do modelo original da Aerp idealizado pelo coronel Hernani D’Aguiar. Como vemos, essas estavam presentes na propaganda supostamente não oficial que Amaral fazia.

⁵²⁸ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 6. p.30-37

Em agosto/1970, foram mostradas as siderúrgicas do Rio de Janeiro, a usina hidrelétrica de Paulo Afonso⁵²⁹, e o trabalho do DNOS- Departamento Nacional de Obras de Saneamento⁵³⁰. Em setembro, foram exibidos dois programas sobre o estado de Goiás (“um estado que nada fica a dever em matéria de progresso”)⁵³¹.

Em outubro, os assuntos foram a Alemanha, outro programa sobre o estado de Goiás, um sobre a construção da ponte Rio-Niterói⁵³², e uma retrospectiva. Em novembro, os temas foram a IBM (a multinacional da tecnologia de informação, no Rio de Janeiro e em São Paulo) e a conquista da Amazônia (*Amazônia existe*).

A reportagem sobre a Amazônia foi anunciada com ênfase no encontro do então ministro Mario Andreazza com “o mais votado deputado federal da ARENA – o repórter Amaral Netto”⁵³³. Essa chamada autoaclamativa anunciava uma entrevista onde o ministro e o repórter refutariam a proposição do *Hudson Institute* [do estrategista militar e futurólogo estadunidense Herman Kahn] que imaginara um grande lago na região para permitir o escoamento de matérias-primas dos países vizinhos, via região amazônica, até os EUA. A reportagem de Amaral Netto tratava de mostrar as frentes de trabalho abertas pelo governo na obra da Transamazônica e de rebater supostas pretensões estrangeiras sobre a região.

Amaral parecia ter enorme admiração pelo ministro Mario Andreazza. No programa de rádio *Voz do Brasil*, no começo dos anos 1970, além de exaltar “o governo da Revolução que liga pontos históricos da Transamazônica do passado”, o que chama de “realidade indiscutível”,

⁵²⁹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 6, p.10-21

⁵³⁰ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 7, p. 11-19

⁵³¹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 8, p. 11-20

⁵³² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 7, p. 20-29

⁵³³ Jornal *O Globo*, Geral, 5/12/1970, p. 13

Amaral também não perde oportunidade de elogiar o “espírito dinâmico de Andreazza”, sua bravura e estoicismo. No discurso de Amaral, Andreazza parece personificar o “governo do engenheiro, dos caboclos, dos empreiteiros” e o “gênio inventivo e criativo dos brasileiros”.⁵³⁴

3.1.4 Alemanha

Já a reportagem sobre a Alemanha foi feita a partir da viagem de uma delegação brasileira, que reunia principalmente presidentes de bancos, à reunião do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, em Copenhague, no mês de setembro daquele ano. Além dos secretários e ministros de praxe, vários setores de atividades econômicas, representadas por empresários, também foram autorizados por Médici a participar⁵³⁵.

A lata do filme referente a esse programa, exibido em 4/10/1970, também continha uma ficha de decupagem do mesmo, que permite saber como foi essa reportagem, embora o filme também estivesse bastante deteriorado. Como se pode ver pela decupagem⁵³⁶, nessa reportagem Amaral entrevistou o então presidente do Banco do Estado da Guanabara, Carlos Alberto Vieira⁵³⁷, Henning Boilesen do Grupo Ultra, e o então ministro da Fazenda Delfim Netto. As entrevistas foram conduzidas ao ar livre, na rua, propiciando a captação do *clima* estrangeiro. A conversa com Boilesen, em frente ao palácio real da Dinamarca, chegou a mostrar a troca da guarda. A reportagem também mostrou a inauguração de uma agência do Banco do Brasil, em

⁵³⁴ Arquivo sonoro digital BR AN, EH-O-DSO-0401 (CD11-44). Arquivo Nacional.

⁵³⁵ Jornal *O Globo*, Geral, 12/09/1970, p. 12

⁵³⁶ Ficha de decupagem do programa 77 Alemanha, lata 214. Arquivo Nacional-RJ.

⁵³⁷ Carlos Alberto Vieira é presidente do Banco Safra desde 1973. Economista, pós-graduado pela FGV, ele é membro do Conselho de Administração da Aracruz Celulose, presidente do Conselho da Pastoral Agropecuária Couto Magalhães e integra a diretoria do Conselho da Febraban (Federação Brasileira de Bancos). Cf. <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/conheca-os-empresarios-brasileiros-que-va-se-reunir-com-barack-obama-20110319.html>, acesso em 21/01/2014.

Em 1970, presidindo o BEG, ele assinou empréstimos superiores a seis milhões de dólares para aumentar o capital de giro de construtoras e empresas para a construção da Transamazônica. Cf. *Dinamismo do BEG chega à Transamazônica*. Jornal *O Globo*, Geral, 12/09/1970, p. 3.

Hamburgo, na Alemanha, e muitos aspectos dessa cidade, do porto e do jardim zoológico. Ao final do programa, Amaral ainda emendou com quase quinze minutos sobre diversos aspectos da construção da Ponte Rio-Niterói, que também foi assunto de outro programa nesse mês. Mas é um fragmento dessa reportagem⁵³⁸, um trecho com a entrevista com o então ministro da Fazenda Delfim Netto, que ressalto a seguir:

Realizada às 6:00 horas da manhã nas calçadas vazias da cidade de Copenhague, Amaral é focalizado inicialmente sozinho, caminhando de encontro à câmera, enquanto fala ao telespectador sobre os dois anos e dois meses do programa [ele contabiliza o tempo na Tupi], desde a estreia onde focalizara “a crise educacional no Brasil”. Ele lembra que na ocasião conversara com vários especialistas, dentre eles o ministro Delfim Netto, que “nunca mais aparecera no programa”. Nesse centésimo programa da série para a qual estavam então gravando, ele traz, portanto, “a palavra desse homem diretamente de Copenhague”. O ministro está parado incidentalmente na calçada onde Amaral o encontra e o envolve pelos ombros. De frente para a câmera, ambos parados, Amaral diz que nesses dois anos mostrou “uma porção de coisas aos brasileiros” sobre desenvolvimento e progresso e que “é preciso fazer uma justiça”, que o que tem mostrado “tem uma mola mestra em meio a uma engrenagem fabulosa de progresso”, e que essa pessoa é Delfim Netto. Amaral lembra as palavras de otimismo de Delfim no primeiro programa e passa a palavra para que o ministro dê suas impressões sobre os últimos dois anos. Delfim opina que o mais importante foi “o encontro do Brasil consigo mesmo”. Considera que o Brasil compreendeu que não tinha realmente problema algum, que o país podia crescer e se desenvolver, que não havia problemas ou inibições de ordem geográfica, racial ou econômica para que pudesse se transformar num grande país. Nas palavras do ministro, “a

⁵³⁸ Trecho de cerca de seis minutos do acervo da família Narvaez, relativo ao programa sobre a Alemanha (nº 77, listagem do Acervo Plantel, Arquivo Nacional, RJ).

libertação desses condicionantes” pode ter significado o maior acontecimento dos últimos anos. Amaral passa a perguntar sobre números concretos, interna e externamente, sobre os percentuais de crescimento em relação a outros países, ao que Delfim relata o crescimento de quase 18% em dois anos (8,4% em 1968). Ele defende que essa pode ser considerada uma das maiores taxas do mundo, e passa a ressaltar a ênfase no desenvolvimento que o presidente Médici vinha imprimindo e que, segundo o ministro, permitiria a continuação do crescimento. Amaral passa a perguntar sobre a missão específica de Delfim junto ao FMI. “O fundo e o banco”, ressalta Delfim. Amaral indaga sobre uma resposta a McNamara sobre o “problema demográfico” [referindo-se à defesa do controle de natalidade nos países da América Latina que o então presidente do Banco Mundial fazia]. Delfim rechaça esse tipo de controle sobre o Brasil, acrescentando certa “ligeireza e irresponsabilidade” com as quais essa questão era tratada [por McNamara]. Segundo ele, não se poderia fazer generalizações ou considerar soluções com validades supostamente universais. Passa a falar que o controle da natalidade não seria um problema que dissesse respeito ao Brasil, onde não se deveria perder tempo com um programa de resultados tão duvidosos, e que o país possuía uma relação proporcional entre o volume da população e seus recursos naturais. À pergunta sobre a situação do país no exterior, Delfim passa a falar da reforma cambial de agosto/1968 que introduziu a taxa de câmbio flexível, “o grande objetivo de discussão” nas reuniões do FMI. Segundo ele, o Brasil era então o país cujas exportações cresciam com a maior rapidez. Sobre as reservas líquidas do país no Fundo, Delfim garantia uma das maiores dos países subdesenvolvidos, cerca de um bilhão de dólares. Sorrindo, Amaral corrige o ministro que empregara o termo “subdesenvolvido”, ao que Delfim replica “em vias de desenvolvimento se quisermos ser mais precisos”. Instado a acrescentar quaisquer outras informações, Delfim deseja ainda assegurar aos telespectadores de Amaral Netto que, em relação ao que discutiam havia cerca de seis semanas [ele e Amaral, que não nos contam do que se trata],

aquilo estaria se transformando em realidade. Delfim põe-se a caminhar e Amaral o segue, microfone em punho. Delfim continua falando, enquanto se dirigem para a faixa de travessia da rua: “Não existe nenhuma razão para que isso não continue. O presidente Médici tem aplicado uma política de desenvolvimento que surtirá os seus efeitos, certamente, num futuro muito próximo”. Amaral agradece e o ministro prossegue seu caminho.

A entrevista de quase seis minutos do ministro da Fazenda Delfim Netto a Amaral deixa patente a familiaridade com que se tratam. Além do abraço pelos ombros, chamam-se por “você”, remetem a assuntos conversados em outras ocasiões. A entrevista a Amaral é uma plataforma para veicular suas mensagens do governo sobre a economia do país, e também para marcar uma posição de autonomia nacional em relação a políticas de controle externo sugeridas, como o caso da taxa de natalidade, e que eram extensivas a outras áreas. Ao mesmo tempo, a entrevista parece visar a assegurar, publicamente, o prestígio do jornalista junto ao poder vigente.

Os últimos programas da série no ano de 1970 foram sobre o alargamento das calçadas de Copacabana⁵³⁹, sobre a SUDECO-Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste⁵⁴⁰, o estado do Ceará⁵⁴¹, as cidades de Campos e de Niterói-RJ, e sobre a extração de níquel em Pratápolis-MG⁵⁴².

⁵³⁹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 8, p.36-42

⁵⁴⁰ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 7, p. 42-50

⁵⁴¹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 7, p. 30-41 e nº 11, p. 38-47

⁵⁴² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 9, p. 3-14

3.1.5 SUDECO

A reportagem-documentário a SUDECO se insere na temática da integração nacional que caracterizou o período e reúne várias características típicas da série, além da presença de um dos maiores empreiteiros da ditadura. Ademais, trata-se de um dos filmes em melhor estado de conservação no acervo consultado, além de ter sido tema da reportagem impressa na revista *Amaral Netto, o Repórter* nº 7, o que permitiu um cotejamento das fontes. Tanto quanto possível, acompanhei de forma sincronizada, as sequências de cenas e texto também dessa reportagem.

Transmitido no dia 1º/11/1970, em preto & branco, com duração de 40 min, o tema tratava da superintendência do governo para o desenvolvimento da região Centro-Oeste, a SUDECO. A cópia de 450 metros a que tive acesso no Arquivo Nacional abre com o aviso de que “esse filme não é um documentário. É uma cópia fiel da reportagem exibida pela TV Globo. Foi realizado nas condições ambiente de imagem e som sem qualquer artifício ou correção de laboratório”. Provavelmente, foi uma forma de se classificar esse material na Plantel Editora, para fins arquivísticos, após a exibição do programa, mas que não permite identificar, até o momento, a diferenciação que a Plantel fazia entre documentário e reportagem. Ou esse pode ter sido um dos filmes também exibidos no cinema, o que não foi possível verificar⁵⁴³. Nesse caso, pode-se considerar que a editora diferenciasse uma reportagem feita especificamente para o veículo televisão de um documentário exibido como uma peça para cinema. Nos créditos que se seguem a esse aviso, aparece a produção de Armando Barroso, a adaptação para cinema de Alberto Elias, e a sonoplastia de Paulo Ribeiro e Auderi Alencar. Para que melhor se tenha ideia do conteúdo e de como foi composta essa reportagem, acompanharemos tanto quanto possível, de forma sincronizada, as sequências de cenas e texto dessa reportagem. Mesmo assim, advirto que

⁵⁴³ Thales de Andrade também se refere a essas exibições em cinemas (ANDRADE. *Op. Cit.*), e o próprio Amaral chegou a convidar Roberto Marinho para a estreia dos filmes numa carta datada de 25/01/1974 (Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo).

a narração pode se mostrar um pouco cansativa para os padrões contemporâneos. Após essa descrição, segue a análise cotejando informações de outras fontes.

A reportagem sobre a SUDECO começa com o zumbido e a imagem de milhões de abelhas e a informação de que aquilo não se trata da África. As abelhas, e outros insetos, aparecem numa referência às dificuldades que a SUDECO enfrenta naquelas condições geográficas e climáticas e que não impedem o prosseguimento do ritmo de trabalho desse setor do governo. Amaral Netto entra em cena, vestido com sua costumeira jaqueta, fumando, e segurando o microfone. Introduce o tema se referindo à história da integração nacional e à história da “agressão à Amazônia”, enquanto localiza o Mato Grosso num mapa do Brasil. Ele aponta o centro do Brasil no mapa, que designa como “o meio da terra” para que o telespectador tenha exata ideia de onde se localizará a reportagem.

Após essa introdução, sucedem-se imagens aéreas de Brasília, assim como imagens de muita mata, de florestas, e, finalmente, de uma estrada, que Amaral nos informa ser a BR-070, que “rasga a selva” [com ênfase na entonação do termo *rasga*]. Amaral e sua equipe estão a bordo do avião, e durante toda essa longa sequência de cenas aéreas, por sobre a selva *rasgada*, Amaral prossegue falando da importância dessa penetração para o interior do Brasil e do papel da SUDECO na realização da integração nacional. Ele cita rapidamente a cidade de Pirenópolis-GO, que sobrevoaram, fala que essa interiorização está trazendo o progresso e a civilização. Lembra os “grandes campos europeus arados e planejados”, dando ênfase para o aproveitamento da terra para a pecuária. Enquanto mostra a estrada que liga(rá) Brasília a Cuiabá, ele menciona outras estradas que vêm sendo construídas e que trazem “tranquilidade e segurança social”. Imagens mostram uma estrada em construção, rebanhos chegando, e populações à beira dessa estrada. Amaral preconiza que, no futuro, a fome vai gerar a necessidade de cuidado com a cobiça [futura] “do estrangeiro” sobre as terras brasileiras. E ele afirma enfaticamente: “ou

ocupamos a Amazônia ou fazemos com que a fome do mundo venha a ocupá-la”. Todo esse preâmbulo acontece enquanto o avião em que Amaral e equipe viajam é pilotado por um senhor de cabelos brancos que, até esse momento não foi apresentado, mas que é então introduzido na conversa como “Camargo, nuvem branca” [numa referência aos cabelos do engenheiro Sebastião Camargo] e que, segundo Amaral, também sabe dirigir tratores.

A imagem seguinte é a de uma placa de obra do governo federal, onde consta ser esse um empreendimento do Ministério do Interior, uma obra em convênio, sendo a realização estimada para os anos 1969-1970, com a participação da SUDECO num total de NCr\$ [⁵⁴⁴] 2.968.750,00, sendo executor o consórcio Rodovia Intermunicipal S. A.

A reportagem prossegue com imagens, ainda do alto, enquanto Sebastião Camargo pilota. O avião sobrevoa o [alto] Xingu, o Rio das Mortes, Amaral discorre sobre a beleza do que veem e, assombrado, fala diretamente ao telespectador, “vejam a quantidade de água”. Em seguida, as imagens mostram 140 Km de uma linha reta da estrada cortando a mata, e Amaral insiste “vejam bem o que é isso!”. Ele explica que a extensão é equivalente a três ou quatro vezes a da estrada Rio-Petrópolis. E que essa estrada destina-se a alcançar a fronteira. Segundo ele, uma “estrada de heróis, de pioneiros”. A estrada “mais importante para a integração nacional”. O desmatamento é relacionado à atuação de pioneiros e à descoberta do manganês e do cobre. Amaral insiste que essa é uma “terra rica”. Enquanto as imagens mostram, já no chão, a estrada que visitarão, veem-se muitos tratores, retroescavadeiras e demais maquinário pesado utilizado na construção de rodovias. Viajando agora num automóvel do tipo *pick-up*, com Camargo ao volante, Amaral informa que estão a 60 Km do Xingu, no centro geográfico do Brasil, e que é nessa região que o minério de ferro surge. Ele enfatiza a importância do país “integrar para não entregar” e exalta a “liberdade de movimento”, o “individualismo do brasileiro”, a “atração das

⁵⁴⁴ NCr\$: sigla da moeda oficial à época, o Cruzeiro Novo circulou no Brasil entre 13/02/1967 e 14/05/1970.

terras novas e férteis da Amazônia”, a “criação de novos valores e riquezas”, a “liberação de uma estrutura agrária estratificada” e “a instalação do colono com a garantia dos novos governos brasileiros”. Ainda na estrada, Amaral informa que ela vai para Cachimbo⁵⁴⁵, “tudo nessa rede de integração nacional”, encontrar a BR-165 que está sendo aberta lá por um batalhão do Exército⁵⁴⁶. Informa que isso acontece num território com 240.000 Km². Exalta o valor do brasileiro que vive nessas choupanas [que as imagens também mostram].

Ele mostra as unhas de um tatu que alguém lhe entrega, e enquanto as cenas mostram mais imagens aéreas da estrada e do descampado, e voltam para o chão e para os homens que bebem água num regato, Amaral conta sobre o tatu (na verdade um filhote) que foi tirado da toca com um lança-chamas. E comenta “pena que não deu pra salvar a vida dele”. Entra uma trilha sonora neutra, e ele continua, contando agora sobre tempestades na Amazônia, lembrando que “esta é a Amazônia mato-grossense”. Ele menciona outros programas da série *Amaral Netto, o Repórter* sobre a Amazônia, reclama dos mosquitos, das abelhas, refere-se à possibilidade de grande quantidade desses insetos cobrirem um ser humano (e aqui aparece uma cena de um homem sendo coberto por abelhas). E voltam as cenas na estrada, onde medições topográficas também estão sendo realizadas.

Numa nova sequência, aparecem Amaral Netto e Sebastião Camargo ladeando uma árvore, na qual está afixado o mapa do Brasil. Amaral explica que o trabalho de Camargo está ligado à integração nacional. Usando o mapa como referência, ele fala da importância de se integrar o território que compreende Cachimbo, Jacareacanga, Boa Vista, até a fronteira com a Venezuela. Camargo passa a explicar o sentido dessa integração, frisando a importância de se incorporar o Nordeste e a Amazônia no processo de integração nacional, e enfatizando que “a

⁵⁴⁵ Cachimbo, ou Serra do Cachimbo, localiza-se ao sul do estado do Pará e ao norte do atual Mato Grosso, uma zona de transição entre a Amazônia e o Cerrado.

⁵⁴⁶ Existe uma base militar na região, o Campo de Provas Brigadeiro Velloso, onde são realizados treinamentos.

revolução encontrou esse país dividido, regiões subdesenvolvidas no Nordeste, desenvolvidas no Sudeste...”. Nesse ponto, Amaral nitidamente interrompe a fala de Camargo, e focaliza a atenção para o mapa, puxando a conversa para as quilometragens e as distâncias. E passa a fazer observações sobre o calor de 40⁰C, as abelhas, o desconforto.

Amaral se volta para o mapa e aponta os extremos Norte-Sul-Leste-Oeste onde já esteve, declara ter chegado ao centro geográfico do Brasil, que compara a um suposto “centro de gravidade do país”. Ele volta-se para o passado e se refere à construção de fazendas que eram feitas “à base do teco-teco”, o que estaria agora mudando com a chegada de estradas as suas portas. Amaral se emociona, fala dessa emoção por ser testemunha desse avanço.

Ele passa a discorrer sobre “o trabalho de agressão à floresta”, esse “gigante que atrapalha o progresso”, do trabalho silencioso de “homens que acreditam no país”. Esse discurso é usado claramente num sentido positivo e otimista. Enquanto uma árvore gigantesca é derrubada por um trator, Amaral declara admirado que se trata de “um monstro que fecha suas copas”. Tratores imensos seguem derrubando árvores. Existe toda uma floresta a ser derrubada. Para Amaral, a conquista dessa “terra inaproveitada” representa uma “nova era na vida brasileira”. A sonoplastia que acompanha essas cenas é de uma ópera, muito provavelmente na tentativa de acrescentar dramaticidade a essas cenas impactantes.

A reportagem passa agora a focalizar uma índia “que já se fixou com o marido que dirige trator”. Amaral anuncia que já começam a nascer cidades. E revela que o grande segredo da região é se colocar o capim colonial para preparar o chão para o gado Pé Duro. Amaral e a equipe chegam a uma fazenda que também possui plantação de laranja e limão, uma “terra da promessa”, cujo dono, Orlando Ometto, é abraçado por Amaral. Além de Ometto e seus irmãos, e de outros vaqueiros, as imagens também mostram tratar-se da Agropecuária Suiá Missu S. A.,

de Barra dos Garças-MT. A trilha sonora aqui é *É primavera*, de Tim Maia, uma canção bastante popular à época.

Acompanhando as cenas de vaqueiros lidando com o gado ao som de música *country* (americana), enfatiza-se a informação de que já existem ali 22 mil cabeças de gado, num território “onde o brasileiro não entrava”. O empresário Sebastião Camargo e o ministro do Interior, [coronel] Costa Cavalcanti são mencionados como exemplos de brasileiros.

Na sequência final, ainda aparecem cenas com muito gado, uma disputa entre dois touros, mais cenas de gado, cenas de estrada, rostos de desconhecidos, que vão dando a sensação de movimento em direção ao aeroporto, até que aparece a chegada da equipe ao Distrito Federal. Ao som de *Aquarela do Brasil*, de Ari Barroso, Amaral encerra a reportagem falando dessa volta a Brasília, lugar que, segundo ele, marca o “início da penetração e da integração nacional”.

O programa de Amaral Netto sobre a SUDECO, assim como outros da série, enfatiza veementemente o aspecto do cuidado necessário com a cobiça estrangeira, no presente ou no futuro. Seguindo a linha editorial identificada politicamente com a ideia de mostrar como uma agenda positiva como o governo federal trabalhava para a construção do país, a reportagem de Amaral Netto começa, didaticamente, com a localização desse espaço geográfico que enfatiza, com dados, as enormes distâncias dentro do país.

Nas primeiras cenas dessa reportagem, como era bastante comum à época, Amaral demonstrava naturalidade fumando enquanto realizava seu trabalho. O toque de coloquialidade também vem das inúmeras queixas sobre os insetos que ele e sua equipe têm de enfrentar ao longo da reportagem. O uso de mapas logo ao início e no decorrer da reportagem reforça o aspecto educador dessa apresentação. O mesmo não se pode dizer das metáforas que Amaral usa como “o meio da terra” para descrever geograficamente a região, ou hipérboles como “rasgar a

selva” e “gigante que atrapalha o progresso”, para descrever o trabalho de abertura de estradas, embora isso não chegue a comprometer o trabalho, ficando mesmo por conta de licenças estilísticas às quais o repórter se permitia. Por outro lado, a expressão “agressão à Amazônia” é utilizada positivamente no documentário, quando associada à inevitabilidade dessa ação para que o progresso chegasse àquelas paragens. Na revista *Amaral Netto, o Repórter* nº 7, no entanto, onde também saiu essa matéria, Amaral reproduz uma pergunta feita a Sebastião Camargo, que pode ter sido cortada do programa: “Por que tanta alegria e entusiasmo na destruição dessa floresta imensa?” Com essa deixa, Camargo explicaria o sentido do projeto de integração nacional como descrito acima, no intuito de se resolver três problemas considerados prementes: a população do Nordeste carente de trabalho; a necessidade de expansão do mercado de consumo da região Sudeste; a Amazônia encarada como solução para os problemas de ambas essas regiões⁵⁴⁷.

Sebastião Camargo, o simpático “nuvem branca”, “exemplo de brasileiro”, entrevistado por Amaral não era qualquer um. Tratava-se do proprietário de um empreendimento que participou de praticamente todas as grandes e ambiciosas obras do regime ditatorial (Itaipu, Carajás, Transamazônica, Rio-Santos, Ponte Rio Niterói, metrô SP, Tucuruí, ferrovia do aço, aeroportos de Manaus, Guarulhos, entre outras). Muito bem inserido no poder paulista, tanto governamental quanto no empresariado, desde os anos 1950, tinha como grande trunfo a construção de hidrelétricas paulistas. O raio de influência de Camargo incluía militares, bancos, multinacionais e até o ditador paraguaio Stroessner. Ele também ajudou a financiar a *Operação Bandeirantes*, sendo considerado um dos principais alvos da ALN (Aliança Libertadora Nacional) para *justiçamento* antes do assassinato do empresário Boilesen.⁵⁴⁸

⁵⁴⁷ Revista *Amaral Netto, o Repórter* nº 7. s/data. p. 42-50

⁵⁴⁸ CAMPOS. *Op. Cit.* 97-99

Já o coronel [da reserva] Costa Cavalcanti, que Amaral não se esquece de elogiar efusivamente como outro exemplo de brasileiro, era então ministro do Interior, e já havia sido ministro das Minas e Energia no governo Castello Branco⁵⁴⁹. Maud Chirio lembra que Costa Cavalcanti foi o porta-voz da *primeira linha dura*, a primeira oposição a Castello Branco, expressa por oficiais em forma de protesto e que emitiam um discurso de extrema direita, nacionalista, e até reformista, que incluía violência de Estado e repressão política. Como deputado federal, Costa Cavacanti chegou a distribuir um manifesto no Congresso com normas que a “linha dura” ditava aos seus adeptos nas eleições em 1965.⁵⁵⁰

Toda a viagem de Amaral Netto e sua equipe para a realização desse episódio da série durou cerca de dez dias. Foram longas horas de voo, de Brasília até o interior de Mato Grosso, além de dias de viagem de automóvel, e depois todo o trajeto da volta ao Distrito Federal. Em nenhum momento da reportagem televisiva, ou da reportagem impressa na revista, é mencionada qualquer referência às condições logísticas de hospedagem que a equipe vivenciou. Ou seja, não fica claro onde todas essas pessoas se hospedaram e se alimentaram. O que permite cogitar que o tenham feito nas fazendas ou nas instalações das construtoras que ali operavam. Um dos indícios disso é que parte do transporte aéreo foi feito no avião de Sebastião Camargo, assim como a parte terrestre o foi nos veículos de sua empresa.

A SUDECO era um órgão de fomento do governo federal que financiava projetos de desenvolvimento no Centro-Oeste, como o *Polocentro* (um programa de desenvolvimento do cerrado atingindo áreas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso), o *Poloamazônia* (Polo agropecuário e agromineral da Amazônia), o *Prodiat* (Programa de desenvolvimento integrado da

⁵⁴⁹ CHIRIO. Op. Cit. p. 143

⁵⁵⁰ CHIRIO. Op. Cit. p.49-50; 90; 98

bacia do Alto Araguaia-Tocantins), e o *Pam* (Programa de assistência de municípios). Todos esses programas visavam a ocupar o território de forma lucrativa, investindo na dinamização e modernização da agropecuária. Para articular esses programas do governo foram necessários investimentos na área de transportes, de comunicações e energia, de forma que o governo federal passou a investir na construção e pavimentação de estradas e pontes, assim como na instalação de telefonia e torres de televisão, além da construção e ampliação de usinas hidrelétricas, de programas de eletrificação rural e urbana, e promover a construção e equipagem de armazéns para estocagem de grãos.⁵⁵¹

Como mostrou Teresinha Maria Duarte, os governos militares da ditadura 1964-1985 associavam o conceito de desenvolvimento ao de segurança nacional. A retórica do desenvolvimento aliado à segurança nacional, com ênfase na vocação agrícola do país, já estava presente no I Plano Nacional de Desenvolvimento (1970-1974) e, segundo Duarte, vai se aprofundar no II PND (1975-1979) já com Geisel. Nesses planos do regime, eram temas centrais a expansão da fronteira agrícola e a modernização pecuária nas regiões Norte e Centro-Oeste.⁵⁵²

Nesse sentido, na reportagem em questão, ressalte-se a apresentação de Orlando Ometto e seu negócio agropecuário, mesmo que apareça por poucos minutos. Os irmãos Ometto são apresentados na reportagem sobre as modernizações proporcionadas pelas ações da SUDECO como empreendedores corajosos e pioneiros que, aparentemente, foram atraídos pela oportunidade da abertura da estrada construída pela construtora Camargo Corrêa. Tratava-se, na verdade, de um grupo empresarial organizado que, como destacam Armando Wilson Tafner Junior e Fábio Carlos da Silva, foi um dos muitos empreendimentos do Centro-Sul atraídos pelos incentivos do governo autoritário e que, em 22/09/1966, teve aprovada a instalação da

⁵⁵¹ DUARTE, Teresinha Maria. O projeto de desenvolvimento do regime militar e o estado de Goiás. In: *Revista Opsiis*. Departamento de História e Ciências Sociais. UFG, V. 9, n. 12, 2009.

⁵⁵² DUARTE. *Op. Cit.*

Agropecuária Suiá-Missú S/A, no Mato Grosso. As terras para formação desse empreendimento foram vendidas aos Ometto por intermediação de Ariosto da Riva, conhecido como um “colonizador” ou como “o último bandeirante”⁵⁵³, e que se associou inicialmente aos Ometto, mas logo desistiu da sociedade e vendeu sua parte das terras para o Grupo Ometto devido a conflitos com posseiros e índios.⁵⁵⁴

Um estudo recente do sociólogo e professor emérito da USP José de Souza Martins mostrou que Ariosto da Riva já havia aberto a Fazenda Suiá-Missu, com meio milhão de hectares, desde os anos 1950, em território Xavante. Da Riva derrubava áreas virgens para abrir fazendas e cidades, operação na qual eram removidos índios e posseiros pobres e sem título de propriedade, para que a terra pudesse ser vendida. Em 1961, ele associou-se ao grupo Ometto, de São Paulo, especializado no cultivo de cana e na produção de açúcar, e a área da Suiá-Missu, em território Xavante, saltou para 800 mil hectares, na época, o maior latifúndio brasileiro.⁵⁵⁵ Essa questão é, ainda hoje, o cerne de uma crise que foi parar na Comissão da Verdade com a entrega de um relatório que solicita a investigação de violação de direitos humanos contra os Xavante de Marãiwatsédé.⁵⁵⁶

A linha editorial adotada pelo programa de Amaral Netto não toca em momento algum na questão da ocupação de terras originalmente indígenas ou, até ali, ocupadas por pequenos

⁵⁵³ Ariosto da Riva é associado à fundação de várias cidades, como Alta Floresta no Mato Grosso, e Caarapó, Glória de Dourados e Naviraí, no atual Mato Grosso do Sul, tendo recebido títulos de “cidadão matogrossense”. O título de “último bandeirante” parece ter sido atribuído por David Nasser, dos *Diários Associados*. Cf. *A realidade sonhada por Ariosto da Riva*. In: *Revista RDM*, Ano III, nº 23, 2002. p. 10-11. Disponível em: <http://revistaevip.com/galeria.php?act=243>, acesso em 14/11/2013.

⁵⁵⁴ TAFNER JUNIOR, Armando Wilson; SILVA, Fábio Carlos da. *Expansão da fronteira agropecuária do Oeste Paulista para a Amazônia*. *A Trajetória dos Negócios da Família Ometto e seus desdobramentos no Mato Grosso*. In: IV Conferência Internacional de História Econômica & VI Encontro de Pós-graduação em História Econômica. Disponível em: http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Armando_Tafner%20&%20Fabio%20Carlos%20da%20Silva.pdf, acesso em 12/11/2013.

⁵⁵⁵ MARTINS, José de Souza. *Por ínvios caminhos*. O Estado de S. Paulo, 17/12/2012. Disponível em: <http://tendenciasemse.com.br/index.php?r=noticias/view&id=253211>, acesso em 12/11/2013.

⁵⁵⁶ FANZERES, Andreia. *Crimes em Marãiwatsédé*. Operação Amazônia Nativa. 22/04/2013. Disponível em: <http://amazonianativa.org.br/Noticias/Crimes-em-Maraiwatsede,2,174.html>, acesso em 12/11/2013.

posseiros. Pelo contrário, a única referência aos índios, nesse episódio, foi para destacar a adaptação de uma indígena ao modo de vida *civilizado*, já casada com um operador de trator. A naturalidade com que a mudança de vida de indígenas é encarada e mostrada se equivale à naturalidade da constatação da morte do tatu caçado com lança-chamas, ou à derrubada indiscriminada de florestas. Parecem ser considerados empecilhos que estão no caminho do progresso inevitável para o crescimento do país. Mais uma vez, vale realçar que esse não é um pensamento que se origina em Amaral Netto, ou que lhe seja exclusivo, mas, ao contrário, era comum na sociedade brasileira, à época.

Um dos aspectos da reportagem de Amaral Netto é a ênfase na grandiosidade do empreendimento e na imponência da floresta. Diversas vezes, durante a mesma, o jornalista deixa-se levar pela admiração que demonstra pela assombrosa quantidade de água que avista do avião, ou pela extensão das estradas, ou pela riqueza da terra. Ele divide esse assombro com os telespectadores para a maioria dos quais, lembremos, essas imagens e essas informações eram inéditas. Outro aspecto é a reiteração das garantias asseguradas pelo governo para a instalação de pessoas e empreendimentos (como o Suiá-Missu) na região. Amaral dá grande ênfase a esse investimento governamental, vinculando essa ideia à de “nova era na vida brasileira”, ao mesmo tempo em que, reiteradamente, elogia a perseverança, o pioneirismo, a coragem, a força do “homem brasileiro”. E ele vai além, associando essa perseverança à fé no Brasil e ao patriotismo. Isso não significa que não mostre as dificuldades dessa empreitada, mas a exemplo de pioneirismos passados, ele insiste na capacidade ímpar do “homem brasileiro”.

O governo autoritário, de fato, estimulou a modernização da agricultura em termos de equipamentos e insumos, o que provocou um desenvolvimento industrial voltado também para a agricultura (como máquinas e fertilizantes), como lembram Francisco Vidal Luna e Herbert S.

Klein. Os autores enfatizam que essa modernização ocorreu enquanto os militares também mantinham a estrutura fundiária extremamente concentrada que vinha do legado colonial.⁵⁵⁷

Como última observação sobre esse filme, registro minha surpresa ao me deparar com a nítida mudança de assunto provocada por Amaral quando Camargo começa a abordar o tema *revolução* [referindo-se ao golpe]. Amaral, visivelmente, não deseja falar no assunto nessa reportagem. Se observado do ponto de vista estritamente jornalístico, pode-se pensar que ele não desejava interromper o assunto da reportagem, cujo foco era a SUDECO e a estrada em construção em meio à floresta. Se tratado do ponto de vista histórico, pode-se inferir que, àquela altura, não se tratava mais de justificar a *revolução* uma vez que o regime militar pós-golpe já se consolidara no poder. Tratava-se, ali, muito mais, de valorizar o que o governo Médici realizava.

Não pode ser deixado de lado que, durante esse período, era fortíssima na imprensa escrita a vinculação da condição de jornalista, de Amaral Netto, à de deputado. Não só esse dado era lembrado eventualmente na fala do jornalista em seu programa, mas, algumas vezes, os anúncios de veiculação do programa em jornal vinham acintosamente próximos, graficamente, a anúncios de propaganda política para a reeleição do deputado ao congresso. É possível perceber aí a dimensão do programa como uma plataforma política do deputado, na qual ele podia se manter em evidência durante e fora dos períodos eleitorais.

No exemplo a seguir, o programa de Amaral Netto é anunciado com a “chancela do Ministério da Educação e Cultura” e com o atributo de “levar o Brasil para dentro de sua casa”. Além do apelo típico das fotografias aventurescas, o anúncio aparece junto à propaganda eleitoral para candidatos da Arena.

⁵⁵⁷ LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). In: AARÃO REIS; RIDENTI; MOTTA. *Op. Cit.* 2014. p. 101

Ter a chancela do MEC não era pouco. E mostra que o apoio ao programa (e por extensão, ao deputado) era mais consistente do que simplesmente a concessão de infraestrutura. Embora não tenha sido possível comprovar com documentos ou testemunhos se esse reconhecimento do MEC era oficial, dificilmente Amaral Netto teria publicado tal anúncio se a chancela não existisse efetivamente. Além disso, o programa também foi exibido em escolas. O coronel Jarbas Passarinho⁵⁵⁸, que como ministro do Trabalho mandara “às favas os escrúpulos de consciência”⁵⁵⁹ ao assinar o AI-5, também perseguia como ministro no MEC a ideia de que a modernização e o desenvolvimento deveriam pautar essa área. Além da criação do MOBREAL-Movimento Brasileiro de Alfabetização, ele foi responsável pela implementação da reforma universitária e pela profissionalização do ciclo médio levados a cabo pelo regime⁵⁶⁰, que também foram temas de reportagens da série *Amaral Netto, o Repórter*.

Ao lado do enorme anúncio do programa de Amaral Netto, segue a propaganda para a candidatura das eleições legislativas de 1970, numa composição de chapa da Arena que inclui Gama Filho e Gilberto Marinho⁵⁶¹ para o Senado, Amaral Netto e Vitorino James⁵⁶² para a

⁵⁵⁸ Jarbas Passarinho (1920-), tenente-coronel, foi governador indicado por Castello Branco para o estado do Pará entre 1964-66. Senador pelo mesmo estado em 1967. Como ministro do Trabalho (1967-69) reintroduziu o atestado de ideologia como requisito para a escolha dos dirigentes sindicais. Em 1969, assumiu o ministério da Educação e Cultura (1969-1974). Foi senador pelo Pará novamente (1974-1983); ministro da Previdência Social entre 1983-1985; senador PA 1986-1990 e 1992-94; Deputado constituinte em 1988; ministro da Justiça entre 1990-1992.

No MEC, implementou em 1970 a reforma da universidade iniciada em 1968, complementando-a com a reforma do ensino médio prevista na Lei nº 5.692/1971. A reforma universitária tentou racionalizar administrativa e pedagogicamente o ensino superior pelo regime de créditos e organização das matérias em departamentos. A reforma do ciclo médio consistiu na profissionalização compulsória e generalizada de todos os alunos, com mudança do conteúdo do ensino orientado para as necessidades do mercado de trabalho. Também foi criado o MOBREAL, em setembro de 1970, que visava à diminuição da taxa de analfabetismo. Cf. DHBB/ CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acesso em 22/07/2015.

⁵⁵⁹ Segundo a *Folha de S. Paulo*, teria sido a frase original substituída depois na ata da reunião de assinatura do AI-5, quando Jarbas Passarinho era ministro do Trabalho. Disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/personas/jarbasPassarinho.html>, acesso em 22/07/2015.

⁵⁶⁰ Ver: MOTTA. *Op. Cit.* 2014. Capítulo 6.

⁵⁶¹ Militar, jornalista, advogado, Gilberto Marinho (1909-1985) foi Subchefe da Casa Civil, Secretário-Geral da Prefeitura do Distrito Federal, Chefe do Gabinete do Diretor do Departamento Federal de Segurança Pública, Chefe de Gabinete do Coordenador da Mobilização Econômica, Diretor da CEF. Exerceu mandatos como senador 1955-63 e 1963-70 pela Arena. Cf. Site do Senado Federal. Disponível em: http://www.senado.gov.br/senadores/presidentes/presidentes_biografia.asp?codparl=1721, acesso em 6/2/2014.

Câmara. Vale perceber que esses candidatos também se *beneficiavam* da popularidade de Amaral junto aos fãs do programa. E da suposta chancela do MEC, extensiva então a todos.

Ao pé do anúncio eleitoral, uma conclamação ao encerramento da campanha eleitoral na Praia de Copacabana-RJ, onde seriam exibidos filmes e *slides* coloridos do programa de TV do candidato. Hoje esse chamamento pode parecer estranho, mas à época nem todas as pessoas possuíam um aparelho de televisão. E como Amaral também foi pioneiro na transmissão do programa em cores, é compreensível que o chamamento enfatize esse detalhe.

**ESTREIA SÁBADO AS 23 HORAS,
logo após PREMIÈRE MUNDIAL**

**As mais emocionantes cenas colhidas no Brasil e no Exterior
agora em linha direta Rio-São Paulo e retransmissão
para todo o Brasil.**

**Amaral Netto, o maior repórter da televisão brasileira, com
o programa que leva a chancela do Ministério da Educação
e Cultura. Amaral Netto, o repórter, o programa que leva o
Brasil para dentro de sua casa!
Com êle o Brasil se conhece melhor.**



RÉDE GLOBO DE TELEVISÃO

**Hoje a partir das 19 horas na praia de Copacabana,
em frente a Av. Princesa Isabel, exibição de filmes
e slides coloridos de AMARAL NETTO, O REPÓRTER.**



**Faça destes candidatos
os MAIS VOTADOS
da Guanabara**

PARA O SENADO:

GAMA FILHO
GILBERTO MARINHO

PARA A CÂMARA FEDERAL

AMARAL NETTO
ARENA 203

VITORINO JAMES
ARENA 1.301

HOJE, a partir de 19 horas, na Praia de Copacabana, em frente à Rua Princesa Isabel, encerramento da campanha com exibições de filmes e "slides" coloridos de "Amaral Netto, o Repórter".

⁵⁶² José Victorino Bartlett James (1924-1997), deputado pela Guanabara 1962-1967 UDN; 1967-1971 e 1971-1975 Arena. Deputado estadual RJ, 1978-1982 Arena e 1982-1986 PDS.

⁵⁶³ Jornal *O Globo*, Geral, 12/11/1970, p. 14

Tampouco era incomum que Amaral utilizasse para sua correspondência pessoal ou jornalística, o papel timbrado da Câmara dos Deputados. Além da correspondência sobre as homenagens recebidas⁵⁶⁴, há pelo menos um bilhete manuscrito de Amaral Netto a Roberto Marinho, recomendando-lhe seu filho Fidelis Amaral e solicitando “alguns minutos” de atenção. Não foi possível comprovar do que se tratou efetivamente.⁵⁶⁵ Num outro bilhete manuscrito, Amaral encaminha “foto excepcional” de uma árvore gigantesca semelhante às sequoias californianas, descoberta na Transamazônica, solicitando “bom destaque” no jornal *O Globo*. Reforçando seu livre trânsito e familiaridade com o poder, Amaral não se esquece de mencionar no *post scriptum* que havia presenteado o presidente [general Médici] e [o ministro] Andreazza com um poster dessa fotografia.⁵⁶⁶ Ou seja, o próprio Amaral tratava de reforçar o vínculo entre suas duas funções, de jornalista e de deputado, dando a entender que uma estava a serviço da outra. Sempre.

⁵⁶⁴ Carta de Amaral Netto, com fotografias da premiação, a Roberto Marinho, s/data, anotação de “recebida em 17/6/1970”. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

⁵⁶⁵ Bilhete manuscrito de Amaral Netto a Roberto Marinho. S/Data. Papel timbrado da Câmara dos Deputados. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

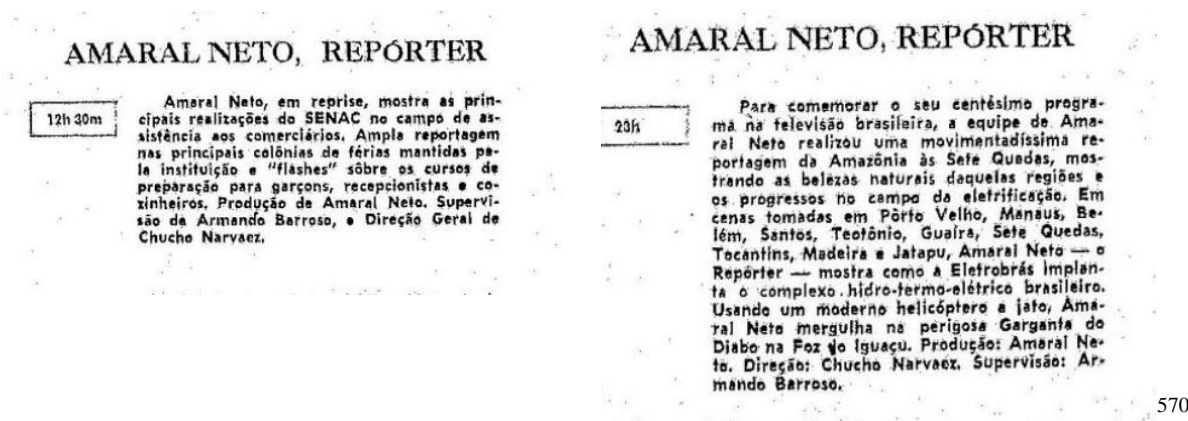
⁵⁶⁶ Carta manuscrita de Amaral Netto a Roberto Marinho, 15/8/1971. Papel timbrado da Câmara dos Deputados. Há uma anotação manuscrita de que a foto teria sido entregue a (inelegível). Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

3.2 Amaral Netto, o Repórter aos sábados à noite

As homenagens a Amaral Netto continuaram em 1971. Ele foi agraciado com a *Medalha do Pacificador*⁵⁶⁷, do Ministério do Exército, e com a *Medalha do Mérito Santos Dumont*⁵⁶⁸, do Ministério da Aeronáutica. Esses são alguns dos reconhecimentos oficiais das Forças Armadas a Amaral, às quais se juntam ainda, sem data de aferição, a *Ordem do Mérito Aeronáutico*, a *Ordem do Mérito Militar*, a *Ordem do Congresso Nacional* e a *Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho*.⁵⁶⁹

Na televisão, o dia da exibição do programa mudou para os sábados à noite, mantendo-se a reprise do programa da semana anterior no sábado pela manhã.

Os *tijolinhos* da programação de televisão nos jornais davam, por vezes, uma ideia do conteúdo do programa, como abaixo. Sábado pela manhã a reprise do programa sobre o SENAC; à noite do mesmo sábado, o programa inédito sobre a Eletrobrás/*Garganta do Diabo*:



⁵⁶⁷ Cunhada pela Portaria nº 345, de 25/08/1953, se destina a homenagear autoridades, instituições, personalidades civis e militares brasileiros ou estrangeiros que prestaram serviços relevantes ao Exército.

⁵⁶⁸ Pelo Decreto nº 39.905, de 5/09/1956, homenageava civis e militares, brasileiros ou estrangeiros, por destacados serviços prestados à FAB ou em reconhecimento de suas qualidades e valor em relação à Aeronáutica.

⁵⁶⁹ Condecorações de Amaral Netto relacionadas no *site* do Congresso. Disponível em: http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao-cidada/parlamentaresconstituintes/atuacao-parlamentar-na-assembleia-nacional/constituicao20anos_bioconstituintes?pk=102432 acesso em 18/08/2011.

⁵⁷⁰ *O Globo*, Geral 27/03/1971, p.12

Esse ano começou com várias reportagens sobre o estado da Guanabara, desmembradas em temas: a construção naval, o ano 2000, os bombeiros. E foi mostrada novamente a cidade de Blumenau-SC. Em fevereiro, Amaral mostrou a caatinga⁵⁷¹, o trabalho dos bombeiros⁵⁷², o trabalho da SUVALE-Superintendência do Vale do São Francisco⁵⁷³ e da SUDEPE-Superintendência do Desenvolvimento da Pesca⁵⁷⁴. Em março, a ELETROBRAS-Centrais Elétricas Brasileiras⁵⁷⁵, o SESC-Serviço Social do Comércio e o SENAC-Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial⁵⁷⁶.

Em abril, Amaral mostrou o Grupo Ultra (Ultragás)⁵⁷⁷ e o gás butano do Pará; e também um programa intitulado *O Brasil e os brasileiros* que foi dividido em duas partes, além de uma reprise da reportagem sobre o Nordeste.

Para tornar atraentes assuntos muitas vezes áridos para os telespectadores, Amaral se utilizava de recursos variados. Um programa sobre um assunto como o gás e a empresa Ultragás, por exemplo, tinha como chamariz (*gancho*) na programação publicada no jornal⁵⁷⁸, e no próprio texto do programa, o desastre do dirigível Zeppelin, na década de 1930, e uma entrevista com um acrobata, único sobrevivente dessa tragédia. Esse desastre teria motivado o austríaco Ernesto Igel a comprar o estoque de gás mantido no Rio de Janeiro e a fundar a Cia Brasileira de Gás a Domicilio, origem do grupo Ultra (liderança econômica associada ao Ipes⁵⁷⁹). Ou seja, agradando a influentes empresários apoiadores da ditadura, Amaral conseguia criar reportagens

⁵⁷¹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 9. p. 7-14 (fala da relação caatinga-trabalho da SUVALE)

⁵⁷² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 9. p. 15-21

⁵⁷³ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 9. p. 3-14. A mesma reportagem impressa engloba os temas Pratápolis e SUVALE, apresentados, aparentemente, em programas de televisão distintos.

⁵⁷⁴ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 9. p. 36-43

⁵⁷⁵ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 10. p. 41-47

⁵⁷⁶ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 9. p. 22-35

⁵⁷⁷ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 10. p. 1-7

⁵⁷⁸ Jornal *O Globo*, Geral, 3/04/1971, p. 12

⁵⁷⁹ DREIFUSS, René. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981; e a GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1987. p. 538

de interesse para pessoas comuns, não só trazendo as technicalidades dos empreendimentos, mas também assuntos do dia-a-dia de pessoas que viviam em outras partes do país.

Em maio/1971, foi a vez de uma reportagem com sete empresas da indústria paulista de papel/celulose, anunciada como “uma verdadeira lição de otimismo para aqueles que ainda não compreenderam a importância do País e também não acreditam em suas potencialidades”⁵⁸⁰.

E de outra sobre o BNH- Banco Nacional de Habitação, criado em agosto/1964, e que fazia parte de um esquema de financiamento imobiliário e saneamento criado pelo regime autoritário, contando com enormes recursos financeiros gerados por um sistema nacional de poupança forçada e de longo prazo, o FGTS-Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.⁵⁸¹ Esse Fundo, criado em 1966 como opção alternativa para dar flexibilidade ao mercado de trabalho, acabou substituindo o sistema de indenização decenal de trabalhadores demitidos a partir da Constituição/1988. O BNH acabou extinto no governo Sarney (em novembro/1986), quando foi absorvido pela Caixa Econômica Federal.

Falando ainda sobre o desenvolvimento brasileiro, Amaral mostrou a indústria do vidro em Blumenau-SC e a *Redenção do Nordeste*, uma reportagem sobre a criação e engorda de rebanhos na Bahia e Ceará, outra sobre cultivo de algodão no Rio Grande do Norte, a indústria e comércio em Pernambuco e a BR-102 em Alagoas. O último programa de maio foi dedicado ao café, e focalizava a fábrica de café solúvel Cacique.

Em junho, Amaral mostrou o Projeto Rondon, os rituais das tribos do Xingu, além de falar sobre a possibilidade do turismo ao “alcance de todos”⁵⁸² com a utilização de motéis (Motel Clube de Minas Gerais).

⁵⁸⁰ Jornal *O Globo*, Geral, 1º/5/1971, p. 12 (programação da TV Globo)

⁵⁸¹ LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). In: AARÃO REIS; RIDENTI; MOTTA. *Op. Cit.* 2014. p. 95

⁵⁸² Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 10. p. 14-19

A siderúrgica LANARI foi apresentada como “a grande arrancada”⁵⁸³. Esses anúncios em jornal para chamadas às reportagens podiam ser publicados tanto pela empresa como pela produção do programa:

A

**Companhia Siderúrgica
Lanari**

Avisa aos seus acionistas que hoje, sábado, às 11 horas da noite, a TV-Globo Canal 5, no programa Amaral Netto Repórter, focalizará as instalações de nossa usina em Paracambi.

584

**AMARAL
NETTO
O REPÓRTER**



Tudo sobre a importância do aço no Brasil e a companhia siderúrgica Lanari.

Amanhã 11h da noite



585

Em julho, Amaral mostrou a APLUB-Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil, num programa sobre crédito educativo⁵⁸⁶:

**APLUB amanhã no
"Amaral Neto,
o Repórter"**

Amanhã, às 23h30m, o programa "Amaral Neto, o Repórter" exibirá uma completa reportagem sobre a APLUB — Associação dos Profissionais Liberais Universitários. Entre outros entrevistados, aparecerão o jurista Pontes de Miranda e o Economista Iberé Gilson.

587

⁵⁸³ Revistas *Amaral Netto, o Repórter*, nº 8, p. 43-50

A listagem do Arquivo Nacional relaciona a exibição em 27/07/1971, embora as chamadas nos jornais sejam em julho.

⁵⁸⁴ O Estado de S. Paulo, 28/08/1971, p. 23

⁵⁸⁵ Jornal *O Globo*, 21/08/1971, Geral, p. 10

⁵⁸⁶ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 10, p. 28-33

⁵⁸⁷ Jornal *O Globo*, 16/07/1971, p. 17.

E ainda, um programa sobre as *Duzentas Milhas* que defendia a resolução da ditadura⁵⁸⁸ sobre a plataforma continental marítima, e procurava mostrar detalhes da atuação da Marinha e da Aeronáutica ao localizar e abordar embarcações nos limites ampliados do mar territorial brasileiro.

Essa reportagem não economizou em cenas que mostravam parte da frota brasileira patrulhando em alto mar ao som do hino oficial da Marinha (*Cisne Branco*). Amaral Netto e equipe parecem ter acompanhado uma operação de rotina da Marinha. A bordo de uma corveta que seguia bem no meio da esquadra, Amaral mostrava toda a capacidade de defesa da Marinha no sentido da preservação da soberania nacional. Tudo enfatizado com muitas cenas dos equipamentos a bordo, dos radares, dos canhões e mísseis. E de marinheiros de binóculos vigiando atentamente o horizonte, enquanto outros mostram certa timidez em frente às câmeras quando focalizados. Amaral chegou a ser içado no ar por um helicóptero e levado até um submarino de onde observa a operação pelo telescópio. O programa se encerra com Amaral voltando de helicóptero para a corveta e acenando para a câmera. A última imagem é a da bandeira brasileira tremulando ao som do *Cisne Branco*.⁵⁸⁹

Todo esse ufanismo também se alimentava da euforia por causa dos avanços tecnológicos do país. Na área da comunicação, a transmissão da Copa do Mundo ao vivo, diretamente do México, em 1970, foi comemorada como uma vitória do empreendedorismo brasileiro e do apoio do governo que oferecia a infraestrutura via EMBRATEL. Nesse processo, a propaganda oficial aproveitava para apresentar o ditador Médici que, aliás, era um apaixonado por futebol, igualado ao resto da população como um simples cidadão, “mais um torcedor”⁵⁹⁰. A recém-conquistada

⁵⁸⁸ O limite do mar territorial brasileiro foi instituído pelo Decreto-lei n.º 1.098, de 25/03/1970.

⁵⁸⁹ Trecho do programa *Duzentas Milhas*, DVD compilado do acervo da família Narvaez.

⁵⁹⁰ MAGALHÃES, Lívia. *Op. Cit.* 2013.

tecnologia da transmissão a cores também foi testada à época dos jogos, em poucos televisores, inclusive o do general presidente Médici, e apresentada como um sucesso⁵⁹¹.

No ano seguinte, em 31 de julho de 1971, um sábado, a transmissão da missão Apolo XV em tempo real motivou altas expectativas sobre a entrada do Brasil na *aldeia global*, uma referência ao filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan. Para marcar a entrada nessa nova era, a TV Globo mostrou outras transmissões ao vivo no mesmo dia, incluindo um jogo de tênis e um jogo de futebol entre o Brasil e a Argentina. Nesse sábado à noite, o programa de Amaral Netto foi exibido justamente depois de outra transmissão ao vivo sobre os Jogos Panamericanos⁵⁹², e no seguinte (7/agosto) essa transmissão ocupou o horário do programa que não foi exibido à noite⁵⁹³.

Os programas de agosto foram sobre a produção de dióxido de titânio na fábrica da Tibrás⁵⁹⁴, e a atuação da construtora Rabello⁵⁹⁵ na Transamazônica⁵⁹⁶, tema que continuou em setembro, com a atuação da empresa Mendes Junior⁵⁹⁷.

⁵⁹¹ *Transmissão a cores já apelidada de "Pau-Brasil"*, Jornal *O Globo*, Geral, 7/06/1970, p. 6

⁵⁹² Jornal *O Globo*, Geral, 31/07/1971, p. 13

⁵⁹³ Jornal *O Globo*, Geral, 7/8/1971, p.

⁵⁹⁴ A Tibrás, produtora de pigmento branco de Dióxido de Titânio, foi fundada em 1966 pelo grupo Andrade Gutierrez. A fábrica da Bahia, Camaçari, foi instalada em 1971. O minério todo vinha da Austrália, até a descoberta em 1975 de uma jazida na Paraíba. A *Millennium Inorganic Chemicals*, controlada pela Lyondell, comprou a Tibrás em 1998. Em 2007 foi vendida para a Cristal, uma afiliada da Saudi Arabia's National Industrialisation Co. Entre os principais clientes estão os fabricantes de tinta, usada principalmente no setor imobiliário e de automóveis. Cf. disponível em: <http://votebolsa.com.br/company/TIBR>, acesso em 04/01/2014.

⁵⁹⁵ A Construtora Rabello S. A., cujo dono era de Diamantina, começou prestando serviços na prefeitura de BH na construção da Pampulha, seguiu JK no governo estadual e depois na construção de Brasília, além da construção de rodovias. Embora contribuidor do Ipês (Cf. DREIFUSS, René. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 636; e GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1987), Marco Paulo Rabello perdeu espaço durante a ditadura por conta da cassação de JK, e passou a usar intermediários, principalmente José Maria Alkmin (vice-presidente de Castello Branco) para desobstruir os entraves. A empresa conseguiu contratos para construir a hidrelétrica de Passo Fundo, trechos da Transamazônica, da rodovia Rio-Santos, do consórcio da Ponte Rio-Niterói, entre outras obras. No entanto, não conseguiu manter-se ao longo dos anos 1970. Cf. CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o estado ditatorial brasileiro. 1964-1985*. 2012. 584 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. p. 101-104.

⁵⁹⁶ Revista *Os Brasileiros*, nº 11, p. 4-15

⁵⁹⁷ *Idem*.

Vale acrescentar que algumas das principais empreiteiras responsáveis pelas grandes obras ao longo da ditadura foram objetos do programa *Amaral Netto, o Repórter*, na forma de *encomendas*. Entre elas, as mineiras Andrade Gutierrez, Mendes Júnior, Rabello, a baiana Odebrecht, a carioca Cia. Metropolitana de Construções, as paulistas Servienge e Camargo Corrêa, todas antigas contribuidoras do Ipes.⁵⁹⁸ Todas empresas do setor de construção pesada que foram fortemente beneficiadas e protegidas sob a tese da defesa da empresa nacional.

Pedro Henrique Pedreira Campos, em sua pesquisa de doutorado, demonstrou como a atuação de agentes dessas empresas junto aos postos chave do Estado, principalmente nas agências estatais e nos ministérios dos Transportes, Minas e Energia, e Interior, acabou por pautar as prioridades das políticas públicas do regime ditatorial, muito voltadas para a construção de rodovias em locais inabitados e de centrais elétricas de grande porte.⁵⁹⁹

Essas empreiteiras participaram “de diversas formas e em distintas medidas nos grupos dirigentes em cada momento”⁶⁰⁰ da ditadura. Dessa forma, a Metropolitana foi uma empresa que se sobressaiu no período de predomínio do capital estrangeiro do governo Castello Branco; já com as políticas do ministro dos Transportes Mario Andreazza e do empresário Sebastião Camargo⁶⁰¹, “no delfinato” sob o general Médici, as paulistas ganharam força; no período Geisel,

⁵⁹⁸ Sobre a relação das empreiteiras com o regime autoritário, ver: CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *Op. Cit.*

⁵⁹⁹ CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *Op. Cit.*

⁶⁰⁰ *Idem.*

⁶⁰¹ Sebastião Camargo (1909 – 1994) começou a atuar, em 1926, como empregado e depois como subempreiteiro. Em 1936, com o sócio Sylvio Corrêa, consegue abrir um escritório em SP e, em 1939, a empresa já atuava como uma construtora. Em 1940, começam a trabalhar para o governo (DER-SP) para fazer uma estrada; em 1943 conseguem um contrato da Aeronáutica. Em 1947, começam a atuar no ramo ferroviário. Nos anos 1950, estão envolvidos na construção das principais rodovias do país, além da pista do aeroporto do Galeão (RJ), nas barragens de usinas e hidrelétricas. Em 1957, a Camargo Corrêa é contratada pela Novacap para as obras de terraplanagem, pavimentação de ruas, entre outras, em Brasília. Na década de 1960, a construtora participa ativamente da construção da hidrelétrica de Jupia (1962), terraplanagem, pavimentações e construções de viadutos (1963). Em 1964, Sylvio Corrêa deixa a sociedade. A construtora Camargo Corrêa participou de praticamente todas as grandes obras do regime ditatorial: é contratada pela PETROBRÁS, em 1969; participa da construção da Transamazônica (BR-230, 1971-1973); ponte Rio-Niterói (1971-1974); usina hidrelétrica de Itaipu (1975); entre muitas outras. Após a ditadura, a construtora constrói linhas de metrô (1987) e túneis (1988) em São Paulo. Em 1989, Sebastião Camargo é substituído na presidência da empresa. A Camargo Corrêa S. A. é, hoje, uma *holding* de capital fechado e controle

ascenderam grupos alternativos como a Odebrecht e os grupos mineiros. No retorno ao poder de Delfim, com o general Figueiredo, novamente a Camargo Corrêa. Campos afirma que, nesse momento, já se assentava um oligopólio de quatro empresas (Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Odebrecht e Mendes Júnior) que se mantiveram na transição do regime autoritário para o democrático.⁶⁰²

A Camargo Corrêa e a Mendes Júnior atuaram no projeto da rodovia Transamazônica, a chamada *obra do século* que, juntamente com a rodovia Belém-Brasília, consoante à ideia da integração nacional e de ocupação da Amazônia, foi importantíssima para o governo autoritário. Esse tema ocupou muitas horas das reportagens de *Amaral Netto, o Repórter*, em matérias que trabalhavam a mesma ideia de crescimento, de integração nacional, de conquista da Amazônia, de várias maneiras, voltando, várias vezes, a temas já anteriormente abordados.

Para a *Voz do Brasil*, ainda no começo dos anos 1970, Amaral chegou a se penitenciar por ter chamado a Belém-Brasília de “estrada das onças”, no tempo de JK, e declarou que mesmo depois de dar oito voltas ao mundo, o que mais o teria impressionado fora a floresta amazônica⁶⁰³.

Como já dito acima, durante a ditadura havia grande ênfase na ocupação de terras consideradas então *vazias e improdutivas*, e que Amaral chamava de “terreno virgem da presença humana”⁶⁰⁴, enfatizando a necessidade de abertura de caminhos para a integração nacional. Alguns desses programas sobre o tema da Transamazônica também eram vinculados aos festejos da *Semana da Pátria* de 1971. Sob o aval da TV Globo, a grandeza da obra e o desbravamento

familiar e um dos maiores grupos empresariais brasileiros. Atua no setor de cimento, de energia, de transportes, engenharia e construção, vestuário e calçados, desenvolvimento imobiliário, indústria naval. E opera em vinte estados do Brasil e em dezenove países e, no final de 2012, empregava cerca de 57,7 mil pessoas. Disponível em: <http://www.camargocorrea.com.br/grupo-camargo-correa/grupo/historia/>, acesso em 12/11/2013.

É interessante ver também: CAMPOS. Op. Cit.

⁶⁰² CAMPOS. Op. Cit. 2012. p. 436

⁶⁰³ Arquivo sonoro digital BR AN, EH-O-DSO-0401 (CD11-44). Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

⁶⁰⁴ Jornal *O Globo*, 28/08/1971, Geral, p. 9.

do território, junto à “audácia e aventura” do jornalista, se associam no imaginário de um Brasil independente, um “novo Brasil”, como mostra o anúncio a seguir:

Abrindo os festejos da Semana da Pátria
a Rede Globo de Televisão tem o orgulho de apresentar
a imagem inédita da OBRA DO SÉCULO,

A TRANSAMAZÔNICA

Uma reportagem de emoção, audácia e aventura
dentro da selva, junto aos homens e às máquinas
que abrem os caminhos da integração nacional.

- Uma das maiores árvores do mundo
- O encontro das águas do Tapajós com o Amazonas
- Os razantes sobre a selva em avião sem portas
- As gigantescas máquinas e os novos bandeirantes
rasgando a floresta amazônica.

PARTICIPE DO DESCOBRIMENTO
DE UM NOVO BRASIL

Uma hora de suspense, aventura e desbravamento.
HOJE, na TV-GLOBO-Canal 4 — A partir de 22,45 em

AMARAL NETTO, O REPÓRTER

EDIÇÃO NACIONAL

605

A propósito da Amazônia, Amaral Netto chegou a enviar especialmente a Roberto Marinho uma carta, com o resumo das filmagens realizadas nos primeiros três quilômetros da Transamazônica, dando o roteiro de seus movimentos com sua equipe. Pelo que Amaral escreveu, depois de “percorrer o território goiano durante dez dias a bordo de um teco-teco”, eles finalmente desceram na cidade de Araguaína, onde ele contou ter sido homenageado pela população local. Segundo seu relato, em consequência à construção da rodovia Belém-Brasília, essa cidade tivera um espantoso crescimento em dez anos. De lá, Amaral e equipe seguiram de ônibus para a construção dos primeiros quilômetros da Transamazônica, sendo esse, aliás, segundo ele, o primeiro ônibus a trafegar por ali. Ele ainda afirma que as filmagens foram presenciadas por um espantado vaqueiro nordestino que ali passara, dias antes, pela floresta, e que agora na volta encontrava uma estrada aberta.⁶⁰⁶

⁶⁰⁵ Jornal *O Globo*, 28/08/1971, Geral, p. 9

⁶⁰⁶ Carta de Amaral Netto a Roberto Marinho, datada de 16/09/1970. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Os “resultados positivos” da construção das rodovias Belém-Brasília e Transamazônica são ressaltados também numa das revistas *Os Brasileiros* (redesignação da revista *Amaral Netto, o Repórter* após o nº 10), uma edição bilíngue, onde é elencada a diferença entre os anos 1960 e 1970 na região amazônica. De acordo com o gráfico apresentado, a população teria passado de cem mil para dois milhões, com o crescimento do número de cidades de 10 para 120. O número de cabeças de gado saltou de nenhuma para cinco milhões. A agricultura de subsistência foi substituída pela plantação intensiva de milho, feijão, arroz e algodão. Da mesma forma o número de veículos na região, que era praticamente inexistente, passou para cerca de 1350 unidades, circulando em novos 2.300km de vias secundárias em construção acelerada.⁶⁰⁷

Em relação à construção de estradas nas regiões Centro-Oeste e Norte, principalmente da estrada Transamazônica e o que ela pretendia significar para a região amazônica, o governo estabelecia relações de continuidade com um passado de conquista da terra e forja da nação. César Augusto Martins Souza, em sua tese de doutorado, chama atenção para o fato de a Transamazônica, cuja construção começou em 1970 no governo Médici, ser o “resultado de um processo histórico e de visões consolidadas sobre a Amazônia”, a retomada de ideias gestadas desde o século XIX. Martins Souza afirma que a estrada era vista como a “concretização do milagre brasileiro”, que afirmaria o país como potência mundial, ao mesmo tempo em que ligaria os oceanos Atlântico e Pacífico, e que garantiria a posse e exploração desse território, permitindo o desenvolvimento da agropecuária, das riquezas minerais, da fauna e da flora. No entanto, no governo Geisel o projeto foi esquecido. E da ideia original de assentamento de um milhão de famílias na região, apenas poucos milhares povoavam as margens da estrada que, embora não apresente hoje condições ideais de trafegabilidade, é importante para significativo número de

⁶⁰⁷ Revista *Os Brasileiros*, nº 11, p. 10

pessoas na região. Como ressalta o autor, a Transamazônica, contudo, passou à memória coletiva como sinônimo de desperdício, de fracasso e até de inexistência.⁶⁰⁸

Ainda seguindo com reportagens sobre empreendimentos da construção pesada que representavam uma grande parte dos programas *Amaral Netto, o Repórter*, em setembro/1971, foram mostrados programas sobre as empresas SERVIENGE—Companhia de Serviços de Engenharia⁶⁰⁹, e a TENENGE⁶¹⁰ (engenharia eletromecânica e construção industrial pesada) que construiu a Refinaria do Planalto (REPLAN) entre outras grandes obras. Segundo a reportagem impressa relativa ao programa televisionado sobre a SERVIENGE, seus sócios, que já atuavam nos setores de construção de rodovias e de ferrovias, foram dos primeiros a exportar minério de ferro e manganês, inclusive com a participação “do então jovem banqueiro José de Magalhães Pinto”. Esses empresários (Alberto Woods Soares, Amynthas Jaques Ribeiro⁶¹¹ e Antonio Faria Ribeiro) foram pioneiros nas operações de mineração industrial, até a fundação da Cia. Vale do Rio Doce, em 1942.⁶¹²

⁶⁰⁸ SOUZA, César Augusto Martins. *A estrada invisível. Memórias da Transamazônica*. Tese de doutorado em História Social. 2012. 264 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

⁶⁰⁹ Revista *Os Brasileiros*, nº 11, p. 31-37

⁶¹⁰ Revista *Os Brasileiros*, nº 14. p. 41-48 (reportagem bilíngue)

A TENENGE, Técnica Nacional de Engenharia, funcionou de 1955 a 1986 participando das grandes obras industriais do Brasil. No setor de energia elétrica, atuou na construção de mais de 33% do parque hidrelétrico brasileiro. Participou da montagem industrial, dentre outras, das usinas de Capivara, Ilha Solteira, Paraibuna, Paulo Afonso IV e São Simão, além da coordenação geral do consórcio ITAMON de montagem industrial da Usina hidrelétrica de Itaipu. No setor siderúrgico, em mais de 38% das obras fundamentais para a consolidação do complexo siderúrgico nacional. Atuou na construção industrial das siderúrgicas USIMINAS, CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), CST (Companhia Siderúrgica de Tubarão), Açominas, COSIPA e Belgo-Mineira. Construiu refinarias para a Petrobrás e participou da montagem dos pólos petroquímicos de Camaçari, SP, RS e Alagoas. Construiu as plataformas de extração marítima de petróleo de Namorado I e II e Cherne I, na Bacia de Campos. Atuou em empreendimentos da Cia Vale do Rio Doce como Carajás e nos setores de papel e celulose, cimento, fertilizantes e infraestrutura industrial. Em 1986, o acionista controlador e presidente executivo da TENENGE, Miguel Mauricio da Rocha Neto e o fundador, Antonio Mauricio da Rocha, venderam a empresa para a Organização Odebrecht, dona da Construtora Norberto Odebrecht e da atualmente extinta CBPO. Cf. adaptado de Wikipédia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/TENENGE>, acesso em 19/05/2014.

⁶¹¹ Amynthas Jaques Ribeiro, também dono da SERVIENGE, também financiou o Ipes antes do golpe de 1964, tanto por essa companhia quanto através da Metminas S/A, Engenheiros Associados. Cf. DREYFUSS, René Armand. 1964: *Op. Cit.* p. 636

⁶¹² Revista *Os Brasileiros*, nº 11. p. 33-34

Havia uma preocupação, provavelmente da Plantel, nos anúncios feitos em jornais sobre essas reportagens, em anunciar Amaral Netto como uma possibilidade de informação sobre possíveis investimentos em curso no país. Assim foram anunciados, por exemplo, no Rio de Janeiro e em São Paulo, os programas sobre as empresas Tenenge (1971), Servienge (1971), a siderúrgica Lanari (1971). Como se vê nos exemplos abaixo, esses anúncios apelavam também aos valores da “família”, ao fator “humano, comovente, grandioso”, como elementos do “desenvolvimento nacional” ou do “fazer o Brasil de hoje”.

AMARAL NETTO
O REPÓRTER

Convida você para assistir à reprise do seu programa, amanhã, sábado, a partir de 22 horas e 30 minutos na

TV-GLOBO Canal 4

focalizando a participação de uma empresa brasileira

— TENENGE —

no desenvolvimento nacional.

613

AMARAL NETTO
— O REPÓRTER —

Convida você para assistir seu programa de amanhã, sábado, a partir de 12 horas, na:

— TV-GLOBO Canal 5 —

focalizando a participação de uma empresa brasileira

— TENENGE —

no desenvolvimento nacional.

614

AMARAL NETTO
— O REPORTER —
CONVIDA

Convida você e, principalmente, seus filhos, para assistir a uma estória emocionante.

A estória da COMPANHIA SERVIÇOS DE ENGENHARIA SERVIENGE. A estória de três homens que se juntaram para ajudar a fazer o Brasil de hoje.

H O J E

Uma estória humana, comovente, grandiosa.

AMARAL NETTO - O REPÓRTER,
 pela TV-GLOBO - Canal 5, a partir das 23:00 horas.

615

⁶¹³ Jornal *O Globo*, 12/11/1971, Geral, p. 14

⁶¹⁴ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 22/10/1971, p. 19

⁶¹⁵ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 18/09/1971, p. 6

Em outubro/1971, Amaral voltou ao tema do gás butano no Pará, além de um programa sobre a Bolsa de Valores⁶¹⁶, um sobre a Cia. Mineração Aripunã S.A. (Igarapé Preto)⁶¹⁷, e mais sobre a Transamazônica (Paranapanema⁶¹⁸). Em novembro, um programa sobre a IBM⁶¹⁹, um sobre a Argélia⁶²⁰, e o início de uma série de programas sobre Portugal, aonde Amaral viajara acompanhando o general presidente Médici.

Essas reportagens sobre Portugal e suas então colônias preencheram a programação de dezembro, também com temas, entre outros, sobre Angola (então ainda colônia portuguesa), a elegância das mulheres de Cabinda e a suposta “harmonia da comunhão racial”⁶²¹. Alves Pinheiro, que escrevia uma coluna sobre Portugal no jornal *O Globo*, anunciava um ano antes essas reportagens como uma iniciativa “ousada e magnífica” de Amaral Netto de fazer sobre o país uma “daquelas grandes reportagens televisionadas”⁶²².

As matérias sobre Portugal abriram também o ano de 1972 (Torralta no Algarve⁶²³, Fátima, a ilha Madeira, o treinamento de paraquedistas portugueses [do Dondo, que atuavam em Angola e Moçambique], Sagres, Lisboa), totalizando dez documentários exibidos, em intervalos, até abril, de acordo com a listagem do Arquivo Nacional. Chucho Narvaez, ressaltando a sofisticada engrenagem para se produzir esses programas, contou que “a pauta sobre Portugal rendeu 20 programas. Cada um deles consumia de 30 a 40 rolos de filme, com duração cada um de três minutos de filmagem”⁶²⁴.

⁶¹⁶ Revista *Os Brasileiros*, nº 11, p. 26-30

⁶¹⁷ Revista *Os Brasileiros*, nº 11, p. 16-17

⁶¹⁸ Revista *Os Brasileiros*, nº 11, p. 18-25

⁶¹⁹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 10, p. 34-40

⁶²⁰ Revista *Os Brasileiros* nº 20, p. 1-12

⁶²¹ Revista *Os Brasileiros*, nº 12, p. 12-17

⁶²² Jornal *O Globo*, Geral, Coluna Alves Pinheiro, 22/01/1971, p. 10

⁶²³ Revista *Os Brasileiros* nº 20, p. 13-20

⁶²⁴ Verbete “Chucho Narvaez”. In: Associação Profissional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro, Papparazzi, Janeiro 2002, Ano 1, nº 1. Disponível em:

<http://www.arfoc.org.br/paparazzi/default3.asp?idperfil=26&idedicao=20&v=s>, acesso em 21/07/2014.

Em janeiro, Amaral ainda apresentou uma reportagem sobre a RFFSA-Rede Ferroviária Federal⁶²⁵. Em março, um programa sobre o Laboratório Farmacêutico Federal de Manguinhos, incorporado à Fundação Oswaldo Cruz a partir de 1970⁶²⁶. Pode-se levantar a possibilidade de que essa reportagem tenha sido *encomendada* em razão da situação que Manguinhos vivia desde a instauração da ditadura. Em 1972 continuavam em andamento ali cerceamentos e cassações que, desde 1964, desmobilizaram as equipes, numa expressão que seria cunhada pelo entomologista cassado Herman Lent, em 1978, como *o massacre de Manguinhos*.

Em março, Amaral também mostrou a CTB-Companhia Telefônica Brasileira. Em abril, além do tema Portugal, os espectadores assistiram a reportagens sobre a ECISA-Engenharia, Comércio e Indústria S/A⁶²⁷ e a SUNAMAM-Superintendência Nacional da Marinha Mercante⁶²⁸. Em maio, sobre a UNIPAR- União de Indústrias Petroquímicas S. A., que previa a inclusão do país entre os líderes mundiais num prazo de cinco anos⁶²⁹, e sobre o Plano Nacional de Desenvolvimento (*O que seremos em 1974*)⁶³⁰, que mostrava prognósticos otimistas em todas

⁶²⁵ Revista *Os Brasileiros* nº 20, p. 12-18

⁶²⁶ Em 1970, o governo instituiu a Fundação Oswaldo Cruz e, em 1972, tornou-se ministro da Saúde do governo Médici (1969-1972) o pesquisador e diretor da instituição, Francisco de Paula Rocha Lagoa, considerado um interventor, quando nomeado por Castello Branco. De visão alinhada à ditadura militar, Rocha Lagoa era ex-aluno da Escola Superior de Guerra. Cf. Um resgate do Massacre de Manguinhos. In: *RADIS Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Maio-2014.. Disponível em: <http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/conteudo/um-resgate-do-massacre-de-manguinhos> , acesso em maio/2014.

⁶²⁷ Revista *Os Brasileiros*, nº 14. p. 22-29

A Ecisa foi fundada em 1949, e prestou serviços de construção civil para o setor público e privado. Diversificando atividades, executou obras de estradas, viadutos e vias elevadas, túneis, metrô, pontes, represas, portos, dragagens, fundações, construções habitacionais, comerciais, escolares e hospitalares, obras de saneamento, etc. No exterior, a Ecisa executou com sucesso, o porto e a rede de águas pluviais de Assunção, no Paraguai, e a Rodovia Morogoro-Dodoma, na Tanzânia. Atualmente, a Ecisa é empreendedora de shopping centers, mercado em que já atua desde 1971, com a inauguração da 1ª etapa do Conjunto Nacional de Brasília, no Distrito Federal. Hoje a carteira de empreendimentos da Ecisa é composta por 6 shopping centers, tendo participação no Shopping Center Recife, no Norteshopping, no Shopping Campo Grande, no Shopping Del Rey, no Shopping Iguatemi Caxias e no Shopping Villa-Lobos Cf. Disponível em: http://www.cvm.gov.br/dados/LaudEditOpa/RJ-2004-07319/20050204_LAUDO_DE_AVALIACAO.pdf , acesso em 6/01/2014.

⁶²⁸ Atual Departamento de Marinha Mercante.

⁶²⁹ Revista *Os Brasileiros*, nº 14. p.1-8

⁶³⁰ Revista *Os Brasileiros*, nº 13. p. 29

as áreas, sempre com cifras de investimentos na casa dos trilhões; além disso, outra reportagem sobre o BNH e a questão da habitação, “a grande escalada da década”⁶³¹.

Em junho, matéria sobre o Acre (*Onde começa o Brasil*)⁶³². Em julho, a atuação do BNDE- Banco Nacional de Desenvolvimento⁶³³ [atual BNDES], a CBD-Confederação Brasileira de Desportos, o CONSTRAN (futuro Metrô), o *Sesquicentenário da Independência*, e a SUDECO.

Também em julho, Amaral apresentou uma reportagem que visava à desmistificação da existência de “índios gigantes”⁶³⁴ e agressivos nos caminhos da integração nacional; para tanto, ele chegou a consultar indigenistas e funcionários da SUDECO. Em agosto, Amaral mostrou a Universidade Gama Filho⁶³⁵, a IBM na Amazônia e no Brasil⁶³⁶, o potencial turístico da Costa Verde do estado do Rio de Janeiro⁶³⁷, e a integração nacional a partir do centro-oeste, “plataforma vital na conquista da Amazônia”⁶³⁸. Em setembro, a COPERSUCAR, cooperativa de açúcar que patrocinava a equipe de *Fórmula 1* de mesmo nome nos anos 1970, numa reportagem que procurava incentivar a prática de esportes⁶³⁹. E ainda, uma reportagem sobre o coração de D. Pedro⁶⁴⁰, guardado na cidade de Porto, em Portugal, motivo de visita de autoridades brasileiras quando no país. Nesse caso, o tema se relacionava ao traslado dos restos

⁶³¹ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 7, p. 3-10 e *Os Brasileiros* nº 20, p. 29-48

⁶³² Revista *Os Brasileiros*, nº 14. p. 9-21

⁶³³ Revista *Os Brasileiros*, nº 14. p. 30-40

⁶³⁴ Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 1-2

⁶³⁵ Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 14-21

⁶³⁶ Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 29-36

⁶³⁷ Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 37-48

⁶³⁸ Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 3-13

⁶³⁹ Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 22-28

⁶⁴⁰ Revista *Os Brasileiros*, nº 19. p. 1-17

mortais do antigo imperador no cerne das comemorações do *Sesquiscentenário da Independência*.⁶⁴¹

Em outubro, os programas foram sobre a LIGHT (fornecedora de energia no RJ), o SESC⁶⁴² e o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em novembro, foi mostrada como “epopéia” a construção da rodovia BR-319 que ligaria Porto Velho a Manaus⁶⁴³ e o projeto do novo *Aeroporto Supersônico* do Galeão (RJ)⁶⁴⁴. Em dezembro, a cidade de Belo Horizonte⁶⁴⁵ e uma reportagem sobre a Cia. Metropolitana de Construções e as grandes construções em andamento no país⁶⁴⁶.

Ainda durante o governo do general presidente Médici, foi em janeiro/1973, a exibição de reportagem sobre a CEPALMA-Celulose e Papel do Maranhão S.A⁶⁴⁷, cuja chamada nos jornais insistia numa segunda chance”, caso o telespectador tivesse perdido o programa:

AMANHÃ, ÀS 23 HORAS, AMARAL NETTO INDICARÁ O CAMINHO DO LUCRO AOS INVESTIDORES.

Amaral Netto vai oferecer aos investidores brasileiros toda a sua experiência e conhecimento que tem reunido em seus contatos frequentes com os setores mais progressistas do País.

Não perca o próximo “Amaral Netto, o Repórter”.
Às margens do Parnaíba, um investimento de 300 milhões (bilhões antigos).
Como brasileiro, você ficará orgulhoso.
Como investidor, você pode lucrar com ele.



648

COMUNICADO AOS ACIONISTAS E INVESTIDORES DA CEPALMA.

AMANHÃ, ÀS 12 HORAS, VOCÊ TEM MAIS UMA
CHANCE DE CONHECER O CAMINHO DO LUCRO.

Investidores e acionistas viram pela televisão as imagens documentando um fato:
- às margens do Parnaíba, um investimento de 300 milhões de cruzeiros. Um dos maiores complexos industriais já realizados na área da Sudene. A Cepalma, produzindo celulose e papel, exportando e abastecendo o mercado brasileiro.

A reportagem foi comentada e despertou interesse. Por isso, vamos repeti-la. Se você perdeu o programa anterior, veja amanhã “Amaral Netto, o Repórter”.

E descubra você também o caminho do lucro.



Celulose e Papel do Maranhão S.A.
Avenida Manoel Paganini, 55 - grupo 14/59
Tels. 221-4138 e 221-2384
Rio de Janeiro - GIB
Rua Nova Buraco, Edifício IV - 2.ª andar -
41201/2 - Tel. 34-8958 - São Paulo - SP

TV-GLOBO - CANAL 4

649

⁶⁴¹ Esse programa aparece na relação o Arquivo Nacional como tendo sido exibido em 1970. Na revista *Os Brasileiros* nº 19 (p. 1-17), no entanto, a data de exibição consta como maio/1973. Provavelmente, esse programa foi reexibido.

⁶⁴² Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 30-40

⁶⁴³ Revista *Os Brasileiros*, nº 16. p. 1-10

⁶⁴⁴ Revista *Os Brasileiros*, nº 16. p. 20-29

⁶⁴⁵ Revista *Os Brasileiros*, nº 15. p. 41-48

⁶⁴⁶ Revista *Os Brasileiros*, nº 17, p. 12-20

⁶⁴⁷ Revista *Os Brasileiros*, nº 17, p. 21-28

⁶⁴⁸ Jornal *O Globo*, 26/01/1973, Geral, p.24 Refere-se ao programa CEPALMA.

Em fevereiro, programas sobre o DNER (a BR-101, Rio-Bahia⁶⁵⁰), Tapacurá-PE (a solução para o desafio das enchentes)⁶⁵¹, o Piauí (*A hora da redenção*)⁶⁵², mais um sobre o DNOS, e uma retrospectiva. Em março, a empresa Dyrce (perfumaria)⁶⁵³ e a EMBRATEL- Empresa Brasileira de Telecomunicações⁶⁵⁴.



Em abril, reportagens sobre a empresa Dinamo (café solúvel⁶⁵⁶), o Rio de Janeiro histórico, a cidade de Ouro Preto. Em maio, uma série de reportagens sobre São Paulo⁶⁵⁷; e outra série sobre a cidade do Porto (Portugal), que também entrou no mês de junho.

Reportagens sobre Portugal podiam ser apresentadas também do ponto de vista do ineditismo de imagens do general presidente, deixadas fora das reportagens anteriores sobre o tema. O anúncio abaixo foi publicado em São Paulo, provavelmente patrocinado pelo Grupo Pinto de Magalhães, como ali consta. À época, esse grupo econômico era um dos mais

⁶⁴⁹ Jornal *O Globo*, 02/02/1973, Geral, p. 23 e Folha de São Paulo, 3/2/1973, Primeiro caderno, página 11

⁶⁵⁰ Revista *Os Brasileiros*, nº 17, p. 1-11

⁶⁵¹ Revista *Os Brasileiros*, nº 17, p. 29-36

⁶⁵² Revista *Os Brasileiros*, nº 17, p. 37-48

⁶⁵³ Revista *Os Brasileiros*, nº 18, p. 32-37

⁶⁵⁴ Revista *Os Brasileiros*, nº 18, p. 38-48

⁶⁵⁵ *Folha de São Paulo*, 16/03/1973, 1º Caderno, página 3

⁶⁵⁶ Revista *Os Brasileiros*, nº 19, p. 18-23

⁶⁵⁷ Revista *Os Brasileiros*, nº 18, p. 1-23

importantes de Portugal. Após a Revolução dos Cravos (1974) o grupo mudou para o Brasil quando o governo de Vasco Gonçalves nacionalizou a banca (1975).

**Amaral Neto – o repórter
vai mostrar
MÉDICI
EM PORTUGAL
A CORES
E IMAGENS
INÉDITAS
DO PORTO**

– Cenas exclusivas da recepção ao Presidente Médici na Cidade Invicta e em Guimarães.
– Reportagem completa sobre o Porto, sua gente, seus costumes, suas realizações.
Neste sábado, pela TV Globo, às 23 horas, logo após "Première '73".

Uma homenagem ao público brasileiro do

**GRUPO
PINTO DE MAGALHÃES**
Portugal/Brasil



658

Ainda em junho, reportagens sobre a ponte Rio-Niterói⁶⁵⁹ que seria inaugurada dali a meses (em março/1974), além do SESI-Serviço Social da Indústria⁶⁶⁰ e da SISAL⁶⁶¹.

Na reportagem sobre a Ponte Rio-Niterói, Amaral acompanhou o então ministro dos Transportes Mario Andreazza na primeira travessia (real ou encenada) de um carro pela nova ponte. Reportagens como essa também funcionavam como uma *prestação de contas*. Não só uma prestação de contas sobre todo o equipamento, sobre o *know-how* utilizado, os recursos

⁶⁵⁸ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 25/05/1973, p. 8.

⁶⁵⁹ Revista *Os Brasileiros*, nº 20, p. 27-32

⁶⁶⁰ Revista *Os Brasileiros*, nº 18, p. 25-31

⁶⁶¹ Revista *Os Brasileiros*, nº 19, p. 24-33

Ressalte-se que a SISAL era uma empreiteira focada na construção imobiliária cujo dono, Gomes de Souza, era amigo pessoal de Costa e Silva. Souza também financiou o Ipes antes do golpe. Cf. CAMPOS *Op. Cit.*, p. 84

humanos e materiais empregados, e até as mortes ocorridas durante a construção. Mas também como uma *prestação de contas* da atuação do regime que fazia uma ligação com um passado imperial e com o passado recente.

Estabelecendo continuidades com expectativas do passado pré-república, a reportagem mostra como essa obra resgatava antigas ideias de D. Pedro II retrabalhadas num “Grupo de Trabalho” instituído pelo regime. Enfatizando que o “primeiro Governo da Revolução” [Castello Branco] dera tratamento sério aos antigos planos de ligar a “Capital do Império” à “Província do Rio de Janeiro”, e lembrando que foi numa cerimônia especial na Ilha do Fundão com presença da rainha britânica Elizabeth que o “segundo Governo da Revolução” [Costa e Silva] tinha assinado o contrato para a construção, Amaral mostra que o “terceiro Governo da Revolução” [Médici] entregava a obra concluída.⁶⁶²

Não por acaso Amaral adotava o vocabulário dos *revolucionários*, tanto na denominação dos seguidos governos, quanto no glossário militar quando utilizava termos como “a palavra cumprida”⁶⁶³. E mostrava, numa só tacada, que a conclusão da Ponte Rio-Niterói, cujo nome oficial é Ponte Presidente Costa e Silva, estabelecia uma relação de continuidade e legitimidade entre o antigo império brasileiro, o reconhecimento de uma casa real europeia, e os sucessivos governos dos generais presidentes. E, principalmente, assegurava publicamente a unidade das Forças Armadas numa continuidade supostamente harmônica dos vários “Governos da Revolução”.

Em julho/1973, os temas das reportagens foram o trabalho do MOBREAL-Movimento Brasileiro de Alfabetização⁶⁶⁴ e os estados de Alagoas⁶⁶⁵ e Maranhão⁶⁶⁶. Agosto trouxe matérias

⁶⁶² Revista *Os Brasileiros*, nº 20, p. 27-32

⁶⁶³ Revista *Os Brasileiros*, nº 20, p. 27-32

⁶⁶⁴ Revista *Os Brasileiros*, nº 19, p. 34-48

⁶⁶⁵ Revista *Os Brasileiros*, nº 20, p. 41-48

sobre a estrada Perimetral Norte (em trechos onde se detectou a existência dos índios *Yanomami*⁶⁶⁷), a UEB-União das Empresas Brasileiras, o DNOS (em Rio das Velhas)⁶⁶⁸. Em setembro, foram mostrados a Rede Ferroviária Federal, o estado do Mato Grosso [então um único estado]; além disso, uma reportagem sobre o BNB-Banco do Nordeste do Brasil, que se responsabilizava pelo FUNDURBANO-Fundo de Desenvolvimento Urbano, criado pelo governo federal e que reunia os bancos BNB, BNH, CEF e a FINEP, com o objetivo de “preparar o nordeste para o ano 2000”⁶⁶⁹.

No mesmo mês de setembro, houve reportagens sobre o tema BV-8 [não identificado] e sobre o tema Grupo A. Silva⁶⁷⁰ que também remetia ao Nordeste, e que recebeu uma chamada em jornal patrocinada pelo grupo que enfatizou “as imagens do novo nordeste de progresso”:

NOVO NORDESTE
HOJE NA GLOBO

Grupo Industrial A. Silva convida seus acionistas e amigos a assistirem, hoje à noite, AS IMAGENS DO NOVO NORDESTE — de PROGRESSO, num programa a cores, pela Rede Globo de Televisão.

Logo após “Premier 73”
Às 23 horas
Em **Amaral Netto, o Reporter**

Amaral Netto
o Reporter

REDE GLOBO

671

⁶⁶⁶ Revista *Os Brasileiros*, nº 20, p. 1-9

⁶⁶⁷ Em 1975, o RADAM - Projeto de levantamento dos recursos amazônicos detectou a existência de importantes jazidas minerais na região. Com a publicidade dada ao potencial mineral, o território Yanomami, já exposto pela abertura de um trecho da Perimetral Norte (1973-76), sofreu movimento de invasão garimpeira que acabou se agravando no final dos anos 1980 e se transformou em corrida do ouro a partir de 1987. Cf. Disponível no *site Povos Indígenas no Brasil*: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yanomami/575>, acesso em 06/01/2014.

⁶⁶⁸ Revista *Amaral Netto, o Repórter*, nº 7, p. 11-19

⁶⁶⁹ Revista *Os Brasileiros*, nº 20, p. 32-40

⁶⁷⁰ De acordo com uma nota na coluna de Economia da *Folha de S. Paulo*, o Grupo Industrial A. Silva era sediado em Caxias, Maranhão, com a participação de A. Silva Comércio e Indústria S/A, A. Silva Indústria e Comércio de Óleos Vegetais S/A, Induchenil-Indústria de chenile e tapetes S/A, Multi Alimentos Tropicais S/A e Tabajara-Industrialização do Caju S/A. Cf. *Jornal Folha de S. Paulo*, 1º/8/1973, p. 26.

⁶⁷¹ *Jornal Folha de S. Paulo*, 29/09/1973, p. 3

Em outubro, os assuntos foram o estado de Minas Gerais, a CEPLAC-Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira⁶⁷² e o DNPVN-Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis. Em novembro, foram temas a Amazônia, o Iguazu-Salto Osório, o Paraná, e Brasília. Em dezembro, dois programas sobre Roraima, um sobre a COBAL-Companhia Brasileira de Alimentos⁶⁷³, o SESC, e o INCRA-Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

O ano de 1973 encerrou com uma retrospectiva que compilava “a série de reportagens sobre a Amazônia no outrora “Inferno Verde”, a colonização e a gente que vindo de todo território brasileiro está transformando aquela região antes deserta numa resposta aos pessimistas que nela não acreditavam”⁶⁷⁴.

Como se pode ver, Amaral Netto muitas vezes retornava aos temas já apresentados, principalmente em assuntos como a Amazônia, a integração nacional, e a empresas privadas ou órgãos do governo responsáveis pela implantação da infraestrutura e modernização do país. E insistia na questão melodramática do *pessimismo versus otimismo* mesmo no anúncio do programa no *tijolinho* de jornal. Nesse ponto, a propaganda informativo-ostensiva funcionava mesmo apenas para os leitores do Globo que acessassem a programação de TV no jornal.

Algumas dessas reportagens foram rerepresentadas, também à noite. Todas foram reprisadas aos sábados pela manhã, normalmente sempre o episódio exibido na semana anterior.

⁶⁷² Criada em 20/02/1957, a CEPLAC existe ainda hoje e atua como órgão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Ver em: <http://www.ceplac.gov.br/paginas/ceplac/ceplac.asp>, acesso em 05/01/2014.

⁶⁷³ A COBAL foi extinta em 1990, quando juntamente com a Companhia de Financiamento da Produção (CFP) e a Companhia Brasileira de Armazenamento (Cibrazem), passou a integrar a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), uma empresa pública, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento foi criada por Decreto Presidencial e autorizada pela Lei nº 8.029, de 12/04/1990.

⁶⁷⁴ Jornal *O Globo*, Geral, 29/12/1973, p. 14 (chamada da programação de TV).

Durante o governo Médici, o programa *Amaral Netto, o Repórter* completou cinco anos no ar, incluindo a exibição nas TVs Tupi e Globo. A data foi comemorada com uma exibição de vídeos e *slides*, no Palácio da Alvorada, a pedido do próprio general presidente, segundo a nota de agradecimento publicada nos jornais⁶⁷⁵, para uma plateia composta por “autoridades civis e militares e suas esposas”, num total de 160 pessoas, entre ministros, senadores e deputados.

Além disso, a Plantel havia se instalado meses antes, em abril/1973, numa ampla casa no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Uma sede nova, a cuja inauguração compareceram o chefe do SNI general Antonio Carlos Fontoura e o ministro da Fazenda Delfim Netto, entre outras autoridades e demais convidados.

Na extensa nota na imprensa, intitulada *5 Anos de Otimismo*, com fotografia dessas autoridades, ele mostrava esse sucesso. Consta ali um resumo da atuação da editora na produção dos documentários-reportagens para a televisão, de *slides* para agências de publicidade, de audiovisuais, de filmes, de publicações e de exposições. Entre os agradecimentos que a Plantel fez publicamente nessa nota, encontram-se as empresas e órgãos do governo que foram temas de todos os programas já acima listados até 1973, além, ainda, das empresas: Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, Grupo Pinto Magalhães (Brasil e Portugal), Grupo Klabin, Construtora Andrade Gutierrez, Grupo Peixoto de Castro, CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), Grupo Edson Queiroz, Aeroporto Internacional Principal do Brasil, Centro Industrial de Aratu, Morro do Niquel, Alumínio S.A., Extrusão e Laminação, Light-Serviços de Eletricidade S.A., Cimento Portland Barroso, Investbanco S.A.. Entre os órgãos do governo citados na nota e ainda não citados neste trabalho, a Superintendência da Zona Franca de Manaus. Amaral aproveita para reiterar o agradecimento ao governo federal (através dos ministérios), aos governos estaduais e

⁶⁷⁵ *Obrigado, Presidente Médici*. Jornal *O Globo*, Geral, 20/08/1973. p. 3 (Ver em Anexo 2, p. 379)

municipais, às sociedades de economia mista, ao Exército, à Marinha, e à Força Aérea Brasileira.⁶⁷⁶

O ano de 1973 teve um fechamento excepcional para Amaral Netto. O balanço da empresa dá conta de um lucro razoável. Com a nova sede própria, bem maior, e com a venda da antiga, a empresa concentrou o máximo possível das imobilizações em equipamentos de produção. O pioneirismo de Amaral em investir em filmes em cores, “encontrou a Plantel na vanguarda”, sendo seu programa, à época, o único exibido semanalmente em cores. A concessão de benefícios como gratificações, seguro de vida e plano de saúde, garantia um amplo e comprometido quadro de funcionários.⁶⁷⁷

⁶⁷⁶ Jornal *O Globo*, Geral, 24/04/1973, p. 3 (ver no Anexo 2, p. 378); Jornal *O Estado de S. Paulo*, 24/04/1973, p. 5.

⁶⁷⁷ Balanço 1973 da empresa Plantel. Jornal *O Globo*, Economia, 14/05/1974. p.21

CAPÍTULO 4 - *Abertura de quê?*

4.1 *Amaral Netto, o Repórter às segundas-feiras à noite*

Logo no começo de 1974, Amaral Netto convidara Roberto Marinho a comparecer à estreia de um documentário cinematográfico da série *Amaral Netto, o Repórter*, a cores, no Rio de Janeiro. Na carta-convite, ele informava a Marinho que os documentários “fazem menção expressa à Rede Globo, fixando assim, a presença dessa organização em cinema”⁶⁷⁸. Não foi possível estabelecer como foi, de fato, a estreia anunciada de *Amaral Netto, o Repórter* nos cinemas, ou que eventuais autoridades a prestigiaram, ou qual teria sido a trajetória desses documentários. Uma pesquisa na programação de cinema do jornal *O Globo* não revelou outras apresentações desses filmes. Na revista *Veja*, porém, há uma menção de exibição de *Amaral Netto, o Repórter* como um documentário (*Portugal que eu vi*) que teria antecedido filme exibido num cinema no bairro de Cascadura (RJ), durante uma série de festejos gratuitos do 1º de maio de 1972.⁶⁷⁹

Na televisão, em janeiro/1974, as reportagens começaram enfocando novamente a SUNAMAM, seguindo com o tema da energia nuclear, o estado da Bahia, e a fábrica de tecidos Nova América (RJ)⁶⁸⁰.

Já a partir de fevereiro, o programa foi realocado para as segundas-feiras à noite, posição onde chegou a alcançar índices bastante significativos na aferição do IBOPE. O horário anunciado era às 22:45h, inicialmente, mas gradualmente o programa foi sendo *empurrado* para a faixa da 23:05h.

⁶⁷⁸ Carta de Amaral Netto a Roberto Marinho, datada de 25/01/1974. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

⁶⁷⁹ Revista *Veja*, Edição 192, 10/05/1972, p. 59.

⁶⁸⁰ Revista *Os Brasileiros*, n° 20, p. 19-26

Segundo Walter Clark, a influência de Amaral Netto junto ao general Orlando Geisel, ministro do Exército do governo Médici, teria feito com que a Globo recebesse pressões para mudança de horário de *Amaral Netto, o Repórter*⁶⁸¹. Orlando Geisel projetava uma imagem de força, poder e dureza, que “assusta adversários e cativa adeptos”, como afirma Maud Chirio. Um personagem “da sombra” que foi central desde meados dos anos 1950, e que não se situava na linha do irmão o também general Ernesto Geisel, sucessor de Médici, que o escolheu como presidente seguinte em acordo com Orlando Geisel, conforme afirma Chirio⁶⁸².

Já Boni afirma em 2012 que, “na prática, depois de resolvido o horário, nenhuma nova pressão ocorreu. O Amaral sempre foi gentil e cordial. Procurou sempre se afastar da origem da criação do programa e fazer com que a convivência fosse amigável e sem arestas.”⁶⁸³

Embora as alterações do dia/horário do programa pareçam ter sido geradoras de alguma tensão entre Amaral e a cúpula executiva da TV Globo, em seu depoimento a esta pesquisa Boni minimiza o fato:

Uma das coisas que conseguimos com o Amaral foi a mobilidade de horário para atender a estratégia de programação da emissora que era muito importante naquele tempo em que ainda testávamos uma grade que pudesse competir em todos os horários. No início, ele resistia e depois costumava dizer: “bota no horário que quiser... eu tenho a minha audiência cativa.” Isso facilitou muito o relacionamento.⁶⁸⁴

É possível que alguma pressão tenha existido, sim, mas provavelmente não para que o programa substituísse o de Chacrinha aos domingos, como conta Clark. Aliás, Chacrinha trabalhou na TV Globo de 1970 a 1972, transferindo-se para a Tupi, e depois para a Bandeirantes

⁶⁸¹ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 260-262

⁶⁸² CHIRIO. *Op. Cit.* p. 169-170

⁶⁸³ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012. Não fica claro no depoimento do Boni o que ele quis dizer com “a origem da criação do programa”. Pode estar se referindo à possível intenção propagandística, ou pode estar se referindo à suposta *imposição* à TV Globo. Ou a ambas.

⁶⁸⁴ *Idem.*

em 1978, só retornando à Globo em 1982. É muito maior a probabilidade de que, se houve alguma pressão, isso tenha ocorrido para facilitar a mudança do programa de Amaral Netto dos domingos para os sábados à noite, como de fato aconteceu a partir de outubro/1971. Ou para que o programa fosse para as segundas-feiras em 1974, como também efetivamente ocorreu. Principalmente se levarmos em conta que os primeiros programas exibidos foram uma série sobre o *Aniversário da Revolução*. A nova posição às segundas-feiras, no horário pós-*Jornal Internacional* na grade da TV Globo, coincidiu com a assunção do general Ernesto Geisel no governo.

A mudança de horário foi anunciada com estardalhaço na imprensa, numa clara vinculação da função do deputado à do jornalista, e da sua missão de “levar a mensagem da grande transformação a todos os brasileiros”⁶⁸⁵. Essa parece também uma tentativa de marcar sua posição no momento da transição entre os governos Médici e Geisel. Uma tentativa mesmo de afirmação de compromisso com os ideais *revolucionários* de 1964, embora o termo tenha sido cuidadosamente substituído por “grande transformação”:

⁶⁸⁵ Jornal *O Globo*, 04/03/1974, O Mundo, p. 19

HOJE À NOITE A GRANDE ATRAÇÃO NA TV SERÁ O MILAGRE BRASILEIRO

Foi há mais de dez anos.
O Deputado Amaral Netto pregava
idéias de mudança. Sua tribuna:
a Câmara, as praças públicas.
Depois, os idos de março,
1964. E um outro desafio
empolgou o deputado e jornalista.
Levar a mensa-
gem da grande
transformação

a todos os brasileiros.

Sua tribuna: um programa de TV.
Dedicado à missão de mostrar
o Brasil. De produzir otimismo e
confiança como força multiplicadora
do próprio desenvolvimento.

"Amaral Netto, o Repórter".

Programa que se confunde com
o milagre brasileiro. Pois alguma
coisa do que esse milagre
representa tem a sua contribuição.

E para mostrar o quanto o Brasil
cresceu e se modificou, estamos
lançando hoje uma série de
reportagens. Em novo horário.
Agora, às segundas-feiras, logo
após o "Jornal Internacional":

22h. 45min.

Fique conosco, em "Amaral Netto,
o Repórter".

Pois nossa grande atração desta
noite é o seu ídolo de todos os dias.
Brasil.



A partir de hoje,
todas as 2.^{as} feiras,
logo após "Jornal Internacional".

22h. 45min.

Rio - São Paulo - Brasília
e mais 13 emissoras



O governo do general Ernesto Geisel ficou marcado pela memória da abertura política. Diminuiu o rigor do regime, mas de forma “lenta, gradual e segura” na expressão cunhada por esse general que só revogou o AI-5 ao final de seu *mandato* ⁶⁸⁷.

Segundo Daniel Aarão Reis, o governo Geisel representou a ascensão ao poder de um segmento das Forças Armadas que propunha uma distensão *lenta, gradativa e segura*. Esse processo cheio de contradições e resistências visava a “institucionalizar e superar o estado de exceção, o regime ditatorial vigente” com o auxílio de líderes civis (os governadores indiretos), com o apoio da maior parte da *classe política*, e com a simpatia internacional. ⁶⁸⁸

No plano econômico interno, Geisel tentou manter a economia aquecida, após o fim do *milagre*, com o II Plano de Desenvolvimento, mas sua política aumentou a dívida externa e não conseguiu conter a hiperinflação, o que levou à recessão no governo seguinte. Também desenvolvimentista, além de prosseguir na ênfase à vocação agrícola do país, foi no governo Geisel que se construiu grande parte da usina hidrelétrica de Itaipu, que foram inauguradas as primeiras linhas de metrô em SP e RJ, e que se buscou novas formas de energia como o álcool. Na economia externa, Geisel evitou o alinhamento incondicional aos EUA, reconheceu regimes socialistas, e reatou relações com a China.

Geisel governou amparado pelo AI-5, num regime de exceção, até o fim de seu governo, buscando orquestrar uma futura *democracia relativa*. Anunciou a Abertura em novembro/1974, no início da campanha eleitoral para as eleições legislativas, mas em julho/1975 editou a Lei

⁶⁸⁷ O AI-5 só foi revogado pela Emenda Constitucional nº 11, de 13/12/1978, que estipulava o início de sua vigência a partir de janeiro do ano seguinte.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc11-78.htm , acesso em 25/09/2015.

⁶⁸⁸ AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 93-105

Falcão⁶⁸⁹, motivada pela vitória da oposição nessas eleições. Pela primeira vez, embora minoritário, o MDB passou a ter força para barrar votações que exigiam dois terços dos votos.

Nesse mesmo ano, os presos políticos da Ilha Grande (RJ) conseguiram transferência (julho) para um presídio do continente, após mais uma greve de fome que reivindicava essa mudança. Ainda sob o governo Geisel, foram torturados e assassinados o jornalista Vladimir Herzog (outubro/1975) e o sindicalista Manoel Fialho Filho (janeiro/1976) nas dependências do DOI-CODI paulista, parte de um saldo de 39 opositores desaparecidos e 42 mortos pela repressão só durante esse governo⁶⁹⁰. A sede do Pcdob em São Paulo sofreu um ataque que deixou três mortos (*Chacina da Lapa*, 1976). Em 1976, ainda foram plantadas bombas nas sedes da OAB, da ABI, do jornal alternativo *Opinião*. Esses são apenas alguns dos exemplos do quão lento, difícil e perigoso foi o caminho para o fim da ditadura.

Não chega a ser contraditório que o programa de Amaral Netto obtivesse tamanho destaque justamente nesse período. Se considerarmos que a distensão era “parcialmente improvisada”, anunciada em discursos, tendo a abertura como uma possibilidade futura, e que era resultado de enorme tensão interna nas fileiras militares como demonstrou Maud Chirio⁶⁹¹, é de se imaginar que certas forças devessem ser acalmadas.

Se o programa de Amaral Netto realmente se destinou a informar à população, nos moldes da propaganda política idealizada por Hernani D’Aguiar ainda em 1968, não é de se estranhar que o regime continuasse tentando apaziguar vontades e tensões internas das Forças Armadas ao mesmo tempo em que procurava manter a simpatia de parcelas significativas da população ao

⁶⁸⁹ A questão da aparição de candidatos ao legislativo nos rádios e canais de televisão sofreu uma regulação com a lei nº 6.339, de 1/07/1976, conhecida como a Lei Falcão, que decretava que os candidatos não poderiam anunciar nada além de seus próprios currículos no horário eleitoral.

⁶⁹⁰ NAPOLITANO, Marcos. *1964. História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 234

⁶⁹¹ CHIRIO. Op. Cit.

mostrar as realizações do governo autoritário. Um governo que, ainda por cima, prometia a volta *controlada* à democracia.

Além disso, como lembra Aarão Reis, sob Geisel firmou-se “um pacto não escrito a favor da modernização – não só da economia, mas também dos costumes e dos valores éticos e morais”. No campo intelectual e artístico, o governo Geisel ativou inúmeras instâncias de incentivo e apoio financeiro à cultura nacional (EMBRASILFILME, FUNARTE, SNT). Na televisão, principalmente via novelas e programas jornalísticos da TV Globo, procurava-se vencer, sempre “com moderação”, o conservadorismo arcaizante.⁶⁹² Mesmo assim, a censura proibiu sumariamente a estreia da novela *Roque Santeiro* na televisão em agosto/1975.

Portanto, o programa *Amaral Netto, o Repórter* pode ter contribuído para contentar uma ala militar que defendia essa forma de divulgação das realizações do regime.

Em abril/1974, *Amaral Netto, o Repórter* voltou ao tema SESI, e a falar do estado da Paraíba, e também sobre submarinos. Em maio, mostrou os estados de Goiás e do Espírito Santo. E uma reportagem sobre o arquipélago de Fernando de Noronha que apresentava as primeiras filmagens submarinas, em cores, feitas para a televisão brasileira.

Essa iniciativa foi elogiada pelo colunista de TV Artur da Távola, então no jornal *O Globo*, para quem as novas filmagens submarinas da equipe de Amaral, com máquinas novas e recém-importadas, abririam “uma perspectiva inteiramente nova para as telerreportagens”⁶⁹³.

A reportagem chegou a ser anunciada como uma filmagem da TV Globo, numa nota de coluna social, associada ao desenvolvimento do turismo que estava sendo implantado pelo governador [militar] do então Território Federal de Fernando de Noronha. Vale notar que esse

⁶⁹² AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.95- 96

⁶⁹³ Jornal *O Globo*, 20/02/1974, Seção Cultura, Coluna de Artur da Távola. p. 34

turismo divulgado estava fortemente vinculado à possibilidade de “caça a tubarões, lagostas, barracudas, moreias e cações” no “paraíso das águas claras do arquipélago”.⁶⁹⁴ A ideia de explorar o turismo era da Empresa Brasileira de Turismo-EMBRATUR⁶⁹⁵ que desenvolvia estudos para a viabilização de um polo turístico no arquipélago cujas atrações eram a caça submarina e a visita às ilhas.⁶⁹⁶ A reportagem de Amaral Netto no local contou com a participação de Fidélis do Amaral, filho do repórter, nas cenas submarinas, inclusive nas de caçadas. Com belíssimas imagens submarinas da vida marinha, o potencial turístico diante de tamanha beleza natural era anunciado por Amaral como “além da imaginação”. Ao mesmo tempo, ele informava sobre as facilidades que o governo federal colocaria à disposição de empreendimentos turísticos, como o equipamento instalado pela EMBRATEL. E, claro, ufanisticamente lembrava aos telespectadores que “essas magníficas imagens deixadas para você foram filmadas e trabalhadas por brasileiros”.⁶⁹⁷

Em julho, Amaral mostrou reportagens sobre a Mongeral Seguros, e novamente sobre a Universidade Gama Filho, além de um programa comemorativo dos seis anos (incluindo o período na Tupi) da série.

Em agosto, os temas foram o CESGRANRIO-Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio, a Fusão dos estados do Rio de Janeiro e Guanabara (que ocorreria dali a meses) e, novamente, o SESI e o estado do Mato Grosso. Em setembro, Amaral apresentou o Rio Grande do Sul, a Bahia (Valença, Catu), e um sobre a revista *Veja*⁶⁹⁸.

⁶⁹⁴ Jornal *O Globo*, O País, Coluna de Carlos Swann, 8/04/1974, p. 4

⁶⁹⁵ Criada pelo Decreto-Lei nº 55/1966. Cf. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10055.htm, acesso em 19/10/2015.

⁶⁹⁶ Jornal *O Globo*, O País, 20/05/1974, p. 3

⁶⁹⁷ Trecho do programa *Fernando de Noronha*, DVD compilado do acervo da família Narvaez.

⁶⁹⁸ Não cabendo aqui esta discussão, vale observar que a linha editorial da revista *Veja*, criada em 1968, modificou-se ao longo dos anos.

Amaral Netto entrara em litígio com essa revista por causa de uma reportagem da mesma sobre as novas regras de propaganda política, exclusivas do estado da Guanabara para a eleição de 1974. Segundo essas regras, que a *Veja* disse ter “provocado lamentações de ambos os lados”, alguns candidatos ficariam impedidos de aparecer na televisão em seus programas habituais, sendo suas aparições restritas ao horário eleitoral gratuito, até as eleições de novembro daquele ano (eram nove da Arena e três do MDB).⁶⁹⁹ Além de publicar uma fotomontagem que afirmava que Amaral havia se beneficiado com truques fotográficos, a reportagem se referia a seus “crédulos espectadores” e a “suspeitos flashes de longíquas praias polares”, dando a entender que seus documentários-reportagens eram falsificados⁷⁰⁰.

No programa sobre a revista *Veja*, Amaral anunciava a abertura de um inquérito policial para investigar “essa gente que tem o direito de atingir milhares e milhares de brasileiros, caluniando, difamando, falsificando, forjando” através dos meios de comunicação. Ao que a revista respondeu com um processo de queixa-crime contra Amaral.⁷⁰¹ A fita magnética correspondente à exibição, em 23/09/1974⁷⁰², chegou a ser requisitada à TV Globo pelo Departamento Jurídico da revista para que servisse de prova numa ação penal movida contra Amaral Netto por causa dos “abusos cometidos por esse repórter”.⁷⁰³ O caso rendeu ainda alguma polêmica na imprensa, porque Amaral afirmou no seu programa semanal seguinte (30/09/1974) que havia sido proibido pelo juiz-fiscal do TRE de falar sobre “o caso *Veja*” em

⁶⁹⁹ A lei que institui o código eleitoral no Brasil é a Lei 4.737, de 15/07/1965, ainda em vigor, com a incorporação ou a revogação de dispositivos.

⁷⁰⁰ Revista *Veja* nº 313, 4/9/1974, p. 22

⁷⁰¹ Revista *Veja* nº 317, 2/10/1974, p. 20

⁷⁰² Segundo a listagem do Arquivo Nacional a reportagem sobre a *Veja* foi apresentada em 23/09/1974, o que é corroborado pela carta da revista *Veja* à TV Globo, em que requisita cópia do programa, datada de 25/09/1974 (Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.).

Já Thales de Andrade afirma que os programas de 30/9, 7/10 e 14/10 referiam-se ao episódio com a revista *Veja*. Cf. ANDRADE. *Op. Cit.* p. 57

⁷⁰³ Cópia de carta da revista *Veja* à TV Globo, de 25/09/1974. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

seu programa eleitoral⁷⁰⁴. Como se vê, Amaral não se furtava de usar o espaço do programa para expor suas contrariedades no campo político, quando lhe convinha, nem se furtava a usar o espaço para expor sua contrariedade nos demais assuntos.

Por outro lado, ao se referir a proibições do juiz-fiscal do TRE, ele trouxe para a televisão um tipo de discussão possível durante a ditadura. Mesmo que se considere que ele tinha influência em círculos do poder para poder ousar tocar nesse tema, e mesmo quando se considera que já sopravam leves, mas ainda nada confiáveis brisas da distensão política aventada pelo governo Geisel. A atitude de Amaral de reclamar com veemência pela televisão se remetia às práticas do embate político pré-golpe. Como também percebeu Thales de Andrade, algumas vezes o *estilo* de Amaral Netto em *Maquis* reapareceria em seu programa de televisão.⁷⁰⁵ Principalmente quando retomava a contundência no falar e se utilizava da retórica lacerdista.

Em outubro, seguiram reportagens sobre a Feira de Caruaru e novamente uma sobre a caça à baleia, embora não tenha sido possível identificar se a mesma apresentada em 1969. Em novembro, Amaral mostrou o ritual do Quarup (dos índios do Xingu). Em dezembro, programas sobre a empresa Paoletti (laticínios e alimentos), a cidade de Taubaté e sobre turismo no Brasil.

Os programas *Amaral Netto*, *o Repórter* exibidos durante esse período continuavam defendendo as realizações do regime, com forte presença de temas relacionados à atuação de empresas, frequentemente referentes a inovações tecnológicas que gostava de apresentar, algumas vezes em primeira mão. Esses empreendimentos permaneciam sendo apresentados como fundamentais ao desenvolvimento e modernização do país que o governo capitaneava agora sob Geisel. Enfatizava-se, sobretudo, a ação dos brasileiros nesse processo.

⁷⁰⁴ Jornal *O Globo*, 18/10/1974.

⁷⁰⁵ ANDRADE. Op. Cit. 2003. p. 57

A reportagem sobre a *SELETRON*⁷⁰⁶ foi uma daquelas cujo tema era dedicado a empreendimentos privados e inovadores. Tratava de um equipamento pioneiro tecnologicamente e que servia para a seleção de grãos, produzido pela empresa TECNOSTRAL. Esse programa não chegou a ser anunciado de forma especial. Só a coluna *Hoje na TV*, do jornal *O Globo*, trouxe a sinopse na programação do dia, entre a coluna de notícias sociais televisionadas de Ibrahim Sued e a do filme da sessão *Coruja colorida*:



4.1.1 SELETRON

Como com os filmes *Baleias* e *SUDECO*, acompanhei, tanto quanto possível de forma sincronizada, as sequências de cenas e texto da reportagem, em cores, sobre a seletora de grãos, exibida em 10/06/1974, uma segunda-feira, às 23:05h.

Na cena inicial, aparece Amaral Netto, vestido formalmente de terno e gravata, apresentando uma fábrica no Rio de Janeiro. Enquanto as cenas se alternam mostrando funcionários trabalhando, engenheiros calculando, e materiais eletrônicos, com muitos *closes* nos equipamentos, Amaral lembra que são gastos pelo Brasil, “centenas de milhões” com importação de *know-how*. O programa trata, portanto, de um setor onde máquinas eletrônicas estavam sendo

⁷⁰⁶ A *SELETRON Technology* é uma marca de seletora de grãos que existe hoje ainda. Ver em <http://www.seletron.ws/portugs/index.html>, acesso em 30/10/2013.

⁷⁰⁷ Jornal *O Globo*, 10/06/1974, Cultura, coluna Hoje na TV, p. 36.

construídas com tecnologia brasileira, para exportação para países da Europa, como Alemanha e Itália, por exemplo, o que significava entrada de divisas no país. Amaral anuncia o programa como uma “surpresa espetacular” que acompanhará, “desde a prancheta até a montagem final”, a construção desses equipamentos “que só existem nos países avançados”. Ao mesmo tempo, ele enfatiza que essa tecnologia está sendo desenvolvida por “jovens brasileiros”, que essa indústria é “100% nacional”. Esse parece ser um ponto importante no discurso de Amaral Netto: a edição aqui acompanha uma trilha musical muito boa [não consegui identificar], no sentido de motivar o telespectador ao ufanismo desenvolvimentista, enquanto ele garante que “está chegando a vez e a hora do *know-how* brasileiro”.

Como era comum nos programas *Amaral Netto, o Repórter*, aparece logo após as cenas iniciais, um mapa localizando a rota do mercado exterior para exportação desse produto, do Brasil para a África e Europa. Amaral explica que a seletora de grãos SELETRON ganha esse mercado por ser um produto superior. Na Alemanha, por exemplo, a máquina é, segundo ele, valorizada pela precisão. A trilha sonora que acompanha essa parte da reportagem é jazzística. Amaral também abastece o telespectador com dados sobre a produção das máquinas seletoras de grãos, num total de 893, tendo sido 350 apenas no corrente ano [1974]. Uma produção, ele lembra, de praticamente metade do que foi feito em dez anos. E ele explica que o fenômeno se deve ao despertar brasileiro da agricultura para a tecnologia, associado à demanda externa, ressaltando que o produto já está no Brasil todo, dada a importância da colheita selecionada. Didaticamente, ele prossegue explicando que existia um equipamento estrangeiro cuja manutenção de válvulas era muito cara, até que jovens engenheiros acreditaram na possibilidade de produzir um equipamento transistorizado.

Após o primeiro de uma série de *closes* da seletora SELETRON SM-500, as imagens agora acompanham um dos executivos da Tecnostral, também formalmente vestido, que explica

o funcionamento da máquina: “com a seleção de sementes, que é um programa agrícola do governo, nós conseguimos grãos melhores, maior produção e mais uniformidade”. Enquanto um funcionário derruba o conteúdo de uma caixa dentro da seletora, são mostradas imagens do executivo conversando com Amaral, alternadas com *closes* dos botões de controle da seletora. O executivo mistura feijões pretos e brancos e mostra como se separam os grãos na seletora, enquanto ajusta a quantidade dos grãos na máquina. A certa altura Amaral repara: “Meu amigo Frank [Gevert⁷⁰⁸], eu estou deixando você falar, mas interrompo muito” e apresenta a célula fotoelétrica para seleção que tem o objetivo de “melhorar a produção agrícola”. Amaral repara no orgulho de Frank, ressalta o trabalho científico, o novo Brasil, e compara a SELETRON “a uma espécie de seleção brasileira”. A conversa continua até que ambos se abaixam para mostrar os grãos de feijão que saem em compartimentos separados, brancos e pretos.

Outro mapa, em *close*, mostra cidades do Brasil onde se supõe que o equipamento esteja sendo usado. Aparecem marcadas as cidades de Blumenau, Santos, Rio de Janeiro, Fortaleza. Amaral e o executivo da Tecnostral vão mostrar como funciona a seletora em Anápolis-GO. A tela se enche com a imagem do céu da cidade e uma bandeira brasileira tremulando. Seguem-se imagens do azul do céu, palmeiras, um panorama da cidade, flores, crianças uniformizadas. Isso dá o clima para que se mostre mulheres separando o feijão preto manualmente. Amaral vai explicando que “essa é uma nova época para o Centro-Oeste brasileiro”. “Uma época de desenvolvimento”. E que Goiás é um estado que amplia sua fronteira agrícola e pecuária. Para Amaral, “produção e produtos aumentam, e isso é vital”.

As imagens agora já passaram da máquina Seletron SM-500 funcionando para uma esteira com grãos de feijão rolando e sendo ensacados manualmente. A câmera fecha com um *close* da máquina, enquanto Amaral e o executivo continuam conversando. Amaral vai dizendo que a

⁷⁰⁸Jornal *O Globo*, 28/06/1974, O país, Coluna Carlos Swann, p. 4.

população rural deslocou-se para a cidade. Afirma que, de cem milhões de habitantes, sessenta estariam nas cidades. Diz que “velhos arados são métodos arcaicos”. Preconiza que o consumo de fertilizantes deve crescer, que a mecanização é irreversível, e que há previsões de modernização agrícola na lavoura e no beneficiamento.

As imagens de Anápolis alternam-se para a cidade de Marília – SP, suas paisagens, o centro da cidade, o trânsito, com o cuidado de se mostrar alguns anúncios da Coca-Cola e o prédio do Banco do Brasil. Chega-se à fazenda Santa Gertrudes, onde um trator ara a terra, e pessoas separam amendoins manualmente num galpão. Amaral explica que essas são “cenas de antigamente, da catação manual”. Há closes dos amendoins sendo separados numa esteira por muitas funcionárias. Neste ponto, passam a se alternar, várias vezes, as imagens do close da seletora SM-500 sendo operada por apenas um funcionário, e dos muitos funcionários selecionando amendoim na esteira. Cenas de caminhões se alternam às da cidade de Marília, paisagens de praia, da cidade, que dão ideia de movimento até a câmera parar na Cia. Bandeirantes de Armazéns. Aparecem homens carregando sacos. Na imagem seguinte, várias seletoras SELETRON funcionando num galpão, onde se classificam sementes. Apenas um funcionário opera muitas máquinas e verifica os grãos separados. Há muitos *closes* da SELETRON, até que Amaral volta à cena com o executivo. Lembra que a máquina serve também para castanhas de caju. Eles apontam a máquina, e há mais *closes*.

A essa altura aparecem dados quantitativos mostrando como a máquina propicia receita, e é inserida a imagem de uma nota de dólar e os dizeres “economia de divisas”. As exportações de 91 máquinas Seletron já significaram U\$ 800 mil. Enquanto isso, Amaral pergunta ao executivo Frank sobre a importância da seleção de café e de amendoim. Agora já se veem os amendoins sendo encaixotados e dois senhores mostram as caixas. Amaral ressalta que a antiga e a moderna agricultura se confrontam e que há “sinais definitivos de uma grande mudança”. Há bastante

ênfase na tecnologia, na criação de *knowhow* brasileiro, de um sistema eletrônico barato, simples, fácil de ser operado, que opera em baixa temperatura e a um baixo custo. Além disso, a TECNOSTRAL, fabricante do equipamento, fornece os cursos de manutenção aos operadores. Pelo que se afirma, a operação da máquina é muito simples, “basta nível primário de escolaridade!”.

Amaral explica que a TECNOSTRAL surgiu em 1963 e que, depois de dez anos, a tecnologia está “mais moderna, mais sofisticada”, que transistores de silício permitiram esse salto. Lembra que seis produtos fazem parte do programa do governo para aumentar a produção no Brasil (mas cita sete: açúcar, soja, arroz, algodão, farelo, carne, café) e a dinamização desses setores é um objetivo do governo. Sua fala remete também à cidade de Blumenau-SC, como exemplo. Amaral faz um breve histórico da cidade, diz ter mais de cem mil habitantes, um casario do passado, no Vale do Itajaí. Amaral fala da hospitalidade, dos jardins floridos e da elevada produção agrícola da cidade, onde os métodos antigos estariam em declínio com a implementação de uma tecnologia moderna. Segundo ele, a agricultura atualizada com o uso de fertilizantes e sementes otimizou e melhorou a produção na região. Ele enfatiza a necessidade de modernização, de “máquinas em lugar de trabalho manual”, também no beneficiamento. E utiliza a ideia de “imagem de museu” e “do passado” para se referir ao trabalho manual. Imagens da SELETRON na produção de arroz acompanham a fala sobre o pioneirismo cem por cento brasileiro, produto da fibra e do discernimento dos brasileiros.

O foco da reportagem vai então para o Nordeste. As imagens mostram preciosidades da arte sacra brasileira no museu de Aquiraz, no Ceará, onde, segundo Amaral, o patrimônio artístico de santos barrocos é inestimável. Ele informa que o prédio que aparece na imagem tem 132 anos e é onde funciona o museu inaugurado há seis anos. As imagens da reportagem, nessa altura, já mostram um ambiente externo, um pátio, uma cidade pequena, uma igreja no Nordeste,

um prédio, um livro com imagens de santos feitas por artistas anônimos, paramentos, um relicário e um Cristo carregando a cruz recebem um close. Ao som de música sacra, alternam-se imagens de santos, de peças religiosas, uma cruz. As cenas passam para um coqueiro, cocos sendo descascados e pessoas bebendo água de coco. E Amaral fala da nova riqueza, em Cascavel-CE, perto de Fortaleza, onde se cultiva e industrializa o caju, “uma atividade agrícola que se renova”. Enfatiza o desenvolvimento com defensivos o que leva à dinamização da agricultura regional. Ao som de um jazz, aparecem imagens urbanas, prédios, enquanto o texto fecha com uma perspectiva da “agricultura e indústria potencializando riquezas”. Entram os créditos que finalizam o programa, “Fim. Uma produção Plantel. Rio de Janeiro. Brasil.”

É interessante perceber a articulação dessa reportagem, nitidamente *encomendada* à Plantel, com a expansão das atividades da TECNOSTRAL. Apenas vinte dias após a exibição do programa, a coluna de Carlos Swann, n’*O Globo*, anunciava a ida do presidente da TECNOSTRAL, Frank Gevert, aos EUA para estudar aquele mercado e a possibilidade de exportação da seletora para lá.⁷⁰⁹ E após cinco meses, a seção de economia do mesmo jornal anuncia que quatro seletoras eletrônicas de grãos haviam sido embarcadas, antecipadamente, para a Califórnia, num contrato que previa o envio de mais três.⁷¹⁰

Durante todo o programa sobre a máquina seletora, é enfatizada a ideia do potencial criativo dos brasileiros, tanto no sentido de produzir uma máquina “superior” quanto no da capacidade de produção agrícola. Nesse sentido, a reportagem estava integrada à importância da produção agrícola, ligada ao abastecimento, no Programa de Metas e Bases para a Ação do

⁷⁰⁹ Jornal *O Globo*, 28/06/1974, O país, Coluna *Carlos Swann*, p. 4.

⁷¹⁰ Jornal *O Globo*, 19/11/1974, Coluna *O negócio é notícia*, p. 22.

Governo. Esse programa de governo previa em suas ações a implantação de matadouros industriais, a mecanização da agricultura e produção de fertilizantes⁷¹¹.

Como lembram Francisco Vidal Luna e Herbert S. Klein, todo esse incentivo do governo fazia parte de um sofisticado esquema de crédito subsidiado que possibilitou o processo de integração agroindustrial, onde a agricultura representava significativo mercado para a indústria nacional⁷¹². No campo do imaginário social, há uma clara tentativa de valorizar a substituição de vários funcionários que executam manualmente tarefas por apenas um (ou poucos) que operariam uma máquina. Essa substituição é apresentada, acriticamente, de forma positiva, associada ao desenvolvimento e à modernização *inevitáveis*.

Em 1975, Amaral continuou mostrando, em janeiro, possibilidades de turismo em programas sobre a Europa (turismo, história, cultura), e apresentou também o COMIND- Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S.A. Em fevereiro, programas sobre o tema *Brasil Hoje*. Em março, sobre a empresa Yakult, no Brasil desde 1966 e cuja fábrica em São Bernardo do Campo-SP fora inaugurada em 1968. Outros temas de março foram novamente a recém-ocorrida Fusão dos estados do Rio de Janeiro e Guanabara, e outra sobre o estado do Acre.

Reportagens como essa sobre o governo do Acre mostram como era comum que se associasse alguma empresa, como com o banco Bradesco. Isso funcionava também no caso de reportagens sobre instituições, como na reportagem sobre a UEB-União das Empresas Brasileiras, em abril, associada ao Grupo Financeiro Independência como segue:

⁷¹¹ ALMEIDA, Paulo Roberto de. A experiência brasileira em planejamento econômico: uma síntese histórica. In: GIACOMONI, James; PAGNUSSAT, José Luiz. (Orgs.) Planejamento e Orçamento governamental. Coletânea. Vol. 1. Escola Nacional de Administração Pública-ENAP, 2006. Disponível em http://www.enap.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2847 , acesso em 07/11/2013.

⁷¹² LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Op. Cit.*

"AMARAL NETTO, O REPORTER"

Hoje, às 22h40m na Rede Globo, a **cores**, Amaral Netto continua suas aventuras no Acre, com a participação especial do



BRANCO
BRANCO

garantia de bons serviços

713



O Grupo Financeiro Independência e União de Empresas Brasileiras convidam seus clientes e amigos para assistirem ao Programa Amaral Netto o Repórter no dia 21/4, na TV Globo, às 23:00 hs.



A

714

⁷¹³ Jornal *O Globo*, Geral, 10/06/1972, p. 15

⁷¹⁴ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 20/04/1975, p. 8

4.1.2 *Brasil ontem, hoje e amanhã*

De acordo com a listagem do Arquivo Nacional, outro programa exibido em abril de 1975 foi sobre a *Revolução*, embora não tenha sido possível confirmar em que dia isso ocorreu.

Muito provavelmente trata-se do filme *Brasil ontem, hoje e amanhã* (1975) disponível hoje na plataforma da *internet Zappiens*, do Arquivo Nacional, apontado ali como um “Amaral Netto Especial” realizado pela Agência Nacional.⁷¹⁵

No entanto, como o horário normal de apresentação do programa regular *Amaral Netto, o Repórter*, nesse período, era às segundas-feiras às 23 horas, pesquisei na programação publicada na coluna de televisão do jornal *O Globo, Hoje na TV*, nos meses de março e abril/1975 para cotejar essa informação. Como nesses dois meses o programa de Amaral Netto foi exibido sempre no horário regular, pode ser que esse “Amaral Netto, Especial” tenha sido exibido em horário especial que não consta na programação. É curioso que na programação da TV Globo desses dois meses só apareça um evento programado pela Agência Nacional, em comemoração “ao 11º aniversário da Revolução”, precisamente no dia 31 de março, que diz respeito a um *show* comemorativo apresentado por Blota Junior, exatamente no dia que também era exibido, às 23:15h, o programa de Amaral Netto.

⁷¹⁵ *Brasil ontem, hoje e amanhã* (1975). Disponível em: <http://zappiens.br/portal/VisualizarVideo.do? InstanceIdentifier=0& EntityIdentifier=cgiVuE6vJFgLgErqtI93rQ5JfVTF47BciOEI3iFksCEEJU.&idRepositorio=0&modelo=0>, vários acessos 2011, 2012, 2015.

21.00	AGÊNCIA NACIONAL
	Homenagem ao 11.º aniversário da Revolução de 31 de março, apresentada por Blota Júnior. Participação dos artistas: Roberto Carlos, Elizeth Cardoso, Paulo Gracindo, Jacks Klein, Maria Lúcia Godoy, Antônio Carlos e Jocafl, Jair Rodrigues e Coral da Rádio MEC.
22.00	SEGUNDA ESPECIAL
	Apresentando Sérgio Mendes Especial — Viagem. Com a participação de Jorge Ben, Luiz Carlos Vinhas, Luizinho Eça, Paulo Moura, Pedro Paulo, Aurindo e outros. <i>A cores.</i>
23.00	JORNAL INTERNACIONAL
	Resumo das principais notícias do dia, no Brasil e no mundo, com Carlos Campbell. <i>A cores.</i>
23.15	AMARAL NETO, O REPÓRTER
	Documentário. <i>A cores.</i>

716

De toda forma, embora conste no Arquivo Nacional como um “Amaral Neto Especial” realizado pela Agência Nacional⁷¹⁷, como já dito, é importante apontar que na peça de propaganda *Brasil ontem, hoje e amanhã* Amaral Netto não aparece nem em imagem nem em voz nesse filme. Mas consultado seu filho Francisco Sérgio Amaral, este confirma tratar-se de um dos *filmes políticos* feitos pela Planel Editora.⁷¹⁸

Por outro lado, a peça é citada (em julho/1975) numa notícia de jornal, também como parte das comemorações da Semana do Exército de 1975 (normalmente em agosto), sem nenhuma menção a Amaral Netto. O “documentário” *Brasil ontem, hoje e amanhã* teria sido entregue ao comandante do II Exército, general Ednardo D’Ávila Melo, pelo presidente do Banco do Estado de São Paulo, Murilo Macedo, com a finalidade de mostrar “a contribuição das Forças Armadas para a tranquilidade alcançada pelo país a partir de 1964”⁷¹⁹.

⁷¹⁶ Jornal *O Globo*, Cultura, Hoje na TV, 31/03/1975, p. 40.

⁷¹⁷ *Brasil ontem, hoje e amanhã* (1975). Disponível em:

<http://zappiens.br/portal/VisualizarVideo.do? InstanceIdentifier=0& EntityIdentifier=cgiVuE6vJFgLGErqtI93rQ5JfVTF47BciOEI3iFksCEEJU.&idRepositorio=0&modelo=0>, vários acessos 2011, 2012, 2015.

⁷¹⁸ Conforme conversa telefônica entre a autora e Francisco Sérgio Amaral, em 05/11/2015.

⁷¹⁹ Jornal *O Globo*, O País, 12/07/1975, p. 3.

O filme em questão tem 50' 14'' de duração e é narrado, do começo ao fim, pelo então apresentador principal do *Jornal Nacional*, Cid Moreira⁷²⁰. Isso é também um indício do grau de envolvimento da emissora com o projeto autoritário, porque o locutor era, já então, e por 27 anos na bancada do telejornal, uma das marcas mais reconhecidas e identificadas no país com a TV Globo.

O roteiro dessa peça explica didaticamente as dimensões continentais do país em comparação a outros países do mundo, amparando-se em muitos desenhos, dados geográficos, cartográficos e estatísticos. É dedicado “aos jovens” e “àqueles que, aos poucos, foram esquecendo os dramáticos instantes de onze anos atrás, quando o Brasil era outro, era o Brasil de ontem, uma nação no momento histórico de uma gravíssima opção”. E propõe uma volta ao passado, uma espécie de balanço, “sem ódios e rancores, apenas para comparar”, a partir de fartas imagens de notícias publicadas pela imprensa em 1964. Mostra-se ali um passado onde o Brasil “vivia momentos terríveis”: “greves sobre greves”, “ameaça de guerra civil”, “caos quase incontrolável”, “deterioração financeira e econômica”, “indisciplina invadindo os quartéis”, “inflação galopante”. Essa explanação é acompanhada de uma trilha sonora dramática que enfatiza os *riscos e perigos* desse *ontem* aos quais os telespectadores haviam supostamente *escapado*. Sempre apelando “Vocês se lembram?” ao telespectador, o narrador desenvolve por quase dez minutos cada um desses temas com imagens das greves, multidões nas ruas, passeatas, e matérias de jornais, até que as Forças Armadas fossem “intimidadas” a intervir e a “por ordem no caos”, em março de 1964.

Os governos Castello Branco e Costa e Silva são mostrados como resgatadores e organizadores dos ideais e anseios populares; a fala do narrador é acompanhada de uma trilha

⁷²⁰ Cid Moreira, (1927-), foi apresentador do *Jornal Nacional* entre 1969 e 1996. Paralelamente ao trabalho na TV Globo, narrava comerciais e outras peças sempre em *off*, por restrições contratuais. Cf. <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/cid-moreira/trajetoria.htm>, acesso em 05/11/2015.

sonora alegre que inclui *Aquarela do Brasil*, de Ari Barroso; o AI-5 não é mencionado, mas o filme mostra que houve uma “tentativa de liberalização gradual do regime” para a qual o país não estava preparado. Cid Moreira afirma em tom dramático que “ainda não era tempo para isso”. Toda essa parte do texto se ampara em imagens de jovens que supostamente estavam à mercê do “inimigo que estava atento e que voltava à carga servindo-se deles mesmos” com “badernas e arruaças”. Enfatizando que “1968 foi felizmente travado em tempo”, dá-se a entender que o “saldo negativo” foi uma “interrupção do diálogo que poderia ter frutificado, um diálogo nem sempre atendido pelos que ainda não haviam se convencido de que o Brasil de 1968 não era mais o Brasil de ontem”.

A nova etapa com Médici é exaltada com as realizações grandiosas do período previstas no PIN e no I PND. O II PND é enfatizado como continuidade de propósitos e objetivos ao invés do “antigo continuísmo” que o narrador desqualifica como instrumento de manipulação de “lideranças carismáticas” em comparação aos novos procedimentos.

Passando a enfatizar o *hoje* e o *amanhã*, o programa aponta a necessidade de se concretizar “no menor tempo possível”, as aspirações de justiça e de igualdade a partir do governo Geisel. Para mostrar como o governo estava empenhado em promover esse avanço, vão sendo mostrados quadros comparativos entre o que já fora alcançado e o que ainda viria a sê-lo. Fartas filmagens ilustram, sempre desqualificando os dados relativos a 1964 como pífios ou “ridículos”, informações sobre o aço da indústria siderúrgica; da mesma forma, é enfatizada a conquista da tecnologia no complexo hidrelétrico de Urubupungá, que permite prever o que então se planejava para Itaipu; assim também em relação às usinas nucleares de Angra dos Reis; às estradas e projetos para a integração da Amazônia; à indústria automobilística; às vias pavimentadas; aos traçados ferroviários; à frota mercante e naval; à expansão industrial; à criação de empregos, à educação e à saúde.

Percebe-se que muitas das imagens das realizações em curso, assim como as imagens aéreas das grandes obras, parecem ser excertos das reportagens regulares de *Amaral Netto*, o *Repórter*, inclusive as cenas que foram visivelmente filmadas de dentro de helicópteros como era usual no programa. Embora a figura do jornalista não apareça ou sequer seja insinuada, as tomadas são por demais familiares aos telespectadores do programa regular.

Amaral Netto, no entanto, está presente na retórica do texto narrado por Cid Moreira. O texto chega a usar expressões peculiares de Amaral quando enfatiza o combate à “demagogia do passado”, “os falsos nacionalistas”, “aqueles que pretendem intimidar o nosso desenvolvimento” [referindo-se às restrições dos EUA], enquanto apela ao telespectador que “esse documento sincero, honesto, produto de pesquisa, é o documento de um país que se renova e que, por isso, não teme a verdade”. O narrador ainda ressalta a “altivez, a coragem, a brasilidade e a competência” supostamente alcançadas no pós-1964 que, junto com os feitos dos últimos cinco anos, permitem uma otimista projeção para os anos 1980, e no caso das usinas nucleares até o ano 2000. Segundo o narrador, isso também ajudaria o país a enfrentar com menor dificuldade do que outros a crise do petróleo.

Sempre em contraponto a dados supostamente relativos a 1964, a última parte do filme mostra detalhes do que se previa realizar pelo II PND, com muito destaque, inclusive em gráficos, à hipotética distribuição de riqueza pelos habitantes do país, durante o crescimento econômico, assim como o aumento da expectativa de vida e o combate à subnutrição, ao subemprego, às doenças. Também se previa ali o aumento do número de universitários e da pesquisa científica, assim como da educação do país, o que aumentaria o desenvolvimento tecnológico e industrial, criando um “círculo virtuoso”.

Imagens de favelas atestando que “o Brasil não é um paraíso”, que “há muito que corrigir”, dão o tom de um reconhecimento de que ainda “há graves problemas” a serem

resolvidos. O filme assegura que quase a metade dos recursos do II PND visa à “elevação do brasileiro”. Com a utilização de recursos gráficos, são detalhadas as metas desse plano até 1979-80: a erradicação do analfabetismo, o treinamento especializado de trabalhadores, o aumento da oferta de trabalho, a diminuição da miséria, dos desníveis regionais, das endemias. O narrador conclama ao “prosseguimento”, à “crença” num futuro, à “renovação”, e que o telespectador “abra uma janela para o mundo” para que se possa comparar o Brasil com outros países.

Sobre imagens de notícias internacionais sobre atos violentos como sequestros, decapitações, assassinatos, quedas de aviões, imputados a “minorias treinadas, determinadas a liquidar as maiorias, iludindo-as com uma falsa ideologia”, o narrador conclama algumas vezes aos brasileiros: “pense duas vezes, pense bem”. E, no final, num apelo em dramático tom de voz do narrador: “se nosso país ainda não é o paraíso que desejávamos, Deus nos livre de vir a ser o inferno que lá de fora nos mostram em todos os setores do mundo!”. Cerca de quatro minutos são usados para um jogo de imagens onde aproximação e afastamento dessas notícias se alternam, com *closes* nas imagens chocantes e nas palavras de preocupação das manchetes, tudo acompanhado de uma trilha sonora dramática que atinge um clímax e se dissolve finalmente numa trilha alegre e calma que anuncia “o Brasil de amanhã”.

Nas últimas imagens, a tomada aérea de uma apresentação sinfônica na Quinta da Boa Vista (Rio de Janeiro), onde se realizava o *Projeto Aquarius*, evento muito popular que reunia milhares de pessoas ao ar livre para assistir a concertos de música clássica. O narrador exalta a mistura de raças, um suposto comportamento social onde não haveria espaço para ódios e violências devido ao racismo e à intolerância religiosa, supostamente, inexistentes no Brasil; a suposta esperança do povo apesar dos problemas, e uma suposta confiança inabalável no país, “graças a Deus!”.

A peça toda é de cunho explicitamente propagandístico e se utiliza de recursos que beiram à obviedade. Como essas dos últimos minutos onde, enquanto um coral e orquestra sinfônica dão o tom da confraternização nacional, a câmera vai se aproximando até chegar ao centro da apresentação, no maestro regendo, que coincide com o texto que a esta altura fala da confiança que os brasileiros depositam naqueles que conduzem o país.

Mas há algumas observações sobre o filme *Brasil ontem, hoje e amanhã* que é totalmente em preto e branco até os 48' 55'' minutos quando se encerra apoteoticamente ao som de coral e orquestra. Precisamente no último minuto do filme que consta na plataforma Zappiens são apresentados os créditos que supostamente correspondem a essa peça propagandística. Ora, esses créditos estão em filme colorido e não parecem corresponder em nada ao filme em preto e branco até o minuto 48' 55''.

Além disso, a narração é aí creditada a Nilton Valério, com citações de Rubens de Falco, outro ator da Globo, embora a voz do narrador do filme seja de fato a inconfundível de Cid Moreira; da mesma forma, não há citações literárias de Fernando Sabino, Antonil, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e Carlos Drummond de Andrade no texto do narrador, embora constem nos créditos. Além do mais, ali também aparece que o filme é uma realização da Agência Nacional, com fotografia e câmera de André Palluch, quando a maioria das imagens corresponde nitidamente às filmagens de Chucho Narvaez para *Amaral Netto, o Repórter*, ao qual não se dá crédito em momento algum. Aliás, ali também consta como realizador não a Plantel, mas a Cinesul, esta sim uma das produtoras listadas por Carlos Fico⁷²¹ em seu trabalho sobre as peças produzidas para a Aerp/ARP. Assim, penso que é possível que essa última parte (a dos créditos) tenha sido acrescida ao filme em algum outro momento e que não corresponda à peça propagandística original *Brasil ontem, hoje e amanhã*.

⁷²¹ FICO. *Op. Cit.* 1997. p. 185-187

De toda forma, considerando que Francisco Sérgio Amaral reconhece o filme como uma produção da Plantel, é interessante perceber que há uma nítida separação de formatos entre essa peça explicitamente propagandística e as reportagens da série *Amaral Netto, o Repórter*. Não só devido à ausência do jornalista nesse filme, mas porque há um tratamento diferenciado à matéria a começar pelo distanciamento que a presença do narrador em *off* impõe. Não se enfatiza aí os ineditismos, a aventura, os perigos e dificuldades da realização do filme. Trata-se de uma espécie de retrospectiva do ponto de vista dos *revolucionários* para justificar tanto o golpe quanto a instauração da subsequente ditadura. Uma espécie de relatório fílmico dos onze anos de ditadura editado de forma a enfatizar as realizações do regime, numa retórica intimidadora que procura realimentar os temores que fundamentaram em grande parte o apoio ao golpe em 1964.

Mas se em *Amaral Netto, o Repórter* a propaganda aparece inserida na fala e na exaltação dos temas feita pelo próprio jornalista, em tom de conversa, como se estivesse constantemente a apresentar sua opinião pessoal, em *Brasil ontem, hoje e amanhã* é a fala do narrador em *off* que ilustra imagens editadas para dar sentido à mensagem que o regime deseja transmitir.

No entanto, o distanciamento que a fala em *off* pretende provocar é, no caso, enormemente amenizado pela voz familiar do apresentador do *Jornal Nacional* que dá o tom de credibilidade ao “depoimento-verdade”, tanto em relação ao otimismo e esperança que procura incutir, quanto em relação às supostas ameaças ao Brasil e aos brasileiros. Isso não pode ser considerado uma mera coincidência.

Em maio de 1975, Amaral apresentou ainda programas sobre Cabo Frio-RJ, a Ilha de Trindade. Em junho, sobre Angola, Ouro Preto, Cidades Históricas, Costa do Sol. Em julho, um

programa sobre cidades do Brasil, outro sobre o então ministro da Fazenda Mario Henrique Simonsen, e um sobre a PETROBRAS-Petróleo Brasileiro S.A.

Em agosto, sobre a Bolsa de Valores, a NUCLEBRAS- Empresas Nucleares Brasileiras S.A., a ENGEFER-Empresa de Engenharia Ferroviária S.A.⁷²² (*Ferrovias do Aço*), e um programa sobre o Ministério do Exército, em homenagem ao *Dia do Soldado*, (exibido em 25/08/1975, no horário das 21h).

Não é possível reconstruir como Amaral conseguiu exibir o programa no nobilíssimo horário pós-novela das oito, o que só pode ter ocorrido com autorização de Roberto Marinho e/ou da cúpula diretora. O jornal *O Globo* chegou a publicar os votos de “calorosas felicitações pelo brilhante e patriótico programa de exaltação ao Exército brasileiro”, enviado por telegrama pelo comandante da AD-4⁷²³, general Sergio Pires, a Roberto Marinho⁷²⁴.

Em setembro, os temas foram o Sindicato dos Estaleiros, o Banco do Brasil, os rios brasileiros, a EMBRATEL, os empreendimentos imobiliários da empresa Sergio Dourado. Em outubro, os temas foram o Grupo CCN⁷²⁵, material ferroviário, novamente a FAB, a hidrelétrica de Itaipu e o então ministro das Minas e Energia Shigeaki Ueki. Em novembro, novamente o SESC e o tema *Belezas do Brasil*. O ano de 1975 fechou com um programa sobre as *Aventuras de Amaral Netto*, outro sobre a Marinha do Brasil e novamente sobre o BNH.

⁷²² A ENGEFER foi uma subsidiária da Rede Ferroviária Federal, criada pelo Decreto nº 74.242, de 28/06/1974, a destinada a estudar, projetar, construir e fiscalizar empreendimentos ferroviários constantes dos Planos e Programas aprovados pelo Ministério dos Transportes. Em 1984, o Decreto nº 89.396, 22/02/1984, autoriza a Rede Ferroviária Federal S.A. - RFFSA a, mantida a condição de subsidiária, mudar a denominação e objeto social da ENGEFER. Cf. <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-74242-28-junho-1974-422852-publicacaooriginal-1-pe.html>, e <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-89396-22-fevereiro-1984-439846-norma-pe.html>, acessos em 05/01/2014.

⁷²³ AD-4, ou Artilharia Divisionária da 4ª Divisão do Exército era localizado em Pouso Alegre-MG, junto do 14º GAC-Grupo de Artilharia de Campanha.

⁷²⁴ Jornal *O Globo*, O País, 28/08/1975, p. 3

⁷²⁵ Não identificado.

O ano de 1976 começou com reportagens sobre os ministros Simonsen (da Fazenda) (em janeiro e fevereiro) e Reis Veloso (do Planejamento), além de matérias sobre o Rio de Janeiro (*Rio Carioca*) e as cidades históricas do Nordeste. Em março, programas sobre a Receita Federal, e os estados do Ceará e Alagoas, sobre o tema karatê, e sobre a prefeitura do Rio de Janeiro.

Em março/1976, devido à transmissão da cerimônia da entrega do Oscar, no mesmo dia do programa de Amaral Netto, José Bonifácio lhe dirigiu uma carta institucional notificando a não exibição do programa e externando a preocupação pela proximidade das “comemorações da Revolução de 31 de março”. Na carta resposta, Amaral comunicou “estar ciente e de acordo”.⁷²⁶ Isso também mostra o cuidado que a cúpula executiva da TV Globo tinha com o horário destinado a Amaral na emissora. Fosse por receio do poder ou por deferência profissional a Amaral ou ao próprio Roberto Marinho.

Em abril, foram mostradas as cidades de Porto Velho e Manaus, o estado do Piauí. Voltou-se ao tema índios, e a própria empresa de Amaral, a Plantel, foi tema de reportagem.

Nesse mês Amaral Netto conseguiu que o processo que lhe movia o desembargador Diocleciano de Oliveira, por ofensa num programa de 1974 durante a campanha eleitoral, fosse arquivado por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal.⁷²⁷ Mais uma, das muitas polêmicas em que se envolveu o jornalista-deputado.

Em 03 de maio, uma segunda-feira⁷²⁸, foi exibida a reportagem sobre a Pororoca. Este documentário marcava a comemoração das 400 exibições da série. Alcançou, na medição do

⁷²⁶ Carta da TV Globo a Amaral Netto, Plantel Editora, datada de 25/02/1976 e carta de Francisco Sérgio da Cunha, pela Ed. Plantel, à TV Globo, datada do mesmo dia. Acervo Memória Globo.

⁷²⁷ *STF absolve Amaral Neto*. *Jornal O Globo*, O País, 1º/04/1976, p. 8

⁷²⁸ O programa sobre a Pororoca foi reexibido em 30/05/1977, mesmo dia da semana/horário, com 24% no IBOPE.

IBOPE, 34,5% de audiência nessa primeira apresentação⁷²⁹. Focalizava, pela primeira vez na televisão, o fenômeno causado pelo desnível entre rio e mar no deságue do Amazonas no oceano. E é uma das mais lembradas quando se fala do programa de Amaral Netto.

Assim que terminaram as filmagens, e aparentemente ainda muito impactado, Amaral comunicou a Roberto Marinho, por telegrama, a realização da “reportagem inédita e arriscada”, “pela primeira vez no mundo filmado impressionante fenômeno da pororoca”. E que estaria levando “material espetacular” para preparação no Rio de Janeiro.⁷³⁰

Um trecho desse filme, com narração de Amaral anos depois, disponível na *internet* e também no acervo da família Narvaez, permite que se perceba o orgulho na voz do jornalista ao mostrar como essa reportagem foi realizada. Segundo Amaral, essa teria sido até ali “a filmagem mais complicada” que fizeram. Ele sobrevoou toda a extensão do fenômeno da pororoca praticamente pendurado na porta aberta de um helicóptero da FAB, cujo combustível, ele faz questão de frisar, foi pago pela produção do programa. Eles teriam, inclusive, “cometido uma loucura” ao descer num determinado trecho do rio Araguari, num ‘paliteiro’ de enormes troncos derrubados pela força da “pororoca gigante”, o “monstro das mil faces”, correndo o risco de ficarem presos. Amaral ainda se utiliza da familiar comparação com a topografia do Rio de Janeiro. Para ele, a foz o rio se parece com uma boca da largura da praia de Copacabana, de cerca de seis quilômetros, por onde “o rio sobe estupidamente”.⁷³¹

Outro tema abordado em maio foi o Monumento aos Pracinhas (RJ). Em junho, a cheia do rio Amazonas, a ASCB-Associação dos Servidores Civis do Brasil, e ele voltou a falar do estado do Mato Grosso e da ELETROBRAS.

⁷²⁹ Fundo IBOPE. Arquivo Edgar Leuenroth. Unicamp. Campinas.

⁷³⁰ Telegrama de Amaral Netto a Roberto Marinho. S/Data. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

⁷³¹ Trecho do programa *Pororoca do Araguari*. Acervo da família Narvaez.

O programa sobre o Mato Grosso (14/06/1976) suscitou uma publicação paga no jornal *O Estado de S.Paulo*, um *Informe*, onde a acusação mais leve contra Amaral Netto (chamado de “picareta”) e contra a TV Globo (acusada de ter porões nem sempre limpos) era a de que o programa procurava projetar “uma imagem cor-de-rosa da realidade matogrossense”.⁷³²

Em julho, as reportagens foram sobre Manaus, e sobre o carnaval. Em agosto, abordou a região do cerrado, a Foz do Iguaçu, o tema índios, a UEB, além de um programa dedicado ao tema *mordomia*.

Essa reportagem sobre o tema *mordomia* (em 16/08/1976) também causou alguma polêmica na imprensa e no Congresso Nacional, onde Amaral procurou esclarecer posteriormente, na tribuna da Câmara, que não era contra as vantagens “legítimas e insuficientes” a que os deputados federais faziam jus. Na versão de Amaral, a mordomia haveria nascido com a construção de Brasília; na versão d’*O Estado de S.Paulo* sobre o programa, Amaral teria dito que a mordomia começara com o nascimento do Brasil. Amaral e o jornal trocaram acusações sobre a possível “exploração demagógica” em relação a vantagens dos deputados, enquanto a Câmara negou a existência de privilégios. A questão, de fato, não parece ter tido como foco principal quaisquer regalias dos membros do congresso. Amaral aproveitara essa reportagem sobre mordomia para reclamar que “os jornais, tão independentes e que têm tanto poder econômico” não haviam dedicado atenção a uma reunião entre o jornalista e o general presidente Geisel. Para Amaral, os jornais se aproveitavam de *prerrogativas* para “denunciar a tudo e a todos”. Na reportagem feita para a televisão, ao mesmo tempo em que Amaral apontava as vantagens, segundo ele, “legítimas e necessárias” dos deputados deslocados para Brasília, ele defendia como justa a isenção de impostos que os jornais tinham na importação de papel. Mesmo que esses jornais se dedicassem, segundo Amaral, muito mais a anúncios do que a notícias, ele alertava que

⁷³² Amaral Netto: o picareta. Jornal *O Estado de S. Paulo*. 18/07/1976. p. 52

tanto aqueles benefícios dos deputados quanto a isenção tributária dos grandes empresários era um quadro que poderia mudar ao gosto do governo ou de outras pressões.⁷³³

Em setembro, Amaral apresentou programas sobre a *Independência do Brasil*, sobre o Banco do Brasil, sobre a *maré fantasma* da Amazônia, e a SBPE⁷³⁴. Em outubro e novembro uma série de programas sobre o *Paralelo Zero* do Brasil; ainda em outubro, Santa Catarina. Em novembro, novamente a SUDENE, a prefeitura do Rio de Janeiro. Em dezembro, reportagens sobre o Cururu (dança folclórica regional típica do Centro-Oeste), a SUDAM-Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, o INCRA, e o fechamento do ano com uma retrospectiva.

O ano de 1977 começou com a apresentação, em janeiro, dos temas INPS- Instituto Nacional de Previdência Social, ARSA (Aeroportos do Rio de Janeiro S. A.), e ALCARIS [não identificada].

Nesse mesmo mês, Amaral Netto foi apontado pelo jornal *Estado de S. Paulo* por provocar a “reinauguração do debate político” no país. É que, aproveitando um de seus programas desse mês, ele se utilizou da primeira parte e chamou os espectadores para “uma conversa franca e amiga”, que admitia nada ter a ver com o programa que apresentaria a seguir, ou mesmo “com meu chefe Roberto Marinho”. Segundo o *Estado de S. Paulo*, nessa “conversa”, Amaral criticou bastante os Estados Unidos, seus dirigentes e multinacionais “que controlam a opinião pública norte-americana”, e narrou como se defendeu dos ataques de jornalistas estadunidenses “que acusavam o Brasil de depor presidentes, realizar cassações e violar direitos humanos”. Ainda segundo o *Estadão*, Amaral dizia ter lembrado aos jornalistas, a propósito do

⁷³³ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 18/08/1976, p. 5 e 19/08/1976, p. 5 ; Jornal *O Globo*, O País, 19/8/1976, p. 7

⁷³⁴ Parece tratar-se do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo, hoje na Caixa Econômica Federal, mas que era uma iniciativa do Banco Matone, que obteve autorização do Banco Central, em 1967, para operar como distribuidora de valores. O Banco Matone fundiu-se ao JBS, criando o Banco Original (2012?). (fontes: Wikipédia, e Revista Veja/Coluna Ricardo Setti, 16/11/2012).

questionamento de que nos EUA presidentes eram assassinados, que no Brasil, ao contrário, “tudo era feito sem a menor violência”. Amaral recorria sem cerimônia ao mito da história incruenta, desconsiderando episódios de violência na história brasileira.

Na reportagem, realizada no contexto das tensões entre o governo Jimmy Carter e Geisel, ele ainda protestou contra o boicote do café brasileiro feito pelos EUA, contra a sobretaxa dos calçados brasileiros exportados, contra a posição dos EUA no caso do acordo nuclear Brasil-Alemanha, e contra, na sua opinião, o menosprezo que demonstravam em relação ao Brasil enquanto ajudavam, com armamentos, ditaduras como México, Egito e Irã. O interessante é que para a jornalista autora dessa matéria sobre Amaral, ao proceder dessa forma, ele teria reinaugurado o debate político não oficial na televisão, de maneira “espantosa e inesperada”.⁷³⁵

Em fevereiro/1977, Amaral mostrou a história do imposto e o SERPRO-Serviço Federal de Processamento de Dados. Em março, mais programas sobre o Banco do Brasil, sobre o Imposto de Renda, o estado de Minas Gerais.

Nesse ano de 1977, o governo vinha exercendo pressão sobre o Legislativo para conseguir aprovar uma reforma no Poder Judiciário, além de se preocupar com as eleições para governador no ano seguinte, que seriam diretas. Prevendo que o Congresso, onde o MDB agora tinha mais força, não fosse aprovar uma emenda constitucional para manter indiretas essas eleições, o general presidente ordenou o recesso do Congresso em 1º de abril e, por meio do AI-5, ordenou uma série de reformas que incluía a ampliação do mandato presidencial para seis anos⁷³⁶. O “Pacote de Abril”, como ficaram conhecidas essas medidas, provocou uma onda de protestos

⁷³⁵TV “reinaugura” debate político. Liane C. Alves. Jornal O Estado de S. Paulo, Geral, 28/01/1977. p. 9

⁷³⁶ Ver: Pacote de Abril. CPDOC/FGV.

Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/PacoteAbril>, acesso em 12/10/2015.

estudantis⁷³⁷. O ano se caracterizou por manifestos pró-democracia vindos de entidades como a CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (fevereiro), da SBPC- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (julho), da Faculdade de Direito da USP (agosto).⁷³⁸

Em abril, as reportagens de Amaral mostravam como funcionavam submarinos e o DNOS. Também uma reportagem sobre a cidade de Guarapuava-PR. Em maio, os temas foram a FUNAI-Fundação Nacional do Índio, os esportes, o IBC- Instituto Brasileiro do Café, e novamente a *Pororoca*.

Em junho/1977, Amaral mostrou a ABI-Associação Brasileira de Imprensa que, apenas um ano antes, havia sofrido um atentado a bomba, nunca explicado. No *site* da ABI, esse atentado é chamado de “ato terrorista” e 1976 aparece como o ano em que “ABI era uma das entidades da sociedade civil que mais se destacava na defesa das liberdades democráticas”.⁷³⁹ A ABI, aparentemente, não via problema em aparecer no programa *ufanista* de Amaral Netto ao mesmo tempo em que se colocava no campo da resistência⁷⁴⁰.

Nesse mês, Amaral também tratou do tema do *divórcio*. É que, além das reportagens sobre órgãos do governo e empresas (públicas e privadas), Amaral Netto procurava trazer também alguns temas que estavam sendo debatidos na sociedade e no Congresso, como a questão

⁷³⁷ Em maio/1977, 60 mil estudantes entraram em greve na USP, 10 mil foram às ruas pedir a liberação de presos políticos e o restabelecimento das liberdades democráticas, sendo ovacionados pelos populares que também jogavam papel picado sobre eles. O movimento se espalhou com diferentes graus de mobilização para o Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre. (GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 403)

⁷³⁸ NAPOLITANO. *Op. Cit.* 2014

⁷³⁹ ABI. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/historia/fatos-que-marcam-a-abi/>, acesso em 27/05/2014.

⁷⁴⁰ Lembro que a ambivalência estruturou a instituição nos dez primeiros anos de atuação, como já demonstrou ROLLEMBERG, Denise. As *trincheiras* da memória. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974). In: ROLLEMBERG; QUADRAT (Orgs.). *Op. Cit.* 2010. p. 97-144

do divórcio. Apenas dias antes dessa reportagem exibida em 27/06/1977, o projeto de emenda constitucional proposto pelo senador Nelson Carneiro (MDB) havia sido aprovado numa sessão dividida entre *divorcistas* e *antidivorcistas*, onde a questão não era unânime nem na Arena nem no MDB.⁷⁴¹ Amaral Netto votava com os *divorcistas*, desde a sessão de 8 de maio/1975, na qual a emenda não havia passado por não ter alcançado os dois terços necessários ao quórum.⁷⁴² Essa posição de Amaral pró-divórcio mostra como compromissos políticos e afinidades ideológicas não andavam sempre juntos a interesses pessoais. Amaral Netto, ele mesmo separado do primeiro casamento, provavelmente desejava como tantos outros brasileiros ter o direito de divorciar-se. Ainda mais porque já vivia havia anos uma segunda união, inclusive com filhos.

Seguiram-se, em julho/1977, os assuntos Centros Sociais Urbanos, ACESITA (empresa que operava com aço), CINDACTA-Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo - que suscitou o tema dos discos voadores, e ainda um programa sobre acidentes de trabalho. Em agosto, EMBRATUR, Instituto Oswaldo Cruz, a usina hidrelétrica de Tubarão. Em setembro, a Marinha, a produtividade agrícola, e novamente os acidentes de trabalho. Em outubro, Amaral falou de ecologia, do Instituto Butantan, da *Operação Amizade*, e seguiu, em novembro, com a Escola Naval, a Amazônia e o Pantanal, além da COMLURB-Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro. No último mês de 1977, Amaral Netto ainda trouxe aspectos da cultura brasileira, além de falar sobre o ferro e o aço no Brasil, e sobre a arquitetura brasileira.

No ano de 1977 o programa atingiu a marca dos nove anos de exibição (em maio), o que mostrava um fôlego raro em televisão. Mantendo a mesma arquitetura, praticamente repetindo

⁷⁴¹ Jornal *O Globo*, O País, 16/06/1977, p. 3

⁷⁴² Congresso Nacional já está debatendo o divórcio. Jornal *O Globo*, O País, 15/06/1977, p. 8.

muitos dos temas, voltando sempre à valorização do empenho modernizante e desenvolvimentista do governo federal, assim como à exaltação dos empreendedores nacionais, Amaral mantinha seu programa no ar, duas vezes por semana. Essa vitória foi divulgada num grande anúncio nos jornais (ver Anexo 2), onde a Plantel fazia um balanço sobre a quantidade de horas filmadas e do equipamento empregado para a realização do programa. Cada programa era exibido 30 vezes no complexo da Rede Globo no Brasil inteiro. O anúncio comemorativo concluía, ufanisticamente, que os problemas e injustiças ainda por corrigir no país, não poderiam ser resolvidos “nem com pessimismo nem com negatividade”⁷⁴³.

No ano seguinte, o programa voltou a ser exibido aos domingos à noite.

⁷⁴³ Jornal *O Globo*, 25/05/1977, Matutina, O País, p. 3 (Ver Anexo 2, p. 383)

4.2 Amaral Netto, o Repórter – os últimos anos

1978 foi o ano em que o então senador Magalhães Pinto (Arena), um dos mentores do golpe em 1964, foi ovacionado quando entrou na fictícia discoteca *Dancing Day's* da novela de enorme sucesso do horário nobre da TV Globo. Entre as liberdades que se podia tomar então na ficção, a fala da personagem da atriz Joana Fomm: “Mas senador, o Senhor estava dizendo o quê? Abertura de quê?”⁷⁴⁴

Enquanto a ideia da abertura política seguia *lenta, gradual e segura*, o programa de Amaral Netto em 1978 seguia com a mesma pauta de sempre. Agora de volta aos domingos à noite. As reprises aos sábados de manhã seguiam igualmente.

Ele começou o ano falando do tema açúcar, e do então Território Federal de Rondônia, do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha-CIAGA e do Banco do Brasil. Em fevereiro, Amaral mostrou o PRODECOR-Programa Nacional de Desenvolvimento de Comunidades Rurais, e uma reportagem sobre pedras e grutas. Em março, uma reportagem sobre o tema iluminação e outra sobre Imposto de Renda. Em abril, ele focalizou a região do Cerrado, os estados de Pernambuco e do Maranhão⁷⁴⁵ e o tema índios. Em maio o tema foi a Caixa Econômica Federal.

Também em maio/1978, Amaral mostrou pela primeira vez na televisão o Atol das Rocas (RN), local que foi transformado no ano seguinte em Reserva Biológica da Marinha por ordem

⁷⁴⁴ *Dancing Days*, Capítulo 32. Canal Viva, 13/05/2014. (exibida originalmente na TV Globo de 10/07/1978 a 27/01/1979, Cf. GUIA ILUSTRADO TV GLOBO, novelas e minisséries / Projeto Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.)

⁷⁴⁵ Filme assistido em DVD adquirido do colecionador José Maria Gobbo.

do general presidente Figueiredo⁷⁴⁶. Esse documentário sobre o Atol das Rocas, assim como *Pororoca*, também foi analisado por Thales de Andrade. De acordo com esse autor, ambos os episódios, produzidos entre 1976-78 (que ele considera o período áureo da Plantel), mostram a natureza de forma “grotesca” e dentro de uma estética colonizadora. Andrade avaliou que Amaral documentou o Atol das Rocas como se fosse “uma boca devoradora”, “um espaço totalmente inculto, definido pelo seu vazio”, “um buraco hostil que suga e incorpora seus exploradores”. Segundo Andrade, embora reverencie a grandiosidade do que está vendo, Amaral caracterizou o Atol, principalmente, como uma *ilha do nada*, em detrimento do riquíssimo bioma local, enfatizando a ausência de *civilização* humana (e de suas consequências), totalmente de acordo com o pensamento civilizatório vigente durante o regime autoritário. Outra crítica de Andrade ao documentário é a intensa participação da corveta da Marinha e da baleeira que funcionava como bote de ligação, além de outros equipamentos, que passam a coadjuvantes de todo o processo de filmagem, todos tão importantes quanto o arquipélago documentado.⁷⁴⁷

Na listagem do Arquivo Nacional constam ainda como exibidas em julho/1978, as reportagens sobre o governo de São Paulo, sobre o estado de Alagoas e do Rio de Janeiro. Em agosto, o programa focalizou o Exército, o Banco do Brasil (Carteira de Comércio Exterior - CACEX), e o estado do Espírito Santo. Em setembro, Amaral continuou mostrando o tema São Paulo a partir da ótica do pioneirismo com uma série de reportagens intitulada apropriadamente de *Os Pioneiros*, sendo o terceiro dessa série sobre a FAB, já em outubro. Também em outubro, foi mostrada a hidrelétrica de Itaipu, e uma reportagem sobre o tema Educação. Em novembro, Amaral mostrou o estado da Bahia; em dezembro, uma temática sobre áreas de lazer.

⁷⁴⁶ Decreto Nº 83.549, de 05/06/1979. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-83549-5-junho-1979-432853-norma-pe.html>, acesso em 12/10/2015.

Na mesma ocasião, Figueiredo criou mais dois parques nacionais, o Parque Nacional da Serra da Capivara (PI) e o Parque Nacional do Pico da Neblina (na região amazônica). Jornal *O Globo*, 31/05/1979, p. 8.

⁷⁴⁷ ANDRADE, Thales. *Op. Cit.* 1994. p. 116-128.

Segundo Carlos Tourinho, Amaral chegou a entrevistar Glauber Rocha em 1978 num programa sobre cinema brasileiro⁷⁴⁸ que consta na listagem do Arquivo Nacional como exibido no ano seguinte (abril).

Mas o ano de 1978 havia sido também um ano eleitoral. Amaral concorreu à reeleição como deputado federal, na qual acabou ficando apenas com uma suplência, o que significava, na prática, uma derrota nas urnas. A revista *Veja* festejou o “falecimento político” de Amaral, relembrando as antigas trocas de acusações entre a revista e o jornalista-deputado, além de aproveitar para criticar sua atuação parlamentar.⁷⁴⁹

Assim como haviam concluído Walter Clark (citado por Kehl⁷⁵⁰) e Santuza Naves Ribeiro&Isaura Botelho⁷⁵¹ ainda no calor dos acontecimentos da década de 1970-80, Thales de Andrade atribuiu essa derrota eleitoral de Amaral Netto aos novos ventos da Abertura e à falta de situações que tornassem possível sua habitual crítica contundente.⁷⁵² Isso pode ter sido uma conclusão precipitada já que muitos políticos identificados com a ditadura se re(elegeram) nessa eleição. Além disso, na eleição seguinte (1982) Amaral se reelegeu como deputado federal, voltando ao Congresso como líder do PDS ao qual havia se filiado com o fim do bipartidarismo. E posteriormente, como já exposto, Amaral ainda se reelegeu (1987) e atuou como deputado constituinte (1988), e deputado federal (1991 e 1995).

⁷⁴⁸ Entrevista de Carlos Tourinho ao Jornal Mossoroense-RN. Cf. <http://www2.uol.com.br/omossoroense/141106/conteudo/entrevista.htm>, acesso em 20/07/2014.

⁷⁴⁹ *Já vai tarde*. Revista *Veja*, nº 534, 29/11/1978, p. 26.

⁷⁵⁰ KEHL, Maria Rita. Eu vi um país na TV. In: COSTA, Alcir Henrique da; SIMÕES, Inimá Ferreira; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986. p. 250

⁷⁵¹ RIBEIRO, Santuza Naves; BOTELHO, Isaura. A televisão e a política de integração nacional. In: CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. *Op. Cit.* 1979-80. Nota 25.

Este livro foi republicado em: NOVAES, Adauto (Org.). Anos 70. Ainda sob a tempestade. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora&Senac-Rio, 2005. Nessa edição o texto de Ribeiro&Botelho, p. 479, Nota 11.

⁷⁵² ANDRADE. *Op. Cit.* p. 54

O fato é que Amaral Netto vivia nesse período eleitoral de 1978 um delicadíssimo momento pessoal devido a uma difícil e tumultuada situação em razão das consequências da separação em seu segundo casamento⁷⁵³. Angela Amaral, sua terceira esposa, lembra que ele vivia sob intensa pressão emocional, em muito agravada pela perda da posse do apartamento em que o casal morava, e que havia sido comprado por meio de financiamento bancário com que não mais podiam arcar. O estresse emocional à conta dos problemas decorrentes da separação, e a perda material tanto do imóvel quanto do valor até ali investido, o levou a ter problemas de saúde. Sem condições de se concentrar devidamente na campanha eleitoral de 1978, como sempre fizera até então, ele conseguiu votos apenas para a suplência, ou seja, perdeu a eleição.⁷⁵⁴ Iniciou-se aí um período atípico para Amaral Netto. Em 1979, pela primeira vez em 19 anos, ele não exerceria um mandato parlamentar.

O período sem mandato fez com que ele exercitasse outras habilidades. Amaral ampliou o leque da Plantel Editora que passou a se dedicar também ao turismo. Paralelamente, ele continuou com o programa exibido pela TV Globo, aos domingos, às 23h. Angela Amaral conta que ele organizava viagens baseado na vasta experiência acumulada ao longo dos anos. Quando necessário, ele chegou a carregar malas de turistas que com ele viajaram.⁷⁵⁵

Há inúmeros anúncios em jornais, nesse período, divulgando a atividade turística da Plantel Editora, então chamada de *Plantel Turismo*, onde Amaral oferecia um *turismo verdade* ou *turismo personalizado*, embora não tenha sido possível averiguar o impacto financeiro dessa nova atividade. Os roteiros oferecidos remetiam aos programas da série *Amaral Netto*, o

⁷⁵³ Trata-se da união com Irene Waltraut Orwert, mãe de dois dos filhos de Amaral Netto, Ludmila e Lucien Orwert Amaral. A segunda ex-mulher de Amaral Netto faleceu em novembro/1980, em São Paulo, em consequência de hipertensão arterial, conforme noticiado no jornal *O Globo*, de 19/11/1980, p. 5. Conforme a mesma notícia, ela era ex-bailarina e relações públicas. Conforme o jornal *O Globo* de 14/06/1963 (capa e p. 13) e de 17/06/1963 (p. 4), ela havia concorrido, como representante do *Governador Iate Clube*, no concurso de *miss Guanabara*, no RJ.

⁷⁵⁴ Depoimento de Angela Adnet Amaral à autora, Rio de Janeiro, em 1º/08/2014.

⁷⁵⁵ Depoimentos de Angela Adnet Amaral à autora, Rio de Janeiro, em 30/04/2011 e em 1º/08/2014.

Repórter: Cidades Históricas, o Brasil histórico do Norte, do Nordeste, São Paulo e as Cataratas de Foz do Iguaçu, mas também incluíam a Europa, a Disneylandia, o Caribe.⁷⁵⁶

Na televisão, as reportagens seguiam. A página da programação televisiva do jornal *O Globo* mostra a regularidade das apresentações aos domingos à noite com reprise aos sábados pela manhã, embora os temas dos programas não sejam ali anunciados.

Na listagem do Arquivo Nacional, temos a relação de alguns desses temas associados a datas. Em janeiro de 1979, as reportagens foram sobre os temas danças, reflorestamento, e Secretaria de Saúde. Encontramos ainda os programas sobre Cinema Nacional, em abril; sobre Itaipu e um sobre o tema panorama ecológico, em junho; sobre os temas energia (*Energia, Independência ou morte*) e inflação (*Você e o seu dinheiro*), em julho; em agosto, outro programa sobre a CACEX; e, em outubro, sobre crédito rural.

Sobre o ano de 1980, consta uma retrospectiva, logo no começo do ano, em janeiro; e programas sobre a Receita Federal I (julho), o Paraná (julho), a Receita Federal II (agosto), o Censo de 1980 (IBGE), em setembro. Em 1981, o programa chegou a ser exibido em fevereiro numa segunda-feira à noite, às 23:35h.⁷⁵⁷

Nesse período, embora sempre fossem (re)apresentados aos sábados pela manhã, os programas parecem ter sido exibidos erráticamente ao longo do ano. De acordo com a programação de televisão publicada no jornal *O Globo*, houve duas apresentações noturnas aos domingos em janeiro e fevereiro, com reprises aos sábados. De março a agosto, somente uma também com reprise. Nenhuma em setembro. Uma apresentação noturna mensal novamente de outubro a dezembro, às segundas-feiras, com reprise aos sábados. Segundo Angela Amaral,

⁷⁵⁶ Jornal *O Globo*, Seção Automóveis e Turismo, 25/06/1981, p. 2

⁷⁵⁷ Jornal *O Globo*, 09/02/1981, Cultura, p. 26

essa atitude da Globo em relação à exibição do programa era fator de geração de angústia para Amaral.⁷⁵⁸

Mas é curioso perceber que, mesmo sem mandato, mesmo sem o suposto *padrinho* Orlando Geisel (falecido em 1979), Amaral continuou na grade da programação, embora não tenha sido possível levantar como era a negociação do horário com a cúpula da emissora. Isso parece indicar que, embora o país estivesse em processo de abertura política, ainda atuavam as forças que davam sustentação aos *ideais revolucionários* com os quais o programa e Amaral francamente se identificavam. Com efeito, Maud Chirio mostra como funcionavam as tensões internas entre a presidência e setores particularmente extremistas dos órgãos repressivos, ainda durante o governo Médici, e depois na oposição (militar) da “comunidade de segurança” ao governo Geisel⁷⁵⁹.

Os últimos anos do programa coincidiram com o governo do general presidente João Figueiredo, cuja indicação à sucessão havia sido feita por Geisel. Iniciava-se ali o fim da vigência do AI-5. Ex-chefe do poderoso SNI sob Geisel, Figueiredo foi o tutor militar cuja missão era implementar ações para a transição do regime autoritário para a democracia. Foi aprovada a Lei da Anistia (1979), exilados retornaram ao país, presos políticos foram libertados. Com o fim do bipartidarismo compulsório, fundaram-se novos partidos políticos, retornaram as eleições diretas para governadores de estados (1982).

Por outro lado, militares radicais e descontentes com a abertura política realizaram atos terroristas como a carta-bomba enviada à OAB-RJ (1980) e o atentado à Câmara Municipal do Rio de Janeiro (1980), e uma tentativa de explodir uma bomba no *show* de comemoração do 1º de

⁷⁵⁸ Depoimento de Angela Adnet Amaral à autora, em 1º/08/2014, Rio de Janeiro.

⁷⁵⁹ CHIRIO. *Op. Cit.* p. 165-196

maio, no Riocentro no Rio de Janeiro (1981).⁷⁶⁰ Durante o ano de 1980 ainda houve pânico em várias cidades brasileiras onde bancas de jornais eram incendiadas durante a noite, o que provocou também uma crise de distribuição dos jornais alternativos⁷⁶¹.

Na área econômica, o país ainda vivia as consequências de uma política de empréstimos que tentava sustentar a economia após o fim do milagre (1973). A crise mundial do petróleo em 1979 desencadeou o aumento das taxas de juros internacionais, até que a dívida externa brasileira obrigou o país a recorrer ao Fundo Monetário Internacional-FMI (1982). A grave crise econômica afetava vários setores: o índice de desemprego subia, o PIB tinha desempenho fraco gerando recessão, a inflação crescia cronicamente (entre 1983 e 1985 chegou a 200% ao ano), houve inúmeras greves por melhoras salariais, principalmente na região do ABC paulista, reprimidas violentamente pelo governo. Tudo isso aumentava a tensão interna, com insatisfações cada vez maiores, e anseios por mudanças no campo político.

Na televisão, a partir de maio de 1981 a 1985, como já mencionado, o programa *Amaral Netto, o Repórter* mudou de nome para *Brasil, terra da gente*. Deixou de ser exibido à noite, passando exclusivamente para os sábados pelas manhãs, às 11h, fixando-se depois às 9:30h. Exibidos até 23 de fevereiro/1985⁷⁶², os programas passaram a ter formato diferente.

⁷⁶⁰ A carta-bomba enviada a OAB matou a secretária, D. Lida Monteiro da Silva, em 20/08/1980. Era endereçada ao presidente da entidade, Eduardo Seabra Fagundes, num momento em que a OAB estava envolvida na luta pelo fim do regime autoritário. A Comissão da Verdade, CEV-Rio, após dois anos de investigação, apontou como responsável pela entrega da bomba, a partir de depoimentos de uma testemunha, o sargento paraquedista do Exército Magno Cantarino Mota, conhecido pelo codinome de Guarany. O sargento Guilherme Pereira do Rosário confeccionou o artefato. A ação teria sido coordenada pelo coronel Freddie Perdigão Pereira, já falecido, que trabalhou no Centro de Informações do Exército (CIE) - núcleo de inteligência ligado ao gabinete do ministro do Exército durante a ditadura. Cf. <http://www2.oabpr.org.br/Noticias.aspx?id=21882>, acesso em 24/09/2015.

A bomba que explodiu na Câmara Municipal do RJ feriu várias pessoas e cegou e mutilou o servente José Ribamar. A explosão no Riocentro ocorreu, mas no carro dos agentes militares que preparavam o artefato, matando um deles, o sargento Rosário que montava o explosivo. Nesse caso, a CEV apurou, também por meio de testemunhos, que a ordem para o atentado partiu do mesmo grupo coordenado pelo coronel Freddie Perdigão Pereira. As informações foram prestadas pelo ex-delegado Claudio Guerra e pelo militar aposentado Emanuel Pontes.

⁷⁶¹ NAPOLITANO. *Op. Cit.* 2014. p. 295

⁷⁶² Jornal *O Globo*, Segundo Caderno, 23/02/1985, p. 8.

Não é possível estabelecer com certeza as razões da mudança do título do programa. Permanece aberta a questão sobre os porquês da retirada do nome de Amaral Netto, embora se possa tentar inferir uma tentativa de dar nova roupagem ao produto. A mudança parece ter coincido com a saída de Chucho Narvaez da Plantel após doze anos de colaboração, conforme a biografia disponibilizada no Memória Globo⁷⁶³, embora uma nota de jornal em 1999 mencione dez anos⁷⁶⁴.

Mas essa mudança parece coincidir também com a disposição emocional de Amaral, segundo conta Carlos Tourinho, já que após perder as eleições de 1978/79, ele se abatera. A própria Plantel foi realocada para uma casa menor no mesmo bairro de Botafogo-RJ, e o programa “passou a ser dirigido pelo ex-assistente de câmera, o português Cesário”. Tourinho ainda acrescenta que quando Amaral voltou a se reeleger em 1982 “deixou tudo aqui e vai morar em Brasília. Não se interessou mais pelo programa que continuou com ele fazendo apenas as apresentações, não viajava mais com a equipe.”⁷⁶⁵

É possível que certo desinteresse tenha relação com o fato de que o desenvolvimentismo dos anos do milagre econômico, com o qual grande parte das reportagens se identificava, estivesse em grave crise. Nessa fase da Plantel, não eram mais produzidos programas inéditos e havia grande reaproveitamento dos materiais filmados do acervo, sobre os quais Amaral fazia então comentários e lembranças. Afastado de fato da Plantel, Amaral Netto deixou a gerência para os três filhos, João Batista, Fidélis e Francisco Sérgio Amaral.

Na listagem do Arquivo Nacional constam apenas dois programas desse período: em fevereiro/1981, sobre o IBGE, e sobre a BENFAM-Fundação da Sociedade Civil Bem Estar

⁷⁶³ Cf. MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-262393,00.html>, acesso em 08/01/2013.

⁷⁶⁴ Jornal *O Globo*, Rio, Seção Pessoas, 5/02/1999, p. 14

⁷⁶⁵ Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail, em 2/09/2014.

Familiar no Brasil⁷⁶⁶, não tendo sido possível levantar na programação de TV dos jornais o detalhamento dos conteúdos das demais reportagens.

Na versão *Brasil, terra da gente* Amaral Netto aparecia sentado a uma escrivaninha, mostrando cenas e partes de suas aventuras dos anos 1970, relatando como aquelas reportagens haviam sido realizadas e narrando curiosidades sobre os documentários. Trechos de programas dessa fase⁷⁶⁷ mostram como a voz de Amaral tinha alcançado uma entonação de maior tranquilidade. Ele narrava ali, com muita calma, aspectos das antigas *aventuras*. Nesse sentido, essa versão pode ter funcionado como uma forma de forçar (ou facilitar) ao melhor entendimento de acontecimentos passados, inclusive, como instrumento de algum “rearranjo” da memória coletiva e, por que não, da memória nacional, na forma proposta por Michael Pollak⁷⁶⁸.

A essa altura, os telespectadores que assistiram ao programa quando muito jovens já eram pelo menos dez anos mais velhos. Cabe interrogar se as reportagens no formato de documentários produzidos para *Amaral Netto, o Repórter*, e revisitados como *Brasil, terra da gente*, também tiveram algum poder de rearranjar aquele passado recente no qual e para o qual foram criados e qual foi esse alcance.

Já no que se refere aos valores identificados com a ditadura, simbolicamente, Amaral não parecia ter perdido o prestígio entre os militares. O jornal *O Globo* informa que

⁷⁶⁶ A BENFAM foi reconhecida como instituição de utilidade pública pelo decreto nº 68.514/71 e existe hoje ainda. É presidida pelo administrador e médico Vitor Sérgio Couto dos Santos, contratado pelo Grupo Fleury para dirigir a Medicina Diagnóstica Regional (RJ), à frente das marcas Helion Póvoa, Maiolino, Centro de Mastologia e Daflon (esta de Niterói). Ele já foi executivo no Instituto Hermes Pardini, presidiu a Unimed Amparo, e foi diretor na Unimed Paulistana (Cf. <http://www2.uol.com.br/canalexecutivo/notas10/0303201014.htm>, acesso em 18/01/2014). A BENFAM atua “em âmbito nacional desenvolvendo atividades voltadas à promoção da assistência social básica e especial para a defesa e promoção dos direitos sociais, socioambientais, sexuais e reprodutivos, individuais e coletivos, contribuindo para o desenvolvimento social e para a melhoria da saúde, ampliando o acesso da população em especial de grupos socialmente mais vulneráveis- a produtos e serviços.” Cf. disponível em <http://www.grupobemfam.org.br/bemfam/>, acesso em 18/01/2014.

⁷⁶⁷ Fragmento obtido no *youtube* e trecho do programa, DVD compilado do acervo da família Narvaez.

⁷⁶⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, v.2, nº 3, 1989.

O presidente Figueiredo, que estava gripado, abriu o Palácio do Planalto para assistir, a sós com o ex-deputado Amaral Netto, o documentário que ele produziu e que viajará com o presidente, intitulado “*Brasil, Terra da Gente*” de que o presidente gostou muito.⁷⁶⁹

E quando recomeçou a campanha eleitoral de 1982, para a legislatura 1983-1987, Amaral Netto voltou a ser recebido pelo general presidente Figueiredo. Nessa audiência de 35 minutos, “para examinar questões das eleições”, Figueiredo afirmou “que ficaria muito feliz com a sua candidatura a deputado federal, pois com as lutas que teremos de travar, você será um parlamentar muito valioso para meu Governo e para a Revolução”⁷⁷⁰.

Embora pareça totalmente à margem do processo de Abertura, a essa altura já melhor consolidada, esse discurso cabia perfeitamente na idiosincrasia desse processo. O país havia deixado de ser regido pelas leis de exceção, mas ainda não possuía nem um governo democrático nem uma constituição equivalente, como bem lembrou Aarão Reis⁷⁷¹.

Amaral acabou conseguindo se eleger deputado federal, pelo PDS, para a legislatura que começava em 1983. O ano seguinte, 1984, foi o do movimento das *Diretas Já*, a campanha nacional pela volta das eleições diretas para a presidência. Amaral Netto engajou-se na campanha do deputado Paulo Maluf à presidência civil, mas indireta.

Então vice-líder do PDS, Amaral entrou em colisão com o líder do partido, Nelson Marchezan, que chegou a denunciá-lo no STF por calúnia e difamação⁷⁷². Nessa altura, o PDS já implodia. Havia quatro candidatos disputando no partido, além de parte de seus integrantes que

⁷⁶⁹ Jornal *O Globo*, Coluna Ibrahim Sued, 24/01/1981, p. 26

⁷⁷⁰ *Figueiredo quer Amaral Netto como candidato*. Jornal *O Globo*, Rio, 18/03/1982, p. 13, transcrito do jornal *Última Hora*, 17/03/1982.

⁷⁷¹ AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.125

A esta altura, como lembra o autor, já se restabelecera a liberdade de imprensa, os tribunais voltaram a funcionar regularmente, restabelecera-se o estatuto do *habeas corpus*, da vitaliciedade e da inamovibilidade, o pluralismo partidário e sindical; além disso, o autor ressalta o reconhecimento de eleitos de diferentes partidos, os poderosos movimentos sociais, as manifestações políticas e a inexistência de presos e de exilados políticos. (p. 125-126)

⁷⁷² Jornal *O Globo*, O País, 18/12/1984, p. 2

insistiam no apoio à candidatura de Tancredo Neves, concorrente pelo PMDB. Disputavam os apoiadores do então vice-presidente Aureliano Chaves, os de Marco Maciel, os governadores que apoiavam o Ministro do Interior Mario Andreazza, e os apoiadores do deputado Paulo Maluf. Em abril, foi derrubada a emenda Dante de Oliveira (*Diretas Já*). Em junho, a oposição lançou a candidatura de Tancredo Neves. Em julho, as candidaturas de Aureliano e Maciel foram retiradas no PDS e os dissidentes fundaram o Partido da Frente Liberal (10 senadores e 63 deputados federais) que apoiou Tancredo. Em agosto, Amaral Netto era vice-líder do PDS e afirmava que Maluf ganharia de Andreazza.⁷⁷³

Um ponto a ser melhor explorado seria a razão do apoio de Amaral a Maluf, considerando-se a enorme admiração que parecia nutrir por Andreazza, embora isso, provavelmente, nem tenha sido uma questão para ele se consideramos o apoio imediato de Delfim Netto⁷⁷⁴, do mesmo grupo político de Amaral Netto, à candidatura Maluf.

É notório que Amaral Netto se posicionava contra *as Diretas*. No acalorado debate na Câmara sobre o assunto, ele insistia em lembrar comportamentos passados de políticos que ainda atuavam, como a ida de deputados de Brasília ao Rio de Janeiro, em 5 de abril/1964, para entregar ao *Comando da Revolução* “as sugestões do Congresso para institucionalizar a Revolução”. Defendendo sua posição, Amaral argumentava sobre essas responsabilidades passadas. E queria demonstrar que “nós todos fomos um pouco responsáveis por algumas coisas que aconteceram neste país” o que incluiria outros parlamentares, inclusive Ulysses Guimarães, o então *Senhor Diretas*.⁷⁷⁵

⁷⁷³ Jornal *O Globo*, 9/8/84, p.2, Ibrahim Sued.

⁷⁷⁴ Ver entrevista de Delfim Netto em: DINES, Alberto; FERNANDES JR, Florestan; SALOMÃO, Nelma. (Orgs.). *Histórias de Poder. 100 anos de política no Brasil*. Vol 2: Ecos do Parlamento. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 196).

⁷⁷⁵ LEONELLI; OLIVEIRA. *Op. Cit.* p. 578-582

E não apenas essa atitude das lideranças de 1964 era incomodamente escancarada por Amaral em 1984, mas também a reduzida margem de aprovação com que contou a Lei da Anistia em 1979 (206x201votos). Segundo Amaral, isso se devia ao medo que tinham quase todas as lideranças “de que os líderes [exilados] mais fortes voltassem e ocupassem seus lugares”⁷⁷⁶.

Como se sabe, a emenda Dante de Oliveira, embora contasse com amplo apoio popular e tivesse, no congresso, ampla maioria a favor (298 votos), não alcançou o quórum legal para maioria absoluta na votação de 26/04/1984. Não compareceram à votação 113 deputados que preferiram “se eximir da batalha parlamentar e do contraditório, da exposição em plenário naquele contexto e do registro nos anais do Congresso Nacional que ficam para a História”, como bem lembrou Lucia Grinberg⁷⁷⁷. Amaral Netto não se furtou à exposição pública de suas posições: estava entre os 65 deputados que votaram contra essa emenda.

Mas o governo do general presidente Figueiredo estava no final. A transição iniciada com Geisel se consumaria com a posse de José Sarney em março/1985, que assumiu o lugar após a morte inesperada de Tancredo Neves.

O programa de Amaral Netto na TV Globo ainda durou até fevereiro/1985. O último tema apresentado foi um programa sobre o funcionamento da Secretaria da Receita Federal, apresentado como órgão controlador dos impostos arrecadados no país⁷⁷⁸.

Mesmo após o fim do programa, ele conseguiu reeleger-se deputado e acabou participando da Assembleia Nacional Constituinte iniciada em 1987. A reeleição mostra que seu prestígio político e sua legitimidade não dependiam exclusivamente de sua exposição na televisão, ainda que, depois de tanto tempo, o nome de Amaral Netto estivesse irremediavelmente

⁷⁷⁶ *Idem.* E também: Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados.

⁷⁷⁷ GRINBERG, Lucia. Por um “futuro visível do país”: a campanha das diretas na Coluna do Castello. In: QUADRAT, Samantha (Org.). *Não foi tempo perdido*. Os anos 80 em debate. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 34-56

⁷⁷⁸ Jornal *O Globo*, Segundo Caderno, 23/02/1985, p. 8.

associado e identificado ao programa. Mas mostra também que os valores associados àqueles anos de autoritarismo encontravam em Amaral um ponto de identificação que não morreu com o fim da ditadura.

As reportagens de Amaral Netto mostram que, sem sombra de dúvida, a imparcialidade era (e é) uma ilusão. Além disso, é quase impossível desvincular o jornalista do político Amaral Netto e menos ainda do programa *Amaral Netto, o Repórter*. Mesmo enquanto se encontrava sem mandato. O fato de ele continuar exibindo o programa na TV Globo durante esse período mostra a influência que ele (e o grupo a que pertencia) tinha. Tratava-se, no mínimo, de uma pessoa com trânsito com o próprio general presidente.

A atuação e improvisação de Amaral pautavam intensamente as reportagens, embora as matérias tivessem roteiros e extensas pesquisas prévias, como afirma uma das roteiristas do programa, Maria Alice Quilleli⁷⁷⁹. A certa altura, não chega mais a causar estranheza vê-lo incluir eventuais comentários sobre sua atuação como deputado ou, espontaneamente, comparar ou elogiar as realizações do governo federal, dos militares, dos empresários, ou de setores em cujas práticas identificasse um movimento no sentido do desenvolvimento do país, ou dos valores propagados pelo regime. Ou mesmo comprar brigas com o TRE e com a revista *Veja*.

Como em outras áreas, também no jornalismo as escolhas determinam o produto final. Retomando Nilson Lage e a distinção entre *notícia* e *informação*, as reportagens de Amaral Netto procuravam reforçar os elementos de ineditismo, intensidade e atualidade que caracterizam a *notícia*, mas procuravam aliá-los à intenção da qual decorre uma *informação*, de uma “visão

⁷⁷⁹ Depoimento de Maria Alice Quilleli à autora, Rio de Janeiro, em 30/07/2012.

jornalística” dos fatos, que procura “dar conta de um estado-de-arte em determinado campo”.⁷⁸⁰

Quem decide que notícia/informação vai ao ar é o editor responsável. Afinal, o jornalismo é norteado por uma pauta ou mais pautas (política(s) ou de outra natureza).

A pauta política dessas reportagens, - deliberadamente ou não, afinadas com o projeto de propaganda idealizado por Hernani D’Aguiar -, e as escolhas de Amaral Netto ao construí-las, deixando de lado aspectos que não desejava valorizar, não invalidam o *status* dessas reportagens como tal. Mas essas reportagens levantam a questão sobre o lugar da fala do jornalismo e quais as implicações, os dilemas e os limites éticos dessa mediação.

⁷⁸⁰ LAGE, Nilson. *Op. Cit.* p. 114

CAPÍTULO 5 - *O Brasil não tem povo, tem público*⁷⁸¹

5.1 *Amaral Netto, o Repórter segundo o IBOPE*

Não se pode afirmar que quem dava audiência ao programa *Amaral Netto, o Repórter* era favorável à ditadura. Tampouco que esses telespectadores fossem eleitores de Amaral, ou sequer da Arena. Mas é possível tentar vislumbrar o grau de assistência/audiência a essas reportagens, e de parte da opinião dessas pessoas, pelos registros arquivados do IBOPE⁷⁸². Nesses registros, todas as capas dos boletins de audiência lembram que “não é a “Pesquisa” que faz a “Audiência”. A “Pesquisa” apenas constata, afere, determina sua composição; a “Audiência” é feita pelo público diante daquilo que lhe é dado a ver, ouvir, e ler”⁷⁸³.

O Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística, conhecido no Brasil simplesmente pela sigla IBOPE, ou pelo atributo *deu ibope* (ou *não deu ibope*), foi fundado em 1942 com a finalidade de medir a audiência do rádio para atender aos anunciantes de produtos. A técnica de aferimento de audiência havia sido criada nos EUA e foi trazida ao país por Auricélio Pentead, dono de uma rádio em São Paulo, que a fechou e criou o instituto. Quando a televisão chegou ao Brasil, em 1950, o IBOPE começou a medição da audiência desse novo veículo pela metodologia do flagrante (de porta em porta) que já utilizava com o rádio e que funcionou até 1986.⁷⁸⁴

Mas além de atuar em relação a hábitos de consumo, principalmente de produtos anunciados no rádio e na televisão, o IBOPE também atuava em relação a opiniões políticas e

⁷⁸¹ Frase atribuída ao escritor Lima Barreto (Cf: CABRAL, Muniz Sodré A.; SOARES, Raquel Paiva de Araujo. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 151).

⁷⁸² Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP.

⁷⁸³ Lema do IBOPE nas capas dos boletins de audiência. Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP.

⁷⁸⁴ CÂMARA, Dora. O Ibope e o negócio da televisão. In: SILVA JUNIOR, Gonçalo. *Pais da TV: a história da televisão brasileira contada por*. São Paulo: Conrad Livros, 2001. p. 102-123

sociais, construindo um vasto banco de dados, hoje no Arquivo Edgard Leuenroth, na UNICAMP. O trabalho do IBOPE não foi interrompido durante a ditadura que se instaurou no Brasil no pós-golpe civil-militar de 1964. Pelo contrário, no acervo do IBOPE existem, entre inúmeras pesquisas feitas no período, as específicas sobre hábitos de consumo e preferências, mas também pesquisas de opinião pública para determinar comportamentos eleitorais, tendências políticas, receptividade de candidatos, atitudes e opiniões da população local de cidades e estados quanto a problemas e/ou questões administrativas e políticas, entre outras.⁷⁸⁵

Falar da aferição de audiência do IBOPE de um programa veiculado durante a ditadura é importante porque essa é uma forma de se levar em conta a opinião das pessoas que assistiam à televisão. Porque não se pode ignorar que a ditadura não representava uma situação social de *só repressão, violência e medo*, que parece ter se consagrado hoje na construção de memória. Inclusive na memória dos que não viveram o período. Portanto, não é verdade que não se podia fazer as tarefas e atividades do cotidiano, participar de festas, ir à praia, andar com amigos na rua, trabalhar, estudar, namorar, jogar futebol, torcer por seus times, participar dos festivais da canção, ou se divertir – viver enfim, porque os militares reprimiam um povo democrático e inocente.

Carlos Fico lembra que não havia na ditadura brasileira uma dinâmica social intensamente marcada pela violência pré e pós golpe. Antes do golpe, porque os militares não se confrontaram com uma atuação violenta das esquerdas; e depois, porque as ações armadas foram rapidamente sufocadas pela repressão. Além disso, após o AI-5, os militares se basearam grandemente sobre

⁷⁸⁵ CATÁLOGO. Série Pesquisas Especiais. Série Boletim das Classes Dirigentes do Fundo IBOPE. Arquivo Edgard Leuenroth: Campinas, 2007.

CATÁLOGO. Série Pesquisas sobre assuntos políticos e administrativos do Fundo IBOPE. Arquivo Edgard Leuenroth: Campinas, 2007.

Ver também: MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. O golpe de 1964 e a ditadura nas pesquisas de opinião. In: *Tempo*. vol 20, Niterói, 2014.

sistemas complexos de controle da sociedade que já existiam desde a década de 1930, além de tentarem, de todo modo, ocultar a repressão. Dentre as tentativas de controle, os militares se apoiaram em peças elaboradas para a propaganda política, veiculadas principalmente pela televisão.⁷⁸⁶

Isso não significa dizer que essas estratégias de propaganda tenham sido cem por cento bem sucedidas. Nem significa dizer que o apoio e o beneplácito de muitas pessoas ao governo autoritário, ou mesmo a indiferença ou o silêncio da maioria, tenham sido produto de uma *lavagem cerebral* orquestrada pela propaganda e pela televisão. Ora, a televisão tornou-se justamente um dos principais e mais populares meios de diversão e entretenimento que se estabeleceu no período, favorecido pelos avanços tecnológicos. A televisão e sua programação de entretenimento, principalmente as novelas, representaram mesmo uma paixão nacional. Uma paixão que se incorporou à vida cotidiana.

A vida vivida seguia seu curso, portanto, na vida real e na tela das TVs, ainda que se considere o relevante papel da censura (externa e interna) nos meios de comunicação. E é preciso compreender, também, como bem percebeu Fernando Gabeira enquanto viveu clandestinamente em comunidades na periferia do Rio de Janeiro, após o sequestro do embaixador dos EUA, que a televisão não era apenas um aparelho eletrodoméstico que se comprava. Sem nenhum acréscimo no preço pago pelo aparelho, podia se ter acesso a produções culturais nacionais e estrangeiras colocadas diretamente na sua sala. Não se pode subestimar esse impacto na vida das pessoas. Possuir uma televisão em casa trazia um sentido de real melhoria de vida aos trabalhadores no pós-golpe.⁷⁸⁷ Principalmente porque as facilidades de crédito permitiram que muito mais pessoas

⁷⁸⁶ FICO, Carlos. Violência, trauma e frustração no Brasil e na Argentina: o papel do historiador. In: *Topoi*, v. 14, n. 27, jul./dez. 2013, p. 239-261

⁷⁸⁷ GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Ed. CODECRI, 1979. p. 144-145

pudessem adquirir seus televisores. O salto nas vendas vinha crescendo à taxa média de 10% desde 1963 e, em 1969, já havia mais de quatro milhões de aparelhos em funcionamento⁷⁸⁸.

Como sabemos, *Amaral Netto, o Repórter* foi exibido no contexto dos governos dos generais presidentes Costa e Silva (final), Médici, Geisel e Figueiredo. E é quando se estuda a memória como categoria de análise desse período que nos deparamos com o enorme inconveniente, revelado plenamente posteriormente, de perceber que, enquanto a vida vivida seguia para grande parte da população com as intensidades que lhe são peculiares, havia, também, uma oposição sendo perseguida, presa, torturada, morta. Embora pudesse haver eventuais brechas, a censura não permitia menções a atividades *de resistência* (de qualquer natureza) nas televisões (ou rádios e jornais), excetuando-se o caso da veiculação de *arrepentimentos públicos de terroristas*⁷⁸⁹ patrocinados pelo regime ditatorial. Ou no caso do pontual *manifesto* lido compulsoriamente por ocasião do sequestro, resultado de ação de guerrilha urbana que capturou o embaixador estadunidense⁷⁹⁰.

Como já afirmou Daniel Aarão Reis, a sociedade assistiu a todo esse processo como se fosse uma plateia de jogo de futebol, de um filme ou de uma novela.⁷⁹¹ Mas os dados do acervo do IBOPE mostram também uma sociedade onde a vida pulsava, que se alimentava, trabalhava, comprava, estudava, ouvia o rádio, assistia à televisão, se divertia, tinha preferências políticas, e tinha opiniões.

⁷⁸⁸ SIMÕES. Op. Cit.

⁷⁸⁹ KUSHNIR, Beatriz. Desbundar na TV: militantes da VPR e seus arrependimentos públicos. In: ROLLEMBERG; VIZ QUADRAT (Orgs.). 2010. Op. Cit.

⁷⁹⁰ GABEIRA. Op. Cit. e BERQUÓ, Alberto. *O sequestro dia a dia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1997. Observe-se que no caso dos também capturados embaixador suíço e cônsul japonês, no período entre setembro/1969 e janeiro/1971, não foram lidos manifestos na televisão.

⁷⁹¹ AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editoria Zahar, 2014. p.77

Sobre o programa de Amaral Netto, os dados mostram que em diferentes anos, estados, dias e horários de exibição, havia uma expressiva preferência pela TV Globo no horário em que era exibido. Como já dito anteriormente, isso é um fator que não pode ser ignorado e leva a pensar que havia uma identificação de parte dos telespectadores com o programa *Amaral Netto, o Repórter*, seja com a estética do produto, com o teor das mensagens, com o personalismo do deputado-jornalista, ou com outros fatores.

Desde que começaram as medições de audiência para a televisão, as técnicas de aferição e as metodologias do IBOPE foram se modificando e se aperfeiçoando. Tanto no sentido de acompanhar novos hábitos de costumes e de consumo, quanto na simplificação e sofisticação da metodologia. A metodologia da pesquisa de audiência pelo flagrante direto praticada nos anos 1950 e 1960 foi ampliada quando a tecnologia permitiu a instalação de *meters* (medidores) para registrar a audiência dos televisores em domicílios escolhidos. Esses domicílios compunham uma amostragem conforme critérios baseados em dados do IBGE que diziam respeito a percentuais por gênero e idade.⁷⁹² Nessas aferições, o próprio IBOPE procurava adequar à amostragem por distribuição socioeconômica, que o IBGE não fornecia, mais alguma variável. Dessa forma, as pesquisas do início dos anos 1960 até parte dos anos 1970 contemplavam classificações etárias e discriminação por gênero e escolaridade dos telespectadores, numa sociedade onde era hábito as famílias assistirem juntas à televisão num único domicílio contado pelo IBOPE. Chamada de *metodologia do painel*, a aferição registrava a sintonia de grupos de domicílios, e começou a ser usada na década de 1970, em São Paulo, e depois em outros grandes centros.⁷⁹³ Além disso, a pesquisa era feita obedecendo uma proporcionalidade de acordo com a

⁷⁹² CÂMARA, Dora. *Op. Cit.*

⁷⁹³ *Idem.*

distribuição dos possuidores de receptores de televisão, tanto geográfica quanto socioeconomicamente.

As medições começaram a ser feitas de acordo com faixas de horários divididas em blocos de duas em duas horas. No início das atividades da televisão no Brasil, não era comum que houvesse transmissões pela manhã. Só gradativamente é que o horário das transmissões foi ampliado. As medições do IBOPE disponíveis para o ano de início de *Amaral Netto, o Repórter* só começam na faixa de horário das 16 às 18h, seguida pela das 18 às 22 h, e das 22 às 24h. Essas medições, apresentadas semanalmente, eram discriminadas por dias da semana, e por canais de TV, com uma média total semanal calculada para cada faixa e para cada canal. Em relação à faixa de horário das 22-24h, na qual o programa era exibido, o IBOPE aplicava o método do “flagrante retrospectivo, ou *recall*”.

Os dias e horários de apresentação do programa de maior possibilidade de verificação são os do Rio de Janeiro, onde o começou a ser exibido originalmente. Assim, concentrei a pesquisa nos microfilmes correspondentes. No entanto, utilizei a metodologia da amostragem para tentar identificar também em outros estados o padrão de audiência. Também é necessário ressaltar que essas séries de medições arquivadas no acervo IBOPE não contemplam todos os anos de exibição do programa, seja no seu formato original, ou no formato *Brasil, terra da gente* que foi adotado entre 1981-85. Na maioria das vezes nem é possível identificar o programa pelo nome. Nesses casos, tive de recorrer à faixa de horário na qual o programa comprovadamente era exibido, dependendo do ano/período. E já que esse dia e o horário de exibição variaram no decorrer dos anos, tive de cotejá-lo com a programação de televisão nos jornais impressos.

Portanto, não pretendo mostrar um trabalho exaustivo sobre a estatística da audiência do programa durante os 16 anos de exibição na TV Globo. Mas é importante tentar perceber certa constância nessa audiência durante esses anos. E perceber que, muitas vezes, os valores dessas

aferições foram superiores à média que o programa alcançava na faixa de horário em que era exibido, seja aos sábados, aos domingos, ou às segundas-feiras. Em seu depoimento para esta pesquisa, Boni fala do alívio da emissora com os índices relevantes de audiência de *Amaral Netto, o Repórter*. Não sendo uma produção da casa e por ser exibido, segundo ele, *por pressão do regime militar*, “a audiência sempre foi recebida com alívio”⁷⁹⁴.

A questão da audiência chegou a gerar certo temor em relação ao programa quando Amaral o levou para a TV Globo. Segundo Boni, um temor fundamentado pelo conteúdo dessa produção independente que se temia ser de teor político: “no primeiro momento, ficamos com o pé atrás: todos contra o Amaral” [isso em 1968/69]. Embora Boni considerasse que as primeiras ideias não fossem viáveis em termos de espetáculo para televisão, ele considera que “aos poucos, ele mesmo [Amaral] definiu o formato “reportagem-documentário” e produziu alguns programas “de altíssimo padrão, comparáveis a alguns produtos internacionais”⁷⁹⁵.

Quando chegou à TV Globo, *Amaral Netto, o Repórter* foi exibido, de janeiro/1969 até 1970, aos domingos à noite, às 23:00h, horário considerado pouco nobre, com poucos anúncios. Isso pode ter decorrido do fato desse horário ser então mais acessível financeiramente, já que Amaral o alugava. A coluna *Rádio&TV* do jornal *Diário de Notícias* chegou a afirmar que “está a merecer melhor horário o vitorioso programa do repórter Amaral Neto na TV Globo”⁷⁹⁶. De 1971 até 1973, passou para os sábados à noite, no mesmo horário, justamente no período do maior ufanismo, e da maior repressão, no governo Médici. De março/1974 a 1977, durante o governo Geisel, o programa passou a ocupar as segundas-feiras. Essa mudança da TV Globo

⁷⁹⁴ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

⁷⁹⁵ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

⁷⁹⁶ Jornal Diário de Notícias, 2º Caderno, 22/2/1970. p. 2

provocou o elogio de Artur da Távola, então no jornal *O Globo*⁷⁹⁷. É nesse dia e horário que o programa atinge seus maiores índices de audiência, figurando, inclusive, muitas vezes, entre os programas que marcavam mais de 20 pontos. E é só durante a Abertura, entre 1978 e 1980, que o programa volta para os domingos, às 23h, após os *Concertos Internacionais* exibidos depois do então popular programa *Fantástico*. Mesmo assim, o programa ainda conseguiu pontuar entre aqueles que alcançavam índice superior a 20%, como na semana de 03 a 09/07/1978, quando alcançou 23.3 pontos no horário das 23 às 24 horas. A título de comparação, nesse ano os então populares programas de Flavio Cavalcanti, na TV Tupi, e Chacrinha, na própria TV Globo, pontuavam também aos domingos, cerca de 21 pontos.⁷⁹⁸

Vale lembrar que durante todos esses 16 anos, o programa foi reexibido nas manhãs de sábado, em horários variados entre as 9 e 12 horas no Rio de Janeiro (até às 14 h em outros estados). A medição do IBOPE correspondente aos sábados de manhã só foi incorporada na pesquisa quando disponível. De 1981 a 1984, como já mencionado, o programa mudou de nome para *Brasil, terra da gente*, e deixou de ser exibido à noite, passando exclusivamente para os sábados, às 11h, fixando-se depois às 9:30h.

Ao se examinar os dados do IBOPE por ano, pode-se ter uma ideia de como funcionou a audiência medida. Em 1969, vemos que a TV Globo ocupava, normalmente, o segundo lugar, nos domingos, na faixa das 22 às 24h, atrás da TV Tupi que apresentava um programa de auditório comandado por Hebe Camargo e que começava por volta das 19h. Nessa época, o programa *Amaral Netto, o Repórter* era exibido após a *Buzina do Chacrinha*, que ia das 20 às 22h, e que figurava com regularidade entre os mais assistidos da semana. Mas era justamente

⁷⁹⁷ Jornal *O Globo*, 20/02/1974, Seção Cultura, Coluna de Artur da Távola. p. 34

⁷⁹⁸ Fundo IBOPE, no Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

após o término do programa do *Chacrinha* que ocorria a mudança de faixa na aferição do IBOPE, das 18 às 22h para a das 22 às 24h. E era aí também que se dava a maior diferença entre o número de televisores que permaneciam ligados e os que se desligavam, em todos os cinco canais disponíveis, num domingo à noite. Até às 22h, o número de televisores desligados nos domingos, após às 22h, era de uma média geral de 31 pontos. Após esse horário, esse número dobrava.

Vale acrescentar que nos outros dias da semana, invariavelmente, o número de televisores desligados era só ligeiramente inferior ao dos aparelhos desligados nos domingos, na mesma faixa de horário. A disputa pela audiência do programa de Amaral Netto se concentrava, então, sobre o público que não desligava o aparelho televisor, no domingo à noite, véspera do início de mais uma semana de trabalho.

Nas duas tabelas a seguir, podemos ver uma parte desses dados relativos aos anos de 1969 e 1970, como tentativa de delimitar uma possível audiência do programa. Ressalvo que os dados do acervo do IBOPE, relativos à medição de audiência na televisão nos anos 1960 e 1970, não me pareceram estar absolutamente completos. Mesmo assim, dada a enorme quantidade de material existente, alguns dos intervalos das datas foram por mim ignorados durante a pesquisa nos microfilmes, já que no manuseio constatei certa regularidade nesses números percentuais, e já que o escasso tempo não permitia a cópia da totalidade desse material para consulta posterior. Muitas vezes preferi colher amostras em meio à imensa quantidade de material microfilmado.

Tabela 1: 1969 - faixa de horário 22-24h - medições realizadas no Rio de Janeiro ⁷⁹⁹							
Domingos	Percentual distribuído por canais						TEMA do programa <i>Amaral Netto, o Repórter,</i> (ou outro)
	TV Excelsior	TV Globo	TV Tupi	TV Continental	TV Rio	Aparelhos desligados	
9 mar	4	13,5	21	2,3	3	56,2	Fuzileiros navais
23 mar	4,8	10	17,8	0,5	4	62,9	Minério de ferro
30 mar	7,3	19	16,8	1,5	1	54,4	Pororoça- Prof ^{es} do Amapá
6 abr	3	21,5	12,1	0,3	0,7	62,4	não identificado
13 abr	6,3	24,3	12,3	0,5	0,8	55,8	Estado do Rio
20 abr	8,3	6,3	16,5	3	7,3	58,6	não identificado
27 abr	3,3	6,5	21,5	0,3	2,3	66,1	não identificado
11 mai	4,3	23,5	16	0,5	1,5	54,2	Recife
18 mai	8,5	17,3	17,8	1,5	2,5	52,4	não identificado
25 mai	5	23,5	11,8	1,3	1,3	57,1	não identificado
1 jun	5,8	11	8,8	6	2	66,4	Urubupungá
8 jun	5,5	13	11	2,3	3,8	64,4	Guanabara- obras
15 jun	5	18	9,5	2,3	2,3	62,9	não identificado
22 jun	2,5	14,8	16,5	1,8	1,5	62,9	Minas de carvão
7 set	1,3	20	12,3	1	1,8	63,6	África
14 set	1,5	19,3	13	0,8	2	63,4	Baleias
21 set	1,3	20	11	-	4,3	63,4	COHAB - favelas
28 set	1,1	31,5	10	0,8	2,3	54,3	não identificado
5 out	1	76,8*	1,3	-	0,3	20,6	* Não houve programa AN, mas a transmissão do IV Fest. Int. Canção
12 out	3,5	11,5	14	0,5	0,5	70	Matadouros da SUNAB
19 out	4,8	22,3	0,5	2,3	2	62,1	Cirio de Nazaré

A ideia, no caso de 1969, primeiro ano em que foi exibido na TV Globo, é tentar mostrar algum padrão de audiência do programa *Amaral Netto, o Repórter* a partir dos dados relativos à faixa de horário na qual era exibido, cruzados com a relação de filmes fornecida pelo Arquivo Nacional, onde constam as datas de exibição dos episódios. Em relação a 1970, a ideia é perceber que essa audiência aferida mantém-se consistente. O cruzamento com a relação de filmes do Arquivo Nacional permite saber quais temas tiveram maior ou menor ressonância. Para algumas lacunas que a listagem do Arquivo não fornece, recorri, principalmente, e quando

⁷⁹⁹ Tabela compilada a partir dos dados de “Audiência aferida em televisão”. (digitalizada), anos 1969, do Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP.

possível, ao acervo digital do jornal *O Globo* para saber que tema foi apresentado na programação do dia. Como se vê, nem sempre foi possível identificar esses temas.

Domingos	Percentual distribuído por canais						Tema do programa <i>Amaral Netto, o Repórter</i>
	TV Excelsior*	TV Globo	TV Tupi	TV Continental**	TV Rio	Aparelhos desligados	
4 jan	3,3	13,8	15,5	0,8	2,3	64,3	FURNAS
18 jan	2,3	19,5	15,8	-	4,3	58,1	Guanabara
25 jan	1,5	11,3	16,3	0,5	3,8	66,6	Operação ACISO
5 abr	1,8	11,5	10,8	1,3	29,2****	45,4	Espírito Santo
12 abr	1	10,3	10	1,8	24,5****	52,4	Brasília
26 abr	1	7	10,5	1	20,3****	60,2	SUDENE - Recife
16 ago	1,3	11,8	11,8	-	9,8	65,3	Hidrelétrica Paulo Afonso
23 ago	0,6	26	8,8	0,1	1,8	62,7	não identificado
30 ago	-	10,5	16,3	-	12	61,2	DNOS
6 set	0,3	6	51,8	-	3,3	38,6	não identificado
13 set	0,4	27,4	8,8	0,1	1,5	61,8	não identificado
20 set	-	24	6,1	0,3	1,2	68,4	Goiás 1
27 set	-	8,5	6,3	0,5	3,5	81,2	Goiás 2
4 out	-	9,8	15,8	-	3,8	70,6	Alemanha
11 out	-	6,8	13	-	0,5	19,7	não identificado
18 out	-	53***	1,5	1	2,5	42	***Não houve programa AN, mas a transmissão do V Fest. Int. Canção
25 out	-	59***	5,5	-	-	64,5	
8 nov	-	13,5	15,8	-	1	69,7	Goiás 3
15 nov	-	17,3	13,3	-	1,8	67,6	Retrospectiva
22 nov	-	17,3	28,5	-	1,8	52,4	IBM - RJ-SP
29 nov	-	18,3	21,3	-	1,8	58,6	Amazônia
6 dez	-	26,8	17	-	0	56,2	Campos
13 dez	-	17,8	26	-	0	56,2	não identificado
20 dez	-	16	9,5	-	0,5	74	não identificado
27 dez	-	14	19	-	1,5	65,5	não identificado

* A TV Excelsior saiu do ar em setembro/1970.

** A TV Continental faliu em 1971; nessa faixa de horário, a aferição mostra o declínio da audiência em 1970.

**** Não foi possível identificar o que foi transmitido pela TV Rio; provavelmente, trata-se de partida de futebol.

Esses números não correspondem à média da TV Rio nessa faixa de horário/dia.

⁸⁰⁰ Tabela compilada a partir dos dados de “Audiência aferida em televisão”. (digitalizada), anos 1970, do Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP.

Percebe-se que a luta pela audiência nessa faixa de horário das 22-24h era efetivamente entre a Globo e a Tupi. Com exceção da TV Excelsior, em 1969, as outras emissoras eram muito pouco assistidas no horário, a não ser em caso de transmissões específicas. Mesmo assim, há que se considerar que esses são dados percentuais aproximados. Ao se tirar uma amostragem de um mês, como junho/1969 no exemplo abaixo, e se considerarmos que a quantidade de televisores ligados corresponde a um número de assistentes, temos, já em 1969, uma expressiva preferência pela TV Globo no horário (que se estende também a outras faixas de horário, que não são objeto da pesquisa), e que vai se consolidando a partir de 1970.

CANAIS	NÚMERO DE ASSISTENTES			
	§	APARELHOS	Nº MÉDIO	Nº ABSOLUTOS
<u>C - 22.00 - 24.00 HS.</u>				
2 - TV EXCELSIOR	2.3	23.855	2.27	54.151
4 - TV GLOBO	23.6	244.769	3.67	898.302
6 - TV TUPI	14.7	152.462	2.51	302.680
9 - TV CONTINENTAL	0.7	7.260	1.65	11.979
13 - TV RIO	0.8	8.297	2.67	22.153
TOTAL GERAL	42.1	436.643	3.14	1.371.059 (aproximadamente)
PESQUISA - JUNHO EDIÇÃO - JULHO				1
1 9 6 9				

801

Amaral Netto festejava a aferição favorável e acompanhava atentamente os números do IBOPE. Não perdia oportunidade de mostrar a Roberto Marinho os “honrosos aplausos de todo o Governo” e os boletins do IBOPE que registravam, por exemplo, “nas 26 semanas do 2º semestre de 1969, um total de 51,4% dos aparelhos ligados para “Amaral Netto, o Repórter enquanto as quatro outras emissoras somadas ficaram com 48,6%”. Para ele isso era prova de que “é possível reunir a preferência absoluta de governantes e governados”.⁸⁰²

⁸⁰¹ Excerto da tabulação da audiência do mês de junho/1969, Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP.

⁸⁰² Carta da Plantel Editora a Roberto Marinho, datada de 14/01/1970. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Vale uma pequena intervenção sobre a forma de apresentação desses dados favoráveis. Nesse caso, Amaral está festejando o *share* da emissora durante a exibição do programa. Como optei por trabalhar sempre com a totalidade que inclui também os aparelhos desligados, ressalto a diferença entre *audiência* e *share*: no primeiro caso, *audiência*, considera-se o status percentual de telespectadores por emissora e por aparelhos desligados. Por exemplo, um ponto no Ibope significa que uma emissora é assistida em *n* mil domicílios. No segundo caso, *share* mede a participação da emissora no universo total de televisores ligados. De cada *n* televisores ligados num determinado horário, um número *n* está sintonizado em cada canal.

Dito isso, lembro que também o jornal *O Globo* festejava essa preferência. Em maio/1969, em matéria que destacava a “solidificação absoluta” da liderança de Amaral no horário, além de anunciar o tema da reportagem seguinte e de comunicar que, “a pedidos de secretarias de Educação e de Turismo, de câmaras municipais, de diretores de colégios, de professores, de pais e de alunos de várias idades, a TV Globo está rerepresentando o programa ‘Amaral Neto, o Repórter’ às 12:30m de domingo”⁸⁰³. Nessa altura, o programa já era exibido no Rio de Janeiro, em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Belém.

Em relação a 1970 foi possível colher, também nos arquivos do IBOPE, algumas aferições na TV Belo Horizonte, onde o programa era exibido das 20:30 às 21:30h, com percentuais bastante similares aos do Rio de Janeiro. Além desses, também os dados de julho e de setembro colhidos no Paraná, onde o programa era exibido na TV Paranaense, aos domingos, das 12 às 13h, mostram *Amaral Netto, o Repórter* em segundo lugar (9,6%). Em primeiro lugar

⁸⁰³ *Programa de Amaral Neto é líder*. Jornal *O Globo*, Geral, 31/05/1969, p. 16
O programa, de fato, era reprisado aos sábados pela manhã.

ficava a atração *O 4 é um show* (13,5%) na TV Iguazu, tendo ainda como concorrente na TV Paraná os programas *Minichance* (3,8%) e *Resenha Catarinense* (7,7%).

Em 1971, o programa passou para os sábados à noite, mantendo uma constância na atribuição de aferição, com uma ligeira elevação. A faixa de 22 às 24 horas continuou registrando a preferência dos telespectadores pelo Canal 4: em todos os dias da semana, invariavelmente, de 70 a 80% dos televisores ligados nessa faixa de horário estavam sintonizados na TV Globo. O programa era também reprisado aos sábados às 12:30h, sendo a aferição do IBOPE, nesse período, computada na faixa das 12 às 16h quando o número de televisores desligados também era alto. Mesmo assim, a preferência pela TV Globo nos aparelhos ligados era patente.

Em 1972, o programa continuou sendo exibido, no Rio de Janeiro, aos sábados às 23h, também com reprise do programa anterior no sábado ao meio-dia. Os números dos IBOPE continuam mostrando a manutenção da média de assistência nos horários em que o programa era exibido, tanto no sábado à noite quanto nas reprises pela manhã. Desse ano, foi possível encontrar outro tipo de medição do IBOPE, além da medição por faixa de horário /dias da semana, feito no Rio de Janeiro, por intervalos de 15 em 15 minutos, a partir das 12:00 horas, e discriminados por gênero (F, M), idade(>12, 13-18, 19-24, 25-29, 39-39, <40), classe social (A/B – rica/média, C-pobre, D-pobre inf.), grau de instrução (primário, secundário, superior), e zona de moradia (Sul/Centro, Tijuca, Central, Leopoldina, Estado do Rio). Nesse conjunto, é possível perceber, portanto, que eram, principalmente, os muito jovens (até 18 anos) e os jovens adultos (19-24 anos) que sintonizavam a TV Globo aos sábados ao meio-dia. A distribuição por classe social atinge a toda a classificação, com maior ou menor intensidade. O programa também parece ter sido assistido por pessoas de ambos os sexos em proporções semelhantes. O grau de

instrução dos assistentes se concentrava no primário e secundário, o que não chega a surpreender num contexto onde poucos tinham acesso ao ensino universitário.

Em 1973, *Amaral Netto, o Repórter* continuou mantendo as médias de audiência no Rio de Janeiro (e em São Paulo), e ainda figurou muitas vezes entre os programas que alcançaram índices de audiência superior a 20% durante uma semana. Isso aconteceu com os programas sobre a CEPLAC-Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, em 13/outubro, que alcançou 27,2%; sobre o DNPVN-Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, em 27/outubro (23,3%); sobre a Amazônia, em 3/novembro (23,9%); sobre o Iguazu - Salto Osório, em 10/novembro (28,7%); sobre o estado do Paraná, em 17/novembro (27,4%); sobre o então território de Roraima, em 1º/dezembro (23,2%); sobre a COBAL-Companhia Brasileira de Alimentos, em 15/dezembro (22,9%). Esses índices eram, algumas vezes, superiores aos do programa similar *Globo Repórter*, por exemplo, exibido na mesma emissora, em horários mais acessíveis, ou em outro dia da semana na mesma faixa de horário do programa de Amaral.

Nesse mesmo ano de 1973, Amaral Netto encomendou ao IBOPE uma pesquisa sobre “imagem e conceituação do programa *Amaral Netto, o Repórter*”⁸⁰⁴, feita com o objetivo de se conseguir uma amostra do pensamento sobre o programa e sobre o próprio Amaral, naqueles anos, entre os que a ele assistiam. Realizada em agosto/1973 em São Paulo, e repetida em outubro/1973 no Rio de Janeiro, a televisão foi considerada, entre os pesquisados, como o meio “em que mais acreditavam quando recebiam uma notícia ou acompanhavam uma reportagem”. Essa preferência se concentrava em mais de 70% dos entrevistados, seja na avaliação por gênero,

⁸⁰⁴ Pesquisa sobre imagem e conceituação do programa *Amaral Netto, o Repórter*. (digitalizada). Agosto/1973 em São Paulo; outubro/1973, no Rio de Janeiro. Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

por classe, idade ou grau de instrução. O segundo lugar ficava para o jornal impresso (cerca de 18% em média), menos quando se considerava o grau de instrução, onde os entrevistados de nível de instrução primário preferiam o rádio.

Essa pesquisa mostrou que o programa era considerado “o mais bem filmado” e “o mais educativo” por mais de 50% dos entrevistados. Também era considerado “o mais bem comentado” com 38,8% à frente do *Jornal Nacional* (12,7%) e do *Fantástico* (16,9%). A pesquisa mostrava pessoas com graus de instrução primária (42%), secundária (38%) e superior (31,8%). O programa também era considerado como o que apresentava assuntos de maior interesse para 46,4%, novamente à frente do *Jornal Nacional* (16,8%) e do *Fantástico* (16,3%).

O que me chamou mais atenção foi que o programa era considerado “o mais verdadeiro” por 53,8%, novamente à frente dos citados programas (14,2% e 9,4%, respectivamente). Além disso, 94,4% consideravam que o programa era importante para “conhecer melhor o Brasil”. Essa percepção era comum a 94,8% das classes A/B, 97% da classe C e a 89,4% da classe D. Uma das explicações possíveis é que a interação do ator social ‘repórter’ com os demais atores sociais na *cena viva* passava a dar uma espécie de garantia de verdade daqueles acontecimentos⁸⁰⁵.

Entre os elementos valorizados pelos entrevistados estavam o caráter educativo do programa e a sinceridade dos comentários feitos por Amaral. Mas perguntados se a “sinceridade das reportagens” os levaria a acreditar também na qualidade de produtos e serviços recomendados por Amaral Netto, 52,1% dos entrevistados disse “acreditar em parte”, enquanto 38,3% acreditariam sem qualquer restrição. Cerca de 10% em média responderam não acreditar, sendo que a maior diferença se concentrava no grau de instrução superior (18%).

⁸⁰⁵ DA RIN, Silvio. *Espelho Partido. Tradição e Transformação do Documentário*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

Essa pesquisa é bastante interessante porque, se considerarmos que o próprio Amaral Netto poderia ser visto como um produto, em termos eleitorais, pode-se tirar daí como não era automática a adesão de assistentes de seu programa às suas candidaturas. Ou a seus discursos a favor do regime militar. Ou seja, mesmo que o programa *Amaral Netto, o Repórter* embutisse intencionalidades de fazer surtir efeitos didáticos e/ou de atração, ou que tivesse a finalidade “de cooptar pessoas, ou de moldar preferências, compartilhando valores intangíveis”⁸⁰⁶, isso não significa que esses objetivos tivessem sido sempre atingidos plenamente. Ou seja, fazer propaganda política supõe uma intenção, mas nem sempre a intenção do produtor é a que se concretiza.

Durante o ano de 1974, a aferição do IBOPE continuou registrando uma constância da assistência do programa *Amaral Netto, o Repórter*. Logo na primeira semana do ano, a reportagem sobre a SUNAMAM-Superintendência Nacional da Marinha Mercante alcançou a 16º colocação entre os programas que tiveram audiência superior a 20% durante a semana. Nesse ano, o programa começou a ser exibido aos sábados à noite, como até ali, mas mudou de dia da semana a partir da série de quatro programas intitulados *Aniversário da Revolução*, em março. Essa série era comemorativa aos primeiros dez anos do regime autoritário no poder. Nessa altura, Amaral Netto estava no ar com seu programa já há quase seis anos, dos quais mais de cinco na TV Globo. Era também o momento de transição do governo Médici para o de Geisel. Como se vê no exemplo abaixo, colhido como amostra dos arquivos dos IBOPE, não há alterações significativas na audiência. A média de audiência ao programa de Amaral, no horário, continua privilegiando a TV Globo, mesmo com a mudança de dia da semana.

⁸⁰⁶ NYE. Op. Cit. 2004.

Tabela 3: 1974 - faixa de horário 22-24h - medição realizada no Rio de Janeiro ⁸⁰⁷					
sábados	Percentual distribuído por canais,				Tema de <i>Amaral Netto, o Repórter</i>
	TV Globo	TV Tupi	TV Rio	Aparelhos desligados	
12 jan	30,3	23,6	1,7	44,4	Energia nuclear
19 jan	26	19,3	2,1	52,6	Nova America (tecidos)
26 jan	35	16,8	2,4	45,8	Bahia
2 fev	29,5	22,8	2,8	44,9	não identificado
9 fev	23,9	20,6	2,4	53,1	Rio de Janeiro
16 fev	30,8	21,8	1,8	45,6	não identificado
23 fev	32,9	16	3,2	47,9	não identificado
2 mar	27,1	25,8	2,8	44,3	não identificado
Segundas-feiras					
4 mar	29,9	8,2	4,1	57,8	1º programa <i>Aniversário da Revolução</i>
11 mar	18,4	9,8	5,1	66,7	2º programa <i>Aniversário da Revolução</i>
18 mar	22,1	7,9	5	65	3º programa <i>Aniversário da Revolução</i>
25 mar	24,3	14,7	5,3	55,7	4º programa <i>Aniversário da Revolução</i>
1 abr	24	11,9	4,7	59,4	SESI
8 abr	26,9	12,8	1,6	58,7	não identificado
15 abr	25,8	12,4	3,5	58,3	Paraíba

O ano de 1975 fornece uma pista sobre as idiossincrasias de um país regido por uma ditadura que não se assumia como tal. Justamente na semana em que se finalizava a novela do horário nobre *Escalada* (em 26/08/75, uma terça-feira), e na qual seria a estreia frustrada pela censura⁸⁰⁸ de *Roque Santeiro*, (em 27/08/1975, uma quarta-feira), um programa especial da série de Amaral Netto em homenagem ao *Dia do Soldado*, exibido exatamente no dia 25/08/1975 (segunda-feira), alcançou uma audiência de 49,4 pontos, excepcionalmente no horário das 21 às 22h, ficando em oitavo lugar nos índices dessa semana.

⁸⁰⁷ Tabela compilada a partir dos dados de “Audiência aferida em televisão”. (digitalizada), ano 1974, do Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP.

⁸⁰⁸ Por causa disso, logo no dia seguinte (28/08/75), a TV Globo colocou no ar um resumo editado da novela *Selva de Pedra* até a estreia da novela *Pecado Capital*, em 24/11/75 (GUIA ILUSTRADO TV GLOBO. Op. Cit.) Originalmente exibida em 1972, *Selva de Pedra* alcançou altos índices no boletim do IBOPE relativo aos quatro dias em que foi apresentada na semana de 25 a 31 de agosto de 1975, e manteve-se com audiência alta durante toda a reexibição Cf. Audiência aferida em televisão. Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp, Campinas, SP.

O interessante é que uma deferência explícita ao Exército que governava o país teve audiência expressiva, ainda que se considerem eventuais argumentos do tipo *na minha casa a TV não era desligada, o programa passava e a gente assistia* [querendo dizer *passivamente*]. Fato é que esse índice significativo foi medido na mesma semana em que a censura federal sentia-se perfeitamente à vontade para impor a mudança do horário, além de desfigurar o texto da novela *Roque Santeiro*, de Dias Gomes, o que acabou por inviabilizar o projeto da emissora no dia da estreia.⁸⁰⁹ Isso não significa dizer que esse público apoiasse a ação da censura, ou sequer que fosse a favor da ditadura, evidentemente. Mas significa que a popularidade do programa que explicitamente homenageava os governantes certamente lhes dava noção do respaldo social que tinham. Mesmo no contexto em que já se cogitava uma Abertura *lenta, gradual e segura*.

Abaixo, a audiência que continuava na média, às segundas-feira do ano de 1975:

Tabela 4: 1975- faixa de horário 22-24h - medição realizada no Rio de Janeiro ⁸¹⁰					
Segundas-feiras	Percentual distribuído por canais				Tema do programa <i>Amaral Netto, o Repórter</i>
	TV Globo	TV Tupi	TV Rio	Aparelhos desligados	
28 abr	31	9,1	7,2	52,7	não identificado
5 mai	25	6,8	4,1	64,1	não identificado
12 mai	33,4	3,3	8,8	54,5	Projeto Cabo Frio
9 jun	26,8	6,8	2,7	63,7	Ouro Preto
16 jun	30,2	8,4	6	55,4	Cidades históricas
21 jul	30,3	8,8	6,4	54,5	Min. Mario Henrique Simonsen
4 ago	23,1	9,3	5,8	61,8	Bolsa de Valores
11 ago	21,9	9,6	5,7	62,8	NUCLEBRAS
18 ago	33	4,8	2,9	59,3	ENGEFER (Ferrovia do Aço)
25 ago	49,4 (exibido das 21 às 22h)				Dia do Soldado
3 nov	29,9	6,8	2,9	60,4	não identificado
10 nov	25,9	7,5	3,1	63,5	Min. Shigeaki Ueki (contratos de riscos)
17 nov	27	3,8	1,8	67,4	SESC
24 nov	25	11,9	2,6	60,5	Belezas do Brasil
22 dez	29,7	6,4	1,9	62	BNH

⁸⁰⁹ Nota da TV Globo sobre *Roque Santeiro*. Jornal *O Globo*, O País, 28/08/1975, p. 5

⁸¹⁰ Tabela compilada a partir dos dados de "Audiência aferida em televisão". (digitalizada), ano 1975, do Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP.

À medida em que avançavam os anos 1970, o número de aparelhos televisores desligados à noite diminuem em relação aos anos 1960 e início dos 70, independentemente da classe social. A aferição da audiência do programa *Amaral Netto, o Repórter*, no ano de 1976, mostra índices bastante expressivos. Tanto que o programa figurou inúmeras vezes na relação dos programas que tiveram índices superiores a 20%. Um deles, sobre a *Pororoca*, é lembrado ainda hoje. Essa reportagem marcava também os 400 programas realizados da série *Amaral Netto, o Repórter*. Exibida em 03/05/1976, alcançou 34,5% na relação dos programas de televisão que tiveram índice de audiência superior a 20%, na semana em que foi apresentada a primeira vez. Amaral aproveitou essa popularidade do tema para reprisá-lo à noite no ano seguinte.

Dada a quantidade de programas *Amaral Netto, o Repórter* que ultrapassaram a marca dos vinte pontos, durante o ano de 1976, relaciono na Tabela 5 essas reportagens, conforme dia e aferição, identificando a temática quando possível:

Segundas-feiras	Percentual acima de 20%	Tema de <i>Amaral Netto, o Repórter</i>
15 mar	26,7	Receita Federal
12 abr	23,9	Piauí
19 abr	31,2	Índios
26 abr	21	não identificado
3 mai	34,5	Pororoca
10 mai	29,5	não identificado
24 mai	22,3	Monumento aos Pracinhas
31 mai	28,5	não identificado
14 jun	26,7	Mato Grosso
21 jun	26	ASCB
28 jun	26,6	ELETROBRAS
5 jul	22	não identificado
2 ago	30,2	Cerrados
9 ago	20,9	Índios / Foz do Iguaçu
16 ago	24,5	Mordomia

Em 1977, o programa continuou mantendo uma constância de audiência e exibindo algumas reportagens que figuraram entre as mais assistidas. Ele repetiu *Pororoca*, em 30/maio,

⁸¹¹ Tabela compilada a partir dos dados de “Audiência aferida em televisão”. (digitalizada), anos 1976, do Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP.

alcançando 24% nessa segunda apresentação à noite, na semana do nono aniversário do programa. As reportagens sobre o CINDACTA-Centros Integrados de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (com o *gancho* ‘discos voadores’), apresentado em 18/julho (22,7%), e sobre Acidentes de trabalho, em 25/julho (28,5%) também tiveram audiência acima da regular. Além de outra, em 16/junho (21,2%), cujo tema não foi possível identificar.

Ressalte-se que, a essa altura, mesmo a existência de mais dois canais de televisão no Rio de Janeiro, as TVs Educativa (canal 2) e Guanabara (canal 7)⁸¹², não foram suficientes para alterar a média da audiência na faixa de horário/dia em que o programa de Amaral Netto era exibido na TV Globo. O novo canal 7 chegava a festejar se, eventualmente, conseguia *bater* o número de televisores desligados ou mesmo um programa da TV Globo. Em 15/09/1977, conseguiu emplacar um seriado mais popular que o exibido pela concorrente. Em outubro, uma entrevista com o presidente da SBPC foi mais assistida que *Amaral Netto, o Repórter*.⁸¹³ Vale lembrar que essa entidade havia justamente se juntado aos manifestos pró-democracia que começavam a se intensificar na sociedade brasileira.

Em 1978 e 1979 o programa voltou para os domingos à noite, das 22 às 23h, mantendo as médias de audiência dessa faixa. Em 1978, Amaral conseguiu colocar algumas reportagens na relação semanal dos programas que alcançavam índice de audiência superior a 20%. O documentário sobre o *Atol das Rocas*, em 21/5/1978, então desconhecido, marcou 24,5%. Em 9/7/1978, o programa sobre as rodovias que o governo do estado de São Paulo construía marcou 23,3%. O *Globo Repórter*, que poucos anos antes oscilava muito nessas aferições e nem sempre

⁸¹² A TV Educativa começou a transmitir em 1975, e a TV Guanabara, em julho/1977, tornando-se depois a TV Bandeirantes.

⁸¹³ Revista Veja, nº 447, 26/10/1977. p. 106-107.

O seriado do canal 7 era *Hawaii 5-0* e o da Globo *Kojak*. O entrevistado do canal 7, no programa *Informação* foi Oscar Sala, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

pontuava mais de 20%, consolidou entre 1975-78 uma audiência média entre 40 e 50% às terças-feiras, às 21 h.

É importante ressaltar que em outras cidades além do Rio de Janeiro, como São Paulo, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Brasília, Fortaleza, Goiânia, também eram realizadas pesquisas qualitativas que apontavam a expressiva preferência pela TV Globo. Em 1979, mesmo que houvesse alguma alteração em favor de outra emissora, esse percentual era mínimo.

Os dados sobre os anos de 1980 a fevereiro/1985 não estão microfilmados no Arquivo Edgard Leuenroth, e não houve tempo hábil de retornar à pesquisa em Campinas. Amaral Netto continuou apresentando o programa exibido à noite e reexibido aos sábados pela manhã até que, em 1981, o programa foi redenominado *Brasil, terra da gente* e fixado na grade de programação da TV Globo aos sábados de manhã, sem exibições à noite. Somente é possível inferir que foi mantida certa constância nesse novo formato, mesmo que em percentuais bem menores, já nos estertores do regime, durante o governo do general presidente Figueiredo.

As conclusões sobre as fontes que constituem os dados do IBOPE aqui apresentados não se esgotam nesse breve panorama sobre a medição de audiência do programa *Amaral Netto, o Repórter*. Muito se poderia pesquisar a partir dessas fontes, principalmente se considerarmos a programação que a grade das emissoras oferecia como *espetáculo*. Mas o relevante para esta pesquisa é observar que, ainda que não figurasse com constância regular, ao longo dos anos, entre os mais assistidos, *Amaral Netto, o Repórter* chegou a atingir, por diversas vezes, altos índices de audiência. E considerando o número de aparelhos ligados usualmente nos dias da semana e na faixa de horário onde era exibido, verifica-se que o percentual ligado na TV Globo manteve admirável consistência. Sempre consideravelmente superior a qualquer outra oferta dos canais

concorrentes. Por outro lado, mesmo que o programa tivesse uma ressonância significativa, e que Amaral Netto fosse considerado um fidedigno e entusiasmado apresentador das realizações do governo militar, isso não significava que a transferência de confiança para ele fosse automática.

Esse caso mostra que, ao se lidar com as visualidades da ditadura militar brasileira, é necessário considerar também os elementos da atração e do fascínio nas narrativas audiovisuais geradas pela televisão. E, principalmente, mostra que é necessário compreender as complexidades do respaldo social com que o regime autoritário também contou. Um regime que abraçou oficialmente uma estratégia de propaganda que visava à motivação da esperança e do otimismo, mas que autorizou importantes setores militares desse governo, com amplo apoio de setores civis como empresários, a viabilizar outra estratégia de comunicação para realizar um projeto de informação intensa e contínua sobre as obras que esse governo realizava.

CAPÍTULO 6 - *A memória é uma ilha de edição*⁸¹⁴

6.1 O lugar de Amaral Netto no passado mítico da TV Globo

A trajetória de *Amaral Netto, o Repórter* foi marcada por inovações, ineditismos, expressivos índices de audiência, considerável ressonância popular, além da significativa longevidade, como vimos. Malgrado esse percurso, na construção de memória desse passado no campo da Comunicação, Amaral Netto não cabe na grandiosidade do passado mítico e heroico da TV Globo.

Para entender isso, cumpre lembrar que na construção do mito de nascimento e de consolidação da TV Globo, - que como cabe ao tempo mítico é um tempo de adversidades, de superação e de conquistas -, dois *heróis* dessa memória, Walter Clark e José de Bonifácio Oliveira Sobrinho, se estabeleceram como consensuais na bibliografia memorialística. O componente heroico e o pioneirismo são aí fartamente referidos. Além da precariedade e da improvisação a serem superadas heroicamente, há também o esforço de toda uma série de personagens coadjuvantes nessa saga que merecem/recebem (ou não) o reconhecimento público desses dois heróis. E eles são geralmente bastante generosos quando se trata de reconhecer publicamente as contribuições de atores, atrizes, comediantes, redatores, jornalistas, diretores e toda sorte de profissionais necessários ao funcionamento da televisão.

Como aponta Jacques Le Goff, a “definição do presente, [...], defronta-se com o peso de um passado muito mais complexo”. O passado mítico é legitimado no presente, sendo que ao par passado/presente, ainda seguindo Le Goff, vem somar-se o futuro. O historiador medievalista

⁸¹⁴ Wally Salomão, primeira frase do poema *Carta aberta a John Ashbery*.

entende que ideias míticas remetem à ideia de idade feliz⁸¹⁵. Nesse sentido, as adversidades, superações e conquistas que construíram o mito de nascimento da TV Globo fazem parte desse *tempo feliz* exaltado nas narrativas dos heróis que o construíram e dos que os ajudaram, de acordo com sua narrativa legitimadora.

Amaral Netto, no entanto, não é legitimado por Boni e Clark nesse passado. Ele traz, segundo todas as versões, o desconfortável atributo de *ter sido imposto* à TV Globo pelo regime militar. Portanto, desqualificado de antemão. E, se possível, ignorado.

É bem verdade que no *site* Memória Globo, o programa *Amaral Netto, o Repórter* é elencado e descrito como um produto da emissora na área do jornalismo, pioneiro em muitos aspectos, merecedor de diversos destaques, embora marcado por uma “exaltação ufanista dos temas abordados, afinado com o ideal de *Brasil grande*”⁸¹⁶. A memória oficial, portanto, não se detém nas minúcias e sutilezas relacionadas à produção independente, e à forma que esse programa foi exibido. Importa ali a qualidade de um produto pioneiro e a descrição sucinta de seu conteúdo. O *site* registra, por exemplo, ter sido esse “o primeiro programa fixo da TV Globo exibido em cores, em 1972”⁸¹⁷. Nessa memória catalogada alfabeticamente, o lugar de *Amaral Netto, o Repórter* é assegurado pela sua própria natureza de programa jornalístico, pela sua antiguidade, e pela efetiva exibição dessas reportagens na emissora. Para todos os efeitos, trata-se ali de um produto genuinamente *global*. Para quem acessa o *site*, é essa a impressão que fica. Além disso, ali ele consta como um verbete que pode ser mais ou menos ampliado ao sabor das

⁸¹⁵ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

É na idade mítica dos povos que Le Goff menciona em *História e Memória* que aparece, por exemplo, o mito do país da abundância como entre os índios guaranis (o mito da “terra sem mal”), os povos africanos (a idade do ouro), ou no Oriente (a ideia da união entre terra e céu), assim como no caso do Egito (relatos sobre a “primeira vez” do mundo), na Mesopotâmia (poema de criação), no Islã (o Corão e a ideia do lugar da felicidade).

⁸¹⁶ Verbetes *Amaral Netto, o Repórter*. In: Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html>, acesso em dez/2012.

⁸¹⁷ *Idem*.

reformulações sempre voláteis que caracterizam a *internet*⁸¹⁸, sendo o acesso direcionado pela intenção do pesquisador/buscador que eventualmente conheça Amaral Netto ou o seu programa.

Na versão impressa do *site*, o livro *Almanaque da TV Globo*, também editado pelo Memória Globo, Amaral aparece elencado num verbete como um “apaixonado pelo “Brasil Grande” e admirado pelos militares” que produzia documentários ufanistas, “mas reveladores”⁸¹⁹.

Mesmo assim, é relevante notar que há uma diferença de tratamento do *site* Memória Globo se compararmos o destaque que dão a Chucho Narvaez, o repórter-cinematográfico/diretor do programa. Ao contrário de Amaral Netto, Narvaez chega a ter um verbete na seção de “Perfis/Talentos” da casa, uma seção destinada a abrigar “relatos biográficos dos profissionais que já concederam entrevistas ao *site* Memória Globo”, mas também de “perfis de grandes personalidades que não chegaram a ser entrevistadas, mas cujas carreiras estiveram ligadas à empresa e hoje fazem parte da história da televisão brasileira”⁸²⁰. A atividade profissional de Chucho Narvaez é aí extensamente descrita com ênfase, principalmente, nos trabalhos entre 1965 até o início de *Amaral Netto, o Repórter* em 1968/69⁸²¹. Só há um parágrafo para os muitos anos em que o diretor passou à frente do mesmo, nada constando sobre suas outras atividades na TV Globo no decorrer desses anos até sua saída da emissora, segundo o *site*, no início dos anos 1980.

Os processos, as disputas e os mecanismos envolvidos na construção de memória já foram muito bem explicados por Michael Pollak. Ele considera que é o trabalho de *enquadramento* da memória que se alimenta do material fornecido pela história e que esse material pode ser interpretado e combinado a um sem número de referências associadas no processo de construção da memória. Pollak considera que esse trabalho, guiado pela

⁸¹⁸ O Memória Globo altera o texto, inserindo ou retirando informações do verbete, como verificado em pelo menos duas ocasiões documentadas, agosto/2011 e agosto/2012.

⁸¹⁹ SOUTO MAIOR, Marcel. *Almanaque da TV Globo*. São Paulo: Globo, 2006. p. 51

⁸²⁰ Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos.htm#>, acesso em 23/07/2014.

⁸²¹ Ver Nota 88.

preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” e “a referência ao passado serve para manter a coesão de grupos e das instituições que compõem a sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis.”⁸²²

A memória coletiva diante da qual somos colocados permite-nos então expandir e explorar novos textos, adverte Le Goff, remetendo ao impresso que funcionou como um marco a partir do qual a transmissão oral e a escrita passaram a não se diferenciar tanto.⁸²³ E como a memória tem um papel fundamental na representação do passado, Le Goff propõe uma luta pela democratização da memória social como imperativo da objetividade científica de historiadores, jornalistas, sociólogos, entre outros⁸²⁴, instigando essa busca com a inquietante pergunta que faz, seguindo o argumento de André Breton: “e se a memória mais não fosse que um produto da imaginação?”⁸²⁵.

Ora, a televisão, no século XX, amplificou o que o impresso, e depois o rádio e o cinema, já haviam iniciado. Com a televisão não é mais necessário sair de casa para comprar livros ou jornais, ou ir ao cinema. A TV passou a trazer o mundo ao telespectador e passou a funcionar não só como uma janela para esse(s) mundo(s), mas como formadora de discurso(s) e de realidade(s). De *realidade(s)* e de imaginação. A televisão pôde se tornar mesmo agente de construção de identidade(s) e de memória(s).

Em se tratando do Brasil, não se pode ignorar que o poder representado pela TV Globo (ainda hoje) começou e se consolidou justamente no período da ditadura, e em consonância com

⁸²² POLLAK. *Op. Cit.*

⁸²³ LE GOFF. *Op. Cit.* p. 458

⁸²⁴ *Idem.* p. 478

⁸²⁵ *Idem.* p. 471

a política de integração nacional idealizada pelo regime⁸²⁶. Nem se pode ignorar o papel da emissora como uma instituição de poder. De poder político. Antes do golpe civil-militar, Roberto Marinho já era recebido por presidentes e atuava intensamente na imprensa escrita por meio do seu jornal *O Globo*. Segundo sua biografia, ele teve “uma decepção incontida pela renúncia de Jânio Quadros”⁸²⁷, mas defendeu a posse de Goulart em 1961. Foi amigo, ou foi próximo, ou aconselhou, ou apoiou quase todos os presidentes que estiveram no poder, desde Castello Branco, por quem tinha “uma admiração definitiva”⁸²⁸. No Rio de Janeiro, era amigo do governador Negrão de Lima, eleito em oposição ao candidato de Carlos Lacerda, em 1965. Na transição para a democracia, após a ditadura, foi próximo tanto do presidente eleito pelo voto indireto do Colégio Eleitoral, Tancredo Neves, quanto de José Sarney, seu vice e depois presidente. O mesmo se pode dizer em relação aos presidentes Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

O caso da TV Globo é um bom exemplo de como uma construção de memória institucional pôde simplificar sua atuação no contexto da recente ditadura. Como já vêm demonstrando historiadores contemporâneos como Daniel Aarão Reis Filho e Denise Rollemberg, entre outros, no processo de construção de uma memória coletiva após o término da ditadura brasileira, complexidades foram simplificadas pelo senso comum a partir das conciliações, dos esquecimentos e dos enquadramentos de memória. A construção recorrente de memória coletiva em relação ao período acabou dando conta de que ‘o regime militar foi imposto’, o que também vem sendo desconstruído com estudos recentes que demonstram como

⁸²⁶ O fenômeno da ampliação dos meios de comunicação, com especial destaque para a televisão, foi um fenômeno de uma época e em escala mundial, ocorrendo também nos EUA, na Europa, e além. No Brasil, coincidiu com os anos de ditadura.

⁸²⁷ BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p.189

⁸²⁸ Há vários exemplos em BIAL. Op. Cit.

se deu a construção social desse regime⁸²⁹. Mesmo assim, considerando a ditadura uma situação limite, é sempre necessário extremo cuidado para que não se caia nem em culpabilizações nem em (des) responsabilizações sumárias da sociedade.

Na construção de memória da TV Globo, cuja história de inovações e criações é definidora de toda uma forma de fazer televisão no Brasil, e que se impôs como artisticamente, tecnicamente e comercialmente viável, a fala de Clark e, sobretudo, a de Boni, ainda vivo, é a fala legitimadora no meio. Muito mais do que a tecnologia, foi a metodologia do profissionalismo implantada pela dupla que se estabeleceu como parâmetro a ser alcançado e superado. E foi também o seu discurso que se impôs como a memória hegemônica sobre televisão no Brasil.

Hoje, para explicar como a emissora se relacionava com os militares, e para mostrar como a empresa e Roberto Marinho, “não foram subservientes ao regime”⁸³⁰, a relação da televisão com a censura é a primeira a ser invocada como prova para justificar ações do passado. Em seguida ao argumento da censura vem, fatalmente, a justificativa de que foi na Globo que se abrigaram comunistas como Ferreira Gullar e Dias Gomes, entre outros⁸³¹.

É essa a veemente defesa de Boni ao responder a um questionamento da plateia do programa *Altas Horas*, da TV Globo, de 07/01/2012, sobre a comparação entre Marinho e o *Cidadão Kane* feita no documentário da BBC inglesa *Beyond Citizen Kane*, de 1993.

Anos antes, em outra entrevista, Boni chegara a ser mais enfático citando um suposto não favorecimento comercial da emissora. Chegara a sugerir explicitamente uma *resistência*:

⁸²⁹ Ver por exemplo: ROLLEMBERG; QUADRAT (Orgs.). *Op. Cit.* 2010.

⁸³⁰ Boni citado literalmente por Domenico de Masi no prefácio de OLIVEIRA SOBRINHO. *O livro do Boni*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. p. 11

Trecho do programa *Altas Horas*, da TV Globo, de 07/01/2012. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=b-QT0WSnSgk&playnext=1&list=PLCE695566455A2FAB&feature=results_main, acesso em 03/01/2012.

⁸³¹ Além deles, também foram trabalhar na TV Globo, na década de 1970, Gianfrancesco Guarnieri (ator, diretor, dramaturgo), Oduvaldo Vianna Filho (autor da série *A Grande Família*/1972-1975), Mario Lago (ator em *Selva de Pedra*/1972, locutor do *Globo Repórter*/1973), Francisco Milani (ator, diretor), entre outros.

Folha - A Globo é acusada de ter sido porta-voz do regime militar. Havia interferência dos militares na programação ou a Globo agia por conta própria?

Boni - A Globo jamais agiu por conta própria. Havia pressão contínua sobre o dr. Roberto, porque TV era concessão, e havia pressão dos censores em relação a mim e ao Armando (Nogueira) no jornalismo. A Globo não foi favorecida pelo regime militar. As outras emissoras recebiam 20%, 30% ou 40% do faturamento publicitário do governo. Na Globo, as verbas do governo não passavam de 7%. Foi um período duro.

Folha - Se a Globo não tinha essa ligação, por que a imagem dela é tão associada ao regime militar?

Boni - Porque é difícil explicar a cada espectador isso que eu estou explicando. Ela foi extremamente usada devido à sua audiência, mas o dr. Roberto resistia.⁸³²

Na década de 1970, no entanto, a TV Globo se orgulhava publicamente de participar do milagre econômico. Anúncios de página inteira divulgavam “um novo produto brasileiro para exportação: programas de TV”. A emissora não apenas anunciava a exportação de novelas e programas culturais, entre eles o de Amaral Netto (exportado para Portugal e África), “levando o Brasil um pouquinho mais longe”, como também aproveitava para estabelecer e marcar a conexão e os bons termos com o poder numa peça publicitária que termina com a frase: “Tudo isso é tão bom, que este anúncio acabou virando uma carta aberta para o Ministro Delfim Netto.”⁸³³

Já no período da redemocratização, a atuação da TV Globo como força política durante a ditadura se dilui na construção de memória. A partir daí o tema da censura surge frequentemente como justificativa e explicação para o papel que a emissora desempenhou durante o regime.

⁸³² Jornal *Folha de S. Paulo online*. TV Brasileira. Memória. Entrevista a Mario Cesar Carvalho. S/data [provavelmente 2000]. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/tv_12.htm, acesso em 06/09/2015.

⁸³³ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 4/11/1971, p. 27. (ver Anexo 2, p. 376)

Gabriel Priolli⁸³⁴, também entrevistado no documentário *Beyond Citizen Kane* afirma que:

a Globo foi censurada, sem dúvida, muito censurada como todos os outros meios de comunicação. O que a Globo fez de diferente dos outros meio de comunicação é que a Globo encampou, ela defendeu o regime, ela exaltou o regime em vários momentos. Então essa tese de que ela simplesmente não falou, não contou a realidade porque foi censurada é uma forma de defesa que a Globo descobriu para se explicar perante a sociedade brasileira agora no período da democracia.⁸³⁵

E não se pode esquecer que a TV Globo procurava se antecipar ao DCDP, o Departamento de Censura e Diversões Públicas, procurando contratar funcionários que trabalhavam na censura para atuarem como autocensores, numa relação evidentemente promíscua⁸³⁶. Mesmo se considerarmos que o termo *autocensura* não revela todos os matizes do problema, como bem lembrou Carlos Fico⁸³⁷, só a ampliação de pesquisas sobre a censura e sobre a emissora no período vão permitir balizar em que medida funcionaram os limites impostos tanto pela censura do regime quanto pela autocensura da Globo.

⁸³⁴ Gabriel Priolli Netto é jornalista pela USP, professor, apresentador e diretor de televisão. Coordenador de Conteúdo e Qualidade da Fundação Padre Anchieta-TV Cultura de SP, presidente de honra da ABTU-Associação Brasileira de Televisão Universitária. Foi membro do Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, do Conselho Superior do Cinema (Ministério da Cultura) e do Comitê Consultivo do Sistema Brasileiro de TV Digital (Ministério das Comunicações). Apresentou *Opinião Brasil*, na TV Cultura de SP, onde também dirigiu o programa *Vitrine*. Apresentou *Imprensa na TV*, no Canal 21/SP. Foi colunista, repórter e crítico de televisão na *Folha de S. Paulo*. Crítico n'*O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Carta Capital* e *Época*. Foi editor de televisão na revista *Veja*, diretor de redação da revista *Imprensa* e editor-chefe da revista *Gallery*. Escreveu sobre mídia para o *site Observatório da Imprensa* e o jornal *Publimetro*. Foi editor do *Jornal Nacional* e editor-chefe do telejornal *São Paulo Já*, da TV Globo. Trabalhou como diretor na Rede Bandeirantes, editor-chefe na Rede Record e diretor-executivo de jornalismo da TV Gazeta/SP. Implantou e dirigiu o Canal Universitário de SP. Foi diretor-geral da TV PUC, a produtora de audiovisual educativo da PUC-SP, onde também atuou como professor no Departamento de Jornalismo. Foi também supervisor-geral da TV São Marcos, da Universidade São Marcos. Foi presidente e é membro da TAL-Televisão América Latina, organização social que implanta canal de televisão cultural de alcance internacional, programado cooperativamente por 20 países latinoamericanos. Desde 1984, dirige programas políticos e eleitorais para o PT, PMDB, PPS, PFL e PSDB. Autor com Walter Clark de *O Campeão de Audiência*. Coordenador do livro *A Deusa Ferida*. Recebeu o *Prêmio Esso de Jornalismo* em 1988. Cf. disponível em : http://www.gabrielpriolli.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=6, acesso em 29/12/2012.

⁸³⁵ *Beyond Citizen Kane. Op. Cit.*

⁸³⁶ Cf. FICO. *Op. Cit.* 2002.

⁸³⁷ FICO. *Op. Cit.* 2003.

A relação da TV Globo com os comunistas, que Roberto Marinho supostamente chamava de *seus*⁸³⁸, como reza o discurso do passado mítico, também vem sendo relativizada em estudos históricos sobre a relação de intelectuais de esquerda com a televisão.

O de Denise Rollemberg sobre o trabalho de Dias Gomes⁸³⁹, e o de Giordano Bruno Reis dos Santos sobre o de Oduvaldo Vianna Filho⁸⁴⁰, por exemplo, mostram que a Globo não simplesmente *apoiava* o regime, mas sim, por suas ideias e práticas, *integrava* o mesmo. E que, absorvidos por esse mercado que a TV representava, esses intelectuais parecem ter vivido um conflito interior que Rollemberg percebe ser muito mais em função do binômio arte/mercado do que de arte/política. Ou, no caso, arte/ditadura.

Mas não se pode ignorar que esses intelectuais de esquerda refutaram a ditadura ao mesmo tempo em que se beneficiaram de um meio bastante controlado e modernizado pelos investimentos do regime. Foi na TV Globo que os artistas intelectuais desempregados (muitas vezes, cassados pelo regime) encontraram espaço, e salários, para oferecer reflexões que “não subestimavam a inteligência do espectador”⁸⁴¹. Para muitos desses intelectuais a ideia de trabalhar na Globo se justificava como um ato de *resistência democrática*⁸⁴². Como mostrou Marcos Napolitano, a ideia de uma *resistência democrática* foi abraçada pelo Partido Comunista Brasileiro-PCB já desde o golpe civil-militar, tendo dissidentes dessa postura do Partido saído para a luta armada, como Carlos Marighella e Jacob Gorender o fizeram⁸⁴³.

⁸³⁸ Por exemplo, entre outros: OLIVEIRA SOBRINHO. *Op. Cit.* 2011. p. 443-451 e BIAL. *Op. Cit.* p. 23.

⁸³⁹ ROLLEMBERG, Denise. Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem Amado de Dias Gomes. In: AZEVEDO; ROLLEMBERG; KNAUSS; BICALHO; QUADRAT. *Op. Cit.*, 2009. p. 377-397.

⁸⁴⁰ SANTOS, Giordano Bruno Reis dos. *Vianninha e a Grande Família: Intelectuais de esquerda no Brasil dos anos 1970*. 2011, 141f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

⁸⁴¹ ROLLEMBERG. *Op. Cit.* 2009. p. 391

⁸⁴² Ver os trabalhos de: SANTOS. *Op. Cit.* 2011.; SACRAMENTO. *Op. Cit.* 2008.

⁸⁴³ NAPOLITANO, Marcos. *Coração civil: arte, resistência e lutas culturais durante o regime militar brasileiro (1964-1980)*. Tese de livre docência, Universidade de São Paulo, USP, 2011.

É curioso que em sua defesa de Roberto Marinho, Boni o apresenta como um “anticomunista ferrenho” defensor da economia de mercado para o Brasil, parecendo não se dar conta de que, ao absorver aqueles intelectuais de esquerda, ao mesmo tempo em que impunha uma postura de relativa independência (empresarial?, ideológica?), e até de poder, a Globo resolvia um de seus principais problemas que era contar com autores mais antenados com a renovação de uma linguagem televisiva (e novelística) que já soava antiga e ultrapassada no final dos anos 1960. A novela *Beto Rockfeller*, de Braulio Pedrosa, na concorrente TV Tupi, em 1968, havia revolucionado a desgastada fórmula das novelas cubanas e argentinas que imperavam então na televisão⁸⁴⁴. A TV Globo tinha de reagir à altura com um produto que se caracterizasse por uma linguagem voltada “para o registro de aspectos da realidade nacional”⁸⁴⁵ e que atingisse um público telespectador crescente. Era a essa demanda que esses autores atendiam.

No processo de redemocratização do país, a Globo passou também a incorporar um discurso de *resistência*, mesmo que o termo só tenha sido eventualmente empregado no sentido comum (“o Dr. Roberto resistia”⁸⁴⁶). Nesse discurso, a explicação para a presença de um programa como *Amaral Netto, o Repórter* na grade de programação fica à conta de uma *imposição*. E para explicar o comportamento da Globo na relação com a ditadura utiliza-se a “não subserviência”⁸⁴⁷, como já mencionado. Não é por acaso que a Globo explica sua atuação durante o período apoiando-se nesses dois pés: a tentativa de contornar/driblar a censura oficial

⁸⁴⁴ De Braulio Pedrosa, a partir de uma ideia de Cassiano Gabus Mendes, dirigida por Lima Duarte e Walter Avancini. Atuaram Luiz Gustavo, Irene Ravache, Bete Mendes e Débora Duarte, entre outros. Pela primeira vez, numa novela, foi incorporada a realidade como pano de fundo (ruas/edifícios da cidade, acontecimentos do dia a dia). Ressalte-se que em entrevistas recentes, em torno do lançamento do *Livro do Boni*, e já afastado da direção da TV Globo, o autor vem reforçando e cobrando a ausência de diversidade de contribuições à televisão, como é feita atualmente, vinda de outros campos (literatura, cultura popular, do pensamento, entre outros). Cf. Programa *Sem Censura*, TV Brasil, 13/12/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mzGXB9KyAvU>. acesso em 13/08/2013; Programa *Roda Viva*, TV Cultura, 13/09/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hvanc1rjNwQ>, acesso em 14/08/2013.

⁸⁴⁵ KORNIS. *Op. Cit.* 2007.

⁸⁴⁶ Jornal *Folha de S. Paulo online*. TV Brasileira. Memória. Entrevista a Mario Cesar Carvalho. S/data [provavelmente 2000]. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/tv_12.htm, acesso em 06/09/2015.

⁸⁴⁷ Boni no programa *Altas Horas*, da TV Globo, de 07/01/2012. *Op. Cit.*

do regime e o acolhimento profissional de intelectuais de esquerda. Ambos, de fato, aconteceram, e a emissora os incorporou ao seu passado mítico.

Aí reside um grande desafio para nossa compreensão histórica, porque a emissora que integrava o regime autoritário, no sentido de que o proprietário contribuía com a formação de consensos e que lidava diretamente com generais presidentes, também enfrentava e administrava as dificuldades e restrições impostas pela Censura, além de contar em seus quadros com pessoas não simpáticas ao regime. Portanto, pode dar hoje a impressão de que, a seu modo, *resistia*.

Resistia? Afinal, o que é (foi) *resistir* no contexto da ditadura brasileira?

6.2 Resistência, Adesão, Pedágio? – uma discussão⁸⁴⁸

Falar tanto da TV Globo num trabalho sobre o programa *Amaral Netto, o Repórter* justifica-se porque traz à tona a discussão conceitual que perpassa a presença desse programa durante cerca de 16 anos na sua grade de programação e a memória construída sobre isso. Ressalte-se que o programa surge frequentemente na memorialística como uma suposta barganha da TV Globo com o regime.

Mas desde já, lembremos que no vocabulário das forças que atuam em situações de confronto e/ou repressão, o termo *resistir* se coloca em oposição a *colaborar*⁸⁴⁹. Esse vocabulário não sai do nada. E nem se restringe apenas às forças repressivas. Ele contamina também o senso comum. As nuances entre essas duas pontas, portanto, abrangem toda sorte de possibilidades às quais o historiador deve atenção para não incorrer no erro de participar da caça às bruxas que o termo *colaborador* costuma incitar. E se isso vale para *colaborar*, por que não também para *resistir*? Afinal, repito, o que é (foi) *resistir* no contexto da ditadura brasileira?

O historiador francês Jacques Sémelin também se perguntou *Qu'est-ce que "résister"?* Seguindo a discussão iniciada por François Bédarida sobre a mitificação da resistência francesa, Sémelin faz uma reflexão sobre a noção de *resistência* que, embora muito discutida, não havia

⁸⁴⁸ Apontamentos para este item e o anterior deram origem a uma comunicação apresentada e aprovada para publicação no III Simpósio de pós-graduação do PRONEX, em 28/08/2013, na UFF. O artigo foi aceito para publicação pelo PRONEX, em 2013/14: KRAUSE, Katia. *A resistência ao regime militar no passado mítico da TV Globo*. In: ROCHA, Helenice; MARTINS, Ismênia de Lima; MORAES, Luis Edmundo de Souza; GONTIJO, Rebeca. (Orgs.). *Identidades, memórias e projetos políticos*. (no prelo).

⁸⁴⁹ Relativamente a *colaborar*, é necessário explicar que o termo podia, na ditadura brasileira, alcançar uma gama de comportamentos no campo das produções culturais, incluindo livros, letras de música, filmes, novelas, entre outras manifestações que não incomodassem ou ultrapassassem os limites estabelecidos, ou estivessem em conformidade, aos parâmetros delimitados pelo DCDP, o Departamento de Censura e Diversões Públicas. Todavia, há uma distância entre os que podem ser considerados benquistos pela ditadura e os *colaboradores*. Alguns dos primeiros, inclusive, podem ter sido apropriados pelo regime em razão da sua popularidade, sem ao menos terem se dado conta, ou ao trabalho de contradizer (por quaisquer e inúmeros motivos) essa apropriação.

sido conceituada. Ele aponta que o termo tinha uma diversidade de acepções antes de 1939 e se naturalizou nas construções de memória durante e após a Segunda Guerra. Sémelin e outros autores fazem parte de um processo de revisão do conceito de resistência que começa nos anos 1980, sendo que na historiografia francesa, num sentido mais amplo, a revisão do tema já tivesse começado no final dos anos 1960.

No Brasil, num artigo que se propõe a discutir critérios para possibilitar a formação de um conceito de *resistência* nos estudos sobre a ditadura brasileira de 1964-1985, Denise Rollemberg⁸⁵⁰ aponta para o amadurecimento do debate francês sobre o conceito, a ponto de se produzir lá um *Dicionário da Resistência*, organizado por François Marcot⁸⁵¹. Rollemberg enfatiza a necessidade que se impôs em oposição à naturalização do uso desse conceito na Europa e que excluía toda a gama de complexidades comportamentais existente entre os polos criados, ainda em 1944, de *resistentes e colaboradores*⁸⁵².

E já que o conceito também vem sendo apropriado de forma naturalizada para a ditadura brasileira, Rollemberg busca elementos nessa discussão para contribuir no debate local. Assim, embora as reflexões dos historiadores franceses fossem específicas para os comportamentos sob a ocupação alemã do seu território na Segunda Guerra, elas são trazidas para a discussão devido ao reconhecimento do quanto podem ser úteis para outros casos em que vige um regime autoritário, como o brasileiro.

Sémelin, por exemplo, identifica uma clara distinção entre as noções de *defesa*, de *dissidência*, de *desobediência civil* e de *resistência*. Ele enfatiza que na *defesa* é necessária a existência de uma preparação prévia organizada e permanente como no caso dos exércitos. Casos

⁸⁵⁰ ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. (Orgs.). *História e Memória de ditaduras*. Brasil, América Latina e Europa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

⁸⁵¹ MARCOT, François. *Dictionnaire Historique de la Resistance*. Paris: Robert Laffont, 2006.

⁸⁵² ROLLEMBERG. *Op. Cit.* 2015.

de *dissidência* caracterizam-se por serem ações individuais. Já na *desobediência civil*, também uma ação individual, as motivações não têm forçosamente a ver com o ato de resistência à ocupação nazista, como foi o caso, por exemplo, dos franceses que se recusaram ao trabalho obrigatório instituído por uma lei impopular em fevereiro/1943. Para Sémelin, *resistência* implica numa ação voluntária, consciente, civil, com risco pessoal, improvisada (no sentido de ter de se organizar frente à situação que se apresenta).⁸⁵³ O fenômeno se caracterizaria como uma espécie de fase avançada de manifestações multiplicadas de oposição social, já que a *resistência* demandaria necessariamente uma ação coletiva.

Da mesma forma, François Marcot distingue o conceito de *resistência* das variadas “estratégias de sobrevivência” no comportamento dos franceses sob a ocupação alemã. Para Marcot também há uma clara diferença entre o conceito de *oposição* e o de *resistência*. Enquanto que o primeiro se caracteriza por comportamentos contra o ocupante estrangeiro, mas dentro de uma margem de manobra possível legalmente, no segundo adotam-se práticas de transgressão contra o ocupante do país em nome da luta pela democracia. As estratégias de sobrevivência englobariam, para Marcot, um leque que vai da *colaboração*, - ou da *adaptation contrainte* -, passando pelas *desobediências afetivas e espirituais*, ou *insubmissões de espírito e vontade*, até os comportamentos de *resignação*, *indiferença*, ou mesmo de *oportunismo*.⁸⁵⁴

A discussão sobre os extremos *colaboração/resistência* na ditadura brasileira vem ganhando outros contornos, como o sugerido por Rodrigo Patto de Sá Motta, que considera os conceitos de *adesão* e de *acomodação* que ajudam a nuançar os comportamentos no período onde, segundo ele, “o Estado autoritário encontrou apoio e o beneplácito de muitas pessoas, além

⁸⁵³ SEMELIN, Jacques. *Qu'est-ce que "résister"?* In: *Esprit*. Paris, n. 198, janeiro de 1994.

⁸⁵⁴ MARCOT, François. *Résistance et autres comportements des français sous l'occupation*. In: MARCOT, François; MUSIEDLAK, Didier. *Les résistances miroirs des régimes d'oppression. Allemagne, France, Italie*. Paris: Presses universitaires de Franche-Comté, 2006.

de ter contado com a indiferença de outras tantas, este último grupo talvez a maioria”⁸⁵⁵. É verdade que a exclusão das chamadas classes populares sem acesso à educação, e a precária noção de cidadania, partes de um fenômeno de longa duração como já explicou José Murilo de Carvalho⁸⁵⁶, podem ter se traduzido na indiferença de grandes contingentes da população durante a ditadura. Uma espécie de alheamento da realidade política.

Ainda assim, no que diz respeito ao campo da produção artística da época, Gustavo Alonso Ferreira faz uma valiosa distinção quando se fala da *indiferença* da população em relação ao regime autoritário no Brasil. Segundo o autor, se atentarmos para a produção musical do país pesquisada na sua tese de doutorado, as letras de canções do universo conhecido como *sertanejo* (de enorme difusão regional e alcance nacional, mesmo à época da ditadura) mostram que não houve indiferença ao regime, mas uma construção social em larga escala. Ele entende que

a noção de *indiferença* tende a subestimar a participação *ativa*, e vê-la simplesmente como “seguidora” de discursos governamentais, não a compreendendo como performativa do regime. Ou seja, permanece a visão passiva de que a sociedade se atrelou (ou não) aos ditames do regime e não de que participou ativamente deste. A noção de indiferença ainda *vitimiza* a sociedade.⁸⁵⁷

No que concerne a ideia de *resistência*, há que se ressaltar que uma de suas características é que essa não é uma condição que se possa manter de forma permanente. Outra, é que a realidade da *resistência* é também uma realidade em movimento. Aplicá-la de forma naturalizada ao período histórico que engloba a toda a ditadura, de 1964-1985, é, no mínimo, temerário. Ainda mais quando não se tratou aqui de uma ocupação estrangeira, mas do combate ao abuso de poder exercido por nacionais.

⁸⁵⁵ MOTTA. Op. Cit, 2014. p. 288-324

⁸⁵⁶ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil, o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civ Brasileira, 2005.

⁸⁵⁷ FERREIRA, Gustavo. *Op. Cit.* 2011. p. 53-54

Para compreender as especificidades da *colaboração* e da *resistência*, ou das *estratégias de sobrevivência* durante a recente ditadura brasileira, e especificamente em relação à TV Globo e de seus funcionários (mais ou menos graduados na hierarquia da empresa), recorro também ao conceito da *ambivalência*, uma noção que não trabalha com concepções dualistas que rejeitam a coexistência de oposições. E, portanto, à possibilidade que Pierre Laborie levanta de um “pensar-duplo” presente nos agentes históricos.

Algumas das práticas da TV Globo em relação ao regime autoritário, ressaltando todas as especificidades envolvidas, também podem ser consideradas ambivalentes, e compreendidas como uma estratégia “de sobrevivência, de contornamentos”⁸⁵⁸. Menos no sentido de uma ideologia, mas muito mais no sentido de defender o negócio que a emissora afinal representa(va). O conceito de ambivalência é importante para a compreensão dos comportamentos e estratégias que acontecem nessa “zona cinzenta”⁸⁵⁹, o espaço entre *colaboração* e *resistência*, no qual Laborie considera que grande parte das sociedades atua⁸⁶⁰. Seja nos regimes democráticos ou nos autoritários, em relação a diferentes assuntos, como mostram estudos sobre opinião. São justamente as contradições e as ambivalências dessas “zonas cinzentas” que podem tornar o trabalho historiográfico tão instigante para o pesquisador.

Por isso, a necessidade de se conceituar apropriadamente essa noção já naturalizada, como enfatiza Denise Rollemberg, recorrendo a Pierre Laborie:

no que diz respeito aos estudos sobre a ditadura no Brasil, como no caso francês, é evidente o desequilíbrio entre a produção sobre resistência se comparada às pesquisas

⁸⁵⁸ LABORIE, Pierre. 1940-1944. Os franceses do pensar-duplo. In: ROLLEMBERG; QUADRAT (Orgs.). *Op. Cit.* 2010. Volume 2. p. 31-44.

⁸⁵⁹ A ideia de *zona cinzenta* foi originalmente empregada por Primo Levi para explicar as contradições nos comportamentos de pessoas submetidas a situações-limite como campos de concentração. Laborie se apropria do termo e desenvolve o conceito para explicar ambivalências humanas sob regimes autoritários, como Vichy.

⁸⁶⁰ LABORIE, Pierre. Memória e Opinião. In: AZEVEDO; ROLLEMBERG; KNAUSS; BICALHO; QUADRAT. *Op. Cit.* 2009. p. 79-97.

que tratam dos demais temas, sobretudo, do que foi *a nossa zona cinzenta*, as posições e comportamentos *ambivalentes* na maior parte da sociedade entre os extremos resistência e colaboração. Igualmente, não houve entre nós, até o momento, a preocupação de defini-la.⁸⁶¹

Para Daniel Aarão Reis, a *resistência* da sociedade brasileira ao golpe e à subsequente ditadura, se não foi inexistente, também não pode ser considerada nem tão expressiva nem tão eficiente, e muito menos tão disseminada e incorporada na sociedade brasileira quanto a memória que dela se construiu no período da redemocratização. No auge da crise política que resultou no golpe civil-militar que depôs João Goulart da presidência, “as esquerdas não ofereceram resistência [expressiva], quedando-se aparvalhadas, desmoralizadas”⁸⁶².

A historiografia brasileira vem revisitando o conceito de *resistência*, principalmente os trabalhos de Aarão Reis e de Denise Rollemberg, e outros por eles inspirados. Ela, por exemplo, já analisou as atas produzidas pelas reuniões dos conselhos, entre 1964 e 1974, da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), entidades que construíram toda uma memória de resistência e luta contra as arbitrariedades do regime. E mostrou como a primeira foi efetivamente condescendente e a segunda ambivalente na relação com a ditadura. A partir da análise dessas atas, pode se ver que a OAB chegou a apoiar tanto o golpe quanto a ditadura, defendendo que a intervenção militar no país havia sido necessária. E não reconsiderou essa posição nas atas até 1974. Denise Rollemberg mostra como a OAB legitimou o AI-1, aplaudiu o AI-2, e calou no AI-5. Sem contar com a efetiva participação na elaboração da Constituição de 1967 e na Comissão Geral de Inquérito – CGI.⁸⁶³ Já a ABI,

⁸⁶¹ ROLLEMBERG, *Op. Cit.*, 2015.

⁸⁶² AARÃO REIS, Daniel. Ditadura militar no Brasil: uma incômoda memória. In: _____. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

⁸⁶³ Denise Rollemberg oferece uma desconstrução da memória da resistência construída sobre (e pela) posição da OAB como um dos pilares da luta de resistência democrática contra a ditadura. Ao analisar esses documentos, a historiadora mostra como a entidade máxima dos advogados levou dez anos para encampar a luta pela

embora nunca tenha apoiado oficialmente o golpe, manteve uma postura de duplicidade na relação com o regime que marcou o tom de sua atuação durante o período analisado.⁸⁶⁴ Obviamente que somente as atas não exaurem a dinâmica interna dessas entidades, marcadas por tendências diferenciadas e por disputas que nem sempre aí aparecem. Mas elas são sua expressão oficial, e mostram conciliação (no caso da OAB) e ambivalência (no caso da ABI) na relação com a ditadura. Pelo menos até 1974, quando o regime iniciou o projeto da Abertura.

Parte da historiografia brasileira sobre o período da ditadura considera a cultura como forma alternativa de resistência, como defendem Marcos Napolitano e Maria Paula Nascimento Araújo, entre outros pesquisadores. Trabalha-se com a noção de que se tratava de uma oposição ou *resistência possível* enquanto não fosse factível assumir o discurso político.

Napolitano, por exemplo, trabalha com a ideia da resistência como um posicionamento psicológico e comportamental que não demanda *ação*. Nessa perspectiva, a produção e o consumo de *arte engajada* e de *produções culturais de esquerda* caracterizaria uma disposição afetiva e mental de oposição ao regime autoritário. Ou seja, uma estratégia de *resistência cultural* no sentido de “manter a chama da opinião política da resistência devidamente acesa”⁸⁶⁵.

Maria Paula Araújo já ressaltou a importância da imprensa alternativa na luta contra a ditadura ajudando a “difundir uma “cultura popular de esquerda” que divulgava não apenas posições políticas, mas também livros, filmes, músicas, ideias, peças de teatro, intelectuais,

redemocratização do país: “Em nenhum momento, no período estudado - 1964 a 1974 -, apareceu nas discussões do Conselho Federal qualquer reavaliação dessa posição”. Cf. ROLLEMBERG, 2008, p. 89 ROLLEMBERG, Denise. Memória, opinião e cultura política: a Ordem dos Advogados do Brasil sob a ditadura: 1964-74. In: AARÃO REIS, Daniel; ROLLAND, Denis. *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008. p. 57-80

⁸⁶⁴ ROLLEMBERG, Denise. As *trincheiras* da memória. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974). In: ROLLEMBERG; QUADRAT (Orgs.). *Op. Cit.* 2010. Volume 1. p. 97-14

⁸⁶⁵ NAPOLITANO. *Op. Cit.* 2011.

criando e difundindo ícones de uma cultura de oposição, ligados a outros povos latino-americanos e africanos”⁸⁶⁶.

É verdade que manifestações de humoristas, cartunistas, artistas de teatro, músicas de protesto, cinema e artes plásticas exprimiam as “perplexidades e as amarguras de amplos setores sociais”⁸⁶⁷. No entanto, como bem lembra Aarão Reis, esse movimento crítico era limitado por duas razões:

A primeira era de ordem social. Os trabalhadores urbanos e rurais não tinham vez, nem voz, naquelas críticas. A maior parte simplesmente acomodou-se à nova situação. Outros setores, mais participantes nas lutas pelas reformas de base, encontravam-se desorientados, envolvidos na amargura das ilusões perdidas. De outro lado, do ponto de vista do conteúdo, as críticas elaboradas concentravam-se nas incongruências do regime, provocando o riso. Apostava-se numa espécie de beco-sem-saída.⁸⁶⁸

Além disso, essa noção *resistência cultural* exclui a pura fruição estética (ou mesmo humorística) que muitas dessas obras engajadas permitiam (e muitas ainda permitem), assim como exclui o fator entretenimento. E mesmo que se considere eventuais fenômenos de vendagem de produtos associados à *resistência cultural* (como peças de teatro, o jornal *Pasquim* em alguns momentos, ou compositores como Chico Buarque), o consumo dessas produções era restrito se considerarmos os milhões de habitantes do universo brasileiro. Isso tende a ser hoje minimizado em favor de um consumo qualitativo e formador de consciência de oposição, mas era, então, uma preocupação real.

A sociedade brasileira seria agitada, de fato, pelos estudantes universitários, mas de forma molecular, como lembra Aarão Reis. Foi a partir dessa oposição crescente que surgiriam as

⁸⁶⁶ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*. Rio de Janeiro: Faperj e Editora Sete Letras, 2004. p. 161-175.

⁸⁶⁷ AARÃO REIS. *Op. Cit.* 2000.

⁸⁶⁸ AARÃO REIS, *Op. Cit.*, 2000.

primeiras manifestações públicas de repulsa ao governo pós-1964. Esses estudantes também constituiriam a principal base social do processo de rearticulação das esquerdas organizadas, todas postas na clandestinidade desde abril de 1964.

A questão da luta armada também é objeto de discussão no que se refere à questão da resistência. Marcelo Ridenti, por exemplo, sustenta a adesão da esquerda revolucionária ao ideário democrático. Para ele, as ações armadas estariam associadas à luta pela redemocratização do país.⁸⁶⁹ Já Aarão Reis, ele mesmo um antigo militante de posição relevante na hierarquia da luta armada, enfatiza a perspectiva ofensiva e revolucionária que havia moldado aquelas esquerdas, “elas não eram de modo algum apaixonadas pela democracia, francamente desprezadas em seus textos”⁸⁷⁰.

Nesse sentido, de acordo com as concepções de *resistência* da historiografia francesa, e considerando a diversidade e multiplicidade de formas de *resistir*, a luta armada como conduzida no Brasil não se caracterizaria como *de resistência* porque não encampava a luta pela democracia como um de seus arcações. Mesmo que a memória a tenha eternizado como *resistência armada*. Pelo contrário, muitas das organizações defendiam conceitualmente o socialismo como alternativa. Isso não significa que não estivessem lutando também contra as arbitrariedades e torturas perpetradas pelo regime ditatorial. Significa uma dificuldade conceitual para que se reconheça a luta armada no Brasil como *resistência* na defesa de um regime democrático.

Portanto, trata-se mais de tentar compreender como as sociedades constroem seus regimes autoritários do que como as sociedades colaboram com os regimes autoritários. E aqui não se trata apenas de uma questão semântica. Palavras e conceitos podem aliviar, diminuir e até isentar responsabilidades.

⁸⁶⁹ RIDENTI, Marcelo. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para os pesquisadores. In: AARÃO REIS; RIDENTI; MOTTA. *Op. Cit.*, 2004. p.143-144

⁸⁷⁰ AARÃO REIS. *Op. Cit.* 2000, p.70

A coleção organizada por Denise Rollemberg e Samantha Viz Quadrato, *A construção social dos regimes autoritários*, é uma mostra de trabalhos que evidenciam a sustentação social ao regime autoritário brasileiro, não como uma exceção, mas como um fenômeno observado em outros tempos e espaços. Há ali trabalhos sobre a produção de consentimentos político-partidários, sobre a participação de artistas, sobre o envolvimento da grande imprensa e de empresários, sobre o apoio da Igreja e de organizações civis. Toda uma historiografia que mostra que são “os valores e as referências, as culturas políticas que marcam as escolhas, sinalizando relações de identidade e consentimento, criando consensos, ainda que com o autoritarismo”⁸⁷¹.

Outros trabalhos da historiografia recente apontam a relevância de diversos agentes históricos presentes na sociedade do contexto da ditadura 1964-1985. E mostram como a ditadura política foi vivenciada por organizações da classe média, por setores artísticos, pelas universidades, pelo futebol, pela música, entre outros⁸⁷².

Janaína Martins Cordeiro, por exemplo, analisou o papel das mulheres da *Campanha da Mulher pela Democracia* - CAMDE na organização das *Marchas pela Família e pela Democracia* promovidas em apoio, antes e depois do golpe. Esse trabalho de Cordeiro explica a importância das “relações de identidade, afinidade, consenso e consentimento, de variados matizes que se alteraram ao longo do tempo” de parcelas significativas da sociedade brasileira, de todas as camadas, e que sustentaram por tantos anos os valores e propostas da ditadura.⁸⁷³

⁸⁷¹ ROLLEMBERG; QUADRATO (Orgs.). *Op. Cit.* 2010. Apresentação.

⁸⁷² Ver por exemplo (em ordem alfabética por autor):

CORDEIRO, Janaína Martins. *Direitas em movimento-A Campanha da Mulher pela democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CORDEIRO. *Op. Cit.* 2012.

FERREIRA, Gustavo. *Op. Cit.* 2011.

MAGALHÃES, Lívia. *Op. Cit.* 2013.

MOTTA. *Op. Cit.* 2014.

PRESOT, Aline Alves. *As marchas da família, com Deus, pela liberdade e o golpe de 1964*. Dissertação. (Mestrado em História), PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

⁸⁷³ CORDEIRO, 2009. *Op. Cit.* p.15-16

Cordeiro continua a análise observando que, embora mutável, plural e diversificado, um consenso em torno da ditadura foi rapidamente alcançado após o golpe.

A mesma autora, estudando as festas cívicas em comemoração aos *150 anos da Independência do Brasil*, ocorridas entre abril e setembro/1972, percebe que essas festas e seu discurso cívico-patriótico foram fundamentais no diálogo estabelecido entre a ditadura e a sociedade. Sua pesquisa mostra como essas festas deixam perceber que o período significou também e para expressivos segmentos da sociedade, anos de ouro, de euforia desenvolvimentista, plenos de expectativas e entusiasmado sentimento de construção do Brasil potência.⁸⁷⁴

Carlos Fico também já analisou a relação de pessoas comuns com a Divisão de Censura de Diversões Públicas, durante o regime ditatorial, através de documentos administrativos e das cartas enviadas por essas pessoas. Esse estudo mostra como aumentou, surpreendentemente, o número de cartas pedindo censura durante os anos de 1976 e 1980, justamente quando assume o governo da abertura política de Geisel e na continuidade com Figueiredo. Muito mais do que a quantidade verificada no auge da repressão, quando governaram a Junta Militar e o general Emílio Médici. Como conclui Fico, embora não tenha ficado imune às peculiaridades do regime militar, a censura da *moral e bons costumes* “dizia respeito a antigas e renovadas preocupações de ordem moral, muito especialmente vinculadas às classes médias urbanas”⁸⁷⁵.

A significativa ressonância de *Amaral Netto, o Repórter* elenca-se junto a inúmeras outras atitudes sociais, individuais e/ou coletivas, que contribuíram para a formação de um *atmosfera*

⁸⁷⁴ CORDEIRO, 2012. *Op. Cit.*

⁸⁷⁵ FICO, Carlos. *Prezada Censura*. In: *Topoi*, n. 5, v. 3, UFRJ, julho-dezembro, 2002.

*consensual*⁸⁷⁶ em torno da ditadura. Um clima criado a partir de um “acordo de aceitação do regime existente pela sociedade, explícito ou implícito”⁸⁷⁷, como explicado por Aarão Reis.

Entre essas atitudes, por exemplo, a aparente tranquilidade com que intelectuais aderiram a instituições de poder como os Conselhos de Cultura (federal e estaduais) que pretendiam implantar e divulgar a política cultural cara ao regime.⁸⁷⁸

Ou a da equipe da seleção de futebol da Copa de 1970 que “não se envolvia politicamente com o regime”⁸⁷⁹, como também agia grande parte da população.

Ou o enorme sucesso que faziam as canções ufanistas e/ou adesistas ao regime dos *cowboys do asfalto* da década de 1970, a nacionalmente abrangente produção musical pesquisada por Gustavo Alonso Ferreira, que mostra a penetração da construção social que ativamente apoiava o regime.⁸⁸⁰

⁸⁷⁶ Termo usado por Janaina Cordeiro em CORDEIRO, 2012. *Op. Cit.*

⁸⁷⁷ Para Aarão Reis o conjunto de consentimentos, ou de aceitações, que podem ser individuais ou coletivos, são capazes de gerar *acordos* ou *pactos* que formam consensos. Para Aarão Reis, tais acordos podem compreender “o apoio ativo, a simpatia acolhedora, a neutralidade benévola, a indiferença ou, no limite, a sensação de absoluta impotência”. Ver em: AARÃO REIS, Daniel. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: ROLLEMBERG; QUADRAT. *Op. Cit.* 2010. p. 363-392. p. 387, Nota 20.

⁸⁷⁸ O Conselho Federal de Cultura que tomou posse em fevereiro/1967 contava com os seguintes intelectuais, então, (e muitos ainda hoje) de reconhecida relevância: Adonias Filho, Afonso Arinos de Melo e Franco, Ariano Suassuna, Armando Schnoor, Arthur Reis, Augusto Meyer, Cassiano Ricardo, Clarival Valladares, Djacir Lima Menezes, Gilberto Freire, Gustavo Corção, Hélio Viana, João Guimarães Rosa, José Cândido e Andrade Muricy, Josué Montello, D. Marcos Barbosa, Manuel Diegues Junior, Moysé Velinho, Otávio de Faria, Pedro Calmon, Rachel de Queiroz, Raymundo de Castro Maia, Roberto Burlle Marx, Rodrigo de Mello Franco de Andrade. Cf. CALABRE, Lia. Intelectuais e Política: o Conselho Federal de Cultura. In: *Atas do colóquio de intelectuais, cultura e política no mundo ibero-americano. Intellèctus*. Ano 5, Vol II, 2006. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_Intelectuais_e_PoliticaCultural.pdf, acesso em 24/07/2014

Ver também: MAIA, Tatyana de Amaral. *Os Cardeais da Cultura Nacional, o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil-militar (1967-1975)*. Rio de Janeiro: Ed. Rumos, 2012. [tese - doutorado em História, UERJ, 2010]

MAIA, Tatyana de Amaral. *Por um Senado da Cultura Nacional: intelectuais e Políticas Culturais no Regime Militar (1967-1975)*. Disponível em: <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/40-TATYANA-DE-AMARAL-MAIA.1.pdf>, acesso em 14/07/2014.

⁸⁷⁹ Ver MAGALHÃES, Livia. *Op. Cit.*

⁸⁸⁰ Ver FERREIRA, Gustavo. *Op. Cit.*

Ou os *jogos de acomodação e adesão* nas universidades nas quais professores de perfil esquerdista, alguns dos quais retornaram ao país durante a ditadura, se (re)inseriram na academia e trabalharam sem serem incomodados pelo regime.⁸⁸¹

Atitudes que vão além da acomodação e da adesão também existiram na academia, como a de professores da USP que, diante do explícito desaparecimento de uma professora (presa, torturada e morta), a demitiram por abandono de emprego, como relatado por Bernardo Kucinski.⁸⁸²

No caso da imprensa, Beatriz Kushnir já mostrou como jornais exerciam a autocensura⁸⁸³, e Carlos Fico que a TV Globo procurava se antecipar ao DCDP para contratar funcionários desse órgão para atuarem como autocensores da emissora.⁸⁸⁴

De amplo espectro, essas são apenas algumas das muitas maneiras que mostram como as pessoas e instituições, durante a ditadura, por determinados períodos, expressaram consentimentos, conivências, adaptações, omissões, indiferenças. Como ajudaram a criar um ambiente social no qual a adesão e a acomodação de vontades e (des)interesses manteve, por maior ou menor período, um consenso em torno no regime.

Está claro que consensos e consentimentos na sociedade brasileira não foram unânimes, nem monolíticos ou duradouros na continuidade. Foram, contudo, suficientes para manter um ciclo de governança de 21 anos sob tutela militar. Cinco generais-presidentes (e duas Juntas Militares) se sucederam no poder, só cedendo o protagonismo a um grupo civil depois de se assegurarem amplas garantias que vão da autoanistia a proteções resguardadas na Constituição de 1988.

⁸⁸¹ Ver MOTTA. *Op. Cit.* 2014.

⁸⁸² KUCINSKI, Bernardo. *K.* São Paulo: Cosac Naif, 2014.

⁸⁸³ Ver KUSHNIR, Beatriz. *Op.Cit.* 2004.

⁸⁸⁴ Ver FICO. *Op. Cit.* 2002.

Como equacionar então, na construção de memória sobre o período, uma *resistência* que, por naturalizada, nos remete à heroica concepção original francesa? Naturalizado, como alerta Denise Rollemberg, o fenômeno histórico francês passou a servir para outras realidades no tempo e no espaço⁸⁸⁵. Naturalizado, o fenômeno vem sendo apropriado pela construção de memória sobre o período da ditadura brasileira, entre 1964 e 1985. Naturalizado, serve aos campos da luta armada e da cultura. Naturalizado, tem sido apropriado como um fenômeno do viver cotidiano.

No caso da TV Globo, manter um programa como *Amaral Netto, o Repórter* na grade de programação, duas vezes por semana, enquanto se abria espaço para as novelas e séries produzidas por intelectuais de esquerda, pode ser visto exclusivamente como uma estratégia de mercado. Ainda assim, esse é um comportamento ambivalente.

Quando o programa surgiu no final dos anos 1960, o país estava pronto para a colheita dos dividendos do *milagre econômico* na década de 1970. *Milagre* que estabelece, aliás, como apontado por Janaina Cordeiro, secundando Daniel Aarão Reis, o triste binarismo desses *anos de ouro* com os *anos de chumbo* sugeridos pela metáfora que caracterizou a construção de uma memória em relação à atuação do regime a partir da redemocratização nos anos 1980⁸⁸⁶. Nesse sentido, o binômio se refere à existência de um significativo enriquecimento econômico e de um efetivo desenvolvimento tecnológico e industrial, no período, em oposição a uma política repressiva, autoritária e antidemocrática. Mas da mesma forma que não se encontrou a receita alquímica para transformar *chumbo* em *ouro*, e vice-versa, é importante perceber as implicações dessas metáforas químicas utilizadas pela memória e pela história. Lembram-me elas que entre o ouro e o chumbo, na tabela periódica dos elementos químicos, estão o *mercúrio* e o *tálio*, também

⁸⁸⁵ ROLLEMBERG, Denise. *Op. Cit.*, 2015.

⁸⁸⁶ CORDEIRO, Janaina. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009. p. 85-104

metais, respectivamente líquido e mole⁸⁸⁷. Tanto o mercúrio quanto o tálio podem ser altamente tóxicos, mas têm imprescindíveis aplicações econômicas. Maleáveis, fluidos, esse metais também podem servir para uma metáfora dos comportamentos sociais entre o *ouro* da economia/desenvolvimento e o *chumbo* da política/repressão. Mercuriais, voláteis, instáveis, perigosas, são justamente as qualidades das opiniões e comportamentos do “pensar-duplo”, das ambivalências que explicam como se construiu o apoio e a sustentação social do regime.

No contexto brasileiro isso significa entender as contradições, as ambivalências, e mesmo as acomodações dos diversos agentes, em níveis e nuances diferenciados, durante períodos determinados. Mesmo porque esses comportamentos, muitas vezes, não foram sempre consistentes durante o longo período da ditadura. Como dar conta, então, de tantas nuances (se elas existiam) do cotidiano humano das relações na (e da) TV Globo? Como compreender, agora à distância, todas as possibilidades daqueles comportamentos? Só em 2013 a emissora e o Jornal *O Globo* admitiram que a opção de apoio ao golpe de 1964 fora um erro: o editorial publicado⁸⁸⁸ no jornal num sábado foi lido pelo locutor do *Jornal Nacional* no mesmo dia, precedido do anúncio de um *site* na *internet* (Acervo Globo) onde de daria uma “revisitação de sua própria história com olhar crítico”⁸⁸⁹.

É interessante perceber que a ideia de que a Globo possa também ter funcionado como *lugar de resistência e acomodação*, não só de adesão, encontra respaldo na historiografia recente que percebe, após 1974, alguns empresários resistindo ao regime já que davam voz aos agentes de produção cultural identificados com as esquerdas. Nesse caso, como afirma Marcos Napolitano, de uma esquerda representada pelos comunistas e disposta a negociar “até certo

⁸⁸⁷ Na sequência da tabela periódica, após o ouro (Au) nº atômico 79, vem o mercúrio (Hg) nº atômico 80, o tálio (Tl) nº atômico 81, e o chumbo (Pb) nº atômico 82.

⁸⁸⁸ *O apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro*. Jornal *O Globo*, 31/08/2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>, acesso em 31/08/2013.

⁸⁸⁹ Globo admite que apoio ao golpe foi erro: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bABCjGS-M4>, acesso em 29/10/2014.

ponto o próprio conteúdo de suas ideias, materializadas em peças de teatro, filmes, canções e novelas”. De acordo com Napolitano,

abertos à negociação com o regime, as vozes políticas liberais foram fundamentais como interlocutores entre a oposição de esquerda e o Estado, sobretudo ao longo do processo de "abertura" política, após 1974. No plano cultural, os empresários liberais deram bastante espaço para os artistas ligados à chamada "corrente hegemônica" (comunista), como demonstra a mencionada presença de comunistas declarados entre os quadros artísticos e técnicos da Rede Globo, ou o prestígio que os cantores e compositores da MPB desfrutavam nos jornais liberais ou junto às empresas fonográficas.⁸⁹⁰

Ocorre que esses intelectuais de esquerda começaram a ser acolhidos na TV Globo bem antes de 1974, bem antes que se cogitasse uma distensão do regime, bem antes da Abertura. Dias Gomes começou na emissora em 1969; Francisco Milani, em 1970; Oduvaldo Vianna Filho, em 1972.⁸⁹¹ Ou seja, parecia haver uma política interna da emissora que sustentava publicamente a inserção desses profissionais na empresa, mesmo durante o período da maior repressão.

Por outro lado, como explica Itania Maria Mota Gomes, analisando o principal produto jornalístico da empresa e em torno do qual foi montada a grade de programação do horário nobre, o *Jornal Nacional*, cuja viabilidade dependia do investimento governamental na tecnologia de microondas oferecida pela Embratel, “a Globo manteve o hábito de oferecer tratamento bastante generoso às autoridades governamentais ao mesmo tempo em que não abre mão de sua

⁸⁹⁰ NAPOLITANO. Op. Cit. 2011. p. 34

⁸⁹¹ Dias Gomes começou escrevendo a novela *Ponte dos Suspiros* sob o pseudônimo de Stela Calderón. Na novela seguinte, *Verão Vermelho*, ainda em 1969, assinou com o próprio nome, e assim continuou escrevendo praticamente uma novela por ano (*Assim na terra como no céu*, em 1971; *Bandeira 2*, em 1972; *O Bem Amado*, em 1973; *O Espigão*, em 1974; *Roque Santeiro*, em 1975 (censurada); *Saramandaia*, em 1976; *Sinal de Alerta*, em 1978; *Eu prometo*, em 1983) até o final da ditadura. Cf. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/dias-gomes/trajetoria.htm>, acesso em 29/10/2015.

Oduvaldo Vianna Filho escreveu o seriado *A grande família*, enorme sucesso na emissora, entre 1972 e 1975.

Francisco Milani começou na emissora em 1970, participando anualmente de novelas durante o período. Cf. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/francisco-milani/trabalhos-na-tv-globo.htm>, acesso em 29/10/2015.

Gianfrancesco Guarnieri foi trabalhar na TV Globo em 1974. Cf. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gianfrancesco-guarnieri/trajetoria.htm>, acesso em 29/10/2015.

independência econômica, aquela que lhe garante poderio tecnológico, qualidade de seus produtos e, conseqüentemente, altos índices de audiência”⁸⁹². Ou seja, em que se ressalve a diferença entre os contextos europeu e brasileiro, o ‘duplo agir’ ou, como prefere Laborie, o “pensar-duplo”, parece ser característico do comportamento da Globo no período.

Walter Clark chamou a isso de “paradoxos da política brasileira”, quando se refere ao fato de que “apesar deles, ou devido aos quais [paradoxos], a Globo conseguia reunir no mesmo barco um Dias Gomes e um Amaral Netto” e não parar de crescer nos anos 1970.⁸⁹³ Uma contradição que não passou despercebida de Maria Rita Kehl que se refere a uma palestra realizada no Centro de Estudos do Pessoal do Departamento de Ensino e Pesquisa do Ministério do Exército, em setembro/1972, onde Clark teria citado o programa *Amaral Netto, o Repórter* “como um evento especial, ao lado do “Globo Shell”, “ambos produzidos em cores por equipes especializadas” para mostrar ao público a realidade brasileira”⁸⁹⁴.

Clark era, a essa altura, o principal executivo da rede e falava em nome da empresa, o que nos dá um indício que pode ajudar a compreender o “pensar-duplo”, a estratégia “de sobrevivência, de contornamentos”⁸⁹⁵ com que atuavam esses agentes.

Já na entrevista que concedeu a Kehl e a Santuza Naves Ribeiro, pela Funarte, em 1979, Clark adotou tom diferente, enfatizando a pressão da direita, “fomos obrigados a colocá-lo em horário nobre. Amaral Netto morreu com a abertura...”⁸⁹⁶, o mesmo tom que também usaria em sua autobiografia, em 1991, de forma até mais agressiva. Ou seja, Clark reorganiza e reenquadra a presença de Amaral Netto na TV Globo, conforme o período de sua fala.

⁸⁹² GOMES. *Op. Cit.*

⁸⁹³ CLARK; PRIOLLI. , p. 265

⁸⁹⁴ KEHL. *Op. Cit.* 1986. p. 249-250

⁸⁹⁵ LABORIE, Pierre. 1940-1944. Os franceses do pensar-duplo. In: ROLLEMBERG; QUADRAT (Orgs.). *Op. Cit.* 2010. Volume 2. p. 31-44.

⁸⁹⁶ KEHL. *Op. Cit.* 1986. p. 249-250

Boni, por sua vez, em entrevista à *Folha de São Paulo*, em 1998, a respeito das revelações no livro de Paulo Cesar Ferreira⁸⁹⁷ sobre as relações da TV Globo com o governo militar, afirmou:

Pergunta: Programas como o do Amaral Netto eram decididos pela Globo ou impostos pelo governo?

Resposta: Eram impostos. Era uma negociação com os militares. Deixa eu fazer tal novela, libera um pouco mais o Jornal Nacional. Os militares diziam “Tudo bem se vocês fizerem um programa que mostre as boas coisas do Brasil”. Foi o Edgardo que negociou e eu recebia ordens de colocar no ar. Teve um atrito muito grande com o Amaral Netto, quase físico, mas depois descobri que ele era uma excelente pessoa que estava fazendo uma coisa que acreditava. Tivemos de engolir o Amaral Netto. Trabalhei muito no programa para poder engolir aquilo, para transformá-lo em aventura.⁸⁹⁸

A própria independência do programa parece ter alguns matizes não passíveis hoje de comprovação. De acordo com a afirmação acima, feita em 1998, Boni teria tido alguma participação: “trabalhei muito [...], para transformá-lo em aventura”. Em dezembro/2012, perguntado se chegou a fazer sugestões a Amaral para que contivesse a linha propagandística do programa, não respondeu⁸⁹⁹.

A pressão *negociada* é corroborada por Boni em depoimento para esta pesquisa, com uma nuance que a atenua: “o Amaral foi imposto pelos militares, mas direcionou o seu programa para uma linha desvinculada de assuntos políticos e, mais tarde, entendeu que os interesses da programação precisavam ser atendidos”.⁹⁰⁰ E que os executivos da cúpula logo perceberam que “os militares não pretendiam usar o Amaral e que a pressão foi apenas para conseguir-lhe um

⁸⁹⁷ PEREIRA, Paulo Cesar. *Op. Cit.*

⁸⁹⁸ *Militares não impuseram padrão, diz Boni*. Folha de São Paulo, 18/05/1998, seção Ilustrada, p.5. (No site do Memória Globo consta como dia 19/05/1998). Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=militares+n%C3%A3o+impuseram+padr%C3%A3o&site=&periodo=acervo>, acesso em 13/05/2012.

⁸⁹⁹ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

⁹⁰⁰ *Idem*.

espaço. E que Amaral também não tinha o compromisso de agradecer por essa interferência.” Mas considera que “mesmo assim, o Amaral sempre foi um corpo estranho porque quando uma emissora compra ou aceita um programa concorrente, conseqüentemente, tem controle sobre o formato e o conteúdo do produto. No caso do Amaral, essa relação profissional nunca existiu”.⁹⁰¹

Quando se trata do processo da construção da memória de si mesma, ou na memória construída por seus principais arautos, a TV Globo não encontra lugar para as complexidades de um comportamento que tenha sido, no mínimo, ambivalente, e que a reconheça como um dos apoiadores do regime. Não há aí zonas cinzentas. Portanto, essa construção de memória que se ampara no enfrentamento à censura e no acolhimento de intelectuais de esquerda deixa de fora, convenientemente, os benefícios colhidos pela emissora a partir de seu alinhamento com o regime. O próprio Roberto Marinho qualificou a conjuntura da instauração da TV Globo como uma “coincidência de ter sido planejada e inaugurada no período 64”⁹⁰². Mas essa *coincidência*, aí empregada com a ideia de *casualidade*, reduz enormemente a complexidade desse encontro de formas e vontades que houve entre o estilo empresarial de Roberto Marinho e o estilo de governar dos generais presidentes militares.

Monika Kornis já apontou que a TV Globo passou a reforçar certo “caráter brasileiro” em sua programação. Segundo a autora, “realizava-se na programação ficcional televisiva um sentimento de pertencimento a uma nação, em moldes comparáveis ao papel desempenhado a Hollywood em relação à sociedade norte-americana”.⁹⁰³

⁹⁰¹ *Idem.*

⁹⁰² Roberto Marinho *apud* KEHL, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. In: SIMÕES, Inimá F; COSTA, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1986.

⁹⁰³ KORNIS. *Op. Cit.* 2007.

Na década de 1990, e já atuando no processo de construção de memória de si mesma e do Brasil, não é por acaso que a emissora produziu, em 1992, a série *Anos Rebeldes* e retomou, em 2003, no programa *Linha Direta*, crimes políticos de nossa história recente. Como mostra Monica Kornis, na primeira, ambientada no período da ditadura, a vida política do país assume um papel preponderante num momento em que se vivia a crise do governo Collor; no segundo, a Globo retoma a morte de Zuzu Angel e de Vladimir Herzog revelando, na construção narrativa que inclui a fala do então ministro da Defesa do governo Lula, José Viegas, a força da ligação entre o tema abordado e aquela nova conjuntura política⁹⁰⁴.

Kornis não trabalha com o conceito de *resistência* nesses estudos nem propõe que a TV Globo estivesse incorporando esse discurso em sua temática. A autora aponta para a maneira como a emissora formula um discurso sobre a nação, o que a transforma em agente de construção de uma identidade nacional, e que pode ser analisado nas minisséries produzidas pela emissora⁹⁰⁵. Mas o trabalho de Kornis sobre as minisséries da TV Globo voltadas para a recente história do Brasil⁹⁰⁶, incluindo também *Anos Dourados* sobre o período JK, demonstra que a história é bem mais do que mera ambientação na narrativa que se constrói ali sobre o Brasil. Porque “ela não só contextualiza a ação, como também organiza as situações, os próprios personagens, ao colocá-los identificados com comportamentos, valores e posições políticas no interior de uma estrutura

⁹⁰⁴ KORNIS, Op. Cit., 2007.

Ver também: KORNIS, Monica Almeida. Linha Direta Justiça e a reconstrução do regime militar brasileiro, ou quando o “fazer justiça” cria uma memória da história. In: BORGES, Gabriela; PUCCI JR., Renato L.; SELIGMAN, Flávia.(Orgs.), *Televisão:formas audiovisuais de ficção e de documentário*. Faro e SP, CIAC/Universidade do Algarve e Socine, 2011. Disponível em: <http://www.ciac.pt/publications.php?i=7>, acesso em 25/01/2013.

⁹⁰⁵ Ver: KORNIS, Mônica Almeida. *Uma memória da história nacional recente: As minisséries da Rede Globo*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS, Setembro/2001.

⁹⁰⁶ É a partir de 1986, com *Anos Dourados*, que a política começa a aparecer claramente num grande conjunto de minisséries, analisadas por Kornis, ainda que a intensidade no tratamento da questão seja diferenciada.

narrativa codificada nos moldes do melodrama, além de corresponder ao momento da própria produção ficcional”⁹⁰⁷.

Sublinhe-se que *Anos Rebeldes* foi estrelada por artistas de grande identificação popular, à época, e acabou por ter uma grande ressonância junto à população jovem que se mobilizou em passeatas de *caras pintadas* a favor do *impeachment* do então presidente Fernando Collor, em setembro/1992, apenas um mês após o fim da série. Manifestantes cantavam *Alegria Alegria*, de Caetano Veloso, uma das canções-tema da minissérie, e repetiam os *slogans* da época veiculados na mesma. A certa altura, a própria TV Globo vinculava a ideia de as manifestações estarem ligadas à série *Anos Rebeldes* num anúncio institucional pró-*impeachment* que o canal passou a veicular.⁹⁰⁸ Sem falar da já tradicional *Retrospectiva* que a emissora apresenta anualmente, onde todo o evento do *impeachment* e dos *caras pintadas* teve tratamento de “uma novela chamada Brasil”⁹⁰⁹. Vale perceber que os personagens mais velhos na trama tinham sido representados por atores de novelas atuantes politicamente nos anos 1960-70 como Bete Mendes (VAR-Palmares), Gianfrancesco Guarnieri e Francisco Milani (PCB), e/ou consagrados em filmes do Cinema Novo como Geraldo Del Rey. E como mostra Roberto Abdala Junior, a minissérie “forjada no bojo das disputas pelas memórias da ditadura, dialogava com a cultura histórica dos brasileiros relativa ao período da ditadura, mais precisamente com obras memorialísticas e/ou históricas que circulavam na sociedade ao longo dos anos 1980”⁹¹⁰. Retomava-se ali, de forma simbólica, através da ficção, uma oposição/resistência ao regime militar, mas que se canalizava, *na vida real*, contra um novo

⁹⁰⁷ KORNIS, Mônica Almeida. *Televisão, história e sociedade: trajetórias de pesquisa*. I Encontro Nacional Obitel - a pesquisa da ficção televisiva no Brasil, Núcleo de Pesquisa de telenovela da ECA-USP e Programa Globo Universidade, São Paulo, 26-28/11/ 2007.

⁹⁰⁸ *Globo vincula manifestações a “Anos Rebeldes” em anúncio*. Folha de S. Paulo, 29/9/1992, p. 12.

⁹⁰⁹ *Retrospectiva 1992*. TV Globo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=K2bT22My3AE>, acesso em 18/09/2014.

⁹¹⁰ ABDALA JUNIOR, Roberto. Brasil anos 1990: teleficção e ditadura-entre memórias e história. In: *Topoi*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 94-111. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi25/TOPOI25_2012_A05.pdf, acesso em janeiro/2013.

inimigo: o primeiro presidente eleito democraticamente em mais de vinte anos, acusado de desvios financeiros, a quem cabia opor-se (que se confunde com *resistir*) *democraticamente*.

O que nunca foi tratado como tema nessas minisséries foi o apoio da TV Globo à ditadura. Tratado como tabu tanto nos livros escritos pelos *globais* e seus simpatizantes quanto na fala pública, o tema some frente à insinuação de uma *postura de resistência* durante a ditadura do pós-golpe que se ampara na negociação com a censura e no acolhimento dos intelectuais de esquerda, ou de proteção a funcionários presos/perseguidos⁹¹¹.

Nessa construção de memória, na qual dar conta do apoio ao regime autoritário é um complicador, como lidar com a presença inquestionável de Amaral Netto nesse passado mítico da TV Globo? Como explicar Amaral Netto, um personagem independente e escancaradamente favorável ao regime, durante quase 16 anos na grade de programação de uma televisão altamente comercial? Como explicar que essa presença significou também um acordo tácito com a linha de propaganda original da Aerp/ARP que preconizava a contrapropaganda e que a agência não implantava oficialmente? E como reconhecer a contribuição e participação de Amaral Netto (se elas existiram) na construção da memória sobre a consolidação da TV Globo? Vale desqualificá-lo? Ou simplesmente deixá-lo de fora?

É assim que Amaral acaba ocupando, quando muito, um espaço maldito, se partirmos da bibliografia memorialística sobre a TV Globo. Pedro Bial classifica o programa de “*chapa-branca* concebido para aquietar os militares”⁹¹², como já apontado. Clark e Boni se relacionam

⁹¹¹ Há relatos de interferência da direção na defesa de jornalistas presos/torturados, assim como de atores como Carlos Vereza (militante do PCB) e Bete Mendes (militante do Var-Palmares). Em 1977, Alice Maria, chefe do jornalismo da emissora, e Luiz Edgar de Andrade, chefe de redação, foram chamados depor no Dops, acusados de pertencerem ao PCB, sendo acompanhados pelo próprio Roberto Marinho, em apoio explícito aos funcionários (Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-jn-e-a-censura.htm> , acesso em 13/11/2015).

⁹¹² BIAL. Op. Cit. p. 277

com o assunto negando ou ignorando.⁹¹³ Enfatizando que a Globo não teve privilégios que as outras emissoras não tivessem, Clark afirmou que ela “teve de ceder”, “dando a eles [os militares] os programas do Amaral Neto [...], feitos exclusivamente para puxar o saco”⁹¹⁴. E mais, numa entrevista à revista *Veja*:

Se eu tenho que me penitenciar de alguma coisa na Globo, foi de ter levado Amaral Netto para lá. Fiz isso conscientemente, para afagar o regime e evitar que ele nos pressionasse ainda mais. Amaral é e sempre foi perigosíssimo.⁹¹⁵

Ao saber dessa afirmação de Clark, que ainda o tacha de “oportunista”, Amaral ironizou declarando-se “feliz por Clark só ter dito aquilo de mim”⁹¹⁶.

Já Oliveira Sobrinho sequer menciona Amaral Netto no *Livro do Boni*, “um inventário minucioso de seis décadas” da história da televisão brasileira, como consta na orelha do livro, de 2011, mas que ele apresenta como um registro de sua trajetória por diversas áreas da comunicação⁹¹⁷. Nem em *50 anos de TV no Brasil*⁹¹⁸, também organizado por ele em 2000. Perguntado sobre isso, Boni declara só ter contemplado no livro (*O Livro do Boni*) programas que ele mesmo criara ou nos quais tivera participação direta, já que o de Amaral Netto era uma produção independente. A afirmação “é a minha história e não a história da televisão brasileira”⁹¹⁹ com que explica o silêncio contrasta com a constatação de sua enorme importância na história da TV e contrasta com sua tão intensa relação com o veículo no Brasil. E além do

⁹¹³ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 260

⁹¹⁴ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 253, p. 228

⁹¹⁵ Revista *Veja*, Edição 1197, 28/08/1991. p. 102-103

⁹¹⁶ *Idem.* p. 104

⁹¹⁷ OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. *Op. Cit.* 2011.

⁹¹⁸ OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. (Superv.). *50 anos de TV no Brasil*. São Paulo: Ed.Globo, 2000.

⁹¹⁹ José Bonifácio de Oliveira Sobrinho em troca de e-mails durante a negociação para depoimento à autora. 8/11/2012.

mais, embora afirme “que há centenas de programas não mencionados”⁹²⁰, nenhum dos que ficaram fora do livro foram tão longevos ou de expressiva audiência quanto *Amaral Netto, o Repórter*. A título de comparação, o então também independente e (até hoje) popular Silvio Santos, de outra emissora, é bastante citado nesse livro.

É importante frisar que, além desses dois autores, toda uma vasta bibliografia produzida sobre televisão credita, ampara e reforça a ideia de que o sucesso da TV Globo se deve à atuação da dupla Clark e Boni, a partir de 1965/67, à frente da emissora, contratados por Roberto Marinho.⁹²¹ Esse reconhecimento dá credibilidade ao discurso que sustentam sobre o período e sobre o passado da Globo. E é onde o discurso da memória se apoia.

A título de justiça, cabe mencionar que também não há sequer uma menção à participação de Amaral Netto na TV Tupi em *TV Tupi do Rio de Janeiro, uma viagem afetiva*, de Luís Sérgio Lima e Silva, publicado pela Imprensa Oficial de São Paulo. Seja no programa de Jacy Campos, onde Amaral contribuiu como roteirista, e é extensamente descrito com menção de autores e atores, seja do próprio *Amaral Netto, o Repórter*, também veiculado nessa emissora em 1968.⁹²² Mesmo no recente *História da Televisão no Brasil*, um trabalho acadêmico interdisciplinar, como

⁹²⁰ *Idem*.

⁹²¹ Ver, por exemplo:

WALLACH. Op. Cit. 2011.

BIAL. Op. Cit.

SILVA JÚNIOR, Gonçalo. *País da TV*. São Paulo: Conrad Livros, 2001.

RIXA. *Almanaque da TV*. 50 anos de memória e informação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 243

OLIVEIRA SOBRINHO. Op. Cit. 2000.

FERREIRA. Op. Cit.

SIMÕES. Op. Cit.

⁹²² Silva, Luís Sérgio Lima e. *Tupi no Rio de Janeiro: uma viagem afetiva*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

Cabe observar que esse livro também não menciona o programa *A grande jornada*, de Carlos Gaspar, já mencionado no Capítulo 1, Item 1.1, desta tese.

A única menção a Amaral Netto nesse livro é à p. 100 para ilustrar um personagem *fã de Amaral Netto*, interpretado pelo comediante Antônio Pires no programa *Chico Anysio Show* transmitido então pela TV Rio. Não foi possível levantar maiores informações sobre o suposto personagem.

já mencionado, o longo programa é citado apenas de passagem para ilustrar a fala do crítico de TV Artur da Távola.⁹²³

A ausência de Amaral Netto nessas construções ressalta o quão incômoda parece ser sua presença. O processo de redemocratização trouxe construções e reelaborações de memória sobre o período da ditadura que passaram a dar conta de um suposto movimento constante de resistência à ditadura, numa luta sem tréguas pela redemocratização do país, como já explicou Daniel Aarão Reis⁹²⁴. Nessa nova “nação de democratas”, enquanto as esquerdas foram vitimizadas, a direita passou a ser demonizada. E o ônus da vileza posto totalmente na conta dos atores militares. E de seus simpatizantes e colaboradores.

O tema do alinhamento da Globo ao regime ditatorial apareceu num primeiro estudo, já citado, coordenado por Adauto Novaes, ainda em 1979, na Funarte, no contexto da Abertura, com a ideia de se fazer uma reflexão sobre cultura na década de 1970, numa coleção que visava a “resgatar importantes tentativas de resistência cultural da década”. Em alguns ensaios da coleção, Novaes já concluía e demonstrara como “a resistência foi muito limitada”.⁹²⁵ O quinto volume é dedicado à TV. Os ensaios desse volume mostram a Globo basicamente como cooptadora de pessoas e de ideias, transformando arte em produção da indústria cultural. Nesse sentido, a pobreza é vista como mercado a ser incorporado. O volume tem o mérito de trazer à discussão, no final da década de 1970, o papel da televisão na intenção do regime ditatorial de integração nacional a todo custo. Estranhamente, a TV Globo passa, de criticada por ignorar os

⁹²³ RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO (Orgs). *Op. Cit.* p. 121

⁹²⁴ AARÃO REIS. *Op. Cit.* 2004.

⁹²⁵ CARVALHO; KEHL; RIBEIRO. *Op. Cit.* 1979-80.

Trata-se de um balanço onde se tenta analisar as principais manifestações culturais da década em sete áreas: música popular, literatura, cinema, teatro, televisão, música clássica, artes plásticas.

problemas e apresentar sua versão pasteurizada da realidade até a Abertura, a criticada por “encampá-los sob sua tutela”⁹²⁶ a serviço de uma estratégia da emissora.

Outro trabalho que levanta o tema do alinhamento e da integração ao regime foi apresentado à UnB em 1983. A dissertação de mestrado em jornalismo, de Daniel Herz, *A história secreta da TV Globo* enfatiza que o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no Brasil, desde os anos 1960, estão intrinsecamente ligados à TV Globo. Numa análise fortemente influenciada por uma visão marxista de linha determinista, Herz mostra como, a partir dos anos 1970, a Rede Globo passou a absorver mais poder em verbas e a condicionar o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Para o autor, “a importância da Globo - desde 1961, quando começou a ser implantada com a intervenção do capital estrangeiro - não só é subdimensionada como também é pouco conhecida”⁹²⁷. Ele considera importante expor o processo de formação da emissora, fortemente integrada no regime, e percebe um sentido oculto na produção de sua programação, cuja compreensão só se alcançaria através desses antecedentes. A importante contribuição de Herz nesse trabalho está no sentido de analisar os relatórios e depoimentos na CPI que investigou a ilegalidade da tramitação entre a Globo e a Time-Life. Contudo, a ênfase num sentido ideológico dos comportamentos dos personagens de novelas, sempre “no sentido de alcançar um modo que a Globo quer que seu público perceba a realidade”⁹²⁸ é uma percepção que subestima enormemente a capacidade de escolha e até a inteligência dos telespectadores. Esse pensamento alinha-se à interpretação que se apoia numa ideia de *manipulação* e que tem dificuldade em reconhecer nos cidadãos a agência de seu próprio fascínio. Seguindo o raciocínio de Herz sobre as intenções no campo ideológico, a

⁹²⁶ *Idem.*

⁹²⁷ HERZ. *Op. Cit.*

⁹²⁸ *Idem.* p. 16.

presença de Amaral Netto na TV Globo seria quase que uma extensão natural dessas *intenções ocultas* de Roberto Marinho.

Em 1986, *Um país no ar*, resultado de pesquisas também promovidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Funarte, reuniu parte da memória sobre a televisão numa então denominada “história da TV brasileira em três canais”, uma espécie de reação à hegemonia de memória que já se impunha em relação à TV Globo. O capítulo relacionado à TV Tupi ficou a cargo do jornalista Inimá Ferreira Simões. Sobre as TVs Rio e Excelsior, com o jornalista Alcir Henrique da Costa; e o da TV Globo, com Maria Rita Kehl que reuniu os dados de sua pesquisa para a dissertação de mestrado então inacabada, na área de psicologia, sobre o papel da TV Globo como “domesticador do Brasil durante a ditadura militar”. Nessa perspectiva, o capítulo *Eu vi um país na TV* funciona como uma espécie de gestor do passado, no qual a TV Globo ajuda a criar uma “nação esquizoide”, onde o programa de Amaral Netto é qualificado como de um “nacionalismo” [entre aspas no original] menos sofisticado da emissora.⁹²⁹ Desse passado visto então por Kehl na TV, Amaral Netto acaba expurgado qualitativamente.

Lembremos que *Amaral Netto, o Repórter* nasceu e vicejou na conjuntura atravessada pelo surgimento de novos recursos tecnológicos de comunicação, num veículo que, assim como o cinema, é um dos fenômenos que revelou enorme potencial de sedução e fascínio, ampliado mais e mais a partir das crescentes inovações no setor. No Brasil, isso se consolidou numa hegemonia da TV Globo nos anos 1970, o que não significa que os outros canais não continuassem competindo, sendo assistidos, ou mesmo sendo concedidos, como já vimos.

Também vimos que a ideia de uma rede integrando o país pela comunicação, via televisão, já amadurecia no Brasil desde a década de 1950. É importante perceber isso, porque o

⁹²⁹ KEHL, Maria Rita. *Eu vi um país na TV*. In: COSTA; SIMÕES; KEHL. *Op. Cit.* 1986.

projeto de desenvolvimento e modernização que os governos autoritários implementavam era de amplo espectro e estabeleceu continuidades com expectativas do passado. O amadurecimento prévio no setor de telecomunicações pode dar a impressão de que os militares pretendiam partir desse ponto para “amarrar o país-continente pelas telecomunicações, com antenas e satélites”, como já propôs Eugenio Bucci, da Escola de Comunicação e Artes da USP. Para o autor, a instituição da EMBRATEL foi a infraestrutura oferecida pelo governo, garantindo essa missão, enquanto à televisão caberia a tarefa de “unificar no plano do imaginário o povo brasileiro”.⁹³⁰ Nesse caso, um imaginário a cargo da TV Globo, que Bucci percebe como um “*topos* nuclear onde a sociedade brasileira elabora seus consensos e equaciona seus dissensos”⁹³¹. Embora essa explicação não tenha caído do céu, a interligação desses dois pontos embute uma simplificação traduzida pela cômoda conclusão de que a TV Globo fazia a *lavagem cerebral* na população enquanto a ditadura a oprimia.

Não querendo negar que a TV Globo tenha se beneficiado (e muito) com o regime, não se pode esquecer que, enquanto ela ainda tentava se estabelecer e conquistar audiência, outras emissoras, além das que já existiam na era pré-Globo, também surgiam e efetivamente competiam pelo mercado. Essa discussão sobre o veículo, e especificamente sobre a TV Globo, permite também compreender a influência política da televisão no Brasil e seu impacto sobre a opinião pública, durante o período da ditadura.

Como já dito, *Amaral Netto, o Repórter* foi apresentado como uma “concessão” da Globo ao regime, a partir do depoimento de Clark. Já vimos também que no programa confluíam jornalismo e propaganda. Seguindo a ideia de Clark de que haveria certa resistência interna dos executivos da Globo por conta do teor propagandístico (e/ou por outros motivos), Maria Rita

⁹³⁰ BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 223

⁹³¹ *Idem*.

Kehl afirma que o programa teria sido movido de um horário nobre para um de menor audiência aos sábados à noite, num movimento de modernização da emissora que também mexia nos horários de outras atrações⁹³². No entanto, de acordo com os dados do IBOPE e com a programação de televisão publicada nos jornais, verifica-se que o programa começou a ser exibido aos domingos à noite, às 23:00h, horário considerado pouco nobre, com poucos anúncios. E passou para os sábados à noite, no mesmo horário, justamente no período do maior ufanismo, e da maior repressão, no governo Médici, de 1971 a 1973, ano em que o programa figurou repetidas vezes entre os que marcavam mais de 20 pontos.

Curiosamente, só de 1974 a 1977, durante o governo Geisel, que iniciou a distensão da ditadura, *Amaral Netto, o Repórter* passou a ocupar eventualmente o horário pós-novela das [então] oito horas, ou normalmente o horário pós-jornal noturno, às segundas-feiras. É nesse dia e horário que o programa atingiu seus maiores índices de audiência, também aparecendo, muitas vezes, entre os que marcavam mais de 20 pontos. E só durante a Abertura, entre 1978 e 1980, que o programa voltou para os domingos, tarde da noite, após os *Concertos Internacionais* que vinham depois do popular programa *Fantástico*. Mesmo assim, o programa conseguiu pontuar entre aqueles que alcançavam índice superior a 20, como na semana de 03 a 09/07/1978, quando alcança 23.3 pontos no horário das 23:00 às 24:00 horas; lembrando que programas populares como os de Flavio Cavalcanti, na TV Tupi, e Chacrinha, na própria TV Globo, pontuavam também aos domingos, cerca de 21 pontos. Considerando o número de aparelhos ligados usualmente aos domingos à noite no horário de *Amaral Netto, o Repórter*, verifica-se que o percentual ligado na TV Globo ainda era consideravelmente superior a qualquer outra oferta dos

⁹³² KEHL. Op. Cit. 1986. p. 248

canais concorrentes.⁹³³ Ou seja, como explicar que no começo do fim da ditadura *Amaral Netto*, *o Repórter* tenha alcançado altos índices de audiência no horário nobre?

Depoimentos de Clark e Boni, o alto escalão da Globo, sustentam que o programa foi uma imposição dos militares, cujas negociações “ocorreram inicialmente com o Dr. Roberto Marinho e prosseguiram com o Walter Clark”⁹³⁴. Conversas com familiares de Amaral deixam perceber que essa possibilidade é real, de que pode ter havido alguma pressão sobre a Globo para a exibição do programa na emissora.⁹³⁵ Carlos Tourinho, que foi cinegrafista do programa, considera que a negociação do programa era feita diretamente com Roberto Marinho, “muito amigo do Amaral”⁹³⁶. Segundo Boni, como já mencionado, o assunto já lhe chegou “como fato consumado”, apenas negociando o horário⁹³⁷. Ou seja, uma vez estabelecido numa esfera de poder acima de Boni, Amaral constaria na grade de programação da emissora.

É preciso lembrar que a produtora Plantel pagava pela veiculação do programa. O problema com a cúpula de executivos parece ter sido a impossibilidade de se impor sobre esse produto o padrão de qualidade que se estava tentando estabelecer na casa. A título de esclarecimento, na década de 1970 só havia dois casos de pagamento por horários na Globo: Amaral Netto e Silvio Santos. Silvio Santos ficou até 1976, quando se transferiu para a Tupi. Amaral ficou até 1985, embora vez por outra houvesse rumores⁹³⁸ sobre o risco de ser dispensado.

⁹³³ Fundo IBOPE, no Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

⁹³⁴ *Idem*.

⁹³⁵ Depoimento de Angela Adnet Amaral à autora, em 30/04/2014, Rio de Janeiro.

⁹³⁶ Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail, em 2/09/2014.

⁹³⁷ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

⁹³⁸ *Bomba...Bomba*. [sobre a dispensa de Ibrahim Sued na TV]. Revista *Veja*, nº 302. 19/06/1974. p. 66

A medida da interferência dos militares na veiculação de notícias e de programas na programação da TV Globo passou a ser objeto de interesse de pesquisadores, tanto de jornalistas e de memorialistas quanto de historiadores. Armando Nogueira, responsável pelo jornalismo da TV Globo, garante nunca ter recebido “nenhum tipo de solicitação ou pressão. Esses contatos políticos – se realmente ocorriam – eram feitos “com a alta direção da empresa”, e ainda que “nunca recebi qualquer instrução do Dr. Roberto Marinho para fazer assim ou assado, relacionado ao desejo do governo” e passa a falar da relação da Globo com a censura.⁹³⁹ Por outro lado, Clark repetia que “foi melhor dar um pouco do que não dar nada”, justificando a atitude pela qual diz terem optado conscientemente, ele mesmo e Armando Nogueira, na área do telejornalismo, na definição da linha editorial adotada pelo *Jornal Nacional* durante a vigência da ditadura.⁹⁴⁰ Amaral Netto é o exemplo que aparece recorrentemente nesses discursos como uma espécie de *pedágio* a ser pago pela TV Globo ao regime em troca de uma suposta maior liberdade de ação em outras áreas da programação como no telejornalismo ou nas novelas, mas sempre relacionada à censura. O discurso da *imposição* do programa à TV Globo, nesses casos, se ampara também em certa hostilidade, principalmente de Clark em relação a Amaral.

Por outro lado, estranhamentos entre Amaral e Clark podem ter ocorrido em razão do não ajustamento do programa aos critérios de qualidade da casa, já que não era uma produção da TV Globo. Francisco Sérgio Amaral, filho de Amaral Netto, testemunhou atritos e hostilidades entre Clark e seu pai, por exemplo⁹⁴¹. Angela Amaral, viúva de Amaral Netto, lembra que havia a questão de um contrato a ser renovado anualmente, o que parece ter sido dificultado em alguma medida pelo próprio Roberto Marinho que exigia de Amaral o envio do pedido, por escrito, ano

⁹³⁹ GONÇALO JUNIOR. *Op. Cit.* Entrevista com Armando Nogueira, p. 34

⁹⁴⁰ CLARK; PRIOLLI. *Op. Cit.* p. 255

⁹⁴¹ Conversa telefônica com Francisco Sérgio Amaral, em 30/12/2012.

após ano⁹⁴². Carlos Tourinho reconhece que a proximidade das renovações de contrato deixava Amaral apreensivo, dado certa animosidade da diretoria com um programa independente, ocasião em que “sempre recorria ao Roberto Marinho”.⁹⁴³

Significativo é o tratamento que recebe a relação do programa, supostamente *imposto*, com a emissora, na biografia Roberto Marinho escrita por Pedro Bial, patrocinada e avalizada pelo Memória Globo em 2004. Segundo essa versão, “mesmo de forma involuntária” o programa serviu para “apresentar o Brasil ao Brasil”⁹⁴⁴. Como na intenção de Amaral nada havia de involuntário, muito pelo contrário, ele queria justamente mostrar aos brasileiros o Brasil de que se orgulhava e que o governo autoritário desejava divulgar, parece que afinal quem cometeu um *ato falho* foi o biógrafo autorizado pela Globo. Porque a política da empresa, então, era claramente alinhada às diretrizes governamentais de interiorização e de integração nacional. E se o programa era assumidamente “*chapa branca* concebido para acalmar os militares”⁹⁴⁵, como afirma Bial, a TV Globo parece ter aderido claramente ao regime. E, intencionalmente ou não, ao aceitar por tão longo tempo acolher o programa na grade de programação, parece ter aderido à estratégia de propaganda intensiva como era o projeto inicial do coronel Hernani D’Aguiar para a Aerp/ARP.

A percepção da adesão ao regime é corroborada pela opinião do Prof. Antônio Delfim Netto, ministro da Fazenda em 1967 quando conheceu Amaral. Ele conta que o ministério chegou a contratar a Plantel para a realização de filmes. E afirma: “que imposto coisa nenhuma.

⁹⁴² Depoimento de Angela Adnet Amaral à autora, em 30/04/2014 e em 1º/08/2014, Rio de Janeiro.

A exigência de solicitações ou de explicações por escrito parece ter sido uma característica de Roberto Marinho, também relatada por Boni. Ver em: OLIVEIRA SOBRINHO. *Op. Cit.* 2011.

⁹⁴³ Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail, em 2/09/2014.

⁹⁴⁴ BIAL. *Op. Cit.* p. 277

⁹⁴⁵ BIAL. *Op. Cit.* p. 277

O programa passava porque eles aderiram.” Delfim complementa: “alguém iria impor alguma coisa ao Roberto Marinho?”. Para ele o discurso da ‘imposição’ é um exagero.⁹⁴⁶

A ideia de *adesão* utilizada por Delfim Netto remete claramente à classificação proposta por Rodrigo Patto Sá Motta para se operar teoricamente possíveis comportamentos sociais em relação à ditadura. Motta sugere a utilização das classificações de *resistência*, *adesão* e *acomodação* (grifo meu), ao invés do binarismo *resistência/colaboração* na qual os muitos posicionamentos adotados pelos atores da época não se encaixam.⁹⁴⁷

Diferentemente da previsão de Walter Clark, Amaral Netto não saiu da Globo com a Abertura. Ele já havia sobrevivido, inclusive, à saída de Clark em 1977. Aliás, ele vinha sobrevivendo a eliminações sumárias da TV Globo desde 1974, como a revista *Veja* equivocadamente também previra.⁹⁴⁸ E ele manteve-se lá até 1985. Em outras condições, é verdade. Com menor ressonância e já sem programas inéditos.

Thales de Andrade considera que essa mudança de condições parece estar relacionada à não reeleição de Amaral como deputado federal nas eleições realizadas em 1978 para a legislatura iniciada em 1979.⁹⁴⁹ Isso é possível. Mas é muito interessante observar que embora contemporâneos como Clark e a *Veja* preconizassem a queda de Amaral da grade do canal mais poderoso e influente da televisão por conta do resultado eleitoral, *Amaral Netto, o Repórter* (e depois *Brasil, terra da gente*) continuou firme na programação, mesmo que o jornalista tivesse deixado, momentaneamente, de ser deputado.

⁹⁴⁶ Depoimento de Antonio Delfim Netto à autora em 26/02/2013, em São Paulo.

⁹⁴⁷ MOTTA. *Op. Cit.* 2014. p. 301

⁹⁴⁸ *Bomba...Bomba*. Revista *Veja*. Edição 302, 19/06/1974, p. 66. (sobre o fim do programa diário de Ibrahim Sued).

⁹⁴⁹ ANDRADE. *Op. Cit.* 2003. p. 54

Em 1979/80, o programa havia passado para os domingos à noite, num formato onde Amaral exibia os filmes antigos, enquanto narrava e explicava ao público como esses filmes haviam sido realizados e onde contava suas ‘aventuras’. Dessa forma, foi visto em 1980 em dias da semana diferentes (domingo, segunda, quinta). No começo de 1981, ainda foi exibido no horário noturno, mas a partir de maio passou definitivamente para os sábados pela manhã, com meia hora de duração, posição que ocuparia até fevereiro/1985. Nessa fase, passara a ter nova denominação, o que foi cuidadosamente sinalizado na programação televisiva do jornal *O Globo* com a chamada: “Brasil, terra da gente. (Amaral Netto, o Repórter) documentário produzido semanalmente pela Plantel. Estreia.”⁹⁵⁰

É verdade que nessa última fase do programa houve um desgaste da fórmula. Havia também a competição com produtos da própria TV Globo como o *Globo Repórter*. Como já apontou Pollak, filmes têm o poder não apenas de atingir as capacidades cognitivas, mas de captar as emoções e de suscitar questionamentos que podem forçar ao melhor entendimento de acontecimentos, podendo acabar como instrumentos de “rearranjos” da memória coletiva e da memória nacional.⁹⁵¹ O programa de Amaral Netto na TV, no começo da década de 1980, certamente não rearranjou a memória nacional. Mas ao reelaborar seu discurso sobre os antigos programas, acrescentando dados e explicando como foram realizados, Amaral Netto dava novo sentido às suas aventuras. E reiterava, em cada uma, as realizações do antigo *milagre brasileiro*. Já no processo de Abertura política, os telespectadores continuavam vendo na TV como o governo militar havia possibilitado o investimento na infraestrutura do país, ao qual a figura política do deputado Amaral Netto, ainda na TV Globo, se vinculava.

⁹⁵⁰ Seção Hoje na TV. Jornal *O Globo*, 2/05/1981, p. 30.

No acervo do IBOPE, os dados relativos à década de 1980 não estão microfilmados e não consegui consultar a parte impressa a tempo.

⁹⁵¹ POLLAK. Op. Cit.

Esse aspecto traz à consideração o comportamento dos telespectadores, os consumidores de televisão. Havia um público expressivo para o programa, principalmente durante a década de 1970. Um público ao qual o programa, em tese, não era imposto, já que havia outras opções em outros canais, além do botão liga/desliga. Os dados do IBOPE, em diferentes anos, estados, dias e horários de exibição, mostram a expressiva preferência pela TV Globo no horário do programa, dado que não pode ser ignorado. E leva à conjectura possível de que o programa se sustentava também no ar por força de uma parcela da sociedade que se identificava, em alguma medida, ou com a estética do produto, ou com o teor das mensagens, ou com ambos.

Perguntado sobre cartas do público relacionadas ao programa, críticas, sugestões ou elogios que tenham sido recebidos pela emissora, e como teriam lidado com esse público, Boni não respondeu⁹⁵². É pouco provável que não tenha havido esse tipo de manifestação do público, e não há, no momento, como averiguar se essa (possível) correspondência porventura foi arquivada no CEDOC ou no Memória Globo, ou se queimou nos incêndios que atingiram a Globo (em 1969, 1971 e 1976), ou se foi encaminhada à produtora Plantel, cujos papéis aparentemente se perderam. Para esta pesquisa contamos, portanto, apenas com a resposta do público nos significativos números do IBOPE.

Vimos que boletins internos do Exército e o reconhecimento com homenagens das Forças Armadas⁹⁵³ deixam claro o que Amaral significava para uma parcela importante desses poderes. Como Amaral também não ficava atrás em sua defesa das Forças Armadas, em ufanismo e entusiasmo em mostrar obras do governo militar, passou a ocupar um lugar na construção de

⁹⁵² Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

⁹⁵³ *Programa de Televisão Merecedor de Aplausos*. Coronel Sylvestre Travassos Soares. In: Boletim do Diretório Central da Liga da Defesa Nacional, N° 71, Abril/Maio, 1970, Rio de Janeiro..

memória das esquerdas como “porta-voz da ditadura”⁹⁵⁴ e a ser também execrado por setores das esquerdas como pessoa e como profissional, chamado inclusive de *Amodal* (ou *Imoral*) *Nato*⁹⁵⁵.

Em eventos como o Festival de Cinema de Brasília, em 1981, parte da plateia que, segundo o jornal *O Globo*, era chamada por outros cineastas de “patrulheiros ideológicos”, viajava filmes “que não tinham conteúdo político explícito”. Nesse Festival, um filme que mostrava a chegada doença de Chagas às cidades devido à migração rural foi acolhido aos gritos de “Amaral Netto!” e “Jean Manzon!”.⁹⁵⁶ O filme *Xingu Terra*, de Maureen Bisiliat, com a colaboração de Orlando Villas-Boas, um documentário que mostrava o cotidiano de uma tribo do Alto Xingu,

⁹⁵⁴ Revista *Veja*, edição 1415, de 25/10/1995. Disponível em <http://www.veja.com.br/acervodigital/home.aspx>, acesso em 10/04/2010.

⁹⁵⁵ De acordo com ANDRADE. Op. Cit. p.60, o periódico *Pasquim* assim desqualificava Amaral Netto como jornalista chegando a convocar os leitores a “tirar o nome repórter do longuíssimo comercial das segundas-feiras”. OBS : Minha pesquisa no *Pasquim* não revelou, até o momento, o emprego do termo por escrito.

A pesquisa em jornais mostrou que quem usou o termo originalmente foi Leonel Brizola, em discurso no Congresso nos anos que antecederam ao golpe, para desqualificar Amaral Netto. Adversários políticos cruéis, Amaral e Brizola hostilizavam-se sempre que possível. Essa rivalidade se traduzia ideologicamente e em números. Na Guanabara, Amaral foi o mais votado deputado federal, em 1962 para a legislatura de 1963-1967, com Brizola em segundo.

Em dezembro/1962, Amaral fez outra provocação a Brizola numa entrevista que concedeu a Ibrahim Sued na televisão. Amaral denunciava irregularidades no Instituto Rio-grandense de Arroz enquanto Brizola era governador do RS. Os dois debateriam nesse programa ao qual Brizola não compareceu; ao invés disso, enviou uma nota na qual acusava Amaral por injúria e difamação no *Maquis*. Amaral rebateu dizendo que *Maquis* não circulava há dez meses e provocava Brizola ao qual acusa de comunista e corrupto. O PTB ele acusava de reacionário e perguntava: “Quem é essa gente que se diz proletária e anda de relógio de ouro, fuma cigarros caríssimos e anda de carros de luxo?” (Cf. *Amaral: Brizzola fugiu do encontro de hoje, mas não escapará na Câmara*. Jornal *O Globo*, Geral, 18/12/1962, p. 9). De acordo com o *Jornal do Brasil*, edição 27/6/1963 (1º Caderno, p. 3), Brizola não teria conseguido apresentar documentos necessários para mostrar a regularidade de uma transação com terras (*Brizola não conseguiu explicar o negócio da distribuição das terras*) a partir de acusações feitas pelo deputado João Calmon. Brizola contestava e rebatia denúncias sobre a negociação de 45% das terras herdadas por Neuza Brizola, sua mulher, e irmã do então presidente João Goulart. No discurso mencionado na reportagem Brizola teria afirmado: “amoral nato é um tipo humano desprezível, que com sua voz fina e afeminada sobe à tribuna para gritar: A mala! A mala! A mala!”.

Na mesma página dessa edição do JB, duas outras notícias: 1) o cancelamento do discurso de Brizola na TV Tupi, por alegação da emissora de que não haveria razão para retificações já que o ex-governador não apresentara documentos consistentes para rebater a acusação de João Calmon sobre esse episódio; 2) um anúncio de Amaral Netto de aparição na TV Tupi, às 23 horas, com a chamada: “A mala, o maletreiro, as fazendas Sarandi e Pangaré e o Pangaré propriamente dito. Nesse programa será feito o lançamento da marcha ‘O maletreiro’ ”. O bate-boca e troca de insultos no plenário entre Amaral Netto e Brizola, com o emprego do termo “amoral nato” também é referido na edição JB, 30/06/1963, 1º caderno, p. 3.

A retórica de Leonel Brizola era rica na aplicação de apelidos que *colavam* como “filhote da ditadura” para Paulo Maluf e Fernando Color; “carequinha” para Tancredo Neves; “vassourinha” para Jânio Quadros; “sapo barbudo” para Luís Inácio Lula da Silva; “gato angorá” para Moreira Franco e “queijo palmira” para Anthony Garotinho, seus adversários no Rio de Janeiro.

⁹⁵⁶ Jornal *O Globo*, Cultura, 21/11/1981, p. 29.

teve a mesma recepção, “por não mostrar os conflitos com a sociedade, a invasão de terras e o extermínio”.⁹⁵⁷

A demonização do personagem Amaral Netto (assim como da Arena) parece responder a certa necessidade de nominalizar processos históricos. É possível que Amaral e seu programa televisivo - que afinal era um documentário inovador à época que começou - tenham se transformado em símbolos caricatos da direita civil conservadora em detrimento de outros atributos que porventura tivessem, ou mesmo em detrimento de outros personagens mais atuantes e expressivos da cena política do período.

Surge então a inquietadora questão a ser respondida sobre a longevidade do programa. Afinal, na televisão nada se sustenta tanto tempo apenas por pressão. Ainda mais num sistema em moldes empresariais tão competitivos quanto os que se estabeleceram com a TV Globo. Seja por pressão dos militares (quais? Que grupos de poder?), seja pelo poder pessoal de um único homem (Amaral?). E qual é o papel dos telespectadores? E por que, no final das contas, é Amaral Netto que aparece como único exemplo de moeda de troca sempre que se menciona a pressão dos militares sobre a TV Globo?

⁹⁵⁷ Jornal *O Globo*, Cultura, 18/11/1981, p. 29.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Por motivos que não está em nossas mãos dilucidar, simples repetidores de histórias antigas que somos, passando continuamente da credulidade mais ingênua ao cepticismo mais resoluto [...]*⁹⁵⁸

Há ainda muitos silêncios. Há muitas perguntas sem respostas quando se começa a estudar o período e os comportamentos durante a última ditadura brasileira. Denominá-la civil-militar parece resolver parte do incômodo problema frente à materialidade histórica que demonstra a significativa adesão civil ao projeto autoritário, adesão essa que variou, bem entendido, ao longo de duas décadas de sua existência.

Este trabalho é uma contribuição com mais uma reflexão a partir de um tema *esquecido* para que se pense sobre a face civil da ditadura. Porque a consolidação da democracia no Brasil passa pela discussão crítica de nossa cultura política autoritária e dos legados da ditadura. Como adverte Daniel Aarão Reis Filho, “não há como se libertar da ditadura sem pensar nela”⁹⁵⁹.

Estudos recentes vêm demonstrando como, no processo de construção de uma memória coletiva após o término da ditadura militar brasileira, complexidades foram simplificadas pelas conciliações, esquecimentos e enquadramentos de memória. Esses estudos se afastam de ideias dicotômicas sobre a relação da sociedade brasileira sob o regime que não era só dos generais. Como afirma Andreas Huyssen, seguindo Heidegger, que a memória só é possível a partir do *esquecimento* e não o contrário, a memória política não pode funcionar sem o esquecimento consciente e desejado que beneficia tanto a necessidade de saber quanto a construção de uma

⁹⁵⁸ SARAMAGO, José. *Caim*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009. p. 102

⁹⁵⁹ AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia no Brasil. Do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

esfera pública democrática.⁹⁶⁰ Durante a redemocratização, grande parte da sociedade brasileira reorganizou-se política e economicamente. Nesse rearranjo social também se construiu uma memória dos assim chamados *anos de chumbo*.

Daniel Aarão Reis já observou que “quase ninguém quer se identificar com a longa ditadura militar no Brasil nos dias de hoje. Contam-se nos dedos aqueles que se dispõem a defender as opções que levaram a sua instauração e consolidação”.⁹⁶¹ O avanço de estudos historiográficos sobre o tema vem permitindo melhor compreensão e desconstrução da ideia de que o regime autoritário simplesmente *foi imposto*.⁹⁶² Por isso, é imprescindível pensar sobre como se deu a construção social desse regime.

O programa *Amaral Netto, o Repórter*, e sua exibição por cerca de 16 anos na TV Globo, fez parte das complexas relações entre a sociedade, a televisão e a ditadura. A memória sobre o programa, sobre o próprio jornalista/deputado Amaral Netto, - e sobre a TV Globo -, só confirma a necessidade de se buscar compreender pela História como funcionaram essas relações. É importante compreender como, - com o alegado repúdio da direção da Globo a um programa *imposto*, com a suposta antipatia dos militares, e com a rejeição (e mesmo certo asco) ao programa construído por uma memória da *resistência cultural*-, se sustentou a retórica do deputado-jornalista pelos longos anos que durou o programa na TV Globo.

Por isso, considerar a possibilidade de estudar Amaral Netto como um sujeito histórico para entender o contexto da ditadura militar brasileira também permite repensar as composições atuais na política brasileira nos nossos anos 2000. Permite-nos pensar sobre o que são hoje exatamente as posições políticas de direita, esquerda e centro (com variantes graus de

⁹⁶⁰ HUYSEN, Andreas. *Resistencia a la memoria: los usos y abusos del olvido público*. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Porto Alegre, 2004.

⁹⁶¹ AARÃO REIS. Op. Cit.2000. p.7

⁹⁶² Ver ROLLEMBERG; QUADRAT (Orgs.). *Op. Cit*, 2010.

extremidade). Alguns dos contemporâneos de Amaral ainda atuam na cena política e cultural, e não necessariamente alinhados da mesma forma que já o foram outrora.

Até bem recentemente, havia grande dificuldade de se encontrar na política brasileira, na intelectualidade e na sociedade em geral quem se identificasse espontaneamente (e orgulhosamente) com a(s) direita(s). Fato talvez explicado pelo conceito de lógica simbólica, cunhado pela Prof^a Ângela Maria de Castro Gomes. Pois à medida que se deu a exposição das atrocidades cometidas em nome do regime, e à medida que os então considerados *subversivos* das esquerdas assumiram postos tanto na sociedade quanto na hierarquia da política brasileira, e hoje estão integrados no poder, formou-se, e aqui sigo a explicação de Gomes, uma identidade coletiva que produziu outra área de igualdade substancial que nega as desigualdades⁹⁶³. Logo, em termos políticos, parte significativa da sociedade brasileira procura se distanciar hoje de qualquer apoio ou simpatia à ditadura passada e se identifica, numa memória reconstruída, totalmente contra a ditadura atribuída exclusivamente aos militares naquele período. Num certo nível, no Brasil pós-ditadura, *ser de direita* passou a significar ser simpatizante à ditadura ou mesmo defensor dos métodos cruéis empregados pelo regime. Ora, exemplos de outras partes do mundo mostram que é possível a existência da direita sem ser a favor de ditaduras e, pelo contrário, defender um sistema democrático com lugares no parlamento e na sociedade civil que tenha matizes da direita à esquerda. Quem defende as ditaduras – de direita e de esquerda – são os extremos de direitas e de esquerdas.

Estudar um agente histórico como Amaral Netto ajuda a entender a(s) direita(s), e também a compreender melhor peculiaridades do regime autoritário que manteve opções de partidos e o congresso funcionando, ainda que controlados nos limites impostos pelo regime. Este trabalho procurou contribuir para ampliar a compreensão sobre os modos de pensamento e as motivações

⁹⁶³ GOMES, Ângela Maria Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1994. p. 6

de sua construção, durante o regime autoritário, especificamente entre 1968 e 1985. E avançar na compreensão da face civil de sustentação da ditadura.

Considerando a longeva exibição, por quase 16 anos na TV Globo, do programa *Amaral Netto, o Repórter*, é muito difícil não reconhecer aí um comportamento de *integração* com o regime ditatorial. Amaral Netto nunca negou seu apoio e sua adesão ao regime, mesmo quando dele discordava. Já a TV Globo, na voz de sua cúpula de executivos Walter Clark e Boni, passou para a memória construída a partir dos relatos desses executivos como vítima da *imposição* do regime.

À História cabe a relativização que mostra como as intenções de Amaral Netto em mostrar o Brasil aos brasileiros enquanto defendia a política do regime convergiam com outros interesses que, de fato, se acomodaram entre si. A ideia de *adesão* e de uma *acomodação* [de vontades e interesses] como sugerida por Rodrigo Patto Sá Motta na sua pesquisa sobre as universidades⁹⁶⁴ brasileiras no período parece se adequar bastante ao campo da televisão.

Em *Amaral Netto, o Repórter* havia, por um lado, um genuíno interesse jornalístico de Amaral Netto em produzir matérias interessantes e de bom nível técnico. Participantes de sua equipe demonstram, ainda hoje, verdadeiro orgulho de ter participado dessa produção considerada de alta qualidade jornalística. Além da intenção jornalística, Amaral Netto aproveitava a oportunidade para afirmar entusiasticamente seu apoio às ações do regime, com o qual também se identificava, enquanto se mantinha em evidência para seus eleitores.

A TV Globo, por seu lado, para alcançar seus interesses em se expandir comercialmente enquanto promovia uma integração nacional via televisão, agradava também a setores das Forças Armadas, do empresariado patrocinador, e aos telespectadores.

⁹⁶⁴ MOTTA. *Op. Cit.* 2014

Ao regime ditatorial interessava essa unificação e a implantação seu plano de integração territorial, desenvolvimento e modernização do país. Além disso, o programa se ajustava a uma proposta de propaganda política que, embora não abraçada oficialmente pela Aerp/ARP, se traduzia, na prática, no total apoio por meio de infraestrutura, isenção de censura prévia pelo DCDP, chancela de órgãos oficiais, incentivos logísticos, contratos com empreendimentos diretamente relacionados às políticas de governo do regime. Sem falar das inúmeras homenagens, em forma de condecorações e reconhecimentos públicos concedidos a Amaral Netto e a seu programa pelos militares, mas também por civis.

Aos patrocinadores interessava divulgar sua participação na modernização do país, expor e vender seus produtos, ampliar seu mercado, e mostrar o apoio (e a influência e inserção⁹⁶⁵) junto ao projeto governamental. Muitas dessas empresas se expandiram e passaram a atuar também fora do Brasil nessa época. Muitas atuam, ainda hoje, no Brasil e no mundo.

E, por último, mas não menos importante, não se pode ignorar o interesse, naquele momento, de significativa parcela da sociedade brasileira disposta a conhecer e a se sentir parte da transformação pela qual o país passava, se reconhecendo pela tela da televisão na programação que a TV Globo apresentava.

As construções de memória em relação à vida e à obra do deputado/repórter, como construídas a partir da Abertura, servem à execração tanto de sua personalidade e seu trabalho quanto da(s) direita(s) representadas pelos partidos aos quais se filiou, a Arena e depois o PDS. Em oposição a essa execração, a sacralização de uma memória da resistência pela(s) esquerda(s) na qual “os testemunhos assumiram a missão de guardiães da memória, arautos da história”⁹⁶⁶.

⁹⁶⁵ CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *Op. Cit.*

⁹⁶⁶ ROLLEMBERG, Denise. Ditadura, Intelectuais e Sociedade. In: AZEVEDO; ROLLEMBERG; KNAUSS; BICALHO; QUADRAT. *Op. Cit.* 2009. p. 377-398

Isso talvez explique a demonização naturalizada de certos personagens ligados à direita no período, como foi o caso de Amaral Netto.

Mas saber hoje se os campos culturais (ou da comunicação) efetivamente foram campos de *resistência* ou de *colaboração* é, talvez, menos importante do que tentar compreender por que se construiu uma ideia de cultura como campo de *resistência* ou de *colaboração* contra o regime autoritário no Brasil.

Da mesma forma, é, talvez, menos importante saber se a Globo foi ou não um *lugar de resistência* do que tentar compreender por que, também ela, tenta construir um discurso da *resistência possível* baseando-se na exibição de programas *chapa-branca*, na negociação com a censura e no acolhimento dos intelectuais e de outros profissionais de esquerda. Porque é dessa forma que determinadas manifestações culturais (como programas de TV) de pouca ou grande ressonância à época, acabam entrando na memória coletiva, simplificarmente, como *colaboracionistas* ou como *resistentes*. Ou são esquecidos e desaparecem.

Nesta tese, procurei mostrar quem era Amaral Netto e dar um panorama da rede de sociabilidades na qual ele se amparava para entrar no campo político. E mostrar as continuidades do projeto político e intelectual ao qual ele se alinhava. Vimos como o pensamento conservador de Amaral Netto era alinhado a um projeto intelectual udenista que se materializou nos anos cinquenta, no periódico *Maquis*. Um projeto decisivo nos rumos que o país tomou na direção de, e após, 1964.

Vimos como é difícil desvincular a ideia de que o surgimento de *Amaral Netto, o Repórter* se deu atravessado pela conjuntura dos novos recursos tecnológicos na área de comunicação, principalmente na televisão, no Brasil. E vimos que os programas *Amaral Netto, o Repórter* foram produzidos de acordo com certo pensamento vigente, com uma intenção

jornalística. Mas também foram produzidos para surtir efeitos didáticos, de atração e com a finalidade de moldar preferências e de compartilhar valores sensíveis a grande parte da população. Também procurei situar a atuação política de Amaral no contexto do golpe e da subsequente ditadura.

A partir do que é demonstrado pelas fontes, é plausível a interpretação de que *Amaral Netto, o Repórter* trabalhava aspectos do projeto de propaganda política de informação intensiva, como pretendida pelo coronel Hernani D'Aguiar para a Aerp, ainda em 1968. Mesmo que esse projeto não tenha sido oficialmente assumido pela agência de propaganda do Estado.

Na discussão sobre propaganda, procurei ressaltar que os receptores, no caso os telespectadores do programa, também têm poder de atribuir significados. E como significados não são inerentes, a tendência é que um significado dominante passe a predominar numa determinada cultura/contexto. Isso é importante, porque nem sempre a intenção do produtor de uma imagem, de um programa de televisão, ou mesmo de uma propaganda política, é a que se concretiza.

Também mostrei como as reportagens trabalhavam uma mesma ideia para mostrar um Brasil superlativo, onde as ações de governo eram executadas em escalas colossais. Na narrativa audiovisual de *Amaral Netto, o Repórter*, o país de *assombrosas* florestas e recursos naturais consolidou-se como o produtor das maiores pontes, das gigantescas hidrelétricas, das mais extensas estradas. Nesse sentido, as ideias de integração nacional, de conquista de territórios terrestres e marítimos, de crescimento e desenvolvimento, eram retrabalhadas de várias maneiras, voltando, várias vezes, a temas já anteriormente abordados.

A abordagem global das reportagens realizadas para o programa *Amaral Netto, o Repórter*, apresentadas principalmente como um mapeamento dessa produção em dois capítulos, pode não ter permitido a verticalização de algumas questões que apareciam nessas reportagens.

Esse é um ponto que mostra como é difícil fazer uma análise macro a partir de uma temática que abarca enorme complexidade de assuntos e múltiplos contextos entre 1968 e 1985.

Ainda assim, foi possível entrar em muitas discussões a partir de análises de muitas dessas fontes, trazidas de forma integral ou parcial. Além disso, penso ter conseguido mostrar que outros aspectos trabalhados pela propaganda oficial do regime, que Amaral Netto mostrava prodigamente de forma não oficial, podem ser atribuídos a um processo que ultrapassa o limite temporal do golpe e da ditadura.

A partir dos números do IBOPE, vimos que *Amaral Netto, o Repórter* foi um programa de enorme ressonância entre todas as faixas de idade, gênero, escolaridade e classe social durante um período significativo. E que, embora tivesse alcançado inúmeras vezes altos índices de audiência, isso não transferia automaticamente a confiança dos telespectadores ao deputado Amaral Netto. Além disso, esses dados do IBOPE mostram que, considerando o número de aparelhos ligados nos dias de exibição, o percentual fiel a TV Globo mantinha admirável consistência, apesar da existência de outros canais concorrentes, nos anos examinados.

No entanto, na memória construída sobre a televisão, *Amaral Netto, o Repórter* é um programa que foi praticamente *apagado* dessa memória ou que nos chegou, até agora, simplificada e apresentada como *imposto pela extrema direita* durante a ditadura.

Nas disputas de memória que fizeram parte do processo de redemocratização do país, o papel de Amaral Netto e de seu programa (e por extensão, da TV Globo) aparece como uma *imposição* dos militares, uma espécie de *pedágio* que isenta os demais agentes frente ao regime. Uma explicação simplificada para que a TV Globo, supostamente, pudesse ter alguma margem de manobra com a censura enquanto também acolhia dissidências das esquerdas em seus quadros. Nesse sentido, a questão de certa *resistência* insinuada também é discutida na tese.

É importante frisar também que, embora os quatro governos militares durante os quais *Amaral Netto, o Repórter* foi apresentado tenham tido suas especificidades, o mesmo dificilmente se poderá dizer do referido programa. Excetuando-se as inovações técnicas e tecnológicas do campo da comunicação e do jornalismo até meados dos anos 1970, o programa parece ter zelado por uma constância temática e ideológica durante os 16 anos de existência.

Amaral Netto, o Repórter foi uma das faces civis da ditadura. Ainda que o programa encampasse a ideia de propaganda defendida pela primeira gestão da Aerp, o projeto era sustentado também por dinheiro e apoio civis. Não só porque seu idealizador era civil, ou porque militares não trabalhassem diretamente nesse projeto. Mas porque os programas eram *encomendados* por empresas civis, mesmo que a infraestrutura logística para alcançar lugares inóspitos e distantes contasse muitas vezes com as Forças Armadas. E porque o programa era exibido e mantido num canal comercial civil e não num canal estatal. Até bem depois da Abertura e da Anistia.

Não se pode esquecer que o programa contava com amplos setores de uma sociedade brasileira disposta a se ver modernizada e capaz de construir o país que a TV Globo mostrava, naquele momento, da forma como o apresentava. Isso se traduziu numa ressonância social importante por grande parte do período. O que significa dizer que o programa dificilmente se sustentou exclusivamente por causa de pressões militares. E significa dizer que o peso das continuidades e permanências não pode ser subestimado.

É inegável que esta pesquisa não esgota nem o tema *Amaral Netto, o Repórter*, nem o tema TV Globo, e menos ainda os temas propaganda política, ditadura, censura, ou a relação de pessoas e empresas privadas de amplos setores com o regime autoritário.

Mas afirmar que Amaral Netto foi pura e simplesmente um *porta-voz da ditadura* é uma ideia incompleta. Além do que essas reportagens significaram, à época, em termos de inovação e pioneirismo, nesses filmes aparece também a mentalidade de uma elite sobre desenvolvimento, modernização, progresso, ordem, educação, segurança nacional, natureza, ecologia. Nesses filmes, aparece uma parte do próprio Brasil então *desconhecido* e seus brasileiros. Para além disso, esses filmes mostram-nos a força da narrativa audiovisual exibida pela televisão. E, sobretudo, o poder do telespectador que escolhe, por identificação ou outro(s) motivo(s), ao que quer assistir na televisão.

ANEXO 1

Relação de filmes da Planel Editora depositados no Arquivo Nacional, RJ
(com data de exibição informada pelo Arquivo Nacional)

Item	Tema	Data de exibição (informada pelo Arquivo Nacional)
1	PETRÓLEO	19.01.69
2	TRONCO SUL	26.01.69
6	CATARATAS DO IGUAÇU / DNER	02.03.69
7	FUZILEIROS NAVAIS	09.03.69
8	MINÉRIO DE FERRO	16.03.69
10	POROROCA E PROFESSORA DO AMAPÁ	30.03.69
11	ESTADO DO RIO	13.04.69
14	RECIFE	04.05.69
18	URUBUPUNGÁ	01.06.69
19	GUANABARA OBRAS	08.06.69
21	MINAS DO CARVÃO	22.06.69
22	GUANABARA II	29.06.69
24	FLORIANÓPOLIS	13.07.69
25	SÃO LUIS DO MARANHÃO	27.07.69
26	BLUMENAU	03.08.69
27	RETROSPECTIVA	10.08.69
28	MURO DE BERLIM (Internacional I)	24.08.69
29	ÁFRICA (Internacional II)	31.08.69
30	ÁFRICA (Internacional III)	07.09.69
31	BALEIAS	14.09.69
32	COHAB / FAVELAS	21.09.69
33	MATADOUROS / SUNAB	12.10.69
34	ÍNDIOS DO XINGÚ	19.10.69
35	CÍRIOS DE NAZARÉ	26.10.69
36	PORTO DO RIO DE JANEIRO	02.11.69
38	RIO GRANDE DO SUL I	16.11.69
39	RIO GRANDE DO SUL II	23.11.69
40	OURO PRETO	30.11.69
41	BATALHÃO DE GUARDAS	07.12.69
42	CATALINAS DA FAB	14.12.69
Não consta nº 43		
44	FURNAS	04.01.70
46	GUANABARA	18.01.70
47	OPERAÇÃO ACISO	25.01.70
48	INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO	01.02.70
49	PETROQUÍMICA	08.02.70
51	ILHA TRINDADE	22.02.70

52	PATAGÔNIA	01.03.70
53	JÓQUEI CLUBE	15.03.70
54	HISTÓRIA DO CIMENTO	22.03.70
55	ESPÍRITO SANTO I	29.03.70
56	ESPÍRITO SANTO II	05.04.70
57	BRASÍLIA	12.04.70
58	SUDENE / RECIFE I	19.04.70
59	SUDENE / RECIFE II	26.04.70
60	PARAQUEDISTAS	03.05.70
61	ARATU / BAHIA I	17.05.70
62	BAHIA	31.05.70
63	BAHIA II	07.06.70
64	CEDAG	14.06.70
65	AMAZONAS I - Barcos da Esperança	28.06.70
66	CONSTRUÇÃO NAVAL	12.07.70
67	AMAZONAS II - Sentinela dos Solimões	19.07.70
68	AMAZONAS III - Guerra na Selva	26.07.70
69	SIDERÚRGICAS	09.08.70
70	PAULO AFONSO	16.08.70
72	D N O S	30.08.70
75	GOIÁS I	20.09.70
76	GOIÁS II	27.09.70
77	PONTE RIO-NITERÓI/ DINAMARCA/ALEMANHA	04.10.70
79	SUDECO	01.11.70
80	GOIÁS III	08.11.70
81	RETROSPECTIVA	14.11.70
82	IBM - RIO / SÃO PAULO	21.11.70
83	CONQUISTA DA AMAZÔNIA - Amazônia existe	28.11.70
84	CAMPOS	05.12.70
85	CEARÁ	12.12.70
86	NITERÓI	19.12.70
88	GUANABARA - CONSTRUÇÃO NAVAL	02.01.71
89	BLUMENAU	09.01.71
90	GUANABARA ANO 2.000	16.01.71
91	GUANABARA NOVA	30.01.71
92	BOMBEIROS - GUANABARA	06.02.71
93	SUVALE - Superintendência do Vale São Francisco	27.02.71
94	SUDEPE - Superintendência Desenv. Da Pesca	06.03.71
95	SESC	13.03.71
96	SENAC - RIO e SÃO PAULO	20.03.71
98	ULTRA GÁS	03.04.71
99	NORTE GÁS BUTANO - PARÁ	10.04.71
100	O BRASIL E OS BRASILEIROS I	17.04.71
102	INDÚSTRIA DO PAPEL	01.05.71

104	B N H (NORDESTE)	22.05.71
105	CAFÉ CACIQUE	29.05.71
106	PROJETO RONDON	05.06.71
108	MOTEL CLUBE MINAS GERAIS	26.06.71
109	DUZENTAS MILHAS (reprise)	03.07.71
111	APLUB	17.07.71
112	LANARI	27.07.71
114	TIBRÁS	14.08.71
116	TRANSAMAZÔNICA (MENDES JÚNIOR)	04.09.71
115	TRANSAMAZÔNICA (RABELO)	28.08.71
117	SERVIENGE	11.09.71
118	TENENGE	18.09.71
119	NORTE GÁS BUTANO - PARÁ (reprise)	09.10.71
120	TRANSAMAZÔNICA (PARANAPANEMA)	16.10.71
122	BOLSA DE VALORES	30.10.71
124	ARGÉLIA	13.11.71
125	PORTUGAL I	20.11.71
126	PORTUGAL II	04.12.71
127	PORTUGAL III	11.12.71
129	PORTUGAL IV	18.12.71
130	PORTUGAL V	25.12.71
131	TORRALTA	08.01.72
132	PORTUGAL VII	15.01.72
134	R F F S A	29.01.72
135	MANGUINHOS	11.03.72
136	PORTUGAL VIII	18.03.72
137	C T B 093	25.03.72
139	PORTUGAL IX	08.04.72
140	PORTUGAL X	15.04.72
141	ECISA	22.04.72
142	SUNAMAM	29.04.72
143	UNIPAR	06.05.72
144	PLANEJAMENTO	13.05.72
145	B N H	20.05.72
148	ACRE II	17.06.72
149	ACRE III	24.06.72
150	B N D E	01.07.72
151	C B D	08.07.72
152	CONSTRAM - METRÔ	15.07.72
153	SESQUICENTENÁRIO - INDEPENDÊNCIA	22.07.72
154	SUDECO I – Superintend. Desenv. Centro-Oeste	29.07.72
155	SUDECO II	05.08.72
156	UNIVERSIDADE GAMA FILHO	12.08.72
157	IBM na TRANSAMAZÔNICA	19.08.72

158	ESTADO DO RIO	26.08.72
159	COPERSUCAR	02.09.72
160	CORAÇÃO DE D.PEDRO	09.09.72
161	LIGHT	07.10.72
162	SESC	14.10.72
163	IBGE	21.10.72
166	MANAUS - PORTO VELHO	11.11.72
167	AEROPORTO SUPERSÔNICO	18.11.72
170	BELO HORIZONTE	09.12.72
173	METROPOLITANA	30.12.72
Não consta do nº 174 a 176		
177	CEPALMA	27.01.73
178	D N E R (Rio-Bahia)	03.02.73
179	PIAUI	10.02.73
180	DNOS	17.02.73
181	RETROSPECTIVA III - 073	24.02.73
182	DYRCE	17.03.73
183	EMBRATEL	24.03.73
186	DINAMO	07.04.73
187	RIO HISTÓRICO	14.04.73
188	OURO PRETO	21.04.73
190	SÃO PAULO I	05.05.73
191	SÃO PAULO II	12.05.73
192	SÃO PAULO III	19.05.73
193	PORTO I	26.05.73
194	PORTO II	02.06.73
196	PONTE RIO - NITERÓI	16.06.73
197	SESI II	23.06.73
198	SISAL	30.06.73
199	MOBRAL I	07.07.73
201	MARANHÃO	21.07.73
202	ALAGOAS	28.07.73
203	PERIMETRAL NORTE	04.08.73
204	U E B	11.08.73
206	D N O S (Rio das Velhas)	25.08.73
207	REDE FERROVIÁRIA FEDERAL	01.09.73
208	MATO GROSSO	08.09.73
209	BV - 8	15.09.73
210	B N B	22.09.73
211	GRUPO A. SILVA	29.09.73
212	MINAS GERAIS	06.10.73
213	CEPLAC	13.10.73
214	AMAZÔNIA	03.11.73
215	D N P V N	27.10.73
216	IGUAÇU / SALTO OSORIO	10.11.73

217	PARANA	17.11.73
218	BRASÍLIA	24.11.73
219	RORAIMA	01.12.73
220	RORAIMA II	08.12.73
221	COBAL	15.12.73
222	SESC	22.12.78
223	INCRA	29.12.73
224	SUNAMAM	05.01.74
225	ENERGIA NUCLEAR	12.01.74
226	NOVA AMERICA	19.01.74
227	BAHIA	26.01.74
229	RIO DE JANEIRO	09.02.74
230	1º Programa de aniversário da Revolução	04.03.74
231	2º Programa de aniversário da Revolução	11.03.74
232	3º Programa de aniversário da Revolução	18.03.74
233	4º Programa de aniversário da Revolução	25.03.74
234	SESI 071	01.04.74
236	PARAÍBA	15.04.74
238	SUBMARINOS	29.04.74
239	FERNANDO DE NORONHA (2º PROGRAMA)	06.05.74
240	GOIÁS	20.05.74
241	ESPIRITO SANTO	27.05.74
242	SELETRON	10.06.74
243	MONGERAL	08.07.74
245	6º ANIVERSÁRIO	22.07.74
246	GAMA FILHO	29.07.74
247	CESGRANRIO	05.08.78
248	MATO GROSSO	12.08.74
249	FUSÃO DO ESTADO DO RIO E GB	19.08.74
250	SESI	26.08.74
251	RIO GRANDE DO SUL	02.09.74
253	KATU	16.09.74
254	VEJA I	23.09.74
255	VALENÇA / BAHIA	30.09.74
258	FEIRA DE CARUARU	21.10.74
259	CAÇA À BALEIA	28.10.74
260	QUARUP	04.11.74
264	PAOLETTI	02.12.74
265	BRASIL - TURISMO	09.12.74
266	TAUBATÉ	16.12.74
Não consta do nº 267 a 268		
269	EUROPA 1	13.01.75
270	COMIND	20.01.75
271	CESGRANRIO	27.01.75

272	TURISMO, HISTÓRIA E CULTURA DA EUROPA	17.02.75
273	BRASIL - HOJE	24.02.75
274	YAKULT	03.03.75
275	GOVERNO DO ACRE	10.03.75
276	FUSÃO 1º	17.03.75
277	FUSÃO 2º	24.03.75
278	REVOLUÇÃO	07.04.75
280	UEB	21.04.75
282	PROJETO CABO FRIO	12.05.75
283	ILHA DA TRINDADE	19.05.75
284	ANGOLA	02.06.75
285	OURO PRETO	09.06.75
286	CIDADES HISTÓRICAS	16.06.75
287	COSTA DO SOL	23.06.75
289	CIDADES DO BRASIL	07.07.75
290	MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN	21.07.75
291	PETROBRÁS	28.07.75
292	BOLSA DE VALORES	04.08.75
293	NUCLEABRÁS	11.08.75
294	ENGEFER - Ferrovia do Aço	18.08.75
295	MINISTÉRIO DE EXÉRCITO	21.08.75
296	SINDICATO DOS ESTALEIROS	01.09.75
297	BANCO DO BRASIL	08.09.75
298	RIOS BRASILEIROS	15.09.75
299	EMBRATEL	22.09.75
300	SERGIO DOURADO	29.09.75
301	GRUPO CCN	06.10.75
302	MATERIAL FERROVIÁRIO	13.10.75
303	FAB	20.10.75
304	ITAIPU	27.10.75
305	MINISTRO SHIGEAKI UEKI - Contratos de riscos	10.11.75
306	SESC	17.11.75
307	BELEZAS DO BRASIL	24.11.75
309	AVENTURAS DE AMARAL NETTO	08.12.75
310	MARINHA DO BRASIL	15.12.75
311	BNH	22.12.75
312	MINISTRO MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN	12.01.76
313	MINISTRO REIS VELOSO	19.01.76
314	RIO CARIOCA	26.01.76
312	MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN	02.02.76
315	CIDADES HISTÓRICAS DO NORDESTE	09.02.76
317	CEARÁ	08.03.76
318	RECEITA FEDERAL	15.03.76
319	ALAGOAS / KARATÊ / PREF. RIO DE JANEIRO	22.03.76
320	MANAUS / PORTO VELHO	05.04.76

321	PIAUÍ	12.04.76
322	ABRA UMA JANELA P/ O MUNDO / PLANTEL / ÍNDIOS	19.04.76
324	POROROCA	03.05.76
326	MONUMENTO DOS PRACINHAS	24.05.76
327	A CHEIA DO AMAZONAS	01.06.76
328	MATO GROSSO	14.06.76
329	ASCB	21.06.76
330	ELETOBRÁS	28.06.76.
332	MANAUS / CARNAVAL	12.07.76
333	CERRADOS	02.08.76
334	ÍNDIOS / FOZ DO IGUAÇU	09.08.76
335	MORDOMIA	16.08.78
336	UEB	23.08.76
338	INDEPENDÊNCIA	06.09.76
339	BANCO DO BRASIL	13.09.76
340	AMAZÔNIA - MARÉ FANTASMA	20.09.76
341	SBPE	27.09.76
342	BRASIL PARALELO ZERO I -	04.10.76
343	BRASIL PARALELO ZERO II	11.10.76
344	SANTA CATARINA	25.10.76
345	SUDENE	01.11.76
346	PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO	08.11.76
347	BRASIL PARALELO ZERO - III	15.11.76
348	BRASIL PARALELO ZERO - IV	22.11.76
349	BRASIL PARALELO ZERO - V	29.11.76
350	CURURU	06.12.76
351	SUDAM II	13.12.76
352	SUDAM I	20.12.76
353	INCRA	27.12.76
354	RETROSPECTIVA	03.01.77
355	INPS	10.01.77
356	ARSA	17.01.77
358	ALCARIS	07.02.77
360	A HISTÓRIA DO IMPOSTO (SERPRO)	28.02.77
361	BANCO DO BRASIL	07.03.77
362	MINAS GERAIS	21.03.77
363	IMPOSTO DE RENDA	28.03.77
364	SUNMARINOS	04.04.77
365	GUARAPUAVA	11.04.77
366	DNOS	25.04.77
367	FUNAI (Ministério do Interior)	09.05.77
368	ESPORTE	16.05.77
369	POROROCA	30.05.77
370	IBC	30.05.77

371	ABI	20.06.77
372	DIVÓRCIO	27.06.77
373	CENTROS SOCIAIS URBANOS	04.07.77
374	ACESITA	11.07.77
375	DISCOS VOADORES - CINDACTA	18.07.77
376	ACIDENTES DE TRABALHO	25.07.77
377	INSTITUTO OSWALDO CRUZ	08.08.77
378	EMBRATUR	15.08.77
380	TUBARÃO	29.08.77
381	MARINHA	05.09.77
382	PRODUTIVIDADE AGRICOLA (B.BRASIL)	12.09.77
376	ACIDENTES DE TRABALHO	26.09.77
385	ECOLOGIA	10.10.77
383	BUTANTÃ	17.10.77
384	CTA	24.10.77
386	OPERAÇÃO AMIZADE	31.10.77
387	ESCOLA NAVAL	14.11.77
388	AMAZÔNIA / PANTANAL	21.11.77
389	COMLURB	28.11.77
390	ASPECTOS DA CULTURA BRASILEIRA	05.12.77
391	BRASIL -Ferro e Aço	12.12.77
392	ARQUITETURA NO BRASIL	19.12.77
394	AÇUCAR	08.01.78
395	RONDÔNIA	15.01.78
396	CIAGA	22.01.78
397	BANCO DO BRASIL - exportação	29.01.78
398	PRODECOR	12.02.78
399	PEDRAS E GRUTAS	19.02.78
402	ILUMINAÇÃO	19.03.78
403	IMPOSTO DE RENDA II	26.03.78
404	CERRADOS	09.04.78
405	PERNAMBUCO	16.04.78
406	MARANHÃO	23.04.78
407	ÍNDIOS	30.04.78
408	CEF	14.05.78
409	ATOL DAS ROCAS	21.05.78
410	GOVERNO DE SÃO PAULO - RODOVIAS	09.07.78
412	ALAGOAS	23.07.78
413	ESTADO DO RIO DE JANEIRO	30.07.78
414	EXÉRCITO	13.08.78
415	BANCO DO BRASIL - Cacex	20.08.78
416	ESPIRITO SANTO	27.08.78
417	SANEAMENTO - SÃO PAULO	10.09.78
418	OS PIONEIROS I	17.09.78
419	OS PIONEIROS II	24.09.78

421	OS PIONEIROS IV - FAB	15.10.78
422	ITAIPU	22.10.78
423	PREFEITURA - EDUCAÇÃO	29.10.78
425	BAHIA	26.11.78
426	PREFEITURA - ÁREAS DE LAZER	17.12.78
427	DANÇAS	14.01.79
428	REFLORESTAMENTO	21.01.79
429	SECRETARIA DE SAÚDE	28.01.79
435	CINEMA NACIONAL	15.04.79
437	ITAIPU	03.06.79
438	PANORAMA ECOLÓGICO	17.06.79
439	ENERGIA, INDEPENDÊNCIA OU MORTE	01.07.79
440	VOCÊ E O SEU DINHEIRO (INFLAÇÃO)	15.07.79
442	EXPORTAÇÃO (CACEX)	19.08.79
445	CREDITO RURAL	07.10.79
Não consta do nº 446 a 450		
451	RETROSPECTIVA A. V. AMARAL NETTO	06.01.80
457	RECEITA FEDERAL I	02.06.80
458	PARANÁ 80	14.07.80
459	RECEITA FEDERAL II	04.08.80
460	CENSO 80 - IBGE	11.09.80
Não consta do nº 461 a 463		
464	IBGE	09.02.81
465	BENFAM	09.02.81

ANEXO 2

Anúncios e matérias em jornais

Programa de Amaral Neto é líder

Com audiência de 54 por cento dos aparelhos de televisão ligados entre 22 e 23 horas no domingo passado, segundo o IBOPE, o programa "Amaral Neto, o Repórter", na TV GLOBO, solidificou sua liderança absoluta no horário.

Amanhã, "Amaral Neto, o Repórter" vai exibir reportagem em que o risco e a aventura se misturam com a maior obra em todo o mundo ocidental: o conjunto hidrelétrico de Urubupungá, em São Paulo. Pendurado num guindaste a 50 metros de altura, descendo até a beira das gigantescas comportas da barragem de Jupitá, ou um pequeno barco à deriva em meio às vagas provocadas pelas lâncias das águas que descem da represa, Amaral Neto mostra os telespectadores o conjunto hidrelétrico duas vezes maior que o célebre de Assuá, no Egito, e que é o terceiro do mundo, após os do Volga e do Angara, na União Soviética.

Em atendimento a pedidos de secretarias de Educação e de Turismo, de câmaras municipais, de diretores de colégios, de professores, de pais e de alunos de várias idades, a TV GLOBO está reapresentando o programa "Amaral Neto, o Repórter" às 12h 30m de domingo. O programa é exibido atualmente, além do Rio, em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Belém.

TV-GLOBO mostra amanhã Vale do Paraíba

Em seu programa de amanhã na TV-Globo, Amaral Neto focalizará as transformações por que está passando a região do Vale do Paraíba, com suas barragens, diques, usinas, canais, todo um complexo de engenharia moderna, que está mudando a paisagem naquela área que Monteiro Lobato chamou de "ajuntamento de cidades mortas". Em Pindamonhangaba, Amaral Neto obteve farto material que ilustrará, também, seu programa de amanhã, das 22 às 23 horas, na TV-GLOBO.

Jornal *O Globo*, Geral, 14/06/1969, p. 4.

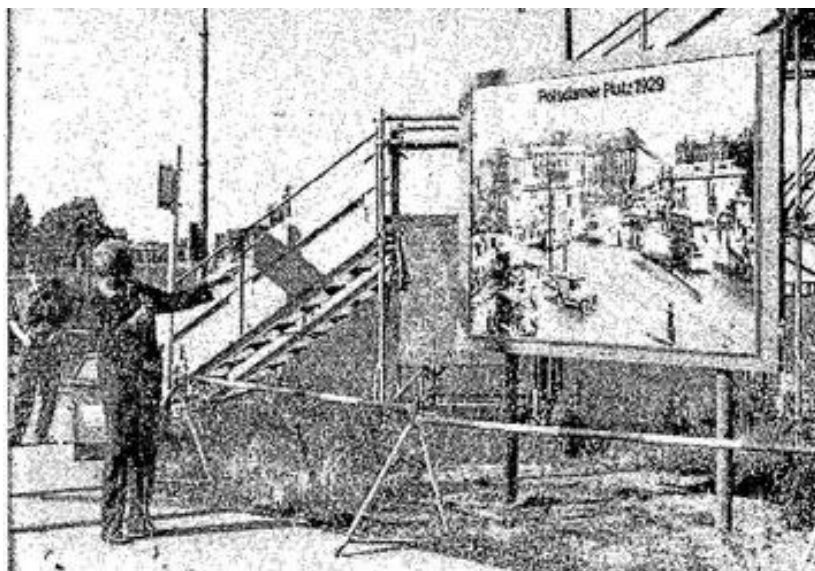
Amaral Neto vai Mostrar o Estado do Rio ao País

O deputado federal Amaral Neto iniciará na segunda-feira, em Parati, com a sua equipe, a gravação do videotape que apresentará sobre o Estado do Rio, no mês de abril, em seu programa "Amaral Neto Repórter", que vai ao ar todos os domingos, às 22 horas, pela TV-GLOBO.

Amaral Neto é fluminense e declarou ontem em Niterói que pretende, com essa reportagem, apresentar ao Brasil o Estado do Rio da atualidade, um Estado que realmente vem crescendo com o Governo da Revolução e que, por isso mesmo, já está reconquistando o lugar de destaque que sempre lhe coube entre os outros grandes estados da Federação.

Jornal *O Globo*, Geral, 31/05/1969, p. 16

Jornal *O Globo*, Geral, 28/03/1969, p. 18



AMARAL NETO MOSTRA COMO FICOU A ANTIGA POSTDAMER PLATZ

Reportagem de Amaral Neto leva Muro da Vergonha à TV

O Muro da Vergonha — 48 quilômetros ininterruptos de uma barreira erguida entre duas concepções de vida, dividindo Berlim e marcando um dos episódios mais dramáticos da Europa atual — será mostrado amanhã, às 22 horas, pela TV GLOBO, numa reportagem de Amaral Neto, traseido por ele de sua recente viagem ao exterior.

"Amaral Neto, o Repórter" completará a sua apresentação de amanhã com o relato de uma viagem feita em lombo de camelo, de Beirute a Basileia, e uma entrevista especialmente concedida pelo Imperador Haile Selassie, que há 53 anos governa a Etiópia. As feiras do Imperador aparecem na entrevista, o primeiro de uma série de trabalhos internacionais feitos para o Canal 4.

O muro

— É o espetáculo mais deprimente que já me foi dado ver — afirma Amaral Neto, referindo-se ao Muro da Vergonha. — Mais de duzentas ruas, uma dezena de praças das mais importantes e meia dúzia de auto-estradas foram definitivas ou parcialmente cortadas pelo muro. A parte comunista, numa faixa de mais de 500 metros do muro, apresen-

tando, cercas eletrificadas, valas, duas centenas de postes de observação, de vinte metros de altura, com holofotes e guardas armados de metralhadoras. Nas praças e ruas cortadas pelo Muro da Vergonha estão as defesas antitanque; gigantescas vigas de aço fixadas em cruz desfilam-se a impedir que se repitam as fugas em caminhões que se projetavam a toda velocidade contra o muro, arriscando a vida dos seus ocupantes que buscavam a liberdade.

Amaral Neto menciona a Bernauer Strasse onde duas mil pessoas perderam suas casas no dia 24 de setembro de 1961, nove dias depois que Rolf Urban atirou-se de um terceiro andar à calçada situada em Berlim Ocidental. Morrendo em seu voo, que seria para a liberdade, Rolf foi a primeira vítima do Muro.

— Depois da fuga de milhares de homens, mulheres e crianças — diz Amaral Neto —, o que se vê no lado oriental de Berlim é um retrato do regime comunista: aquelas fortificações, vigiadas dia e noite por dez mil policiais armados até os dentes, dispostos a tudo para impedir que novas fugas venham a se repetir. Na Berlim comunista é proibido aproximar-se do Muro da Vergonha. A liberdade está à vista, a pouco mais de 500 metros. Mas a esperança de fuga está cada vez mais dis-

AMARAL NETTO

o maior repórter do Brasil,



Que trouxe

**A ÁFRICA MISTERIOSA
A CAÇA DA BALEIA
OS ÍNDIOS DO
ALTO XINGU
AS CATARATAS DO
IGUAÇU
OS LEÕES MARINHOS
DA PATAGÔNIA**

E mais uma centena de sensacionais reportagens,

Traz hoje para você **RIO ANO 2000**

ANTECIPADO 30 ANOS: A BARRA DA TIJUCA

RÊDE GLOBO DE TELEVISÃO às 23 horas

Anúncio no jornal *O Globo*, Geral, 30/01/1971. p. 7.

**HOJE,
DEPOIS DO CAFONA,
VOCÊ VAI VER
UM IMPÉRIO**

Amaral Netto, o Repórter,
apresenta hoje, em
Globo Especial (23 horas) um
império industrial no Nordeste que
um nordestino criou.
O império do Grupo Edison Queiroz
- Norte Gás Butano.
Depois do Cafona,
fique na Globo.

**GLOBO
ESPECIAL**
Transmissão única
na Rede Globo
às 23 horas

Anúncio no jornal *O Globo*, 29/09/1971, p. 17.

EXTRA PROCLAMADA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL



O grito da independência foi suscitado pelo o comitê do Príncipe

VAMOS DITAR LEIS AO MUNDO

Somos quase 4 milhões

Podemos facilmente dividir trechos da carta que a Princesa Leopoldina, há exatamento um mês, escreveu a seu pai, Imperador do Austro, anunciando-lhe que via a D. Pedro não mais viajando para a Europa.

"A nossa viagem torna-se impossível porque exaltada e antes agitada do povo brasileiro, sendo ainda a maior impetiva e a mais generosa em política ao lado de nossos patriotas não tardamos a acordar com Jucá Rebello, secretário da força e exército desta bela e florissante Império.

"Os que antes se sublevarão ao Jugo da Europa, podem sublevar-se, com o tempo, para nós. Então seria, meu filho, de que via me desiluso e que é hora a minha e não deixá-la de ser a nossa da vossa poder e força, nossa soberania."



Suicidou-se ministro inglês: foi canivete

LONDRES. II de agosto (de correspondente) — Cortado a garganta com um canivete, pelo fim a política vital e Ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, Lord Castlereagh, suicidou-se a fim a uma série de depressão nervosa.

Em grande gravidade em um país e pertencendo ao Partido Tory (conservador), Lord Castlereagh apoiara a política intervencionista de Metetrich, contra o norte liberal e o nacionalismo suíço.

GANNING
Lord Ganning, um exaltado à esquerda, deverá mudar totalmente a política externa do Reino Unido, uma vez que há tempo se declara favorável às ideias sociais americanas em luta pela independência.

O Dr. Humboldt propõe curar a política das Américas por meio de um tratado de paz com todos os países e nações. Foi assinado, no entanto, a assinatura com que Lord Castlereagh assinava a política.

São Paulo, 7 de setembro de 1822 (Urgente) — Um moço de 24 anos, nascido em Portugal, acaba de declarar o Brasil independente do seu pátria de origem.

Ele é D. Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, Príncipe Regente do Reino do Brasil.

O gesto histórico se deu às margens de um pequeno riacho, o Ipiranga, na colina do mesmo nome, às 4h30min da tarde de hoje, sábado, 7 de setembro de 1822.

A íntegra do noticiário sobre o importante acontecimento vai publicada na página 2.

JORNAL DA INDEPENDÊNCIA

(Editado sob os auspícios da Comissão Executiva Central do Sesquicentenário)

Assessoria Histórica	Redação, Arte	TIRAGEM
Pedro Calmon	Paginação	1.500.000
Vicente Tapajós	Severino Carneiro	EXEMPLARES
Cláudio Soares	Cleomar Finheiro	
Amarel Netto	Cleuton Sampaio	
	Gabriel C. Melo	
	Produção	
	Plantel Editora e Publicidade S.A.	

Distribuição gratuita

Oitava emancipação nas Américas

(Do Departamento de Pesquisa de "Jornal da Independência") — O Brasil, com os acontecimentos de 7 de setembro, é o oitavo país das Américas a proclamar sua independência, libertando-se da tutela europeia. Esse processo emancipatório, iniciado no século XVIII, tem até o presente momento os seguintes protagonistas:

1776 — Estados Unidos da América
1810 — Províncias Unidas do Rio da Prata

1811 — Paraguai
1818 — Chile
1819 — Gran-Colômbia
1821 — Peru
1822 — México
1822 — BRASIL

Esclarece-se que o Brasil é o oitavo país independente apenas na ordem da proclamação. De fato, trata-se do segundo, porque desde 1810 o Rio de Janeiro é a sede da monarquia luso-brasileira, em 1815 foi elevado a Reino Unido e agora se transforma em Império.

NOTA DO EDITOR

Leia este jornal, até a 11.ª página, como se você e ele estivessem vivendo, de fato, os dias de 1822. Uma equipe de historiadores, supervisionada pelo acadêmico Pedro Calmon e tendo a colaboração dos professores Vicente Tapajós e Cláudio Soares, foi secundada por redatores especializados, sob a chefia de Severino Carneiro, para fazer este trabalho dedicado a você e a seus filhos.

Um trabalho que confirma Albert Camus: "o jornalista é o historiador do momento". E aqui está o Brasil, O Brasil de 150 anos e o mundo em que ele nasceu.

Amarel Netto

Jornal O Globo, Encarte, 7/07/1972.

Poeta cremado na praia
(Ver página 2)

JORNAL DA INDEPENDÊNCIA

(Editado sob os auspícios da Comissão Executiva Central do Sesquicentenário)

Assessoria Histórica	Redação, Arte	TIRAGEM
Pedro Calmon	Paginação	1.500.000
Vicente Tapajós	Severino Carneiro	EXEMPLARES
Cláudio Soares	Cleomar Finheiro	
Amarel Netto	Cleuton Sampaio	
	Gabriel C. Melo	
	Produção	
	Plantel Editora e Publicidade S.A.	

Distribuição gratuita

NOTA DO EDITOR

Leia este jornal, até a 11.ª página, como se você e ele estivessem vivendo, de fato, os dias de 1822.

Uma equipe de historiadores, supervisionada pelo acadêmico Pedro Calmon e tendo a colaboração dos professores Vicente Tapajós e Cláudio Soares, foi secundada por redatores especializados, sob a chefia de Severino Carneiro, para fazer este trabalho dedicado a você e a seus filhos.

Um trabalho que confirma Albert Camus: "o jornalista é o historiador do momento". E aqui está o Brasil, O Brasil de 150 anos e o mundo em que ele nasceu.

Amarel Netto

Amaral Netto o Repórter

Está agora na
**RUA BAMBINA, 19
BOTAFOGO**

para o crescimento da PLANTEL. São quase mil metros quadrados de instalações. Onde se cria e produz comunicação. A propósito. Anote os novos telefones:

**266-7588
246-7132
226-6958
246-3046**

PLANTEL
EDITORA E
PUBLICIDADE S.A.

E levou para lá toda a sua equipe. Repórteres, Radistas, Gerente de cinema e TV, Fotógrafos, Produtores de audiovisuais, Cinegrafistas, Arquivistas, Montadores, Laboratoristas, Personal de arte e edição. Mais de 50 profissionais. E levou também laboratórios, Arquivos de vídeo e filmes, Estúdio fotográfico, Balcões de montagem de cinema e audiovisuais. A antiga sede, na Rua da Assembleia, já estava mesmo pequena. No novo endereço, Amaral Netto tem agora todo o espaço de que precisa

- 5 ANOS PRODUZINDO OTIMISMO

 <p>TELEVISÃO Grupo a Rede Globo de Televisão, a Rede Tupi, a Rede Record, a Rede Bandeirantes e a Rede SBT. São sinais televisivos em 15 estações de TV, no país inteiro, atingindo milhões de brasileiros.</p>	 <p>SLIDES O serviço da PLANTEL, com mais de 200 mil slides, é utilizado por empresas, instituições, escolas, etc. São slides coloridos e em preto e branco, para aulas, exposições, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade.</p>	 <p>AUDIOVISUAIS Produções audiovisuais para TV, cinema, rádio, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade. São utilizados em aulas, exposições, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade.</p>	 <p>FILMES Distribuição, locação, etc. de filmes para TV, cinema, rádio, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade. São utilizados em aulas, exposições, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade.</p>	 <p>PUBLICAÇÕES O Departamento de Publicações da PLANTEL produz e distribui jornais, revistas, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade. São utilizados em aulas, exposições, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade.</p>	 <p>EXPOSIÇÕES A PLANTEL realiza exposições de slides, filmes, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade. São utilizados em aulas, exposições, etc. São produzidos em grandes quantidades, com rapidez e qualidade.</p>
--	---	--	---	---	--

Entre muitos outros, eles sabem o que fazemos... e como fazemos: IBM, UNIPAR, ICOM, EMBRATEL, CACIQUE (Café Soluvel), SISA, TAP, Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, TENDRUE, Companhia Brasileira (Brasil e Argélia), Grupo Pólo Magalhães (Brasil e Portugal), Terral (Portugal), BURMAM, BNPL, Jockey Club, DIESE-SENAC, BNDE, Grupo Klabin, CTE, APLUS, Construtora Andrade Gutierrez, Grupo Ultra, Fátima, Grupo Petróleo de Castro, CHEOP, RFFSA, Grupo Edson Queiroz, CEPALMA, Cia. Metropolitana de Construções, Aeroparis Internacional Principi do Brasil, ECISA, Confederação Brasileira de Desportos, ELETROBRÁS, DNER, SUVALE, SUDECO, DRACO, DINAMO (Café Soluvel), Universidade Gama Filho, Instituto Brasileiro de Café, Superintendência da Zona Franca de Manaus, Superintendência Nacional do Abastecimento, Centro Industrial de Aracá, Cia. Estalhos de Açúcar da Guanabara, Superintendência do Desenvolvimento da Pesca, Banco do Nordeste do Brasil, Moinho da Niquel, Alumínio S/A Extrusão e Laminação, Light - Serviços de Eletroeletricidade S/A, Cimento Portland Barcoo, Diderivings Laran, Boleas de Valores, Investbanc S/A, Companhia, Serviços de Engenharia - SERVENGE, Governo Federal, através de seus Ministérios, Governos Estaduais e Municipais, Sociedades de Economia Mista, Exército, Marinha, Força Aérea Brasileira.



O Ministro da Fazenda, quando de sua visita à PlanTEL, na sala de montagem de audiovisuais.

CHEFE DO SNI E MINISTRO DA FAZENDA VISITAM A NOVA SEDE DA PLANTEL

O General Carlos Alberto de Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informações, visitou por essas dias horas a nova sede da PlanTEL, produtora de "Amaral Netto, o Repórter", que há quase cinco anos vem sendo administrada pela Rede Globo de Televisão em Botafogo.

Em companhia do Deputado **Deolin Netto**, a Chefe do SNI esteve e visitou aspectos de audiovisuais

O Ministro da Fazenda, Prof. Deolin Netto, acompanhado com a esposa, visitou a nova sede da PlanTEL, em sua nova sede à Rua Bambina, 19.

Por mais de uma hora, o Ministro ouviu, no presidente sala de controle, a trabalho de produção pela PlanTEL, depois do que, fez questão de conhecer os serviços de vídeo produzidos que atingem 300.000 unidades por semana.

Ao ser acompanhado de **Deolin Netto**, o Ministro da Fazenda falou: — "Sempre, sempre, sempre. Uma verdadeira sala de comunicação, perfeita em todo. Fatos, filmes, vídeos, notícias e comentários. É isso, isso, de fato, melhorando a qualidade."

e multilíngua em três idiomas, em português, em espanhol e em inglês, com a possibilidade de ser utilizado em qualquer idioma. É o maior sistema de comunicação em português — É um excepcional trabalho de brasileiros, realizado em perfeita harmonia. Produção de sistemas de vídeo e notícias ajudam a desenvolver o Brasil."

A mesma ocasião foi externada pelo Sr. General Alberto de Figueiredo, Presidente da Caixa Econômica Federal, e Carlos Alberto de Andrade Figueiredo, Presidente do Instituto Brasileiro de Café, que juntamente com o Prof. Deolin Netto estiveram na nova sede da PlanTEL. Também acompanharam o Ministro, Sr. Gen. Gustavo Ribeiro, Advogado do Exército, Sr. Luiz Werneck, Superintendente da Companhia de Aço e Siderurgia S.A., Sr. Sérgio Paulo Lemos, Chefe de Gabinete da Procuradoria do SNI, Sr. Sérgio Pimenta, Secretário de Gabinete do Secretário Geral do Ministério da Fazenda e Dr. Nilson Marinho, Diretor Executivo da Cia. de Minas.

Os caminhos do futuro



Informação, educação e recreação, esses os caminhos do futuro da televisão.

Fator de integração, a linha de programas da Rede Globo é vista como um todo, completo e indivisível, em todo o território nacional. E nenhum programa da Rede Globo é lançado sem antes ter sido objeto de pesquisas que o relacionem com aquela trilogia.

E é por isso que a Rede Globo alcança seus objetivos assim no Rio como em Recife, em S. Paulo como em Belo Horizonte, em Brasília como em Porto Alegre, Brasil todo.

Por trilhar os caminhos do futuro, a Rede Globo é a favorita do povo mais jovem do mundo, o nosso.

HORA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
8:15							PADRÃO A CORES
8:30							SANTA MISSA
9:15							
9:30							MINI CARROS
10:15	PADRÃO A CORES*	PADRÃO A CORES*	PADRÃO A CORES*	PADRÃO A CORES*	PADRÃO A CORES*		
10:30	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	PADRÃO A CORES*	CONCERTOS PARA A JUVENTUDE
10:45						GUTEN TAG*	
11:00	JOÃO DA SILVA	JOÃO DA SILVA	JOÃO DA SILVA	JOÃO DA SILVA	JOÃO DA SILVA	AMARAL NETTO, REPÓRTER*	
11:30	OS TRÊS PATETAS	OS TRÊS PATETAS	OS TRÊS PATETAS	OS TRÊS PATETAS	OS TRÊS PATETAS	(REPRISE)	PROGRAMA SILVIO SANTOS
12:00	ABBOTT & COSTELLO*	JACKSON FIVE*	OS CARETAS*	OS MOZZA - -RELLAS*	LIGEIRINHO*	FESTIVAL DE DES. ANIMADOS**	
12:30	CHARLIE CHAN*	FÁBRICA ADOIDADA*	LABORATÓRIO SUBMARINO*	FÁBRICA ADOIDADA*	MISSÃO QUASE IMPOSSÍVEL*		
13:00	HOJE*	HOJE*	HOJE*	HOJE*	HOJE*	HOJE*	
13:30	JEANNIE - VIVO*	JULIA*	JEANNIE - VIVO*	JULIA*	JEANNIE - VIVO	GLOBO REPÓRTER (REPRISE)*	
14:00	A NOVIÇA VOADORA*	OS MONKEES*	A NOVIÇA VOADORA*	DICK VAN DIKE*	A NOVIÇA VOADORA*	(REPRISE)*	
14:30	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	VILA SÉSAMO	MUNDO ANIMAL*	
15:00	SESSÃO DA TARDE**	SESSÃO DA TARDE**	SESSÃO DA TARDE**	SESSÃO DA TARDE**	SESSÃO DA TARDE**	SÁBADO SOM*	
16:00							
17:00	OS SUCESSOS DO DESENHO ANIMADO*	SIGMUND E OS MONSTRINHOS*	OS COMETAS*	O GRANDE POLEGAR, DET. PARTICULAR*	PAPAI SABENADA*	ESPORTE ESPETACULAR**	
17:30	SPEED BUGGY*	BUTCH CASSIDY E SUNDANCE KID*	A TURMA DO ZE COLMÊIA*	GOOBER E OS CAC. DE FANTASMAS*	JEANNIE-DESENHO*		
18:00	OS WALTONS*	JOGO PERIGOSO DO AMOR (DUPL0)*	NOVELA JOVEM*	FAMÍLIA DÓ-RÊ-MI*	SEXTA SUPER SHOW*	DISNEYLÂNDIA*	
18:30		MARY TYLER MOORE*		GAHOTA COM ALGO MAIS*			
19:00	NOVELA	NOVELA	NOVELA	NOVELA	NOVELA	NOVELA	
19:45	ESPORTE/JORNAL	ESPORTE/JORNAL	ESPORTE/JORNAL	ESPORTE/JORNAL	ESPORTE/JORNAL	ESPORTE/JORNAL	
20:00	NACIONAL*	NACIONAL*	NACIONAL*	NACIONAL*	NACIONAL*	NACIONAL*	FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA*
20:15	NOVELA	NOVELA	NOVELA	NOVELA	NOVELA	NOVELA	
21:00	SATIRICOM	MOACYR FRANCO	QUARTA NOBRE*	A GRANDE FAMÍLIA	CHICO CITY	PREMIÈRE 74*	
22:00	NOVELA*	NOVELA*	NOVELA*	NOVELA*	NOVELA*		DOMINGO MAIOR*
22:45	J. INTERNACIONAL*	J. INTERNACIONAL*	J. INTERNACIONAL*	J. INTERNACIONAL*	J. INTERNACIONAL*		
23:00	IBRAHIM SUED*	IBRAHIM SUED*	IBRAHIM SUED*	IBRAHIM SUED*	IBRAHIM SUED*	SESSÃO DE GALA*	
23:05	AMARAL NETTO, REPÓRTER*	SESSÃO NOSTALGIA	GLOBO REPORTEJ®	SESSÃO SUSPENSE*	SESSÃO DRAMA*		
00:00	CORUJA COLORIDA*		CORUJA COLORIDA*				CORUJA NACIONAL
01:00		SESSÃO CORUJA		SESSÃO CORUJA	SESSÃO CORUJA	SESSÃO CORUJA	

*-PROGRAMA COLORIDO
**-EVENTUALMENTE A CORES

®GR PESQUISA
®GR DOCUMENTO
®GR ATUALIDADE
®GR FUTURO
®GR ARTE

Rede Globo é mais integração.

VALE A PENA FALAR DE BRASIL:

"Amaral Netto, o Repórter":

12 milhões de espectadores

por semana

Os índices de junho, do IBOPE, registraram para a TV GLOBO médias recordes no horário das 22:30 h às 23:30 h das segundas-feiras, quando vai ao ar "AMARAL NETTO, O REPÓRTER".

Somados Rio e São Paulo, as emissoras da REDE GLOBO alcançaram **O DOBRO DAS OUTRAS NOVE EMISSORAS SOMADAS.**

No Grande Rio, a média semanal foi de 27,03% para a GLOBO, contra 7,63% das outras quatro emissoras somadas.

No Grande São Paulo, a média foi de 26,43% para a GLOBO, contra 18,10% das outras cinco emissoras somadas.

A média semanal para as duas cidades somadas é a seguinte:

	% aparelhos ligados	Número de espectadores
GLOBO (Canais 4 e 5)	65,83%	2.560.821
"AMARAL NETTO, O REPÓRTER"		
AS OUTRAS EMISSORAS SOMADAS	34,17%	1.329.270

Adicionando a estimativa de 1 milhão de pessoas para as reprises das 11 horas dos sábados, "AMARAL NETTO, O REPÓRTER" é assistido por **MAIS DE 3,5 MILHÕES** no Grande Rio e no Grande São Paulo.

O programa tem ainda **MAIS VINTE EXIBIÇÕES** no resto do País, o que dá uma audiência nacional de pelo menos **12 MILHÕES DE ESPECTADORES** por semana.

Por isso, ao completar seu **OPTAVO ANO DE EXISTÊNCIA**, com quase 400 programas, "AMARAL NETTO, O REPÓRTER" pode afirmar com plena convicção e provas:

VALE A PENA FALAR DE BRASIL

P.S. — O resultado do IBOPE para o último programa da série "Amaral Netto, o Repórter", sobre as hidrelétricas brasileiras, registrou 90% de audiência, ficando os 10% restantes para as demais emissoras.

REDE GLOBO



**Comece a semana com o
novo homem invisível e
veja em seguida
"O Bem-Amado"
o homem que quer ver
alguém desaparecer.**

9:00

Gemini Man.

9:55

A Cidade na TV, em
Jornalismo Eletrônico.

10:00

"O Bem-Amado", em capítulos
compactos, enquanto você espera
a sua novela das 10.

10:30

Amaral Neto, o Repórter.

11:30

Os fatos de hoje no Jornal
Amanhã, antecipando as notícias
de terça-feira.

Meia-noite

Coruja Colorida,
com um dos
melhores filmes
da TV em 76.



Noites de verão na Globo.

Anúncio no jornal *O Globo*, Economia, 24/01/1977, p. 21.



Há nove anos, surgiu na TV-Tupi do Rio de Janeiro o programa **Amaral Netto, o Repórter**. Em janeiro de 1969 ele estreou na Rede Globo onde, agora completa sua 100ª exibição. Os programas são exibidos 30 vezes cada um no complexo da Rede Globo de Televisão no Brasil Intelto, totalizando nestes 9 anos cerca de 10 mil horas de exibição, atingindo semanalmente cerca de 10 milhões de telespectadores. As filmagens resultaram no maior arquivo existente no Brasil: cerca de 1.200 horas de filmes em 16 e 35mm. E, ao mesmo tempo num gigantesco acervo de 700 mil slides coloridos. Todas as regiões, Estados e territórios foram documentados nestes nove anos. E, dentro deles, mais de duas mil cidades, vilas e povoações. As equipes de **Amaral Netto, o Repórter**, a princípio com três profissionais e hoje com 15, somaram nestes nove anos cerca de 12.000 horas de vôo, o equivalente a 500 dias ininterruptos em viagens aéreas. Para isso, foram utilizados desde o "teco-teco" até os grandes jatos, passando por aviões militares e helicópteros. No fundo do mar foram filmadas imagens de 70 horas. O consumo de filmes de 16 e 35 milímetros atingiu a dimensão de 3.600.000 pés equivalente a cerca de 1.200 quilômetros, o que daria para cobrir de ponta a ponta a estrada Rio-Brasília. Dos 400 programas realizados, apenas 25 foram feitos no exterior, 6% do trabalho total. E todos os documentários extra-televisão, em 16 e 35 milímetros, num total de 50, com 32 horas de duração, apresentam apenas assuntos nacionais. Foram produzidos pela Plantel mais de 200 audiovisuais de todos os tipos; desde uma, até 9 telas;



PLANTEL
EDITORA E PUBLICIDADE S. A.

com os grandes multishows apresentados ao ar livre. De total de audios, 16 foram destinados ao exterior. A Plantel ocupa hoje, na rua Bambina, 19 Botafogo, uma área de 1.000 metros quadrados onde trabalham 64 profissionais com as mais variadas especializações. E ainda são contratados normalmente serviços que envolvem outras 30 pessoas, não efetivas. Universidades, escolas, colégios, unidades militares, pesquisadores, professores, valem-se permanentemente de filmes e audios da Plantel para ilustrar aulas, conferências e exposições. Dois filmes produzidos para o Banco do Brasil e dois para a Prefeitura do Rio de Janeiro foram exibidos nas televisões da Europa e do Japão. O programa realizado para o Exército Brasileiro, distribuído em cópias pelas principais unidades e pelos colégios e escolas de formação e aperfeiçoamento, foi considerado pelo gabinete do Ministro, a melhor divulgação já feita sobre o Exército. E os adidos militares, envolvendo cerca de trinta países, enviaram depoimentos segundo os quais a receptividade no exterior foi das melhores para o Brasil. Para que trabalhos como esses pudessem ser feitos, investiu-se extensivamente em dois setores: o homem e a máquina. Hoje, a Plantel possui equipamentos de fotografia e filmagem dos mais sofisticados envolvendo somas de aproximadamente Cr\$ 10 milhões. E, **Amaral Netto, o Repórter**, com a participação da Rede Globo de Televisão continua a ser o único programa filmado da televisão, feito por brasileiros e dedicado exclusivamente ao Brasil. Porque acreditamos nele. Produzindo otimismo e confiança. Fazendo cultura nacional. Divulgando o que temos de bom. Conscientizando os brasileiros do que eles estão realizando em todos os quadrantes. Levando à casa de cada um, um Brasil desconhecido que nunca fora mostrado nem na televisão nem no cinema. Um Brasil de tantos problemas e de tanta coisa por resolver e tanta injustiça a corrigir. Mas um Brasil que é nosso e que não se construirá nem com pessimismo, nem com negatividade. Um Brasil acima de todos nós, porque é um Brasil dos nossos filhos. Um Brasil que mostramos todas as semanas, tentando superar as dificuldades das distâncias gigantescas e das deficiências técnicas. Um Brasil documentado por brasileiros para os outros brasileiros. Com as coisas nossas; com a gente nossa. Para a nossa gente. De qualquer forma: BRASIL.

ANEXO 3
Mostras de mapas do IBOPE

<u>I) RELAÇÃO DOS PROGRAMAS QUE TIVERAM ÍNDICE DE AUDIÊNCIA SUPERIOR A 20%</u>					
<u>DURANTE A SEMANA DE 25 A 31 DE AGOSTO DE 1975</u>					
<u>RIO DE JANEIRO</u>					
<u>LUGAR</u>	<u>HORÁRIO</u>	<u>SEMANA</u>	<u>CANAL</u>	<u>P R O G R A M A</u>	<u>%</u>
1º	20.15-21.00	2a e 3a F.	4	ESCALADA.....	81.3
2º	19.45-20.15 20.00-20.30	2a a 6a F. Sábado	4	JORNAL NACIONAL.....	71.8
3º	19.00-19.45 19.15-20.00	2a a 6a F. Sábado	4	BRAVO.....	69.9
4º	20.15-21.00 20.30-21.15	4a,5a,6a F. Sábado	4	SELVA DE PEDRA.....	66.8
5º	20.00-22.00	Domingo	4	FANTÁSTICO.....	59.4
6º	18.15-19.00	2a a 6a F.	4	SENHORA.....	54.1
7º	21.00-22.00	3a Feira	4	GLOBO REPÓRTER.....	53.9
8º	21.00-22.00	2a Feira	4	AMARAL NETO.....	49.4
9º	21.00-22.00	4a Feira	4	QUARTA FEIRA NOBRE.....	48.5
10º	21.15-22.00	Sábado	4	PRIMEIRA EXIBIÇÃO.....	46.6
11º	21.00-22.00	6a Feira	4	O MUNDO EM GUERRA.....	44.3
12º	22.00-22.45	2a a 6a F.	4	GABRIELA.....	43.0
13º	21.00-22.00	5a Feira	4	CHICO CITY.....	42.0
14º	12.00-20.00	Domingo	4	SILVIO SANTOS.....	41.3
15º	18.00-19.15	Sábado	4	DISNEYLÂNDIA 75.....	38.4
16º	22.00-24.00	Domingo	4	PREMIÈRE 75.....	39.1
17º	22.45-23.00	2a a 6a F.	4	AMANHÃ.....	34.9
18º	17.45-18.15	2a a 6a F.	4	HANNA BARBERA 75.....	34.5
19º	23.00-24.00	Sábado	4	SESSÃO DE GALA.....	28.2
20º	21.00-23.00	5a Feira	6	VASCO x SANTA CRUZ.....	26.7
21º	23.00-24.00	6a Feia	4	SESSÃO DRAMA.....	25.7
22º	21.00-23.00	4a Feira	6	FLAMENGO x NAÚTICO.....	25.5
23º	17.00-18.00	Sábado	4	OS WALTONS.....	20.4

Audiência aferida em televisão. Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

DURANTE A SEMANA DE 03/07 À 09/07/1978

RIO DE JANEIRO

<u>LUGAR</u>	<u>HORÁRIO</u>	<u>SEMANA</u>	<u>CANAL</u>	<u>PROGRAMAS</u>	<u>%</u>
1º	20:05-21:00 20:15-22:00	2a. à 6a. Feira Sábado	4	O ASTRO	84.5
2º	19:40-20:05	2a. à Sábado	4	JORNAL NACIONAL	72.2
3º	21:00-22:00	6a. Feira	4	BRASIL 78	70.9
4º	21:00-22:00	4a. Feira	4	AS PANTERAS	68.7
5º	19:00-19:40	2a. à Sábado	4	TE CONTEI ?	67.2
6º	21:00-22:00	2a. Feira	4	O PLANETA DOS HOMENS	61.5
7º	19:00-20:00	Domingo	4	OS TRAPALHÕES	56.3
8º	20:00-22:00	Domingo	4	FANTÁSTICO	55.7
9º	21:00-22:00	5a. Feira	4	CHICO CITY	53.4
10º	18:00-19:00	2a. à Sábado	4	GINA/HANIA BARBERA 78	53.1
11º	21:00-22:00	3a. Feira	4	GLOBO REPÓRTER	49.8
12º	18:00-19:00	Domingo	4	A PRAÇA DA ALEGRIA	42.4
13º	17:30-18:00	2a. à 6a. Feira	4	SÍTIO DO PICAPAU AMARELO	38.3
14º	22:00-23:00	Domingo	4	BARETTA	38.0
15º	16:00-18:00	Domingo	4	DOMINGO COMÉDIA	37.3
16º	22:00-22:30	2a. à 6a. Feira	4	O PULO DO GATO	36.1
17º	22:00-24:00	Sábado	4	PRIMEIRA EXIBIÇÃO	33.9
18º	22:30-23:00	2a. à 6a. Feira	4	AMANHÃ	30.7
19º	15:00-16:00	Domingo	4	MULHER MARAVILHA	28.5
20º	17:00-18:00	Sábado	4	OS WALTONS	25.8
21º	23:00-24:00	Domingo	4	AMARAL NETO, O REPÓRTER	23.3
22º	17:00-17:30	2a. à 6a. Feira	4	FAIXA NOBRE/GLOBINHO	21.9
23º	14:00-15:00	Domingo	4	SUPERAMIGOS	21.0

Audiência aferida em televisão. Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

ANEXO 4

Fotografias



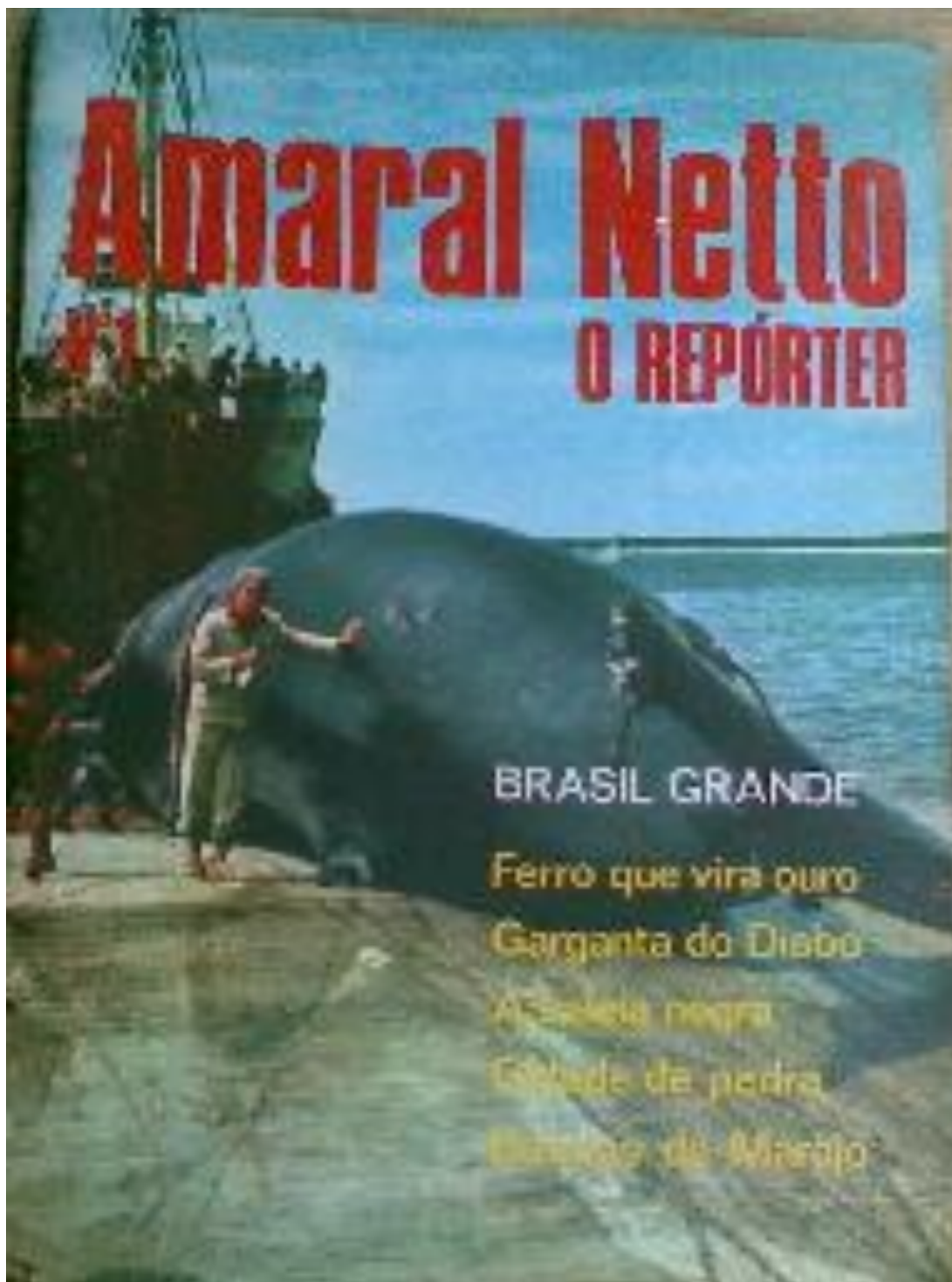
Chucho Narvaez e Amaral Netto em Amaral Netto, O Repórter. Acervo Chucho Narvaez
Imaee 4 of 4

1969, Muro de Berlin – Amaral Netto, Armando Barroso e Chucho Narvaez filmando.
Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/amaral-netto-o-reporter.htm> , acesso em dezembro/2015.

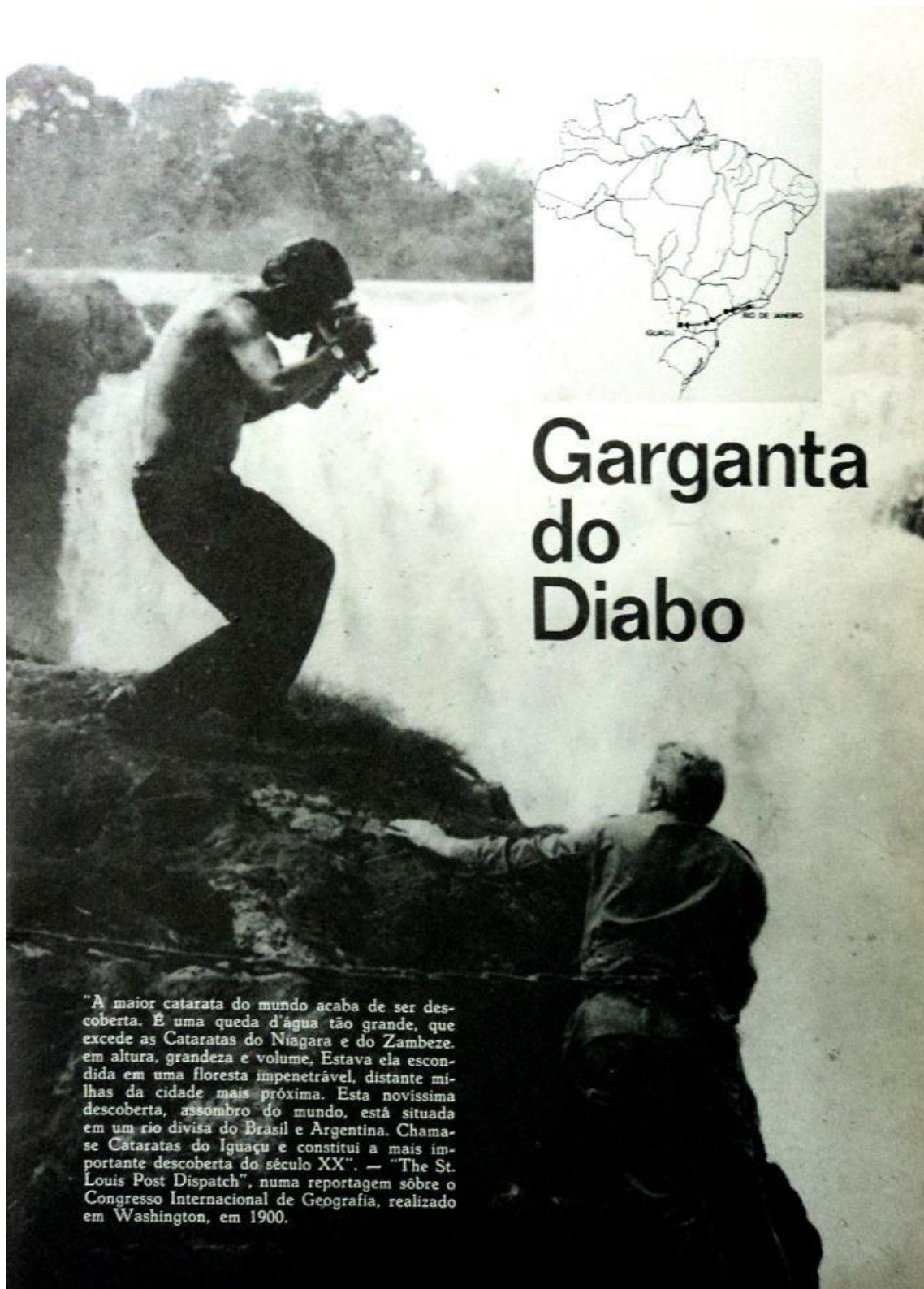


Filmagem na Patagônia. Frame de vídeo, *Amaral Netto, o Repórter*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/amaral-netto-o-reporter.htm>, acesso em dezembro/2015.

ANEXO 5
Revista Amaral Netto, o Repórter

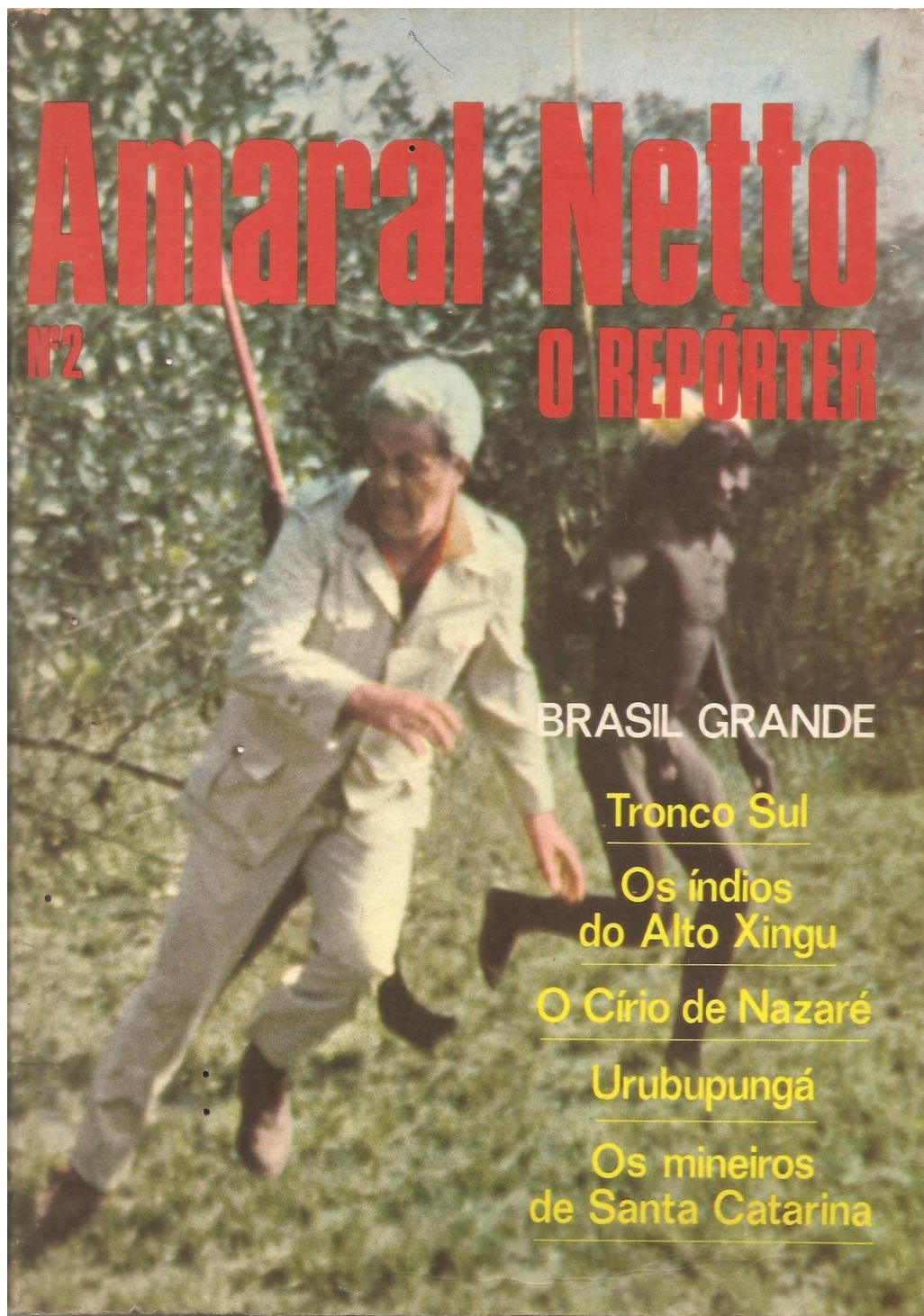


Revista Amaral Netto, o Repórter – nº 1



"A maior catarata do mundo acaba de ser descoberta. É uma queda d'água tão grande, que excede as Cataratas do Niágara e do Zambeze, em altura, grandeza e volume. Estava ela escondida em uma floresta impenetrável, distante milhas da cidade mais próxima. Esta novíssima descoberta, assombro do mundo, está situada em um rio divisa do Brasil e Argentina. Chama-se Cataratas do Iguaçu e constitui a mais importante descoberta do século XX". — "The St. Louis Post Dispatch", numa reportagem sobre o Congresso Internacional de Geografia, realizado em Washington, em 1900.

Revista *Amaral Netto*, o *Repórter* – nº 1, p. 15
Cataratas do Iguaçu, Amaral Netto e Chucho Narvaez



Revista *Amaral Netto, o Repórter* – nº 2

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I - FONTES

I.1 Instrumentos de trabalho

Catálogo. Série Pesquisas Especiais. Série Boletim das Classes Dirigentes do Fundo IBOPE. Arquivo Edgard Leuenroth: Campinas, 2007.

Catálogo. Série Pesquisas sobre assuntos políticos e administrativos do Fundo IBOPE. Arquivo Edgard Leuenroth: Campinas, 2007.

Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. MEC. 1980

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro - DHBB, CPDOC-FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>

Legislação Brasileira. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao> e em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=125767>

I.2 Fontes manuscritas

Bilhete de Amaral Netto a Roberto Marinho, de 18/05/1962. Arquivo Roberto Marinho. Acervo Memória Globo.

Bilhete manuscrito de Amaral Netto a Roberto Marinho. S/Data. Papel timbrado da Câmara dos Deputados. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Carta manuscrita de Amaral Netto a Roberto Marinho, 15/8/1971. Papel timbrado da Câmara dos Deputados. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

I.3 Fontes impressas

AMARAL NETTO. *A pena de morte*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

AMARAL NETTO. *A História em Notícia*. 3 vol. Rio de Janeiro: Editora Reforma S. A. s.d. Cada volume reúne fascículos de *O Brasil em jornal* referentes aos períodos : 1500-1550 (vol 1); 1551-1575 (Vol. 2); 1576-1600 (Vol. 3). Acervo particular da autora.

AMARAL NETTO. *Jornal da Independência*. Suplemento do jornal *O Globo*. Encarte de 16 páginas. 7/07/1975. Acervo digital do Jornal *O Globo*.

Revista *Maquis*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB, Rio de Janeiro, RJ.

Exemplares: Ano II, nº 7, 05/08/1956; nº 8, 2ª quinzena agosto/1956; nº 10, 2ª quinzena setembro/1956; nº 13, 2ª quinzena novembro/1956; nº 15, 2ª quinzena dezembro/1956; Ano III, nº 16, 1ª quinzena de janeiro/1957; Ano V, nº 103, maio/1959;

Revista *Maquis*. Acervo particular da autora.

Exemplares: Ano IV, nº 65, 6/09/1958; Ano VI, nº 227, 4/11/1961.

Revista *Amaral Netto, o Repórter*. Rio de Janeiro: Plantel Editora e Publicidade Ltda. s/data. Acervo particular da autora.

Exemplares: nº 1 a 10.

Revista *Os Brasileiros*. Rio de Janeiro: Plantel Editora e Publicidade Ltda. s/data. Acervo particular da autora.

Exemplares: nº 11 a 20.

Discurso de Amaral Netto aos convencionais do Partido Libertador-PL, no processo para eleição para governador da Guanabara, 1965. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Carta aos leitores da revista *Os Brasileiros*. Plantel Editora e Publicidade S.A./Amaral Netto, o Repórter. Sem data. Acervo da autora.

Carta datilografada de Amaral Netto, com fotografias de premiação em anexo, a Roberto Marinho, s/data, com anotação de “recebida em 17/6/1970”. Papel timbrado da Aâmara dos Deputados. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Carta datilografada de Amaral Netto a Roberto Marinho, datada de 16/09/1970. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Carta datilografada de Amaral Netto a Roberto Marinho, datada de 25/01/1974. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Carta datilografada da Plantel Editora a Roberto Marinho, datada de 14/01/1970. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Telegrama de Amaral Netto a Roberto Marinho. S/Data. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Carta da revista *Veja* à TV Globo, de 25/09/1974. Arquivo Roberto Marinho. Memória Globo.

Boletim do Diretório Central da Liga da Defesa Nacional, N° 71, Abril/Maio, 1970, Rio de Janeiro.

Jornal *Hoje na Câmara*, edição de 17/10/1995. Coleção Sr. Tito Cavalcanti.

Jornal *Tribuna da Imprensa*, 19/10/1995. p. 3. Coleção Sr. Tito Cavalcanti.

Listagem de filmes do Acervo Plantel depositados no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro-RJ.

Ficha de decupagem. Acervo Plantel. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro-RJ.

Filmes: nº 34: *Índios do Xingu*; nº 77: *Alemanha*.

Ofício nº 1.193/2013-NA/COREG em resposta à consulta ao Arquivo Nacional, Brasília-DF.

Fontes impressas digitalizadas

Audiência aferida em televisão. (digitalizada). Anos 1968 a 1979. Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

Pesquisa sobre imagem e conceituação do programa *Amaral Netto, o Repórter*. (digitalizada). Agosto/1973, em São Paulo; outubro/1973, no Rio de Janeiro. Fundo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP.

Conjunto documental (digitalizado em CD) Divisão de Censura e Diversões Públicas do Arquivo Nacional / Seção: Censura Prévia / Série: Televisão / Subsérie: Programas de TV. Arquivo Nacional, Brasília, DF.

Telegrama do embaixador Tuthill, 29/06/1968. (digitalizado). Declassified Authority NNO 969000. *Brown Digital Repository. Opening the Archives: Documenting US-Brazil relations 1960s-80s*. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:341667/>, acesso em 26/03/2014.

Telegrama do embaixador Tuthill, maio/1968. (digitalizado). Declassified Authority NNO 969000. *Brown Digital Repository. Opening the Archives: Documenting US-Brazil relations 1960s-80s*. Disponível em: <http://library.brown.edu/openingthearchives/?lang=pt>, acesso em 26/03/2014.

Periódicos

Jornal *Correio da Manhã*, Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional, acervo online.

Edições de: 14/05/1940; meses de maio, agosto, setembro/1950; 17/10/1953; 04/04/1954; 12/08/1954; 18/09/1954; 29/09/1954; 31/01/1957; 8/03/1963; 21/06/1963; 15/03/1964; 19/07/1968; 2/08/1968; 9/01/1969; 31/12/1969; 29/04/1970.

Jornal *Diário de Notícias*, Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional, acervo online.

Edições de: 4/01/1960, 12/01/1960, 13/01/1960; 2/06/1962; 8/06/1962; 6/06/1967; 12/7/1968; 19/07/1968; 2/08/1968; 9/08/1968; 06/09/1968; 13/09/1968; 20/09/1968; 27/09/1968; 04/10/1968; 11/10/1968; 18/10/1968; 25/10/1968; 1º/11/1968; 08/11/1968; 9/11/1968; 15/11/1968; 22/11/1968; 29/11/1968; 4/01/1970; 13/01/1970; 22/02/1970; 22/03/1970;

Jornal *Última Hora*, Arquivo Público do Estado de São Paulo, acervo online.

Edições de: 12/07/1969; 19/07/1969; 2/08/1969; 17/03/1982.

Jornal *A Nação*, acervo digitalizado. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau-SC.

Edição de: 12/06/1969.

Jornal *Folha de S. Paulo*, acervo online. Edições de:

1/08/1973; 29/09/1973; e entrevista a Mario Cesar Carvalho, s/data, provavelmente 2000.

Jornal *O Estado de S. Paulo*, acervo online. Edições de:

28/8/1971; 3/09/1971; 18/09/1971; 22/10/1971; 4/11/1971; 24/04/1973; 25/05/1973; 20/04/1975; 18/08/1976; 18/07/1976; 18/08/1976; 19/08/1976; 28/01/1977; 21/06/1977; 17/12/2012.

Jornal *O Globo*, acervo online. Edições de:

30/05/1961; 7/04/1958; 13/06/1960; 15/08/1961; 1/07/1961; 18/05/1962; 19/05/1962; 21/05/1962; 28/05/1962; 29/05/1962; 3/07/1962; 3/9/1962; 18/12/1962; 14/06/1963; 14/03/1964; 14/04/1964; 2/07/1964; 17/07/1964; 12/08/1964; 18/08/1964; 05/10/1967; 10/06/1967; 25/08/1967; 26/8/1967; 28/8/1967; 9/5/1968; 17/08/1968; 18/10/1968; 26/10/1968; 12/06/1968; 30/07/1968; 18/10/1968; 12/11/1968; 13/12/1968; 31/05/1969; 13/09/1969; 13/12/1969; 10/01/1970; 7/06/1970; 12/09/1970; 2/11/1970; 12/11/1970; 21/11/1970; 5/12/1970; 13/01/1971; 22/01/1971; 2/03/1971; 3/04/1971; 5/04/1971; 1º/05/1971; 6/04/1971; 17/04/1971; 16/07/1971; 24/07/1971; 31/07/1971; 7/08/1971; 21/08/1971; 28/08/1971; 14/09/1971; 12/11/1971; 10/6/1972; 26/01/1973; 2/02/1973; 24/04/1973; 16/07/1973; 20/08/1973; 29/12/1973; 20/02/1974; 4/03/1974; 8/04/1974; 14/05/1974; 20/05/1974; 10/06/1974; 28/06/1974; 18/10/1974; 19/11/1974; 31/03/1975; 6/07/1975; 7/07/1975; 12/07/1975; 28/08/1975; 1º/04/1976; 19/08/1976; 25/05/1977; 15/06/1977; 16/06/1977; 18/12/1977; 31/05/1979; 19/11/1980; 24/01/1981; 9/02/1981; 2/05/1981; 25/06/1981; 2/08/1981; 18/11/1981; 21/11/1981; 21/12/1981; 18/03/1982; 9/08/1984; 18/12/1984; 23/02/1985; 5/02/1999; 31/08/2013.

Revista *Veja*, acervo online.

Edições: nº 11, 20/11/1968; nº 69, 31/12/1969; nº 192, 10/05/1972; nº 193, 05/1972; nº 313, 4/09/1974; nº 317, 2/10/1974; nº 302, 19/06/1974; nº 447, 26/10/1977; nº 534, 29/11/1978; nº 1007, 23/12/1987; nº 1197, 28/08/1991; nº 1415, 25/10/1995.

I.4 Depoimentos

Depoimentos de Angela Adnet Amaral à autora: em abril/2011 e em 1º/08/2014.

Depoimento de Maria Alice Quilleli à autora, Rio de Janeiro, em 30/07/2012.

Depoimento de Marco Narvaez à autora, Rio de Janeiro, em 1º/08/2012.

Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, via Carlos Alberto Vizeu, à autora, em 21/11/2012.

Depoimento de Antonio Delfim Netto à autora em 26/02/2013, em São Paulo.

Depoimento de Carlos Tourinho à autora, por e-mail, em 2/09/2014.

Conversa com Rogério Linhares e a autora, Rio de Janeiro, em 2012.

Conversas com Tito Vasconcelos, em diversas datas, 2011, 2012, 2014/ 2015.

Conversas telefônicas com Francisco Sérgio Amaral e a autora, em 30/12/2012 e em 05/11/2015.

I.5 Fontes áudio-visuais

Filmes

Amaral Netto, o Repórter. Acervo Plantel, Fundo Cinemateca do MAM, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Filmes: *Baleias; Índios do Xingu; Urubupungá; Sudeco; Seletron*.

Amaral Netto, o Repórter. Compilação digitalizada em DVD. Acervo da família Narvaez.

Filmes: *Amazônia* (vários); *Amazônia – Grande Manaus*; *Patagônia*; *Pororoca do Araguari*; *Marco Zero*; *Alemanha*; *Petróleo*; *Amapá*; *Guerra na Selva*; *Duzentas Milhas*, *Fernando de Noronha*, *Pororoca*.

Amaral Netto, o Repórter: Maranhão (1978). DVD gravado pelo colecionador José Maria Gobbo.

Brasil ontem, hoje e amanhã (1975). Portal Zappiens Experimental. Arquivo Nacional. Disponível em:

<http://zappiens.br/portal/VisualizarVideo.do? InstanceIdentifier=0& EntityIdentifier=cgiVuE6vJ FgLGErqtI93rQ5JfVTF47BciOEI3iFksCEEJU.&idRepositorio=0&modelo=0> , vários acessos 2011, 2012. 2015.

Uma epopéia no rio Paraná, de Jean Manzon. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z3VXP2ceowk> , acesso em 23/01/2014.

Construção do Complexo Urubupungá, de Romain Lesage. Jota Filmes, 1971, 1973. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=E0ECnE68Fsg> (vídeo 1-1971) e <http://www.youtube.com/watch?v=ncIDd-06e0c> (vídeo 2-1973).

Beyond Citizen Kane (Muito além do cidadão Kane), documentário de Simon Hartog e John Ellis para o Canal 4 da BBC, 1993. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=b-QT0WSnSgk&playnext=1&list=PLCE695566455A2FAB&feature=results_main , acesso em 03/01/2012.

Cidadão Boilesen, documentário, 92min, de Chaim Litewsky, Produção: Chaim Litewsky e Palmares Produções e Jornalismo, Rio de Janeiro, 2008.

Jango, de Silvio Tendler, 120min, Caliban Produções Cinematográficas LTDA, 1984.

Programa *Comandante responde*. 5ª Ed. 14/09/2015. Centro de Comunicação Social do Exército. Fala do General Villas Bôas, comandante do Exército. (filmado no Salão Guararapes, Quartel General do Exército). Disponível no canal do Exército no *youtube*, em: <https://www.youtube.com/watch?v=TC7uY9e6ayo>

Reportagens e programas de TV

Cobertura lançamento APOLLO 11, TV Globo, 1969. Apresentação de HILTON GOMES.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Vtl6zTaPaZI>, acesso em 27/08/2012.

Retrospectiva 1992. TV Globo. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=K2bT22My3AE>, acesso em 18/09/2014.

Globo admite que apoio ao golpe foi erro. Trecho do Jornal Nacional de 31/08/2013.

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=bABCjGS-_M4, acesso em 29/10/2014.

Novela *Dancing Days*, Capítulo 32. TV Globo. Reapresentação no Canal Viva, 13/05/2014.

Programa *Roda Viva*, TV Cultura, Entrevista José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni), 13/09/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hvanc1rjNwQ>, acesso em 14/08/2013.

Programa do Jô. Canal GNT. Entrevista José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni) 28/11/2011.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4HAyvW73RWQ>, acesso em agosto/2012.

Programa *Sem Censura*, TV Brasil. Entrevista José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni), 13/12/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mzGXB9KyAvU>. acesso em 13/08/2013.

Programa *Conexão Roberto D'Avila*. TV Brasil. Entrevista José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni), 11/12/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bRB3WWBT6Ak>, acesso em 14/08/2013.

Programa *Altas Horas* (trecho), TV Globo. Entrevista José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni), 07/01/2012. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=b-QT0WSnSgk&playnext=1&list=PLCE695566455A2FAB&feature=results_main, acesso em 03/01/2012.

Programa *Ofício em Cena*. Canal Globonews. Entrevista George Moura, jornalista e roteirista, 05/05/2015.

Discos e música

AMARAL NETTO: *O discurso da mala*. Amaral Netto, Câmara Federal, 12/06/1963. Disco em vinil. Acervo do Sr. Tito Cavalcanti. Também disponível em mídia digital em: <https://soundcloud.com/brasil-recente/discursos-de-amaral-netto>, acesso em novembro/2012.

AMARAL NETTO. *Como nasceu o Rio*. Longplay em vinil. Arquivo Nacional. Mídia digital, *Repórter da História – reportagem sobre o nascimento da cidade do Rio de Janeiro*. Disponível em: http://www.an.gov.br/sian/Multinivel/Exibe_Pesquisa.asp?v_CodReferencia_ID=1108731

JOHN BARRY . *A drop in the ocean*. Música de para o filme da série James Bond, 007- *You only live twice*, 117', direção de Lewis Gilbert, Inglaterra, 1967.

Discursos gravados, arquivos sonoros

CD11-44, BR AN, EH-O-DSO-0401. Arquivo sonoro digital. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.
Programa de rádio de Amaral Netto sobre presidentes americanos. (anos 1950 s/d).
Programa *A voz do Brasil*, entrevista com Amaral Netto (início dos anos 1970, s/d).

Discursos e intervenções de Amaral Netto no Congresso Nacional. Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados.

Áudio do dia 20/05/1964. Disponível em:

<http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp> , acesso em 12/01/2013.

Áudio do dia 26/10/1965. Disponível em:

<http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp> , acesso em 21/04/2012.

Áudio do dia 24/11/1966. Disponível em:

<http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp> , acesso em 21/04/2012.

Áudio do dia 0/04/1971. Disponível em:

<http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp> , acesso em 21/04/2012

Discurso de Ulysses Guimarães no Congresso Nacional. Arquivo Sonoro da Câmara dos Deputados.

Áudio do dia 24/11/1966, reabertura dos trabalhos do Congresso. Disponível em:

<http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/default.asp> , acesso em 21/04/2012.

I.6 Fontes da internet - Sites e Blogs:

Dados sobre atuação parlamentar, Comissões Parlamentares de Inquérito, Legislação.

Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/> e em: <http://www2.camara.leg.br/>

Senado Federal. Disponível em: <http://www.senado.gov.br>

Dados biográficos sobre Amaral Netto e sobre o programa *Amaral Netto, o Repórter*.

Memorial da fama. Disponível em: <http://www.memorialdafama.com>

Dados biográficos sobre Amaral Netto, sobre profissionais da emissora, sobre programas da TV Globo. Sobre a empresa TV Globo.

Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com>

Dados biográficos de membros da Academia Brasileira de Letras. (vários).

Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.abi.org.br/>

Dados biográficos de jornalistas, repórteres e fotógrafos. (vários).

Associação Brasileira de Imprensa. Disponível em: : <http://www.abi.org.br/>

Portal da Imprensa. Disponível em: <http://portalimprensa.uol.com.br/portal/>

Dados biográficos sobre a desenhista Hilde.

Museu de Arte Contemporânea de São Paulo: Disponível em:

<http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernidade/eixo/osirarte/weber.htm>

Dados biográficos sobre jornalistas e especificidades sobre jornalismo.

Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>

Jornalismo Geral. Disponível em: <http://jornalismogeral.blogspot.com.br/2013/02/o-que-e-lide-lead.html>.

Dados biográficos sobre Vicente Tapajós.

Colégio Brasileiro de Genealogia. Disponível em:

<http://www.cbg.org.br/novo/colegio/quadro-social/socios-honorarios/vicente-tapajos/>

Dados biográficos de Gabriel Priolli. Disponível em : <http://www.gabrielpriolli.com.br/site/>

Verbetes – Entrevista com Chucho Narvaez. Associação Profissional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://www.arfoc.org.br/paparazzi/default3.asp?idperfil=26&idedicao=20&v=s>

Dados sobre a empresa Benfam. Disponível em: <http://www.grupobemfam.org.br/bemfam/>

Dados sobre a empresa Camargo Corrêa. Disponível em:

<http://www.camargocorrea.com.br/grupo-camargo-correa/grupo/historia/>

Dados sobre a empresa Grupo Bandeirantes de Comunicação. Disponível em:

<http://www.band.uol.com.br/grupo/grupo.asp>

Dados sobre a empresa Embratel. Embratel. Disponível em: <http://www.embratel.com.br> . E em Mundo das marcas. Disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br>

Dados sobre o Projeto RADAM e os povos indígenas. *Povos Indígenas no Brasil*. Disponível em:

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yanomami/575>

Dados sobre a instituição Exército Brasileiro: Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/guest>

Dados sobre a instituição Marinha do Brasil. Disponível em: <http://www.mar.mil.br>

Dados sobre a instituição Ministério Integração Nacional. Disponível em:

<http://www.integracao.gov.br/historico>

Dados sobre a instituição SUDECO. Disponível em:

<http://www.sudeco.gov.br/historico;jsessionid=3ff86d674b32b2c8d31376169670>

Fotografias de Amaral Netto e reportagens do jornalista. Reproduções encontradas na internet (várias).

II- BIBLIOGRAFIA

II-1 Artigos, ensaios, capítulos de livros

AARÃO REIS, Daniel. Passado, presente e futuro da ditadura no Brasil. In: CORDEIRO, Janaina; LEITE, Isabel; SILVEIRA, Diego; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.) *À sombra das Ditaduras*. [Brasil e América Latina]. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014. p. 7-13

_____. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, V. 1, 2010.

_____. O dragão da moralidade e a sociedade brasileira. In: *Revista Espaço Acadêmico*, nº 50, julho/2005.

_____. Ditadura militar no Brasil: uma incômoda memória. In: _____. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

ABDALA JUNIOR, Roberto. Brasil anos 1990: teleficação e ditadura - entre memórias e história. In: *Topoi*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 94-111.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A experiência brasileira em planejamento econômico: uma síntese histórica. In: GIACOMONI, James; PAGNUSSAT, José Luiz. (Orgs.) *Planejamento e Orçamento governamental. Coletânea. Vol. 1. Escola Nacional de Administração Pública-ENAP, 2006.*

ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. A natureza brasileira nos anos 70. A estética agressiva de *Amaral Netto, o Repórter*. In: *Terra Brasilis, Revista Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*. Nº 6, 2004.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*. Rio de Janeiro: Faperj e Editora Sete Letras, 2004. p. 161-175.

BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. Televisão Brasileira: uma (re)visão. In: *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*. Abril / Maio/ Junho de 2007, Vol. 4, Ano IV, nº 2.

Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/ARTIGO.4.SECAO.LIVRE-MARIA.LUIZA.BARACHO.pdf>, acesso em 02/01/2013.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandeza e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 203-233

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: *Questões de Sociologia*. Lisboa: Ed Fim de Século, 2003. p. 233-245.

BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination*. In: LANDY, Marcia. *Imitations of life: a reader on film & television melodrama*. Wayne State University Press, Detroit, 1991.

CALABRE, Lia. Intelectuais e Política: o Conselho Federal de Cultura. In: *Atas do colóquio de intelectuais, cultura e política no mundo ibero-americano. Intellèctus*. Ano 5, Vol II, 2006.

CÂMARA, Dora. O Ibope e o negócio da televisão. In: SILVA JUNIOR, Gonçalo. *Pais da TV: a história da televisão brasileira contada por*. São Paulo: Conrad Livros, 2001. p. 102-123.

CARVALHO, Elisabeth. O modelo econômico: uma só nação, um só mercado consumidor. In: CARVALHO, Elisabeth; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santusa Naves. *Televisão*. In: *Coleção Anos 70. 5- TV*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980, 7v.

_____ ; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santusa Naves. *Televisão*. In: *Coleção Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980, 7v. [republicado em: NOVAES, Adauto (Org.). *Anos 70. Ainda sob a tempestade*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora & SENAC-Rio, 2005.]

CHAGAS, Carlos. A CPI começa devagar quase parando. Lembranças tenebrosas. In: *Tribuna da Imprensa online*, 27/04/2012. Disponível em: <http://heli fernandes.com.br/?p=36744> , acesso em 09/10/2013.

CORDEIRO, Janaina Martins. Por que lembrar? A memória coletiva sobre o governo Médiçi e a ditadura em Bagé. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. p.186-202.

_____. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009. p. 85-104

COSTA, Alcir Henrique da. Rio e Excelsior: Projetos fracassados? In: SIMÕES, Inimá F; COSTA, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1986.

_____. Excelsior: A destruição de um grande império. In: SIMÕES, Inimá F; COSTA, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1986.

DUARTE, Teresinha Maria. O projeto de desenvolvimento do regime militar e o estado de Goiás. In: *Revista Opsi*s. Departamento de História e Ciências Sociais. UFG, V. 9, n. 12, 2009.

FANZERES, Andreia. *Crimes em Marãiwatsédé*. Operação Amazônia Nativa. 22/04/2013. Disponível em: <http://amazonianativa.org.br/Noticias/Crimes-em-Maraiwatsede,2,174.html> , acesso em 12/11/2013.

FERREIRA, Jorge A estratégia do confronto: a Frente de Mobilização Popular. In: *Revista Brasileira de História*, v. 24, nº 47, p. 181-212, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. O ensino da história na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. In: *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, vol.19, no.2, Rio de Janeiro Apr./June 2012.

_____; DIAS, Cláudia Cristina de Mesquita G. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: *BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Brasileira da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil*. Organização Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. il., p.329-368. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1283.pdf, acesso em 27/07/2012.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. Estrutura e escolhas: era o golpe de 1964 inevitável? In: *Anais do Seminário 40 anos do golpe militar*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2004.

FLORESCANO, Enrique. A Função Social do Historiador. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 4, 1997, p. 65-79

GOMES, Itania Maria Mota. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. In: *Revista FAMECOS - Dossiê Ditadura*. Porto Alegre, v.17, n.2, p.5-14, maio/agosto 2010.

GRINBERG, Lucia. Por um “futuro visível do país”: a campanha das diretas na Coluna do Castello. In: QUADRAT, Samantha. (Org.). *Não foi tempo perdido*. Os anos 80 em debate. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 34-56

_____. Uma memória política sobre a Arena: dos “Revolucionários de primeira hora” ao “Partido do Sim, Senhor”. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois*. Bauru: EDUSC, 2004.

FICO, Carlos. Crises partidárias no Brasil recente. In: *Blog Brasilrecente*. Disponível em: http://www.brasilrecente.com/2011_03_01_archive.html, acesso em 08/04/2011.

_____. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. *O Brasil republicano. Vol 4, O Tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 165-205.

_____. Prezada Censura. In: *Topoi*, n. 5, v. 3, UFRJ, julho-dezembro, 2002.

GAMBONI, Dario. *The destruction of art: iconoclasm and vandalism since the french revolution*, London, Reaktion Books; New Haven et London, Yale University Press, 1997.

GOMES, Ana Ângela Farias; PEREIRA, Claudio Luiz. *O meio ambiente no meio ambiente da TV brasileira: percursos histórico-discursivos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande, PB, 10 -12/06/2010.

HUYSSSEN, Andreas. *Resistencia a la memória: los usos y abusos del olvido público*. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Soc. Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Porto Alegre, 2004.

KEHL, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. In: SIMÕES, Inimá F; COSTA, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1986.

_____. Um só povo, uma só cabeça, uma só nação. In: CARVALHO, Elisabeth; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santusa Naves. *Televisão*. In: Coleção *Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980, 7v. p. 5

KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. In: *Anos 90*, v.15, n.28, p. 151-168, Porto Alegre, 2006.

KORNIS, Mônica Almeida. Ficção televisiva e identidade nacional: o caso da Rede Globo. In: CAPELATTI, Maria Helena. MORETTIN, Eduardo. NAPOLITANO, Marcos. SALIBA, Elias Thomé. *História e Cinema*. São Paulo: USP – Editora Alameda, 2007.

_____. Linha Direta Justiça e a reconstrução do regime militar brasileiro, ou quando o “fazer justiça” cria uma memória da história. In: BORGES, Gabriela; PUCCI JR., Renato L.; SELIGMAN, Flavia (Orgs.), *Televisão: formas audiovisuais de ficção e de documentário*. Faro e São Paulo, CIAC/Universidade do Algarve e Socine, 2011. Disponível em: <http://www.ciac.pt/publications.php?i=7>, acesso em 25/01/2013.

_____. *Televisão, história e sociedade: trajetórias de pesquisa*. I Encontro Nacional Obitel - a pesquisa da ficção televisiva no Brasil, organizado pelo Núcleo de Pesquisa de telenovela da ECA-USP e o programa Globo Universidade, São Paulo, 26-28/11/ 2007.

_____. *Uma memória da história nacional recente: As minisséries da Rede Globo*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS, Setembro/2001.

KUSHNIR, Beatriz. Desbundar na TV: militantes da VPR e seus arrependimentos públicos. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LABORIE, Pierre. 1940-1944. Os franceses do pensar-duplo. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 31-44.

_____. Memória e Opinião. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz. *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009, p. 79-97.

LEMONS, Renato. Verbete “Amaral Neto”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acessos entre 2011- 2015.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos a história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8º edição, 2008.

LIMA, Luiz Henrique Mateus. *O Complexo Urubupungá e sua influência nas cidades de Ilha Solteira, Pereira Barreto e Três Lagoas*. II Simpósio de Estudos Urbanos – A dinâmica das cidades e a produção de espaço. SEURB, Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM (GEURF), Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão, agosto/2013.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985). In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

_____. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

MAIA, Tatyana de Amaral. *Por um Senado da Cultura Nacional: intelectuais e Políticas Culturais no Regime Militar (1967-1975)*. Disponível em: <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/40-TATYANA-DE-AMARAL-MAIA.1.pdf>, acesso em 14/07/2014.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. O golpe de 1964 e a ditadura nas pesquisas de opinião. In: *Tempo*. vol. 20, Niterói, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042014000100215&script=sci_arttext&tlng=pt, acesso em janeiro/2015.

_____. A modernização autoritário-conservadora nas universidades. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; Motta, Rodrigo Patto. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. p.48-65.

MARCOT, François. *Résistance et autres comportements des français sous l'occupation*. In: MARCOT, François; MUSIEDLACK, Didier. *Les résistances miroirs des régimes d'oppression. Allemagne, France, Italie*. Paris: Presses universitaires de Franche-Comté, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. Nunca é cedo para se fazer história: o documentário *Jango*, de Silvio Tendler (1984). In: MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; KORNIS, Mônica de Almeida.(Orgs.). *História e Documentário*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012. p. 150-178

NASSER, David. *Amaral Netto – Líder Parlamentar da Revolução. Diário de um repórter*. Jornal *O Globo*, Geral, 14/04/1964.

NETTO, Delfim. *Estado de espírito*. Folha de S. Paulo, 3/11/2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0311200407.htm>, acesso em outubro/2013.

OLAVO, Antonio. *Um sino dobra em Canudos*. Caderno de Cinema. Disponível em: <http://cadernodecinema.com.br/blog/um-sino-dobra-em-canudos/>, acesso em 22/09/2013.

ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. *O PASQUIM*: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991). In: *História & Perspectivas*, Uberlândia, (31) : 229-252, Jul./Dez. 2004.

RADIS. Um resgate do Massacre de Manguinhos. In: *RADIS Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. FIOCRUZ. maio-2014.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

_____. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para os pesquisadores. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*. Rio de Janeiro: Faperj e Editora Sete Letras, 2004. p.143-144

RIOUX, Jean-Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Editora FGV: Rio de Janeiro, 1996.

RIBEIRO, Santuza Naves; BOTELHO, Isaura. A televisão e a política de integração nacional. In: CARVALHO, Elizabeth; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santuza Naves. *Anos 70. 5-Televisão*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980. p. 97-98

ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. (Orgs.). *História e Memória de ditaduras. Brasil, América Latina e Europa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

_____. *As trincheiras da memória. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974)*. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. *A construção social dos regimes autoritários*. p. 97-144

_____. Ditadura, Intelectuais e Sociedade. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz. *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p. 377-398

_____. Memória, opinião e cultura política: a Ordem dos Advogados do Brasil sob a ditadura: 1964-74. In: AARÃO REIS, Daniel; ROLLAND, Denis. *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008. p. 57-80

SEMELIN, Jacques. *Qu'est-ce que "résister"?* In: *Esprit*. Paris, n. 198, janeiro de 1994.

SILVA, Telma Domingues da. Natureza e ecologia na televisão brasileira. In: *Ambiente & Sociedade*, vol.7, no.2 Campinas July/Dec. 2004.

SIMÕES, Inimá Ferreira. TV à Chateaubriand. In: COSTA, Alcir Henrique da; SIMÕES, Inimá Ferreira; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais do final do século XX. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz. *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p.47-57

_____. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOIHET, Raquel. Preconceitos Na Charge de O Pasquim: Mulheres e a Luta pelo Controle do Corpo. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007, p. 39-53. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/rachel%20soihet.pdf>, acesso em 30/09/2015.

TAFNER JUNIOR, Armando Wilson; SILVA, Fábio Carlos da. *Expansão da fronteira agropecuária do Oeste Paulista para a Amazônia . A Trajetória dos Negócios da Família Ometto e seus desdobramentos no Mato Grosso*. In: IV Conferência Internacional de História Econômica & VI Encontro de Pós-graduação em História Econômica. Disponível em: http://cihe.fffch.usp.br/sites/cihe.fffch.usp.br/files/Armando_Tafner%20&%20Fábio%20Carlos%20da%20Silva.pdf, acesso em 12/11/2013.

TRAVANCAS, Isabel. *A coluna de Ibrahim Sued - um gênero jornalístico*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html#SECTION00010000000000000000>, acesso em 07/10/2015.

WALLACH, Joe. Os anos gloriosos. In: OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. (Superv.). *50 Anos de TV no Brasil*. São Paulo: Globo, 2000. p. 120-125.

II-2 Monografias, Dissertações e Teses

ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. *Ecológicas manhãs de sábado, o espetáculo da natureza na televisão brasileira*. 1998. 275f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BUZALAF, Márcia Neme. *A censura no Pasquim (1969-1975): as vozes não-silenciadas de uma geração*. 2009. 220f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o estado ditatorial brasileiro. 1964-1985*. 2012. 584 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

CAPOANO, Edson. *Globo Repórter: imagens veladas da natureza*. 2006. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

CARLONI, Karla. *Marechal Henrique Teixeira Lott: a opção das esquerdas*. 2010. 250f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CARLONI, Karla. *Forças armadas e democracia no Brasil: o 11 de novembro*. 2005. 145f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CORDEIRO, Janaina Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)*. 2012. 333f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DELGADO, Marcio de Paiva. *O golpismo democrático: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)*. 2006. 161f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

FERREIRA, Gustavo Alves Alonso. *Cowboys do asfalto – música sertaneja e modernização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 528f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

GARCIA, Miliandre. *“Ou vocês mudam ou acabam”:* teatro e censura na ditadura militar (1964-1985). 2008. 420 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GASPAROTTO, Alessandra. *“O terror renegado”.* Uma reflexão sobre os episódios de retratação pública protagonizados por integrantes de organizações de combate à ditadura civil-militar no Brasil (1970-1975). 2008. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

JOFFILY, Mariana. *No centro da engrenagem – Os interrogatórios da Operação Bandeirantes e no DOI de São Paulo (1968-1975)*. 2008. Tese (Doutorado em História) - Programa de pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KRAUSE, Katia. *O rato vai à guerra: como o Mickey Mouse se tornou uma imagem de poder dos EUA, 1928-1946*. 2011. 203f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. 2013. 239f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2013.

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. *Abertura: televisão e a luta pela democracia no Brasil (1979-1980)*. 2014. 249f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

OAKIM, Juliana. *Urbanização sim, remoção não. A atuação da federação de das associações de favelas no estado da Guanabara nas décadas de 1960 e 1970*. 2014. 211f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

OLIVEIRA, Raphael. *Otimismo em tempos de repressão: a publicidade inspirada na propaganda do Governo Médici*. 2014. 157f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

_____. *Um fusca na Transamazônica: a apropriação da propaganda política pela publicidade no governo Medici (1969-1974)*. Monografia (Graduação em História), Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

SACRAMENTO, Igor Pinto. *Depois da revolução, a televisão. Cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970*. 2008. 330f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Giordano Bruno Reis dos. *Vianninha e a Grande Família: Intelectuais de esquerda no Brasil dos anos 1970*. 2011, 141f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

SILVA, Silvana Louzada. *Fotojornalismo em revista: o fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete durante os governos Juscelino Kubitschek e João Goulart*. 2004. 200f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2004.

SOUZA, César Augusto Martins. *A estrada invisível. Memórias da Transamazônica*. Tese de doutorado em História Social. 2012. 264 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

VERSIANI, Maria Helena. *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*. 2007. 211f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

II-3 Livros

AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

_____; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

_____; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*. Rio de Janeiro: Faperj e Editora Sete Letras, 2004.

ABREU, João Batista. *As manobras da informação - Análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965 – 1979)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. *Ecológicas manhãs de sábado, o espetáculo da natureza na televisão brasileira*. São Paulo: Annablume Editora, 2003.

ASSIS, Denise. *Propaganda e cinema: a serviço do golpe, 1962-1964*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001.

AUGUSTO, Sergio; JAGUAR. (Orgs.). *O Pasquim*. Antologia. Volume 1, 1969-1971. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o UDENISMO*. Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BERQUÓ, Alberto. *O sequestro dia a dia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BORELLI, Silvia Helena Simões; PRIOLLI, Gabriel (Orgs.). *A deusa ferida*. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis*. Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CLARK, Walter; PRIOLLI, Gabriel. *O campeão de audiência*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.

CORDEIRO, Janaina Martins. *Direitas em movimento-A Campanha da Mulher pela democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

D'AGUIAR, Hernani. *A revolução por dentro*. Rio de Janeiro: Editora Artenova S. A., 1976.

D'ALMEIDA, Fabrice. *La Manipulation*. Coleção Que sais-je? Paris: PUF, 2003

_____. *Images et Propagande*. XXe Siècle Casterman Giunti, 1995.

DA RIN, Silvio. *Espelho Partido*. Tradição e Transformação do Documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

DINES, Alberto; FERNANDES JR, Florestan; SALOMÃO, Nelma. (Orgs.). *Histórias de Poder*. 100 anos de política no Brasil. Vol. 1: Militares, Igreja e Sociedade Civil. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. (Orgs.). *Histórias de Poder*. 100 anos de política no Brasil. Vol. 2: Ecos do Parlamento. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. /s.l./ 1950. Versão para eBook: eBooksBrasil.com; Disponível em fonte digital: www.jahr.org

FERREIRA, Jorge. *João Goulart. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Paulo Cesar. *Pilares via satélite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Tradução brasileira de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

FICO, Carlos. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Coleção FGV de bolso, Série História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

_____. *Como eles agiam- Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

_____. *Reinventando o Otimismo*. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Editora CODECRI, 1979.

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014.

GOMES, Ângela Maria Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1994.

GUIA ILUSTRADO TV GLOBO, novelas e minisséries / Projeto Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

GRINBERG, Lucia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

HAGEMAYER, Rafael Rosa. *História & Audiovisual*. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1987.

HIPOLITO, Lucia. *De Raposas e Reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, Televisão e História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. *K*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

LABORIE, Pierre. *Historiens sous haute surveillance*. Esprit, n.198, jan 1994.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante. *Diretas Já, 15 meses que abalaram a ditadura*. São Paulo: Record, 2004.

LIMA E SILVA, Luís Sérgio. *TV Tupi do Rio de Janeiro. Uma viagem afetiva*. Coleção Aplauso. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

LORÊDO, João. *Era uma vez... a televisão*. São Paulo: Alegro, 2000.

MAIA, Tatyana de Amaral. *Os Cardeais da Cultura Nacional, o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil-militar (1967-1975)*. Rio de Janeiro: Rumos, 2012. [tese de doutorado em História, UERJ, 2010]

MARCOT, François. *Dictionnaire Historique de la Résistance*. Paris: Robert Laffont, 2006.

MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAIS, Fernando. *Chatô. Rei do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

_____. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. *1964. História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

_____. *Coração civil: arte, resistência e lutas culturais durante o regime militar brasileiro (1964-1980)*. Tese de livre docência, Universidade de São Paulo, USP, 2011.

NOVAES, Adauto (Org.). *Anos 70. Ainda sob a tempestade*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora & SENAC-Rio, 2005.

NYE, Jr., Joseph. S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. 2004.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. *O livro do Boni*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

_____. (Superv.). *50 anos de TV no Brasil*. São Paulo: Editora Globo, 2000.

QUINTANA, M. Intrusão. In: *Caderno H*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

REICHEL, Peter. *Der schöne Schein des dritten Reiches*. /s.l./: Ellert&Richter Zeitgeschichte. /s.d./.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. SACRAMENTO, Igor. ROXO, Marcos. (Orgs.) *História da Televisão no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2010.

RIXA. *Almanaque da TV*. 50 anos de memória e informação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000

ROLLEMBERG, Denise.; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, V. 1, V. 2. 2010.

SARAMAGO, José. *Caim*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Hélio. *1964: Golpe ou contragolpe?* Porto Alegre: L&PM, 2004.

SILVA JÚNIOR, Gonçalo. *País da TV*. São Paulo: Conrad Livros, 2001.

SILVA, Luís Sérgio Lima e. *Tupi no Rio de Janeiro: uma viagem afetiva*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

SOUTO MAIOR, Marcel. *Almanaque da TV Globo*. São Paulo: Globo, 2006.

WALLACH, Joe. *Meu capítulo na TV Globo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2011.

XAVIER, Ismail. *O olhar e a cena*. Cosac&Naify. São Paulo, 2003.